

TEATRO

!

# O CASAMENTO DA CONDESSA DE AMIEIRA

(Comédia original em dois actos)

Escrita por Júlio Dinis aos 17 anos (1856)

## PERSONAGENS

Júlio da Costa	
António da Costa	<i>Pai de Júlio da Costa</i>
Emília de Castro	<i>Actriz</i>
André	<i>Estalajadeiro</i>
Paulo	<i>Actores</i>
João Pinto	

*A cena passa-se numa hospedaria do Porto — Época, a actual*

## ACTO 1.<sup>o</sup>

*O teatro representa uma sala comum numa hospedaria. Portas ao fundo. Portas e janelas laterais. Cadeiras e mesas com periódicos, de ambos os lados da sala.*

CENA 1.

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*entrando do fundo*)

ANDRÉ — Pode estar V. S.\* descansado. Tem aqui tudo quanto necessita. Há no segundo andar dois quartos que lhe servem perfeitamente. Óptima vista, boa mobília e em quanto ao preço...

ANTÓNIO DA COSTA — Essa verba depois a discutiremos. Mas apesar de todas as comodidades de que me fala, careço ainda de obter certas informações para ver se sim ou não me resolverei a ficar aqui.

ANDRÉ — Quais são elas, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Quero, antes de mais nada, saber que espécie de hóspedes tem cá em casa.

ANDRÉ — Ora! Há-os de diversas qualidades. V. S.\* bem há-de saber que, nesta ocasião, concorre de todas as partes muita gente aqui ao Porto; e esta hospedaria é das mais frequentadas...

ANTÓNIO DA COSTA — Pois sim, mas diga-me; entre toda essa gente há raparigas bonitas?

ANDRÉ (*sorrindo*) — Ah! V. S.» é amante do belo sexo?! Mais uma razão para preferir esta a todas as outras estalagens. Temos cá presentemente com que regalar a vista.

ANTÓNIO DA COSTA — Mau é isso, meu amigo. Nada, nada, já me não serve, nada.

ANDRÉ — Como?!

ANTÓNIO DA COSTA — Sim, já me não convém esta casa de modo nenhum.

ANDRÉ — Mas porquê, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Por conter exactamente aquilo que eu mais procuro evitar.

ANDRÉ — O quê? As mulheres bonitas? (*Mudando de tom*): Pois V. S. dessa idade ainda tem medo delas?

ANTÓNIO DA COSTA (*formalizado*) — Não é por mim. Você é tolo, homem.

ANDRÉ — Então por quem, senhor?

ANTÓNIO DA COSTA — Ora! Por quem há-de ser? É por meu filho que comigo trago.

ANDRÉ — Ah! Mas lá isso que tem? Deixe divertir o rapaz. É a idade própria. (*Piscando o olho*): Nós também por lá passámos, e sabe Deus, hem?

ANTÓNIO DA COSTA — Tenha juizo, tenha juizo, não me faz conta, está dito. *Não sabe o que diz*. Se por acaso meu filho se namora por aí de alguma rapariga, destrói todos os projectos que sobre ele tenho formado.

ANDRÉ — Isso é o que lhe parece, mas...

ANTÓNIO DA COSTA — Qual mas, nem meio mas. Eu que o digo é porque sei.

ANDRÉ — Talvez ele até desta maneira alcançasse maior fortuna do que... sim, às vezes... o Diabo arma-as.

ANTÓNIO DA COSTA — Há-de alcançar boas coisas! É o que me lembra. Você cuida que quarenta contos se encontram a cada canto.

ANDRÉ — Quarenta contos! Cáspite! Então o senhor seu filho?...

ANTÓNIO DA COSTA — O senhor meu filho está em vésperas de adquirir uma belíssima fortuna por um casamento, se com a sua cabeça estouvada não desarranjar o negócio.

ANDRÉ — Ora! Eu estou certo que ele não há-de fazer tal. É um rapaz de juízo.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois você conhece-o?!

ANDRÉ — Eu, não senhor, mas a avaliá-lo por o pai...

ANTÓNIO DA COSTA — Ah! sim, sim. Obrigado pelo cumprimento.

ANDRÉ — Então pelos modos esse casamento não é do agrado dele.

ANTÓNIO DA COSTA — Por ora não o posso dizer, porque ainda lhe não falei a tal respeito.

ANDRÉ — Pois nisso há-de-me perdoar, mas parece-me que não andou muito bem, porque se o senhor seu filho já o soubesse...

ANTÓNIO DA COSTA — Tive as minhas razões para assim proceder. Primeiro que tudo o rapaz não gosta muito do estado de casado, mas isso era o menos, essas repugnâncias são, em geral, fáceis de vencer; o pior é que a noiva de que se trata é já viúva e eu, que o tenho sondado, sei a antipatia que tem o rapaz aos casamentos deste género.

ANDRÉ — Ora, o dinheiro, senhor, o dinheiro hoje em dia faz tudo; havendo dinheiro fecha-se os olhos.

ANTÓNIO DA COSTA — Pessoas de juízo pensariam desse modo, mas um rapaz como ele, de uma imaginação esquentada, sem experiência alguma do mundo, não faz senão asneiras. Deixam ir muitas vezes a fortuna por a água abaixo quando lhes bastaria a mão para a agarrar.

ANDRÉ — Mas o senhor seu filho afinal de contas há-de mais tarde ou mais cedo vir a saber tudo e, por isso, melhor seria talvez haver-lho já dito.

ANTÓNIO DA COSTA — Foi essa a minha primeira tenção, mas tendo comunicado os meus receios ao irmão da noiva, ele me aconselhou que em nada falasse a meu filho antes de chegarmos a Lisboa, onde seríamos apresentados à rapariga. Assegurou-me que confiava muito no espírito e beleza de sua irmã para recear resistência prolongada da parte do meu rapaz. Sendo assim bem estamos, porque uma vez que ele a ame deveras, pouco se lhe dá que ela seja viúva ou solteira, e o casamento efectua-se. Porém, já vê que, para todo este plano vingar, é necessário que o rapaz daqui até la se conserve livre.

ANDRÉ — Ah! Compreendo agora todos os seus receios e cautelas. Mas não é isso razão para abandonar a minha casa. Verdade é que há cá presentemente algumas mulheres, mas não é coisa que meta medo a ninguém. (*Aparte*): Lá medo não metem elas. (*Alto*): Demais, nas outras estalagens encontrará o senhor os mesmos inconvenientes que nesta, se é que isto são inconvenientes.

ANTÓNIO DA COSTA — Isso, ou encontrarei ou não.

ANDRÉ — Agora não. Olhe que encontra. Temos aí à porta a Semana Santa, atulha-se, como V. Ex.» sabe, o Porto de gente; o não achar mulheres novas e bonitas nas estalagens seria tão raro como... como... eu sei... como não encontrar peixes no mar. Além disso V. Ex.» decerto não faz tenção de ter seu filho encerrado em casa, como uma freira. Ora então já vê que nada evita com tantas cautelas, pois que muitas ocasiões terá ele de as ver na rua, nas janelas, no teatro, nas lojas, etc., etc., e as mulheres tanto são para temer dentro de casa como fora dela. Ou V. Ex.» só as acha perigosas de portas para dentro?

ANTÓNIO DA COSTA (*meio convencido*) — Sempre são mais para recear...

ANDRÉ — Há-de-me perdoar, mas nisso é que eu não concordo. Seu filho, a ter de se apaixonar, o que eu não creio, apaixona-se tão depressa na rua como em casa. Até talvez ainda mais na rua, porque ao ar livre... sim... ao ar livre...

ANTÓNIO DA COSTA — É lá uma coisa que você sabe.

ANDRÉ — Olhe que é como digo. V. Ex.» não tem razão nenhuma para hospedar-se noutra parte. Isso é fazer pouco de minha casa e de seu filho. Eu respondo por ambos.

ANTÓNIO DA COSTA (*ainda resistindo, mas fracamente*) — Importa-me bem que você responda. Não me responde pelo dinheiro que nos pode fazer perder, não?

ANDRÉ (*seguro da vitória*) — Qual perder nem meio perder. Ora o senhor sempre tem coisas!

ANTÓNIO DA COSTA — Nada. É uma graça!

ANDRÉ — Sabe que mais? Esses receios até lhe ficam mal. Eu vou mandar preparar os quartos. Acredite que não é por interesse que mostro tanta vontade em que o senhor se aloje aqui. É porque simpatizo com V. S» e sei que em parte alguma será tão bem servido.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois sim, sim. Estou por isso. Adeus, adeus; não quero, não me faz conta. Adeus.

ANDRÉ — Quer, quer; porque não há-de querer? (*Indo à porta*): Pedro! Arruma os quartos 12 e 13! Ouviste?

ANTÓNIO DA COSTA — Que sarna você é! Safai

ANDRÉ — Pois isto é assim, pois não acha?

ANTÓNIO DA COSTA — Acho, acho. Seja lá o que for. (*A meia voz*). Também se meu filho fizer das suas, quem mais perde é ele.

ANDRÉ — É verdade. Tem razão; mas eu estou certo que ele não há-de...

ANTÓNIO DA COSTA — Vá! Vá! Então? Vá-me preparar esses quartos. Isto que horas são?

ANDRÉ — Hão-de ser cinco. Eu vou ver como os rapazes arrumam aquilo e mandar recolher lá as malas. Volto num minuto. (*Sai pela direita*).

C E N A      2 .

ANTÓNIO DA COSTA (*passeando de um lado para o outro*) — Afinal de contas, este homem não deixa de ter razão. Apesar de todas as minhas cautelas, não obstaria a que meu filho se namorasse por ai de alguma rapariga. Tão possível era em casa como na rua. Demais eu andarei sempre com o olho em cima dele; não o deixarei sair muito fora dos eixos. Arrependido estou já em o ter mandado só a casa do nosso correspondente. Deus queira que não aconteça alguma. (*Parando e mudando de tom*): Ai! Se este casamento se chega a efectuar, considero-me completamente feliz. Então sempre espero alcançar o lugar que tanto ambiciono, o alvo de todos os meus desejos, o sonho de toda a minha vida. Sim, é então ocasião de obter com facilidade o lugar de inspector dos teatros! Sempre tive, desde a mais tenra infância, uma vocação decidida para este emprego. Já então tinha um dedo particular para escolher, rever, notar correcções em dramas, comedias, tragédias e até para escrever. Oh! Ainda queria ver representar aquele meu drama — O Gigante Golias. — Estou certo que havia de fazer um efeitarrão! Caso venha a conseguir o que tanto ambiciono, não farei como a maior parte dos inspectores. Não hei-de deixar passar gato por lebre. Comigo estão mal, os autores de agora. Havia de pôr termo a muitos abusos que todos os dias se estão vendo no teatro. Por exemplo, não permitiria que por este tempo da Quaresma se representasse toda a casta de dramas; apenas deixaria ir

à cena algumas oratórias, tais como: Santo Hermenegildo, São Teotónio, Sant'Iago aos Mouros e outras que no meu tempo eu vi representar aqui e em Lisboa. Mas agora, não senhores; parece que é de propósito que escolhem os mais imorais para esta ocasião. É a pior pouca-vergonha que eu tenho visto. (*Pausa, durante a qual passeia e parece reflectir profundamente*). Parece-me que estou predestinado para regenerar o teatro. A imoralidade tem-se apoderado da cena. Precisa de um homem enérgico, activo, que a expulse. Não sei o que me diz que esse homem hei-de ser eu. (*Sentando-se descansadamente*). Depois tenho certa a imortalidade do meu nome.

CENA 3.<sup>a</sup>

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*entrando pela porta da direita*)

ANDRÉ — Meu patrão! Os quartos estão prontos. Logo que V. S.<sup>a</sup> queira...

ANTÓNIO DA COSTA — Lá vou já. Ora diga-me, sr.... sr.... Como é que se chama?

ANDRÉ — André, um criado de V. S.<sup>a</sup>

ANTÓNIO DA COSTA — Diga-me, Sr. André. Que tem por cá que se leia?

ANDRÉ — Tenho o «Direito», o «Porto Comercial», o «Brás Tisana»...

ANTÓNIO DA COSTA — Ai! não, não, não, por amor de Deus não me fale em jornais políticos. Basta-me a «Tesoura de Guimarães» de que sou assinante.

ANDRÉ — Então que quer V. S.<sup>a</sup>?

ANTÓNIO DA COSTA — Outra coisa. Seja o que for menos isso. Olhe, dramas, sobretudo dramas, tem?

ANDRÉ — Dramas?... dramas?... (*Pensando*): Ah! já sei o que é. São comédias? — Estas coisas que se dizem no teatro, não são?

ANTÓNIO DA COSTA — Isso mesmo. Tem por cá alguns?

ANDRÉ — Eu? Nada, não senhor, lá disso não tenho, nada, lá disso não, lá disso... Ai, mas agora me lembro! Se V. S.<sup>a</sup> quer, eu vou aqui ao quarto número 9 pedir à Sr." D. Emília que provavelmente há-de ter algum. Tem tanto livro...

ANTÓNIO DA COSTA — Quem é essa Sr." D. Emília?

ANDRÉ — A cómica de Lisboa que está cá no Porto — que tem representado ai no teatro de São João.

ANTÓNIO DA COSTA — Ah! sim, sim, recordo-me de me falarem nela. Talvez, talvez, é provável que possua bastantes dramas; como é cómica. Pois vá, vá — diga-lhe que está cá um sujeito de Guimarães que tem muito gosto pela literatura dramática e que desejava passar algum tempo agradavelmente lendo alguma coisa neste género. — Sabe dizer?

ANDRÉ — Sei, sim, senhor. Eu cá me arranjo. (*Sai por a esquerda*).  
 ANTÓNIO DA COSTA — Ora olhe lá...

## CENA 4.\*

ANTÓNIO DA COSTA — Veremos o que me manda a Sr.» D. Emília. (*Pausa*). É justamente a primeira mulher de que me devo acautelar; por isso mesmo que é cómica. Está costumada a representar diversos papéis, com facilidade se fingiria apaixonada por meu filho e mais facilmente ainda se faria amar dele. Um rapaz de vinte anos, sem experiência do mundo! Estas cómicas têm às vezes manias, mas eu não durmo, agora durmo! Não sou homem a quem se engane com essa pressa, já sinto às minhas costas 49 Janeiros e algum proveito tenho tirado disso.

## CENA 5.-

ANTÓNIO DA COSTA e ANDRÉ (*com um livro na mão*)

ANDRÉ — A Sr.» D. Emilia manda dizer a V. S.» que de todos os seus livros aquele que mais lhe deve interessar é este que lhe envia. Pelos modos é a comédia que hoje à noite se representa.

ANTÓNIO DA COSTA — Bom, é isso mesmo o que eu desejo. (*Pegando no livro*): Ora vamos a ver o título da obra. (*Lendo*): «*O Casamento da Condessa de Amieira*» — Mau! O nome já me não agrada. O casamento! Ora aqui está, é o que eu digo. Isto representa-se hoje?! — Que diabo farão os inspectores? — Se fosse eu... era coisa que não consentia. Casamento na Quaresma! (*Continua a ler*): «*Drama original em 3 actos, por D. Carolina Pinto de Figueiredo Monteiro*». E é de uma mulher! — Bem digo eu, o belo sexo ainda está pior que o feio. — A culpa temo-la nós, damos-lhe tanta importância... Ora vamos lá a ler isto. Há-de corresponder ao título. — Vamos lá. (*Para André*): Quais são os números dos nossos quartos?

ANDRÉ — Números 12 e 13, 2.º andar.

ANTÓNIO DA COSTA — Está bem. Meu filho não pode tardar por aí. Foi a casa do nosso correspondente e provavelmente pouco se demora. Logo que ele chegue mande-mo para cima. Entendeu?

ANDRÉ — Sim, senhor. Vá descansado, logo que o vir... mas ele como se chama?

ANTÓNIO DA COSTA — Júlio da Costa. (*Sai por a direita*).

ANDRÉ — Bem, bem, eu lho direi.

## CENA 6.-

ANDRÉ — Ora eu sempre sou muito tolo! — Bem se diz, bem se diz, que até à morte se aprende. Ia agora sem graça nenhuma perdendo uma boa ocasião de embolsar alguns pintos e então porquê?

Por cair na patetice de responder sem ter percebido o fim para que a pergunta foi feita. Se este Sr. Costa fosse como muitos que eu conheço, amigo de levar a sua por diante, ficariam ainda desta vez desocupados os meus números 12 e 13, que são os que mais rendem, e a culpa era toda minha. Isto foi bom para daqui por diante ter mais cautela. (*Barulho dentro*). Que barulho será este?

## CENA 7.

ANDRÉ e JÚLIO DA COSTA (*entrando pela porta do fundo*)

JÚLIO (*vendo André*) — Olé! Passou bem? Diga-me, o senhor é que é o patrão cá da casa?

ANDRÉ (*cortejando-o*) — Para o servir.

JÚLIO — Pois saiba que estou com fome e estropiado.

ANDRÉ — E por conseguinte quer descansar e comer.

JÚLIO — Exactamente. O senhor sabe tirar bem as consequências. (*Senha-se nas cadeiras do lado direito*).

• ANDRÉ — Eu julgo que tenho a honra de conhecer V. S.<sup>a</sup>.

JÚLIO — Deveras? — Pois olhe, eu não julgava que era tão conhecido. Com que então a fama encarregou-se de divulgar o meu nome na cidade invicta?

ANDRÉ — Nada, não foi a fama, foi o senhor seu pai.

JÚLIO — O pai da fama? — Quem é esse ratão? Olhe, eu lá em mitologia não sou muito forte.

ANDRÉ — Nada, nada. O pai do senhor, o pai de V. S.<sup>a</sup>.

JÚLIO — Ai, meu pai? — Hum... visto isso chegou primeiro do que eu?

ANDRÉ — Ocupa o quarto número 12. Disse-me que, logo que o senhor chegasse, o mandasse subir porque eu julgo estar falando ao Sr. Júlio da Costa.

JÚLIO — Justo. Júlio António Vieira da Costa. Então meu pai disse-lhe que me mandasse subir? Pois olhe, meu amigo, isso é que eu não estou resolvido a fazer. Farto de o aturar ando eu. Durante todo o tempo que passámos nas *diligências*, não me deixou falar um minuto. Tem uma verbosidade inaudita o tal senhor meu pai! E que assuntos tão interessantes ele escolhe para dissertar! Falou-me no seu *reumatismo*, em *colheitas*, em *acções de bancos*, em *estradas*, etc, mas sobretudo o que mais matéria lhe deu para se desenvolver foram «os deveres de um *inspector de teatros*»; é uma mania muito antiga nele, o que mais deseja nesta vida é ser *inspector*. São desejos inocentes.

ANDRÉ — Visto isso, V. S.<sup>a</sup> não sobe?

JÚLIO — Eu? — Não tenho pressa. Traga-me as folhas, gosto de saber novidades. — Psiu! Olhe cá. Que tais são as minhas vizinhas de quarto?

ANDRÉ (*aparte*) — A este posso responder sem hesitar. O sentido da pergunta não é duvidoso. (*Alto*): Sofríveis, sofríveis, tem boa companhia.

JÚLIO — Ainda bem; porque eu venho disposto a fazer por aqui algumas conquistas.

ANDRÉ (*aparte*) — Ah! que se o pai o ouvia! — (*Ouve-se tocar uma campainha*). Há-de-me dar licença de ir ver o que quer aquele hóspede. Não deseja nada?

JÚLIO — Não, uma vez que meu pai já veio, tomarei logo chá com ele.

ANDRÉ — Querendo ir para junto dele, não tem mais do que procurar no 2º andar o quarto número 12 ou 13.

JÚLIO — Bem, eu quando quiser lá vou. (*André sai por o fundo*).

CENA 8.-

JÚLIO DA COSTA — Ora eis-me no Porto. Graças a Deus que saí da antiga vila e nova cidade de Guimarães. Eu tenho-lhe alguma afeição, lá amor pátrio não me falta, mas a falar a verdade, eu não nasci para ser vimaranense. Conheço que posso aspirar a mais alguma coisa do que a um simples cidadão do berço da monarquia portuguesa. Era-me impossível satisfazer os meus desejos em tão acanhado local. Sempre as mesmas pessoas, sempre a mesma vida, que insuportável monotonia! Eu nasci para viver numa capital ou pelo menos numa cidade mais populosa, mais cheia de actividade e distrações do que a pátria do nosso primeiro rei. Ha muito que ambicionava esta viagem, mas tinha quase perdida a esperança de a realizar, pois via meu pai mais aferrado á nossa casa do Terreiro de São Francisco do que o caracol à casca; porém, há seis meses para cá, notei nele uma repentina metamorfose: começou a andar agitado, ele o homem mais pachorrento que eu conhecia; a buscar a solidão, a falar só, a ter uma activa correspondência, até que um dia acaba por me dizer: «O Júlio, estou aborrecido da vida que passo aqui, careço de distrações, medito uma viagem, queres acompanhar-me?» — «Pronto, lhe respondi eu, isso já o pai devia há mais tempo ter feito». No dia seguinte estávamos em Braga; ao princípio receei que se limitasse a esse ponto a nossa viagem e já principiava a ter saudade da minha terra natal porque a troca não era vantajosa. Passados, porém, dois dias, achávamo-nos sentados um ao lado do outro no *cupé da diligência*, e hoje vejo-me no Porto. Mas agora queria eu saber o fim de toda esta viagem. Meu pai por mais que me diga, não me mete na cabeça que foi para se distrair que ele a empreendeu. Eu conheço-lhe o génio. Sempre que precisava de distrações ia até casa dos vizinhos, agarraava-se ao gamão ou ao dominó e passava tardes inteiras a jogar, já se sabe, a feijões; nunca foi muito amigo de gastar dinheiro em divertimentos. E agora cuida



ele que o acredito, quando me diz que esta vinda ao Porto é uma simples viagem de recreio; nada, aqui anda coisa. Já me lembra se seria alguma paixão solapada, sim, que dúvida? O amor não respeita os velhos e quando os fere, fere-os de rijo. Mas assim mesmo suponho meu pai de uma témpera muito dura para que as setas de Cupido o possam traspassar. Talvez fossem as suas ambições que o determinassem a dar este passo. A inspecção dos teatros é para ele ura lugar tão sedutor! Mas abandonar o negócio só por um emprego que não rende? Chegaria a tal ponto o seu entusiasmo? Duvido; o dinheiro pode muito sobre ele. Mas seja qual for a causa, o que eu sei é que lucrei com a história, posso enfim pôr em prática todos os meus planos amorosos; palpita-me que hei-de ser bem sucedido na nova vida que medito. (Pausa). Deixa-me ver o que dizem os jornais. (Senta-se à mesa da esquerda). (Lendo): «O ministério actual não se pode sustentar por muito tempo; o povo murmura, o número dos descontentes aumenta cada dia»..., etc, etc. Vamos à conclusão de tudo isto. (Percorre com a vista o artigo). Tal, tal, tal, hum, hum, hum, sim senhores. (Lê): «Seria, pois, bom que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara tivesse sempre a maior vigilância para que no mercado se não vendesse fruta podre». — Sim senhor, tem bastante analogia o fim com o princípio. (Ouve-se tocar uma campainha à esquerda). (Continua a ler): «Tempo — corre muito chuvoso e muito frio». — Boa novidade! (Segundo toque de campainha). (Lê): «Chegada — Chegaram a esta cidade, vindos de Guimarães, os senhores António José Vieira da Costa e seu filho o Sr. Júlio António Vieira da Costa». Olá! Também se ocupam conosco! Bravo! Como diabo souberam isto tão depressa?! (Terceiro toque de campainha). (Lê): «Foram esperados por os numerosos amigos que ambos têm nesta cidade; tencionam demorar-se pouco no Porto, contando partir em breve para Lisboa». (Quarto toque de campainha). Ora aqui está este senhor que sabe mais a meu respeito do que eu próprio. Principia por dizer que fomos esperados por os nossos numerosos amigos. Seríamos. Provavelmente refere-se aos garotos que nos rodeavam ao sair da *diligência*, para nos levarem as malas. Eu não vi outros. Depois diz mais, que tencionamos partir brevemente para Lisboa! Outra novidade. Só se fossem coisas de meu pai. Se é verdade, estimo-o bem. Isto de jornalistas... (Quinto toque de campainha mais forte e prolongado que os outros). Este vizinho da esquerda está esquentado. Também não sei aonde se meteu a gente desta casa. É a quarta ou quinta vez que toca.

CENA 9. &gt;

JÚLIO e EMÍLIA (*abrindo a porta da esquerda*)

EMÍLIA — Ó Sr. André, Sr. André! — (*entrando e dirigindo-se para o fundo*). Pedro! João! Estes criados estarão todos moucos?

JÚLIO (*vendo-a*) — (*Aparte*): Olé! Exercitemo-nos. — (*Alto*): É um defeito que quase todos eles têm, minha senhora.

EMÍLIA (*vendo-o e voltando-se*) — Ah! (*Saúda-o*). O senhor não me saberá dizer aonde se meteria essa gente?

JÚLIO — Há bem pouco tempo saiu daqui o estalajadeiro. Não sei onde agora parará, mas eu vou chamá-lo.

EMÍLIA — Ai! por quem é não tenha esse incômodo. O negócio não é de muita urgência.

JÚLIO — Os mínimos desejos de uma pessoa tal como V. Ex.» devem ser tão depressa atendidos como as mais urgentes necessidades das outras.

EMÍLIA — Não o supunha tão lisonjeiro. Já vejo que é necessário preparar-me para o não acreditar.

JÚLIO — Lisonjeiro? Não, minha senhora, não sou lisonjeiro. Com V. Ex.» é impossível sé-lo; tudo quanto se disser, são verdades, verdades puras.

EMÍLIA — Para poder avaliar as minhas qualidades era necessário que me conhecesse há muito.

JÚLIO — Parece-me que não é preciso conhecer há muito a V. Ex.» para se poder julgar do seu excelente carácter. As perfeições de sua alma, minha senhora, estão decerto em harmonia com as perfeições sem-número que, logo ao vê-la, lhe notei. Lê-se-lhe no coração através do semblante.

EMÍLIA (*sorrindo*) — Parece-me que se tem por um hábil fisionomista.

JÚLIO — Infelizmente o não sou, minha senhora. Quisera-o ser para lhe adivinhar e prevenir os seus desejos, suspeitar e satisfazer todos os; seus caprichos.

EMÍLIA (*sorrindo*) — Agradeço-lhe a boa vontade.

JÚLIO — Não tem que agradecer. Forçosamente deve pensar o mesmo que eu todo o homem que vir uma vez só que seja V. Ex.».

EMÍLIA (*o mesmo*) — Nisso parece-me que se engana. Eu conheço muitos que me vêem todos os dias e que felizmente nem por um momento sequer tiveram o mesmo pensamento.

JÚLIO — Se tal é, minha senhora, então esses homens não têm coração, ou se o têm deve ser mais duro que uma rocha; nada os pode comover; pois são insensíveis aos encantos da beleza. Tais homens, se existem, são como inanimados.

EMÍLIA — Não o creio. Julgo-os até muito animados. É que talvez predomine muito no senhor o sistema nervoso. Mas deixando agora este tiroteio de banalidades, que podem ser consideradas como finezas ou como epigramas, tomo a liberdade,/ uma vez que tive o gosto de o encontrar, de lhe pedir para que me faça companhia, aceitando uma chávena de chá.

JÚLIO — Se o vê-la foi já para mim uma felicidade, que chamarei pois agora ao que sinto, em lhe ser devedor de um obséquio que me

proporciona a dita de passar mais alguns momentos consigo, minha senhora?

EMÍLIA — Chame-lhe o que quiser. Agora o que lhe peço é que tenha a bondade de tocar essa campainha. Talvez os criados estejam já melhores da surdez que há pouco os atacou.

JÚLIO (*tocando a campainha*) — E por a qual lhes não posso querer mal, pois me facilitou o prazer de poder apreciar os encantos de V. Ex.».

EMÍLIA — Então, continua?

JÚLIO — Proibir-me que admire os seus atractivos, minha senhora, é obrigar-me a estar calado.

## CENA 10.º

JÚLIO, EMÍLIA e ANDRÉ (*saindo da direita*)

ANDRÉ — Foi aqui que se tocou a campainha?

EMÍLIA — Foi sim, e não uma vez só. Com efeito muito ocupados andam todos aqui nesta casa! Cinco vezes toquei e só agora vem saber o que eu quero!

ANDRÉ — O minha senhora, queira V. Ex.» perdoar, a culpa não foi minha.

EMÍLIA — Pois sim, sim, e para outra vez vejam se têm mais cautela. Sirva-nos o chá.

ANDRÉ — Pronto. (*Aparte*): Sirva-nos! Ai como o negócio está adiantado! Bravo. Olhem se o pai o desconfia. Vou tratar de o demorar lá por cima, de outro modo estou mal. (*Sai por onde entrou*).

## CENA 11.º

JÚLIO e EMÍLIA

EMÍLIA — Agora poderei saber o nome da pessoa com quem tenho a honra de falar?

JÚLIO — O nome? Sim, minha senhora, mas depois de mo ouvir não me ficará V. Ex.» conhecendo melhor. É decerto a primeira vez que tal nome lhe soa aos ouvidos. Sou um homem muito obscuro.

EMÍLIA — Que importa? Embora o seu nome fosse até agora para mim desconhecido, não o deve ser de hoje em diante para que o nosso conhecimento se complete.

JÚLIO — O homem que teve a felicidade de atrair por um momento a atenção de V. Ex.» chama-se Júlio da Costa.

EMÍLIA — É do Porto?

JÚLIO — Não, minha senhora, sou de Guimarães.

EMÍLIA — Há muito que está nesta cidade?

JÚLIO — Entrei nela hoje pela primeira vez.

EMÍLIA — Faz tenção de se demorar muito aqui?

JÚLIO — Com certeza não o sei, mas suspeito que em breve partirei para Lisboa.

EMÍLIA — Para Lisboa?! Oh! então terei ainda o gosto de o encontrar muitas mais vezes.

JÚLIO — Pois V. Ex.» também parte para lá?

EMÍLIA — Para a semana.

JÚLIO — Oh! se assim é considero-me um homem completamente feliz. V. Ex.» é de Lisboa?

EMÍLIA — Nasci lá e lá tenho passado a maior parte da minha vida. *(Entra um criado com o chá. Sentam-se à mesa. Emilia serve Júlio, o criado retira-se.)*

JÚLIO — Não poderei também eu saber o nome de V. Ex.?

EMÍLIA — Pois ainda me não conhece?!

JÚLIO —! De V. Ex.» apenas sei que é a mais perfeita das criaturas.

EMÍLIA — Pois se ainda lhe não disse o meu nome foi por julgar que o não ignorava. *(Sorrindo-se)*: Há-de já ter ouvido falar por ai na Condessa de Amieira?

JÚLIO — Quê! Pois é V. Ex.»?! Oh! eu bem me parecia. As suas maneiras, o seu espírito, tudo revelam uma pessoa de alta categoria.

EMÍLIA (aparte,) — Ai! pois ele acreditou que eu era efectivamente uma condessa?! Que agradável quiproquô. Antes condessa que actriz. Já agora continuemos, veremos no que isto dá. *(Alto)*: Pois sou eu a Condessa de Amieira.

JÚLIO — Ao prazer que sentia em falar com uma pessoa tão encantadora como V. Ex.» acresce o de ser ela de mais a mais de uma tão elevada jerarquia. É a maior honra de todas quantas eu pudera imaginar.

EMÍLIA — Fraco é o merecimento que se baseia nos títulos. *(Aparte)*: Ora isto!

JÚLIO — Se os brasões por si sós não dão merecimento, quando acompanhados de mil qualidades apreciáveis servem para as fazer realçar muito mais e aumentar os encantos de quem os possui. É então a fidalguia um fundo de quadro excelente para fazer sobressair os dotes de espírito e de corpo dessa pessoa.

EMÍLIA — E aí está o Sr. Júlio outra vez lisonjeiro. Ora vamos, peço-lhe que acabe com esses galanteios; de outro modo não podermos conversar à vontade, estaremos sempre constrangidos.

JÚLIO — Ó minha senhora, como quer V. Ex.» que eu lhe fale? Na presença dos anjos que podem os homens fazer senão adorá-los?

EMÍLIA — É um caso muito diferente esse que diz. Devo adverti-lo que não sou nem fui nunca anjo, a não ser em sonhos.

JÚLIO — Se V. Ex.» se tem imaginado anjo em sonhos, não estranhe que o pareça àqueles que, vendo-a, se julgam sonhando.

EMÍLIA — Então peço-lhe que faça favor de acordar, pois embora a natureza angélica seja bem superior à humana, eu prefiro parecer aquilo que na realidade sou. Falemos naturalmente. Gostou do Porto?

JÚLIO — Por quem é, minha senhora, não me obrigue a sair deste mundo ideal em que a vista de V. Ex." me há lançado, não feche para mim as portas do Éden delicioso que tão viçoso de verdura, tão recamado de flores, eu havia entrevisto, não apague com a sua indiferença a luz mágica que no horizonte do futuro eu principiava a divisar iluminando as trevas da minha vida. Quem há aí que vendo-a se não julgue transportado a um país de fadas? Que homem há tão insensível que ao ouvir o melodioso som da sua voz, que sob a influência do magnético olhar de V. Ex." se não considere sonhando? Eu julgo estar na presença de uma divindade a quem se deve adorar, a quem se não fala senão de joelhos. (Ajoelha).

EMÍLIA (aparte) — Isto é tão velho. (Alto): Senhor! senhor! que faz?!... nessa posição... Não posso consentir...

JÚLIO (o mesmo) — O que lhe tenho a dizer, minha senhora, só de joelhos pode ser dito.

EMÍLIA (aparte) — Há-de ser alguma novidade interessante. (Alto): Senhor, senhor, por quem é...

JÚLIO (o mesmo) — Oh! não, não, senhora, deixe-me estar a seus pés. (Declamando dramaticamente): Vedes em mim um temerário que, olvidando a distância que entre nós existia, ousou amar-vos. Sim, senhora! confesso o meu crime! ao ver-vos enlouqueci de amores, desvairou-se-me a razão, de tudo me esqueci para só me lembrar de vossos encantos e do meu amor. — Sei que sois a Condessa de Amieira.

EMÍLIA (aparte) — Ora isto! Se ele soubesse que... Oiçamos.

JÚLIO (de joelhos) — Sei que tendes pergaminhos, brasões, que o vosso nome *está escrito no livro de ouro de Portugal*.

EMÍLIA (aparte) — Aonde foi que eu vi aquilo?

JÚLIO (de joelhos) — Sois talvez requestada pelos maiores fidalgos portugueses.

EMÍLIA (aparte) — Custa-me a suster o riso.

JÚLIO (de joelhos) — Eu sei que sou pobre, plebeu; a minha nobreza é a do coração, a minha única riqueza é o meu berço. (Aparte): A exageração não prejudica, produz maior efeito ainda. (Alto): Sei tudo isto, senhora.

EMÍLIA (aparte) — E já não sabe pouco.

JÚLIO (de joelhos) — E ainda assim, perdoe-me o arrojo, nobre senhora, ouso cair a vossos pés exclamando: *amo-vos, senhora, amo-vos não basta*.

EMÍLIA (aparte) — Adoro-vos.

JÚLIO (de joelhos) — Adoro-vos.

EMÍLIA (aparte) — Há um Deus no Céu.

JÚLIO (o mesmo) — Há um Deus no Céu.

EMÍLIA (*aparte*) — E vós sois o meu Deus na Terra.

JÚLIO — E vós sois o meu Deus na Terra.

EMÍLIA (*aparte*) — Ó autor do «Pajem de Aljubarrota» ! Ó Mendes Leal, que serviste agora de muito. (*Alto*): Senhor, estou de tal modo confundida que não posso... Levante-se, por favor.

JÚLIO (*de joelhos*) — Não me levantarei, senhora, sem saber qual a sorte que me aguarda. Não me erguerei daqui sem que da vossa boca saiam as palavras que ou me darão uma imensa felicidade ou me hão-de votar a uma desgraça eterna.

EMÍLIA (*aparte*) — Isto agora foi trágico. Enfim continuemos. (*Alto*). Senhor, coloca-me numa terrível situação... Diz-me que a sua felicidade depende de mim... Que lhe responda... Mas como? Que quer que lhe diga que não deva ter já adivinhado? Ao vê-lo a meus pés, ao ouvir-lhe as eloquentes falas que me há dirigido, esqueço todas as etiquetas da sociedade em que vivemos. Perdoe, não me queira mal se por acaso sou niniamente incrédula; mas, pelo som da sua voz, pela expressão do seu rosto, pareceu-me reconhecer que havia sinceridade nas suas palavras, que elas eram fiéis intérpretes dos sentimentos que lhe agitam o coração. Creio no seu amor; creio com todas as veras de alma; e, crendo nele, poderei deixar de lhe corresponder com igual afecto? Oh, não! É impossível! Não posso por mais tempo calar o que no peito sinto. Sim, sim! Também vos amo! (*Aparte*): Parece-me que não andei mal.

JÚLIO (*que se levantou a pouco e pouco, limpando os olhos*) — (*Aparte*): Conquistei uma condessa! (*Alto*): Oh! Agora sim! Agora sim! Nada temo. Disputar-vos-ia a todo aquele que pretendesse arrebatar-vos dos meus braços até à última gota de sangue. Sr.<sup>a</sup> Condessa de Amieira! Embora venham os maiores potentados da Terra para possuir a vossa mão, nada conseguirão. Seus intentos serão malogrados, pois encontrarão no caminho o plebeu, mas o plebeu que se julga mais forte e mais nobre que todos eles, porque possui o vosso amor.

EMÍLIA (*aparte*) — Esta cena não me foi de todo inútil. Serviu-me de ensaio a uma semelhante que tenho no 2.<sup>o</sup> acto do «Casamento da Condessa de Amieira».

JÚLIO — Que futuro de felicidade me fizestes entrever! Um sorriso vosso me faz gozar a maior ventura que na Terra caber pode. As vossas palavras de há pouco causaram-me um prazer tão vivo que não há neste mundo nada a que o comparar. Só no Céu podem haver gozos assim.

EMÍLIA (*aparte*) — Força de expressão. (*Alto*): Senhor, apesar de ser na vossa presença que mais ditosa me considero, pois que em vós reconheço a realização dos meus doirados sonhos, sou obrigada a retirar-me para cumprir deveres que a sociedade me impõe, deveres para mim mais custosos de cumprir, porque, longe dessa sociedade, dessa turba importuna de galanteadores banais, é que reside a minha felicidade. (*Olhando-o, ternamente*).

JÚLIO — Ó minha senhora! Não vos constranjas por minha causa. Levo comigo a ventura de saber que o meu amor foi compreendido e correspondido e as saudades que longe de vós sentirei sempre. (Aproximando-se de Emília): Mais um pedido vos faço. Concede-me, senhora, que em despedida toque com meus lábios esta encantadora mão. (Beija-lhe a mão). Adeus, minha senhora!

EMÍLIA — Adeus. Constância e fé.

JÚLIO (aparte) — Agora meu pai que espere por mim, se quiser. Não estou com cabeça para o suportar. (Sobe pelo fundo, fazendo da porta um último aceno a Emília).

C E N A 12.'

EMÍLIA — (Rindo-se): Ah! ah! ah! Quando pensei eu hoje que me havia de rir com tanta vontade. Ah! ah! ah! Pobre rapaz! Está intimamente persuadido que conquistou a Condessa de Amieira. É o quiproquó mais interessante possível. Quando ele vier a saber tudo, como não há-de ficar? Deve-me jurar um ódio de morte, mas eu não tive a culpa. Perguntou-me quem eu era. Em vez de lhe dizer directamente o meu nome, busquei um rodeio, e, julgando que ele estaria ao facto do drama que hoje representamos no teatro de São João, disse-lhe que era a Condessa de Amieira. Nada mais natural. Quando vi o pobre rapaz tomar a resposta ao pé da letra, estive para o desenganar; mas tantas finezas me rendeu relativamente ao meu alto nascimento, aos meus títulos e pergaminhos, que não tive ânimo para lhe desvanecer aquelas santas ilusões. Era colocá-lo numa posição falsa e a mim também. E, quem sabe? se lhe tivesse dito quem era, talvez ele me não fizesse aquela declaração. O amor de uma condessa satisfaz mais que o de uma actriz. E o modo por que ele falava! E como sabe tirar partido dos dramas e dos romances que lê! Ah! ah! ah! Tem um jeito especial para fazer declarações amorosas. Mas como mais tarde ou mais cedo ele deve vir a saber quem eu sou, quero eu mesma desenganá-lo, para que não suponha que eu tinha grandes desejos de passar por fidalga. Porém de que modo há-de ser? De viva voz? Não tenho ânimo. (Pausa). Ah! Já sei! Ah! ah! ah! É um belo final para a comédia que ambos representamos. Ah! ah! ah!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO 2º

*A mesma cena do primeiro. Luzes sobre as mesas. Ao levantar o pano Emília está sentada à direita, lendo. Pouco depois aparecem ao fundo Paulo e João Pinto.*

CENA 1.º

EMÍLIA, PAULO e JOÃO PINTO

PAULO *fá porta*) — Humildes criados da Sr." D. Emília.

EMÍLIA (*voltando-se*) — Ah! É o Sr. Paulo? Faça o obséquio de entrar.

JOÃO PINTO (*aproximando-se*) — Minha senhora! (*Corteja-a*).

EMÍLIA — Como vai, Sr. João Pinto?

JOÃO PINTO — Bem, como sempre, minha senhora.

EMÍLIA — E sua filha?

JOÃO PINTO — A Maricas? Vai optimamente.

EMÍLIA — Muito estimo. E a respeito de teatro? Estão preparados para a *brilhatura* desta noite?

PAULO — Ai, Sr." D. Emilia, Sr." D. Emilia! Não sei o que tenho hoje, desconheço-me. Estou como quando pela primeira vez entrei em cena. Tremo que nem varas verdes! Um drama com tão poucos ensaios!

EMÍLIA — Ora! A coisa não está tão feia como o senhor a pinta.

PAULO — Não, minha senhora. Se escapo hoje sem *trovoada*, posso navegar daqui por diante afoito, sem receio de temporal.

EMÍLIA (*sorrindo*) — Al entra também muita modéstia, Sr. Paulo.

PAULO — Deus o permitisse!

EMÍLIA (*a João Pinto*) — E o Sr. João Pinto, que diz a isto?

JOÃO PINTO — Eu que hei-de dizer, minha senhora? É uma calamidade. Nem sequer sei bem o *papel*.

EMÍLIA — Não sabe?

JOÃO PINTO — Há falas inteiras de que não digo uma palavra. Não tenho remédio senão aproveitar o tempo que me resta; de outro

modo, como ainda esta manhã disse à Maricas, mal me tenho de haver com os tacões do respeitável público.

EMÍLIA — Isso é muito exagerar.

JOÃO PINTO — Infelizmente é a verdade nua e crua.

EMÍLIA — Pois, meus senhores, devem empregar o pouco tempo que temos até às oito horas e meia para reverem os seus *papéis*. Não deixemos ficar mal a autora do drama. Bem sabem que é o primeiro que escreve, e se lho *assassinarmos*, *assassinamos-lhe* também as suas esperanças no futuro.

PAULO — Por minha vontade não é que me hei-de *estender*. Lá as diligências hão-de-se empregar.

EMÍLIA — Qual é a cena em que se acha menos forte?

PAULO — A cena em que me acho mais fraco é aquela do nosso diálogo do 2.º acto. Por a julgar a mais simples, desprezei-a e agora luto com dificuldades para tirar dela partido. Ocupei-me toda a tarde estudando-a. Se lhe não custasse muito podíamos repeti-la aqui mesmo e dizer-me francamente o que pensa; fazer-me as suas observações.

EMÍLIA — Se assim o quer... Eu estou pronta da melhor vontade. E o Sr. João Pinto de que cena tem mais receio?

JOÃO PINTO — Eu, de todas, mas sobretudo daquela mesma de ontem, a 4.ª cena do 2.º acto e o monólogo seguinte. Ainda há pouco estive a dizer à Maricas que há-de ser esse o escolho em que hei-de naufragar.

EMÍLIA — Pois se o Sr. João Pinto acha alguma utilidade em a recordar de novo...

JOÃO PINTO — Muita, muita; mas então há-de deixar-me ir ali a casa buscar o papei.

EMÍLIA — Pois sempre será necessário?

JOÃO PINTO — Não é de todo inútil. Daqui a minha casa são dois passos, eu volto num instante. E no entretanto podem-se ir ensaiando. Até já, Sr.º D. Emília. Paulo, até logo.

PAULO — Até logo.

EMÍLIA — Olhe lá, não se demore muito, são perto de sete horas.

JOÃO PINTO — É um momento. (*Sai por o fundo*).

#### CENA 2.-

#### EMÍLIA e PAULO

EMÍLIA — Então é no nosso diálogo do 2.º acto que se quer ensaiar?

PAULO — Parte dele pelo menos, até àquele ponto em que me mostra o anel.

EMÍLIA — Vamos, pois, a isso. (*Sentando-se à direita*). Suponha que já está dita a minha fala que termina em «perdão dos meus crimes». — Ouve-se o sinal da chegada do pintor. «Oh! ei-lo», digo eu. É a sua *deixa*, pois não é?

PAULO — Exactamente. Vamos agora à cena seguida. (As falas dos dois na cena seguinte supõem-se pertencerem ao drama «O Casamento da Condessa de Amieira». Devem ser pois declamados como tais. — Paulo vai ao fundo e volta correndo para Emília). Maria!

EMÍLIA (caindo-lhe nos braços) — Luís!

CENA 3.-

PAULO e EMÍLIA (abraçados). JÚLIO (entra sem ser por eles pressentido — vendo-os pára estupefacto).

JÚLIO (aparte; — Que veio!

PAULO (declamando) — Que deliciosos são para mim os momentos que a teu lado passo, Maria! E quão triste e árida me corre a existência quando longe de ti me vejo! Tudo então é abandono, tudo é tristeza, tudo é desalento. Não penso, não sonho, que não sejas tu o objecto dos meus pensamentos.

JÚLIO — (Em toda esta cena deve dar sinais de desespero, ciúme, etc. (Aparte): Que oíço! Quem será este atrevido?

EMÍLIA (declamando) — Luís, oh! meu Luís! Até que enfim chegaste, receava tanto que não viesses! Sentia-me tão só! tão desamparada. Vês tu? Longe de ti choro sem saber porquê, aflio-me, padeço, tudo me arreceia, tudo me desassossega e lágrimas, aflições, dores, receios desvanecem-se, fogem com a tua chegada. Vês como o sorriso me assoma aos lábios? Vês como a alegria se me pinta no rosto? Pois sorrisos e alegrias não existem para mim na tua ausência.

JÚLIO (ao fundo, aparte) — Que diz ela?! Que horror! Fementida! Perjura!

PAULO (declamando) — Maria! Maria! Poderei acreditar na felicidade que estou gozando? Oh! repete-me outra vez essas palavras, uma, cem, mil vezes mais; repete-mas. Diz que me amas, que não amarás nunca a outro. Jura-mo.

EMÍLIA (o mesmo) — E precisas que te jure?

JÚLIO (aparte) — Que mulher! que mulher!

PAULO — Cada vez que me repetes essas promessas de um amor eterno, sinto o mesmo prazer, o mesmo intenso gozo que senti naquela ditosa hora em que pela primeira vez da tua boca as ouvi. em que pronunciaste uma palavra que mudou inteiramente a face da minha vida e me tornou o mais feliz dos homens.

JÚLIO (aparte) — Maldito! Fui atraído! Oh! raiva! Hei-de vingar-me.

EMÍLIA — Acredita no meu amor! acredita no meu amor, que é verdadeiro e sincero. Estava tão arreigado no coração como as mais puras e sagradas coisas que desde a infância nutri. Por ele arrosto todos os perigos, por ele resisto às ordens de um pai cruel e como poderia, dominada por este sentimento intenso, por este amor sem



Vedes em mira um temerário que, olvidando a distância que entre nós existia,  
ousou amar-vos...

limites dirigir promessas iguais a um outro que não fosses tu? Nunca dos meus lábios saiu uma confissão de amor que não fosse por ti ouvida.

JÚLIO (*aparte*) — Mentes! mentes, com quantos dentes tens na boca.

EMÍLIA — Querem-me desposar com um homem que abomino, com esse Marquês de la Rivera; é nobre, rico, grande de Espanha, diz meu pai. Mas que me importa isso tudo? se o seu coração é de gelo? se o seu olhar não tem fogo, se o seu sorriso é contrafeito, as suas palavras estudadas, se o não amo? Oh! não, nunca serei sua esposa. Amanhã querem forçar-me a assinar a escritura desse odioso casamento; recusar-me-ei a tudo. Matem-me, mas não me obriguem a desposar outro que não sejas tu, tu! meu artista, nobre, como a arte a que te dedicas, nobre, por os sentimentos que possuis. Ensoberbeço-me em ser por ti amada! Sou orgulhosa em inspirar tuas produções. Glorio-me com as tuas glórias. Verto lágrimas nas tuas penas. Vivo só por ti e para ti.

JÚLIO (*aparte*) — Que demónio de mulher! Com que desfaçatez ela mente! E eu que acreditei! Quando me lembro!

PAULO — Obrigado, obrigado, Maria. Deus te pague o bem que me fizeste com essas tuas palavras. Às vezes chego a duvidar de tanta felicidade. Perdoa-me, mas quando me vejo só, longe de ti, chego a ter suspeitas de que seja uma ilusão, minha ventura, um fingimento as tuas promessas.

JÚLIO (*aparte*) — Tens razão para as ter, meu pedaço de asno.

EMÍLIA — Suspeitas?! Oh! que dizes? duvidas de mim? duvidas do meu amor? da sinceridade das minhas palavras? Tu! Em que crês, pois? Suspeitas de mim! de mim que troquei o amor dos principais cavaleiros de Portugal por o teu amor, de mim que tenho sofrido as mais cruéis injúrias, os desprezos dos meus, a ira de meu pai, por ti, por ti só? Ingrato.

JÚLIO (*aparte*) — É preciso ter pacto com o Diabo para fazer o que ela faz.

PAULO — Perdoa, perdoa-me, meu anjo! Não repares nas palavras que há pouco pronunciei. A muita felicidade torna-nos receosos. Quando por algum tempo encaramos uma luz intensa, afastando-nos dela, tudo depois nos parece trevas. Assim, são tão ricas de encantos e venturas as horas que junto de ti passo, que ao apartar-me nuvens e sombras escurecem a minha vida e sofro tanto mais quanto mais tenho gozado. Perdoa-me estes desvarios, Maria, estes receios produzidos pelo meu muito amor. Não me perdoarás?

JÚLIO (*aparte*) — Que diabo de choramingas!

EMÍLIA — Oh! sim, sim, perdoo-te. E como poderia não te perdoar? Acaso não são esses ciúmes uma prova do muito que me amas?

JÚLIO (*aparte*) — Pobre diabo! Cais como um pato, cais como eu caí! — Oh! mas hei-de vingar-me. Desfrutado! Eu!

PAULO — Oh! Eu bem sabia que não serias inexorável.

JÚLIO (*aparte*) — Sim, sim. Fia-te nela. Que mulher! E quem a vê parece tão pura e inocente! Tão...

PAULO — Mas como poderás tu, tu pobre mulher, sem forças, resistir às ordens de teu pai, evitar esse casamento odioso, esse casamento que a ambos nos lança no desespero?

JÚLIO (*aparte*) — Como esta mulher desfruta três homens ao mesmo tempo! Porque isto é desfruto com toda a certeza.

EMÍLIA — Meu pai preza muito o seu nome e a sua linhagem e esse casamento longe de lhe dar lustre, mancharia para sempre o brasão da nossa família.

PAULO — Que dizes?

JÚLIO (*aparte*) — Que diabo está aquela mulher a atrapalhar?

PAULO — Pois esse casamento...

EMÍLIA — Não se pode efectuar sem desonra porque não posso desposar senão o pai de meu filho.

PAULO (*com alegria*) — Oh! Maria!

JÚLIO (*aparte*) — Que diz ela? Oh! isto é de mais. Ah! víbora! ah! pérfida! Não sei como tenho mão em mim e lhe não dou uma descompostura! Inferno!

PAULO — Mal podes avaliar o quanto essas palavras me tornaram feliz. Tremo até de tanta ventura.

JÚLIO (*aparte*) — E- eu! eu que acreditei nas suas palavras! Que corrupção!

EMÍLIA — Hoje mesmo em breve lançar-me-ei aos pés de meu pai, contar-lhe-ei tudo, tudo lhe revelarei. Se ele se-não compadecer das minhas lágrimas, se antepuser os brios de fidalgo ao amor de pai, se for inexorável e cruel, então hoje à meia-noite tem prontos dois cavaleiros à porta do jardim.

JÚLIO (*aparte*) — Infame!

PAULO — Mas como saberei?...

EMÍLIA — Se os meus rogos não comoverem o coração de meu pai, se for surdo à voz de sua filha, avisar-te-ei por uma carta, confia no portador que te entregar este anel. É seguro.

JÚLIO (*aparte*) — Eu desmancharei os teus planos, monstro de perfidia. Não me hás-de trair impunemente.

PAULO — Farei tudo como me dizes. Adeus, Maria, é preciso retirar-me. É forçoso arrancar-me deste lugar de delícias para a tristeza e abandono da minha solidão.

JÚLIO (*aparte*) — Ele retira-se. Para me poder vingar, não convém que me vejam. Saímos. (*Sai por o fundo*).

#### CENA 4.

PAULO e EMÍLIA (*e pouco depois* JOÃO PINTO)

EMÍLIA — Bem, o resto agora não tem nada, mas se quer continuemos.

PAULO — Para quê? Era justamente até este ponto que eu queria repetir a cena. E que lhe parece? Está ainda muito *verde*, não?

EMÍLIA — De modo algum. A mim, pelo menos, agrada-me Eu logo vi que havia exageração nos seus receios.

JOÃO PINTO (*entrando*) — Pronto. Eis-me aqui. Já acabaram de ensaiar?

PAULO — Eu já consegui o que queria. Agora vou para o teatro porque tenho lá que fazer. Até logo, Sr.<sup>a</sup> D. Emília.

EMÍLIA — Até logo, Sr. Paulo.

PAULO (*a João Pinto*) — Adeus.

JOÃO PINTO — Adeus. (*Paulo sai por o fundo*).

JOÃO PINTO — Agora nós.

EMÍLIA — Agora nós, mas será melhor virmos cá para dentro. Sinto aqui frio.

JOÃO PINTO — Pois vamos lá para dentro. (*Saem por a esquerda*).

CENA 5.-

JÚLIO (*entrando por o fundo*) — A pesar meu, outra vez para aqui sou impelido. Já se retiraram. Aquela mulher não se me pode varrer da memória! Traído! traído! — e que traição! Vilipendiado, escarnecido! eu! — Monstro! víbora! demónio! fúria! Com que risonho semblante ela dizia amar-me! Quem a visse, diria estar diante de uma virgem casta e inocente que confessava o seu primeiro amor ao homem que lhe fizera palpitar o seio, com uni sentimento desconhecido; e eu, grande pedaço de asno, assim o julguei! Com que fim me enganaria a senhora condessa de Amieira? Para que fingiria corresponder ao meu amor? Talvez para na falta do amante se divertir, distrair-se, desfrutando-me nas suas tristezas e colher matéria para depois se rirem ambos à minha custa. Mas que descaramento, que pouca-vergonha tem aquela mulher! No mesmo dia em que tencionava confessar ao pai a sua desonra, no mesmo dia em que talvez tenha de fugir do seio da sua família, e entregar-se nos braços do seu miserável sedutor, na véspera daquele marcado para se assinarem as escrituras do seu casamento com esse grande de Espanha, que mal sabe no que se vai meter, lembra-se ainda de se desenfadar à custa de um papalvo como eu, que caí na patetice de acreditar nas suas palavras! É inconcebível! (*Furioso*): Oh! hei-de vingar-me! (*Sossegando*): E vou pensar na vingança. (*Senta-se próximo à mesa da esquerda*). Matá-la?... Isso não, de modo nenhum. Não me acho com ânimo e demais podia ser descoberto e preso e... nada, nada, é mais enérgico, mas não me serve. (*Pausa*). Desafiar o meu rival? Isso sim, era uma bela vingança; caso eu vencesse, ela ficaria desonrada e... mas quem me diz que não seria eu o vencido? — Demais qual havia de ser a arma? — Ele é portuense, julgo eu, não aceitaria senão a soco, essa de modo nenhum me convinha, era ridículo e nada decidia. Melhor

era a pistola ou a espada, mas infelizmente cá por a província ainda está tudo atrasado, só na capital é que os duelos são violentos, sem quartel nem misericórdia, os homens da capital são terríveis, mas nós... Nada, nada, o duelo não serve. É necessário escolher outro meio. (*Pensa*). Dar-lhe uma descompostura? Ora! Olhem a grande coisa! Ainda por cima me respondia com uma gargalhada e eu ficava embasbacado. Aquela mulher é capaz de tudo. Como me poderei vingar? —A ofensa não pode ficar impune.

## CENA 6.-

JÚLIO, sentado à direita e JOÃO PINTO saindo do quarto  
de Emilia sem o ver

JÚLIO — Quem será este homem que sai do quarto dela?

JOÃO PINTO (*a meia voz, falando consigo mesmo*) — Aquela maldita fala do segundo acto dá-me que fazer. Deixa-me ver se a digo toda. (*Senta-se à direita e declama*): Desgraçada filha! Vergonha da minha família! Desonrada! Desonrada! É por quem? Por um plebeu, por um homem que não usou nunca esporas de cavaleiro. Ah! para que permitiu Deus que eu vivesse tanto tempo! Se houvera morrido, não sentiria agora corarem-me as faces de vergonha, revoltar-se-me o sangue de indignação; se já não existisse, não presenciaria o aviltamento da minha família, não veria os meus pergaminhos e brasões enxoalhados pelas mãos de um miserável vilão. Oh! que não sei como pude resistir, não sei como ainda vivo. Tenho, porém, deveres a cumprir para com as sombras venerandas dos meus ilustres antepassados. É mister ocultar aos olhos do mundo esta nódoa com que uma filha degenerada manchou os puros brasões da casa de Amieira para que as ossadas de meus gloriosos avós não estremeçam na sepultura, ouvindo os risos e insultos da plebe, e os impropérios contra nós dirigidos. Essa, a quem eu chamava minha filha, não me aviltará aos olhos do mundo. Amanhã mesmo partiremos para as terras do nosso domínio. Aí ela ficará enquanto um sopro de vida animar estes já cansados membros, enquanto a terra não cobrir estas cãs que tão indignamente ultrajou. E esse vilão, esse desprezível plebeu que se atreveu a lançar o labéu da infâmia no meu brasão, que trema da vingança do nobre insultado! (*Pausa*). Oh! minha filha, minha filha! Para sempre perdida! (*Cobre o rosto com as mãos*).

JÚLIO (*que o tem escutado atentamente*) — Que nobreza de caráter! É o tipo do verdadeiro português. Óptima lembrança! belo meio de me vingar! (*Levanta-se e dirige-se a João Pinto, batendo-lhe no ombro*). Senhor!

JOÃO PINTO (*Voltando -se — Que é?* (*Vendo Júlio, com afabilidade*)): Passou bem?

JÚLIO (*saúda-o*) — (*Aparte*): Como estes fidalgos mudam de semblante e sabem dominar suas paixões! Vendo-o agora custa a acre-

ditar que seja o mesmo que há pouco falava tão altivamente. Quem descobrirá através deste rosto risonho a tempestade que lhe vai no *espírito!*

JOÃO PINTO — Poderei saber o que o senhor me tem a dizer?

JÚLIO — Entro imediatamente no assunto. Talvez estranhe o meu atrevimento e o modo por que me apresento ante o senhor, sem nunca termos falado. Rogo-lhe que me queira desculpar. É com grande pesar meu que dou este passo, acredite-me, desejara não me supor obrigado a fazê-lo; mas a minha consciência e a consideração e respeito que sempre tributei a um pai extremoso como o senhor, me impelem a dizer-lhe tudo.

JOÃO PINTO — Peço-lhe que se explique melhor, eu não o comprehendo.

JÚLIO — Eu falo mais claro. Perdoe-me se lhe vou tocar numa chaga que ainda sangra.

JOÃO PINTO — Queira desculpar, mas isso ainda me parece mais obscuro.

JÚLIO — Acredite que é com o coração trasbordando de mágoa que lhe vou falar num assunto tão doloroso.

JOÃO PINTO — Ó senhor, por quem é! fale de maneira que eu entenda.

JÚLIO (*aparte*) — Quem dirá que esta serenidade é fingida?

JOÃO PINTO — Então, senhor?

JÚLIO — Entro na matéria, mas...

JOÃO PINTO — Vamos, vamos — deixe-se de mas... que eu assim não percebo.

JÚLIO — Sei que tem uma filha, senhor.

JOÃO PINTO — A Maricas?

JÚLIO — A h?!

JOÃO PINTO — Sim, a Maricas.

JÚLIO — A Sr.\* D. Maria.

JOÃO PINTO — Eu chamo-lhe Maricas. — Vamos lá, e depois?

JÚLIO (*aparte*) — Que homem! Como sabe modificar o seu carácter!

JOÃO PINTO — Ó senhor, por quem é, fale para diante.

JÚLIO — Eu continuo. — Sei, pois, que tem uma filha.

JOÃO PINTO — Sim, também eu, e depois? que fez ela?

JÚLIO — Oiça-me, tenha paciência. Vi sua filha e por conseguinte escusado é dizer que a amei.

JOÃO PINTO (*estremecendo*) — O senhor?

JÚLIO — Eu mesmo.

JOÃO PINTO — A Maricas?

JÚLIO — Sim, à Sr.» D. Maria.

JOÃO PINTO — O senhor??

JÚLIO — Eu, sim, eu. Amei-a, amei-a com todo o amor que cabe no coração de um homem, amei-a o mais extremosamente que se pode amar neste mundo, amei-a e, a pesar meu, ainda a amo.

JOÃO PINTO (*aflito*) — Ora! Ela ainda está muito **nova**. Ora valha-me Deus, valha.

JÚLIO (*sorrindo ironicamente*) — Ainda está muito nova? Parece-vos?

JOÃO PINTO — Pois não está? Ora... ora... ora...

JÚLIO — Apesar de ainda estar muito nova, quando eu lhe declarrei o meu amor, ela disse-me — «também eu vos amo».

JOÃO PINTO — Ela?

JÚLIO — Sim, **ela**.

JOÃO PINTO — A Maricas?!

JÚLIO (*sorrindo*) — Sim, a Maricas.

JOÃO PINTO — O senhor está a caçoar comigo?

JÚLIO — Falo verdade.

JOÃO PINTO — Desavergonhada! (*Para Júlio*): Ora diga-me, que ocupação tem o senhor?

JÚLIO — Eu? Nenhuma.

JOÃO PINTO — Então já vê que não tem jeito.

JÚLIO — Não tem jeito?

JOÃO PINTO — De qualidade nenhuma.

JÚLIO — Eu não o entendo!

JOÃO PINTO — Pois diga-me, o senhor que lhe há-de dar de comer?

JÚLIO — Dar de comer, a quem?

JOÃO PINTO — Ora a quem! à Maricas.

JÚLIO — À...? Que necessidade tenho eu de lhe dar de comer?

JOÃO PINTO (*rindo-se*) — Oh! oh! oh! — Ora essa agora é fina! Pois o senhor cuida que ela não come? Olá se come, não me custa pouco a sustentar.

JÚLIO (*aparte*) — Este homem estará doido! (*Alto*): Eu não o comprehendo, senhor. Com que fim julga que eu lhe venho falar?

JOÃO PINTO — Eu, pelo palavreado, entendi que o senhor me vinha pedir a rapariga em casamento.

JÚLIO — E se assim fosse o senhor concedia-ma?

JOÃO PINTO — Eu... se o senhor estivesse numa posição em que a pudesse sustentar...

JÚLIO — Mesmo sem ser nobre?

JOÃO PINTO — O quê? Nobre? **Que** me importa a mim a nobreza?

JÚLIO (*aparte*) — Este homem está-me a desfrutar. (*Alto*): O senhor insulta-me.

JOÃO PINTO — Não sei em quê.

JÚLIO — Não sabe em quê? Supõe-me capaz de casar **com** sua filha?

JOÃO PINTO — E então que tinha?

JÚLIO — Julgava-me tão vil que o fizesse, isabendo eu tudo?

JOÃO PINTO (*zangado*) — Sabendo o quê? Quem é o senhor para se aviltar casando com a Maricas?

JÚLIO — Sou um plebeu que ainda tem honra e brio e que os não quereria perder casando com sua filha. Desprezo os seus pergaminhos.

JOÃO PINTO — Qual pergaminhos, nem qual cabaça. O senhor insultou-me.

JÚLIO — Quem me insultou foi o senhor.

JOÃO PINTO (*exaltando-se*) — O senhor há-de-me dar uma satisfação.

JÚLIO — Não se exalte. Pode excitar a atenção de mais alguém, escusa a sua vergonha de ser conhecida por todos.

JOÃO PINTO (*mais exaltado*) — Vá para o Diabo! Oiça-me quem quiser. Eu não tenho vergonha nenhuma.

JÚLIO — Pois devia tê-la.

JOÃO PINTO — Olhe. Eu não gosto de me exceder, mas o senhor faz com que eu cometa alguma imprudência.

JÚLIO (*aparte*) — Julga talvez que eu ignoro tudo. É desculpável o seu procedimento. (*Alto*): Eu não quero exasperar mais os seus tormentos, esqueço todas as injúrias que há pouco me dirigiu...

JOÃO PINTO (*descontente*) — Continua?

JÚLIO — Concebo perfeitamente qual a dor que neste momento lhe dilacera o coração.

JOÃO PINTO (*zangado*) — Continua?

JÚLIO — Imagino que pesar deve sentir um pai...

JOÃO PINTO (*furioso*) — Continua?!

JÚLIO — Compreendo quanto há-de ser custoso...

JOÃO PINTO — O senhor...

JÚLIO — Atrozmente mortificador...

JOÃO PINTO — O senhor...

JÚLIO — Horrivelmente cruel...

JOÃO PINTO — O senhor...

JÚLIO — O que agora se passa no seu coração.

JOÃO PINTO (*no auge da cólera*) — O senhor está a caçoar comigo?

JÚLIO — O acaso, foi o acaso que me fez conhecedor de tudo.

JOÃO PINTO — Mas de tudo o quê? Safa! Que homem!

JÚLIO — De que? Da desonra de sua filha. Queria evitar pronunciar essa palavra, mas, como assim o quis, aí a tem.

JOÃO PINTO — Da?!... O senhor que está a dizer?

JÚLIO — A verdade. Prezo-me de nunca haver dito outra coisa.

JOÃO PINTO — Fala sério?!

JÚLIO — Tão sério como se estivera confessando meus pecados. (*Aparte*): Faz-se de novas. É o orgulho de nobre que o obriga a proceder assim.

JOÃO PINTO — Tem provas do que diz?

JÚLIO — Que necessidade tinha eu de mentir?

JOÃO PINTO — Ora! Eu sei lá!

JÚLIO — Não estou acostumado a ver duvidar quando afirmo uma coisa.

JOÃO PINTO — Pois acostume-se agora.

JÚLIO — Não me exaspere, senhor!

JOÃO PINTO — Exasperado me tem você.

JÚLIO — Que necessidade tem que eu lhe prove uma coisa que sabe melhor do que eu?

JOÃO PINTO — Digo-lhe que não sei nada e que nada acreedito. E vá o senhor para os mais remotos cantos do Inferno ajudar a assar as almas condenadas.

JÚLIO (*aparte*) — Poupemos-lhe o orgulho. (*Alto*): Se lhe falei nisto, acredite que foi para seu bem.

JOÃO PINTO — E quem me diz que o senhor não é algum peral-vilho, ressentido por a Maricas lhe não dar cavaco?

JÚLIO — Bem. Quer que lhe dê provas em como sei tudo? Vou-lhas dar.

JOÃO PINTO (*limpando o suor*) — Venham elas.

JÚLIO — Poste-se à meia-noite à porta do jardim.

JOÃO PINTO — Do...?

JÚLIO — Do jardim.

JOÃO PINTO — Quer dizer quintal.

JÚLIO (*impaciente*) — Jardim ou quintal. (*Aparte*): Que homem tão extraordinário! Eu pasmo!

JOÃO PINTO — E que há lá?

JÚLIO — Assim que o sino marcar meia-noite, ouvirá o tropejar de cavalos.

JOÃO PINTO — E depois?

JÚLIO — Um vulto, desmontando-se, se aproximará das grades do jardim.

JOÃO PINTO — Já lhe disse que não é jardim, é quintal e não tem grades nem humas.

JÚLIO — Não tem grades?

JOÃO PINTO — Não.

JÚLIO — Então que tem?

JOÃO PINTO — Muros e portas.

JÚLIO (*aparte*) — É necessário ter muito poder sobre si para se ocupar com tais ninharias numa situação como esta! Que carácter! (*Alto*): jardim ou quintal, muros ou grades, isso é indiferente. Se continuar a espreitar, verá que da casa sai outro vulto, dirige-se para o lugar onde está o primeiro, falam-se, trocam também alguns beijos, montam cada um no seu cavalo e se os não suspender, fogem. Agora quer saber quem são estes vultos?

JOÃO PINTO — Quero, sim, senhor.

JÚLIO — Um é sua filha; o outro o seu infame sedutor.

JOÃO PINTO — Deveras?!



JÚLIO — Falo-lhe a pura verdade.

JOÃO PINTO — Como soube o senhor isso?

JÚLIO — Surpreendi este segredo a sua filha quando estava nos braços do seu desprezível amante.

JOÃO PINTO — O senhor viu-os ambos juntos?

JÚLIO — Vi.

JOÃO PINTO — E não fez nada?

JÚLIO — Que queria que fizesse?

JOÃO PINTO — E quem é ele?

JÚLIO — Um homem que não conheço.

JOÃO PINTO — E com que fim espreitava o senhor minha filha?

JÚLIO — Já lhe disse que a amava.

JOÃO PINTO — Que tramóia! Custa-me a acreditar.

JÚLIO — Pois não acredite; deite-se muito descansado; durma um bom sono e quando acordar pergunte por sua filha. Verá então se falo verdade.

JOÃO PINTO — Mas...

JÚLIO — Que há mais?

JOÃO PINTO (*aparte*) — Estou quase convencido. Este rapaz fala verdade. É impossível mentir-se daquele modo, Ó Maricas, Maricas! Deixa estar que eu te arranjarei. Mal acabe o 2.º acto, como não entro no resto do drama, vou para casa e ponho-me de atalaia a vigiar a menina. Podem os melros ficar certos que, se os pilho, a bengala que lá tenho de marmeiro há-de trabalhar esta noite. Ora a Maricas... a Maricas é que me admira. (*Alto*): Pois, meu senhor, agradeço-lhe o aviso que me deu. É muito louvável o seu proceder. Um pobre pai está muitas vezes sendo o ludíbrio de seus filhos, e quando mais feliz se julga é quando às vezes eles lhe estão cavando a sua ruína. Muito obrigado, muito obrigado. Perdoe se o ofendi, mas estava tão longe de suspeitar a verdade!... (*Estende-lhe a mão*).

JÚLIO (*apertando-lha*) — Essa é boa! (*Aparte*): E ainda finge que ignorava. Mal sabe ele que o escutei há pouco.

JOÃO PINTO — Adeus, adeus, meu senhor. Muito obrigado, muito obrigado. Adeus. Vou para o teatro. (*Sai pelo fundo*).

CENA 7.'

JÚLIO (*sentando-se à direita*) — Para o teatro! Ora entendam-no lá! Depois de uma cena destas vai para o teatro! Que homem! Mas estou vingado! Ah! Julgava a Sr." Condessa de Amieira que se zombava de mim impunemente?! Enganou-se. Sei-me vingar e as vinganças que tomo não ficam inferiores à afronta. Posso agora descansar. Estão cumpridos os meus desejos!

CENA 8.

JÚLIO e PAULO (*entrando apressado pelo fundo*)

PAULO (*batendo à porta de Emilia*) — Depressa, depressa, minha senhora! Estão à nossa espera. Mandaram-me vir chamá-la. Já são horas.

EMILIA (*de dentro*) — Lá vou já.

JÚLIO — Que oíço! Acaso mudariam de resolução? Frustrar-se-iam os meus planos? Oh, não! Nunca! (*Alto, com fúria, levantando-se*): Está enganado, senhor! Daqui ninguém sai!

PAULO — O senhor que quer?

JÚLIO — Destruir os vossos projectos.

PAULO — Que projectos?

JÚLIO — Oh! Eu sei tudo. Assisti ao vosso último colóquio.

PAULO — O senhor está enganado comigo. Eu não o entendo.

JÚLIO — Não? É pena. Não estou enganado. Conheço-o perfeitamente.

PAULO — Pois então é tolo. Já lhe disse que não entendo o que me diz.

JÚLIO — Eu o farei entender à força.

PAULO — Quem deixaria aqui um doido solto?

JÚLIO — Não admito insultos, senhor. Não vos atrevais a dizer mais nada a meu respeito, infame sedutor!

EMILIA (*dentro, rindo-se*) — Ah! ah! ah!

PAULO — Ó minha senhora! Não me dirá quem é este furioso que está nesta sala?

EMILIA (*de dentro*) — Ature-o. Ah! ah! ah!

JÚLIO (*aparte*) — É ela! E ri-se! Que mulher! (*Alto*): Não vos riais tanto, sr." condessa, que os vossos planos falharam.

PAULO — Sr." condessa??

EMILIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO — Zombai, zombai, que a vingança está perto, (*Para Paulo*): Agora nós, Sr. Luís. A vossa sorte vai-se decidir aqui mesmo.

PAULO — Oh! Eu chamo-me Paulo. Não lhe dê agora para me trocar o nome.

JÚLIO — Foi esse o nome que escolhestes para te ocultares e perpetrares o rapto, infame vilão.

PAULO — O rapto?!

EMILIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

PAULO — Ora o senhor não me deixará? Cuida que não tenho mais que fazer?

JÚLIO — Na verdade que tendes muito que fazer, mas nada fareis.

PAULO — Sabe que mais? Com tolos nem para o Céu...

EMILIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

PAULO (*para dentro*) — Oh! minha senhora, eu para falar a verdade já lhe não acho muita graça.

EMILIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

PAULO (*idem*) — Com esta gente não se tira partido.

EMILIA (*idem*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO — Gargalhada de demónio.

PAULO — Que tem também com aquela senhora?

JÚLIO — Que tenho? Queres saber o que tenho, odioso rival? Queres sabê-lo? Eu te digo: hoje mesmo há pouco nesta sala, neste lugar ela me disse o mesmo que a ti, fez-me iguais juramentos.

PAULO — Mas o que foi que ela me disse? Que juramentos? Que forte pancada!

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO — Julgas que vos não ouvi? Enganas-te. Ouvi tudo. Fiz-me conhecedor de todos os vossos planos e tinha-os malogrado. Mudaste de resolução, fui para mais cedo; pois bem, também os hei-de malograr, mas agora é pela violência. (*Agarra numa cadeira*). Não sairás daqui!

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

PAULO — Qual será a causa da doidice deste homem?

JÚLIO — Miserável! E ousas ainda insultar-me?!

PAULO — Insultado tenho sido eu.

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO — Nem mais uma palavra!

PAULO — Vá para o Inferno. Hei-de falar quanto quiser.

JÚLIO — Silêncio!

PAULO — Não quero.

JÚLIO — Silêncio!

PAULO — Não quero, já lho disse.

EMÍLIA (*desfroj*) — Ah! ah! ah!

PAULO — Ora! Os doidos devem-se sofrer. Mas este é insuportável.

JÚLIO — Ah! Continuas?

PAULO — A paciência também se esgota.

JÚLIO — Calai-vos.

PAULO — Meu caro, não me exaspere mais. Aconselho-o.

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

CENA 9 . •

JÚLIO, PAULO e JOÃO PINTO (*entra com pressa*)

JOÃO PINTO — Então? Porque esperam? Já é tão tarde! Venho de propósito...

JULIO (*vendo João Pinto, corre a ele, agarra-lhe na mão, trá-lo á boca da cena e coloca-o defronte de Paulo*). — Chegastes a tempo, senhor, chegastes a tempo. O homem em que há pouco vos falei, quereis conhecê-lo? Ei-lo. (*Aponta para Paulo*).

JOÃO PINTO (*espantado*) — Este?! Impossível.

JÚLIO (*solene*) — Juro-o.

JOÃO PINTO — Tu! Tu! Paulo?! Não esperava isso de ti!

JÚLIO — Luís, Luís! — Paulo é o nome com que o miserável se encobre.

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

PAULO (*para Júlio*) — Ora cale-se para aí com seiscentos diabos! (*A João Pinto*): Então que fiz eu? — Faz favor de me dizer?

JÚLIO (*sentando-se*) — Vejamos o efeito que faz a minha obra

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JOÃO PINTO — Tu?! A quem eu queria como filho!

PAULO — Mas que fiz eu? Que fiz eu?

JOÃO PINTO — A quem confiava todos os meus segredos!

PAULO — Mas eu que fiz?

JÚLIO (*aparte*) — Tenta negar, julga que se salva.

JOÃO PINTO — A quem prodigalizei sempre os maiores carinhos!

PAULO — Mas que fiz eu? Que fiz eu? Que fiz eu? Com os diabos!

JOÃO PINTO — É de ingrato!

PAULO — Ora esta, mas eu que fiz?!

JOÃO PINTO — É indigno.

PAULO — É boa! Mas porquê? Que fiz eu? Porque é isto tudo?

JÚLIO — Debalde se agita, contra a verdade não há oposição.

EMÍLIA fderifroj — Ah! ah! ah!

JOÃO PINTO — Traíres-me!

PAULO — Eu?!

JOÃO PINTO — Enganares-me!

PAULO — Eu?!

JOÃO PINTO — Desonrares-me!

PAULO — Eu?! Eu?! Eu?!

JOÃO PINTO — Sim, tu, malvado!

PAULO — Mas...

JOÃO PINTO — Vai-te.

PAULO — Porém...

JOÃO PINTO — Deixa-me...

PAULO — Mas isso é...

JOÃO PINTO — Foge da minha presença.

PAULO — Com seiscentos milhões de diabos, oiçam-me!

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JOÃO PINTO — Não quero, não preciso, não é necessário ouvir-te.

PAULO — Pelo que vejo estão todos doidos.

JOÃO PINTO — Insultas-me ainda?!

PAULO — Eu é que tenho sido insultado atrozmente. Não sei aonde estou que não faço tudo em pedaços.

JÚLIO — Que audácia!

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO — Ah! ah! ah! (*Aparte*): Que mulher!

PAULO (*a Júlio*) — O senhor é que é a causa de tudo isto. Eu não tenho mais paciência. Explique-se ou eu faço alguma. — Explique-se, com os diabos!

EMÍLIA (*dentro*) — Ah! ah! ah!

JÚLIO (*a Emilia*) — Agora também me eu rio, minha senhora. — Ah! ah! ah!

CENA 10.

JÚLIO, PAULO, JOÃO PINTO e EMÍLIA (*saindo do quarto*)

EMÍLIA — E eu ainda mais. — Ah! ah! ah!

PAULO — Minha senhora, se sabe a chave deste enigma, explique-o. Tenho pouca vontade de me rir.

EMÍLIA — Não se encolerize. — Ah! ah! ah! — Eu explicarei tudo, vamos, vamos — que são oito horas. Por o caminho vos contarei todo este caso. — Ah! ah! ah! «O Casamento da Condessa de Amieira» há-de dar que falar!

JOÃO PINTO — Mas...

EMÍLIA — Vamos, vamos — para depois as explicações.

JÚLIO (*vendo João Pinto ceder*) — (*Levantando-se*): Que fazeis?! (*Caminha para eles*).

EMÍLIA (*voltando-se*) — Adeus, Sr. Júlio. Cedo recebereis notícias minhas. Ah! ah! ah!

JÚLIO (*a João Pinto*) — Não os sigais, sr. conde, que vos desonrais.

JOÃO PINTO — Que diabo diz ele?

EMÍLIA — Ah! ah! ah!

PAULO — Este homem é tolo, por mais que me digam.

EMÍLIA — Ah! ah! ah!

CENA 11.

JÚLIO (*liga um pouco de tempo imóvel, depois senta-se nas cadeiras da esquerda*) — Será possível?

JOÃO PINTO (*dentro*) — Sr. conde!!

PAULO (*idem*) — Luís!! Sr.» condessa!

EMÍLIA (*idem*) — Ah! ah! ah! — Ora ouvi.

JÚLIO — Quê! Todos os meus planos falhariam! — Não fazem caso do que eu digo! E o Conde de Amieira! Esse fidalgo tão altivo, que tão elevados sentimentos mostrava, obedece, sem resistência, às ordens de sua filha! E o seu brio de nobre?! E os seus projectos de vingança, e o seu ódio contra o sedutor, tudo, tudo desapareceu?! — Que magia tem aquela mulher! E como tão depressa se lhe estancaram as lágrimas. Quão rapidamente nela se sucede o riso ao choro! A alegria à tristeza. — Que miserável carácter é o seu. É de enlouquecer!

JOÃO PINTO (*dentro*) — É possível?!

PAULO (*dentro*) — Fala sério?!

EMÍLIA (*dentro*) — É a pura verdade.

JOÃO PINTO e PAULO (*dentro*) — Oh! oh! oh!

EMÍLIA (*dentro*) — Não é engraçado? — Ah! ah! ah!

JOÃO PINTO — Por isso...

PAULO — Agora é que eu...

TODOS TRÊS — Ah! ah! ah!... Vamos, vamos. Ah! ah! ah!

JÚLIO — E riem-se à minha custa. E toda a minha vingança se desvaneceu. Oh! Inferno! Oh! Fúrias! Oh! Diabos! Dai-me uma lembrança luminosa! Um meio de me vingar de todos eles.

CENA 12."

JÚLIO e ANTÓNIO DA COSTA (*que entra por a esquerda com um livro na mão. Pousa-o em cima da mesa do mesmo lado e senta-se*)

ANTÓNIO DA COSTA (*sem ver Júlio*) — Pouca-vergonha! Desforo! Um semelhante escândalo na Quaresma! A que ponto tem chegado a desmoralização!

JÚLIO (*sem ver António da Costa*) — Maldição! Ver-me assim escarnecidio! Que soberba! Que arrogância! Que corrupção!

ANTÓNIO DA COSTA (*o mesmo*) — Estes inspectores! Estes inspectores!

JÚLIO (*o mesmo*) — Estes nobres! Estes nobres!

ANTÓNIO DA COSTA (*o mesmo*) — Cada vez se faz mais necessária a minha presença naquele lugar. A imoralidade tem inundado tudo. — Que drama! Que drama aquele! E então escrito por uma mulher! Eu benzo-me e torno-me a benzer.

JÚLIO (*o mesmo*) — Não ter ninguém em quem saciar estes desejos de vingança! (*Bate um murro na mesa*).

ANTÓNIO DA COSTA (*voltando-se*) — Quem é? Ah! És tu, Júlio ?!

JÚLIO (*vendo-o*) — Ah! O pai estava aí? — Não o tinha visto.

ANTÓNIO DA COSTA — É verdade, que ainda agora reparo... aonde te demoraste tanto? — Há muito que chegaste?

JÚLIO — Há bastante tempo, por desgraça minha.

ANTÓNIO DA COSTA — Porque dizes isso? Que te sucedeu?

JÚLIO — Nada.

ANTÓNIO DA COSTA — Mas...

JÚLIO — Não foi nada.

ANTÓNIO DA COSTA — Então porque te vejo tão carrancudo?

JÚLIO — Eu sei?

ANTÓNIO DA COSTA — Tu tiveste alguma coisa. Que se passou na minha ausência? Anda, fala, quero saber tudo.

JÚLIO — Pois bem. Quer que lhe diga qual o motivo da minha indignação e do meu furor? Saia; pergunte a quem encontrar qual a novidade do dia. Procure descobrir o objecto de todas as conversas. É impossível que não seja o casamento da Condessa de Amieira — dessa...

ANTÓNIO DA COSTA —Quê! Pois também tens notícias desse drama abominável, desse conjunto de imoralidades que os habitantes do Porto vão ver representar com o sorriso nos lábios? Sem lhe cermem as faces de indignação?!

JÚLIO — Tenho, tenho notícia desse drama infernal. Oxalá não tivera.

ANTÓNIO DA COSTA —Também te indignaste como eu, com os infames amores da Condessa de Amieira, tão descaradamente patenteados ao público? Oh! Reconheço em ti o meu sangue.

JÚLIO — Como o pai? — Pois o pai indignou-se?!

ANTÓNIO DA COSTA — Se me indignei! — Pois não querias que me indignasse?! Chego ao Porto... a primeira coisa que sei é que toda a sua população vê a sangue-frio, e de braços cruzados, desempenhar-se na sua presença esse drama de que cada cena é um insulto à moral, à honra, a tudo! — Vejo toda esta corrupção e não queres que me indigne? Oh! Eu não sou tão insensível como pensas. Estou velho, dificilmente me exalto; mas quando as coisas são desta qualidade, sinto ferver-me o sangue, pular-me o coração. — Que audácia! Que conduta a do tal Sr. Luís!

JÚLIO — Nada iguala o criminoso procedimento da condessa.

ANTÓNIO DA COSTA — É verdade! — O modo por que ela abusa da credulidade do pai.

JÚLIO —! Também o pai é um homem sem carácter.

ANTÓNIO DA COSTA — Não, está feito, assim mesmo é o que afinal se nota ali melhor de todos.

JÚLIO — Sim! Consentindo no casamento de sua filha.

ANTÓNIO DA COSTA — Ora, pois sim. — Mas bem vês que não havia outro remédio...

JÚLIO — O remédio era matá-la.

ANTÓNIO DA COSTA — Esse sim, mas também ficava afinal muito trágico. Mas quem há-de dizer que toda aquela embrulhada, tudo aquilo foi feito por uma mulher! — Faz pasmar!

JÚLIO — Mas que mulher! É impossível que não seja o mesmo Demónio personificado.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois tu viste-a?!

JÚLIO — Vi, vi. — Prouvera a Deus que eu nunca a houvesse visto.

ANTÓNIO DA COSTA — Tu viste a autora daquelas imoralíssimas cenas?

JÚLIO — Vi-a, falei-lhe e até fui por eia escarnecido, ridicularizado.

ANTÓNIO DA COSTA — Tu?!

JÚLIO — Sim, eu.

ANTÓNIO DA COSTA — Mas onde a encontraste?

JÚLIO — Aqui.

ANTÓNIO DA COSTA — Aqui?! Pois ela está aqui?!

JÚLIO — Esteve. Saiu há pouco tempo.

ANTÓNIO DA COSTA — E agora?

JÚLIO — Agora? Completa a sua obra. Vê como o público olha e avalia a sua conduta. Com o seu nome pronunciado por todos, está satisfeita a sua vaidade.

ANTÓNIO DA COSTA — Ora! Mas diz-me: como foi que falaste com ela e o que se passou entre vós ambos?

JÚLIO — Em poucas palavras pô-lo-ei ao facto de tudo. Vi-a e tão fascinador é o olhar daquela mulher, que, ao vê-la, fiquei perdido de amores e confessei-lhe a paixão que por ela sentia.

ANTÓNIO DA COSTA (*colérico*) — Tu?! Eu logo suspeitei que havias de fazer das tuas. Bem me dizia o coração que não ficasse nesta estalagem. Que te tinha eu dito em casa, Júlio?

JÚLIO — Agora que o mal está feito não vêm a nada as recriminações. \*

ANTÓNIO DA COSTA — Mal fiz eu em te deixar só um momento e não andar sempre com o olho em cima de ti. E depois?

JÚLIO — Ela?! Com o tom de voz o mais mavioso que se pode imaginar, com uma expressão nos olhos que juraria ser a de um amor verdadeiro, disse: «Também eu vos amo!»

ANTÓNIO DA COSTA (*levando as mãos à cabeça*) — Ih! Jesus! Jesus! E eu lá em cima tão descansado da minha vida! E que um homem não pode descuidar-se um só instante, senão está mal aviado.

JÚLIO — Considerava-me completamente feliz. Tinha formado projectos tão risonhos! Quando, passado pouco tempo, voltando a este sítio já para mim tão grato, vejo... Ó raiva! Estremeço ainda quando me lembro! vejo essa mulher nos braços do seu amante, fazendo-lhe os mesmos juramentos que antes me fizera.

ANTÓNIO DA COSTA — Também é bem feito. Pedaço de tolo! Metes-te com esta gente!

JÚLIO — Depois, ela, ele, o pai, todos me escarneceram. Avisei o pai dos infames amores e projectos de fuga de sua filha; desafiei o amante e a ela... insultei-a. E quando, finalmente, julgava ter tirado uma boa desforra de tudo quanto me tinham feito, com uma palavra, com uma gargalhada, destrói todos os meus planos, concilia o pai e o amante e vão rindo-se... Oh! Nem quero que isto me lembre mais!

ANTÓNIO DA COSTA — Até certo ponto, foi bom, para te ensinar. Hás-de aprender à tua custa.

JÚLIO — Mas o pai não vê que caí no ridículo e que na minha queda o arrasto comigo?

ANTÓNIO DA COSTA — A mim?! Pois não! Que tenho eu com o que tu fizeste?

JÚLIO — Tudo. O ridículo é contagioso. Uma pessoa dele afectado transmite-o aos seus parentes, amigos e até conhecidos.

ANTÓNIO DA COSTA — Ora que tu não hás-de fazer senão asneiras!

JÚLIO — O mal está feito. Agora o que é preciso é vingar-mo-nos.

ANTÓNIO DA COSTA — Hás-de vingar-te bem. Melhor tu tivesses juízo.

JÚLIO — Unamo-nos, meu pai, e vinguemo-nos. A união faz a força.

ANTÓNIO DA COSTA — Ora não sejas tolo. Que diabo de vingança queres tu tirar?

JÚLIO — Não sei, mas estou de maneira que me parece que era capaz de a matar.

ANTÓNIO DA COSTA — Tem juízo! Tem juízo!

## CENA 13.

ANTÓNIO DA COSTA, JÚLIO e ANDRÉ (*que entra pelo fundo*)

ANDRÉ (*com uma carta*) — Uma carta para o Sr. Júlio.

ANTÓNIO DA COSTA — Para ti?! Quem te escreve?

JÚLIO — De quem é?

ANDRÉ — Mandaram-me entregá-la e que não dissesse mais nada.

JÚLIO — Ainda algum insulto dessa mulher. Não a leio.

ANTÓNIO DA COSTA — Sabes lá o que é? Lê-a ou dá-ma cá, que a leio eu.

JÚLIO (*abre a carta e deixa cair de dentro um bilhete de teatro*) — Que é isto?! (*André apanha-o*). (*Lê*): — «Il.<sup>mo</sup> Sr. Júlio da Costa. Acreditando nas palavras que se dignou dirigir-me na conversa que esta tarde tivemos, e tendo de fazer, depois de amanhã, o meu benefício, ouso pedir-lhe que me queira fazer o obséquio de ficar com esses bilhetes de plateia para a récita desse dia. Acredite que sou, etc, etc.

«S. afeiçoada

«Emília de Castro, ou a Condessa de Amieira».

Que quer isto dizer?

ANTÓNIO DA COSTA — Ora, o que quer dizer? É muito simples. É uma cómica que te quer dar bilhetes para o seu benefício. É o resultado que tiras das tuas asneiras. Quem te mandou meteres-te com esta gente? Foste em poucas horas caçado por duas mulheres. Sirva-te ao menos isso de exemplo para o futuro. É que uma pessoa não pode arredar a vista...

JÚLIO — Cada vez percebo menos. Que quer dizer esta assinatura? Emília de Castro ou a Condessa de Amieira? A Condessa de Amieira não se chama Emília, mas sim Maria e não está em circunstâncias de fazer um benefício! É alguma intriga mais desta mulher diabólica.

ANTÓNIO DA COSTA — Que diabo de trapalhada estás tu aí a dizer? Pareces-me tolo.

JÚLIO — Não que isto não é para menos. É de fazer um homem dar com a cabeça pelas paredes.

ANTÓNIO DA COSTA — Mas porquê? Eu não lhe acho nada de sobrenatural.

JÚLIO — Pois quem era a mulher com quem eu falei?

ANTÓNIO DA COSTA — Pelo que me tens dito, colijo que falaste com duas.

JÚLIO — Com duas?!

ANTÓNIO DA COSTA — Sim, a autora e a actriz.

JÚLIO — Qual duas! Eu não falei senão com uma.

ANDRÉ — O senhor falou com a Sr.» D. Emília.

ANTÓNIO DA COSTA — Então que me dizias tu há pouco?

JÚLIO — Eu não falei com D. Emília nenhuma. Falei com a Condessa de Amieira.

ANTÓNIO DA COSTA — Com...?

JÚLIO —! Com a Condessa de Amieira.

ANTÓNIO DA COSTA — Com a Condessa de Amieira?!

JÚLIO — Sim. Então? Com a Condessa de Amieira!

ANTÓNIO DA COSTA — Tu perdeste o juízo? Ou que diabo é isso?

JÚLIO — Mas porquê?

com ANTÓNIO DA COSTA — Como se te encaixa na cabeça que falaste a Condessa de Amieira?

JÚLIO — Então que tem? Acaso não me disse ela mesmo...

ANTÓNIO DA COSTA — Ela quem?

JÚLIO — A condessa. Tomei aqui chá com ela.

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh!

JÚLIO — De que se riem?

ANTÓNIO DA COSTA — Desfrutaram-te. Oh! oh!

ANDRÉ — Enganaram-no. Eh! eh!

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh!

JÚLIO — E esta? Pois quem era aquela mulher com quem eu estive?

ANDRÉ — Era a Sr.» D. Emília — cómica.

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh!

JÚLIO — Não é possível. Eu vi o seu amante. Vi o tal Luís.

ANTÓNIO DA COSTA — Viste o amante?

JÚLIO — Vi, sim. Também foi desfrute? Andava até com um casaco branco.

ANDRÉ — Ai, esse é o Sr. Paulo — cómico.

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh!

JÚLIO (*encolerizado*) — Estão caçoando comigo? Quem era então o outro sujeito idoso que eu vi aqui também? Quem era, senão o pai da condessa?

ANDRÉ — Havia de ser o Sr. João Pinto — cómico. Eh! eh! eh!

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh!

JÚLIO — Então visto isso a Condessa de Amieira não é mais do que uma actriz?

ANTÓNIO DA COSTA — Pois está visto. Ainda o duvidas? Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh!

JÚLIO — Mas o diálogo amoroso que eu surpreendi entre os dois?

ANTÓNIO DA COSTA — Eu sei cá? Provavelmente algum ensaio. Eu cuidava que já estavas ao facto de tudo. Pois...? Oh! oh! oh!

ANDRÉ — Eh! eh! eh! Então o senhor julgou?... Eh! eh! eh!

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! oh! oh! Já vejo que entendi mal a tua indignação de há pouco. Julgava que era por o mesmo motivo da minha. Oh! oh! oh!

JÚLIO — Pois qual era o motivo da indignação do pai?

ANTÓNIO DA COSTA — Era a imoralidade do drama que hoje se representa no teatro de São João e que tem por título «O Casamento da Condessa de Amieira».

JÚLIO — Isso será verdade?

ANTÓNIO DA COSTA — Queres uma prova? (*Vai à mesa da direita e traz o drama*). Lé! (*Mostra-lho*).

JÚLIO (*lendo*) — «O Casamento da Condessa de Amieira...». Ah! Basta! Já comprehendo tudo! Fui atrozmente desfrutado! Servi de palito a estes senhores. Por muito tempo se rirão à minha custa! E essa mulher ousa ainda escarnecer-me! Ah! Não me insultará impunemente. Esses bilhetes... (*André passa-lhos para a mão*). Estes bilhetes há-de recebê-los, mas não como mos mandou. (*Rasga-os*).

ANTÓNIO DA COSTA — Oh! Que diabo fizeste tu?

JÚLIO — Vinguei-me!

ANTÓNIO DA COSTA — Boa vingança. Quem perdeu com isso fui eu, que tenho de os pagar. Quantos eram?

ANDRÉ — Dois.

ANTÓNIO DA COSTA — A pinto cada um.

ANDRÉ — Sim senhor.

ANTÓNIO DA COSTA — Lá se me vão dois pintos sem graça nenhuma. Espero que seja a tua última asneira. (*Aparte*): Boa lembrança! (*Alto*): Sabes tu o que deves agora fazer?

JÚLIO — O quê?

ANTÓNIO DA COSTA — Vingar-te.

JÚLIO — Mas como?

ANTÓNIO DA COSTA — O melhor modo é...

JÚLIO — Qual?

ANTÓNIO DA COSTA — Casando-te.

JÚLIO — Casar-me? Eu?

ANTÓNIO DA COSTA — Sim, tu.

JÚLIO — Mas com quem?

ANTÓNIO DA COSTA — Não te dê isso cuidado. Tens já noiva arranjada.

JÚLIO — Aonde está ela?

ANTÓNIO DA COSTA — Em Lisboa.

JÚLIO — É nova?

ANTÓNIO DA COSTA — É...

JÚLIO — Bonita?

ANTÓNIO DA COSTA — Sim.

JÚLIO — E...

ANTÓNIO DA COSTA — E?...

JÚLIO — E rica?

ANTÓNIO DA COSTA — Muito.

JÚLIO — Aceito.

ANTÓNIO DA COSTA — Mas tem um defeito.

JÚLIO — Qual é?

ANTÓNIO DA COSTA — É...

JÚLIO — Estúpida?

ANTÓNIO DA COSTA — Pelo contrário.

JÚLIO — Mau génio?

ANTÓNIO DA COSTA — Óptimo.

JÚLIO — Então?

ANTÓNIO DA COSTA — É...

JÚLIO — O quê?

ANTÓNIO DA COSTA — Viúva.

JÚLIO — Viúva... viúva... Não me importa; fosse ela casada.

É para me vingar que aceito.

ANTÓNIO DA COSTA — Ora dá cá um abraço! (*Abraça-o*). Assim é que eu gosto de ti. É uma bela vingança que tomas. Há males que vêm por bens. Não há dúvida! Se não fosse acontecer o que aconteceu, talvez não ganhasses ainda juízo.

ANDRÉ — Agradeça-mo a mim, Sr. Costa. Se não fosse eu, V. S.<sup>a</sup> não se tinha hospedado nesta casa e seu filho não teria ainda juízo. Isto sem lhe fazer ofensa.

ANTÓNIO DA COSTA — Pois sim, sim, mas é que me ia saindo cara a brincadeira.

JÚLIO — Quero mostrar a essa mulher que tudo quanto lhe disse era mentira. Que a não amo.

ANTÓNIO DA COSTA — Vamos, vamos fazer os nossos preparativos. Partiremos amanhã mesmo para Lisboa. (*Aparte*): E lá tratarei de ser nomeado inspector dos teatros. É empresa que não rende, mas, depois do casamento, não necessito de mais dinheiro. É lugar de consideração; tem-se teatro de graça e... é a minha paixão favorita.

II

O ULTIMO BAILE DO SR. JOSÉ DA CUNHA

(Comédia original em um acto)

*Escrita por Júlio Dinis aos 18 anos (1857)*

PERSONAGENS

José da Cunha	Conselheiro
D. Eulália	Sua Mulher
Pedro da Silva	Advogado
Virgínia	Sua Filha
Alberto de Sousa	
Ernesto Lima	
Um criado	

*A cena passa-se no Porto, em casa de José da Cunha- Época, a actual*

## ACTO 1º E ÚNICO

*O teatro representa uma sala em casa de José da Cunha, elegantemente mobilada. Portas ao fundo e á direita, à esquerda duas janelas. Luzes sobre a mesa, bem como também jarras com flores. Ouvi-se dentro música.*

N. B. — Durante toda a comédia deve-se ouvir tocar dentro valsas, contradanças, etc. Por direita e esquerda entende-se a do actor.

CENA 1.

JOSÉ DA CUNHA e D. EULÁLIA (*entrando pela direita*)

JOSÉ DA CUNHA — É como te digo, filha. Afinal de contas nestas noites quem menos se diverte é o dono da casa.

D. EULÁLIA — Ora deixa-te disso. Não sabes o que dizes.

JOSÉ DA CUNHA — É ver se eu tenho podido sossegar um momento. Ainda não fui senhor de dançar sequer uma quadrilha.

D. EULÁLIA — Olhem a grande perca! Tu não tens vergonha? Um homem de 48 anos a lamentar o não ter dançado!

JOSÉ DA CUNHA — E então? Que achas?

D. EULÁLIA — Que acho? Que devias ter mais juízo.

JOSÉ DA CUNHA — Ora é muito boa! Pois se não é para me divertir, que necessidade tenho eu de gastar dinheiro?

D. EULÁLIA — Olha lá que te não arruines. Não sei que queres fazer ao dinheiro que tens.

JOSÉ DA CUNHA — Gastá-lo no necessário, no útil e no agradável; mas agora estar a gastá-lo numa coisa que não é nada disto, é a maior prova de mau gosto.

D. EULÁLIA — Com que então consideras um baile de máscaras como uma coisa desnecessária, inútil e desagradável?

JOSÉ DA CUNHA — E talvez não tenha razão?

D. EULÁLIA — Ora sempre és muito tolo. E se eu te provasse que um baile de máscaras não é nada do que tu dizes?

JOSÉ DA CUNHA — Hão-de ser curiosos os argumentos.

D. EULÁLIA — Não? Ora ouve. O Carnaval é uma época do ano que em todas as nações é festejada por diferentes formas. Os maiores e mais agradáveis divertimentos têm lugar nesta ocasião. Solenizar este tempo, manifestar de qualquer modo a alegria que todos sentimos, é quase uma obrigação que temos a cumprir uns para com outros. Daqui a necessidade dos bailes de máscaras.

JOSÉ DA CUNHA — É mesmo argumento de mulher.

D. EULÁLIA — Em quanto à utilidade, nisso é quase escusado falar; é óbvia, pois que com estes divertimentos lucram os doceiros, os luveiros, os sapateiros, os alfaiates, as modistas, etc, etc.

JOSÉ DA CUNHA — Eu é que não lucro coisa nenhuma.

D. EULÁLIA — Agora dizer que os bailes não são agradáveis é a opinião mais extravagante que eu tenho visto. Pois diz-me: não é tão agradável a um rapaz o poder passar, por este modo, com o namoro algumas horas? O poder apertá-la ao peito na maior influência de uma valsa?

JOSÉ DA CUNHA — É.

D. EULÁLIA — Não é tão agradável ao amante do jogo o poder satisfazer os seus desejos; ter parceiros com quem jogar aquele de que mais gostar?

JOSÉ DA CUNHA — É.

D. EULÁLIA — Não é tão agradável para as meninas o poderem mostrar as suas prendas dançando, cantando ou tocando piano?

JOSÉ DA CUNHA — Será.

D. EULÁLIA — E para as mães? E para os pais? Não lhes é tão agradável o verem essas filhas ser admiradas, atendidas, requestadas?

JOSÉ DA CUNHA — Será, será.

D. EULÁLIA — Então já vês que os bailes são agradáveis para toda a gente.

JOSÉ DA CUNHA — Menos para mim. Porque: 1º — não tenho namoro para apertar ao peito durante a influência de uma valsa.

D. EULÁLIA — Também era o que faltava!

JOSÉ DA CUNHA — Pois por isso. 2º — Não sou muito apaixonado por o jogo, mas, ainda que o fosse, não poderia satisfazer os meus desejos porque me não dão tempo para isso. 3º — Não toco porque não sei; não danço porque não posso. Por isso, por este lado, nada de agradável me oferecem as brincadeiras. 4º — Não tenho filhas para me encher de bazófia, vendo-as admiradas e requestadas por todos, e, ainda mesmo que as tivesse, não me seria isso tão agradável como tu dizes. Já vês que não tenho motivos para gostar de bailes. Porém, em compensação, tenho imensos para os aborrecer. Gasto dinheiro, deito-me tarde, não me sento um momento; nem para comer me dão tempo. Rompem-me os tapetes, quebram-me a louça e muitas outras impertinências.

D. EULÁLIA — Sabes o que tu és? Um homem muito egoísta. Queres divertir-te e não queres que os outros se divirtam.

JOSÉ DA CUNHA — Que se divirtam quanto quiserem, mas não à minha custa. Egoístas são eles.

D. EULÁLIA — Se soubesses como esses queixumes te ficam mal! Um conselheiro!

JOSÉ DA CUNHA — Pois queres tu uma coisa? Em lugar de danças e estares de cavaco, como é o teu costume, toma conta hoje destas coisas. Encarrega-te da direcção do baile. Eu não me queixarei mais. Irei tratar de me divertir e então não me custará gastar dinheiro.

D. EULÁLIA — Olha que se não fosse por parecer mal! Mas que diriam por aí! se me vissem andar a lidar e tu sentado?

JOSÉ DA CUNHA — É o que me lembra! Não diriam nada. Era até muito natural. Pois é o que se vê todos os dias neste mundo. Os homens lidando para ganhar e as mulheres lidando para gastar o que os homens ganham.

D. EULÁLIA — Estás hoje de um mau humor!...

JOSÉ DA CUNHA — Se te parece que hei-de andar muito contente! Ai! Se pilho esta noite passada!...

D. EULÁLIA — Que fazes?

JOSÉ DA CUNHA — Ponho as mãos numas Horas em como não torno a cair noutra.

D. EULÁLIA — És tolo, és tolo.

JOSÉ DA CUNHA — Serei, serei.

UM CRIADO (*entrando por o fundo*) — O senhor faz favor de cá vir dentro?

JOSÉ DA CUNHA — Eu já me admirava de me deixarem sossegar um minuto. Como assim, agora acabemos de levar a cruz ao Calvário. (*Sai*).

C E N A    2 . '

D. EULÁLIA (*só*) — Isto passa-lhe. É perlenga de todas as noites de baile. Estou farta de lhe ouvir esta ária. Mas eu, para o consolar, danço logo com ele uma quadrilha e fica até muito contente. Este meu marido, sabendo-o levar, é o maior *pax-vobis* que eu tenho visto. As vezes tem as suas impertinências, mas são de pouca duração. Não tem génio de conselheiro. Quem lhe vale sou eu; senão seria o conselheiro mais insignificante que haveria em todo o Portugal. Nunca daria bailes, nem jantares; não teria camarote de assinatura no teatro italiano. Não seria sócio da Assembleia. Finalmente, não faria figura de qualidade nenhuma. Porém eu tomei à minha conta o regenerá-lo, fazê-lo entrar no caminho que deve seguir todo o homem pertencente à alta sociedade, e tenho quase completamente conseguido os meus desejos. As vezes, como hoje, pretendo acabar com a influência que sobre ele exerce, ir contra a minha vontade; mas eu, com grande facilidade, abato a revolta e adquiro a minha preponderância.

CENA 3.<sup>a</sup>

D. EULÁLIA e ALBERTO (*com dominó preto e borlas vermelhas. Ao entrar, tira a máscara*)

ALBERTO — Safa! Que maçada! (*Vendo D. Eulália*): Oh! Saio de Síria e meto-me em Caríbdis!

D. EULÁLIA — Que é isto?! O Sr. Alberto de Sousa fugindo do baile e buscando a solidão?!

ALBERTO — Vejo que não sou eu só que o faço. V. Ex." já antes de mim...

D. EULÁLIA — Há pouco tempo que aqui estou. Sai do baile por ser obrigada a isso, mas para lá volto.

ALBERTO (*aparte*) — Não há remédio senão convidá-la para ser meu par, que maçada! (*Alto*): Conceder-me-á agora o prazer que há pouco me recusou? Dar-me-á o gosto de dançar comigo a primeira valsa que se seguir?

D. EULÁLIA — Sinto muito ter de lhe negar ainda uma vez o que me pede, mas já tenho par.

ALBERTO (*aparte*) — Que felicidade!

D. EULÁLIA — Mas para a segunda depois dessa estou ao seu dispor.

ALBERTO (*aparte*) — Diabos te levem! (*Alto*): Então terei logo o cuidado de lhe lembrar a promessa que agora me fez.

D. EULÁLIA — E eu terei o cuidado de a cumprir. Adeus, Sr. Alberto! Até logo!

ALBERTO — Até logo, minha senhora!

## CENA 4. •

ALBERTO DE SOUSA — Ora eu sempre sou muito infeliz! Que noite tão aborrecida tenho passado! Vinha com tantas esperanças de me divertir e saiu-me tudo ao contrário do que eu esperava. Ainda não pude falar com Virgínia e foi só com esse fim que cá vim hoje. Porém, mal entrei na sala, encontro um destes amigos importunos que, conhecendo-me não sei porquê, brada muito alto: «Olá, Alberto! Ningém te conhece». Logo, por infelicidade, estava perto de mim a pessoa de quem eu me queria mais ocultar, isto é, o pai de Virgínia. Já tem suas desconfianças do meu namoro com a filha e, por isso, mal ouviu pronunciar o meu nome, pôs-se alerta. Não me tem largado um momento. Segue-me como a minha sombra e, quando eu estou próximo à filha, quando lhe vou falar, senta-se ao meu lado para escutar o que digo. E aí fico eu perto dela sem lhe poder dizer uma palavra. É um verdadeiro suplício de Tántalo. Depois, na primeira valsa, fui, por política, tirar para par a dona da casa. Era um sacri-

ficio que tinha que fazer. Resolvi fazê-lo logo no princípio para ficar livre toda a noite. Mas a dona da casa, nessa ocasião, não podia dançar, porque tinha que fazer não sei o quê, e, sem ninguém lhe encomendar o sermão, encarregou-se de nomear quem a substituísse. «Eu não posso, me diz ela, mas na minha falta aqui está esta senhora que ainda não tem par». E de facto. Era uma mulher sem par! Idade, respeitável; grossura, seguramente dois a três pés e meio; de altura, talvez o mesmo; dizem que com muito dinheiro, não duvido, mas, por mais rica que seja, sempre pesa mais do que o dote. E eu com um peso daqueles numa valsa! Cansei-me, suei, ia caindo por duas ou três vezes. E que perigosa não seria a queda! Era de ficar reduzido à expressão mais simples; e, além de tudo isto, servi de irritação a todos os circunstantes. Houve um que me comparou à previdente formiga, levando, ansiada, para sua casa um fardo mais pesado do que ela. Outro disse-me que eu me semelhava ao Atlas sustentando não nos ombros, mas nos braços o globo terrestre. Ora, na verdade, o meu par, por a sua rotundidade e pequenez, era uma esfera perfeita! Os epigramas choviam sobre nós. Os risos não cessavam. Acabei aquela prosaica valsa e fiquei impossibilitado de dançar por um pouco de tempo. «Vou descansar, disse comigo mesmo, morro estafado se o não faço». Chego aqui e encontro a Sr.ª D. Eulália, que, por pouco, me fazia dançar esta valsa com ela e não me deixava descansar. Salvei-me numa tabuinha, mas pilha-me para a seguinte e eu tanto queria dançar com Virgínia. Se eu pudesse escapar da maçada que me ameaça!... Mas como?!

## CENA 5.-

ALBERTO DE SOUSA e ERNESTO LIMA (*com dominó de veludo vermelho carmesim, entra por a direita*)

ERNESTO (*tirando a máscara, cantando*) — Esposa diletta atten-dimi, tra, la, la, la... (*Vendo Alberto*): Oh! Tu também por aqui?!! Já estás enfastiado destes vertiginosos folguedos?

ALBERTO — Se te parece que não hei-de estar, tendo dançado uma valsa com aquela mulher!

ERNESTO — Com que mulher? (*Olhando para o dominó de Alberto*): Ai, mas ainda eu reparo: tu és o dominó preto com laços vermelhos! Oh, coitado! Pois ainda existes? Não morreste arre-bentado?

ALBERTO — Estou desesperado! Não fazes ideia. Se o resto da noite se passa como até aqui, parece-me que fico doente por mais de um mês.

ERNESTO — Que lembrança foi a tua de dançares com aquela mulher?

ALBERTO — Julgas talvez que foi por minha vontade?

ERNESTO — Então quem te obrigava?

ALBERTO—São coisas da Sr.» D. Eulália, que se encarrega de me nomear os pares sem eu lho ter pedido.

ERNESTO — O contrário do que fazem os ministros que só nomeiam pares aqueles que lhes pedem. E que fazes agora aqui?

ALBERTO — Descanso. Julgas que não careço de restaurar as minhas forças?

ERNESTO — Não tinhas par para esta valsa?

ALBERTO — Não.

ERNESTO — E para a seguinte?

ALBERTO — Infelizmente tenho.

ERNESTO — Quem é?

ALBERTO — E D. Eulália.

ERNESTO — Então porque dizes infelizmente?

ALBERTO — Porque não foi por causa dela que eu cá vim.

ERNESTO — Bem sei. Estimavas mais dançar com a filha do Pedro da Silva.

ALBERTO — Está claro.

ERNESTO — Porque a não tiraste para par?

ALBERTO — Porque quis ser atencioso com a dona da casa. E de mais já perdi as esperanças de dançar hoje com Virgínia. O pai não me deixa um momento. Se me vê valsar com a filha é capaz de se retirar, levando-a consigo.

ERNESTO — Queres tu uma coisa?

ALBERTO — O que é?

ERNESTO — Troquemos os dominós.

ALBERTO — Estás por isso?

ERNESTO — Estou.

ALBERTO — Óptimo. Aceito e fico-te muito obrigado.

ERNESTO — Mas é com uma condição.

ALBERTO — Qual é ela?

ERNESTO — Eu é que hei-de dançar com D. Eulália.

ALBERTO — Dobrado favor. Agora é que te agradeço.

ERNESTO — Então vamos a isso. (*Tirando o dominó*): Podes conversar à tua vontade com Virgínia. O pai conheceu-me. Vendo-te com o meu dominó, cuida que sou eu que lhe estou falando, e deixa-te sossegado, pois que ele tem-me na conta de rapaz de juízo.

ALBERTO (*tirando o dominó*) — Tu fazes tenção de te dar a conhecer a D. Eulália?

ERNESTO — Pudera.

ALBERTO — Olha, dança primeiro com ela em meu nome. Mais tarde te declararás. De outro modo nunca me perdoaria o eu ter cedido tão facilmente o meu lugar a um outro.

ERNESTO — E que importa que ela te não perdoe?

ALBERTO — Escuso de me indispor com ela sem necessidade.

ERNESTO — Ora deixa-te disso. Por essa é que eu não estou. Encarrego-me de te desculpar. Verás como alcanço o teu perdão.

ALBERTO (*vestindo o dominó de Ernesto*) — Que interesse tens tu em dançar com D. Eulália?

ERNESTO (*vestindo o de Alberto*) — Pois não sabes que estou perdido de amores por ela?

ALBERTO — Tu?!

ERNESTO — Eu, sim.

ALBERTO — Gabo-te o gosto.

ERNESTO — Não é mau. D. Eulália é uma mulher espirituosa, bonita, nova, muito capaz de inspirar uma paixão.

ALBERTO — A mim, não.

ERNESTO — Ora, mas porquê? Já encontraste a virgem dos teus sonhos. Já tens quem te ame. Porém eu, não. Tenho muita gente que embirra comigo, isso sim; mas ainda não encontrei ninguém que dissesse amar-me; e, como não encontro, procuro.

ALBERTO — Procuras mal. Sabes que o marido de D. Eulália é muito ciumento?

ERNESTO — Então isso que tem?

ALBERTO — Pode haver alguma cena desagradável.

ERNESTO — Ora! Deixa-te disso. As cenas desagradáveis dessa qualidade já me não metem medo.

ALBERTO — Faz o que quiseres. Agora vamos lá para dentro.

ERNESTO — Vamos. (*Põem as máscaras e saem por a direita*).

## CENA 6.

PEDRO DA SILVA (*entrando pouco depois por o mesmo lado*) — Aonde diabo se meteria minha filha? Não estou sossegado sem saber aonde ela pára. Este Sr. Alberto de Sousa anda-me muito atrás dela e a rapariga dá-lhe algum cavaco. É o diabo, isto de filhas. É necessário um pai andar-lhes sempre com a vista em cima para que não façam das suas. Lá dentro não está; aqui também não. Aonde iria meter-se? Só se foi para a sala de jogo. Deixa-me ver. (*Indo à porta do Fundo*). É verdade! Ela lá está falando com uma senhora! Bem. Agora estão suficientemente separados. Se cem olhos tivesse, com cem olhos a vigiava, e não eram de mais.

## CENA 7

,r.

PEDRO DA SILVA e JOSÉ DA CUNHA (*entra por o fundo*)

JOSÉ DA CUNHA — Ó Sr. Silva! Ainda bem que o encontro. Há falta lá dentro de um parceiro para o voltarete.

PEDRO DA SILVA — Então o senhor não joga?

JOSÉ DA CUNHA — Bem vê que me não é possível. Tenho por aí tanto que fazer!

PEDRO DA SILVA — Eu também, para lhe falar a verdade, não me convinha agora prender...

JOSÉ DA CUNHA (*empurrando-o*) — Ora vá, vá. Isso não lhe custa nada. (*Pedro da Silva sai por o fundo*).

## CENA 8.-

JOSÉ DA CUNHA (*só*) — Irra! Que suplício! Parece que todos se combinaram para me importunar. As noites de baile são para mim noites de martírio. Mas hoje, sobretudo, tenho sido atrozmente maçado. Uns a pedirem-me uma coisa; outros outra. De mais a mais minha mulher a dançar com todos os que a tiram para par. Não repara que eu estou furioso, ralado de ciúmes. Que tormento! E querem que um homem dê bailes! Bem tolo é quem os dá. Nada se diverte. Aflige-se. Caçoam com ele e ainda por cima lhe comem o doce e bebem o vinho. Vão para fora e perguntam-lhe: «Que tal esteve o baile de F...? Hum! Hum! Coisa muito ordinária». Nada! Está decidido. Este é o último baile que dou, diga minha mulher o que quiser a este respeito.

## CENA 9 .

## JOSÉ DA CUNHA e UM CRIADO

UM CRIADO (*entrando por o fundo*) — Chamam cá dentro pelo senhor.

JOSÉ DA CUNHA — E é isto. Nem um minuto! Forte maçada! (*Sai*).

## CENA 10 .

D. EULÁLIA e ERNESTO LIMA (*entram por a direita*)

D. EULÁLIA — Quê?! Pois não era com o Sr. Alberto de Sousa que eu dançava?!

ERNESTO (*tirando a máscara*) — Não, minha senhora. Quem teve o gosto de dançar com V. Ex.» fui eu.

D. EULÁLIA — O Sr. Ernesto?! Mas eu tinha prometido esta valsa ao Sr. Alberto.

ERNESTO — Mas eu pedi, implorei a Alberto que me cedesse o dominó para poder gozar a felicidade de dançar uma valsa com V. Ex.».

D. EULÁLIA — E ele cedeu-o?

ERNESTO — Custou-lhe muito. Mas, como me deve bastantes obrigações, a seu pesar condescendeu.

D. EULÁLIA — O senhor não tinha necessidade de substituir o seu amigo para dançar comigo. A noite é grande e nós estamos no princípio.

ERNESTO — É porque eu receava que me acontecesse o mesmo que no último baile que V. Ex.» deu, em que de todas as vezes que a tirei para par me recusou...

D. EULÁLIA — Era porque já estava comprometida para todas as vezes.

ERNESTO — E eu, temendo que hoje também estivesse!...

D. EULÁLIA — E que me queria dizer agora o senhor? O que é que quer de mim?

CENA 11.<sup>a</sup>

D. EULÁLIA, ERNESTO e VIRGÍNIA (*entrando por o fundo sem ser vista dos dois*)

ERNESTO — Confiar-lhe um segredo que há muito guardo comigo.

VIRGÍNIA (*ao fundo*) — Este é Alberto. Com quem fala ele? Com D. Eulália?! Escutemos!

D. EULÁLIA — Faz mal em mo revelar. Não sou lá uma confidente muito segura.

ERNESTO — A ninguém mais o posso dizer, senão a V. Ex.».

VIRGÍNIA (*o mesmo*) — Falam tão baixo que lhes não percebo palavra.

D. EULÁLIA — Então que segredo é?

ERNESTO — É uma confissão que lhe vou fazer, minha senhora.

D. EULÁLIA — Se é de algum crime que o senhor cometeu, devo-o advertir que me não acho autorizada para o absolver.

ERNESTO — Efectivamente é um crime, senhora. E só V. Ex.» é que me poderá absolver.

VIRGÍNIA (*o mesmo*) — Ele estará a falar-lhe de amor? Que raiva não o poder ouvir!

D. EULÁLIA (*sorrindo*) — Foi roubo, assassinato, ou o quê?

ERNESTO — Não, minha senhora. O crime de que me acuso é de a amar apaixonadamente.

D. EULÁLIA — O senhor??

ERNESTO — Eu, sim, minha senhora.

D. EULÁLIA — O senhor atreve-se...

ERNESTO — A tudo, pois o amor cega-me.

VIRGÍNIA (*o mesmo*) — É impossível que ele não esteja a fazer-lhe uma declaração.

D. EULÁLIA — O senhor não sabe com quem fala.

ERNESTO — Sei, sim. Falo com a mulher mais bela que tenho visto. Não seja cruel; não me despreze. É V. Ex.» o primeiro ente a quem falo de amores, o primeiro que me fez sentir esta paixão até agora para mim desconhecida. (*Ajoelha-se*). Por quem é! Não me mate com os seus desprezos! Não me torne desgraçado!

VIRGÍNIA (*o mesmo*) — Ah! Bem mo dizia o coração. A seus pés, ingrato!

D. EULÁLIA — Senhor! Levante-se!

ERNESTO — Oh! Não rejeite o amor que lhe ofereço. Este amor respeitoso e sincero que me enche o coração. Este culto...

D. EULÁLIA — Se o meu marido o via... (*Voltando-se e vendo Virginia*). Ah! Fuja! Estão-nos observando.

ERNESTO (*levantando-se e pondo a máscara*) — Quem é?

D. EULÁLIA — Deixe-me! Fuja! (*Foge por a direita*).

ERNESTO (*segundo-a*) — Senhora! Senhora! Esperai!

VIRGÍNIA (*colocando-se diante dele*) — Suspenda, senhor! Aonde vai?

ERNESTO (*impaciente*) — A senhora que me quer?

VIRGÍNIA — Impedi-lo de praticar uma traição.

ERNESTO — Ora! Deixe-me! (*Sai por a direita*).

CENA 12.-

VIRGÍNIA (*só*) — Ora vejam! É isto. E fiem-se lá em homens! Quem havia de dizer que Alberto me trairia deste modo?! Ingrato! Nem parecia o mesmo. Que maneiras! Até a voz não tinha aquele som agradável de que eu tanto gostava. Deixa estar que me hei-de vingar. Traiu-me? Também o hei-de traer. Ora deixa estar. Vou principiar um namoro com o primeiro rapaz que me aparecer. O ciúme é que o há-de castigar.

CENA 13. "

VIRGÍNIA e ALBERTO DE SOUSA (*entra por a direita*) — Até que finalmente a encontro. (*Dirige-se para Virginia, mas pára no meio e põe a máscara*). Experimentemos a sua fidelidade. Como ainda não sabe que troquei o dominó, toma-me por outro. Ora vejamos. (*Alto*): Minha senhora!

VIRGÍNIA (*voltando-se*) — Quem é? Ah! Já o conheço. Escusa de disfarçar a voz.

ALBERTO — Então quem sou?

VIRGÍNIA — É o Sr. Ernesto Lima.

ALBERTO — E porque o sabe? Disseram-lho ou adivinhou?

VIRGÍNIA — Disseram-mo.

ALBERTO — Eu logo vi.

VIRGÍNIA — Porquê? Não me julgava capaz de o conhecer?

ALBERTO — Não. Se fosse ao meu amigo Alberto era outra coisa.

VIRGÍNIA — Porquê?

ALBERTO — Porque o coração tem palpites... quando...

VIRGÍNIA — Está muito enganado.

ALBERTO — Hem?! Estou? Então não o ama?

VIRGÍNIA — Eu? Quem fala nisso?

ALBERTO (*aparte*) — Que oíço?! (*Alto*). Deveras, não o ama?

Fala sério?

Pois VIRGÍNIA (*aparte*) — Principia a minha vingança. (*Alto*): Então ? que julga?

ALBERTO — Nunca o amou?

VIRGÍNIA — Nunca.

ALBERTO — E esta ?! Nem nunca lhe disse que o amava ?

VIRGÍNIA (*rindo*) — Lá isso, sim. Disse, mas...

ALBERTO — Mas então mentiu-lhe?

VIRGÍNIA — Menti.

ALBERTO — Como?! Com que fim?

VIRGÍNIA — Ora, com que fim! Para me divertir.

ALBERTO (*aparte*) — Para... Ah! pérfida! (*Alto*): Então não ama ninguém ?

VIRGÍNIA (*sorrindo*) — Isso agora!...

ALBERTO (*aparte*) — Tremo de raiva. (*Alto*): Ah! Ama?

VIRGÍNIA — Ainda não disse que sim.

ALBERTO — Mas deu-o a entender.

VIRGÍNIA — E diferente.

ALBERTO — Eu estou a sonhar ? Não poderei saber quem é o feliz mortal a quem honra com o seu amor?

VIRGÍNIA — Parece-me que não.

ALBERTO — Porquê? Ora... ora... ora...

VIRGÍNIA — Porque não estou resolvida a dizer-lho.

ALBERTO — E se o adivinhar?

VIRGÍNIA — Então...

ALBERTO (*aparte*) — E fiem-se lá em mulheres! (*Alto*): Eu conheço-o ?

VIRGÍNIA — Conhece.

ALBERTO (*aparte*) — Que raiva lhe tenho! (*Alto*): E... é novo?

VIRGÍNIA — É.

ALBERTO (*aparte*) — Quem me dera esganá-lo. (*Alto*): É meu amigo, não?

VIRGÍNIA (*sorrindo*) — Inseparável.

ALBERTO (*aparte*) — Querem ver que é Ernesto ?! Pergunte-mos-lhe. (*Alto*): Será...

VIRGÍNIA — Quem?

ALBERTO — Lembra-me agora uma coisa.

VIRGÍNIA — O que é?

ALBERTO — Será Ernesto, quero dizer, serei eu?

VIRGÍNIA (*aparte*) — Ei-lo chegado ao ponto. Estou vingada! (*Alto*): Eu... e...

ALBERTO (*aparte*) — É Ernesto! E traiu-me! Diabos o levem! (*Alto*): Pois serei eu?

VIRGÍNIA — Uma vez que adivinhou, não lho quero ocultar por mais tempo.

ALBERTO — Então, ama-me?

VIRGÍNIA — Amo.

ALBERTO — Muito?

VIRGÍNIA — Muito.

ALBERTO — Mas muito, muito?

VIRGÍNIA — Sim, muito, muito.

ALBERTO — E não ama Alberto?

VIRGÍNIA — Não.

ALBERTO (*aparte*) — Traidora! (*Alto*): Mesmo nada?

VIRGINIA — Mesmo nada.

ALBERTO — Nem um bocadinho?

VIRGÍNIA — Nem um bocadinho.

ALBERTO — Pouca-vergonha!

VIRGINIA — O quê?

ALBERTO — Desaforo!

VIRGÍNIA — O senhor que diz?

ALBERTO — Que é uma horrível traição.

VIRGÍNIA — Esta voz...

ALBERTO (*tirando a máscara*) — Conhece-me?

VIRGÍNIA — Alberto!

ALBERTO — Sim, Alberto.

VIRGÍNIA — Tu trocaste o dominó?

ALBERTO — Troquei e fiz-me conhecedor das tuas traições, infame.

VIRGÍNIA — E a quem deste o teu?

ALBERTO — A Ernesto Lima, o teu amante.

VIRGÍNIA — Ah! Agora comprehendo tudo! Ab! ah! ah!

ALBERTO — Ris-te ainda por cima! Ainda por cima, hem? Olhem que mulher!

VIRGÍNIA — Não que o caso não é para menos. Ah! ah! ah!

ALBERTO — Não vês que descobri a tua traição?

VIRGÍNIA — Qual traição nem meia traição?!

ALBERTO — Então que nome merece a tua conduta, senão o de uma infame traição?

VIRGÍNIA — Tu é que foste a causa de tudo.

ALBERTO — Eu?! Ora muito obrigado! Eu nunca te fui infiel.

VIRGÍNIA — Não é isso. Ouve e cala-te.

ALBERTO — Não me calo, não. Já lá vai o tempo em que eu te obedecia. Isso passou. Agora hás-de ouvir-me. Olé!

VIRGÍNIA — Se não fosse a troca dos dominós...

ALBERTO — Não saberia eu de nada. Continuaria a ser escarnecido por ti.

VIRGÍNIA — A troca dos dominós fez com que eu vos confundisse.

ALBERTO — Isso sei eu. Julgavas que eu era Ernesto.

VIRGÍNIA — Não. O pior foi julgar que Ernesto eras tu.

ALBERTO — Que queres dizer? Que trapalhada é essa?

VIRGÍNIA — Eu vi o Ernesto aos pés de D. Eulália, fazendo-lhe

uma declaração. Julguei que eras tu, pois que lhe vi o dominó preto com laços vermelhos e considerando-me traída, quis vingar-me.

ALBERTO — Falas sério?

VIRGÍNIA — Informa-te com Ernesto. Ele te dirá que eu o quis impedir de acompanhar D. Eulália. Julgava que eras tu que me traías.

ALBERTO — Ora não sabes de que peso me aliviaste com essas tuas palavras. Perdoas-me o haver suspeitado de ti?

VIRGÍNIA — Perdoou, porque também sou culpada do mesmo crime.

ALBERTO — E tornamos a ser o que éramos até agora?

VIRGÍNIA — Tornamos.

ALBERTO — Então dá-me um abraço.

VIRGÍNIA — Dou. (*Abraçam-se*).

CENA 14.

VIRGÍNIA e ALBERTO (*abraçados*), PEDRO DA SILVA (*entrando pelo fundo sem ser visto por eles*)

PEDRO DA SILVA — Ali! Que vejo?! Minha filha abraçada com .. com quem? .. Aquele não é Alberto... Aquele .. é... é... é... Aquele é Ernesto. Ah! O traidor! E eu que julgava que era um rapaz de juízo! Maroto! Espera que eu lhe falo. (*Alto*); Olá!

VIRGÍNIA — Ai! Meu pai!

ALBERTO — O diabo! (*Põe a máscara*).

PEDRO DA SILVA — Sim senhores! Sim senhores! Assim se engana um homem! (*Para Virginia*): Ora a menina! Marche lá para dentro! (*Virginia hesita*). Ouviu? (*Virginia sai por a direita*).

CENA 15.'

PEDRO DA SILVA e ALBERTO

PEDRO DA SILVA — Agora vamos nós, meu senhor, ajustar as nossas continhas.

ALBERTO — Senhor! Eu...

PEDRO DA SILVA — Não temos aqui senhor eu, nem senhor tu. V. S.<sup>a</sup> zombou de mim, Sr. Ernesto. Tinha-o por um rapaz de juízo, mas vejo que me enganei redondamente. E eu que suspeitava do seu amigo Alberto! Eu que suspeitava!

ALBERTO (*aparte*) — Ó abençoado dominó, que me salvas.

PEDRO DA SILVA — As vezes paga o inocente pelo pecador.

ALBERTO (*aparte*) — Isso é que é verdade, pois, pelo que estou vendo, Ernesto é que tem que pagar por mim.

PEDRO DA SILVA — Mas graças a Deus que comprehendo todos os seus planos. Agora já me não engana.

ALBERTO — Senhor! Desculpe...

PEDRO DA SILVA — Qual desculpo? Hei-de vingar-me! O senhor meteu-se comigo? Fez mal. Eu já fui militar; já fiz algumas campanhas e, por isso, não costumo deixar impunes as ofensas que me fazem.

ALBERTO — Mas eu não o ofendi.

PEDRO DA SILVA — Não me ofendeu?! Pois acaso o não vi dar um abraço a minha filha?

ALBERTO — Mas isso é porque gosto dela.

PEDRO DA SILVA — Bonito! Então se o senhor me tirasse este relógio não me ofendia porque gostava dele?

ALBERTO — Porém eu não lhe tirei sua filha. A Sr.ª D. Virgínia aí está.

PEDRO DA SILVA — Mas abraçou-a.

ALBERTO — Isso é muito diferente.

PEDRO DA SILVA — Não é tal.

ALBERTO — É, sim, senhor. Está argumentando sem lógica nenhuma.

PEDRO DA SILVA — Eu, argumentando sem lógica? O senhor sabe o que disse?

ALBERTO — Sei, sim, senhor. Disse o que efectivamente é.

PEDRO DA SILVA — Cale-se. Não blasfeme. Não ouse levantar a\* voz na minha presença.

ALBERTO — Mas...

PEDRO DA SILVA — Mas... mas... mas... cale-se.

ALBERTO — O senhor que quer de mim?

PEDRO DA SILVA — A sua vida.

ALBERTO — Ora!

PEDRO DA SILVA (*aparte*) — Deixa estar. Ele é medroso. Pois então não passa sem levar um bom susto. (*Alto*): Vossemecê está desafiado.

ALBERTO (*impassível*) — O que o senhor quiser.

PEDRO DA SILVA — Está desafiado, lá lho disse.

ALBERTO — Não seja tolo.

PEDRO DA SILVA — Está desafiado, digo-o e torno a dizer.

ALBERTO (*aparte*) — Vou aceitar o desafio. Como é por conta de Ernesto! (*Alto*): Aceito.

PEDRO DA SILVA — Aceita ?!

ALBERTO — Aceito, sim, senhor. (*Aparte*): O homem parece que já não está muito contente.

PEDRO DA SILVA (*aparte*) — Mau! Ele toma a coisa a sério! (*Alto*): Então aceita... sim?

ALBERTO — Já que tanto aperta, aceito. Daqui por um bocado estou às suas ordens. Compete-me escolher a arma. Seja à pistola. Até já. (*Aparte*): Agora vou procurar Ernesto para trocar o dominó. Ele que se deslinde como puder. (*Sai*).

## CENA 16

PEDRO DA SILVA — O rapaz não me parece fraco. Se soubera não o tinha exasperado tanto. Eu só queria meter-lhe medo. Não sou grande atirador de pistola. Estou com alguns receios. Se pudesse desfazer este duelo!... Esta rapaziada agora toma tudo a sério. Vou até lá dentro ver se arranjo algum meio para não ter lugar este desafio. Quem me mandou a mim fazer-me fino? Ora valha-me Deus!

## CENA 17."

ERNESTO LIMA e JOSÉ DA CUNHA (*entram por a direita*)

ERNESTO — O senhor cuida que eu lhe quero fugir? Deixe-me!

JOSÉ DA CUNHA — Agora deixo. O senhor não me escapa, não tenha medo.

ERNESTO — Mas que me quer? Que me quer?

JOSÉ DA CUNHA — O que eu lhe quero? Pois eu vi-o aos pés da minha mulher e ainda não sabe o que eu quero?

ERNESTO — Eu, não.

JOSÉ DA CUNHA — O senhor, se tivesse vergonha, não me diria isso. Abusar da confiança que em si depositava! O Sr. Alberto há-de-me dar uma satisfação!

ERNESTO (*aparte*) — Ai! Ele cuida que eu sou Alberto! O dominó salva-me! (*Alto*): Mas o senhor bem sabe que o estar de joelhos é até uma posição muito inocente.

JOSÉ DA CUNHA — Ainda por cima zomba de mim?

ERNESTO — Não, senhor; estou falando muito sério.

JOSÉ DA CUNHA — Cale-se! Cale-se e trema da minha cólera!

ERNESTO (*aparte*) — Em que parará tudo isto?

JOSÉ DA CUNHA — O que o senhor merecia sei eu.

ERNESTO (*aparte*) — Como diabo me hei-de safar?

JOSÉ DA CUNHA (*aparte*) — É preciso meter-lhe medo para não tornar a fazer outra. (*Alto*): Sabe que mais? Eu não estou resolvido a deixar ficar impune o crime que o senhor cometeu.

ERNESTO — Porém eu não cometi crime nenhum.

JOSÉ DA CUNHA — Cometeu, sim, senhor, cometeu. (*Aparte*): Ele tem medo. Então estou como quero.

ERNESTO — Eu não considero, de modo algum, criminosa a minha conduta.

JOSÉ DA CUNHA — Considero-a eu e é quanto basta.

ERNESTO — Então está bem.

JOSÉ DA CUNHA — Finalmente, senhor, um de nós há-de morrer.

ERNESTO — Eu parece-me que ambos.

JOSÉ DA CUNHA — Não é isso. Quero dizer que o senhor está desafiado.

ERNESTO — Eu?!

JOSÉ DA CUNHA — Sim, senhor.

ERNESTO — O senhor está a caçoar?

JOSÉ DA CUNHA — Não estou, não, senhor.

ERNESTO — Então quer ter comigo um duelo?

JOSÉ DA CUNHA — Quero, já lho disse. *(Aparte):* Ele é cobarde. Então estamos bem.

ERNESTO *(aparte)* — Estou capaz de aceitar. Como é por conta de Alberto!... *(Alto):* Pois bem, aceito.

JOSÉ DA CUNHA *(aparte)* — Mau! Essa agora! *(Alto):* Mas... então... logo, mais logo.

ERNESTO — Só o tempo necessário para ir buscar as armas, que serão duas espadas.

JOSÉ DA CUNHA — Então até já. *(Aparte):* O diabo do rapaz saiu-me mais teso do que eu esperava. Como demónio hei-de desarranjar agora este duelo airosamente? Isto de bailes é no que dão. Não! Diga minha mulher o que quiser. Este é o último que dou. *(Sai por a direita).*

#### CENA 18

ERNESTO LIMA — Agora o que eu queria era encontrar Alberto para trocar o dominó. Ele que se arranje depois como puder. Esta noite não tenho tido um momento de sossego. Este José da Cunha é levado da breca e a tal D. Eulália e inabalável.

#### CENA 19."

ERNESTO LIMA e ALBERTO DE SOUSA

ALBERTO — Ora graças a Deus que te encontro! Ando há que tempo à tua procura.

ERNESTO — Eu também te desejava falar.

ALBERTO — Já consegui o que queria. Tornemos agora a vestir os nossos dominós.

ERNESTO — Isso mesmo te queria eu dizer..

ALBERTO — Foste feliz na tua empresa?

ERNESTO — Felicíssimo. Mas troquemos, troquemos.

ALBERTO — Troquemos. *(Tira o dominó).*

ERNESTO — Falaste muito com Virgínia?

ALBERTO — Muitíssimo. Mas dá-me, dá-me o meu dominó.

ERNESTO *(tira o dominó)* — Pronto.

ALBERTO — E a D. Eulália deu-te cavaco?

ERNESTO — Deu, deu. Mas veste-te, veste-te depressa.

ALBERTO — Lá vai. *(Veste o dominó preto).* Já cá está.

ERNESTO — Bom! Diz-me: o pai não vos desarranjou nos vossos colóquios?

ALBERTO — Não. Mas anda, acaba de te vestir.

ERNESTO — Espera. (*Veste o dom/nó vermelho*). Pronto.

ALBERTO — O marido deixou-vos sossegados?

ERNESTO — Deixou, deixou. Mas adeus.

ALBERTO — Já te vais embora?

ERNESTO — Vou. Estou com muito sono. Tu ainda ficas?

ALBERTO — Vou dizer adeus a Virgínia e vou também.

ERNESTO — Então adeus.

ALBERTO — Adeus. (*Sorrindo*): Estimo que não tenhas nenhum mau encontro. (*Sai por a direita*).

ERNESTO — É o que te desejo.

CENA 20.<sup>a</sup>

ERNESTO LIMA e PEDRO DA SILVA (*sem ser visto por Ernesto*)

ERNESTO — Agora vamos embora antes que o meu adversário me reconheça.

PEDRO DA SILVA — Ai! Que diz ele? Ai, pois é assim tão covarde? Então estou eu bem. Pois uma vez que é assim continuar-se-á.

ERNESTO — Safemo-nos. (*Encaminha-se para o fundo*).

PEDRO DA SILVA (*pondoa-se diante dele*) — Para onde é a ida?

ERNESTO — Para casa.

PEDRO DA SILVA — Já?!

ERNESTO — Sim, senhor.

PEDRO DA SILVA — Engana-se. Ainda é cedo.

ERNESTO — Deixá-lo ser. Eu quero ir.

PEDRO DA SILVA — Mas não vai.

ERNESTO — Porquê?

PEDRO DA SILVA — Porque eu não deixo.

ERNESTO — O senhor?

PEDRO DA SILVA — Sim, eu. E que lhe parece?

ERNESTO — E porque não deixa?

PEDRO DA SILVA — Porque não quero.

ERNESTO — O senhor está tolo?

PEDRO DA SILVA — Cale-se! Não me diga mais uma palavra!

ERNESTO — V. S.\* não está bom. Será melhor ir deitar-se.

PEDRO DA SILVA — Não me insulte!

ERNESTO (*aparte*) — Que diabo quer isto dizer?

PEDRO DA SILVA — O senhor há-de morrer às minhas mãos.

ERNESTO — Lamento muito o seu estado. Está mesmo de todo.

PEDRO DA SILVA — Cale-se, já lhe disse! Seu infame sedutor!

ERNESTO (*aparte*) — Ai, comprehendo tudo! Ele conheceu Alberto

com este dominó. Viu-o com a filha e agora cuida que está falando com ele. Desenganemo-lo. (*Alto*): O senhor sabe quem eu sou?

PEDRO DA SILVA —Sei, sim, senhor!

ERNESTO —Conhece-me?

PEDRO DA SILVA —Conheço muito bem.

ERNESTO —Então deve saber que não temos nada um com o outro.

PEDRO DA SILVA —Temos, temos muita coisa. O senhor faz-se de novas? Finge que se não lembra do desafio?

ERNESTO —Do desafio?! Ah, agora entendo. O senhor era padrinho do meu desafio.

PEDRO DA SILVA —Padrinho?! O senhor está a mangar comigo? Eu sou o próprio adversário.

ERNESTO —Eu?! Bater-me com o senhor?!

PEDRO DA SILVA —Sim.

ERNESTO —Olhe que isso é engano.

PEDRO DA SILVA —Não é engano, não, senhor. Trouxe as pistolas?

ERNESTO —Eu sou Ernesto de Lima.

PEDRO DA SILVA —Isso sei eu muito bem. O senhor é um covarde. Eu bem ouvi o que agora mesmo dizia. Pretendia fugir depois de ter dito há pouco que aceitava o desafio.

ERNESTO —Eu?! (*Aparte*): Ah, já sei. Provavelmente sucedeu com Alberto o mesmo que comigo. O dominó perdeu-me! Estou capaz de o desenganar. Mas ele não o acreditaria.

PEDRO DA SILVA —Então aceita ou não aceita, seu miserável?

ERNESTO (*aparte*) —Este senhor está-me fazendo vontade de lhe meter um susto. Ele não tem fama de valente. Isso é fanfarronice. Vou aceitar, dê no que der.

PEDRO DA SILVA —Cobarde, cobarde! Poltrão! Infame!

ERNESTO —Pois bem. Uma vez que tanto aperta, resolvo-me a meter-lhe uma bala no corpo.

PEDRO DA SILVA (*aparte*) —Ele aí torna. Falará verdade? Eu levo as coisas sempre tão longo!.... (*Alto*): Então... vá arranjar as pistolas. (*Aparte*): E no entretanto eu vou falar à minha mulher para desarranjar o desafio.

ERNESTO —Venha comigo.

PEDRO DA SILVA —Não. Eu... eu...

ERNESTO —Venha.

PEDRO DA SILVA —Espere. Eu... eu...

ERNESTO —Venha, não ouve?

PEDRO DA SILVA —Vá o senhor só.

ERNESTO (*aparte*) —Ele tem medo. Bem me parecia. Já agora hei-de castigar-lhe a sua parlapatice. (*Alto*): Não vou só, não, senhor. O que o senhor queria era fugir.

PEDRO DA SILVA —Eu, fugir?!

ERNESTO —Sim, sim. Fugir. Ande daí, ande!

PEDRO DA SILVA — Lá vou, lá vou. (*Barulho dentro*). Mas agora não pode ser. Vem gente.

ERNESTO — Pois por isso. Partamos.

PEDRO DA SILVA — Mas deixe ver quem é.

ERNESTO — Para quê?

PEDRO DA SILVA — Deixe, deixe ver.

ERNESTO — É curiosidade de mais às portas da morte.

PEDRO DA SILVA — Credo! Longe vá o agoiro!

C E N A   2 1 .

PEDRO DA SILVA e ERNESTO (*ao fundo*); JOSÉ DA CUNHA e ALBERTO (*entrando por a direita sem verem os dois*)

ALBERTO — Mas que forte mania!

JOSÉ DA CUNHA — Não fuya, não fuya, senhor. Não fuya. Pois não! E como ele corria por as escadas abaixo!

ALBERTO — Mas V. S.<sup>a</sup> está enganado comigo.

ERNESTO (*aparte*) — Sucede com Alberto o mesmo quiproquó que comigo. Isto de trocar os dominós é perigoso. Ah! ah! ah!

JOSÉ DA CUNHA — Então assim faltava à sua palavra?

ALBERTO — Que palavra?

JOSÉ DA CUNHA — Assim fala da minha vingança?

ALBERTO — O senhor está confundido. Olhe que eu sou Alberto de Sousa. (*Tira a máscara*).

JOSÉ DA CUNHA — Obrigado pela novidade.

ALBERTO — Então já sabia que o era?

JOSÉ DA CUNHA — Não se faça tolo, não se faça tolo.

ALBERTO — Mas qual é o motivo da sua cólera?

JOSÉ DA CUNHA — Já lho disse e torno a dizer. Não admito que o senhor se ponha de joelhos diante de minha mulher. Ela não é nenhuma santa.

ALBERTO (*aparte*) — Ai, o meu dominó perdeu-me. Julgou que Ernesto era eu.

ERNESTO (*aparte*) — Sucede-lhe exactamente o mesmo que a mim. (*Alto para Pedro*): Então, senhor, vamos!

PEDRO DA SILVA (*para Ernesto*) — Psiu! Espere, espere. Não há pressa.

JOSÉ DA CUNHA — Vamos. Eu quero o seu sangue.

ALBERTO — Ai, o senhor quer um duelo?

JOSÉ DA CUNHA — Quero, sim, senhor. (*Aparte*): Agora posso-me fazer fino. Eu vi-o fugir. Nem ele sabe o que há-de fazer.

ALBERTO — Mas olhe que o senhor está enganado. Quem viu aos pés de sua mulher havia de ser Ernesto.

ERNESTO (*aparte*) — Cala-te, diabo!

JOSÉ DA CUNHA — Cale-se, seu caluniador!

ERNESTO (*aparte*) — Anda. É bem feito.

JOSÉ DA CUNHA — seu cobarde !

ALBERTO — Ora esta!

JOSÉ DA CUNHA — Miserável!

ALBERTO (*aparte*) — Ora também e de mais. Estar a sofrer estas injúrias a um homem a quem nada fiz. Veremos se ele é tão valentão como se quer' fazer. (*Alto*): Pois já que tem tantos desejos de morrer, morrerá.

JOSÉ DA CUNHA (*aparte*) — Oh diabo! Ele sempre se decidirá?

ALBERTO — Vamos ! Nem mais um momento!

JOSÉ DA CUNHA — Va... va... mos.

ALBERTO — Vamos! (*Agarra-lhe num braço e quase que o leva de rastos*).

JOSÉ DA CUNHA — Espere ! Olhe que me magoa! Largue-me! (*Vendo Pedro da Silva*): O Sr. Alberto dê-me licença de dizer duas palavras aqui ao Sr. Silva.

ALBERTO — Não dou, não. Ande! Nada de demoras!

JOSÉ DA CUNHA — Só duas.

ALBERTO — Nem uma.

JOSÉ DA CUNHA — É um instante.

ALBERTO — Nada, nada.

JOSÉ DA CUNHA — Ora deixe!

ALBERTO ( *fingindo-se impaciente*) — Ai! (*Vendo Ernesto*): Ora vá lá!

JOSÉ DA CUNHA — Muito obrigado! (*Fala com Pedro da Silva*).

ALBERTO (*para Ernesto*) — Meteste-me em boa.

ERNESTO — E tu também me embrulhaste bem embrulhado.

ALBERTO — Quê?! Pois Pedro da Silva falou contigo?!

ERNESTO — Vamo-nos bater à pistola.

ALBERTO — Oh diabo! E isso é sério?

ERNESTO — Tão sério como o teu duelo à espada com José da Cunha.

ALBERTO — Então estás bem, porque o meu fica em nada. O homem tem medo, é cobarde.

ERNESTO — Pedro da Silva ainda é mais, mas não o quer dar a conhecer.

ALBERTO — A troca dos dominós foi o diabo!

ERNESTO — Eu não me arrependo de nada do que fiz. Ao princípio tive algum receio. Agora estou gostando disto.

ALBERTO — Ainda hei-de ver o meu adversário pedir-me perdão.

ERNESTO — E eu também não desespero de ver fazer o mesmo ao Sr. Pedro da Silva.

ALBERTO — Que diabo estarão eles a dizer? Gesticulam tanto!

ERNESTO — Provavelmente vendo qual o melhor meio para se descartarem elegantemente de uma posição tão melindrosa.

ALBERTO — Vejamos se podemos ouvir alguma coisa,

PEDRO DA SILVA (*para José da Cunha*) — Oh diabo! Chegou a esse ponto?!

JOSÉ DA CUNHA — É verdade. Então que quer? O ciúme cegou-me; e demais eu só desejava meter-lhe medo.

PEDRO DA SILVA — E agora vai bater-se à espada?

JOSÉ DA CUNHA — Ele assim o exige. Eu julguei que o rapaz não aceitaria. Por isso é que...

PEDRO DA SILVA — E que tenciona então fazer?

JOSÉ DA CUNHA — Eu vou pedir-lhe um favor.

PEDRO DA SILVA — A mim? Qual é?

JOSÉ DA CUNHA — É que servisse de medianeiro entre nós ambos; que desfizesse este duelo, porque, quer morra ele quer eu, é uma calamidade. Morrendo ele, ficarei eu sempre com remorsos por ter tirado a vida a um rapaz tão novo; morrendo eu, não só me é isso muito custoso, mas mesmo minha mulher, coitada, bem vê que ficava só... porque ela... coitada...

PEDRO DA SILVA — Sim, senhor, sim, senhor. Compreendo as suas razões e, não obstante ter pouco conhecimento com esse rapaz, farei o que estiver ao meu alcance. Mas em antes tenho de lhe pedir um favor.

JOSÉ DA CUNHA — O que é?

PEDRO DA SILVA — Eu acho-me numa posição análoga à sua. Vi aquele rapaz que ali está e que se chama, julgo eu, Ernesto Lima, abraçando minha filha. Enfureci-me a ponto de o insultar e desafiei-o. Julguei que ele não aceitaria, porque me pareceu um fraca-lhão. Mas tão apoquentado se viu por mim, que aceitou e agora não quer ceder. Vamo-nos bater à pistola.

JOSÉ DA CUNHA — Credo! Santo nome de Maria! Que desgraças não estão para suceder nesta casa hoje! Nada, nada. Diga minha mulher o que quiser, mas se escapo desta, arrumo com os bailes. É o último que eu dou.

PEDRO DA SILVA — Eu queria que o senhor servisse de medianeiro entre mim e Ernesto.

JOSÉ DA CUNHA — Oh! Pois não? O ponto está que ele ceda aos meus rogos.

PEDRO DA SILVA — Deste modo, obsequiamo-nos reciprocamente.

JOSÉ DA CUNHA — Tem muita razão.

PEDRO DA SILVA — Então o senhor fala primeiro?

JOSÉ DA CUNHA — Não. Fale primeiro o senhor.

PEDRO DA SILVA — Mas depois olhe se cumpre o que prometeu.

JOSÉ DA CUNHA — Pois não hei-de cumprir? Essa é boa!

PEDRO DA SILVA — Vamos então a isto. (*Tossindo*): Meus senhores!

ALBERTO (*a Ernesto*) — Ei-los connosco.

PEDRO DA SILVA — Ou antes: Sr. Alberto!

ERNESTO (*a Alberto*) — Ai, é então contigo!

ALBERTO — O Sr. Silva quer-me alguma coisa?

PEDRO DA SILVA — Sim, senhor. O meu amigo José da Cunha contou-me agora tudo o que teve lugar entre ele e o Sr. Alberto. Renhida foi a disputa. E trágico é o fim. Pois ele me disse que tinham resolvido baterem-se à espada.

JOSÉ DA CUNHA (*aparte*) — Está faiando muito bem.

PEDRO DA SILVA — Ora eu, considerando que o Sr. José da Cunha é um homem casado, e que ocupa na sociedade uma posição em que a sisudez e a gravidade são inteiramente necessárias, eu, digo, para obstar às grandes calamidades que deste duelo poderiam provir, tais como a viuvez de uma terna consorte, a inevitável morte do marido ou de um moço cheio de vida, etc, etc, eu, repito, empenho-me para com os senhores para fazerem as pazes, terminando por um aperto de mão uma altercação proveniente de uma leviandade. É este o motivo por que me dirijo ao Sr. Alberto, certo de que se não recuará a ceder aos meus desejos.

JOSÉ DA CUNHA (*aparte*) — Bravo, bravo! Falou divinamente! Que loquela! (*A Pedro da Silva, apertando-lhe disfarçadamente a mão*): Parabéns, parabéns. Andou muito bem.

PEDRO DA SILVA (*a José da Cunha*) — Já estou costumado.

ALBERTO — As palavras que o digníssimo advogado desta cidade o Sr. Pedro da Silva (*Pedro da Silva faz uma cortesia*) me acaba de dirigir seriam suficientes para me aplacarem, ainda que o motivo da minha desinteligência com o Sr. Cunha fosse muito maior do que é. Mas para que desistisse do duelo seria necessário que fosse eu que o tivesse proposto; e, por isso...

JOSÉ DA CUNHA — Ah! mas eu já estou aplacado! Já, já, já estou.

ALBERTO — Então pede-me para que desista do duelo que me propôs?

JOSÉ DA CUNHA — Sim, à vista daquelas razões...

ALBERTO — Mas se isso lhe é custoso, eu estou pronto.

JOSÉ DA CUNHA — Nada, nada. De modo nenhum. Eu com muito gosto faço as pazes.

ALBERTO — Então esquecerei as injúrias que o senhor me dirigiu.

JOSÉ DA CUNHA (*aparte*) — Ora graças a Deus! (*Apertam a mão*).

ERNESTO (*para Pedro*) — Vamos agora, senhor! (*Encaminha-se para a porta*).

JOSÉ DA CUNHA — Esperem, esperem. Eu também tenho a dizer duas palavras ao Sr. Ernesto.

ERNESTO — A mim? Mas que sejam curtas.

JOSÉ DA CUNHA — Eu princípio. (*Aparte*): Quem me dera ter a loquela do meu amigo! (*Alto*): Sr. Ernesto! O meu amigo e senhor, o senhor... (*Aparte*): Mau! Já não vai bem! (*Alto*): Eu torno a principiar. O meu amigo e amo, o Sr.. Pedro da Silva... (*Aparte*,): Agora vai

melhor. *(Alto)*: Disse-me que tinha tido com o Sr. Ernesto uma desavença por causa de um namorico com a sua filha, isto é...

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — Fale em estilo mais elevado.

JOSÉ DA CUNHA *(o mesmo)* — Ah, pois quer? Então lá vai. *(Alto)*: Sim, disse-me que o senhor andava enamorado da sua filha, sua filha dele, Pedro da Silva, e então... *(Aparte)*: Eu já não sei aonde ia. *(Alto)*: e então... e então...

ERNESTO — E então o Sr. Pedro da Silva está arrependido de me ter desafiado e pede-me perdão, não é isto?

JOSÉ DA CUNHA — Justamente.

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — Que diz? Não, diabo!

JOSÉ DA CUNHA — Ai não, não é isso.

ERNESTO *(sorrindo)* — Então que é?

JOSÉ DA CUNHA *(baixo a Pedro)* — Que é? Eu estou muito atrapalhado.

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — O senhor é que pede.

JOSÉ DA CUNHA *(o mesmo)* — Eu?!

PEDRO DA SILVA *(o mesmo)* — Sim, como eu fiz.

JOSÉ DA CUNHA *(o mesmo)* — Ai sim, sim. *(Alto)*: Eu é que peço, porque muito custoso me seria que em minha casa, por uma brincadeira, tivesse lugar uma cena tão desagradável.

ERNESTO — É uma conciliação que o senhor me propõe?

JOSÉ DA CUNHA *(baixo a Pedro da Silva)* — É?

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — É, pois então.

JOSÉ DA CUNHA — É sim, senhor, é isso mesmo.

ERNESTO — Não aceito.

JOSÉ DA CUNHA *(baixo a Pedro da Silva)* — Diz que não aceita.

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — Peça mais. Por causa do senhor é que ele diz aquilo. O seu discurso não prestou para nada!

JOSÉ DA CUNHA *(a Ernesto)* — Mas eu peço-lhe.

ERNESTO — Fui o insultado. Se o Sr. Pedro da Silva quer paz, que a peça ele mesmo. Não preciso de embaixadores.

PEDRO DA SILVA — Eu?! De modo nenhum!

ERNESTO — Então vamos a isto.

PEDRO DA SILVA *(baixo a José da Cunha)* — Então o senhor fica-se? Não diz nada?

JOSÉ DA CUNHA — Mas eu peço, peço muito.

PEDRO DA SILVA *(baixo a Alberto)* — Peça o senhor também.

ALBERTO *(o mesmo)* — Então quer?

PEDRO DA SILVA *(o mesmo)* — Bem vê que tenho uma filha. E depois a minha idade... a minha posição... E demais tenho pena dele.

ALBERTO *(o mesmo)* — Então pedirei.

PEDRO DA SILVA *(o mesmo)* — Faz-me muito favor.

ALBERTO (*a Ernesto*) — Ernesto, o Sr. Cunha tem razão. É uma coisa tão triste...

ERNESTO — Tu também?! Pois já disse! Não cedo!

ALBERTO — Ora! Por quem és!...

ERNESTO — Não!

ALBERTO — Por a nossa amizade!

ERNESTO — Não!

ALBERTO — Ora cede, cede!

ERNESTO — Não, não, não! Sr. Pedro! Acabemos com isto; ou desista o senhor ou então batamo-nos.

JOSÉ DA CUNHA (*a Pedro da Silva*) — Então desista.

ALBERTO — Desista.

PEDRO DA SILVA — Então desistirei.

JOSÉ DA CUNHA — Abracem-se, abracem-se. Graças.

ERNESTO (*aparte*) — Agora vamos tratar de coisas mais sérias. Alguma utilidade se há-de tirar de tudo isto. (*Alto*): Antes de mais nada, eu quero falar. Nós hoje, eu e Alberto, estávamos meio alucinados. Estes bailes de máscaras exaltam os espíritos e dão azo a imprudências desagradáveis.

JOSÉ DA CUNHA — Não, embora a minha mulher diga o contrário. Deixá-la dizer. Este é o último que eu dou.

ERNESTO — Queríamo-nos a todo o pano, meter em cavalarias altas. Num momento de exaltação eu lancei-me aos pés da Sr.<sup>a</sup> D. Eulália.

JOSÉ DA CUNHA — O senhor! O senhor também!

ALBERTO (*baixo para Ernesto*) — Tu que dizes? Não sabes que ele cuida que fui eu?

ERNESTO (*o mesmo*) — Ai, é verdade. (*Alto*): Ou, quero dizer, Alberto. Eu não.

JOSÉ DA CUNHA — Ah! Isso sim. Eu já esqueci tudo.

ERNESTO — Alberto, ou, digo, eu, num outro momento semelhante, abracei sua filha. (*Para Pedro*): Mas inocentemente.

PEDRO DA SILVA — Pois sim.

ERNESTO — Estas acções, que eram em si inocentes, foram mal interpretadas por os senhores. Julgaram-nas criminosas e daí provieram as cenas que entre nós têm havido.

PEDRO DA SILVA — Sim, senhor. Expôs muito bem a história das nossas desinteligências.

ALBERTO (*para Ernesto, baixo*) — Que grande maçada! Acaba com isso!

ERNESTO (*o mesmo*) — Espera. Verás ao que eu quero chegar. (*Alto*): Ora a inocência de Alberto de sobejó está provada, porque, enfim, D. Eulália é uma mulher de juízo, casada com um marido que a ama e é amado. Mas para provar que eu também estou inocente, que foi por uma leviandade que eu pratiquei aquele acto... (*Aparte*): Estou com medo de meter os pés por as mãos. É uma tal embrulhada! (*Alto*): Sim, para provar em como sou desinteressado, vou pedir

uma coisa ao Sr. Pedro da Silva. E vem a ser: que dê sua filha em casamento a Alberto.

PEDRO DA SILVA — Eu?! Agora dou!

ALBERTO (*baixo a Ernesto*) — Assim, assim! Continua! Esta não é má!

ERNESTO — Não dá?

PEDRO DA SILVA — Não.

ERNESTO — Então ao duelo.

PEDRO DA SILVA — Ora o senhor tem lembranças!... Nem o Sr. Alberto está por isso.

ALBERTO — Não, eu... Uma vez que Ernesto quer... eu...

PEDRO DA SILVA — Ora! Nada, nada. Ora! Ora! Que mania!

ERNESTO — Então?

PEDRO DA SILVA — Não, senhor. Isso não tem jeito.

ERNESTO — Pois bem! Vamos! Ao duelo!

PEDRO DA SILVA — Mas eu já lhe perdoei **tudo**. Não **quero** bater-me.

ERNESTO — Mas quero eu.

PEDRO DA SILVA — Mas não quero eu.

ERNESTO — Pois então assassino-o.

PEDRO DA SILVA — Havia de lhe dar agora **para boa!** Nem minha filha quer casar com o Sr. Alberto.

ERNESTO — Pois perguntar-lhe-á e, se ela quiser, casa.

PEDRO DA SILVA — Mas não quer. Se ela deu um abraço ao senhor...

ERNESTO — Mas pergunte-se.

PEDRO DA SILVA — Ora, mas não. Para quê?

ALBERTO (*baixo a José da Cunha*) — Fale também, ande!

JOSÉ DA CUNHA (*o mesmo*) — Está muito enganado. Eu agora não me meto em nada.

ALBERTO (*o mesmo*) — Então retiro a minha palavra e bate-mo-nos.

JOSÉ DA CUNHA (*o mesmo*) — Não que eu falo, eu falo já. Deixe cá ver uma coisa primeiro.

ERNESTO (*para Pedro da Silva*) — Então? Decida-se, homem!

JOSÉ DA CUNHA — Então? Então o melhor é **dizer** que sim.

PEDRO DA SILVA — Não digo que sim. Digo que não, que não e que não.

ERNESTO — Então prepare-se para morrer.

PEDRO DA SILVA — Mas que lhe importa o senhor agora com isto?

ERNESTO — Quero mostrar-lhe a minha inocência.

PEDRO DA SILVA — Mas dessa forma não mostra nada.

ERNESTO — Mostro, sim, senhor.

PEDRO DA SILVA — Não mostra.

ERNESTO — Já lhe disse que mostro.

PEDRO DA SILVA — Está bem, está bem.

ERNESTO — Então que diz?

ALBERTO (*baixo a Pedro da Silva*) — Será melhor dizer que sim para o não exasperar.

JOSÉ DA CUNHA (*o mesmo*) — Diga, diga que sim.

ERNESTO — Ou diga que sim, ou morre.

ALBERTO (*o mesmo*) — Olhe lá o que faz. Ele é muito teimoso.

PEDRO DA SILVA — Assim se mata um homem sem mais nem menos.

ALBERTO — Isso está-se a ver todos os dias.

PEDRO DA SILVA — Mas a justiça?

ALBERTO — A justiça, quando vier, já está morto.

JOSÉ DA CUNHA — O Sr. Silva! Deixe casar sua filha. Ele quer.

PEDRO DA SILVA (*para Alberto*) — Pois será capaz de me matar?

ALBERTO (*para Pedro da Silva*) — Ai, lá isso é. Já não era a primeira morte que fazia.

PEDRO DA SILVA — Ora isto! Quem me mandou meter com ele?! E o senhor quer casar com minha filha?

ALBERTO — Ele quer!...

PEDRO DA SILVA — Mas diga-lhe que não.

ALBERTO — Nada! Eu não se me dá.

PEDRO DA SILVA — O senhor é rico?

ALBERTO — Alguma coisa.

ERNESTO — Não se decide, não?

PEDRO DA SILVA — Decido, decidido.

ERNESTO — Então?

PEDRO DA SILVA — Pois... pois... pois então... sim.

JOSÉ DA CUNHA — Bem! Está salvo! Dê cá um abraço! (*Abraça-o*).

ALBERTO — Vamos lá dentro procurar Virgínia.

PEDRO DA SILVA — Sim, é verdade. Pode ser que ela não queira.

ALBERTO — Parece-me que ela há-de querer.

ERNESTO (*baixo a Alberto*) — Agradece à troca dos dominós o teu casamento.

ALBERTO (*baixo a Ernesto*) — Agradeço-te a ti. Se não fosses tu, nada se fazia.

ERNESTO (*o mesmo*) — Com que me pagarás tudo o que fiz por ti?

ALBERTO (*o mesmo*) — Fazendo-te padrinho do primeiro filho que tiver.

ERNESTO (*o mesmo*) — Obrigado pela fineza.

PEDRO DA SILVA (*a José da Cunha*) — Ai, Sr. José da Cunha! Que infeliz não fui hoje! Não volto aos seus bailes.

JOSÉ DA CUNHA — Ainda que quisesse voltar, não podia, porque, diga minha mulher o que quiser, este é o último baile que dou!

III

OS ANÉIS OU INCONVENIENTES DE AMAR ÀS ESCURAS

(Comédia original em um acto;

*Escrita por Júlio Dinis aos 18 anos (1857)*

PERSONAGENS

Adriano	
D. Francisca	
Pedro	<i>Criado de Adriano</i>
Margarida	<i>Criada de D. Francisca</i>
Um criado da estalagem	

*A cena passa-se na actualidade em uma estalagem do Porto*

## ACTO 1.º E ÚNICO

*O teatro representa uma sala numa hospedaria, portas ao fundo, bem como à direita e à esquerda no 1º e 2.º planos. Uma janela do lado direito no 3º plano. Ao lado da sala uma mesa com jornais, etc, etc.*

### CENA 1.º

ADRIANO (*entrando por a porta do 1.º plano à direita vestido para sair e fumando*) — Que vida tão sensaborona tenho passado no Porto ! Presentemente não há nesta invicta cidade divertimento algum; nem teatros, nem bailes, nem reuniões, finalmente nada em que se possa gastar algum tempo na amável companhia do amável sexo. Viver aqui e num ermitério, vem tudo a dar a mesma coisa. (*Atirando fora o charuto*): De mais a mais os charutos são péssimos e eu sem charutos bons não posso ser feliz. Ai Inverno! Inverno! quem te dera cá outra vez apesar do frio e da chuva. Então sim, então pode-se um homem divertir sem para isso ser preciso sair da cidade e aproximar-se da foz deste melancólico rio Douro. Porém, agora, oh Santo Deus! é isto, de modo que passo dias e dias sem receber uma só carta de namoro, que dantes me entravam em casa aos centos. Se está tudo para a Foz; e eu na Foz não me posso ver muito tempo. Ora pois não há remédio senão conformar-me com os caprichos da estação, que obriga a morrer de aborrecimento as pessoas que vivem na cidade. (*Senta-se*). Verdade é que eu julgo que mesmo aqui na estalagem podia talvez tentar alguma conquista amorosa; pois ali (*apontando para a esquerda*) defronte de mim está uma rapariga que, à falta de outras, poderia servir; porém eu não simpatizo lá muito com ela, por isso prefiro ficar em inacção. Contudo talvez ainda me resolva.

### CENA 2.º

ADRIANO e PEDRO (*entrando por o fundo*)

PEDRO — Ora o Senhor lhe dê muito boas tardes.

ADRIANO — Ah! és tu? Que há de novo?

PEDRO — Nada. Trago umas cartas para o senhor.

ADRIANO — Ai, sim? Ora venham elas. Graças a Deus que cessou o solene silêncio. Vamos a ver o que me dizem. (*Pegando nelas*): Três! só três! Noutro tempo depois de uma tão longa interrupção tinha direito a esperar receber pelo menos uma dúzia de cartas. Paciência, resignemo-nos. (*Abre uma e lê*): «Meu querido Adriano. Beijei a tua última carta na qual me dizias...» — Felizes cartas! O que daria alguém por estar no teu lugar! Eu... palavra de honra, que não dava nada. (*Continua a ler*): «na qual me dizias que os teus maiores desejos eram casar...» — Safa! Os meus maiores desejos eram casar! Essa agora! Eu nem sei como mesmo a mangar tive ânimo para escrever tal heresia. (*Percorre com a vista o resto da carta*): Bem, o resto da carta e todo por este gosto, vamos a outra. (*Abre outra*): «Adriano do meu coração». — Que felicidade para um homem o ser apelidado tão docemente. — «O meu amor não conhece obstáculos — amo-te e muito, muito». — Obrigado, obrigado. — «Porém meu pai não quer que eu fale contigo, se tu não...» — Basta, basta. Já sei pouco mais ou menos quais são as condições que me impõe o papá, não me convém, não me convém. Passemos à última. (*Abrindo a outra carta*): — «Sr. Adriano. A vossa ingratidão é imperdoável, zombastes do meu amor, escarnecesteis dos meus afectos, ludibriasteis a minha paixão...» — E finalmente há oito dias que não passeio de tarde por causa dela; e é por isto que vem aqui todo este palavreado. Estas mulheres são muito exigentes, julgam que não temos mais que fazer. — Que tenha paciência, que sofra e se aborreça que eu faço o mesmo. Bem, não veio mais nada além disto?

PEDRO — Não, senhor.

ADRIANO — Está bom. Vou dar um passeio e ao mesmo tempo passarei por a casa desta jovem Lídia abandonada, para a não desconsolar de todo. (*Sai por o fundo*).

### CENA 3.<sup>1</sup>

PEDRO — Bem diz lá o ditado: — «Dá Deus as nozes a quem não tem dentes». Ora este senhor meu amo que podia ser tão feliz, que está continuamente recebendo cartas amorosas, que podia ter tantos namorados quantos os dias do ano, se há-de aproveitar as boas fortunas que se lhe proporcionam, não senhor, despreza-as e fica muito descansado depois de ter recebido três cartas tão apaixonadas como aquelas. E um pobre diabo como eu, que alimenta no peito uma perfeita adoração por tudo quanto pertence ao sexo frágil, eu a quem a vista de uma mulher faz dar voltas ao miolo e formar mil castelos no ar, eu sou sempre desgraçado e ainda não tentei conquistar mulher nenhuma que não ficasse mal sucedido na empresa. Isto é de desesperar. O que terá meu amo consigo que faz com que todas dêem o cavaco por ele?

Eu não sei. Já há muito que ando pensando numa coisa que se Deus quiser hei-de levar a efeito. Tenho notado que a meu amo basta escrever uma carta amorosa a qualquer mulher, declarando-se seu fiel adorador, para que ela se dê imediatamente por vencida. Ora eu, há quinze dias seguros, que morro de amores por a criada aqui da vizinha, a Sr." D. Francisca. Se eu lhe ousasse declarar a minha paixão, estou certo que ela, mesmo sem saber se eu era ou não digno de ser amado, só por ser um simples criado e ex-cozinheiro, recusaria com indignação o meu amor. Isto de criadas de servir são assim; longe *fie* procurar na sua classe noivos que lhes sirvam, pensam lá não sei em quê e não entregam o seu coração senão a pessoas da mais alta categoria. É por isso mesmo que eu tomei a minha resolução em escrever a Margarida uma caria muito terna, muito apaixonada, declarando-lhe o amor que por ela nutro; porém terei cautela em assinar o nome de meu amo pois se fosse o meu não conseguiria os meus desejos. Estou certo que ela não resistirá, convidá-la-ei para uma entrevista ao anoitecer, vestir-me-ei como meu amo, e depois, como eu sei dizer duas palavras, assim não tivesse servido já seis ou sete deputados, de tal modo lhe falarei, nesta e noutras entrevistas que se lhe seguirem, as quais serão às mesmas horas para eu não ser visto, que por fim a rapariga amar-me-á deveras e então que saiba quem eu sou, não terá dúvida, pois que o amor não conhece obstáculos. O plano é bom e o seu bom êxito é infalível. Vamos lá. Mão à obra. Princípiemos por escrever a carta. Agora digo eu, como dizia um amo meu quando queria fazer algum soneto! «Oh musas, inspirai-me!» E o mais é que se elas me não valem, não sei como me hei-de arranjar. (*Senta-se à direita e principia a escrever*): Ora... vamos lá, vamos, princípiemos. «Senhora». — Não, senhora não. (*Risca*). — «Menina». — Também não, pode ser que ela não goste. (*Risca*). «Caro objecto». — Hum, hum... caro objecto... objecto caro... pode julgar que é por não ser barato e escandalizar-se. Mas que diabo costuma escrever meu amo? — «Virgem do meu amor». Isso não sabe ela o que é. — «Meu ideal» — meu ideal, que diabo quererá dizer meu ideal? — Eu sei! Não vá ser alguma asneira. — «Meu bem». Isto não é lá muito bonito, mas tenho notado que as mulheres não desgostam deste nome. Vá lá. — «Meu bem». (*Escreve*): «Quem vos vir, decerto vos ama, eu vi-vos, logo...». Isto é assim, é lógico, são ainda recordações daqueles tempos em que eu servi um amo, cujo forte era tirar conclusões como estas, chamava-lhe ele um silogismo, não sei se e nem se não. Porém estas coisas não são próprias para cartas de namoro, as quais para serem bem feitas deve-se nelas atropelar a lógica, a gramática e o senso comum, isto ouvi eu dizer a um gazetilheiro de quem fui criado e que me pregou um calote, como nenhum depois me pregou. — Nada, não deve principiar assim. — (*Risca e depois escreve*): — «O sal das vossas palavras junto ao vosso apimentado...». Oh diabo! Que ia eu escrever? Só por estas palavras ela conheceria que eu fui já cozinheiro. (*Risca*). Princípiemos outra vez. (*Olhando dentro*): Vem

gente para aqui. Deixa-me ir para o meu quarto e lá em sossego acabarei esta carta, (*Sai por a porta do 2.º plano à direita*).

CENA 4. •

D. FRANCISCA e MARGARIDA (*entrando por o fundo*)

D. FRANCISCA — Eu bem te dizia que o paquete não havia chegado.

MARGARIDA — Pois sim, minha senhora, mas então?...

D. FRANCISCA — Sabes tu que mais? Eu não tenho vontade nenhuma de receber carta de meu irmão. Estou certa que ele me manda ir para o Brasil e eu dou-me perfeitamente no Porto.

MARGARIDA — Pois sim, mas seu mano provavelmente faz tentação de lhe arranjar lá um bom casamento.

D. FRANCISCA — E é isso exactamente o que eu não quero. Quando me casar há-de ser por amor e não por interesse.

MARGARIDA — Isso diz a senhora agora, mas oferecendo-se-lhe a ocasião...

D. FRANCISCA — Digo e direi sempre. Não sou mulher que me escravize aos caprichos de um senhor. Livre nasci e portanto livre quero viver.

MARGARIDA — Ele a falar a verdade sempre era melhor, mas...

D. FRANCISCA — Mas o quê?

MARGARIDA — Mas o dinheiro...

D. FRANCISCA — O dinheiro! Eu abomino e desprezo esse tirano do género humano, esse monstro de perversidades, esse factor de enormes crimes. Não me seduzirá a mim. Serei rebelde a esse despotismo que hoje avassala a humanidade inteira.

MARGARIDA — Ora queira Deus que a senhora em breve se não deslique dos seus propósitos.

D. FRANCISCA — Não tenho medo. Costumo meditar antes de falar, por isso não caio em contradições.

MARGARIDA — Ninguém pode dizer: — «Eu desta água não beberei», a gente está no mundo...

D. FRANCISCA — Só os espíritos vulgares pensam desse modo. — Por isso nunca se elevam às altas regiões do idealismo. A vida para eles é inteiramente positiva e fria — os sentimentos nobres lhes são desconhecidos. Não vivem, que viver não é seguir a monótona marcha das turbas e fazer coro com ela. — Os que, como eu, divagam por regiões imagináveis, os que desprezam as vozes do mundo e zombam da sociedade, esses sim, esses é que são dignos de viver.

MARGARIDA (*aparte*) — Esta minha ama fala que nem um letrado. — Até às vezes ninguém a entende.

D. FRANCISCA — Margarida.

MARGARIDA — Minha senhora,

D. FRANCISCA — Que estás para aí a dizer?

MARGARIDA — Nada. Estava cá a malucar comigo mesma.

D. FRANCISCA — Malucar! — Quando hás-de tu falar como gente civilizada? Baldados são os esforços que eu faço para cultivar a tua inteligência. Já vejo que é terreno maninho e estéril.

MARGARIDA (*aparte*) — Sempre chama cada nome à gente. (*Alto*): A senhora quer que lhe mande vir o chá?

D. FRANCISCA (*emendando*) — Que lhe mande servir o chá! Não, por ora.

MARGARIDA — Mas para que hei-de eu estar a dizer coisas que me não chegam à língua? Cá a gente fala *consante* lho ensinaram.

D. FRANCISCA — Consoante! Quantas vezes queres que te diga que *consante* é uma palavra que nunca se deve empregar. É uma palavra abominável.

MARGARIDA — Isso lá é entre senhoras. Mas nós nas nossas conversas falamos *consante* podemos.

D. FRANCISCA — Consoante! Outra vez.

MARGARIDA — Ai, perdão. Eu não torno a dizer. A gente às vezes... é *consan...* ai, é...

D. FRANCISCA — Cala-te, cala-te. Tens-me atormentado suficientemente com as tuas palavras. — (*Senta-se à esquerda*). Tira-me este chapéu e o mantelete.

C E N A 5 .

D. FRANCISCA, MARGARIDA e PEDRO (*entrando do 2.º plano à direita sem ser visto por elas, com uma carta na mão*)

PEDRO — Ai elas cá estão, se eu pudesse sem ser visto introduzir-lhe a minha carta no quarto. (*Caminha para a porta do 2.º plano à esquerda*).

MARGARIDA (*tirando o chapéu de D. Francisca*) — Ora eu não sabia que a senhora gostava tanto do Porto.

D. FRANCISCA — Sinto por esta cidade heróica uma profunda simpatia. Talvez por ela ser tão amante da liberdade como eu.

MARGARIDA (*tirando-lha o mantelete e sorrindo*) — Só por isso?

D. FRANCISCA — Pois porque mais?

MARGARIDA — Eu sei lá.

D. FRANCISCA — Então porque me diriges tu essas palavras?

MARGARIDA — Eu? Porque me parecia que a senhora tinha mais algumas razões para gostar do Porto.

PEDRO (*chegado ao quarto de Margarida*) — Cá estou. Agora vamos, carta dentro. (*põe a carta por debaixo da porta*).

D. FRANCISCA — Então quais são essas razões, não me dirás?

MARGARIDA — Parecia-me que a senhora não desgostava do nosso vizinho, o Sr. Adriano.

D. FRANCISCA — Eu?! E porquê?

MARGARIDA — Porque me parecia que não desgostava dele.

D. FRANCISCA — Petição de princípios. Isso não é razão. Quero saber porque julgas tu semelhante coisa.

MARGARIDA — Porque... porque... porque me parecia.

D. FRANCISCA — Pois enganas-te. Esse homem nunca possuirá o meu amor. (*Levanta-se e sai por a primeira porta da esquerda*).

MARGARIDA — Que rompante foi este? Agora é que eu acredito que ela está apaixonada! Também não admira, que lindo rapaz é ele. (*Sai por a segunda porta da esquerda*).

CENA 6. •

PEDRO (*só*) — Bom. Ela lá entrou para o quarto. Parece-me que a carta ficou bem à vista. Decerto a encontrou. Ela é curta, por isso em breve ficará ciente do que eu lhe peço. Mas, virá ela? Oh! Pudera! Lá isso vem, às trindades com certeza cá está. Não, o pior não é isso. Na primeira parte do meu plano confio eu. O pior é se depois, sabendo quem eu sou, ela toma o freio nos dentes e boas noites; mas por isso eu não lhe hei-de declarar o meu nome senão quando estiver certo do seu amor. Embora isso leve muito tempo, oito, quinze dias, um mês. Contanto que ela todos os dias, às mesmas horas, aqui venha ter comigo, o mais não tem dúvida. Dir-lhe-ei que não convém que de dia nos vejam conversando, nem que sinal algum mostre aos olhos do mundo o nosso amor e dessa forma evitarei que ela vá de dia ter com meu amo e desarranjar todo este meu plano. Oh! amor, amor, quantas cabeças não perdes tu? Quem diria vendome dantes tão sossegado, tão metido comigo, o que eu havia de fazer por tua causa? Bem dizia um amo meu que me parece tinha sido ferido por este deus, apesar dos seus oitenta anos — que o amor tornava velhos as crianças e crianças os velhos.

CENA 7

PEDRO e ADRIANO (*entrando por o fundo*)

ADRIANO — Veio alguém procurar-me?

PEDRO — Não, senhor.

ADRIANO — E cartas? Chegaram algumas?

PEDRO — Nada, não, senhor.

ADRIANO (*sentando-se*) — Que insipidez! A tal senhora esquentou-se deveras. Estava à janela e quando me viu retirou-se para dentro e fechou-a. E aqui estou eu presentemente sem namoro algum sério. Nada, isto não tem jeito. Agora é que eu reconheço a verdade de um dito de uma rapariga que noutro tempo namorei. Uma pessoa, dizia ela, precisa de ter mais que um namoro pela mesma razão que um navio' necessita de mais que uma âncora para, caso uma quebre, a

outra o conservar na sua posição e não o deixar ir por a água abaixo. Efectivamente assim é. É verdade que ainda me restam umas duas ou três com quem não rompi de todo, mas que me enfastiam horrivelmente. Preciso de um namoro novo. Mas com quem?

PEDRO — Parece que o senhor não veio muito contente de fora?

ADRIANO — Deixa-me.

PEDRO (*aparte*) — Que diabo terá ele? (*Alto*): Oh senhor meu amo!

ADRIANO — Deixa-me, já to disse.

PEDRO — Mas...

ADRIANO — Deixa-me, com os diabos!

PEDRO (*aparte*) — Pois fica-te com os diabos. (*Sai por a segunda porta da direita*).

CENA 8.

ADRIANO (*só*) — Afinal de contas parece-me que a mulher com quem nas circunstâncias actuais posso contrair um namoro mais sério, é aqui a vizinha do quarto da esquerda. Ela não deixa de ter alguma beleza, não é estúpida, e de mais a mais é um namoro cômodo, escuso de sair de casa. Decididamente vou lançar mãos à obra. Mas como? Por algumas conversas que lhe ouvi e por a grande quantidade de livros que tenho visto entrar para o seu quarto, deve ser uma mulher muito romântica, portanto com mais facilidade conseguirei os meus fins, se romanticamente principiar. Vou escrever-lhe uma carta, que eu farei o mais poética que possa e depois lançar-lha-ei por baixo da porta, fica isto tendo assim um tanto ou quanto de misterioso que lhe deve forçosamente agradar. Bem lembrado. Vou tratar de a escrever. (*Sai por a primeira porta à direita*).

CENA 9.

MARGARIDA (*saindo do seu quarto com uma carta na mão*) — Quê! Será possível! Custa-me a acreditar. Pois o Sr. Adriano apaixonar-se-ia tanto por mim! E eu que não tinha reparado! Até me parecia que ele nem para mim olhava! Pobre rapaz! Está doido de todo. Dizer que se eu o não quiser ouvir se vai lançar da ponte abaixo! E já não era o primeiro que o fazia. Eu tenho medo que ele faça por aí alguma loucura. O amor cega estes rapazes, por isso é que eu hei-de fazer o que me pede na carta, se não fosse isso... Mas também, coitado, pouco exige, só quer que eu venha aqui logo ter com ele, ouvir da sua boca a confissão do amor que por mim nutre. Hei-de recusar-lho? Não. Seria ingratidão.

D. FRANCISCA (*dentro*) — Margarida.

MARGARIDA — Minha senhora.

D. FRANCISCA (*idem*) — Venha cá.

MARGARIDA — Lá vou já, minha senhora. E depois quem sabe? Pode ser que eu ainda venha a casar com ele. Tem-se visto casamen-

tos mais desiguais. Quantas fidalgas não há por aí que, nos seus princípios, foram bem menos do que eu e que casaram com homens que eram bem mais do que o Sr. Adriano. Às vezes em qualquer coisa está a fortuna. Sempre é bom tentar. Eu não sou feia, pelo menos assim me dizem todos e eu acredito, porque não há-de então o Sr. Adriano querer-me por mulher? Olhem a grande coisa!

D. FRANCISCA (*dentro*) — Margarida.

MARGARIDA — Minha senhora.

D. FRANCISCA (*idem*) — Então?...

MARGARIDA — Lá vou, lá vou já. Só em arrumar-lhe o quarto e os vestidos levo perto de meia hora. Vamos, vamos, antes que se faça tarde para a entrevista. (*Sai*).

CENA 10.-

ADRIANO (*saindo do quarto com uma carta na mão*) — Esta carta forçosamente há-de excitar-lhe interesse. O seu laconismo e as palavras misteriosas de que está cheia, é para uma mulher romântica como ela, bastante para a obrigar a aceitar o convite que nela lhe faço. Eu tenho muita prática nestas coisas. Sei perfeitamente que o mais das vezes, a felicidade de um homem nesta classe de negócios depende do primeiro passo que se dá para conseguir o fim. Os rapazes, de ordinário, quando querem conquistar uma mulher tratam imediatamente de lhe escrever uma carta sem lhe importar conhecer o coração dessa mulher. Uma carta redigida de um mesmo modo serve para todas. De onde resulta o serem eles poucas vezes bem sucedidos. Eu, não. Se, por exemplo, pretendo namorar uma beata, princípio a minha carta dizendo-lhe que a primeira vez que a encontrei foi ou na missa ou no sermão ou na novena, conforme. Já ela fica com uma boa opinião a meu respeito. Depois digo-lhe que o meu amor é tão inocente, tão respeitoso, que dar-me-ia por satisfeito se a visse uma vez por dia, se a ouvisse falar e... mais nada. Depois conto-lhe tudo o que por ela tenho feito, digo-lhe que já prometi três velas de cera ao Senhor de Matosinhos, umas flores artificiais a Santo António dos Congregados e um quartilho de azeite para a lâmpada da Senhora das Dores, se por acaso ela sentisse por mim a mesma amizade que por ela sinto. Finalmente termino a carta desejando-lhe muita saúde e que todos os santos e santas a acompanhem na vida e na morte. Uma carta como esta cativa todas as beatas.

Se ela é mulher política então princípio logo por lhe dizer que a minha paixão é tal que numa reunião que tive numa sociedade secreta, isto se ela é da oposição, senão num jantar em casa do meu tio ministro, todos notaram a minha preocupação que até já os chefes do partido a que pertenço principiaram a retirar a confiança absoluta que em mim depositavam; e que por causa dela me vejo pois obrigado talvez a renunciar a uma brilhante posição, pois que sem o seu amor

não posso ser útil aos meus confrades políticos. A estas fala-se-lhes no fim em casamento, porque depois de verem um rapaz com tantos predicados, ambicionarão desposá-lo para com mais facilidade satisfazerm a sua ambição. Obrando deste modo fico certo que conquistei uma mulher política.

Se ela frequenta a sociedade, se é mulher da moda, então o caso é diverso. Digo-lhe que foi no teatro italiano aonde a vi pela primeira vez, que durante uma noite inteira fora o alvo das minhas vistos, que o meu binóculo continuamente era dirigido para o camarote aonde ela estava e isto a ponto de todos os meus amigos o notarem e que até me constou que a condessa de Tal, vendo que eu a esquecera completamente, está já muito impacientada, que a menina Fulana, filha do barão de Tal, amarrotava de raiva as rendas do vestido, que o visconde Fulano se agitava na cadeira vendo quase a fugir-lhe o casamento tão desejado de sua filha mais velha, e a rica viúva de Tal derramava de desespero abundantes lágrimas, etc, etc. E assim para as outras.

Agora para a presente ocasião uma carta como esta, escrita a uma mulher romântica, na qual lhe digo que desejava conversar com ela ao anotecer, às horas em que o rouxinol modula os seus saudosos cantos e em que uma luz tibíia vem dourar as cumeadas da serra, uma carta em que lhe digo que um segredo, que só mais tarde lhe revelarei, me não deixa falar-lhe de dia, deve ter todo o efeito desejado. Vá ao seu destino. (*Atira a carta por baixo da porta do quarto de D. Francisca*). Bem, agora deixar correr as coisas... E o mais é que daqui a pouco são horas; em breve verei realizados os meus desejos. (*Sai por a direita — 1º plano*).

## CENA 11.-

PEDRO (*com um robe de chambre e boné de Adriano, entra por a porta do 2.º plano à direita*) — Eis-me no meu posto. Ainda não chegou a minha bela Margarida. Ora Deus queira que ninguém nos desarranje nos nossos doces colóquios. Meu amo está agora metido no quarto, decerto não vem cá para fora. É célebre! Estou a tremer como se corresse algum risco. Lembrei-me agora o que dizia um amo meu, que era coronel: um militar, por mais valente que fosse, tremia sempre no princípio de um combate. O que vale é que a rapariga ainda não falou com meu amo e portanto pode com facilidade confundir-se. Contudo sempre será bom aumentar um pouco mais a obscuridade desta sala. (*Fecha mais a janela*). — Assim — este robe de chambre e este boné bastam para me disfarçar completamente. E eu ajeito-me bem com eles. Ora pois há um mês que sirvo o Sr. Adriano. Pudera não ter tirado alguma utilidade! Também é este o amo que por mais tempo tenho servido. E ele merece-o, não é esquisito, nem lhe importa saber se a carne está mais cara ou não. Se não fosse por causa deste

meu amor, eu já o tinha persuadido para que saíssemos da estalagem, pois que aqui não posso com tanta facilidade fazer as minhas economias. Mas então! As paixões a muito obrigam. Bem dizia uma ama que eu tive, a quem servi quinze dias: que o amor era capaz de tornar desinteressado um criado de servir. Efectivamente está isso sucedendo comigo, que eu também nunca fui muito amigo de prejucicar meus amos; só nas compras é que eu lucrava alguma coisa, mas pouco; 5 réis aqui, um vintém ali, um pataco acolá, e mais nada. (*Abre-se a porta do quarto de D. Francisca*). Olá, ei-la, mas não. Aquele é o quarto da Sr." D. Francisca... ai, sim, sim, é isso, provavelmente ela foi deitar a ama para estar mais descansada. Ah! mulheres, mulheres! Bem dizia um velho que eu servi, grande entusiasta do sexo fraco: «só as mulheres são verdadeiramente previdentes, previdentes para que nada obste ao seu amor». — E é verdade.

## CENA 12.

PEDRO e D. FRANCISCA (*saindo do quarto da esquerda. — Advirta-se que os actores nos diálogos seguintes devem falar em meia voz, fingindo que os de um grupo não ouvem as palavras dos do outro*)

D. FRANCISCA (*aparte*) — Tão escuro! Receio ir mais adiante.  
PEDRO (*idem*) — Efectivamente é ela.

D. FRANCISCA (*idem*) — Será cedo ainda?

PEDRO (*idem*) — Parece que tem medo. Vamos lá. Animemo-la!

D. FRANCISCA (*idem*) — Pobre mancebo, parece amar-me extremosamente. As suas palavras são tão ternas.

PEDRO (*idem*) — Se eu lhe não falo, ficamos nisto.

D. FRANCISCA (*idem*) — Ai! mas ali está um vulto, será ele?

PEDRO — Quem anda aí?

D. FRANCISCA — Sois vós?

PEDRO — Eu, quem?

D. FRANCISCA — Sois vós, Sr. Adriano?

PEDRO (*aparte*) — É ela, é. (*Alto*): Eu, eu mesmo.

D. FRANCISCA (*caminhando para ele*) — Disseste-me que me queríeis falar.

PEDRO — Para vos declarar o amor que por vós sinto.

D. FRANCISCA — Mas para que tão ocultamente? O que receais?

PEDRO (*aparte*) — A falar a verdade, não sei o que lhe hei-de dizer. (*Alto*): Sim... é... porque...

D. FRANCISCA — É um segredo?

PEDRO — É, é um segredo.

D. FRANCISCA — Sois perseguido?

PEDRO (*aparte*) — Curiosa como todas as mulheres!

D. FRANCISCA — Perdoai. Eu não devo pretender que me revê-

leis um segredo que parece tão importante, logo à primeira vez que comigo falais, mas dizei-me, posso-vos servir de alguma coisa?

PEDRO — Ó minha rica, podeis servir-me de muito. Se me amardes, se corresponderdes à paixão que nutro por vós com outra paixão igual. Olha, minha flor, eu amo-te muito, mais do que tu podes imaginar.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que linguagem!

PEDRO — Sabes tu uma coisa? Eu gostei sempre de mulheres, dou o cavaco por uns olhos como os teus.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Nem parece o mesmo que me escreveu aquela carta, tão simples mas tão expressiva.

PEDRO — Eu sou um simples... (*Aparte*): Oh diabo! ia dizendo quem era; o amor faz-me perder a cabeça, é preciso falar com mais cautela; quando não, ela desconfia.

D. FRANCISCA (*aparte*) — E ficou-se. Ora isto! Confessa que é um simples!

PEDRO (*aparte*) — Cautela, cautela. Ela está meia desconfiada, agora linguagem mais elevada como oíço a meu amo. (*Alto*): Astro das minhas noites!

D. FRANCISCA (*aparte*) — O quê? Está feito, agora ainda vá, mas podia ser melhor.

PEDRO — Mulher, anjo ou demónio.

D. FRANCISCA — Que dizeis?!

PEDRO — O que digo? Eu sei cá o que digo; olha, rapa... (*Aparte*): Mau, ela não há-de gostar que eu lhe chame rapariga.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que homem tão original! Que quererá dizer isto?!

PEDRO — Tu não falas?

D. FRANCISCA — Senhor, eu não posso consentir que...

PEDRO — Ora diz-me, tu amas-me?

D. FRANCISCA — Senhor! Que me perguntais?

PEDRO (*aparte*) — Ela será mouca? (*Alto, elevando a voz*): Se tu me amas?

D. FRANCISCA (*aparte*) — Tu! Que homem tão grosseiro! Pois não parecia.

PEDRO (*aparte*) — É mouca, ó, coitada! Não responde... (*Muito alto*): Responde.

D. FRANCISCA — Senhor!

PEDRO — Diabos te levem! (*Muito alto*): Pergunto eu se tu me amas?

D. FRANCISCA — Tratais uma dama bem grosseiramente.

PEDRO (*aparte*) — Bravo! Olhem como a menina se exalta. Ora já viram?!

D. FRANCISCA — Não vos devia ouvir mais uma palavra.

PEDRO — Ora essa! Então porquê?

D. FRANCISCA — Esses modos com que mé tratais...

PEDRO — Que tem? Eu sou assim. Por fora muito duro, mas por dentro uma perfeita pomba sem fel.

D. FRANCISCA (*aparte*) — A sua conversa não tem poesia nenhuma. Enganei-me. Não é este o homem que me convém. Pois é pena.

PEDRO — Não me dizes nada?

D. FRANCISCA — Adeus, senhor.

PEDRO — Vais-te embora?

D. FRANCISCA — Vou.

PEDRO — Então não me amas?

D. FRANCISCA — Não.

PEDRO — Mas porquê?

D. FRANCISCA — Porque sois um desalmado. Atraís-me com palavras doces e poéticas e quando estais ante mim não dizeis senão sensaborias, não saís da baixa prosa, nem subis às poéticas regiões do idealismo.

PEDRO (*aparte*) — Com os diabos! Eu não sabia que esta rapariga estava tão adiantada. Deixa estar que eu já a contento. (*Alto*): Astro que me alumias, meiga virgem que conheci nos meus sonhos de rapaz.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Veia poética tem ele, mas está pouco cultivada.

PEDRO — Tu só me dás contentamento, tu só me iluminas a alma.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Esta imagem não é feia.

PEDRO — As trevas do meu coração rompem-se, mal o teu nome soa aos meus ouvidos. A tua voz é mais bela que o cantar dos anjos. (*Aparte*): Será, será, não duvido, mas com certeza não o digo. (*Alto*): Os teus olhos são dois astros que... que... brilham, brilham que mais não.

D. FRANCISCA (*aparte*) — O estilo é sofrível.

PEDRO — Tua cara... (*Aparte*): Oh diabo, cara não é bonito! (*Alto*): Teu rosto é mais lindo do que a linda cara ou... lindo rosto da Lua. Os teus cabelos são mais negros do que um carvão.

D. FRANCISCA — Meus cabelos são negros! Que dizeis?!

PEDRO — Ou brancos, brancos.

D. FRANCISCA — Senhor!

PEDRO (*aparte*) — Eu estou tolo, olhem o que eu fui dizer! Mas de que cor são os cabelos? São pretos, são. (*Alto*): São pretos.

D. FRANCISCA — Pretos?! Então foi assim que reparastes nos meus cabelos? Não serão castanhos?

PEDRO — Ai são, são. (*Aparte*): Eu parece-me que não. (*Alto*): São, são castanhos e tão belos, oh! tão belos! E agora amas-me?

D. FRANCISCA — Oh! sim, sim, amo-te.

PEDRO — Dá-me então um abraço.

D. FRANCISCA — Como prova do meu amor recebe este anel,

seja ele a testemunha dos meus juramentos. Prometo ser tua, só tua e de mais ninguém. Ou tua ou da tumba.

PEDRO (*aparte*) — Bravo, bravo, agora sim, agora é que eu sou feliz! É preciso dar-lhe também um anel; eu tenho este aqui, mas o pior é que ele não é lá muito bom. É até de latão. (*Alto*): Meu bem, também queria dar-te uma prova do meu amor; tenho aqui um anel mas ele não é lá grande coisa.

D. FRANCISCA — Oh! embora. É teu, é quanto basta para ter valor.

PEDRO — Que boa rapariga! Então pega lá. (*Dá-lhe o anel*). Prometes ser sempre muito minha amiga?

D. FRANCISCA — Hei-de amar-te até à morte.

PEDRO — E hás-de casar comigo?

D. FRANCISCA — Prometo ser tua esposa.

PEDRO — Bonito.

CENA 13.-

PEDRO, D. FRANCISCA e ADRIANO (*saindo do quarto*)

ADRIANO — São horas.

PEDRO (*a D. Francisca*) — Olha, eu heide tratar-te sempre muito bem. Tu querendo podes fazer de mim tudo o que quiseres. (*Aparte*): Não tudo, isso lá mais devagar.

D. FRANCISCA — Oh! Diz outra vez que me amas.

PEDRO — Eu amo-te.

ADRIANO — Não se vê nada aqui. Se a Sr." D. Francisca viesse vindo é que me faria muito favor.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Outra vez. Di-lo outra vez.

PEDRO — Amo-te.

D. FRANCISCA — Mais outra, ainda mais outra.

PEDRO — Eu amo-te, eu amo-te. Agora diz tu também.

D. FRANCISCA — Oh! Sim, eu amo-te muito.

ADRIANO — Parece-me que oiço barulho. Será ela?

CENA 14'

ADRIANO (*caminhando para a esquerda*); D. FRANCISCA e PEDRO (*à boca de cena, este à esquerda*); MARGARIDA (*saindo do seu quarto e caminhando para a direita*)

PEDRO (*a D. Francisca*) — Di-lo outra vez também. Anda!

D. FRANCISCA — Oh! Eu amo-te.

MARGARIDA — Já cá estará?

ADRIANO — Quem sabe se ela virá?

PEDRO — Eu nem sei como posso com tanta felicidade!

MARGARIDA (*elevando um pouco a voz*) — Está aí?

PEDRO (*julgando que é D. Francisca*) — Estou, estou — pois tu aonde estas?

D. FRANCISCA — Aqui.

PEDRO — Pareceu-me que falaste dai.

ADRIANO (*o mesmo que Margarida*) — Meu anjo!

D. FRANCISCA (*julgando que é Pedro*) — Que queres?

PEDRO — Eu não quero nada.

D. FRANCISCA — Não chamaste?

PEDRO — Não.

MARGARIDA — Senhor!

PEDRO (*o mesmo que acima*) — Que queres? Trata-me por tu.

D. FRANCISCA — Tu que dizes?

PEDRO — O que me queres?

D. FRANCISCA — Eu? Nada.

PEDRO — Pareceu-me. Julgo que é de contentamento. Parece-me que estou a ouvir a tua voz a cada instante.

MARGARIDA e ADRIANO (*encontrando-se*) — Ah!

PEDRO e D. FRANCISCA (*o mesmo ao outro*) — Que é?

PEDRO e D. FRANCISCA (*idem*) — Nada.

PEDRO — Pareceu-me que...

D. FRANCISCA — Também a mim. Foi ilusão.

ADRIANO (*a Margarida, à esquerda*) — Até que finalmente vos encontro! Ansioso esperava o momento de poder de viva voz confessar-vos o amor profundo, o amor sem limites que por vós nutro.

MARGARIDA — Senhor, eu sou uma pobre rapariga. Não sei se vos devo acreditar.

ADRIANO — Uma pobre rapariga! Sois a rainha das mulheres, um ente que excede as mesmas poéticas virgens que imaginamos na mocidade.

PEDRO (*da direita, a D. Francisca*) — Olha, eu gosto mais de ti do que de mim. Vês tu?

D. FRANCISCA (*aparte*) — As vezes cai das alturas de poético e imaginário na prosaica realidade e positivismo estúpido. Mas por isso o amo; gosto destes contrastes reunidos; é como a natureza, que entre belezas sem conto tem também pântanos imundos, grandes penedias, medonhos abismos; gosto deste claro-escuro. A prosa misturada à poesia faz com que esta realce muito mais.

MARGARIDA (*do outro lado, a Adriano*) — Mas então ama-me muito? E há quanto tempo?

ADRIANO — Desde que a vi pela primeira vez. Os vossos olhos têm um fogo latente que inflama os corações. As vossas palavras...

MARGARIDA — Isso diz o senhor agora. Mas estou certa que não é o que pensa.

ADRIANO (*aparte*) — Com os diabos, ela não é tão romântica como eu imaginava! Estes receios são até muito prosaicos.

PEDRO (*a D. Francisca*) — Olha, sabes tu que mais? Eu não sei

o que hei-de dizer. Antes de te ver tinha tantas coisas na cabeça, que julguei não seria suficiente um dia inteiro para as dizer todas, mas agora fugiram.

D. FRANCISCA — Não importa, o silêncio é tão expressivo!

PEDRO — Nem por isso. Diz alguma coisa.

D. FRANCISCA — Oh! cala-te.

ADRIANO (*a Margarida*) — Visto isso não acredita em mim, julga-me um impostor?

MARGARIDA — Oh! eu não digo isso. Mas a gente vê coisas.

ADRIANO (*aparte*) — Que diabo de linguagem! Esta mulher é um enigma. (*Alto*): Meu anjo, a minha vida tem sido árida como os áridos desertos da Arábia — nem uma flor risonha quebra a sua monotonia; lágrimas, se as havia, eram absorvidas como as gotas da chuva no imenso areal e nem sequer ficava o vestígio delas; minha alma jazia em trevas; tu, permite-me este doce tratamento, tu foste o sopro vivificador que fertilizou o deserto, a meiga luz que vai romper as trevas da minha alma; a mais mimosa flor dos jardins da vida nasceu e cresceu no meu coração; o amor, esse...

MARGARIDA (*interrompendo-o*) — Com licença. Isso é muito bonito, mas eu não o entendo. Falemos mais claro. O senhor quer casar comigo?

ADRIANO (*aparte*) — Oh! mais uma decepção. Mulher, mulher, murchaste a última crença que ainda me restava. Estou céptico.

MARGARIDA — Sim, porque eu não estou para perder o meu tempo inutilmente. Namorar sem ser para casamento, não entendo.

ADRIANO (*aparte*) — Parece impossível que seja esta a mulher que eu julgava tão romântica. Talvez isto seja de propósito para se divertir, desfrutando-me.

PEDRO (*a D. Francisca*) — Então ficaste para aí tão calada?

D. FRANCISCA — O silêncio, o silêncio diz muito:

Eu antes quero  
Muda expressão;  
Os lábios mentem  
Os olhos não.

PEDRO (*a D. Francisca*)' — Pois sim. Mas agora nem os lábios nem os olhos. E isso é que não tem graça nenhuma!

MARGARIDA (*a Adriano*) — Então, senhor? Fica-se calado? Bem o adivinhava eu.

ADRIANO — Minha senhora, não queira enganar-me. Eu conheço-a há tempo bastante para a ter estudado... Sei que não é esse o seu génio. Mal ficam na sua boca palavras como essas.

MARGARIDA — Que têm elas? O senhor é que me queria enganar Adeus.

ADRIANO (*aparte*) — É original. Veremos aonde ela quer chegar. (*Alto*): Enganá-la eu? Não diga isso, minha senhora. Pergunta-me se

quero chamar-lhe minha esposa, se pretendo obter essa mão. Isso é uma pergunta escusada. Pois que mais desejo eu? Que mais pode desejar um homem neste mundo? Possuir o anjo da felicidade.

MARGARIDA — Mas fale-me claro. Ora diga-me. V. Mercê está pelo que eu lhe disser?

ADRIANO (*aparte*) — Ora isto! V. Mercê! Estou desesperado!

PEDRO (*idem*) — Já estou aborrecido. (*Alto a D. Francisca, bocejando*): Pois é verdade.

D. FRANCISCA — Não te parece ouvir melodias tão suaves?

PEDRO (*escutando*) — Eu não oíço nada.

MARGARIDA (*a Adriano*) — Responda. Há-de fazer o que eu lhe disser?

ADRIANO — Pois sim... sim... eu...

MARGARIDA — Bem. Tem aí um anel?

ADRIANO — Tenho.

MARGARIDA — Dê-mo cá.

ADRIANO (*dando-lhe o anel*) — Para quê?

MARGARIDA (*dando-lhe outro*) — Pegue lá este.

PEDRO (*bocejando*) — Pois sim senhora.

D. FRANCISCA — Não perturbes este silêncio arrebatador.

PEDRO (*aparte*) — Esta rapariga é aluada.

ADRIANO (*elevando um pouco a voz*) — Mas para que são estes anéis?

PEDRO (*ouvindo-o*) — Hem?!

D. FRANCISCA — Tu que dizes?

PEDRO — Que me perguntavas?

D. FRANCISCA — Eu, nada.

PEDRO — Agora fui eu que ouvi, mas não era melodioso...

MARGARIDA (*a Adriano*) — Estes anéis são testemunhos do nosso amor. Não nos deixarão faltar à fé jurada.

ADRIANO (*aparte*) — É o bocado mais bonito que até agora me tem dito. (*Alto*): Pois sim, não seriam eles necessários porque eu hei-de-te amar sempre até à morte.

PEDRO (*a D. Francisca*) — Ora sabes tu que mais? Vou-me embora.

D. FRANCISCA — Já?

PEDRO — Pudera, pois quando?

D. FRANCISCA — Ingrato! Então já me abandonas?

PEDRO — Pois tu estás para aí mona.

D. FRANCISCA — Que palavras! Não sabes modificar essa linguagem?

PEDRO — Ora deixa-te de modificações.

D. FRANCISCA — Senhor!

PEDRO — Que é?

D. FRANCISCA — Sois muito atrevido!

PEDRO — Que quer dizer isso?

D. FRANCISCA — Já vos não amo.

PEDRO — Fazes mal. Ora ouve. (*Fala-lhe baixo*).

MARGARIDA (*a Adriano*) — Amanhã de manhã há-de cá vir visitar-me um primo meu. E então digo-lhe tudo.

ADRIANO (*aparte*) — Mau, isso agora é mais sério.

MARGARIDA — V. Mercê há-de-lhe falar, sim?

ADRIANO (*aparte*) — Não tenho mais que fazer. Ora esta!

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Que desculpas tão ridículas! Sois um perverso; não, não vos amo.

PEDRO — Oh! mulher, ouve-me, com os diabos! (*Agarra-lhe no braço*).

D. FRANCISCA — Deixa-me, senão grito.

PEDRO — Oh diabo! Cala-te que está ali...

D. FRANCISCA — Quem?!

PEDRO — Meu... criado.

MARGARIDA (*a Adriano*) — Não responde é porque não vai.

ADRIANO — Não, não é por isso.

MARGARIDA — É sim, é.

ADRIANO — Não é.

MARGARIDA — É, é.

ADRIANO — Ora isto! Não é.

MARGARIDA — Psiu! Fale baixo que podem ouvir-nos.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Sois um grosseirão.

PEDRO — Não sou tal.

D. FRANCISCA — Não vos amo, não. O meu anel?

PEDRO — Ora deixa-te de asneiras.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que incrível! Fugiu toda a poesia. Eram as penas do pavão adornando um peru. (*Alto*): Deixe-me, monstro de grosseria!

PEDRO — Que nomes! Pois eu serei isso?!

D. FRANCISCA — Malvado!

PEDRO — Mas ouve o que te digo pela última vez. Queres saber as razões porque eu me queria ir embora? É porque...

ADRIANO (*a Margarida*) — Eu com todo o gosto casava consigo, mas por ora... para quê? Isso não tem pressa. (*Aparte*): Quem me dera daqui para fora! Desta vez não compreendi a mulher. Imaginei-a romântica e saiu-me estupidamente prosaica. Safa!

MARGARIDA — Entendo, entendo. Não me engana. Deixe-me, não o quero tornar mais a ver. O senhor cuidava que eu era tola. Pois não foste! Era bom tempo.

ADRIANO — Então...

MARGARIDA — Então o quê?

ADRIANO — Nada.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Não disfarceis, não disfarceis, isso é uma mentira.

PEDRO — É verdade.

D. FRANCISCA — É mentira.

MARGARIDA (*a Adriano*) — Ingrato!

ADRIANO — Adeus.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Estúpido!

PEDRO — Paciência.

D. FRANCISCA — Monstro!

PEDRO — Ora cala-te para aí.

MARGARIDA — Traidor!

ADRIANO — Pois serei, serei.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Hei-de vingar-me.

PEDRO — De quê? Tu és tola?

D. FRANCISCA — Oh! Foge da minha presença.

PEDRO — Para quê? Ainda que eu fique, tu não me vês. Estamos às escuras.

MARGARIDA (*a Adriano*) — Abusar da confiança que em si depositava!

ADRIANO — Ora deixe-se disso.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Infame! Celerado!

PEDRO — Credo! S. Jerónimo!

MARGARIDA (*a Adriano*) — Traidor, malvado!

ADRIANO — Basta, basta, já cá tenho nomes suficientes. (*Barulho e luz dentro*).

PEDRO — Oh! aí vem luz.

D. FRANCISCA — Luz! Oh! Para onde hei-de fugir? Perdi o tino, não acho a porta do meu quarto.

PEDRO — Para não cair no ridículo, preciso de me escapulir.

MARGARIDA — Luz! Estou perdida! Não vejo por onde ando.

ADRIANO — Ora estou com bastante curiosidade de saber com que cara está esta mulher.

*Todos à excepção de Adriano principiam a procurar a porta dos seus quartos, de onde resulta o aproximarem-se uns dos outros, isto é, Pedro de Margarida e D. Francisca de Adriano.*

MARGARIDA — Oh senhor! Não me guiará para o meu quarto?

PEDRO (*julgando que é D. Francisca*) — Arranja-te lá como puderes, minha cara. Eu faço o mesmo.

D. FRANCISCA — Que zanga! Estou inteiramente desorientada. Não atino com a porta.

ADRIANO — Isso pouco importa.

MARGARIDA (*achando o quarto*) — Ah! Até que finalmente!

PEDRO (*idem*) — Bem, cá estou.

D. FRANCISCA — Ajude-me, senhor, eu não sei aonde estou.

ADRIANO (*senta-se*) — Não me posso levantar daqui com o peso dos nomes que me chamou.

D. FRANCISCA — Infame!

ADRIANO — Mais um para a conta.

## CENA 15.-

ADRIANO, D. FRANCISCA e UM CRIADO (*trazendo luzes que coloca nas mesas*)

D. FRANCISCA — Ah!

O CRIADO — O Senhor lhes dê muito boas noites. (*Sai*).

ADRIANO — Muito boas noites, Sr.º D. Francisca

D. FRANCISCA — O seu procedimento é infame, senhor!

ADRIANO — Não sei porquê.

D. FRANCISCA — As palavras que me escreveu naquela carta eram mentidas. Decerto que nunca me amou.

ADRIANO — Pelo contrário. Amei-a muito. Tinha-me enganado no que pensava a seu respeito.

D. FRANCISCA — Então que julgou?

ADRIANO — Julguei-a uma mulher espirituosa, romântica, ins-truída, mas agora vejo que é mulher vulgar, cheia de prejuízos, prosaica...

D. FRANCISCA — Sois engraçado! Acusais-me justamente do que eu vos acuso. Quem tornou mais prosaica a nossa entrevista? Quem manchou com a sua linguagem rasteira a linda e singela flor do nosso amor?

ADRIANO (*aparte*) — Que diabo quer isto dizer?! Esta mulher ó célebre! Nem parece a mesma! (*Alto*): Julgo que foi a senhora que continuamente me falou em casamento, em seu primo, e que me tratava por V. Mercê. Julgo que foi a senhora que dizia que me não entendia quando lhe falava na verdadeira linguagem de amor.

D. FRANCISCA — Que está aí a dizer? Que está aí a dizer? Eu falei-lhe em semelhante coisa? Não se torne mais desprezível. O senhor é que sempre me falava nuns termos que só cabiam bem na boca de um homem sem princípios. Até me disse que tinha sono.

ADRIANO — Qual de nós é que mente? A senhora está a dizer aí coisas sem pés nem cabeça.

D. FRANCISCA — Que descaramento! Nega que me disse que tinha muito sono, bastante vontade de comer?

ADRIANO — Que desfaçate! Pois na verdade a senhora tem cara de mentir tão descaradamente?

D. FRANCISCA — Pois nega??

ADRIANO — Nego, sim, nego. A senhora ó que se devia envergonhar do papel que está fazendo.

D. FRANCISCA — Além de grosseiro é também mentiroso e caluniador! Com efeito, a julgar-se rapaz de merecimento!

ADRIANO — Ora cale-se, senhora, cale-se. Tenha mais vergonha!

D. FRANCISCA — Homem vil e desprezível!...

ADRIANO — Adeus. Ai torna com a ladainha de epítetos.

D. FRANCISCA — Se o senhor tivesse um bocado de vergonha fugiria da minha presença.

ADRIANO — Isso digo eu da senhora.

D. FRANCISCA — Faça favor de me dar o meu anel. Aí tem o seu. (*Dando-lhe o de Pedro*).

ADRIANO — Pois não. Aí está. (*Dá-lhe o de Margarida*).

D. FRANCISCA (*examinando-o*) — Está enganado. Este não foi o anel que lhe dei. Este não presta.

ADRIANO — Isso digo eu deste. O meu era de ouro e este julgo que é de latão.

D. FRANCISCA — De ouro! Pois não foste! Era de latão legítimo, não se lembra de dizer-mo? Este é que nunca foi meu. Não tenho anéis tão ridículos.

ADRIANO — Ora isto! A senhora está a caçoar comigo?

D. FRANCISCA — Sr. Adriano, deixe-se de gracejos que já principiam a enfadar-me. Dê-me o meu anel.

ADRIANO — É exactamente o que eu lhe peço. Faça favor de me dar o meu.

D. FRANCISCA — É esse.

ADRIANO — Não é tal.

D. FRANCISCA — Eu não recebi outro.

ADRIANO — Recebeu, recebeu. Pois eu não sei o que lho dei?

D. FRANCISCA — É inútil disfarçar. Não julgue que desse modo poderá ficar com o meu anel.

ADRIANO (*levantando-se*) — A senhora é que julga que eu sou tão tolo que lhe ceda um anel de ouro por um de latão. Está enganada.

D. FRANCISCA — Cale-se. Além de ser mentiroso, caluniador e grosseiro, quer também ser ladrão.

ADRIANO — Eu é que posso chamar à senhora ladra!

D. FRANCISCA — Insolente!

ADRIANO — A senhora dá-me o meu anel?

D. FRANCISCA — Faça favor de me dar o meu. O seu é esse.

ADRIANO — Não é, não é, não é, já disse. O seu é que é esse que tem na mão.

D. FRANCISCA — Ora o senhor quer fazer de mim tola?

ADRIANO — A senhora é que julga que eu sou algum simplório.

D. FRANCISCA — Isso até lhe fica mal. Ladrão de anéis!

ADRIANO — Eu é que posso chamar à senhora ladra de anéis.

D. FRANCISCA — Infame, vil!

ADRIANO — Está bem, fique muito embora com ele. Eu cedo-lho. Mas também não quero o seu. Aí o tem.

D. FRANCISCA — Que generosidade! Era exactamente esse o seu cálculo. Pois engana-se. Eu não hei-de ceder. Há-de-me dar o meu anel.

ADRIANO — Sabe que mais? Eu com mulheres não sei questionar. Fique lá com o meu anel e deixemo-nos de histórias.

D. FRANCISCA — Não quero os seus anéis; ambos eles são tão falsos como o dono. A muito se tem baixado. Dê-me o meu anel.

ADRIANO — Ora isto! Se hei-de ser eu a berrar, é a senhora que me rouba o meu anel e ainda por cima...

D. FRANCISCA — Não roubei anel nenhum. Aí o tem.

ADRIANO — Não é esse, já lho disse.

D. FRANCISCA — É esse, sim, é, não minta!

ADRIANO — Pois fique com todos os anéis e cale-se, torno a repetir.

D. FRANCISCA — Não quero outros, quero o meu.

ADRIANO — Ora! Bem me parecia que a senhora era maníaca: desculpo-lhe tudo por isso.

D. FRANCISCA — O senhor persists em recusar o meu anel?

ADRIANO — O senhora, por quem é, não me fale mais em semelhante coisa.

D. FRANCISCA — Hei-de falar. Não o largo sem me dar o que lhe peço.

ADRIANO — Pois então berre para aí muito embora. (*Senta-se à direita, lendo os jornais*).

D. FRANCISCA — Ladrão, miserável! Aviltar-se por uma ninharia! Abaixar-se até ao nível dos gaiatos que furtam lenços à entrada dos teatros e das igrejas. Enxovalhar-se por um anel! Dê-mo, eu lhe darei o valor dele e mais uma gratificação. E são estes os janotas que por aí figuram? Eis os meios por que alcançam o dinheiro! Dentro em pouco principiam a roubar em grande escala e estão barões. É assim que está constituída esta nossa sociedade. Quem mais rouba é quem mais consideração granjeia. Traficâncias sobre traficâncias, eis a vida de um homem de representação. E cabeça alta, sempre elevada, não vergando com o peso das manteiras que praticam. Vergonha? É coisa desconhecida por estes senhores. O dinheiro é presentemente uma espécie de água de tirar nódoas que lava todas as torpezas da vida de um homem. Quem não admiraria a desfaçatez, o sossego com que está este senhor depois de ter praticado uma acção tão abominável e diante da pessoa que mais devia evitar nesta vida, cuja presença o deveria fazer morrer de vergonha? Monstro, miserável, infame, ladrão, homem desprezível, escória da sociedade!

ADRIANO (*aparte*) — Ora até que finalmente acabou. É o modo de terminar estas questões. Mas admiro como esta mulher tem cara para dizer tudo isto de mim, sendo ela a culpada. E o modo por que ela o diz! É a mulher mais enigmática que tenho visto.

D. FRANCISCA (*aparte*) — É inútil estar-me a cansar. Este homem está completamente pervertido. Mas não convém retirar-me, senão rir-se-á de mim. Seguirei o seu exemplo. (*Senta-se à esquerda vendendo as flores*).

ADRIANO (*vendo-a, aparte*) — Bonito! Está uma linda perspectiva. Em que ficará isto? Sem o anel fico eu. Em que prosaica realidade se não converteu a suposta poesia desta mulher!

CENA 16.'

ADRIANO, D. FRANCISCA e MARGARIDA (*saindo do seu quarto examinando um anel*)

MARGARIDA — Sempre tenho meus escrúpulos. O anel é muito bom, mas não quero que ele diga que era só por interesse que eu aceitava o seu amor. (*Vendo Adriano*): Ele lá está. (*Dirige-se para Adriano, mas vê D. Francisca e pára*). Ai! Mas ali está minha ama. Esta agora! Como veio ela para aqui? Um para cada lado sem falarem! É curioso. Passar-se-ia alguma coisa entre ambos? Duvido, mal se conhecem.

CENA 17»

ADRIANO, D. FRANCISCA e MARGARIDA (*ao fundo*) e PEDRO (*saindo do quarto, dirige-se pé ante pé a Margarida e bate-lhe no ombro. Esta cena deve ser representada a meia voz*)

PEDRO — Olé!

MARGARIDA — Ai! (*Vendo-o*): Que quer?

PEDRO — O meu anel.

MARGARIDA — Que anel?!

PEDRO — Aqui tem o seu.

MARGARIDA — Você está tolo.

PEDRO — Não estou, não.

MARGARIDA — Então que está aí a dizer?

PEDRO — Que aqui tem o seu anel.

MARGARIDA — Ai, seu amo manda-me o meu e quer o dele. Entendo.

PEDRO — Não, não é isso.

MARGARIDA — Então?

PEDRO — O meu, o meu anel, quero o meu. Aí tem o seu.

MARGARIDA — Que está ai a dizer?! O seu anel, que anel? Eu não tenho anel nenhum seu.

PEDRO — Tem, tem. Era eu.

MARGARIDA — Eu, quem?

PEDRO — Eu.

MARGARIDA — Mas que fez?

PEDRO — Que aqui estive há pouco.

MARGARIDA — Há pouco, quando?

PEDRO — As escusas.

MARGARIDA — E com quem?

PEDRO — Consigo.

MARGARIDA — Comigo! Mente, não era tal.

PEDRO — Era.

MARGARIDA — Não era.

PEDRO — Era.

MARGARIDA — Não era tal.

PEDRO — Era, era.

MARGARIDA — Quem lhe deu o direito de...

PEDRO — O amor.

MARGARIDA — O amor! Pois você ama-me?

PEDRO — Amava. Tudo que eu há pouco lhe disse era verdade.

MARGARIDA — Com que então foi com você que eu falei há pouco?

PEDRO — Foi.

MARGARIDA — O que merecia sei eu. Substituir seu amo. Se eu agora lho dissesse? Gostava? Oh! Eu logo vi que ele não era capaz de me tratar daquele modo.

PEDRO — Eu não substituí.

MARGARIDA — Substituiu, sim, senhor, pois ele é que me tinha pedido para vir aqui.

PEDRO — Não. Fui eu.

MARGARIDA — Você, e para quê?!

PEDRO — O amor...

MARGARIDA — Foi você que me escreveu aquela carta?

PEDRO — Fui, fui eu.

MARGARIDA — Brejeiro! Atrever-se a assinar uma carta tão insolente com o nome de seu amo. E olhem as soberbas deste homem! Um criado de servir e a dizer-me que não queria casar comigo!

PEDRO — Eu não disse tal coisa.

MARGARIDA — Negue-a agora.

PEDRO — Nego, sim. Eu até disse que queria.

MARGARIDA — Mas por ora que não. Bem o entendo.

PEDRO — Não disse isso.

MARGARIDA — Disse, sim.

PEDRO — Não disse.

MARGARIDA — Disse, sim, disse. E a falar-me lá numas coisas que ninguém entendia. Salvo seja, nem parecia língua de gente.

PEDRO — Quê?! Peta. Isso foi você.

MARGARIDA — Ah! seu mentiroso, pois não se lembra que eu até lhe disse que falássemos claro.

PEDRO — Não disse tal, até pelo contrário, estava-me sempre a dizer que falássemos poeticamente. Foi por isso que me aborreceu.

MARGARIDA — Cale-se aí, seu mentiroso. Dê cá esse anel, tome lá o seu. (*Reparando no anel de Adriano que tem na mão*): O que eu queria saber é de onde lhe veio um anel tão rico. Furtou-o talvez.

PEDRO — Zombe, zombe. Lá por não ser tão bom como o seu, escusa de estar a desdenhar. (*Reparando no anel de D. Francisca, que tem na mão*): A sua ama é que provavelmente pagou bem caro este anel.

MARGARIDA — Ora deixe-se de gracejos. Se não tenho anéis bons é porque não os roubo. Dê-mo cá e pegue o seu. (*Trocam os anéis de maneira que Margarida fica com o de D. Francisca e Pedro com o de Adriano.*)

PEDRO (*examinando-o*) — Ai!

MARGARIDA — Ah!

PEDRO — Este não é o meu anel.

MARGARIDA — Não é este o anel que eu lhe dei.

PEDRO — Este é melhor, muito melhor do que o meu. Mas eu não preciso dos seus favores. Venha o meu. Não é rico, mas não importa.

MARGARIDA — Ora você cuida que eu estou para o aturar? Engana-se. Se julga que desse modo pode conseguir fazer-se amar, digo-lhe que perca as esperanças, não alcança coisa nenhuma. Pegue lá esse anel; quero o meu e deixe-se de graças.

PEDRO — Que está aí a dizer? O seu anel é esse. O meu é que não é este.

MARGARIDA — Ai! Olhem que gracinha! Não preciso dos seus anéis, já lho disse... Dê cá o meu.

PEDRO — É esse, já disse. Dê cá o meu.

MARGARIDA — Já lho dei. Deixe-se de finuras, não faz nada com isso.

PEDRO — Para que quer você que eu fique com um anel que nunca me pertenceu? Olhe que já a não amo.

MARGARIDA — Ai não? Pois é pena. Ou pegue neste anel ou atiro-o pela janela fora.

PEDRO — Faça lá o que quiser, ele é seu.

MARGARIDA — Ele é meu! Olhem que cisma!

PEDRO — Receba este, receba este, ou vai já à rua.

MARGARIDA — Isso pouco se me dá. É seu, faça dele o que quiser.

PEDRO — É meu! Olhe que eu fico com ele.

MARGARIDA — Pois fique, então?

PEDRO — Mas olhe que lá por isso não a namoro.

MARGARIDA — Que pena! Ora vejam!

PEDRO — Mas vá-me dando o meu porque eu gosto dele, embora seja de latão.

MARGARIDA — Você, em quanto a mim, tem mania, homem. Pegue neste anel. (*Oferecendo-lhe o de D. Francisca*).

PEDRO — Não quero o que não é meu. Não preciso dos seus presentes.

MARGARIDA — Ai não quer? Olhe que eu fico com ele.

PEDRO — Pois se ele é seu não há-de ficar?

MARGARIDA — Não se faça tolo, dê cá o outro.

PEDRO — Que outro?

MARGARIDA — O meu.

PEDRO — É esse.

MARGARIDA — Ora!

PEDRO — Dê-me você o que me pertence.

MARGARIDA — Dê-me o meu anel. Para que o quer? Ele é falso.

PEDRO — Que anel? Eu já lho dei. Este que aqui tenho também é outro, mas você cisma em mo dar.

MARGARIDA — Está tolo, está tolo. Homem, entendamo-nos. Eu dei-lhe um anel.

PEDRO — Deu.

MARGARIDA — E você deu-me outro.

PEDRO — É verdade.

MARGARIDA — O namoro acabou.

PEDRO — Acabou.

MARGARIDA — Voltem os anéis aos seus primeiros donos.

PEDRO — É justo.

MARGARIDA — Bem, aí tem o seu.

PEDRO — Não tenho tal.

MARGARIDA — Pois não tem?!

PEDRO — Não.

MARGARIDA — É esse.

PEDRO — Não é.

MARGARIDA — Adeus! Aí tornamos. Dê-me o meu anel.

PEDRO — Ó mulher, quantas vezes quer que lhe diga que é esse que lhe dei já?

MARGARIDA — Este! Se o meu era de latão.

PEDRO — Isso era o meu.

MARGARIDA — Não era.

PEDRO — Era.

MARGARIDA — Ora! Não era.

PEDRO — Era.

MARGARIDA — Ai! Que seca!

PEDRO — Ó mulher, você é teimosa! Bem dizia um amo meu que andava continuamente em desordem com a sua cara-metade — e bem cara lhe ficava! — Antes aturar as caturrices de um carneiro que as teimas de uma mulher.

MARGARIDA — Que está você a misturar alhos com bugalhos?

PEDRO — Não vale a pena tanta coisa por causa de um anel de latão.

MARGARIDA — Mas eu quero-o.

PEDRO — Não. Eu é que o queria.

MARGARIDA — Aí torna.

PEDRO — Você é que principia.

MARGARIDA — Foi você.

PEDRO (exaltando-se) — Ó mulher, não me azoe a cabeça.

ADRIANO (pousando as folhas e voltando se) — Quem está aí? Que barulho é esse? Não me têm deixado ler com sossego.

D. FRANCISCA (*idem*) — Que fazes aí, Margarida?

ADRIANO — Pedro, que estás a dizer?

MARGARIDA — Era cá uma coisa.

D. FRANCISCA — Mas o quê?

MARGARIDA — Uma coisa que não vale a pena.

ADRIANO — Que era, Pedro?

PEDRO — Nada, senhor.

ADRIANO — Diz, não tenhas medo.

PEDRO — Eu não tenho medo. É porque...

ADRIANO — Porquê?

PEDRO — Por... que...

ADRIANO — Diz por uma vez.

D. FRANCISCA — Fala tu, Margarida.

MARGARIDA — Ele que fale.

PEDRO — Falo, falo...

MARGARIDA — Pois fale.

PEDRO — Foi isto assim, senhor meu amo. Eu gostava desta rapariga, mas ela nem sequer reparava em mim. Por isso escrevi-lhe uma carta, mas em vez de assinar com o meu nome...

ADRIANO — Que fizeste?

D. FRANCISCA (*aparte*) — Aonde ouvi eu já a voz deste criado?

PEDRO — Que fiz? Para ter mais certeza do bom resultado, assinei com o nome de meu amo.

ADRIANO — Com o meu? Grande ratão!

MARGARIDA — Grandíssimo maroto!

ADRIANO — E depois?

PEDRO — Depois a rapariga, julgando que efectivamente era o senhor, veio ter comigo e aqui conversámos um bocado. Não me conheceu porque estávamos às escuras.

ADRIANO — Mas quando foi isso?

PEDRO — Há pouco. Há-de haver meia...

ADRIANO — Aqui?

PEDRO — Sim, senhor,

D. FRANCISCA — É impossível!

PEDRO — Porquê?

ADRIANO — Porque...

D. FRANCISCA (*fazendo-lhe sinal para se cair*) — Psiu! ..

ADRIANO (*vendo-a, aparte*) — Ora vá lá! (*Alto*): Por nada, e depois?

PEDRO — Depois esta rapariga deu-me um anel e eu dei-lhe outro.

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que coincidência!

ADRIANO (*aparte*) — É célebre!

PEDRO — Mas o mais bonito é que nos esquentámos, desfizemos o namoro. Eu disse-lhe quem era e ela deu o cavaco.

ADRIANO (*aparte*) — Estou admirado! Que caso tão notável!

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que igualdade de situações!

PEDRO — Depois passámos a destrocar os anéis. Mas aqui é que está o mais bonito. Ela dá-me um anel de ouro que nunca foi meu, pois o que eu lhe tinha dado era de latão. Eu dou-lhe um de ouro que dela recebi e diz-me que não, que quer um de latão. E nisto ficámos.

MARGARIDA — Não minta. Deixe falar. Ele foi que me deu um de ouro e o de latão era o meu.

PEDRO — Não era tal. Eu nunca tive anéis de ouro.

MARGARIDA — Tinha, pelo que estou vendo, nada menos de dois. PEDRO — Estes são seus.

MARGARIDA — Ora histórias, histórias.

ADRIANO (*aparte*) — Que suspeita! (*Alto*): Ora diz-me, estás bem certo que foi com esta menina que estiveste?

PEDRO — Pois com quem?

MARGARIDA — Não, lá isso foi. Estive, estive. Já agora não o quero ocultar.

ADRIANO — Mas com ele? A voz era a dele?

MARGARIDA — A voz parecia-me a do Sr. Adriano, mas era porque julgava que era o senhor..

ADRIANO (*a Pedro*) — E tu estás certo que foi com a Margarida que estiveste? A voz era a dela?

PEDRO — Lá a voz não era bem como a de agora. Mas as mulheres como estão continuamente mudando de costumes, de modos e de namoros, é provável que também mudem de voz.

ADRIANO — Todos aqui foram vítimas de uma mistificação. (*Para D. Francisca*): Compreende, Sr.» D. Francisca?

D. FRANCISCA — Compreendo, agora comprehendo. Mas parece impossível!

ADRIANO — É engraçado! Ah! ah! ah!

D. FRANCISCA (*aparte*) — Eu a namorar o criado, que raiva! (*Alto*): É original! Ah! ah! ah!

PEDRO — Que é isto?

MARGARIDA — Porque se riem?

D. FRANCISCA (*aparte*) — Eu a querer achar poética uma entrevista com um criado! (*Alto*): Na verdade é dos melhores quiproquós que tenho visto. ah! ah! ah!

MARGARIDA — Ora isto!

PEDRO — Que quer dizer?

ADRIANO (*a Margarida*) — Ora chegue-se cá, Margarida.

MARGARIDA — Para quê?

ADRIANO — Ande cá.

MARGARIDA (*aproximando-se dele*) — Aqui estou.

ADRIANO (*mostrando-lhe o anel*) — É este o seu anel?

MARGARIDA (*aproximando-se dele*) — Ai, é sim, senhor. Quem lho deu?

ADRIANO — Eu sei lá! Ah! ah! ah!

PEDRO — Como diabo é isto?

MARGARIDA (*a Pedro*) — Foi então você que lho deu.

PEDRO — Eu? Palavra de honra se dei algum anel! O que você me deu já lho dei.

MARGARIDA — Ora, esse não é meu.

PEDRO — E quem terá o meu? Isso é que eu queria saber.

D. FRANCISCA (*a Pedro*) — Ande cá, Sr. Pedro

PEDRO — Eu?

D. FRANCISCA — Sim, ora venha cá.

PEDRO (*aproximando-se dela*) — A senhora que me quer?

D. FRANCISCA (*mostrando-lhe o anel*) — O seu anel é este? Não?

PEDRO (*exammando-o*) — É, é. Cada vez estou mais espantado!

MARGARIDA — Como foi isto?!

D. FRANCISCA (*aparte*) — Que figura tão ridícula eu não fiz!

PEDRO — Mas então de quem é este anel de ouro que eu dei a Margarida?

MARGARIDA — E o outro que eu julgava ser de Pedro?

D. FRANCISCA (*tirando o anel de ouro de Pedro*) — Este é do Sr. Adriano.

ADRIANO (*o mesmo a Margarida*) — E este da Sr." D. Francisca.

(Passam para o meio da cena e trocam os anéis).

PEDRO e MARGARIDA — Ah!

ADRIANO e D. FRANCISCA — Ah! ah! ah!

ADRIANO — Até que afinal voltaram os filhos às casas paternas.

PEDRO — Mas como foi esta embrulhada?

MARGARIDA — Se eu percebo!

ADRIANO — Ora eu vos digo, como foi tudo isto. Dá licença, Sr." D. Francisca?

D. FRANCISCA — Como quiser. Sirva-me de castigo.

ADRIANO (*a Pedro*) — O que tu fizeste a Margarida fiz eu à Sr." D. Francisca, escrevi-lhe uma carta, mas assinei com o meu nome, convidando-a para uma entrevista aqui, às trindades, às mesmas horas da tua. Um de nós chegou primeiro e trocaram-se as voltas de maneira que eu conversei com Margarida e tu com a Sr.<sup>o</sup> D. Francisca.

PEDRO — Com a senhora?! Ah! Eu peço perdão. (*Aparte*): Quando me lembro...

MARGARIDA — Então sempre foi com o Sr. Adriano que eu estive? O convite saiu certo.

ADRIANO — É verdade.

MARGARIDA (*aparte*) — Eu logo vi. Por isso o não entendi, falava tão bem.

ADRIANO (*aparte*) — Por isso eu a não achava romântica.

PEDRO — De maneira que todos nós estávamos zangados uns com os outros sem razão. Ora ora, ora, mas era a Sr." D. Francisca! E como diabo não demos uns pela presença dos outros?

ADRIANO — Eu pelo menos nada vi. Talvez porque estivesse entusiasmado na minha conversa com Margarida.

MARGARIDA — Eu também não ouvi nada.

PEDRO — Eu lá me parecia que ouvia alguma coisa sem ser as melodias suaves que ali... a senhora...

D. FRANCISCA (*muito zangada*) — Está bom, está bom. É escusado estar a recordar essas coisas. Porém quando veio a luz só nós estávamos na sala.

PEDRO — É porque eu fui para o quarto.

MARGARIDA — E eu também.

D. FRANCISCA — Para repararmos, pois, todas as injustiças e dissensões a que estas cenas deram lugar e acabarmos isto felizmente, podemos, satisfazendo as nossas inclinações, celebrar duas uniões. Eu com o Sr. Adriano e tu, Margarida, com Pedro, que dizem?

ADRIANO — Eu, minha senhora, não sou dessa opinião. Tenho de fazer algumas viagens e depois quando estiver mais idoso, pode ser que me resolva, por ora não. Continuarei a estudar a sociedade, sobretudo no capítulo que diz respeito às mulheres. Tenho empregado nisso a maior parte da minha vida.

PEDRO — Eu também a falar verdade não tenho grandes desejos de casar. A mania já me passou. Dizia um amo que eu servi uma semana, que o matrimónio foi colocado no último lugar entre os sacramentos, para que seja aplicado só nos casos em que os outros seis nos não possam valer. Ora eu ainda não tentei os outros, por isso...

MARGARIDA — Também, Sr. Pedro, ainda que tivesse muitos desejos de casar comigo estava mal servido. A casar-me há-de ser com um rapaz elegante e não com um gebo como você.

PEDRO — Obrigado, obrigado.

D. FRANCISCA (*a Margarida*) — *Ai, Margarida, se meu irmão me arranjasse no Brasil algum casamento vantajoso.*

MARGARIDA — *Ai, pois já quer?*

D. FRANCISCA — Porque não? Hoje em dia vale mais escravizar-nos ao dinheiro do que ao amor.

MARGARIDA — Parece-me que sim.

ADRIANO (*a D. Francisca*) — Muito boas noites, Sr." D. Francisca.

D. FRANCISCA (*a Adriano*) — Até à vista, Sr. Adriano.

PEDRO (*a Margarida*) — Boas noites, rapariga.

MARGARIDA — O Senhor te dê as mesmas, rapaz.

PEDRO e ADRIANO *saem por a direita*, D. FRANCISCA e MARGARIDA *por a esquerda e cai o pano.*

IV

## AS DUAS CARTAS

(Comédia original em dois actos)

*Escruta por Júlio Dinis aos 18 anos (1857) — 1.ª Cópia (58)*

### PERSONAGENS

João de Sousa	<i>Pintor</i>
João de Sousa Melo e Albuquerque	<i>Filho de um capitalista de Braga</i>
José de Sousa, pai de João de Sousa	<i>Trolha</i>
José Paulo da Costa	<i>Rico proprietário, pretendente à mão de D. Margarida</i>
Miguel Tavares	<i>Ex-advogado</i>
Diogo Campos	<i>Um elegante</i>
Pedro Vilhena	<i>Bacharel em Direito</i>
D. Margarida de Almeida	<i>Viúva rica</i>
Luísa	<i>Sua sobrinha</i>
Emília	<i>Filha de Miguel Tavares</i>
Bernardo	<i>Criado de D. Margarida</i>
José	<i>Criado de João de Sousa</i>
Vários senhores e senhoras	

*A cena passa-se no Porto — Época, a actual*

## ACTO 1º

*O teatro representa um jardim em casa de D. Margarida, nas imediações do Porto, adornado de estátuas, vasos com flores, bancos, mesas de mármore. À esquerda uma escadaria, dando para o interior da casa. Ao fundo um portão de grades, que supõe-se comunicar com a rua. Ao levantar o pano a cena está deserta; pouco depois entra João de Sousa por o fundo,*

CENA 1.º

JOÃO DE SOUSA (*tirando o chapéu*)—Ai! Que calor! Safa! Julguei que morria pelo caminho. O Julho sempre vai ardente! (*Sentando-se à direita*). Ai! (*Pausa*). Mas aonde estarão os habitantes desta casa? As portas do jardim abertas e nem viva alma me aparece. (*Batendo as palmas*): Olá! (*Pausa*). Nada. (*Batendo de novo e escutando*): Ó lá de dentro! Ora esta! (*Batendo com mais força*): Ó lá de dentro!

UMA VOZ —Quem chama?

JOÃO DE SOUSA — Olhe, faça o favor.

A VOZ — Lá vou já.

JOÃO DE SOUSA — Provavelmente foi o criado de D. Margarida que agora me falou. Não sei se lhe confie a carta que para ela trago ou se em mão própria lha deva entregar. Veremos; porém antes queria que ela de mim mesmo a recebesse porque...

CENA 2.º

JOÃO DE SOUSA e BERNARDO

BERNARDO (*descendo as escadas*) — O senhor quem procura?

JOÃO DE SOUSA — Pretendia falar com a Sr.ª D. Margarida.

BERNARDO — Veio em má ocasião, porque a senhora saiu há pouco de casa com outras famílias do seu conhecimento e foram dar um passeio de carruagem.

JOÃO DE SOUSA — E demorar-se-á muito?

BERNARDO — Não, senhor, muito não se demoram.

JOÃO DE SOUSA — Pois então esperarei aqui por ela.

BERNARDO — Como queira, mas será melhor entrar cá para as salas.

JOÃO DE SOUSA — Nada, nada, aqui mesmo, aqui mesmo. Para quem tem andado todo o dia debaixo de um calor de mil diabos não há coisa alguma que pague uma tão agradável sombra como esta.

BERNARDO — Faça como quiser. Agora há-de me dar licença para ir para dentro olhar por o jantar. Está por lá tudo numa desordem. Até logo! *(Sai por a esquerda)*.

CENA 3.-

JOÃO DE SOUSA — O jantar! Bravo! Pelos modos vim em boa ocasião. Visitas a um jantar! Cáspite! A Sr.» D. Margarida não deixará, por certo, de me convidar. E daí, quem sabe? talvez não. Sou apenas um simples pintor que vem tentar fortuna nesta cidade e que para isso solicita humildemente a sua protecção. Humildemente e muito humildemente. Meu pai não podia escolher expressões mais submissas do que as que empregou na carta que para D. Margarida trago. Estou a temer que me tratem como a um pobre diabo que vem pedir uma esmola. *(Pausa)*. *(Mudando de tom)*: Oh! Mas o calor está insuportável! Isto não tem jeito. Eles não podem chegar sem que eu os pressinta, uma vez que foram de carruagem, e por isso enquanto espero vou-me pôr mais à fresca. *(Tira o casaco, que coloca no primeiro banco da direita)*. Ah! Assim estou melhor. *(Senta-se)*. Mas é verdade! Está-me dando canseira a minha apresentação nesta casa; talvez seja até por infelicidade que chego num dia em que D. Margarida recebe visitas e em que pelos modos se prepara um jantar esplêndido. Diabo! Ora este senhor meu pai não podia escrever uma carta que impusesse mais? *(Tira a carta do bolso do casaco e abre-a)*. Ora vejam! Se estas são palavras com que se recomenda um filho! Vou fazer triste figura. *(Lendo)*: «Ex.<sup>ma</sup> Sr.»: O defunto marido de V. Ex.<sup>a</sup>, Deus o chame lá, tinha sempre por costume, quando precisava de fazer algumas composturas nas suas casas, mandar-me chamar como o trolha mais afamado da freguesia de S. Salvador dos Rios, aonde o dito senhor tinha muitas propriedades». Este cavaco todo se dispensava! «É lembrado dos favores e obséquios que dele e de V. Ex.<sup>a</sup> recebi, que tenho a ousadia de lhe pedir uma coisa que espero se não recusará a fazer, sendo como é uma alma caritativa». Ora isto! «O meu João» olhem que tratamento! «teve sempre muita habilidade para a pintura; um tio dele, que estava estabelecido na cidade de Lisboa, quis que o rapaz estudassem lá nas escolas de desenho e o caso é que em pouco tempo já pintava alguma coisita». Obrigado, alguma coisita! «Vai senão quando, morre-lhe o tio sem fazer testamento; como tinha um bando de filharada todos lançaram mão do dinheiro e aí ficou o meu rapaz sem arrumação». Estes episódios eram tão escusados... «Trolha não podia ser porque

enfim já estava costumado com os modos da cidade». Também era o que faltava! «Como pintor também pouca fortuna podia fazer, pois que me dizem que há por lá muitos. Lembrou-me mandá-lo para aí a ver se por acaso consegue mais alguma coisa do que em Lisboa e mesmo por me ocorrer que V. Ex.<sup>1</sup> talvez quisesse ter a bondade de o proteger; bem vê que o rapaz só por si não pode fazer nada e que as minhas circunstâncias não permitem, etc, etc... De V. Ex.<sup>1</sup>, etc. *José de Sousa*. Ora vejam. (*Levanta-se*). Se não fosse não sei porquê, nem tal carta lhe entregava, falava-lhe eu mesmo; mas talvez me tomasse por um impostor. Enfim, paciência, suceda o que suceder. (*Pausa*). Mas esta gente está tardando e eu tomo a liberdade de ir ver o jardim, que me parece encantador. (*Vai para vestir o casaco, porém suspende-se*). Não, vou mesmo assim em mangas de camisa; o barulho da carruagem me advertirá da sua chegada e terei tempo de me vestir. (*Sai por a direita e leva a carta na mão*).

## CENA 4.

• BERNARDO (*entra por a esquerda*) — Então o senhor não quer subir?... Que é dele! Pelos modos foi passear... (*Olhando por entre os bastidores da direita*): É verdade, lá anda em mangas de camisa, lendo uma carta. O homem não é de cerimónias. (*Olhando para o fundo*): Olé! Quem é este figurão que para aqui se dirige? Hoje é o dia das visitas.

## CENA 5

## BERNARDO e JOÃO DE SOUSA E ALBUQUERQUE

JOÃO DE ALBUQUERQUE — É aqui que mora a Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Margarida de Almeida?

BERNARDO — Aqui mesmo. Queria-lhe alguma coisa?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Pretendia falar com ela, se possível fosse.

BERNARDO — Só se V. S<sup>ra</sup> quiser ter o incômodo de esperar um bocado. A senhora não está agora em casa. Foi passear por os campos.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A que horas virá?

BERNARDO — Não pode tardar muito.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Então esperarei.

BERNARDO — Aqui?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Sim, aqui mesmo.

BERNARDO — Então, até logo. (*Sai por o fundo*).

## CENA 6.

JOÃO DE SOUSA E ALBUQUERQUE (*só*) — A minha chegada inesperada vai decerto causar uma grande surpresa a D. Marga-

rida. Os projectos do seu defunto marido foram sempre o casar-me com a sobrinha, que me dizem ser muito bonita; e julgo que a tia não era de opinião contrária. Além disso, a fortuna de Luísa junta à minha formam um capital como poucos possuem em Portugal; é a razão por que tão ardente me eu desejo tal casamento; o pior é se a rapariga tem já por ai algum namoro. Isso é que é o diabo; mas, caso tal aconteça, tratarrei de ganhar a benevolência da tia porque me consta que Luísa é sobrinha obediente. Para conseguir este fim espero que a carta que trago de meu pai faça todo o efeito desejado; quando não, esforço-me por me tornar benquisto de um tal senhor que por aqui deve andar, e que me dizem ser o feliz mortal com quem D. Margarida passa a segundas núpcias. Pouco mais ou menos, logo vejo quem ele é e estou-lhe caldo em cima, não o largo sem que seja meu amigo íntimo. Porém, quer-me parecer que não será necessário tanto barulho e que a carta de meu pai se encarregará de tudo. Ora enquanto não chega esta gente de fora, para que hei-de estar constrangido? Com um calor como o de hoje custa suportar o casaco. (*Tira o casaco e pousa-o no mesmo banco em que está o de João de Sousa*). Ah! Graças a Deus! (*Tira a carta do bolso do casaco, abre-a e contempla-a por certo tempo*). Muito desinteressada devia ser D. Margarida, e mesmo a sobrinha para que, lendo esta carta, me não acolhessem com afabilidade. De mais a mais tendo sido meu pai um dos amigos mais íntimos do defunto Pedro de Almeida. (*Lendo*): «Ex.<sup>ma</sup> Sr.»: Há muito que não tenho tido o gosto de lhe escrever; os meus padecimentos, que de dia para dia se agravam mais, mo têm até agora impedido. Hoje mesmo é fazendo um sacrifício que eu lhe dirijo esta pequena carta e ainda assim, veja como sou egoísta, é para lhe pedir um favor que o faço. Meu filho chegou a uma idade em que a vida sedentária é sempre aborrecida, todos os que já têm passado por essa fase, talvez a mais bela da vida», meu pai neste ponto foi poético «todos sabemos a ansiedade com que então se buscam as distrações, os divertimentos, as viagens; foi, por conhecer isso, que eu, condescendendo com os seus desejos, o deixei partir para essa cidade, aonde algum tempo se demorará, para daí, querendo, passar às outras cidades do país e ao estrangeiro; mas como, graças aos meus cuidados, ele se acha, depois de eu falecer, senhor de uma grande fortuna, receio que, confiando nos seus futuros haveres, principie gastando desordenadamente, o que lhe seria muito prejudicial; por isso confiava a V. Ex.<sup>o</sup> o cuidado de o guiar com seus prudentíssimos conselhos, e de vigiar por ele, como se fora sua mãe. Espero da bondade de V. Ex.<sup>o</sup> e da amizade que liga há tanto tempo as nossas famílias, se não recusará a fazer o que lhe peço. É ele mesmo o portador desta carta e juntamente de muitas saudades minhas para V. Ex.<sup>a</sup> e sua interessante sobrinha. De V. Ex.<sup>a</sup>, *José de Sousa Melo e Albuquerque*. Meu pai mostrou-se nesta carta um perfeito diplomata. O verdadeiro fim desta viagem é o meu casamento com a sobrinha de D. Margarida e contudo nem em tal coisa fala; porém não se esqueceu

de tocar em certas teclas importantes Isto de recomendar à protecção da tia, e pedir-lhe que sirva de mãe a um rapaz que há-de vir a ser possuidor de uma fortuna imensa e que, só querendo, sairá do Porto, é o mesmo que... (*Enganando-se mete a carta no casaco de João de Sousa*). Oh! Meu pai é homem de cálculo, sabe ver as coisas como elas são e dispô-las a seu favor. C meu futuro está-se tomando o mais riso-nho possível. (*Passeando*): Milionário! Depois posso aspirar a tudo, conseguirei quanto desejar. O dinheiro é a fonte de todas as felicida-des, é a primeira entidade do século actual... Do actual !! Ora deixemo-nos de histórias, do actual, dos passados e dos futuros; pois que dúvida ? Basta que já os antigos denominavam «*Idade de ouro*», o tempo em que, segundo eles, os homens gozavam de maior felicidade. Ouro! Palavra mágica! Verdadeira vara de condão, de que nos falam os contos de fadas e mouras encantadas. Quem o tem, possui quanto deseja. Hoje em dia são muito pouco estáveis as reputações que não têm os alicer-ces de ouro. Assim vai o mundo e para mim não vai mal. Mas deixemo-nos de filosofar. (*Senta-se no banco em que estão os casacos, pousando para isso o seu sobre o de João de Sousa*). Esta vivenda de D. Margarida é bem galante, um jardim bastante grande, uma casa apalaçada. Enquanto não chega a castelã, passarei um exame rápido sobre o todo da habita-ção. (*Caminha para o fundo*).

## CENA 7.-

JOÃO DE SOUSA- (*entra por a direita*), JOÃO DE ALBUQUERQUE (*ao fundo*)

JOÃO DE SOUSA — Enfim, suceda o que suceder sempre estou resolvido a entregar-lhe a carta. Pouco me importa que ela me não dê muita consideração. Histórias! Estou certo, porém, que não deixará de me proteger mais ou menos e essa é a grande questão. (*Mete a carta no bolso do casaco de João Albuquerque, julgando que é o seu*). Oh! Com tudo isso, se hoje não sou convidado para o jantar, dou sério cavaco; porque enfim o cheiro dos guisados desafia-me o apetite; pois parece-me que posso perder as esperanças, provavel-mente D. Margarida depois de receber a minha carta manda-me cá vir noutro dia. Enfim, paciência, um homem deve tratar de se amoldar às circunstâncias.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*voltando para a boca da cena*)—(*Trau-teando*): Tra, la, la la ra... (*Vendo João de Sousa, aparte*): Oh diabo! Quem será?

JOÃO DE SOUSA (*vendo-o*)—(*Aparte*): Pertencerá à casa ? (*Cum-primentando-o*): Passou bem?

JOÃO DE ALBUQUERQUE—Muito bem, muito obrigado. E o senhor ?

JOÃO DE SOUSA— Optimamente, agradecido. V, S.<sup>a</sup> faz parte da família que habita nesta casa?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Nada, não, senhor. Essa mesma pergunta estava até para lhe fazer.

JOÃO DE SOUSA — Eu também não pertenço. Tenciono, sim, apresentar-me hoje pela primeira vez.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Exactamente como eu. O senhor não é do Porto?

JOÃO DE SOUSA — Nada, eu sou... de... vim há pouco de Lisboa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ai, já esteve em Lisboa? Pois eu venho de Braga, que, com Viana e Guimarães, são as únicas cidades que tinha visto antes de entrar no Porto.

JOÃO DE SOUSA — Então V. S.<sup>a</sup> é conhecido desta família.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Conhecido? Conforme; como nunca falei com pessoa alguma dela... Porém meu pai teve noutros tempos grande intimidade com o defunto marido de D. Margarida e conservou sempre tais ou quais relações com a viúva.

JOÃO DE SOUSA — Com pouca diferença o mesmo se dá comigo.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O senhor chama-se?

JOÃO DE SOUSA — João de Sousa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — É parte do meu nome; eu João de Sousa Melo e Albuquerque; e meu pai José de Sousa...

JOÃO DE SOUSA — É José também o nome do meu.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — É célebre, existem entre nós tantos pontos de analogia! O senhor em que se ocupa?

JOÃO DE SOUSA — Eu venho ao Porto recomendado a esta senhora para ver se consigo aqui alguma coisa por a pintura; e o senhor?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ah! Nessa parte diferimos bastante. Eu tive a fortuna de nascer capitalista e ocupo-me a gastar o que posso.

JOÃO DE SOUSA — Agradável ocupação! Para que precisa o senhor de cartas de recomendação?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Isso é porque... tenho o projecto de casar com a sobrinha de D. Margarida, e então...

JOÃO DE SOUSA — Ah! Sim, sim. É bem mais feliz do que eu!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Conte em tudo com a minha protecção.

JOÃO DE SOUSA — Muito obrigado. Não faz ideia de quanto estou a recear a minha apresentação em casa de D. Margarida, um simples artista...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Pode ser que ela esteja hoje com a bossa artística. Meu pai que, como já lhe disse, conviveu bastante com esta senhora, conhece-lhe perfeitamente o carácter. É muito apai-xonada por o dinheiro.

JOÃO DE SOUSA (*sentando-se*) — Então ó de um carácter muito vulgar.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Amiga de figurar e desejar ser citada por as outras mulheres como o tipo da elegância e bom-tom. Os negócios de *toilette* merecem-lhe mais atenções do que a um ministro de Estado uma alta questão de governo.

JOÃO DE SOUSA (*acendendo um cigarro*) — Visto isso, é uma mulher como todas as outras, não?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Parece-me que o senhor é em demais céptico. Mas deixe-me continuar. D. Margarida tem uma negação completa para a poesia, para a música, para a pintura, finalmente para todas as belas-artses.

JOÃO DE SOUSA — Oh diabo!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Contudo, para ir com a moda finge-se grande apreciadora de todas elas.

JOÃO DE SOUSA — Pois olhe, é talvez no que ela mais se afasta da moda.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quando a sua paixão dominante e única verdadeira, a do dinheiro, diminui alguma coisa de intensidade, o que poucas vezes acontece, então D. Margarida volta-se para as artes e esforça-se por se tornar um Mecenas feminino. Mas o que lhe sucede? Não possuindo o conhecimento do belo, escolhe da mesma maneira o bom e o mau, o sublime e o ridículo. Possui, dizem, uma galeria em que se encontram as mais grosseiras, extravagantes e aterradoras pinturas juntas com outras primorosas e bem executadas; os seus concertos são, o mais das vezes, os concertos mais desconcertados que se podem imaginar. Se folhearmos o seu álbum, deparamos de envolta com poesias de reconhecido merecimento, outras as mais piegas e despropositadas, que têm saído dos bicos de uma pena. Verdade é que nesta parte todos os álbuns se assemelham. Ora aqui tem quem é D. Margarida, segundo o que me disse meu pai. Já vê, pois, que se a bossa predominante não é hoje a do luxo e do dinheiro, talvez o senhor tenha um óptimo acolhimento; de outro modo parece-me que pode perder as esperanças.

JOÃO DE SOUSA — Cada vez adquiro maior certeza de que ninguém aqui me dará atenção. Hão-de-me receber pessimamente.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Pode ser que não; o que lhe acabo de dizer...

JOÃO DE SOUSA — Vem aumentar os meus receios. Pois que, se D. Margarida tem o génio que disse, recebendo a visita do senhor e sabendo que é um capitalista com quem pode especular, é isso o suficiente para que não pense em outra coisa senão em ouro. Agora queria que me dissesse o que se tornará um pintor sem 5 réis de seu, diante de uma mulher cujos pensamentos todos se encontram no excelsa metal, flagelador do género humano?

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*sorrindo*) — Ora não diga mal do ouro, que não merece.

JOÃO DE SOUSA — Uma vez que ele me despreza também o hei-de desprezar,

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Mas se ele viesse...

JOÃO DE SOUSA — Ai, recebia-o com os braços abertos.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Já que receia que a minha apresentação seja uma causa do seu mau acolhimento, esperarei que o senhor se apresente primeiro; eu estou certo de ser bem recebido.

JOÃO DE SOUSA — Sim, o senhor não tem que recear. Mas então está por isso?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Estou.

JOÃO DE SOUSA — Mil vezes agradecido. Agora Deus permita que a Sr." D. Margarida venha para casa com amor à pintura.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — É provável, depois de um passeio pelos campos.

JOÃO DE SOUSA — Ora um passeio com outras senhoras é motivo para ela vir com a cabeça cheia de fitas, de rendas, de sedas e de enfeites.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ai, ela foi com mais senhoras? Isso não é bom, não.

JOÃO DE SOUSA — Eu podia escolher uma outra ocasião, mas enfim... já que aqui estou... e ela não tarda... e... e... Olhe, eu sou franco, um dos motivos por que me não convém adiar a minha apresentação é porque ali dentro prepara-se um jantar tão odorífero...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu julgo que, sejam quais forem as ideias que predominem no ânimo de D. Margarida, não deixará de o convidar para jantar em tão grande companhia, mesmo para mostrar às outras senhoras o quanto ela protege as artes.

JOÃO DE SOUSA — Deus o queira. Vai-se prolongando bastante o passeio. (*Vai à porta do jardim e no entanto João do Albuquerque veste o casaco.*)

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*vestindo-o*) — Parece que o calor tem abrandado e até principia a correr alguma viração.

JOÃO DE SOUSA — É verdade. Vou vestir o casaco, que já se há-de poder sofrer. (*Veste-o*).

### CENA 3.

OS MESMOS e BERNARDO (*entra a correr por o fundo*) — Lá vêm as senhoras. Já daqui se vêem as carruagens. (*Sai por a esquerda*).

JOÃO DE SOUSA e JOÃO DE ALBUQUERQUE (*olhando*) — É verdade.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Será melhor deixá-las entrar primeiro sem que nos vejam aqui para depois nos apresentarmos. Não acha?

JOÃO DE SOUSA — Sim, sim. Saímos. Vamos passear para a quinta.

JOÃO DE ALBUQUERQUE—Vamos. Ai, e a rainha carta? (*Apalpando os bolsos*): Ela cá está.

JOÃO DE SOUSA—É verdade, que me não vá esquecer. (*Idem*): Bem, cá a tenho.

JOÃO DE ALBUQUERQUE—Saiamos.

JOÃO DE SOUSA—Vamos. (*Saem por a direita*).

CENA 9.'

(*Ouve-se o barulho das carruagens, — Está a cena só por um pouco*).

TODOS (*dentro, rindo-se*)—Ah! ah! ah!

MIGUEL TAVARES (*dentro*)—É justamente isso o que os Franceses chamam *faire d'esprit*. (*Entram em cena, Luísa pelo braço de Emilia, D. Margarida por o de Diogo Campos. Senhoras e senhores — e atrás de todos Miguel Tavares com Pedro Vilhena*).

EMÍLIA (*voltando-se para Miguel Tavares*)—Ó papá, este jardim é que está muito deleitoso e aprazível.

MIGUEL TAVARES—Está *charmant*, está *charmant*. (*A Pedro Vilhena*): Como dizem os Franceses.

D. MARGARIDA—Se quiserem em vez de entrarmos já para as salas demorar-nos-emos por aqui.

TODOS—Sim, sim. Eu aprovo, sim, sim, pois não?

MIGUEL TAVARES—*D'accord, d'accord*. (*A Pedro Vilhena*): Como se diz na França.

PEDRO VILHENA—E, graças ao Sr. Miguel Tavares, também em Portugal. (*Miguel Tavares faz uma cortesia*).

EMÍLIA—Ó papá, não é tão perfumada e odorífera a atmosfera deste recinto?

MIGUEL TAVARES (*farejando*)—É, é. É um lugar de delícias.

DOIAGO CAMPOS (*deixa D. Margarida com outras senhoras e aproxima-se de Emilia*)—É um perfeito paraíso e até povoadão de anjos.

PEDRO VILHENA—Espero que se não conte no número deles. (*A Miguel Tavares a meia voz*): A não ser que haja também no Paraíso anjos barbados. (*Diogo Campos volta-lhe as costas com despeito*).

MIGUEL TAVARES—Oh! oh! *A propôs, à propôs*. Oh! oh!

LUÍSA (*sentando-se*)—Ah! Esta sombra é bem agradável.

MIGUEL TAVARES—*Très confortable*, como dizem os Franceses, *très confortable*.

D. MARGARIDA—Então qual é a opinião de V. S.<sup>as</sup> sobre o estilo que se seguiu na construção desta casa? É pura arquitectura suíça, não acham?

VÁRIOS SUJEITOS—Justo, justo. Sem tirar nem pôr.

DOIAGO CAMPOS—Tudo isto, Sr.<sup>a</sup> D. Margarida, é soberbo. Está uma perfeição. Aqui rivalizam a natureza e a arte. Só uma pessoa como

V. Ex.", tão admiradora das obras de uma como dos primores da outra, é que podia conceber e executar uma coisa como esta.

MIGUEL TAVARES—*C'est un chef d'œuvre*, como diria um francês.

VÁRIAS SENHORAS—Está muito bonito, muito bonito.

EMÍLIA—Arrebatador, extasiante!

PEDRO VILHENA—Não está feio, não.

DIOGO CAMPOS—Eu considero esta casa como uma maravilha.

PEDRO VILHENA—Faz muito bem. Também se pode considerar como outra qualquer...

LUÍSA—Basta de admirar a casa. Conversemos que é muito maia agradável.

MIGUEL TAVARES—Oh! Sim, a *causerie* é um belo divertimento.

PEDRO VILHENA—Um homem que, como o senhor, esteve em França, deve saber perfeitamente apreciar esse prazer. É uma coisa que, dizem, se faz lá com perfeição.

MIGUEL TAVARES—*C'est vrai, c'est vrai*, como dizem os Franceses.

PEDRO VILHENA (*aparte*)—Que homem tão enfadonho!

D. MARGARIDA—Sr. Miguel Tavares, gostou do nosso passeio?

MIGUEL TAVARES—Muito, minha senhora, muito, é o que os Franceses chamariam *une ravissante promenade*.

EMÍLIA—Oh! Foi muito bonito. Os raios do Sol já não tinham o seu ardente... ardor.

MIGUEL TAVARES (*aparte*)—*Oh diable, diable*. Muito me custa fazer desta Emília *une femme comme il faut*.

PEDRO VILHENA (*a meia voz a Luisa*)—Já se podia gozar de uma frescura... fresca.

LUÍSA (*a Pedro Vilhena*)—Não seja mordaz, Sr. Vilhena.

PEDRO VILHENA—Eu não, minha senhora. Gostei da expressão e por isso a imito.

DIOGO CAMPOS—Que será feito do nosso amigo, o Sr. José Paulo da Costa? Ainda aqui não apareceu.

D. MARGARIDA (*sentando-se*)—Ele prometeu-me vir; não pode tardar muito.

MIGUEL TAVARES—Já se está fazendo desejar. É um agradável companheiro para o cavaco. *Un causeur comme il faut*, como se diz em França.

DIOGO CAMPOS—É um homem de um gosto apuradíssimo.

PEDRO VILHENA (*aparte*)—Pelo dinheiro, não duvido.

D. MARGARIDA—Muito delicado.

PEDRO VILHENA (*a Miguel Tavares*)—Com D. Margarida, já se entende; seu futuro noivo.

UMA SENHORA—É um rapaz muito amável.

PEDRO VILHENA (*a Miguel Tavares*)—Um rapaz! Essa agora! É o que eu lhe digo, Sr. Miguel Tavares, o dinheiro é um prisma, vistos através do qual os cabelos brancos se tornam negros, o feio

bonito, o grosseiro delicado, as rugas desaparecem, e um velho prosaico de 60 anos num jovem muito amável.

MIGUEL TAVARES—*Justement.*

OUTRA SENHORA — E dizem que é hoje senhor de uma fortuna imensa.

PEDRO VILHENA (*o mesmo*) — Pois aí é que bate o ponto. É a sua única prenda.

DIOGO CAMPOS — Embora não fosse favorecido da fortuna, sempre era recomendável pelas suas óptimas qualidades.

PEDRO VILHENA — Isso decerto; é aqui como o Sr. Diogo Campos, que não sendo muito rico é, contudo, um rapaz muito *recommandable*, como dizem os Franceses, pois não dizem, Sr. Miguel Tavares?

MIGUEL TAVARES — *Vraiment, oui, oui — vraiment.*

DIOGO CAMPOS — O Sr. Pedro Vilhena jurou-me hoje guerra de morte. Tomou-me para alvo dos seus acerados epigramas e aca-ou-se.

LUÍSA — Ora, por quem são, acabem com esses ataques de parte a parte ou pelo menos dêem tréguas durante algum tempo.

PEDRO VILHENA — O Sr. Campos é que toma sempre em mau sentido as minhas palavras, quando lhe dirijo um cumprimento. Chama-lhe um epígrama.

D. MARGARIDA — Enquanto se espera pelo Sr. Costa, bem podiam os senhores poetas que aqui estão recitar-nos algumas das suas produções.

MIGUEL TAVARES — Poetas! Pois temos poetas entre nós?! Já os não largo. Quem são? Quem são?

D. MARGARIDA — Eu sei de um de quem tenho lido já alguma coisa. É o Sr. Diogo Campos.

MIGUEL TAVARES (*abraçando-o*) — *Oh! Mon cher poete!*

LUÍSA — O Sr. Campos!

PEDRO VILHENA — Ele!

D. MARGARIDA — Ele, sim. Então? E além de poeta é também pintor.

MIGUEL TAVARES — Pintor! Oh! Sois pintor?! *Oh! Mon brave garçon!* Eu sou entusiasta por a pintura.

EMÍLIA — E eu? E eu? Isso então é que é. Passo horas inteiras a ver as figuras do Manual Enciclopédico.

MIGUEL TAVARES (*aparte*) — *Oh! bete, bete. (Alto):* Isso é outra coisa.

PEDRO VILHENA — Ai, do merecimento do Sr. Campos como pintor sou eu fianaça segura. Já vi um trabalho seu representando a morte de Inês de Castro, em que a tinta verde e amarela eram empregadas com uma liberalidade extraordinária.

UM SUJEITO ABRASILEIRADO — E efectivamente o verde e o amarelo são cores muito bonitas.

PEDRO VILHENA — Esse modo de pensar, honra-o muito,, senhor,

pois mostra a sua predilecção pelas cores da sua pátria adoptiva, o Brasil.

EMÍLIA — Eu também gosto do verde e do amarelo por serem cores muito queridas da natureza.

PEDRO VILHENA — Da natureza e da arte personificada no Sr. Diogo Campos.

LUÍSA (*sorrindo-se*) — Vamos à poesia, Sr. Campos, vamos à poesia. Bem sabe quanto eu gosto de versos.

EMÍLIA — Pois eu? Isso então... Olhe que sei de cor todos os versos que se fizeram para o benefício da prima Ana.

PEDRO VILHENA (*aparte*) — Gabo-lhe o gosto. (*Alto*): Que memória!

MIGUEL TAVARES — Lá isso é. Tem uma memória *prodigieuse*, como dizem os Franceses.

D. MARGARIDA — Sr. Campos, não se faça rogar. A poesia, aquela que me escreveu no álbum.

DIOGO CAMPOS — Oh! Minha senhora...

LUÍSA — Vá, vá, Sr. Campos.

MIGUEL TAVARES — *Allons, allons*, como se diz na França.

EMÍLIA — Sr. Campos, recite, ora recite. Deleite-nos e extasie-nos os ouvidos.

MIGUEL TAVARES (*aparte*) — Está feito, desta vez não andou mal; fina é ela, mas...

VARIAS SENHORAS — Vá, vá, Sr. Campos... A poesia!

DIOGO CAMPOS — Quem resiste aos pedidos dos anjos?

PEDRO VILHENA (*a Miguel Tavares*) — Ande, meta-se na conta dos anjos, Sr. Miguel Tavares.

MIGUEL TAVARES — Ah! *Drôle, drôle*, expressão francesa.

DIOGO CAMPOS — Lá vai. (*Tosse, passa a mão pelo cabelo, faz uma cortesia acompanhada de um olhar lânguido às damas*).

Mulher feiticeira qu'outrora eu amei...

EMÍLIA — Ai, é poesia de bruxas?! Eu gosto muito.

TODOS (*rindo-se*) — Ah! ah! ah!

MIGUEL TAVARES — Melhor ela se calasse, *la sotte*, como se diz na França.

DIOGO CAMPOS — Aqui não entram bruxas, é...

MIGUEL TAVARES — Ela bem sabe, ela bem sabe, continue.

DIOGO CAMPOS — Ai, então era um epígrama, Sr." D. Emília?

EMÍLIA (*a Luisa*) — Que é um epígrama, Luisinha?

LUÍSA (*rindo-se*) — É uma fineza.

EMÍLIA — Ai é? (*A Diogo Campos*): Foi, sim, senhor, foi um epígrama.

LUÍSA (*querendo atalhá-la*) — Oh! Que diz! Cale-se.

MIGUEL TAVARES — Oh! *Étourdie, étourdie.* (*A Pedro Vilhena*): Palavra francesa que quer dizer «estouvada».

PEDRO VILHENA — Ai quer?! (*A Diogo Campos*): Continuo, Sr. Diogo Campos.

DIOGO CAMPOS — Vejo que a minha poesia não agrada à Sr.» D. Emilia.

EMÍLIA — Pelo contrário. O senhor é que não gosta dos meus epigramas.

DIOGO CAMPOS — São excelentes, mas...

VARIAS SENHORAS — Adiante, adiante, Sr. Campos.

D. MARGARIDA — Vamos. Continue.

DIOGO CAMPOS — Lá vai: (*O mesmo jogo que anteceden-temente*).

Mulher feiticeira qu'outrora eu amei  
Por quem ainda nutro custosa paixão.

PEDRO VILHENA (*a Miguel Tavares*) — Paixão custosa! Entendo, custa lhe muito a nutrir; também não admira: está tudo tão caro.

MIGUEL TAVARES (*a Pedro Vilhena*) — Chitom!

DIOGO CAMPOS (*olha-os despeitado e prossegue*):

Oh! não me desprezes, ingrata, não vês  
O amor que se encerra no meu coração?

PEDRO VILHENA — Ela como o há-de ver se ele está lá metido?

EMÍLIA (*singelamente*) — Como era feiticeira...

TODOS (*rindo-se*) — Ah! ah! ah!...

MIGUEL TAVARES (*consigo mesmo*) — Ela dirá isto inocentemente ou de propósito?!

UMA SENHORA a OUTRA — Não sei para que ele está com aquelas coisas, um rapaz tão serviçal...

LUÍSA — A quadra seguinte, Sr. Campos, a quadra seguinte.

CENA 10.'

OS MESMOS e JOSÉ PAULO (*a cavalo fora das grades do jardim*)

JOSÉ PAULO — Ó lá de dentro! Mandem-me abrir a porta e segurar no cavalo.

QUASE TODOS — Aí vem o Sr. José Paulo, aí vem, até que afinal.

D. MARGARIDA — É ele, é. (*A Diogo Campos*): O Sr. Campos faz-me o obséquio de lhe ir abrir a porta?

DIOGO CAMPOS — Pois não, minha senhora. (*Obedece*).

PEDRO VILHENA (*a Miguel Tavares*) — Aí está como são as coisas deste mundo: um poeta daqueles transformado em porteiro.

MIGUEL TAVARES — Aonde entra o dinheiro. *adieu poësie.*  
Oh! oh! oh!

JOSÉ PAULO (*depois de entregar o cavalo a um criado*) — Ora vivam, meus senhores. (*Todos, menos Luísa e Pedro Vilhena, correm a cumprimentá-lo*).

DIOGO CAMPOS — Eu guardo-lhe o guarda-sol, eu guardo-lhe ;  
faça favor. (*Vai guardar-lhe o guarda-sol e volta*).

MIGUEL TAVARES — Oh! *Bonjour, monsieur, comment ça va-t-il?*  
(*Aos que o rodeiam*): Assim dizem os Franceses.

UM SUJEITO — Há-de vir muito suado, não, Sr. Costa?

UMA SENHORA — É preciso cautela, esta viração pode-lhe  
fazer mal.

OUTRA SENHORA — Veio a pé?

O MARIDO — Não, veio a cavalo. Não viste?

VÁRIOS SUJEITOS — E que lindo cavalo ele não é!

UMA SENHORA (*ao marido*) — Vês que bonito gosto de colete!  
assim é que tu devias comprar um... Repara.

OUTRA — Que bem feito ramo que traz! O Sr. Costa sempre tem  
os gostos mais delicados!

JOSÉ PAULO (*sem atender aos cumprimentos*) — Com licença.  
(*A D. Margarida*): Este ramo é para a menina Luísa; aonde está ela?  
(*Vendo-a*): Ah! Fujam, dêem licença. (*Todos se afastam*).

PEDRO VILHENA — Viva, Sr. José Paulo, vai bonzinho?

JOSÉ PAULO — Obrigado. (*A Luísa*): Ora viva, trago-lhe aqui um  
ramo muito asseado, vê? (*Dá-lho*).

LUÍSA — Não é feio. Muito obrigada.

JOSÉ PAULO — Então divertiu-se muito hoje?

LUÍSA — Alguma coisa.

DIOGO CAMPOS — Mais nos divertimos nós que pudemos gozar  
da amabilíssima companhia da Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Luísa da Cunha e  
Almeida.

LUÍSA — O Sr. Campos está um lisonjeiro! Nem por um momento  
tem deixado de render finezas aos circunstantes. É poeta e basta.

DIOGO CAMPOS — Falo sincero, eu...

JOSÉ PAULO (*interrompendo*) — Então chegaram há muito?

D. MARGARIDA — Há já algum tempo.

JOSÉ PAULO — Havia de estar muito calor.

EMÍLIA — Estava assaz, estava.

MIGUEL TAVARES (*a Pedro Vilhena*) — Este nosso assaz é exac-  
tamente o assez francês.

JOSÉ PAULO — Será melhor agora irmos até lá dentro, não  
acham?

D. MARGARIDA — Como quiserem. Que diz, Sr. Miguel Tavares?

MIGUEL TAVARES — O quê, minha senhora? Eu estava *distrait*,  
assim se diz em França.

D. MARGARIDA — Se quer que passemos aos salões?

MIGUEL TAVARES — *Comine il vous plaira. (A José Paulo):* Assim dizem os Franceses, o que significa: «Como quiserdes», como for de vossa vontade.

JOSÉ PAULO (*voltando-lhe as costas*) — Sim senhor, Sim senhor.

MIGUEL TAVARES (*consigo mesmo*) — É uma bela língua, *charmant*e!

D. MARGARIDA — Vamos então.

TODOS — Vamos.

## CENA 11

OS MESMOS e JOÃO DE SOUSA (*entrando da direita*)

JOÃO DE SOUSA (*avançando timidamente com o chapéu na mão*) — Qual é de V. Ex.<sup>as</sup> a Sr. D. Margarida de Almeida?

D. MARGARIDA (*secamente*) — Sou eu, senhor, pretendia alguma coisa?

JOÃO DE SOUSA — Sou portador de uma carta para V. Ex.».

D. MARGARIDA — Para mim! Faz obséquio. (*Estendendo a mão*).

JOÃO DE SOUSA (*entregando-lha*) — Ei-la. (*Aparte*): Tremem-me as pernas, tantos olhos fitos em mim. Quando souberem quem sou... Valha-me Deus.

MIGUEL TAVARES (*a Luisa*) — Este rapaz tem um ar a que os Franceses chamam *gaúche*. E que em Portugal se pode traduzir, e ainda assim mal, por *acanhado*, pois *esquerdo* tem uma acepção diferente dessa palavra.

LUÍSA — Mas não deixa de ser simpático.

EMÍLIA — Um .. vestuário muito repreensível e ordinário.

LUÍSA (*com desdém*) — Acha?

DIOGO CAMPOS (*a Luisa*) — V. Ex.» sabe-me dizer quem é este senhor tão inocente, que parece prestes a desmaiar?

LUÍSA (*voltando-lhe as costas*) — Não conheço.

PEDRO VILHENA (*a Paulo da Costa*) — Simpatizo com este rapaz. Sabe quem é?

JOSÉ PAULO — Não, por ora não. (*Dirige-se para junto de D. Margarida*).

UMA SENHORA (*a outra*) — Que fraca figura!

OUTRA — Que cabelo tão mal penteado!

UM SUJEITO — Nem sequer ao menos traz luvas.

OUTRO — É algum alfaiate ou sapateiro.

O PRIMEIRO — Sim, há-de andar por isso.

D. MARGARIDA (*"acabando de ler a carta"*) — Quê! Será possível?! O senhor é o filho do amigo mais íntimo de meu marido! Com que contentamento eu recebo esta carta! Acredite que é para mim um dia de verdadeiro prazer este em que acolho em minha casa o senhor... (*Olha para a carta para ver o nome*).

JOÃO DE SOUSA — João de Sousa...

D. MARGARIDA — João de Sousa e mais alguma coisa.

JOÃO DE SOUSA — Sou conhecido só por esses dois nomes.

(Aparte): Meu pai, o amigo mais íntimo de seu marido! Esta agora! JOSÉ PAULO (*a D. Margarida*) — Quem é este rapaz?

D. MARGARIDA (*a Paulo*) — É o filho do comendador José de Sousa Melo e Albuquerque, nunca ouviu falar?

JOSÉ PAULO — Se ouvi! É o mais rico capitalista de Braga.

D. MARGARIDA — Bom casamento para Luísa!

JOSÉ PAULO — Decerto, é tratar disso. (*Afasta-se*).

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Ou o meu companheiro me enganou ou ela hoje está em maré de rosas. Que acolhimento! Decerto que me convida para jantar.

UMA SENHORA — Pelos modos é rapaz fino.

UM SUJEITO — Ele tem o quer que é que me agrada.

A SENHORA — Sim, eu também acho. Conhece-se que não é nenhum troca-tintas.

MIGUEL TAVARES (*depois de conversar com José Paulo*) — Oh! Oh! É uma fortuna imensa.

VÁRIOS SUJEITOS (*rodeando Miguel Tavares*) — Quem é? Quem é?

MIGUEL TAVARES — O filho de José de Sousa e Albuquerque, filho único.

UM SUJEITO — Bem se vê que é rapaz de boa família. Eu logo suspeitei.

UM OUTRO — Aquela sua simplicidade é de bom gosto.

O PRIMEIRO — Pois não.

UMA SENHORA — Aquela modéstia é o mais seguro sinal de merecimento...

D. MARGARIDA (*que tem conversado com João de Sousa*) — Pode estar certo que o hei-de estimar como se fora sua mãe; permita-me que o abrace. (*Abraça-o*). Dou parabéns à fortuna por o ter guiado a minha casa.

JOÃO DE SOUSA — Oh! Minha senhora, tanta honra confunde-me.

(Aparte): Parece incrível!

UMA SENHORA (*para outra*) — Que boa educação!

OUTRA — É um rapaz muito elegante e de uma modéstia rara.

A PRIMEIRA — Ai, isso é.

LUÍSA (*depois de ouvir Diogo Campos*) — Quê! Pois na verdade será tão rico? Não o parece,

DIOGO CAMPOS — Deixe lá, que em qualquer coisa se conhece. Repare-lhe para o modo de se pentear; aquele desleixo é de muito bom gosto.

MIGUEL TAVARES — É o que os Franceses chamam à *negligé*.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Estou enganado! Que mulher! Isto sim, é que eu chamo proteger as artes! (*José Paulo toma-lhe o braço*).

PEDRO VILHENA — Muito dinheiro deve ele de ter; José Paulo que lhe toma o braço...,

JOSÉ PAULO (*passeando com João de Sousa*) — Meu caro, então como passa o senhor seu pai? Não tenho a honra de o conhecer pessoalmente, mas sei que é um homem respeitável pelas suas óptimas qualidades.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Este senhor estar-me-á a desfrutar?

JOSÉ PAULO — É a primeira vez que vem ao Porto?

JOÃO DE SOUSA — Sim, senhor.

JOSÉ PAULO — Pois verá que não é de todo má esta cidade. Há-de-se dar bem nela. É um pouco superior à sua pátria.

JOSÉ DE SOUSA (*aparte*) — É desfrute, decididamente. Pois se o Porto não havia de ser melhor do que a aldeia de São Salvador dos Rios! (*Continuam a passear*).

MIGUEL TAVARES (*dando o braço a D. Margarida*) — Pois digo-lhe, minha senhora, que este seu protegido é um rapaz *très aimable*, assim se diz na França.

D. MARGARIDA — É muito rico.

UMA SENHORA (*ao marido*) — Repara com que elegância ele passeia!

O MARIDO — É um perfeito dândi.

PEDRO VILHENA — Então já lhe não parece um alfaiate?

O MARIDO — Bem vê que as primeiras impressões...

PEDRO VILHENA — Sim, sim. Daqui por diante, antes de falar de alguém, informe-se primeiro da sua fortuna, para não cair em contradições. (*Afastá-se*).

LUIZA (*a Diogo Campos*) — Aproveite aquele conselho, Sr. Campos.

O MARIDO — Este Sr. Vilhena é um impertinente.

JOSÉ PAULO (*a João de Sousa*) — Ai, mas há-de o meu amigo perdoar o ter me descuidado da sua apresentação a estes senhores; também é quase tudo gente de pouco mais ou menos; fortunas arruinadas, outras em princípio...

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Isto é remoque. Que dirá então de mim que estou pior do que qualquer deles!

JOSÉ PAULO — Não obstante eu sempre o apresentarei,

JOÃO DE SOUSA — Oh! Senhor, tanto incômodo...

JOSÉ PAULO (*apresentando João de Sousa*) — Meus senhores: O Sr. Sousa que V. S.<sup>as</sup> já muito bem hão-de conhecer, dignou-se encarregar-me da sua apresentação; não preciso de o recomendar a V. S.<sup>as</sup>, pois sei que já ele soube granjeiar todas as simpatias, não só pelas suas distintas qualidades, mas por ser o filho de um dos amigos mais sinceros desta família e um homem cuja honradez é geralmente reconhecida. (*Todos o cumprimentam*).

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Oh meu pai, mal sabes que boas ausências por cá te fazem! Parece incrível!

JOSÉ PAULO (*a João de Sousa*) — Estes senhores e senhoras que aqui estão presentes são todos amigos íntimos da Sr." D. Margarida a quem V. S<sup>as</sup> veio recomendado. (*João de Sousa saúda-os*). (*Levando*

*João de Sousa junto a Luisa*): Esta menina é a senhora D. Luísa da Cunha e Almeida, sobrinha de D. Margarida.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Que bonita rapariga! É a tal de que o meu companheiro falava, se eu pudesse... mas não são para mim fortunas dessas. (*Alto a Luisa*): Mais uma razão tenho para dar graças à Providência por me ter conduzido a esta casa.

LUÍSA — Por bem pouco incomoda a Providência! (*Continuam a conversar*).

DIOGO CAMPOS — Que linguagem! É um rapaz de esmerada educação; bem se vê.

PEDRO VILHENA — Então porquê?

DIOGO CAMPOS — Finezas como aquelas nem todos as sabem render; esse é o grande caso.

PEDRO VILHENA (*rindo-se*) — Tendo dinheiro, talvez.

D. MARGARIDA — Sabe, Sr. Sousa, que o não dispenso de jantar hoje connosco? É um jantar modesto, mas...

JOÃO DE SOUSA — V. Ex.as confundem-me. (*Aparte*): A sociedade ainda não está pervertida, como se diz; ouvindo o nome de um artista todos se afastam com respeito. Pelo menos a sociedade do Porto.

EMÍLIA (*a Luisa*) — É um lindo rapaz! Se me parecer talvez o namore.

LUÍSA (*com desdém*) — Sim? Mal sabe ele a felicidade que o espera.

MIGUEL TAVARES (*a Pedro Vilhena*) — Então que lhe parece o nosso *jeune homme*; mancebo, em francês.

PEDRO VILHENA — Não antipatizo com ele.

MIGUEL TAVARES — É um rapaz *comme il faut*, assim dizem os Franceses.

PEDRO VILHENA (*rindo-se*) — E tem dinheiro também *comme il faut*.

MIGUEL TAVARES — Oh! Oh! Oui, oui, c'est vrai.

JOSÉ PAULO (*a João de Sousa*) — Pois é verdade. Então o meu amigo deixou talvez lá por sua terra alguma pessoa, além de seu pai, a quem a sua partida fosse muito custosa?

JOÃO DE SOUSA — Não, por ora não tenho ninguém que me ame.

JOSÉ PAULO — Não?

JOÃO DE SOUSA — Não, senhor.

JOSÉ PAULO — Palavra de honra?

JOÃO DE SOUSA — Palavra de honra!

JOSÉ PAULO (*aparte*) — Bom. (*Alto*): Talvez encontre no Porto o que ainda não encontrou noutra parte.

JOÃO DE SOUSA (*olhando para Luisa*) — Quer-me parecer que sim, isto é, que me ame, não, mas a quem eu ame...

JOSÉ PAULO — Deveras? E se o mandassem escolher entre as damas que aqui se encontram...

JOÃO DE SOUSA (*suspirando*) — Oh! Tais felicidades não são para mim.

JOSÉ PAULO—Porque não? O senhor pode aspirar a tudo.

JOÃO DE SOUSA—Posso aspirar a tudo! (*Aparte*): O Porto, terra abençoada, em que o artista a tudo pode aspirar!

UMA SENHORA (*a Luisa*)—Com que gravidade ele conversa! Olhe que é um rapaz estimável.

LUÍSA—É, também assim o penso.

JOSÉ PAULO (*a João de Sousa*)—Então?

JOÃO DE SOUSA—Se me dessem a escolher, não hesitava.

JOSÉ PAULO—Então quem era?

JOÃO DE SOUSA—Isso nem se pergunta.

JOSÉ PAULO—Mas diga.

JOÃO DE SOUSA—Pois quem poderia eu escolher senão aquela menina a quem há pouco me apresentou?

JOSÉ PAULO—Luísa? Fala sério?

JOÃO DE SOUSA—Pois que pensa? Escolher... eu bem sei que... mas...

JOSÉ PAULO—Pois olhe que é muito realizável.

JOÃO DE SOUSA—O quê, senhor?

JOSÉ PAULO—Talvez se venha a efectuar esse consórcio.

JOÃO DE SOUSA—O senhor está a caçoar comigo?

JOSÉ PAULO—Eu? De modo nenhum.

JOÃO DE SOUSA—Pois acha que...

JOSÉ PAULO—Então? Que dúvida?

JOÃO DE SOUSA—A minha fortuna...

JOSÉ PAULO—A dela é quase igual.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*)—há isso mau é. (*Alto*): Mas D. Margarida...

JOSÉ PAULO—Não deseja outra coisa!

JOÃO DE SOUSA—Que diz, senhor?

JOSÉ PAULO—Falo-lhe sincero. Pois que acha? Muitas vezes me falou em si!

JOÃO DE SOUSA—Em mim!

JOSÉ PAULO—Em si, sim, senhor, no Sr. Sousa.

JOÃO DE SOUSA—Filho de José de Sousa.

JOSÉ PAULO—Justo.

JOÃO DE SOUSA—Isto será um sonho?

JOSÉ PAULO—Ora um sonho, o senhor é engraçado.

JOÃO DE SOUSA—Mas a sobrinha...

JOSÉ PAULO—Ora essa! Repare nos olhos com que ela o fita. Olhe que aquele olhar não engana.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*)—É no que eu acredito mais. Mas isto parece um conto de *As Mil e Uma Noites*. Muito me ria se eu roubava a noiva ao outro. (*Alto*): O senhor por quem é, não caçoe comigo, não me faça entrever a felicidade para depois me despenhar na mais penível das realidades.

DIOGO CAMPOS (*que lhe ouviu as últimas palavras corre a*

vários sujeitos) — Que bem conversa ele! Está agora a falar com o Sr. Costa em literaturas. (*Aproximam-se dos dois*).

PEDRO VILHENA — Em literatura com o Sr. Costa! Então é mais poderoso que Santo António; porque eu mais depressa me convenço que os peixes o ouviram pregar, de que o Sr. José Paulo fale em tal assunto.

JOSÉ PAULO — Afastemo-nos que nos estão ouvindo. (*Passeia*). Pois olhe que é verdade o que lhe digo. O senhor facilmente consegue isso que tão ardente parecer desejar. Deve principiar por dar em sua casa um jantar, para o qual convide bastante gente que conheça, e que a trate esplendidamente.

JOÃO DE SOUSA — Mas...

JOSÉ PAULO (*aparte*) — Ele tem razão. Provavelmente o pai é sovina e não lhe dá dinheiro para a mão. Não importa, está seguro, portanto posso confiar-lho. (*Alto*): Talvez não tenha agora disponível a soma para isso necessária; não tem dúvida, eu abono, eu abono, depois me pagará.

JOÃO DE SOUSA — E responde por o bom êxito se eu assim proceder?

JOSÉ PAULO — Empenho a minha palavra.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Bom. Então poderei pagar depois de casado. Estou que D. Margarida sempre lhe há-de dar alguma coisa de dote. (*Alto*): O senhor, a quem eu devo tantas obrigações, o seu nome...

JOSÉ PAULO — José Paulo da Costa. Um rapaz como o senhor torna-se por si mesmo recomendado. Depois lhe direi a razão por que me empenho neste assunto.

D. MARGARIDA — Vamos, senhores, vamos para dentro.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — O outro não aparece.

CENA 12. "

OS MESMOS e JOÃO DE ALBUQUERQUE (*adiantando-se com desembaraço*)

VOZES — Quem será este rapaz? É rapaz fino; olhem o modo por que se apresenta. Isto é de boa família.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*a D. Margarida*) — É V. Ex.<sup>a</sup> a Sr." D. Margarida de Almeida?

D. MARGARIDA (*cortês*) — Eu mesma.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Espero que queira ter a condescendência de ler esta carta. (*Entrega-a*) (*Aparte*): Não perdi o meu tempo, já sei quem é o homem que dizem ser bom empenho para D. Margarida: é este que lhe dá o braço, decreto. (*Olha para Miguel Tavares*). Que eu estou que não será preciso.

DIOGO CAMPOS (*a Luísa*) — Este rapaz é decerto de tão boa família como o outro, bem se conhece.

LUÍSA (*sentando-se*) — Siga o conselho que há pouco ouviu do Sr. Vilhena, não fazer um juízo sem se informar da sua fortuna.

PEDRO VILHENA — Sim, queira Deus que em breve o Sr. Campos não seja obrigado a modificar a sua opinião.

JOÃO DE SOUSA (*baixo a João de Albuquerque*) — Tive um acoitamento magnífico, estupendo, maravilhoso. Não faz ideia; ela está hoje com paixão por as artes e também todos os outros... Uma coisa assim...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Mal sabe quanto estimo.

EMÍLIA — O papá, como é «muito bonito» em francês?

MIGUEL TAVARES — *Très joli*, filha.

EMÍLIA (*a Luísa*) — Aquele rapaz é *très joli*, assim dizem os Franceses. E assim o disse o Sr. Miguel Tavares.

D. MARGARIDA (*acabando de ler a carta*) — (*Aparte*): Importuno. (*Alto, secamente*): Estimo muito recebê-lo em minha casa. Pode contar com a minha protecção. (*Volta-lhe as costas. João de Albuquerque fica estupefacto*).

MIGUEL TAVARES (*a D. Margarida*) — Quem é? Quem é?

D. MARGARIDA (*com enfado*) — Um pintor, ora.

MIGUEL TAVARES — Um pintor! Oh! Bem está. Eu sou entusiasta por a pintura. — *La peinture est ma déesse.* (*Aproxima-se de João de Albuquerque*).

JOSE PAULO (*a D. Margarida*) — Quem é este rapaz?

D. MARGARIDA — O filho do meu trolha. Um pintor que pede a minha protecção.

JOSE PAULO — Será possível? Com aqueles modos?

D. MARGARIDA — Então que quer, o mundo vem agora assim.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*aparte*) — Que diabo é isto?! É deste modo que me acolhem! O filho de um capitalista!

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Oh! Que quer dizer isto? A um pintor, filho de um trolha, tanta coisa e a um rapaz rico, filho de um capitalista, nada. Oh! Porto! A tua sociedade, se assim é toda, é a república mais república que tem havido, há e há-de haver!

VARIOS SUJEITOS (*informando-se com Miguel Tavares*) — Quem é ele, quem é ele?

MIGUEL TAVARES — Um pintor, um artista.

TODOS (*com desprezo*) — Ah!

SENHORAS (*com curiosidade*) — Quem é, quem é?

UM SUJEITO — Dizem que é um artista.

UMA SENHORA (*com desprezo*) — Ai sim! Pois olhe, não parecia.

OUTRA — Não, eu logo vi. A sem-cerimónia com que se apresentou... É ver a sua fanfarronice e a modéstia do outro.

UM SUJEITO — Ah! Pois o outro é rapaz muito fino.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*aparte*) — Eu estou capaz de sair por a porta fora. Que me importam estes senhores! É desaforo! (*Reflec-*

*tindo):* Mas quero ser prudente. O casamento... Nada, não desanimar. Vou ver se capto as benevolências daquele senhor. (*Apontando para Tavares*). D. Margarida hoje está apenas para ser artista. A mania há-de passar-lhe. Se meu pai soubesse que a sua carta não fez efeito nenhum! É a primeira vez que vejo o dinheiro fazer fiasco e a arte vencer.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Este pobre rapaz ficou bastante zangado e com razão; mas enfim!... Esta gente é desinteressada. Palavra de honra que cuidava que não existia no mundo gente tão virtuosa. A fortuna, por um dos seus inexplicáveis caprichos, sorri-me agora, e volta-me as costas amanhã.

JOSÉ PAULO (*toma o braço de João de Sousa*) — Mas, meu caro, como lhe dizia...

DIOGO CAMPOS (*a Luisa*) — Afinal de contas sempre é verdadeiro o ditado que diz: Logo se vê na aragem quem vai na carruagem. Sabe que aquele senhor é um simples pintor?...

PEDRO VILHENA — E por conseguinte indigno da consideração do Sr. Diogo Campos, que não é pintor, mas... mas... mas o quê? Palavra de honra que não sei o que o senhor é.

LUÍSA — Já vê, Sr. Campos, que fez mal em não seguir ainda desta vez o conselho do Sr. Vilhena.

EMÍLIA — Ó Luisinha. Se quiser namorar aquele pode estar descansada que lhe não faço guerra. Dizem que é pintor... Ai, mas o meu quadro...

LUÍSA (*com desdém*) — Ai não! Não faz guerra? Palavra? Então vou tratar disso.

MIGUEL TAVARES (*a João de Albuquerque*) — Que tem? Então que é isso, *mon cher*? Sabe francês?

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*aparte*) — É este mesmo, agora tratemos de o pôr de parte. Parece fácil. (*Alto*): Alguma coisa.

MIGUEL TAVARES — Bom é isso. Então havemos de nos dar bem.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Assim o espero.

MIGUEL TAVARES — Então o senhor pinta, não? Eu sou um amante decidido da pintura, *c'est ma passion favorite*. Assim dizem os Franceses.

LUÍSA (*a Pedro Vilhena*) — Ai está o pobre rapaz a aprender do Sr. Miguel Tavares o que dizem os Franceses.

PEDRO VILHENA (*a Luisa*) — E o outro a aturar o Sr. Costa em cavaco que com toda a probabilidade versa sobre dinheiro.

DIOGO CAMPOS — Nada, eles conversam em literatura.

PEDRO VILHENA — Talvez falassem das suas poesias.

UM SUJEITO (*à sua esposa*) — Ora, mas é pouca-vergonha; repara como aquele senhor se quer mostrar fidalgo; pois dizem até que é filho de um trolha.

A SENHORA -- Mas não sei por que é que não pode disfarçar a origem.

JOSÉ PAULO (*a João de Sousa*) — Oh! Senhor, palavra de honra, asseguro-lhe que há-de ser bem sucedido.

JOÃO DE SOUSA — Desse modo serei o homem mais feliz do universo.

JOSÉ PAULO (*suspirando, aparte*) — E eu também verei realizados os meus sonhos.

MIGUEL TAVARES — Mas não pratica a arte, não pinta?

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*aparte*) — Este é também maníaco por a pintura; que forte mania há hoje nesta casa. Não tem dúvida, o mais seguro é dizer-lhe que sim. (*Alto*): Se não pinto, oh! senhor, pois que havia eu de fazer se não pintasse! A pintura é a mais bela das artes, e o meu anjo da guarda, é...

MIGUEL TAVARES — Isso, sim, gosto desse entusiasmo; vós tendes o que os Franceses chamam *la connaissance du beau*.

DIOGO CAMPOS (*que ouviu João de Albuquerque*) — Que estilo tão pretensioso! É ridículo. Se fosse o outro...

PEDRO VILHENA — Ou este mesmo há coisa de minutos antes, hem?

D. MARGARIDA — Para dentro, senhores, vamos para dentro que já é noite. (*Vão as senhoras e senhores. D. Margarida a João de Sousa*): Sr. Sousa, tenho medo que nos tente fugir; vamos, acompanhe-nos.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Eu nem sei se estou a dormir ou acordado. (*Alto*): Fugir, seria um crime imperdoável.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Bravo! Decidido! Muito está o mundo às avessas; estou arrependido de o ter deixado vir primeiro do que eu. Talvez isso seja...

D. MARGARIDA (*voltando-se para João de Albuquerque*) — E o senhor... como se chama, João de...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — João de Sousa e...

D. MARGARIDA (*sorrindo*) — João de Sousa é o outro. Espero que o Sr. João ceie connosco também. (*Sai com José Paulo que diz a João de Sousa*): Dê o braço a Luísa.

JOÃO DE SOUSA (*a Luísa*) — Faz-me o distinto obséquio de querer aceitar o meu braço?

PEDRO VILHENA (*aparte*) — Em pouco tempo lhe oferecerás a mão...

LUÍSA — Oh! Pois não, com todo o gosto.

MIGUEL TAVARES (*a João de Albuquerque*) — Vamos, *mon cher*, venha daí. (*A Emilia*): Venha, menina.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ai! É esta decerto a sobrinha. Decididamente, não desanimemos. (*A Miguel Tavares*): Permite que ofereça o meu braço àquela menina?

MIGUEL TAVARES — Pois não. (*João de Albuquerque oferece o braço e sai*).

MIGUEL TAVARES — Era um casamento bastante *convenable*, assim dizem os Franceses.

DIOGO CAMPOS — Minhas senhoras, são servidas de se utilizarem do meu braço? Continuemos à mesa a desfrutar tudo isto.

## ACTO 2.º

*A cena passa-se em casa de João de Sousa. Uma sala elegantemente mobilada. Adiante um piano. Portas ao fundo. Uma porta à direita e outra à esquerda.*

CENA 1

JOÃO DE SOUSA (*só, deitado num sofá, fumando um charuto*) — Quanto mais penso na minha situação actual tanto mais me capa-  
cito de que o Porto é um país de fadas. Tudo o que me acontece é tão  
extravagante, tão grandemente fabuloso que não sei se deva lançar-me  
com os olhos fechados neste grande mar, para mim tão bonançoso,  
da alta sociedade, ou se deva fugir-lhe, com medo de que a mais leve  
viração irrite as vagas e me faça naufragar. Esta D. Margarida e todos  
os outros que lhe faziam companhia é a gente mais excêntrica que  
tenho visto e de que tenho ouvido falar. Todos me dizem que hoje em  
dia o dinheiro impера na sociedade, que é a força que põe tudo em  
movimento. Julgava eu que um homem sem dinheiro passaria desaper-  
cebido. Que o mundo era só dos ricos e para os ricos. Mas qual histó-  
ria? Pelo menos no Porto muda isso de figura. O rico é desprezado,  
com algumas exceções. Enquanto que o pobre é tratado com toda a  
consideração. Será talvez por eu ser pintor que isto me aconteceu.  
Durante a ceia que tive em casa de D. Margarida antes de ontem, não  
me deixaram um momento sossegado: uns serviam-me deste ou daquele  
guisado, outros lançavam-me vinho no copo, outros tiravam-me os pra-  
tos sujos e substituíam-nos por outros novos. Finalmente nunca ciei  
servido por tantos criados e de tão boa família. Porém, o outro, o rico  
capitalista de Braga esse pouco ceou, coitado, ninguém fazia atenção  
nele; aturou enquanto durou a ceia, e mesmo depois, o cavaco de um  
senhor que seguramente mais de cem ou duzentas vezes fazia ouvir  
as expressões que os Franceses empregavam no tempo em que ele  
esteve em França e mesmo agora. Nunca o dinheiro se viu tão descon-  
siderado. Acabada a ceia passámos ao baile, aonde então é que me  
espansei! Dancei quase sempre com Luísa; fiz-lhe uma declaração

amorosa e ela não se ofendeu por isso, não me desprezou, apesar de ser um plebeu; pelo contrário aceitou o meu amor e ofereceu-me o dela. Estamos em tempos em que nem todos têm uma inocência e honradez por ai além. O meu companheiro esse, senhora que tirasse para par, era sabido que se recusava a dançar com ele. Mas porquê? Eu sei lá! De modo que o pobre diabo teve de dançar com a filha do tal seu amigo afrancesado, e nada mais. Andava que nem uma vibora! D. Margarida não lhe dirigiu uma palavra! Acabado o baile, e como soubessem que eu não tinha tido tempo ainda de alugar quarto no Porto, fizeram-me lá ficar e introduziram-me numa sala magnificamente adornada. Só o que notei pelas paredes foram alguns quadros horripilantes, monstruosos, a par de outros de muito merecimento. É, pois, verdade o que me disse João de Albuquerque, relativo a D. Margarida. Ontem José Paulo veio comigo alugar esta casa; mobila-a ricamente e coloca-me no meio de tudo isto como um sultão no seu palácio! Abona todo o dinheiro sem me dizer por que fazia tudo isto. Acho-me, pois, hoje como um perfeito fidalgo numa casa que dizem minha, mas para pagar a qual não tenho nem cinco réis, e à espera das pessoas que me dignei convidar para jantar. Parece-me impossível. Mas enfim o Sr. José Paulo da Costa cismou em que eu o devia fazer, vá lá, Ele é que se tem encarregado de tudo isto. Oh! se o casamento se desfaz é que eu não sei como hei-de pagar esta dívida.

UM CRIADO (*entrando*) — O Sr. José Paulo da Costa pretende falar com V. S.<sup>a</sup>.

JOÃO DE SOUSA — Que entre, que entre, esta casa é sua. (*O criado sai*). E o mais é que não minto. Por ora é dele, e sabe Deus quando será minha.

CENA 2.

### JOÃO DE SOUSA e JOSÉ PAULO

JOSÉ PAULO — Então como vai isso, meu amigo, passou bem a noite?

JOÃO DE SOUSA — Optimamente. Faz o obséquio de se sentar.

JOSÉ PAULO (*senta-se num canapé*) — Pois é verdade. Venho por aqui para ver se carece de alguma coisa para hoje; bem sabe que nestes dias um homem anda sempre atrapalhado.

JOÃO DE SOUSA — Graças ao Sr. José Paulo tudo vai às mil maravilhas. Agora diga-me o senhor: e em casa de D. Margarida, que dizem por lá de mim?

JOSÉ PAULO — Bem, muito bem. D. Margarida está encantada. Luísa apaixonadíssima por o Sr. Sousa. Depois que souberam o convite para o jantar de hoje mais aumentou o interesse que o senhor lhes inspirava. Gabaram muito a sua delicadeza e o seu procedimento.

JOÃO DE SOUSA — Visto isso, talvez que aqueles meus desejos que manifestei... talvez se realizem?

JOSÉ PAULO — Pode dizer que estão realizados.

JOÃO DE SOUSA (*abraçando-o*) — O Sr. José Paulo, Sr. José Paulo. deixe-me abraçá-lo. Reconheço os favores que recebo. E do senhor tenho recebido infinitos. Nunca os poderei pagar.

JOSÉ PAULO — Diga-me, escreveu a seu pai, como eu lhe disse?

JOÃO DE SOUSA — Escrevi. Espero tê-lo hoje para jantar.

JOSÉ PAULO — Deveras?

JOÃO DE SOUSA — Eu assim lho pedi.

JOSÉ PAULO — Óptimo, óptimo. Isso é muito bom. Pode ficar hoje tudo feito.

JOÃO DE SOUSA — O Sr. José Paulo fez a conta da despesa que tem feito nesta casa?

JOSÉ PAULO — Isso não tem pressa.

JOÃO DE SOUSA — Não, eu queria saber.

JOSÉ PAULO — Basta que o senhor me passe uma obrigação para me pagar um conto de réis, mas depois do seu casamento com Luísa; porque bem vê tenho de fazer hoje ainda mais despesa.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Um conto de réis! Eu mesmo, obrigação de um conto de réis! Tem sua graça. O que vale é que é só depois do casamento com a Sr." D. Luísa que pago.

JOSÉ PAULO — Ou se quiser alongar mais o prazo pode dizer que paga quando receber o que lhe tocar por morte de seu pai.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Há-de-me tocar grande coisa. (*Alto*): Nada, isso não valia de nada. Eu passo-lhe a obrigação como disse.

JOSÉ PAULO — Sim, sim. Logo lemos tempo.

JOÃO DE SOUSA — Agora, Sr. José Paulo, satisfaça a minha curiosidade. O que é que o obriga a proceder deste modo para comigo?

JOSÉ PAULO — Eu lho digo. Como muito bem sabe, D. Margarida é viúva de um antigo coronel de cavalaria por nome Pedro da Cunha e Almeida. Este homem era possuidor de uma boa fortuna, fortuna para ele muito grande, porque a sua família se resumia em sua esposa D. Margarida. Porém, dois anos antes da morte de Pedro de Almeida, um seu irmão morrera deixando a sua filha Luísa uma fortuna igual ou talvez maior que a de Pedro e nomeando a este tutor de sua filha.

JOÃO DE SOUSA — Então é Luísa muito rica?

JOSÉ PAULO — Pois que dúvida? É riquíssima.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Que diabo me dizia então ele no outro dia que a fortuna dela era quase igual à minha. Então bem está tudo. (*Alto*): Cada vez a amo mais!

JOSÉ PAULO — Pedro de Almeida e D. Margarida amavam Luísa como se ela fosse sua filha. Apresentaram-na nas melhores sociedades, levaram-na aos teatros; todos os desejos do tutor eram escolher-se um casamento que a tornasse feliz. Muitas vezes falou em si.

JOÃO DE SOUSA — Em mim? Ora esta! Então porquê? Nesse tempo ainda eu...

JOSÉ PAULO — Era muito criança, bem o sei, mas ele referia-se ao futuro.

JOÃO DE SOUSA — O senhor caçoa comigo, decididamente!

JOSÉ PAULO — O senhor é esquisito. Mas porquê, porque caçoo consigo?

JOÃO DE SOUSA — Porque... enfim continue. *(Aparte):* Nesse tempo era eu rapaz de trolha.

JOSÉ PAULO — A morte veio impedir Pedro de Almeida de levar ao fim os projectos que o acaso hoje parece querer pôr em prática. D. Margarida foi a herdeira de Pedro de Almeida; porém no testamento havia uma condição pela qual D. Margarida não podia, sob pena de ser deserdada, casar enquanto não arranjasse para Luísa um casamento que a tornasse feliz. No princípio deste ano fui eu apresentado pela primeira vez em casa desta senhora. E tanto admirei as suas boas qualidades, o seu bom coração... *(aparte):* e o seu dinheiro, *(alto):* que resolvi oferecer-lhe a minha mão. Foi então que ela me disse tudo quanto acabo de contar-vos e acrescentando que no dia em que, por meus esforços, sua sobrinha se casasse conforme os desejos de seu defunto marido, nesse dia ela me daria a mão de esposa. Sabeis agora qual é a razão do meu procedimento.

JOÃO DE SOUSA — Entendo agora tudo. Mas eu quero lembrar-vos uma coisa. A fórmula do testamento de Pedro de Almeida diz que não poderá D. Margarida casar sem que tenha arranjado para Luísa um casamento para a ter feliz. Como entenderia o Sr. Almeida a felicidade? Julgaria feliz o casamento com um rapaz que tivesse dinheiro, ainda que fosse ruim marido, ou antes o queria pobre, amando sua mulher, dotado de um bom coração?

JOSÉ PAULO — Ora Pedro de Almeida era um homem de juízo. Já se vê o que ele queria dizer por um casamento feliz. O senhor estava perfeitamente no caso. *(Aparte):* Com dinheiro já se vê, felicidade sem dinheiro é coisa que não posso conceber.

JOÃO DE SOUSA *(aparte)* — Visto isso, se eu estava no caso, é porque ele queria dizer um casamento em que reinasse a harmonia entre os cônjuges, um bom marido. Também assim o penso. Pedro de Almeida, pelos modos, era tão desinteressado como sua mulher, como Luisa, como quase todos que frequentam aquela casa.

JOSÉ PAULO — Já vê que se tanto me empenho no seu casamento é também porque a minha felicidade lhe anda estreitamente unida.

JOÃO DE SOUSA — Pois, Sr. José Paulo, se por acaso eu me vejo casado com a Sr." D. Luísa de Almeida sempre digo e direi que a minha vida é a vida mais extraordinária que pode haver.

JOSÉ PAULO — Não sei porquê. Era até de supor...

JOÃO DE SOUSA — Que diz? Pois eu, sendo um simples...

O CONDE DE FARO — Parece-te?

RUI DA SILVA — Sinto-o.

O CONDE DE FARO — Pois se de tal natureza são, hei-de-te ver em breve restituído ao que eras.

RUI DA SILVA — Enganais-vos. Não se esquecem tão depressa dores como estas. São chagas que dificilmente cicatrizam. Agora pouco se me dá da vida. Um dos mais estreitos laços que a ela me prendiam rompeu-se hoje.

O CONDE DE FARO (*segurando-lhe no braço e sorrindo*) — Ainda cá ficou este, e espero tenha força para te reter.

RUI DA SILVA — É o único. A ele me entrego todo. De ora avante o meu sangue, o meu braço, a minha vida vos pertencem. Disponde de mim.

O CONDE DE FARO — Não careço do teu braço enquanto possuir o meu, que até hoje bem me há servido; do teu sangue, também não hei mister. Mas aceito a tua amizade, essa sim; e por ela te peço que não desanimes. (*Estende-lhe a mão*).

RUI DA SILVA (*apertando-lhe a mão*) — Oh! Conde. Agora nada mais me faz hesitar, eu vos servirei cegamente. Velarei por vós, seguir-vos-ei a toda a parte. Os perigos que correrdes, convosco os arrostarei.

O CONDE DE FARO — Que melhor me podes servir do que até hoje tens feito? Falemos noutra coisa. Muito se fazem esperar meus irmãos e os outros nobres; dar-se-á que não venham?

RUI DA SILVA — Decerto que yêm.

O CONDE DE FARO — Ai, Rui. Quanto me pesam estas cenas! Que doloroso não é sentir a discórdia dividindo e separando homens, que unidos deviam andar, unidos por um só pensamento: o bem da Pátria. Que tristeza! Que confrangimento de coração se experimenta ao ver germinar e crescer neste belo solo português a amaldiçoada árvore das dissensões civis.

RUI DA SILVA — Já agora difícil será tolher-lhe o passo. Cresceu, há-de produzir.

O CONDE DE FARO — Pobre Pátria! Os teus filhos são os primeiros a dilacerar-te; não bastava que os outros...

RUI DA SILVA — Mas que queréis, conde? D. João é bastante austero e os nobres são altivos.

O CONDE DE FARO — Queria menos altivez nos nobres para que houvesse menos austeridade no rei.

RUI DA SILVA — São duas grandes potências que se desafiaram. Difícil será que alguma delas curve a cabeça e ceda à outra.

O CONDE DE FARO — A Deus não praza que a cabeça, que por vontade se não curva, abaixada seja de maneira a nunca mais se levantar.

RUI DA SILVA — Que quereis dizer?

O CONDE DE FARO — Os violentos tufoes que açoitam as florestas, curvam ao passar as hastes dos flexíveis arbustos, que depois de

companhia todas as pessoas que encontrou no outro dia em casa de D. Margarida.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ora diga-me uma coisa, o senhor quem é?

JOÃO DE SOUSA — Quem eu sou?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Sim. Chama-se João de Sousa?

JOÃO DE SOUSA — Chamo.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E o que é?

JOÃO DE SOUSA — O que eu sou? Não lho disse já?! Sou um pintor, filho de um trolha, natural da aldeia de São Salvador dos Rios.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ora, histórias, meu amigo, histórias; se fosse isso não lhe davam a consideração que lhe dão.

JOÃO DE SOUSA — Admirase? Também eu. Mas tudo o que me tem acontecido desde antes de ontem até agora, são enigmas, que por mais que tenha tentado, não posso decifrar.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — D. Margarida é uma mulher que olha muito ao dinheiro; se o senhor, como diz, fosse um simples pintor, sem cinco réis nos bolsos, não o tratava como o tratou no outro dia.

JOÃO DE SOUSA — É um enigma.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O Sr. Costa que ainda há pouco aqui esteve, e todos os que assistiram à ceia para que foram convidados, não lhe dariam importância alguma se efectivamente o senhor não fosse bem mais do que quer mostrar.

JOÃO DE SOUSA — É um enigma.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Se o senhor não fosse mais rico do que parece, mais rico do que eu, decerto que as visitas não principiariam por o senhor, mas sim por mim; por isso...

JOÃO DE SOUSA — É um enigma.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E demais, se o senhor não tivesse dinheiro, como poderia viver numa casa como esta, com um luxo que eu não posso, apesar de ter dinheiro, dando jantares a numerosas pessoas, finalmente tratando-se com uma magnificência real?...

JOÃO DE SOUSA — Em nada disto gastei, por ora, cinco réis.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Então tem alguma fada às suas ordens?

JOÃO DE SOUSA — Assim me parece.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O senhor quer desfrutar-me. Caço comigo.

JOÃO DE SOUSA — Eu? Ora adeus! Dou-lhe a minha palavra que não suspeito do que me está acontecendo; estou tão adiantado como o senhor. Parece que a fortuna pegou em mim ao colo e me leva ela mesma para a felicidade. Nem sei que caminho tenha trilhado nem como tenha andado para subir essa íngreme e fadigosa montanha, no cimo da qual aquela deusa se acha colocada e que todos os homens tentam subir quase sempre infrutuosamente.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A imagem é verdadeira, mas nada me explica.

JOÃO DE SOUSA — Diga-me então também qual a razão por que tendo o senhor todos os predicados para ser optimamente recebido no centro de uma família em que há uma rapariga para casar, o receberam friamente, sem que ninguém se importasse consigo...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A minha má recepção resultou do bom e inesperado acolhimento que o senhor teve. Por isso é que eu digo que o Sr. Sousa é muito mais do que o que me disse. É muito mais do que eu sou. Basta que me diga que eu adivinhei; não exijo nem podia exigir que me dissesse quem era.

JOÃO DE SOUSA — Está enganado, eu sou um pintor e mais nada. A única maneira de explicar tudo o que nos tem sucedido é admitir que esta sociedade não é como o senhor me tinha pintado. D. Margarida não ama as riquezas; gosta da arte, mais do que tudo. Diante dela o artista é superior ao maior milionário. A arte mata o dinheiro. Eu ofusquei o senhor.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ah! ah! ah! D. Margarida desprezando o dinheiro! Era preciso que viesse o Sr. Sousa descobrir-lhe em um dia essa qualidade que meu pai e todos os que com ela conviveram e convivem, nunca lhe conhecera.

JOÃO DE SOUSA — Então explique melhor se puder.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não sei, nem isso mais me importa. O facto é que não esperava que essa senhora me recebesse daquele modo. E todos os meus planos estiveram quase a frustrar-se. Mas, graças à minha pertinácia, ainda posso vencer.

JOÃO DE SOUSA — Que planos?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O de casamento com a sobrinha de D. Margarida.

JOÃO DE SOUSA — Então tem dado alguns passos a esse respeito?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Bastantes.

JOÃO DE SOUSA — Vai muito adiantado?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Alguma coisa.

JOÃO DE SOUSA — Para quando é o casamento?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Talvez dentro de três ou quatro meses.

JOÃO DE SOUSA (*rindo*) — Ah! ah! ah!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — De que se ri?

JOÃO DE SOUSA — É porque... Ah! ah! ah!... O senhor... Ah! ah! É infeliz! Ah! ah! ah!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Infeliz e porquê?

JOÃO DE SOUSA — Porque dentro de um mês está ela casada.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Casada! Quem o disse?

JOÃO DE SOUSA — Sei-o eu.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E com quem?

JOÃO DE SOUSA — Comigo.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Consigo?

JOÃO DE SOUSA — É verdade. Ah! ah! ah!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O senhor está a brincar comigo, pois não está?

JOÃO DE SOUSA — Estou-lhe falando muito seriamente.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que dados tem para assim julgar?

JOÃO DE SOUSA — Primeiro que tudo, eu amo-a.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Isso também eu. Não é suficiente.

JOÃO DE SOUSA — Depois, ela também me ama.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Também não basta. E como sabe que ela o ama?

JOÃO DE SOUSA — Porque mo disse.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quando?

JOÃO DE SOUSA — Antes de ontem.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que mais?

JOÃO DE SOUSA — D. Margarida aprova os nossos amores.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Duvido.

JOÃO DE SOUSA — Faz bem. Repare hoje e certifique-se.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E mais?

JOÃO DE SOUSA — Sou protegido por poderosos auxiliares.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quem são eles?

JOÃO DE SOUSA — Um é o José da Costa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que de nada serve.

JOÃO DE SOUSA — Que serve de muito.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Engana-se.

JOÃO DE SOUSA — Veremos.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quem é o outro?

JOÃO DE SOUSA — É a tal fada branca que me protege desde que entrei no Porto.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Fie-se nisso. Pois eu, meu amigo, tenho muito boas esperanças de que hei-de alcançar o que desejo.

JOÃO DE SOUSA — Parece-me que pode perdê-las.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu soube granjeiar a amizade de uma pessoa que por certas razões que eu sei é um forte empenho para D. Margarida e por conseguinte para...

JOÃO DE SOUSA — Desengane-se. Não querendo Luísa casar com o senhor, escusa de se matar porque empenhos de nada servem.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não é tanto assim. Pelo menos trabalharei pela minha parte. E neste ponto espero alcançar vitória.

JOÃO DE SOUSA — Pode ser.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A fatalidade atraiu o senhor ao Porto para me vir malograr todos os meus planos? Por sua causa, que foi decerto por sua causa, fui mal recebido por pessoas que deveriam receber-me com os braços abertos. Por sua causa se desvanecerão todos os meus ambiciosos sonhos? Não, isso não pode acontecer.

JOÃO DE SOUSA — Quem sabe? O que lhe digo é que não tenho dado um passo para nada disso. Tenho-me deixado conduzir por a mão como um menino.

meu JOÃO DE ALBUQUERQUE (*levanta-se*) — Visto que o senhor é rival, já não pode ter lugar o que eu lhe queria pedir. Adeus.

JOÃO DE SOUSA — Espero-o para jantar. Far-me-á esse prazer?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Sim, virei. Mas far-lhe-ei guerra.

JOÃO DE SOUSA — Embora.

JOSÉ DE SOUSA (*uma voz dentro*) — João, ó João!

JOÃO DE SOUSA — Meu pai! Ouviu, repare no homem que vai entrar, é meu pai. Vede depois se eu sou mais do que vos dizia.

CENA 4.

JOÃO DE SOUSA, JOÃO DE ALBUQUERQUE e JOSÉ DE SOUSA (*vestido à moda dos aldeões em dias de festa*).

JOSÉ DE SOUSA — Ó rapaz, pois tu moras nesta casa?!  
Ah!... Ah!...

JOÃO DE SOUSA — Então como está?

JOSÉ DE SOUSA — Adeus. Estás bom? Que palácio é este? Quem te deu tanto dinheiro? (*Vendo João de Albuquerque*): Ora viva, o senhor é que é o dono da casa?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Nada, não senhor, não sou eu.

JOÃO DE SOUSA — Sou eu, sou eu, isto é... não sou... mas sou... sou.., mas sou, mas... sou.

JOSÉ DE SOUSA — Sou, não sou, não sou, sou. Quem diabo te entende?

JOÃO DE SOUSA — Eu lhe explicarei isso tudo.

JOSÉ DE SOUSA — Então tu tens pintado muito?

JOÃO DE SOUSA — Eu, nada.

JOSÉ DE SOUSA — Nada. Então que tens feito?

JOÃO DE SOUSA — Bem vê que em três dias...

JOSÉ DE SOUSA — Ora em três dias já se faz muita coisa, se não é ver o que tu já tens feito. Estás um fidalgo!

JOÃO DE SOUSA — Estimo muito que viesse nesta ocasião; temos que conversar.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não os quero incomodar. Sr. Sousa, até logo. (*Aparte*): O pai é trolha, é; pelo menos parece; que enigma será este então? (*Sai*).

CENA 5

JOÃO DE SOUSA e JOSÉ DE SOUSA

JOSÉ DE SOUSA — Eu não sei o que deva pensar de tudo isto. Que mudança sofreste em três dias! Cabelo encaracolado, bigodes retorcidos!

JOÃO DE SOUSA — Têm-me acontecido coisas muito bonitas, coisas que custam a acreditar.

JOÉS DE SOUSA — Entregaste a carta a D. Margarida?

JOÃO DE SOUSA — Entreguei e desde então para cá nem sei o que aconteceu; sei só que me acho numa magnífica casa com ricos móveis, servido por cinco criados, com carruagem e cavalos e isto sem despender um pataco.

JOÉS DE SOUSA — Como diabo se arranjou isso? Se a coisa fosse fácil eu também para cá vinha.

JOÃO DE SOUSA — A única coisa que eu tenho a fazer é isto. (*Vai à escrivaninha e escreve*).

JOÉS DE SOUSA — Que diabo escreves tu ai?

JOÃO DE SOUSA — Espere.

JOÉS DE SOUSA — Pois tem sua graça, olha que se é só isso o aluguer poucos se gabarão de estar tão baratos numa casa! Pois eu esperava vir encontrar-te numa casa pequena e velha, quando, reparando para a rua e número da porta, vejo um casão todo asseado. Não, aqui não está ele, disse eu, vou a um sapateiro ali defronte e pergunto quem mora ali. «É um senhor muito rico», e ouvindo isto preparava-me para continuar o meu caminho, quando ele acrescentou: «chamado João de Sousa». Hem? Chamado o quê? «João de Sousa». Não esperei mais nada, enfio-me por esta casa, subo as escadas e aqui estou. Mas na verdade...

JOÃO DE SOUSA (*entregando o papel*) — Leia. É a única coisa que fiz para ter tudo isto.

JOÉS DE SOUSA (*lendo*) — «Obrigo-me a pagar ao II<sup>mo</sup> Sr. José Paulo da Costa, a quantia de 2000\$000 réis (ah! ah!). Verba da despesa feita pelo mesmo senhor na casa sita na ru...» 2000\$000! Quem tos deu?

JOÃO DE SOUSA — Hão-de-me arranjar.

JOÉS DE SOUSA — Aonde?

JOÃO DE SOUSA — Eu lho digo.

UM CRIADO (*entrando*) — Manda perguntar a cozinheira de V. S.\* a que horas há-de ser o jantar?

JOÃO DE SOUSA — Logo que os convidados chegarem. Provavelmente lá para as três e meia ou quatro horas. (*O criado sai*).

JOÉS DE SOUSA — Um jantar! Pois tu dás um jantar?! Oh! Maluco! Pois tu dás um jantar?! Perdeste o juízo?

JOÃO DE SOUSA — Quer saber a causa das minhas acções, ora sente-se, eu lhas conto. (*Sentam-se*).

OUTRO CRIADO — Estão lá em baixo alguns dos convidados para o jantar.

JOÃO DE SOUSA — Homens?

JOÉS DE SOUSA — Pois então? Era só o que faltava...

O CRIADO — Sim, senhor, são homens.

JOÃO DE SOUSA — Que subam. Entre para esse quarto, meu pai, que eu vou já ter consigo.

JOÉS DE SOUSA — Ora olha lá se vens. Sume-te diabo. Os rapazes sempre são o diabo. Mas que luxo! Parece um rei. (*Sai*).

C E N A 6.

JOÃO DE SOUSA, MIGUEL TAVARES, PEDRO VILHENA e DOIS SUJEITOS

JOÃO DE SOUSA — Agradeço a V. S.<sup>as</sup> o favor que me fizeram condescendendo aos meus desejos.

MIGUEL TAVARES — Sr. Sousa — a honra que V. S.» nos fez convidando-nos *chez-vous* — isto é à francesa — é tão grande, que jamais a esqueceremos. (*Aos dois sujeitos*): Esta palavra jamais também é francesa, mas pronuncia-se — *jamé* — porque *ais* vale é.

PEDRO VILHENA (*a João de Sousa*) — Agradeço muito a V. S.» o ter-me convidado porque simpatizo muito com V. S.<sup>a</sup>, não obstante termos apenas trocado antes de ontem meia dúzia de palavras de cumprimento.

MIGUEL TAVARES — O Sr. Sousa é um cavalheiro como se quer. Um homem excelente.

JOÃO DE SOUSA — Se continuam usando dessa linguagem, julgarei que zombam de mim.

PEDRO VILHENA — Eu sou franco. Se antipatizasse com o Sr. Sousa, dizia-lho e não aceitava o seu convite. É este o meu génio. (*A um sujeito*): Pois não é?

O SUJEITO — É franco até de mais, às vezes.

MIGUEL TAVARES — A franqueza é *uma — belle chose* — bela coisa em francês.

JOÃO DE SOUSA — O Sr. Miguel Tavares tem feito estudo sobre a língua francesa.

MIGUEL TAVARES — *Quelqu'un, quelqu'un*; isto quer dizer algum, algum. Como estive sete anos em França numa casa comercial, então estudei a língua. Foi aquela *la lune de miel* da minha vida; passei dias tão *beaux*, tão *charmants*, tão *jolis*, em português, tão belos, tão encantadores, tão lindos!

UM SUJEITO — E porque saiu de lá?

MIGUEL TAVARES — O amor trouxe-me. Quem lhe pode resistir? Ninguém. Lá diz-se: *Amour, amour, quand tu...*

JOÃO DE SOUSA — A Sr.» D. Emília não veio?

MIGUEL TAVARES — Vem logo com a Sr.» D. Luísa.

PEDRO VILHENA — Deus queira que a sua musa lhe tenha inspirado algumas daquelas suas belas quadras de cinco linhas.

MIGUEL TAVARES — Ela é muito tentada pela poesia, mas eu não consinto que ela se mortifique por causa dessa *belle déesse*.

PEDRO VILHENA — Pois a pátria perde com isso. Porque a Sr.» D. Emília é poeta no fundo da alma.

MIGUEL TAVARES — *Au fond de l'âme. Que* em francês quer dizer isso mesmo, isto é, no fundo da alma. O Sr. Sousa, aquele outro

senhor que foi apresentado em casa de D. Margarida, também cá virá hoje?

PEDRO VILHENA — Assim mo prometeu.

MIGUEL TAVARES — Muito estimo, é um rapaz *estimable*. Entende muito bem o francês, e desenha, disse ele.

JOÃO DE SOUSA — Desenha? Eu não sabia.

MIGUEL TAVARES — E julgo que muito bem.

JOÃO DE SOUSA — Eu duvido.

MIGUEL TAVARES — *Oui, oui.* Desenha e desenha *très bien*.

JOÃO DE SOUSA — Pois admira-me: um rapaz que parece ser rico a entregar-se ao desenho!

MIGUEL TAVARES — Rico? Ele! *Oui, riche!* Que é o mesmo em francês.

JOÃO DE SOUSA — Ele é muito rico?

PEDRO VILHENA — Julgo que não.

UM SUJEITO — Não é, não é. É até pobre.

OUTRO SUJEITO — Não tem nem cinco réis de seu.

MIGUEL TAVARES — É verdade, é verdade. *Hélas!* Ai de mim.

JOÃO DE SOUSA — Falais verdade?

TODOS — É verdade, é verdade — todos o dizem.

MIGUEL TAVARES — Quem mo disse foi D. Margarida.

JOÃO DE SOUSA — Então está arruinado?

PEDRO VILHENA — Julgo que nunca teve dinheiro.

MIGUEL TAVARES — Jamais ou *jamais*.

SUJEITOS — Foi sempre pobre.

JOÃO DE SOUSA — Essa agora! A mim disse-me ele que era rico.

UM SUJEITO — Isso era para aparentar. Bem se conhece que ele é impostor, o todo o da a conhecer.

PEDRO VILHENA — Fanfarronice. Não admira.

JOÃO DE SOUSA — Não, mas ainda hoje... e sempre... eu não acredo; D. Margarida enganou-se.

MIGUEL TAVARES — *Non pas, non pas.* Disse-me outra vez hoje.

JOÃO DE SOUSA — Há tempos para cá, tudo o que presencio tem um certo ar de mistério.

#### CENA 7. •

MESMOS e VÁRIOS SUJEITOS, DIOGO CAMPOS, JOSÉ PAULO, LUÍSA e EMÍLIA

JOSÉ PAULO — Dá licença, Sr. Sousa?

JOÃO DE SOUSA — Façam o obséquio de entrar. (*Cumprimenta Luisa*): Muito bons dias, Sr." D. Luísa sempre encantadora. Semelha Vénus saída de ou da...

LUÍSA — Está forte em fábula, pelo que vejo. Se fosse a Sr.\* D. Emília responderia por outra comparação.

EMÍLIA — Se querem...

LUÍSA — Vá lá, se faz favor.

JOÃO DE SOUSA (*aproximando-se de Emilia*) — Ora vá, compare-me com algum deus.

EMÍLIA — Semelha-se o Sr. Sousa a Adónis...

PEDRO VILHENA — No momento em que, deixando Vénus, passa para o pé de Proserpina.

MIGUEL TAVARES — Oh! Sr. Vilhena, sois tão forte na mitologia! Bem se vê que sois poete. É mais doce esta palavra em francês que em português.

EMÍLIA — Adeus, papá. *Comment vous portez-vous?*

MIGUEL TAVARES — *Bien, ma filie, et vous?*

EMÍLIA — *Très bien pour votre service.*

UM SUJEITO — V. Ex.» fala muito bem o francês.

MIGUEL TAVARES — Ela fala *quelque chose*. Tem aprendido comigo.

PEDRO VILHENA — Bem se conhece. O Sr. Tavares tem uma habilidade para ensinar que, estando-se com ele um minuto que seja, já se sabe alguma coisa que dizem os Franceses.

JOSÉ PAULO — D. Margarida demorou-se ainda em casa. Mas em breve aqui estará. Aqui tem o senhor a obrigação em que lhe falei. Falta reconhecê-la.

JOÃO DE SOUSA — Meu pai já chegou; vou falar com ele e em tempo aqui o trago.

JOSÉ PAULO — Estou ansioso por o encontrar.

JOÃO DE SOUSA — Meus senhores, até já. (*Sai*).

C E N A 8.

### OS MESMOS, menos JOÃO DE SOUSA

LUÍSA (*a Diogo Campos*) — Ó Sr. Campos, o meu leque?

DIOGO CAMPOS (*dando-lho*) — Ai é verdade, está aqui, minha senhora.

LUÍSA — Aonde pôs a minha marquesinha, Sr. Campos?

DIOGO CAMPOS — Aqui em cima, minha senhora.

LUÍSA (*tirando o chapéu*) — Pousa-me ai este chapéu, Sr. Campos?

DIOGO CAMPOS — Sim, minha senhora.

EMÍLIA — E este também, Sr. Diogo Campos?

DIOGO CAMPOS — Pronto, Sr.» D. Emilia.

UM SENHOR — E este, Sr. Campos, faz-me o favor?

DIOGO CAMPOS — Tudo o que quiser, senhor, senhor...

LUÍSA — O Sr. Campos não me faz o favor de ir a casa de minha tia para a acompanhar até aqui? Ela está só.

DIOGO CAMPOS — Com todo o gosto. Estou às suas ordens.

LUÍSA — Então faça o favor de me trazer um lenço para levar à noite. Deve estar em cima da mesa da sala de espera.

DIOGO CAMPOS — Sim, minha senhora.

EMÍLIA — E uns papéis com uns versos que me esqueceram em cima da jardineira da mesma sala...

DIOGO CAMPOS — Também os trarei.

LUÍSA — Olhe, faz favor. Se me levasse este guarda-solzinho para casa...

DIOGO CAMPOS — Levo, sim, minha senhora, não me custa nada.

LUÍSA — Então vá, vá depressinha. (*Diogo Campos sai*). Fico-lhe muito agradecida.

DIOGO CAMPOS (*de dentro*) — *NÃO* há de quê.

C E N A 9.

OS MESMOS, menos DIOGO CAMPOS e mais JOÃO DE ALBUQUERQUE

PEDRO VILHENA — Este pobre diabo do Campos vê-se atrapalhado com encomendas, mas é bem feito para deixar de ser capaço das senhoras.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*saúda as damas, que friamente lhe correspondem*) — (*A Miguel Tavares*): Como passou?

MIGUEL TAVARES — Oh! Sois vós. *Alors comment ça va-t-il?* Entendeis?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — *Parfaitement. Vous parlez avec beaucoup de clarté.*

EMÍLIA — *Oui! Oui! Mon père parle très bien.* (*A Luisa*): Não entendeu o que eu disse?

LUÍSA — Nem reparei que tinha falado.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*olha para Luisa*) — (*Aparte*): Efectivamente parece-me que aquela mulher não me ama. Ainda não reparou em mim. Se ao menos D. Margarida simpatizasse comigo. Este Tavares já lhe há-de ter falado em meu favor; sondemo-lo.

JOSÉ PAULO (*passeando só*) — Ai, ai, ai... (*Boceja*).

PEDRO VILHENA — Tari-la-ri, la-rão, ta-ri-la-ri.

EMÍLIA — Sempre está um calor. Febo está irritado. Sabe quem é Febo, Luisa?

LUÍSA (*levanta-se e dá o braço a José Paulo*) — Porque saiu daqui o Sr. Sousa?

JOSÉ PAULO — Tem o pai lá dentro. O seu sogro.

LUÍSA — Meu sogro! Essa agora!

JOSÉ PAULO — Talvez a menina não quisesse ter por marido um rapaz tão elegante e tão rico...

LUÍSA — Que me importa que ele seja rico?

JOSÉ PAULO — Sim, não que sem dinheiro não se vai aos teatros, nem se anda à moda.

LUÍSA — Pois sim, mas eu tenho dinheiro para mim e para ele; chega e cresce.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*a Miguel Tavares*) — Ó Sr. Tavares, então que lhe parece o luxo deste Sr. Sousa, nem?

MIGUEL TAVARES — *Raisonnabile, raisonnabile.* Ele é tão rico!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ele rico! Que me diz?

MIGUEL TAVARES — Riquíssimo. O pai é um milionário.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Fala sério? Eu bem o suspeitava.

MIGUEL TAVARES — Pois se não fosse assim, como se podia ele tratar com todo o luxo?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Mas sabe isso com certeza?

MIGUEL TAVARES — Pois não sei! Foi mesmo D. Margarida quem me disse.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Por isso... Mas... Não pode ser.

MIGUEL TAVARES — Mas é. *Cest un fort argument.*

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Se eu lhe vi o pai. É um trolha sem tirar nem pôr.

MIGUEL TAVARES — Pois é um grande capitalista.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Com que fim me enganaria então o Sr. Sousa, que pretenderia ele de mim, que recearia?

MIGUEL TAVARES — Mas como pôde o senhor acreditar o que me disse quando as mais evidentes provas lhe diziam o contrário? Ele fez isso talvez para se divertir.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Se assim é—há-de me dar uma satisfação. Não só me desfrutou na primeira vez que nos encontrámos, mas hoje mesmo, há poucos minutos.

MIGUEL TAVARES — Ora isso *ne vaut pas rien*, assim como dizem os Franceses.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Visto isso talvez D. Margarida pretenda casá-lo com sua sobrinha.

MIGUEL TAVARES — *On dit cela*, em francês ou, em português, assim se diz ou diz-se isso.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E eu? Zombaram, escarneceram de mim, desprezaram-me porque o outro tinha mais dinheiro, não é isso?

MIGUEL TAVARES — Pois, o senhor também queria... pois vós... *vous aimiez la belle nièce de madame Margarida?*

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Cale-se para aí o senhor também com o seu francês. Dizia-se meu amigo, mas nem por isso foi capaz de desfazer esse casamento, nem por isso se lembrou que eu morria de amores.

MIGUEL TAVARES — Eu nem tal sabia. Até cuidei...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O quê?... Que julgou?

MIGUEL TAVARES — Que o senhor estava apaixonado por...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Por quem?

MIGUEL TAVARES — Por minha filha.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Sempre é bem asno. (*Afasta-se*).

MIGUEL TAVARES — Este homem está doido. Pois meter-se-ia na cabeça!... E eu que o julgava como *prudent garçon*.

PEDRO VILHENA — O senhor teve uma grande polémica com aquele rapaz. Romperam-se as amizades?

MIGUEL TAVARES — Ele está doido. Não faz ideia. Temo que faça alguma asneira.

EMÍLIA (*a João de Albuquerque*) — Então, o senhor está triste? Venha, aproxime-se de mim, que eu não o desprezo.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*com desprezo*) — Também era o que faltava.

EMÍLIA — Para mim as riquezas de nada valem. O Sr. Sousa é muito rico... mas...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que Sousa? Eu, ou ele?

EMÍLIA — O dono desta casa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Então é muito rico?

EMÍLIA — Muitíssimo, mas...

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E esta! Todos o sabiam menos eu. Se o encontro...

JOSÉ PAULO (*falando com Luísa*) — É ver o gosto com que esta sala está decorada; mostra não só que o dono é muito rico, mas também que tem muito gosto.

LUÍSA — Confesso que, a casar, só com ele o faria.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Inferno! Ele tinha razão; roubou-me a minha futura esposa. Hei-de vingar-me!

MIGUEL TAVARES (*aproxima-se de João de Albuquerque*) — Ó Sr. João, *regardez...*

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*furioso*) — Deixe-me.

MIGUEL TAVARES — *Pauvre garçon*, está doido.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O meu maior desejo era poder aniquilar a fortuna do meu rival. Maldito seja ele que me afugentou os meus sonhos, destruiu o porvir de delícias que eu só havia pintado na fantasia. Um inferno é esta vida. (*Bate com o punho em cima da mesa. Todos se voltam.*)

TODOS — Ai, que é?

LUÍSA — Que tem aquele rapaz? Parece estar furioso!

JOSÉ PAULO — Deixá-lo, aquele é o tal pintor; nem sei como o Sousa o convidou. Filho de um trolha!

LUÍSA — MAS se é pintor de merecimento, que importa o mais?

JOSÉ PAULO — Isso agora mais devagar.

EMÍLIA (*a João de Albuquerque*) — Que tendes, sofreis? Talvez não tenhais encontrado ainda uma alma que vos compreenda.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Nem preciso. Deixe-me, por amor de Deus!

EMÍLIA (*afasta-se*) — Coração de pedra! Também bem se vê que é filho de um trolha.

PEDRO VILHENA — Aquele rapaz promete-nos hoje alguma cena curiosa. Ele que terá?

MIGUEL TAVARES — Disse-me que ama a Luisita e está com ciúmes do Sousa.

PEDRO VILHENA — Ah! Sim? Faz bem. Há-de tirar disso muito proveito.

UM SUJEITO (a outro) — Estes pintores são todos esquisitos; olhe o que aquele já tem feito.

OUTRO SUJEITO — Não tem educação.

UMA SENHORA — É a figura mais ridícula que...

CENA 10.º

OS MESMOS e JOÃO DE SOUSA com seu pai

JOÃO DE SOUSA — Meus senhores, tenho a honra de apresentar a V. S.<sup>as</sup> o homem a quem devo a vida, o Sr. José de Sousa.

TODOS (a meia voz) — Ah! Não parece fidalgo!

JOSÉ DE SOUSA — Ora o Senhor lhes dê muitos bons dias.

UMA SENHORA — Parece um lavrador.

UM SENHOR — Mas olhe que aqueles olhos têm o que quer que é de aristocrático.

UMA SENHORA — Ai, lá isso têm.

UM SENHOR — Nalguma coisa está a diferença entre uma pessoa de boa sociedade e a gente do povo.

JOSÉ PAULO (aparte) — Quem há-de dizer que este homem possui uma fortuna imensa?!

LUÍSA (aparte) — Pois este homem será o comendador Sousa e Melo? Parece impossível! Não me fazia muita conta ter um sogro tão fora de moda, mas estou que ele volta para a sua toca.

EMÍLIA — O papá, quem é este homem?

MIGUEL TAVARES — É um homem riquíssimo, c'esf un...

JOSÉ PAULO — Sr. Sousa, eu e quase todos os que aqui estão presentes, consideramos como um dos mais preciosos instantes da nossa vida este em que temos a honra de estar na presença de V. Ex.»,

JOSÉ DE SOUSA — Ai, não me principiem com V. Ex.<sup>as</sup>. Já dei um pontapé num rapaz que este meu filho tem por criado de carroagem, porque teimou em dar-me Ex.<sup>mo</sup>, dizendo-lhe eu que não queria.

PEDRO VILHENA (aparte) — Gosto deste homem. É original.

MIGUEL TAVARES — Isso mostra que V. Ex.\* despreza os títulos, de que podem gozar ao mesmo tempo um homem virtuoso e um culpado. *Cela est magnifique, cela est grandiose.*

JOSÉ DE SOUSA — Mau, mau. Se vossemecês lhe dão para falar em inglês ou lá que diabo é, estamos mal; eu gosto que me entendam e de entender os outros.

JOSÉ PAULO — V. Ex.»...

JOSÉ DE SOUSA — E a dar-lhe... por quem é,,, deixe-se dessas etiquetas.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que gente esta! Parece que o estão a desfrutar. Ex.<sup>as</sup> a um trolha!

JOSÉ PAULO — O Sr. Sousa é um homem de reconhecido merecimento e por isso mesmo é que dispensa estes tratamentos que a sociedade tem consagrado.

JOSÉ DE SOUSA — Eu não sei lá o que ele tem sagrado, eu venho aqui para outra coisa.

OS MESMOS — Ah! Ah! É muito espirituoso!

OUTROS — Que foi? Ele que disse?

OS PRIMEIROS — Que não sabe o que ele tem sagrado. O outro disse consagrado, ele então... Ah! Ah! É muito boa chalaça.

OS SEGUNDOS — Ah! Ah! Que grande ratão! Que espírito!

PEDRO VILHENA — Que grandes pedaços de asnos são estes meus amigos!

JOSÉ PAULO — Queira V. Ex.<sup>"</sup> dizer o que quer de nós.

JOSÉ DE SOUSA — O senhor, com seiscentos diabos, não me diga mais Ex.<sup>a</sup>; isso é bom lá para os fidalgos. Diabos os levem!

UMA SENHORA — Que génio tão folgazão!

OUTRA — Que modo tão agradável!

UM SENHOR — Que franqueza!

JOSÉ PAULO — Quando o Sr. Sousa não quer usar desse tratamento, que outro se atreverá a fazê-lo?

JOÃO DE SOUSA — Sr. José Paulo! (A parte): Está a caçoar com ele.

JOSÉ DE SOUSA — Use vossemecê, que tem bom costado.

TODOS — Ah! ah! ah!

UM SUJEITO — Que espírito, que graça!

UMA SENHORA — E graça que não ofende.

OUTRO SUJEITO — Que gracioso calembur. Disse costado reférrindo-se à linguagem de José Paulo e também às suas costas.

MIGUEL TAVARES — É um homem firme em chalaças, *très choices*, assim se diz em França; isto é, muito escolhidas, selectas.

JOSÉ DE SOUSA — O que eu quero saber é quem é a menina chamada Luísa.

JOSÉ PAULO (a *Luísa*) — Ouve. O negócio vai bom.

LUÍSA — Sou eu, Sr. Sousa.

JOSÉ DE SOUSA — Já vejo que tem mais algum juízo que os outros, não me deu Ex.<sup>a</sup>. (Põe os óculos). Então é a menina, ora faça o favor de olhar para mim.

UMA SENHORA — Que graça não tem!

EMÍLIA — Para que lhe contemplará ele o rosto?

JOSÉ DE SOUSA — Não é feia, não.

TODOS — Ah! ah! ah! Mas que ratão! Tem uma graça! Não que eu nunca vi outro como ele!

LUÍSA — Para que me olha tanto?

JOSÉ DE SOUSA — É cá por uma coisa. Logo quero falar consigo.

LUÍSA — Quando quiser, Sr. Sousa.

PEDRO VILHENA — Este homem é franco, gosto dele.

MIGUEL TAVARES — *Voilà un original.* Assim se chama em França a certos indivíduos.

JOSÉ PAULO (*toma o braço de José de Sovsa*) — Sr. Sousa, então como vão os seus negócios?

JOSÉ DE SOUSA — Assim, assim. Como agora no Porto se estão fazendo muitas casas, sempre tenho por cá que fazer.

JOSÉ PAULO — Também edifica no Porto?! Não o sabia.

JOSÉ DE SOUSA (*aparte*) — Edificar! Que diabo quer dizer edificar? Há-de ser cairar. (*Alto*): Também, sim, senhor, lá fora aquilo não rende nada. Um homem trabalha e não tira de lucros nem cinco réis. Eu já nem à cidade venho, mas mando. (*Olhando para as paredes*): Ó João, estas paredes estão muito mal caiadas e é necessário mandar ver isso.

JOÃO DE SOUSA — Isso depois.

UM SUJEITO — Aquilo é que é bom para vigiar todos os seus bens, repara em tudo.

JOÃO DE SOUSA (*a Luisa*) — Não estranhe os modos de meu pai, mas bem vê que...

LUÍSA — Não estranho, até lhe acho graça. Era fazer-me grande injúria supor que poderia escandalizar-me da franqueza de uma pessoa a quem deve os dias o homem que mais estimo neste mundo.

JOÃO DE SOUSA — Senhora, senhora. Não vê que essas palavras me podem tornar louco de felicidade?

LUÍSA — Deveras? Receio que não me fale com sinceridade.

JOÃO DE SOUSA — Juro-lhe por...

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*que, vendo os dois, se levanta furioso; bate-lhe no ombro*) — Senhor!

JOÃO DE SOUSA — Que quer? Ah! estava aqui? Bem vê que seria falta de delicadeza se eu...

LUÍSA — Peço-lhe que se não constranja por minha causa, vá.

JOÃO DE SOUSA — Mas...

LUÍSA — Vá, vá!... Pode ser que seja alguma coisa importante.

JOÃO DE SOUSA — Duvido.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Venha, senhor; tenho que lhe falar.

LUÍSA — Vá, vá. (*Afasta-se, toma o braço de Emilia*).

JOÃO DE SOUSA — Veio em má ocasião, meu caro senhor.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Escolhi de propósito.

JOÃO DE SOUSA — Ai sim? Pois então nada fez com isso. Adeus.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Espere. O senhor tem zombado de mim, tem-me desfrutado desde o primeiro instante que consigo falei. Não me tem dito uma só coisa verdadeira. Traiu-me. Roubou-me a mulher de que eu pretendia ser esposo. Por isso hei-de-me vingar.

JOÃO DE SOUSA — O senhor que está aí a dizer?! Em que o enganei eu?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Em tudo.

JOÃO DE SOUSA — Estou na mesma. Mas em tudo o quê?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu lho digo. Oiça-me.

JOÃO DE SOUSA — Sentemo-nos acolá.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não é preciso.

JOÃO DE SOUSA — Não estou resolvido a aturar maçadas a pé.

(*Vão para a esquerda.*)

JOSÉ DE SÓUSA — Pois é verdade. Eu sou assim. Mulheres adocicadas não gosto! Não servem para nada.

TODOS — Ah! ah! ah! Boa chalaça.

MIGUEL TAVARES — Eu gosto muito de ouvir aquele senhor. É o que os Franceses chamam *un bonhomme*.

JOSÉ PAULO (*a José de Sousa*) — Tem razão o Sr. Sousa.

JOSÉ DE SOUSA — Pois vedes. Olha o milagre!

JOÃO DE SOUSA (*a João de Albuquerque*) — Diga lá o que quer então, Sr. Albuquerque.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Pedir-lhe explicações, e exigir-lhe uma satisfação.

JOÃO DE SOUSA — Eu também tenho algumas explicações a pedir-lhe.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A primeira vez que nos encontrámos no jardim de D. Margarida, lembra-se?

JOÃO DE SOUSA — Perfeitamente, foi antes de ontem.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O senhor disse-me que era pobre.

JOÃO DE SOUSA — O senhor que era rico.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que era pintor.

JOÃO DE SOUSA — E o senhor capitalista.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Filho de um trolha.

JOÃO DE SOUSA — E o senhor de um riquíssimo proprietário.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ora o senhor mentiu-me.

JOÃO DE SOUSA — Eu? Quem mentiu foi o senhor.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Calai-vos, insolente. O senhor é rico.

JOÃO DE SOUSA — Eu?! Quem dera!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Milionário.

JOÃO DE SOUSA — Ah! ah! ah! Eu... pode ser que ainda o venha a ser.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Seu pai é um capitalista riquíssimo.

JOÃO DE SOUSA — Pois vá-lhe perguntar, tem-no ali. Tem mesmo a figura de milionário.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — A figura não indica. O senhor veio com uma carta de recomendação a D. Margarida em que lhe pedia em casamento sua sobrinha Luisa.

JOÃO DE SOUSA — Quem lhe meteu tanta peta?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Toda a gente que estava nesta sala.

JOÃO DE SOUSA — Ora adeus, ou o senhor ou eles estavam a sonhar. Estou que foi o senhor. Agora oiça-me.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Justifique-se.

JOÃO DE SOUSA — Nada disso. O senhor mentiu-me.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Que diz, senhor? Retire essa expressão.

JOÃO DE SOUSA — Está enganado. O senhor é pobre.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu! Pobre! Se precisar, cobrir-lhe-ei estas mesas de ouro.

JOÃO DE SOUSA — Ora, histórias! O senhor é filho de um artista.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Estais a zombar comigo, senhor! Acautelai-vos!

JOÃO DE SOUSA — A sua única prenda é ser pintor.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não me exaspere, senhor!

JOÃO DE SOUSA — Agora aqui está o que eu colhi das informações que tirei a seu respeito.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quem lhe disse isso?

JOÃO DE SOUSA — Todos ou quase todos que se acham nesta sala.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Mente!

JOÃO DE SOUSA — Mentimos então ambos.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Com que fim me disse que era pobre?

JOÃO DE SOUSA — Porque não queria mentir como o senhor dizendo que era rico.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E continua. Agora é inútil, já o conheço.

JOÃO DE SOUSA — Diga-me o senhor para que me disse que era rico?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Porque o sou.

JOÃO DE SOUSA — Ora adeus. E teima.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O senhor tem sido o meu anjo mau.

JOÃO DE SOUSA — Talvez, mas inocentemente.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Por sua causa Luísa não é minha esposa.

JOÃO DE SOUSA — Então já desanimou?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Escarneceu de mim. Só com o fim de passar o tempo, que outro que não fosse eu...

JOÃO DE SOUSA — Cisma ainda nisso. Quer que eu lhe diga que sou rico embora o não seja? Pois direi, direi. Mesmo porque em breve espero vir a uê-lo.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ah! Confessa?

JOÃO DE SOUSA — É porque tenho que fazer, como vê, devo fazer as honras da casa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Miserável! Ou não há-de casar com Luísa — ou hei-de morrer.

JOÃO DE SOUSA — Beba um copo com água que isso passa. (*Alasta-se*). Ah! ah! ah! Que graça! Ah! ah!

JOSÉ DE SOUSA (*a José Paulo*) — O senhor há-de esperar um pouco que eu quero dizer duas palavras à noiva do meu rapaz.

JOSÉ PAULO — Como quiser.

MIGUEL TAVARES (*a Pedro Vilhena*) — O meu estômago já se não recusava a receber alimentos. *Et le vôtre, mon ami, de même, non ?*

PEDRO VILHENA — Está feito. Então que lhe parece o pai do nosso amigo Sousa?

MIGUEL TAVARES — *Cest un bon sieur.* Assim dizem os Franceses.

EMILIA — Ó papá, a Luísa desposa o Sr. Sousa?

MIGUEL TAVARES — Julgo que sim.

EMILIA (*aparte*) — Ai, então, como assim, já não principio namoro com ele, como fazia tenção.

JOSÉ DE SOUSA (*a Luísa*) — Ora agora venha cá, que temos de conversar.

JOÃO DE SOUSA — Até agora aquele endiabrado me teve ali preso. Agora meu pai prende-me Luisa; ainda hoje não pude conversar com ela à vontade.

JOSÉ DE SOUSA — Com que então a menina é que é a Sr.» D. Luisinha?

LUÍSA — Chamo-me Luísa, é verdade.

JOSÉ DE SOUSA — E então... Gosta de meu filho?

LUÍSA — Não desgosto, Vossa Exc... o Sr. Sousa bem sabe que eu não posso dizer... que... o que lhe digo é que se o estimo não é por a sua fortuna.

JOSÉ DE SOUSA — Por essa estou eu. (*Aparte*): Que tal está a pequena.

LUÍSA — A minha fortuna é quase igual à dele.

JOSÉ DE SOUSA — Sim?! Fala sério? Isso é que é o diabo. E nem ao menos é igual, ainda por cima é quase...

LUÍSA — É até muita coisa para nós ambos.

JOSÉ DE SOUSA — Sim? Ora essa! Talvez se sentissem satisfeitos só em olhar um para o outro.

LUÍSA — Amo-o, não lho ocultarei. O senhor é seu pai e, portanto, o meu também.

JOSÉ DE SOUSA — Mas eu queria falar com sua tia. A falar a verdade ela devia-lhe dar um dote.

LUÍSA — Para quê? O dinheiro de minha tia — para ele, para mim, para nós — basta o que nós temos.

UMA SENHORA — Aquele é que é um pai; olhem como ele trata de saber da que há-de ser nora dos seus teres e haveres.

OUTRA — Então sempre se faz o casamento?

A PRIMEIRA — Pois isso é coisa sabida.

PEDRO VILHENA (*a José de Sousa*) — Sr. Sousa, quando acabar de falar com essa senhora, muito favor me fazia se quisesse conversar comigo no jardim. Palavra de honra que gosto imenso do senhor. Passearemos e conversaremos,

JOSÉ DE SOUSA — Vamos lá a isso, senhor. Adeus, Luisinha, até já. Meus senhores... (*Cumprimenta à distância alguns senhores*).

JOÃO DE SOUSA (*a José Paulo*) — Viu meu pai? Pareceu-lhe muito grosseiro? Pois bem vê...

JOSÉ PAULO — Aquilo não é grosseiro — e a rudeza própria dos antigos portugueses.

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — Por essa não esperava eu.

EMÍLIA — A Sr.» D. Margarida torna-se muito *désirable*. (*A Miguel Tavares*): Disse bem, papá?

MIGUEL TAVARES — Disseste, filha.

UMA SENHORA — Esta Emilita Tavares é muito tola.

OUTRA — E uma presumida. Quem a vir e ouvir dirá que é alguma rapariga rica, pois não tem nada de seu. O pai dizem que gastou toda a fortuna em extravagâncias pela França quando era solteiro.

CENA 12.-

OS MESMOS e DIOGO CAMPOS com D. MARGARIDA, menos JOSÉ DE SOUSA e PEDRO VILHENA

D. MARGARIDA — Perdoem, meus senhores, se os fiz esperar muito, mas ainda agora me vi livre de umas visitas que tive esta manhã.

DIOGO CAMPOS — Aqui está o lenço que me pediu. (*A Emilia*): Aqui estão os seus versos tão encantadores.

EMÍLIA — Lisonjeiro.

D. MARGARIDA (*a João de Sousa*) — Então, Sr. Sousa, como vai de saúde?

JOÃO DE SOUSA — Perfeitamente, minha senhora. Sou o homem mais feliz deste mundo. (*Conversa*).

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*a Miguel Tavares*) — Sr. Miguel Tavares, por quem é, perdoe o que eu há pouco lhe disse. Faça com que não tenha lugar o casamento de Luísa.

MIGUEL TAVARES — Ó *mon enfant*, como diabo hei-de eu fazer isso? Não tenho poder para tal.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não tem?! Pois sendo o futuro esposo de D. Margarida...

MIGUEL TAVARES — Eu?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Sim.

MIGUEL TAVARES — O senhor está a brincar, *vous plaisantez*, que é a mesma coisa em francês.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Pois não é verdade?

MIGUEL TAVARES — Quem dera que fosse! Mas não é o mel para a boca do asno. Isto é um modo de falar, não quero dizer que sou asno.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Quem é, pois, esse homem de quem se fala neste sentido?

MIGUEL TAVARES — Esse há-de ser o José Paulo da Costa.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ele! Oh! Inferno! Oh! Maldição, o tal Sousa mangou comigo em tudo. Adeus, ó minha última esperança, adeus. Oh! bôia de salvação com que ainda contava. Sucumbo, desisto da empresa. Saiba, seu tolo, que era por julgar que era você o homem que devia desposar D. Margarida que eu lhe dava trela. Seu sensaborão afrancesado. Por isso lhe dizia que era pintor. Eu! Pintor?!

MIGUEL TAVARES — Ora isto, nem que eu tenha culpa! *Je suis innocent.*

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Há-de ser você o meu bode expiatório.

MIGUEL TAVARES — É doido, é doido, e esta?

D. MARGARIDA — Meus senhores, antes de passarmos à sala de jantar, dar-vos-ei uma notícia que decreto vos encherá de júbilo. Dou-vos parte do próximo casamento de minha sobrinha com o Sr. Sousa.

TODOS *{com aprovação}* — Oh!

JOÃO DE SOUSA (*a Luísa*) — Custa-me a crer tanta felicidade! *(Aparte):* A muito pode chegar o artista no Porto!

LUÍSA (*a João de Sousa*) — É este o dia mais feliz da minha vida.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ó raio, que ouvi? Pois já?! Eu vou descompor toda esta corja.

D. MARGARIDA — Eu e o Sr. José de Sousa damos o nosso consentimento para a semana próxima principiarem os banhos. Dentro em pouco tempo D. Luísa da Cunha e Almeida mudará de nome e tomará o de seu marido, o Sr. João de Sousa Melo e Albuquerque.

JOÃO DE SOUSA e JOÃO DE ALBUQUERQUE (*ao mesmo tempo*) — Que oíço?!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Será possível?!

JOÃO DE SOUSA — Que diz ela?

LUÍSA — Nada. Foi o vosso nome.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Seria uma surpresa que me quiseriam fazer?

JOÃO DE SOUSA — Sim.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Ó vitória, vitória; comprehendo.

*(Alto a Miguel Tavares):* Fostes vós, fostes vós decreto. Pois quem?

MIGUEL TAVARES — Eu o quê, eu o quê? Este homem *est furieux.*

JOÃO DE SOUSA — Sr.<sup>a</sup> D. Margarida, tornai a repetir o nome do marido da vossa sobrinha.

D. MARGARIDA (*admirada*) — João de Sousa Melo e Albuquerque.

JOÃO DE SOUSA (*com fúria*) — Mentis.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — *Victoire!* Isto é francês, meu caro senhor.

MIGUEL TAVARES —Lá isso é.

LUÍSA (*a João de Sousa*) — Que tendes, senhor, que tendes?

JOÃO DE SOUSA — Fujam, querem zombar de mim, todos me atraíçoam. Eu matarei a todos, inferno!

D. MARGARIDA — Este homem endoideceu.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Oh! Deus vos salve, senhora. Sois a minha salvadora, o meu anjo, o meu tudo.

D. MARGARIDA — Outro. Este também está doido.

JOÃO DE SOUSA — Pérfida, monstro de hipociisia!

DIOGO CAMPOS — Socorro, socorro.

CENA 13.<sup>1</sup>

OS MESMOS, JOSÉ DE SOUSA e PEDRO VILHENA

PEDRO VILHENA — Que barulho é este?

DIOGO CAMPOS — Ai que se matam! Estão doidos.

PEDRO VILHENA — Então você, seu burro, que fazia aqui?

(*Chega ao meio, abre os braços e aparta-os*). Ora aí está.

JOÃO DE SOUSA — Que diabo de *miximbórdia* é essa do rapaz, ó João?

D. MARGARIDA — Ai, é você, sor Zé, olhe que seu filho está tolo; está-me a chamar pérfida e tudo que lhe vem à cabeça...

TODOS — Como ela o trata! A um comendador...

JOÃO DE SOUSA — Oh! João.

JOÃO DE SOUSA — Que quer, meu pai?

D. MARGARIDA — Seu pai! Que diz ele?!

JOÃO PAULO — Sim, pois então? Este é o comendador.

D. MARGARIDA — O comendador? Ah! ah! ah! Este é o meu trolha.

TODOS — O trolha?! Será possível! (*Momento de silêncio*).

JOÃO PAULO — Então como se entende tudo isto?

JOÃO DE SOUSA — Como se entende? Também o perguntais? De que vos admirais? Não sabieis há mais tempo que este era o meu pai?

JOÃO PAULO — E é trolha?

JOÃO DE SOUSA — Pois então?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Então sempre era verdade. Mas que julgava esta gente?

D. MARGARIDA — Então é o senhor um impostor porque me entregou uma carta em que me dizia ser filho do comendador João de Sousa Melo e...

JOÃO DE SOUSA — Não há tal, a minha carta era bem clara e não mentia.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — O filho do comendador sou eu. Essa carta fui eu que lha entreguei.

D. MARGARIDA — Mas o senhor entregou-me uma carta em que me dizia ser filho de um trolha.

JOÃO DE SOUSA — Isso fui eu.

D. MARGARIDA e JOSÉ PAULO — Não foi.

TODOS — Não foi.

JOÃO DE SOUSA e JOÃO DE ALBUQUERQUE — Fui e fui. (*Bis*).

LUÍSA — Que mistério anda aqui?

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*a João de Sousa*) — Ai, só se foi engano que eu tive quando meti a carta no casaco, depois de o haver tirado; como estávamos em mangas de camisa...

JOÃO DE SOUSA — O mesmo me aconteceu.

JOSÉ DE SOUSA — Mas então como foi essa história? Diabo leve os rapazes! Só eles poderiam fazer-me passar por comendador.

JOÃO DE SOUSA e JOÃO DE ALBUQUERQUE — Foi assim, foi.

TODOS — Mas como?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Depois direi como; mas o que é certo é que cada um de nós entregou a carta que...

D. MARGARIDA (*a João de Sousa*) — Visto isso o senhor é pintor.

JOÃO DE SOUSA — Sou, nunca disse menos disso. Mas eu sempre me admirei do que me estava sucedendo.

TODOS — E nós a julgarmos... Ora eu lá me parecia...

D. MARGARIDA — E o senhor é, pois, o filho de José de Sousa Melo e Albuquerque?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu mesmo.

TODOS — Ele sempre tinha um não sei quê que o dizia.

PEDRO VILHENA — Como os circunstâncias modificam de novo a opinião!

D. MARGARIDA — Peço mil perdões ao Sr. João de Melo. A fatalidade dispôs as coisas de forma a poder ter lugar esse equívoco. Ambos os senhores são Joões e ambos Sousas. Mas suponhamos que nada se passou entre nós. Luísa casará com o senhor. O outro bem vê que era porque andávamos enganados que por pouco lha entregávamos.

JOSÉ PAULO — Isso está de ver. Era porque julgávamos que era o senhor, que assim procedíamos.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Realiza-se desta forma o sonho de toda a minha vida.

JOÃO DE SOUSA — Oh! Não me matem com esse desagravo. Já que o destino conduziu as coisas desta forma, não vão contra os seus decretos.

D. MARGARIDA — Ora essa é fina. Era o que faltava! Minha sobrinha casada com um pintor sem cinco réis.

JOSÉ PAULO — Não tinha jeito.

LUÍSA — Pois bem. Eu tenho idade para poder seguir a minha vontade. Já que a sorte substituiu até aqui, ao noivo que me desti-

navam, outro por ela escolhido, não aceitarei senão o que deste modo me foi recomendado.

D. MARGARIDA — Ora isso são criancices. A menina não está ainda emancipada e, portanto...

LUÍSA — Se não casar com o Sr. João de Sousa, a quem amo, não casarei com ninguém que me obriguem a casar.

D. MARGARIDA (*aparte*) — Mau, então não poderei eu casar também. Maldito testamento!

JOSÉ PAULO — Ora a menina bem vê...

JOÃO DE SOUSA (*aparte*) — O negócio não está muito mal encarado; ainda o posso salvar. Que anjo! Não, é mulher, não. (*Baixo a José Paulo*): Veja lá o que faz; se não casar com Luísa perde o senhor mais de 1 000\$000.

JOSÉ PAULO (*com espanto*) — Porquê?

JOÃO DE SOUSA — A obrigação que eu lhe passei dizia-lhe que lhe pagaria dias depois do meu casamento com Luísa. Não casando, não lhe pago.

JOSÉ PAULO — Oh! Diabo! Isso agora é mais sério, mas então...

JOÃO DE SOUSA — Fale em meu favor.

JOSÉ DE SOUSA — Ó rapaz, deixa essa gente; anda daí antes que eu faça uma asneira.

JOÃO DE ALBUQUERQUE (*aparte*) — Dia de desapontamento para o meu amigo. Todos os seus planos malogrados. (*Alto*): Luísa, amo-vos.

LUÍSA — Faz bem. Eu não o posso ver.

JOSÉ PAULO (*a Margarida*) — Enfim já que eles se amam...

D. MARGARIDA — Ora, mas...

JOSÉ PAULO — Deus os juntou, portanto...

PEDRO VILHENA — Olá, grande novidade, já o Sr. José Paulo fala em Deus.

D. MARGARIDA — Pois sim, mas...

JOÃO DE SOUSA — Mas se não for a bem, vai a mal; intimo-a por justiça.

D. MARGARIDA — Só então...

LUÍSA — Então...

D. MARGARIDA — Mas valha-me Deus, meu marido encarregou-me de a casar bem.

LUÍSA — Como é da minha vontade, caso bem.

D. MARGARIDA — Pois então...

JOÃO DE SOUSA (*a João de Albuquerque*) — Enfim, o quê?

D. MARGARIDA — Enfim, casem.

TODOS — Ah!

JOÃO DE ALBUQUERQUE — E eu, senhora? Assim se zomba de mim?

D. MARGARIDA — O senhor ama muito, muito a Luísa?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Amo... sim...

D. MARGARIDA — Ama talvez mais o seu dinheiro.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Não, eu...

D. MARGARIDA — Fale-me francamente, porque se assim é tudo se remedieia.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Eu não se me dava, a falar a verdade...

D. MARGARIDA — E se em vez dela eu lhe propusesse outra em melhores circunstâncias?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Se não fosse muito velha e feia.

D. MARGARIDA — Se fosse eu?

JOÃO DE ALBUQUERQUE — Talvez aceitasse. Porque falando a verdade, eu tenho alguma pena do meu amigo Sousa. Ele não teve culpa.

D. MARGARIDA — Dou-vos parte, meus senhores, de dois casamentos. Do de minha sobrinha com o Sr. João de Sousa, e do Sr. João de Albuquerque, assim o chamarei de ora em diante, para evitar equívocos, comigo, Margarida da Cunha e Almeida e em breve Margarida de Sousa Melo e Albuquerque.

TODOS (*com admiração*) — Ah!

UMA SENHORA — Que par!

OUTRA — Ela já é velha.

A PRIMEIRA — Nova já não é.

JOSÉ PAULO — Então, senhora, isto que significa?

D. MARGARIDA — O Sr. Costa é que foi a causa de a minha sobrinha casar com um pintor; portanto sofra o castigo merecido.

JOSÉ PAULO — Isso tudo foi obra do acaso.

D. MARGARIDA — Talvez acaso, que me proporcionou a ocasião de trocar um noivo velho, ainda que rico, por um outro noivo rico e elegante. Fosse mais fino, procedesse com mais cuidado.

JOSÉ PAULO — Minha senhora, eu dou graças ao meu dinheiro independente. Não me suicidarei por causa disso. Boas tardes. (*Vai a sair*).

JOÃO DE SOUSA — Então, Sr. José Paulo, que é isso, não espera para jantar?

JOSÉ PAULO — Nada, não, senhor. Tenho em casa que comer. Graças ao meu dinheiro.

JOÃO DE SOUSA — Então apareça daqui a pouco tempo, para receber o que lhe pertence.

JOSÉ PAULO — Apareço, apareço. Descanse!

D. MARGARIDA — Apesar de tudo isso, não é mau sujeito.

JOÃO DE ALBUQUERQUE — V. Ex.» fez-me o mais feliz dos homens.

D. MARGARIDA (*aparte*) — Ou o meu dinheiro, talvez, mas não importa.

JOÃO DE SOUSA — Então que diz a isto, meu pai, sou ou não feliz?

V

SIMILIA SIMILIBUS

(Comédia original em um acto)

*Escrita por Júlio Dinis aos 19 anos (1858) — 1.ª Cópia*

PERSONAGENS

Tomás Bento	...	...	<i>Doutor em Leis</i>
D. Rosa	...	...	<i>Sua Mulher</i>
Livínia	...	...	<i>Sua Filha</i>
Carlos	...	...	<i>Sobrinho de Tomás Bento</i>
O Dr. Mateus	...	...	<i>Médico homeopata</i>
Dois criados			

*A cena passa-se no Porto, em casa de Tomás Bento—Época, a actual*

## ACTO I.º E ÚNICO

*O teatro representa uma sala em casa de Tomás Bento. Portas ao fundo e à direita no primeiro e segundo planos. À esquerda, janelas nos dois primeiros planos e uma porta no terceiro.*

### CENA 1.

*Ao levantar o pano, D. Rosa está sentada num canapé à direita, costurando.*

D. ROSA (*bocejando*) —Ah!... Ah!... Ah!... Ah. (*Olha para o relógio*): Nove horas! Nove horas ainda! Que manhã tão grande! Pelo que vejo é muito cedo para dar o almoço a meu marido. (*Pausa*). Coitado! Se quer ao menos ele passa as noites com sossego. Ai! Ai! Pobre de quem se vê naquele estado! Não há nesta vida nada mais triste do que uma pessoa entrevada! Então naquela idade! Esperanças?... Hum... Hum... Dali só... Valha-me Deus, valha! Mas ele também é que tem a culpa; se não fosse aquela grande mania de se querer tratar pela homeopatia, eu ponho as mãos numas Horas em como já tinha hoje saúde para dar e vender. O Senhor me não castigue, mas aquele Dr. Mateus, aquele Dr. Mateus foi o Mafarrico que nos apareceu em casa. Com os seus modinhos açucarados, as suas palavrinhas doces e os seus vidrinhos de água da fonte, pôs o meu Tomás em tal estado que não há falar-lhe noutra coisa que não seja homeopatia; não se lhe pode dizer nada que ele não venha com a tal perlenga de *similas similas* que ninguém entende. E por aquele pedaço de charlatão vai abandonar o Rodrigues, há tanto tempo médico da nossa casa! Não, pois eu, se Deus quiser, outro à minha cabeceira não consinto. Ver o tal homeopata, o Senhor me perdoe, mas é para mim o mesmo que ver o Demo. Não o posso encarar. Bem diz o Dr. Rodrigues que ele mais parece formado em impostura do que em Medicina. Homens daqueles é que botam o mundo a perder. O Senhor me não castigue.

## CENA 2.'

D. ROSA e LIVÍNIA (*entra a correr pelo fundo*)

LIVÍNIA — Mamã! Mamã! Uma novidade.

D. ROSA — Que é? Que foi?

LIVÍNIA (*mostrando a carta*) — Uma carta!

D. ROSA — Uma carta! De quem?

LIVÍNIA — Ora de quem! De quem há-de ser?

D. ROSA — Eu sei lá!?

LIVÍNIA — A ver se adivinha?

D. ROSA (*pensando*) — Uma carta?!... Ora deixa-me ver...  
Uma... carta...

LIVÍNIA — Pois de quem há-de ser uma carta para mim?

D. ROSA — Para ti?

LIVÍNIA — Sim, para mim.

D. ROSA — Então de quem é?

LIVÍNIA — Oh! A mamã também hoje! É de Carlos...

D. ROSA — De Carlos!?

LIVÍNIA — De Carlos, sim senhora.

D. ROSA — Carlos escreveu-te?

LIVÍNIA — É verdade. Agora mesmo a recebi.

D. ROSA — E que diz ele?

LIVÍNIA — Que fez acto e ficou aprovado. Ora oiça. (*Lê*): «Minha querida Livínia. Escrevo-te esta carta num dos mais belos momentos da minha vida. Sempre que uma alegria me vem dourar os dias da existência que ordinariamente tão melancólicos eu vejo deslizar, apresento-me em comunicar-ta, porque quero que sejas a primeira a saberes das minhas felicidades». Pobre rapaz! (*Lê*): «É o que faço hoje. Sexta-feira completei com o acto o meu curso na Universidade de Coimbra; desde sexta-feira sou, pois, bacharel formado em Direito; acabei a minha vida de estudante. Por muitos motivos estou cheio de contentamento; entre eles, um é ter acabado as minhas maçadas académicas com feliz resultado; o outro, Livínia, é a esperança que tenho de ver realizar agora um sonho que, desde que te conheço, hei sonhado, que, desde a infância, tem sido o meu constante pensamento. Livínia, vai predispondo a família que, em eu aí chegando, trato logo de te pedir em casamento. Adeus, minha cara Livínia; não posso fazer mais longa esta carta porque tenho pressa. Acredita nos protestos de um amor eterno de teu primo, amante e adorador, Carlos de Mendonça». Então? Que dizia eu? Que afinal de contas ele sempre havia de escrever. A' mamã teimava que não; porém, olhe como se enganou.

D. ROSA — Pois é verdade, mas um silêncio de quatro meses...

LIVÍNIA — Ora coitado! Tinha que estudar.

D. ROSA — Poderá ser, eu já não digo nada. Mas bem sabes

quem é Carlos; um cabeça no ar, como não há outro, e por isso havia razões para suspeitar...

LIVÍNIA — E vê como ele até fala em me pedir ao papá em casamento?

D. ROSA — Sim, ele fala, fala, mas...

LIVÍNIA — E pede, pede. A mamã verá.

D. ROSA — Pedirá, também não duvido, mas...

LIVÍNIA (*sorrindo*) — Mas... mas... mas então casamos.

D. ROSA — Isso agora!

LIVÍNIA — Pois porque não?

D. ROSA — Há ai suas coisas...

LIVÍNIA — A mamã não deixa?

D. ROSA — Eu sim! Por a minha parte não tens nada a recear.

LIVÍNIA — Então?

D. ROSA — Então... Teu pai...

LIVÍNIA — O papá! Pois opõe-se?!

D. ROSA — Não sei, mas parece-me que...

LIVÍNIA — Ora isto! Mas porque motivo?

D. ROSA — Ele não vê lá com bons olhos o procedimento de Carlos; diz que é um estróina, cheio de vícios; que gasta tudo nos botequins; não pode levar à paciência o ele andar de bigode e fumar. E então Carlos que não tira o charuto da boca! Diz que é uma coisa muito feia, que parece muito mal a um homem que quer ocupar uma posição decente. Tu bem sabes como é teu pai.

LIVÍNIA — Sim?! Havia agora Carlos de andar de suíças e tomar rapé como um velho de sessenta anos? Deus me livre! Se o fazia, fugia dele às léguas. Era o que faltava se se não podia divertir nos teatros e botequins; não que, graças a Deus, ele não é anacoreta. Estróina! Dá-me graça! Um rapaz de vinte anos! Que há-de fazer?! Ora! O papa sempre tem coisas também!

D. ROSA — Mas então que queres? Ele pensa assim.

LIVÍNIA — Mas pensa mal.

D. ROSA — Pois pensarás, mas essa não é a questão. Demais, eu estou cá a suspeitar uma coisa.

LIVÍNIA — O que é?

D. ROSA (*com ar de mistério*) — Certas coisinhas, certos ditinhos. A mim não me escapa nada...

LIVÍNIA — Mas então que foi?

D. ROSA — Também, se é verdade, sempre te digo!

LIVÍNIA — Mas, por amor de Deus, diga o que há!

D. ROSA — Mau é que eu principie a cismar em qualquer coisa.

LIVÍNIA — Então a mamã em que anda a cismar?

D. ROSA — Aquele Dr. Mateus! Aquele Dr. Mateus!

LIVÍNIA — Que fez o Dr. Mateus? Diga!

D. ROSA — Se alguma vez eu me resolvo a dar-lhe uma descompostura, tem ele muito que ouvir.

LIVÍNIA—Mas que há? Que fez o doutor? Diga, mamã.

D. ROSA — Nada, mas parece-me, tenho cá minhas desconfianças que ele anda a contar tonilhos a teu pai a respeito de Carlos.

LIVÍNIA — O doutor?! E porquê? Que mal lhe fez ele?

D. ROSA — Eu não sei. O que sei é que, desde que este doutor de... não sei que diga, principiou a pôr os pés aqui em casa, cada vez aumenta mais a má vontade do pai contra Carlos. Dantes, falando nele, dizia que tinha pena que fosse um estróina tão grande porque o destinava para seu genro; agora, se por acaso lhe toco nisso, credo! Põe-se a fazer exclamações e a berrar que ninguém o atura. Ora quem sabe se isto não são contos do doutor?

LIVÍNIA — Mas com que fim?

D. ROSA— Com que fim?! Quem me diz que ele não quer casar contigo?

LIVÍNIA — Ele?! O Dr. Mateus?! Ah! ah! ah! Ora a mamã está a caçoar.

D. ROSA — Tu riste? Pois olha que é isso mais provável do que julgas.

LIVÍNIA — Pois ele será verdade?

D. ROSA — E porque não?

LIVÍNIA — Ah! ah! ah! Que graça lhe acho. O Dr. Mateus, o médico dos copos de água! Ah! ah! ah! Eu casar com o Dr. Mateus! Ah! ah! ah! So se o tempo que com ele viver, for em dose homeopática. Ah! ah! ah!

D. ROSA — Se pensares bem no negócio, estou certa que não hás-de ter vontade de rir.

LIVÍNIA — Agora não. Ah! ah! Quanto mais penso mais me rio.

D. ROSA — Não sabes como teu pai anda entusiasmado com o doutor. Se ele lhe disser dois latinórios e lhe receitar três vidros de água fresca, está o contrato feito e ficarás mulher de um homeopata.

LIVÍNIA — Não, dessa os livro eu; se em tal pensam, acham-se mal enganados.

D. ROSA—Ora! Se teu pai...

LIVÍNIA — Venha o pai, venha a mãe, venha quem quiser, não me importa; não caso com ele, acabou-se, não pensem, escusam até de me falar nisso. Ou hei-de casar com Carlos, ou com ninguém. E se o Dr. Mateus insiste, sou capaz... não sei de quê...

D. ROSA — Mas... (*Batem à porta do fundo*). Quem será?»

LIVÍNIA — Há-de ser o doutor. (*Batem de novo*).

D. ROSA — Pouca pressa — ou... É um sacrifício que eu faço todas as vezes que sou obrigada a encarar com este homem. Quem é?

CARLOS (*dentro*) — Sou eu.

D. ROSA —Mas, eu quem?

CARLOS (*dentro*) — Ora quem; sou eu.

LIVÍNIA — É o doutor, não tem que ver.

D. ROSA —Pois enquanto não disser quem é, fica de fora. Não conheço eus nem *tus* — diga como se chama.

CARLOS (*dentro*) — Ora! Sou eu — abram a porta

D. ROSA — Aquela voz não é a do doutor.

CARLOS (*o mesmo*) — Então visto isso não me deixam entrar?

LIVÍNIA — Aquela voz...

CARLOS (*o mesmo*) — Livínia...

LIVÍNIA — O meu nome?

CARLOS (*o mesmo*) — Ó minha tia, então?

LIVÍNIA e D. ROSA — Ai! É...

CARLOS (*o mesmo*) — Abram. Sou eu. É Carlos.

LIVÍNIA e D. ROSA — É Carlos? (*Correm a abrir*).

CENA 3."

D. ROSA, CARLOS e LIVÍNIA

LIVÍNIA e D. ROSA — Oh! Eras tu?

CARLOS (*abraçando-as*) — Era e sou. Cuidei que tinha de ficar fora da porta.

LIVÍNIA — Então como foi isto? Não te esperávamos ainda hoje tão cedo. Na carta que há pouco...

CARLOS — Foi uma surpresa que eu lhes quis causar; ia-me saindo cara. Apre! Que é bem defendida esta fortaleza! Então como passa a minha querida tia?

D. ROSA — Bem, optimamente. E tu? Já acabaste os teus estudos?

CARLOS — É verdade. Agora sou homem sério. Bacharel formado em Direito, tinha esperanças de vir a ser doutor de capelo, mas...

LIVÍNIA — Mas o quê?

CARLOS — Mas... a Universidade houve por bem desvanecer tão ambiciosos sonhos com uma aluvião de favas negras na avaliação do meu merecimento literário e moral: é mais um mimo de que lhe sou devedor... Foi um escândalo!

D. ROSA — Pelo que vejo, és sempre o mesmo; ainda não tiveste tempo para te emendaras. Essa cabeça não toma rumo.

LIVÍNIA — Depois acontecem-te dessas.

CARLOS — Mas não lhes estou dizendo que foi um escândalo?

LIVÍNIA — Ora!

D. ROSA — Ora!

CARLOS — Ora! Ora! Ora o quê? A minha conduta em Coimbra foi exemplaríssima. Servi lá de modelo a muitos rapazes.

D. ROSA — Não duvido.

CARLOS — Mas rapazes pacatos. Sempre metido comigo mesmo, inimigo de aventuras. Era impossível que um monge, um santo, vivesse do modo que vivi.

D. ROSA — Sim, por isso estou eu.

CARLOS — Quero dizer tão sério, tão bem procedido.

LIVÍNIA — Não eram essas as vozes que corriam por cá.

CARLOS — Não? Então que se dizia?

LIVÍNIA — Exactamente o contrário.

CARLOS — E Livínia acreditava?

LIVÍNIA — Eu...

CARLOS — Ora, por amor de Deus! Calúnias, Livínia, calúnias, minha tia, tudo calúnias. Qual o homem que não tem inimigos? Não sou eu que sirvo de exceção à regra. A Universidade, a Universidade de Coimbra em peso, aquela magna colecção de capelos e borlas jurou-me um ódio de morte. Já é alguma coisa ser odiado pela Universidade, ainda que não seja a dos homens. Para lhes provar a injustiça dos meus perseguidores, quero-lhes mostrar uma carta que me escreve um rapaz meu amigo. (*Tira da carteira uma carta que dá a Livínia*). Lê-a tu, Livínia. Verás o que ela aí diz.

LIVÍNIA (*desdobrando-a*) — Ora vejamos se ela te pode absolver. (*Reparando*): Esta letra parece de mulher.

CARLOS (*voltando-se de repente*) — O quê?!

LIVÍNIA (*vendo a assinatura*) — Maria de Avelar e... Oh meu Deus! Que vejo! Uma carta de mulher! Pérfido!

CARLOS (*aparte*) — Ó diabo, que fui fazer? (*Alto*): Ai, enganei-me, não era essa. Dá cá, dá cá.

LIVÍNIA — Não dou, não dou. Hei-de lê-la; agora hei-de lê-la, Traidor!

D. ROSA — Carlos, vejo que és ainda o mesmo.

CARLOS — Mas não... Essa carta... Não é de mulher... Isto é... De mulher é, mas... Não é... É de mulher, mas... Não tem dúvida... é uma senhora do meu conhecimento a quem respeito e mais nada.

LIVÍNIA — Uma senhora que respeitas e que te escreve estas palavras. (*Lê*): «Meu Carlos: Cada vez sinto no seio atear-se mais violenta esta paixão...». São estes os teus conhecimentos de respeito?

CARLOS — Ora! E tu a importares-te com essas coisas! É o que me dá riso. Um namoro de 16 anos. Foi nos meus primeiros tempos de Coimbra.

LIVÍNIA (*lendo*) — Março de 1857! Então está o Sr. Carlos ainda nos seus primeiros anos de Coimbra? Mentiroso!

CARLOS — Então não admites um engano de data?

D. ROSA — Basta, Carlos. Se eu estivesse no lugar de Livínia, não lhe tornava a falar.

CARLOS — Espero que ela não siga semelhante conselho.

LIVÍNIA — Não lhe bastava atraiçoar-me, mas ainda por cima tenta negar. Hipócrita!

CARLOS — Se negava, era para não te afligir, minha Livínia.

LIVÍNIA — Ah! Confessa? Confessa? Tem ânimo para isso?! Cruel!

CARLOS — Então que hei-de eu fazer? Se nego, sou hipócrita, se confesso, sou cruel. Ora entendam-se lá.

LIVÍNIA — E eu que sempre o defendia das arguições que lhe faziam...

CARLOS — Tu?! Tu defendias-me? Ó Livínia, por isso eu te amo tanto. És um anjo. (*Quer abraçá-la*).

LIVÍNIA — Deixe-me. E enquanto que só nele pensava...

CARLOS — Tu só em mim pensavas? Minha querida Livínia. (*Quer abraçá-la, de novo*).

LIVÍNIA — Fuja, saia daqui. Bem dizia a mamã!

CARLOS — A mamã! Pois a tia atraíçoava-me?! Deixe estar; e eu que julgava ter aqui uma aliada...

D. ROSA — Eu não fazia mais que suspeitar a verdade; preveni a Livínia que se preparasse para receber este desengano.

CARLOS — Ora valha-me Deus, mas...

LIVÍNIA (*chorando*) — Quanto mais fiéis tentamos ser, pior; se o tivesse traído estou certa que...

CARLOS — Adeus! Em eu vendo uma mulher bonita a chorar já não sei aonde estou. Ouve-me, Livínia, ouve-me e condena-me depois se tiveres ânimo.

D. ROSA — Não lhe dês ouvidos, Livínia; teu pai tinha razão; este rapaz não toma caminho.

CARLOS — Quê?! Pois o tio Tomás também? Ai, como eu venho encontrar esta casa!

LIVÍNIA — Ora vá, justifique-se ainda, se pode.

CARLOS (*aparte*) — O sexo feminino é essencialmente indomito; se a mãe lhe tivesse dito que me ouvisse, ainda agora não era atendido. (*Alto*): Livínia. Não te posso negar que essa carta me foi dirigida por uma mulher; mas então que querias que eu fizesse? Não está na minha mão o impedir a ninguém o amar-me. Essa Maria Avelar, ou lá o que é, escreveu-me uma carta e eu... não havia de a botar fora... guardei-a... tencionava mostrar-lá para ambos nos rímos.

LIVÍNIA — Foi forjada agora?

CARLOS — Ora essa, Livínia!

LIVÍNIA — Falas verdade?

CARLOS — Isso pergunta-se?

LIVÍNIA — Olha que se me enganas...

CARLOS — Quem, eu? Enganar-te!

D. ROSA (*examinando a carta*) — Mas então como explicas tu este trecho que diz: «A tua última carta deixou-me tão inquieta...?»

CARLOS (*aparte*) — Mau! Não se pode ter tias curiosas, irra! Quando me verei fora destes assados? (*Alto*): Ai, isso era...

LIVÍNIA — E dizer-me que falava verdade!... Oh! Isto não se pode sofrer! Deixe estar, deixe. Ingrato!

CARLOS — Mas é que tu não me deixaste acabar o que te estava a dizer. Eu recebi bastantes cartas dessa senhora, e a todas respondia: que não estava na minha mão amá-la, que adorava outra, já se sabe quem, até que enfim, como ela teimasse, escrevi-lhe uma última em que a ameaçava de abandonar Coimbra, se me continuava a perseguir com o seu amor.

LIVÍNIA — Sabe que é preciso amá-lo muito para acreditar nisso tudo?

CARLOS — Mas acreditas, não acreditas, Livínia?

LIVÍNIA — Acredito. Quero imaginar que quanto tu dizes é verdade.

CARLOS (*aparte*) — Já voltou o *tu*. Está serenada a tempestade.

D. ROSA — Não te fies, Livínia, não te fies. É tudo falso o que ele aí está dizendo.

CARLOS — Ora muito obrigado, minha tia.

LIVÍNIA — Pois que há mais?

D. ROSA — A carta diz adiante: «É-me necessário ter sempre presentes na memória aquelas ternas e apaixonadas palavras que me dirigiste para me convencer que a minha felicidade não é um sonho». Que te parece isto, Carlos?

LIVÍNIA — Oh! Sempre é de mais! Olhe, acabou-se. Não o quero mais ver. Fuja, fuja daqui. Saia!

CARLOS (*aparte*) — Que lhe hei-de agora dizer? Aqui está como uma tia e uma carta podem perder um homem. (*Alto*): Pois bem, Livínia, agora vou ser sincero. Ouve-me.

D. ROSA — Cala-te. Não mereces ouvidos.

CARLOS — A tia também?!

LIVÍNIA — Nunca mais te torno a falar.

D. ROSA — Fazes muito bem.

CARLOS — Ouve-me, Livínia.

LIVÍNIA — Não.

D. ROSA — É bem feito.

CARLOS — Livínia!

LIVÍNIA — Não.

D. ROSA — É bem feito.

CARLOS — Liví...

LIVÍNIA — Não, não.

D. ROSA — É bem feito, é bem feito.

CARLOS — Li...

LIVÍNIA — Não, não; não.

D. ROSA — É bem feito, é bem feito e é bem feito. Eu fazia o mesmo.

CARLOS — Então, Livínia...

D. ROSA — Proíbo-te, Livínia, que o oiças.

LIVÍNIA — Enfim, quero ser generosa. Fale.

CARLOS (*aparte*) — A oposição de minha tia é-me sobremaneira vantajosa. (*Alto*): Livínia, verdade e que tive este ano um namoro em Coimbra.

D. ROSA — Ouve-lo?

LIVÍNIA — Ingrato, e eu...

CARLOS — Tive um namoro. Não digo bem. Fingi ter um namoro. Se tu soubesses como é Coimbra, Livínia, perdoavas-me esta fraqueza.

LIVÍNIA — Todas as mulheres são bonitas, talvez?

CARLOS — Não, pelo contrário. Mas a vida que eu lá passava era tão insípida, corriam-me os dias tão melancólicos que, para me distrair, finge amar essa mulher; finge só, enteadas, Livínia? Demais ela ocupava uma posição distinta, e, portanto, podia-me proteger, e como eu tinha muitos inimigos...

LIVÍNIA — Tenta de novo iludir-me.

D. ROSA — Não o acredites.

CARLOS (*aparte*) — Então acredita-me ela decreto.

LIVÍNIA — Quero ser indulgente. Perdoo-te.

CARLOS (*aparte*) — Eu que disse?

LIVÍNIA — Perdoo-te se...

CARLOS — Se...?

LIVÍNIA — Se me mostrares essa carteira.

CARLOS — Para quê?

LIVÍNIA — Para ver se foi uma única a mulher que te escreveu.

CARLOS — Foi sim, pois que mais?

LIVÍNIA — Deixa-me verificar.

CARLOS — Não, isso não.

LIVÍNIA — Ah! Tens medo?

CARLOS — Medo não, mas... mas...

D. ROSA (*tirando-lhe a carteira do bolso*) — Vejamos.

CARLOS — Minha tia! Isso é uma indiscrição!

D. ROSA — É o meio de te justificares!...

CARLOS (*aparte*) — Agora desta me não livro eu.

D. ROSA (*examinando a carteira*) — Cá está uma. A letra é diferente da da primeira.

LIVÍNIA — O nome? Vamos a ver o nome? Júlia de... Júlia! A de há pouco era Maria. Vê?! Eu que digo?!

D. ROSA (*examinando*) — Outra, aqui está outra. A letra não se assemelha a nenhuma das duas. Vamos ao nome.

LIVÍNIA — «Virgínia de Melo». Oh meu Deus!

CARLOS — Essa é porque...

D. ROSA (*continuando a examinar*) — Outra; é da mesma. Adiante.

LIVÍNIA (*o mesmo*) — Vejamos esta: «Clementina»... É ela mesma também?

CARLOS — Mas...

D. ROSA — Agora aqui tens uma toda perfumada: «Luísa de...». É isto! Que desaforo! Marias, Clementinas, Virgíncias, Júlias, Luisas, Livinias, Rosas...

CARLOS — Não, Rosas, não senhora.

LIVÍNIA — Oh! Agora é que eu vejo quem ele é. Hei-de vingar-me. Sim, hei-de casar com o Dr. Mateus.

CARLOS — Com... Com quem?... Que homem é esse?

LIVÍNIA — É o homem com quem eu hei-de casar.

D. ROSA (*aparte*) — Não. Senhor te dê melhor sorte, filha! Credo! Santo António te valha!

CARLOS — Quem é ele? O que é? Onde está? Onde mora? Quero saber tudo isto.

LIVÍNIA — E para quê?

CARLOS — Para o matar.

LIVÍNIA — Sim. Finja que tem ciúmes.

CARLOS — Livínia! Não gracejo. Sou leviano, extravagante, tudo quanto quiseres, menos infiel. Acredita que te amo deveras. Sim, susstentei por Coimbra toda a correspondência que aí vês; mas enquanto guardava as cartas que me dirigiam nessa carteira, à vista de todos, as tuas, Livínia, reservava-as só para mim, resguardava-as dos olhares profanos. Não me perdoarás uma leviandade?

LIVÍNIA — Uma?

CARLOS — Duas, três ou as que forem, se não te deixei de amar?

D. ROSA — Livínia! Pensa no que vais dizer. Sabes já quem ele é.

CARLOS — A tia também é inflexível.

LIVÍNIA — Perdoemos-lhe por esta vez, mamã.

D. ROSA — Não. Eu...

CARLOS — Então, minha tia!

LIVÍNIA — Eu, que sou a ofendida, já lhe perdoei.

CARLOS — Ó Livínia! Tu sempre és...

D. ROSA — Pois bem. Perdoo-te, ainda que...

CARLOS — Bom. Aqui mesmo rasgo todas estas cartas. Mas diz-me, Livínia, quem era aquele tal de quem falavas?

LIVÍNIA — Ora! Eu sei lá!

CARLOS — Não, eu quero saber. Vou já procurar o tio Tomás. Aonde está ele?

D. ROSA — Isso de modo nenhum. Primeiro quero eu preveni-lo e dispô-lo. De outro modo estão mal; mesmo assim não sei o que será.

CARLOS — Pois quê? Então sempre é verdade que o tio não quer...

D. ROSA — O tio está muito agastado por causa do teu péssimo procedimento. Tens sido muito extravagante, e ele...

CARLOS — Ora, eu vou apaziguá-lo.

D. ROSA — É inútil. Vais mas é estragar tudo. O melhor será letrires-te até que eu te faça sinal de te aproximes quando for tempo.

CARLOS — Mas...

LIVÍNIA — A mamã tem razão, Carlos. Faz o que ela te diz.

CARLOS — Obedecerei. Para que sítio me hei-de eu transportar?

D. ROSA — O melhor é no jardim para te poder dar sinal quando julgar conveniente. (*Toque de campainha à esquerda*). Ele lá toca para lhe aprontarem o almoço. Ao teu posto, Carlos. E tu, Livínia, retira-te para o quarto.

CARLOS — Vamos lá. Até logo, Livínia. Até logo, tia.

D. ROSA e LIVÍNIA — Até logo. (*Carlos sai pelo fundo*).

D. ROSA — Deixa-me ir agora buscar o almoço ao nosso doente. (*Saem pela direita*).

CENA 4<sup>a</sup>

TOMAS BENTO (*entra pela esquerda, sentado numa poltrona de rodas movida por dois criados*)

TOMAS BENTO — *Similia similibus facillime curantur!* Palavras sacramentais! Princípio de eterna verdade! (*Aos criados*): Mais devagar, meus brutos! *Similia similibus!* Quanta filosofia contida nestas duas palavras! (*Aos criados, que param*): Asneira no caso. Então? Andai para diante. *Facillime curantur!* Que bálsamo! Que tesouro de consolação encontram nestas duas palavras os que padecem! (*Aos criados*): Para a esquerda. Não, não, para a direita. *Facillime!* *Facillime curantur!* Curam-se facilmente, com facilidade! Há dois anos que padeço! E se não fossem as esperanças que me dá o *facillime*, como poderia sofrer há tanto tempo? (*Aos criados*): Ó burros! Basta! Parai! Ó Hahnemann! O génio! Estas quatro palavras imortalizaram-te; foram os quatro degraus por onde subiste ao teu trono resplandecente de glória! (*A um criado*): Ajeita-me estes travesseiros. Não serves de nada? Newton da Medicina! Um doente de dois anos te saúda! Homeopatia! (*A um dos criados*): Não tens pés nem cabeça, meu bruto! Olha como me pões esse travesseiro! Olha para isto! Doutrina mais pura do que a límpida agua da fonte. (*A um criado*): Diz lá em cima que quero almoçar. Homeopatas! (*Vendo os criados, que não partiram*): Ouvem, pedaços de asnos?! Pais da humanidade aflita! (*Falando aos criados*): Diabos vos levem a todos, corja! Dr. Mateus! (*Ao criado que dá um encontrão na cadeira*): Um tombo tu dês que te rache de meio a meio. Irra! Cofre em que há dois anos deposito toda a minha... (*Ao criado, que dá de novo um encontrão*): Estupidez! Estupidez! Ó bruto! Sai daqui. Diz à senhora que me traga o almoço. Salve, esperança dos enfermos, consolo...

O CRIADO (*voltando-se*) — O senhor chamou?

TOMÁS BENTO — Não, não. Vai-te embora. Consolo dos aflitos...

CENA 5.<sup>a</sup>

TOMAS BENTO e D. ROSA (*com o almoço*)

D. ROSA — Ora aqui tens o teu almoço.

TOMÁS BENTO — Venha de lá isso.

D. ROSA — Então? Como te achas hoje de manhã?

TOMÁS BENTO — Na mesma. Isto vai devagar, mas há-de ir. Oh! Aquelas palavras não enganam.

D. ROSA — Que palavras?

TOMÁS BENTO — *Facillime curantur.*

D. ROSA — Ora!

TOMÁS BENTO — Ora?! É o que eu te digo. Pois tu na verdade ainda te não convenceste do valor deste conceituoso preceito?!

D. ROSA — Nem pouco nem muito.

TOMÁS BENTO — Céptica! Céptica! Quem não acredita na Homeopatia? Senta-te aqui, Rosa, vou explicar-te a filosofia daquela ab snçoadas doutrina. Hei-de deixar-te hoje convencida.

D. ROSA — O homem! Por amor de Deus, nem sequer me fales nisso.

TOMÁS BENTO — Queres, pois, ficar sempre imersa nas trevas da ignorância?

D. ROSA — Deixa-me, não te importes. Eu cá sigo a minha doutrina velha.

TOMÁS BENTO (*tomando o café*) — Sim, a doutrina velha! (*Bebe um gole de caié*). A medicina hipócrita! A medicina fóssil! (*Outro gole*). Carunchenta, anhfilosófica! (*Outro*). A medicina raquítica! A medicina do *contraria contrariis*! (*Outro*). Medicina de boticários! (*Idem*). Do chá de violetas! (*Idem*). Dos cáusticos! (*Idem*). Das papas de linhaça.

D. ROSA — Pois sim, mas vai almoçando, que eu quero falar-te de uma coisa de maior interesse.

TOMÁS BENTO — De maior? Não admito. Que assunto pode mais do que este?

D. ROSA — Seja como quiseres, mas ouve-me.

TOMÁS BENTO — Diz lá

D. ROSA (*tosse, assoa-se, tosse de novo*) — Estamos no ano de 1857.

TOMÁS BENTO — Boa novidade.

D. ROSA — Ora nós... casámos... casámos... Ora deixa ver... nós... casa... 41, 40, 39... em 1838.

TOMÁS BENTO — É exacto. Foram cinco anos depois do Cercado.

D. ROSA — Livínia nasceu no ano seguinte.

TOMÁS BENTO — Sim. Em 1839.

D. ROSA — Tem, pois, hoje Livínia... 39 e 10, 49 e 1, 50 e 7... tem Livínia 18 anos.

TOMÁS BENTO — Exactamente. Aonde está ela? Ainda a não vi esta manhã.

D. ROSA — Tens tempo. Ouve-me.

TOMÁS BENTO — Pois ainda não terminaste?

D. ROSA — Ora a idade de Livinia faz-me cismar...

TOMÁS BENTO — Porquê?! Pois se nasceu em 39, estamos em 58... não tem que ver...

D. ROSA — Não me enlendas. És tu o seu único protector; ora o triste estado em que te achas faz-me recuar que de hoje para amanhã... lhe faltes...

TOMÁS BENTO — O quê? Nada, enganas-te. O inimitável princípio *similia similibus curantur* há-de-me salvar.

D. ROSA — Pois é exactamente dele que eu mais receio. Essa tua medicina de *patuscada*...

TOMÁS BENTO — Cala-te, cala-te. Não digas heresias.

D. ROSA — Pois anda lá com a tua por diante, anda, anda. Ora morrendo tu e morrendo eu, fica Livínia completamente ao abandono. Que há-de ser dela? Uma rapariga só? Essa...

TOMÁS BENTO — Tens razão. Já tinha pensado nisso.

D. ROSA — Ora eu lembrei-me...

TOMÁS BENTO — O quê?

D. ROSA — Que não seria despropositado...

TOMÁS BENTO — Que mais?

D. ROSA — Casá-la.

TOMÁS BENTO — Sim? Também já me lembrou o mesmo.

D. ROSA — E que te parece?

TOMÁS BENTO — Muito justo, muito razoável.

D. ROSA — Trata-se de escolher o noivo.

TOMÁS BENTO — Já escolhi.

D. ROSA — E eu também.

TOMÁS BENTO — Vamos a ver.

D. ROSA — É um homem...

TOMÁS BENTO — Pois o meu também não é mulher.

D. ROSA — Rapaz ainda...

TOMÁS BENTO — Aquele sobre que lanço as vistas não é também muito velho.

D. ROSA — Bacharel formado em Coimbra.

TOMÁS BENTO — O meu da mesma sorte.

D. ROSA — Simpático.

TOMÁS BENTO — Isso, isso.

D. ROSA — Espíritooso.

TOMÁS BENTO — Exactamente.

D. ROSA — Que ama Livínia.

TOMÁS BENTO — Também, também.

D. ROSA — E que é amado por ela.

TOMÁS BENTO — Tanto não sei eu.

D. ROSA — Finalmente, tem todos os dotes de um bom noivo.

TOMÁS BENTO — Sem tirar nem pôr. Querem ver que é o mesmo?

D. ROSA — De mais a mais, é ainda nosso parente...

TOMÁS BENTO — Exact... (*Reparando*): O quê??

D. ROSA — Sim. É ainda nosso parente.

TOMÁS BENTO — Nosso parente? O Dr. Mateus nosso parente?!

D. ROSA — Quem? O Dr. Mateus?

TOMÁS BENTO — Sim, é nosso parente?

D. ROSA — Mas quem te falou no Dr. Mateus?

TOMÁS BENTO — Pois de quem me falas tu? Eu entendia...

D. ROSA — Do Dr. Mateus? Ah! ah! ah! Tem graça.

TOMÁS BENTO — Mas de quem estavas falando?

D. ROSA — De quem havia de ser, tolo? Era de Carlos, de teu sobrinho.

TOMÁS BENTO — De Carlos?! Oh! oh! oh! Era o que me faltava ouvir. Ah! ah! ah!

D. ROSA — Nada. Era melhor o delambido do Dr. Mateus. É então «um noivo simpático e espirituoso!» Ora sempre! Ah! ah! ah! O Dr. Mateus! *(Aparte):* Eu bem o suspeitava.

TOMÁS BENTO — Carlos! Olha quem! O estróina que punha a casa em pantanas e dava-me com a fortuna em droga. Ah! ah! ah! Carlos! Isso sim. *(Aparte):* Isto já eu o esperava.

D. ROSA — Fazia-la bonita com um casamento homeopático! Pobre rapariga! O que lhe estava reservado!

TOMÁS BENTO — Julguei que tinhas mais juízo. Lembras-te de casar tua filha com esse maluco de Carlos. Um casamento com um homem de bigodes e charuto! Esta não lembrava ao Diabo.

D. ROSA — Mas se Livínia gosta dele...

TOMÁS BENTO — Mas se eu não gosto...

D. ROSA — Ora! Tu não gostas! Sabes lá se o rapaz não está emendado.

TOMÁS BENTO — Hum... Hum... Hum... Quem torto nasce...

D. ROSA — Não o condenes sem primeiro o ouvires. Olha que parece outro. Verás.

TOMÁS BENTO — Pois aonde está ele?

D. ROSA — Esteve aqui ainda agora e não deve andar muito longe.

TOMÁS BENTO — Carlos?!

D. ROSA — Sim. Perguntou por ti, queria-te ver e falar, mas como estavas a dormir, não quis... ,

TOMÁS BENTO — Então já veio de Coimbra?

D. ROSA — Hoje mesmo. Vem bacharel em Direito.

TOMÁS BENTO — Há-de dar honra à classe, não tem dúvida nenhuma! No meu tempo um rapaz como ele nunca conseguia o bacharelato. Eu se o quis foi-me preciso viver uma vida exemplaríssima.

D. ROSA — Vou chamar Carlos.

TOMÁS BENTO — Não, não, de modo nenhum. Não tenho desejos de o ver. Vem-me mortificar.

D. ROSA — Estás enganado. Eu vou chamá-lo.

TOMÁS BENTO — Ora...

O DR. MATEUS *(dentro)* — O Sr. Tomás Bento dá licença?

TOMÁS BENTO *(aparte)* — Ai o doutor! *(Alto):* Faz favor. Abre, Rosa, abre a porta ao noivo de tua filha.

D. ROSA — Estás mal servido com o tal noivo.

TOMÁS BENTO — Ora tu verás. Afinal de contas ela há-de cunhecer de que lado está a razão. É pena que esta minha mulher

não pense em tudo exactamente como eu. Podíamos viver com muita mais harmonia porque *Similes cum similibus facillime*.

## CENA 6.

TOMÁS BENTO, D. ROSA e o DR. MATEUS

DR. MATEUS — Senhora D. Rosa, um seu humilde servo. V. EX.» passou bem?

D. ROSA (secamente) — Muito bem, muito obrigada. Faça favor de entrar.

DR. MATEUS — Então, com sua licença.

TOMÁS BENTO — Ora venha, venha, doutor.

D. ROSA (aparte) — Não vos deixo sós muito tempo, não. Vou avisar Carlos. Sempre este meu marido tem coisas!

## CENA 7.

TOMÁS BENTO e o DR. MATEUS

DR. MATEUS — Então como vai isso, Sr. Tomás?

TOMÁS BENTO — Na mesma, graças ao Dr. Mateus...

DR. MATEUS — Sr. Tomás Bento! No dia de ontem colheu a homeopatia mais um louro, adquiriu mais uma pérola para a sua já tão brilhante coroa.

TOMÁS BENTO — Sim?! Então que houve, doutor? Conte-me lá isso.

DR. MATEUS (*tirando um jornal do bolso*) — Leia, leia esse periódico. Leia isto aqui.

TOMÁS BENTO — Ora dê cá. (*Lendo*): «A homeopatia julgada no campo dos factos. Foi radicalmente curado em três dias, por o Dr. Mateus, de uma pleurisia, o Sr. António Vaz Sampaio, bem conhecido...». O doutor!

DR. MATEUS — Que tem?

TOMÁS BENTO — Este não é o Sampaio aqui de cima?

DR. MATEUS — Justamente.

TOMÁS BENTO — Mas ele morreu ontem à noite!

DR. MATEUS — Sim?! Não sabia, mas decerto não foi de pleurisia; algum incômodo superveniente.

TOMÁS BENTO — Ai, então havia de ser isso, havia. O doutor, eu não sei como há gente que não acredita na Homeopatia. Eu admiro-a! Sabe o doutor que o preceito, *similia similibus*, com algumas variantes, tem aplicação em tudo? Não é só na Medicina. Descobri hoje esta verdade e há-de ser essa a luz com que me hei-de alumiar nas situações dificeis da minha vida futura. Olhe que é um fiel e seguro conselheiro; seguindo-o, vai-se bem, vai-se optimamente. Não concorda, doutor?

DR. MATEUS — Se não concordo?! É esse um dos grandes predicados da doutrina que professamos. A Homeopatia, senhor, é uma luz.

TOMÁS BENTO — É isso, é isso, foi o que hoje disse comigo. Os homeopatas neste mundo são *luminárias*...

DR. MATEUS — Luminárias!

TOMÁS BENTO — Não digo isto por o doutor estar presente!

DR. MATEUS — Luminárias, Sr. Tomás Bento?!

TOMÁS BENTO — Sim. Luminárias que nos esclarecem o caminho da saúde e do bem-estar.

DR. MATEUS — Ah! Isso sim.

TOMÁS BENTO — E os homeopatas sobem a olhos vistos! Pudera! Quem se não elevaria com aquelas *indenizações*?

DR. MATEUS — Que *indenizações*, Sr. Tomás? Nós não nos indemnizamos do que perdemos em prol da humanidade. São calúnias.

TOMÁS BENTO — O doutor não me entende. Falo das *indenizações* homeopáticas.

DR. MATEUS — Mas nós não tiramos desforra, senhor, nós perdemos.

TOMÁS BENTO — Não o entendo. Eu digo as *indenizações* dos vidrinhos.

DR. MATEUS — Quê? Pois também acredita em tal? São aleives, meu caro senhor; dizem por aí que levamos coiro e cabelo por um vidro de água da fonte. Aleives, calúnias, Sr. Tomás.

TOMÁS BENTO — Valha-o Deus. Ainda nos não entendemos, doutor. Talvez eu me não saiba explicar. Eu falo daqueles abençoados remédios em quarta e quinta *indenização*.

DR. MATEUS — Ai que agora o percebo eu. Isso são dinamizações. Dizia-me *indenizações*... julguei que...

TOMÁS BENTO — Tem razão, tem razão. Não sei como cal em tal. Mas no meu mister de advogado, por vezes empregava a primeira destas palavras e nunca a segunda, daí vem custar-me a encarrirar.

DR. MATEUS — Ó Sr. Tomás Bento, aquele nosso negócio em que alturas vai?

TOMÁS BENTO — Qual?... Ah! Vai bem, vai bem. Foi pensando nele que eu fiz hoje a observação que o *similia similibus* é um preceito aproveitável mesmo fora da medicina.

DR. MATEUS — Então como lhe lembrou isso?

TOMÁS BENTO — Eu lhe digo. A minha filha Livínia é uma rapariga afável, espirituosa, instruída, jovial e de um génio muito sossegado; e cá a minha mulher queria casá-la com o meu sobrinho Carlos.

DR. MATEUS — Fazia mal. Muito bom rapaz, mas muito estróina.

TOMÁS BENTO — Ora é exactamente. Eu, noutro tempo, ainda não ia muito contra; enfim, ele estava novo e podia com os anos...

Mas hoje, que o rapaz já tem os seus vinte e tantos anos e na mesma, nada, não tem jeito, disse comigo.

DR. MATEUS — E disse muito bem.

TOMÁS BENTO — Depois, passando a pensar noutras coisas, lembrei-me da Homeopatia, do *similia similibus curantur* e por conseguinte de um outro preceito não menos conceituoso a esse filiado: O *similes similibus congregantur*. Bem, disse eu, está decidido. Carlos não pode casar com Livinia porque seria isso pôr em prática o *contraria contrariis*, preceito a que tenho horror! E cogitando mais, lembrei-me de novo da conversa que tínhamos tido, doutor, e notei que o doutor satisfazia completamente ao princípio: *Similia similibus*. Conclusão: O Dr. Mateus casa com minha filha.

DR. MATEUS — E a Sr.» D. Rosa que diz?

TOMAS BENTO — Ora minha mulher é alopata da gema e, como tal, Carlos é o seu preferido, mas eu que olho o casamento homeopáticamente, não estou por os outros e prefiro o doutor.

DR. MATEUS — Vejo que o Sr. Tomás Bento é um dos mais inteligentes sectários de Hahnemann: sabe compreender as doutrinas homeopáticas em toda a sua generalidade.

TOMAS BENTO (*lisonjeado*) — Pois não acha? O estróina de Carlos nunca será meu genro.

DR. MATEUS — Não é por o lisonjear, mas eu não obraria de outra sorte. E a menina Livinia que diz a tudo isso?

TOMÁS BENTO — Dela não sei nada, mas estou que' não há-de ser contra. Gira-lhe nas veias sangue homeopático. O doutor devia ter-lhe dado a conhecer o seu amor...

DR. MATEUS — Pois é verdade que devia, mas se ela me não dá lugar a isso! Mal me vê, foge.

TOMÁS BENTO — É muito acanhada, é. Exactamente o contrário de Carlos, esse é um *estavalhado*, como não faz ideia.

DR. MATEUS — Sim, é o seu maior defeito.

TOMÁS BENTO — O maior, doutor? Ora aqui está uma coisa difícil de decidir. Qual será o maior defeito de meu sobrinho? É decerto o de ser um grande estróina. Se casasse com minha filha, dava às duas por três conta do dote.

DR. MATEUS (*aparte*) — Ai o dote! O dote! Que palavra!

TOMÁS BENTO — Está dito, doutor, há-de ser meu genro. Agora veja se me prepara o remédio. Aí estão em cima da mesa três garrafas cheias de água; olhe se será suficiente, senão mando vir mais.

DR. MATEUS — Bastam, bastam. Dar-lho-ei hoje mais forte. Há-de ser na décima *dinamização*.

TOMÁS BENTO — Então emprega-se menos água?

DR. MATEUS — Menos? ! Se assim fosse, ficava mais fraco. Quanto mais água se empregar mais forte fica. Nisso é que consiste a ciência.

TOMÁS BENTO — Ai sim, sim. Tinha-me esquecido.

DR. MATEUS — Eu vou prepará-lo,

CENA 8.

TOMÁS BENTO, DR. MATEUS e CARLOS

CARLOS — Ora viva, meu tio. Então como está? Ha que tempos o não via!

TOMÁS BENTO — Carlos!

DR. MATEUS (*aparte*) — O sobrinho aqui! Mau, vem muito fora de propósito.

CARLOS (*a Tomás Bento*) — Não tem sentido melhoras nenhumas?!

TOMÁS BENTO — Assim, assim.

CARLOS — Constou-me que o tio caíra nas mãos de um tal homeopata que...

TOMÁS BENTO — Carlos!

CARLOS — Se é verdade, fez uma grande asneira. É talvez algum impostor. Não acredite neles.

DR. MATEUS (*a Carlos*) — Senhor!

CARLOS (*vendo-o*) — Ah! Perdoe que o não tinha visto. A quem tenho a honra de falar?

DR. MATEUS — A pessoa contra quem V. S.<sup>a</sup> acaba de soltar algumas expressões pouco favoráveis.

CARLOS — Ai, pois o senhor é que é o tal doutor? Queira desculpar, mas eu não acredito na Homeopatia...

TOMÁS BENTO — Pudera! Se tu havias de acreditar em coisas boas!

CARLOS — Confesso que tenho sincera pena do tio. Vejo que...

TOMÁS BENTO — Pois se tens pena de mim, faz-me o favor de me deixares.

CARLOS — Quê?! Então assim me recebe depois de dois anos de ausência?!

TOMÁS BENTO — Eu não me entendo contigo, não me entendo. A primeira coisa que fazes, chegando a minha casa, é ofender o maior amigo que tenho, insultar-me na pessoa dele. Os nossos génios não condizem, vai para quem te entenda. *Similes similibus congregantur.*

DR. MATEUS — O Sr. Carlos compromete com tais excessos a preciosa saúde de seu tio.

CARLOS (*aparte*) — Oh diabo! Já vejo que por este lado vou mal. Bem dizia minha tia, tentar dissuadi-lo é remar contra a maré. Mudemos de orientação. (*Alto*): Perdão, perdão, meu tio. Eu não sabia o que dizia. O doutor é um homem de mérito.

DR. MATEUS (*aparte*) — Infundi-lhe respeito. Bem.

CARLOS (*tirando um charuto do bolso*) — O meu tio julga que eu sou o mesmo que era dantes; pois engana-se, estou outro, muito sossegado, muito,..

TOMÁS BENTO — Vejam! Vejam! Olhe para aquilo, doutor! Vai fumar! E na minha presença! Insolente!

DR. MATEUS — Ó Sr. Carlos, isso é uma imprudência. Foi decerto um acto irreflectido.

CARLOS (*aparte*) — É verdade que me não lembrava, fí-lo maquinalmente.

TOMÁS BENTO — Olhem que bacharel! Olhem quem minha mulher queria para...

CARLOS — Mas, meu tio, eu ia fumar para... por... por... porque me doem os dentes e...

TOMÁS BENTO — Mentira! Mentira!

CARLOS — Palavra! Tenho padecido muito dos dentes este ano.

DR. MATEUS — Se quer que lhe dê um remédio infalível...

CARLOS — Obrigado. Não tenho sede, doutor.

TOMÁS BENTO — Pois quer te doam, quer não doam, ou sai da minha presença, ou guarda esse charuto.

CARLOS — Imediatamente. (*Guarda o charuto*). Para condescender com o tio sou capaz de sofrer a mais violenta dor de dentes de que tenha padecido a humanidade.

TOMÁS BENTO (*aparte*) — Tanta dedicação, dá-me que cismar. Ou temos culpas em cartório ou requerimento para despacho.

CARLOS — Pois meu tio, eu desejava falar-lhe num negócio de muita importância.

TOMÁS BENTO (*aparte*) — Mau! Eu bem me parecia que havia coisa. (*Alto*): Agora não, agora não; isso para outra ocasião.

CARLOS — Esta é oportuníssima. Há-de ter paciência.

TOMÁS BENTO — Não quero, não quero ouvir-te...

CARLOS — Isso que quer dizer? Pois o tio será capaz de...

DR. MATEUS — É melhor condescender, Sr. Carlos, e não o afligir.

CARLOS — Olá, doutor! Aconselho-o a que não se intrometa com a minha vida.

DR. MATEUS — Mas...

CARLOS — Está bom. Basta! O tio há-de ouvir-me. Serei breve.

TOMÁS BENTO — Levemos esta cruz ao calvário.

CARLOS — Não sei se sabe que acabei a minha formatura em Coimbra.

TOMÁS BENTO — Por obra e graça não sei de quem. Que mais?

CARLOS — E que, portanto, sou bacharel formado em...

TOMÁS BENTO — Para honra da classe, adiante!

CARLOS — Adquiri, pois, uma posição decente na sociedade.

TOMÁS BENTO — Com o que ela muito lucra. Continua.

CARLOS — E entro na vida positiva e social.

TOMÁS BENTO — Com boas cartas de recomendação. E depois?

CARLOS — Passo, pois, a trilhar a estrada dos homens sérios e...

TOMÁS BENTO — Há-de ter muito que ver! Vamos.

CARLOS — E careço de proceder por as vias do costume.

TOMÁS BENTO — Estou que hás-de caminhar por boas vias. Mais.

CARLOS — Acho-me decidido a dar hoje o primeiro passo.

TOMÁS BENTO — Receio que degenera em trambolhão. Conclui.

CARLOS — Desejava concluir, mas...

TOMÁS BENTO — Mas o quê?

CARLOS — Mas... Como este negócio só pode interessar às pessoas da família, estimava que só por pessoas da família fosse ouvido.

TOMÁS BENTO — E daí?

CARLOS — O doutor...

TOMÁS BENTO — Ai o doutor?! Não tenho, nem quero ter segredos para com ele; é quase da família, e em breve...

DR. MATEUS — É na qualidade de médico...

TOMÁS BENTO — Fala, se queres; o doutor não sai daqui.

CARLOS (*ao doutor*) — E o senhor que diz a isto?

DR. MATEUS — Que o senhor seu tio o manda falar, se quiser. e não permite que eu saia daqui.

CARLOS (*meio formalizado*) — Bem. Falarei. O primeiro passo que intento dar na minha vida de homem sisudo é casar-me.

TOMÁS BENTO — Sim? E depois?

CARLOS — Ora eu há mais de seis anos, há mais, muito mais, que amo uma menina.

TOMÁS BENTO — Que constância! É admirável!

CARLOS — E há outro tanto tempo que por ela sou amado.

TOMÁS BENTO — Que felicidade! Não acha, doutor?

DR. MATEUS — Eu...

CARLOS — É ela que eu destino para minha mulher.

TOMÁS BENTO — Que ventura a espera! Não lhe parece, doutor?

DR. MATEUS — Eu... Senhor...

CARLOS — Ora esta menina tem pai e mãe.

TOMÁS BENTO — Sim? Então é uma dos diabos, pois não é, doutor?

DR. MATEUS — Eu... Cá eu, Sr. Tomás...

CARLOS — A mãe aprova o casamento...

TOMÁS BENTO — Oh! Que boa mãe! Não é assim, doutor?

DR. MATEUS — Eu, Sr. Tomás...

CARLOS — Agora o pai...

TOMÁS BENTO — O pai nunca tal consentirá.

CARLOS (*voltando-se para o doutor*) — Que lhe parece, doutor?

DR. MATEUS — Eu... O senhor seu tio diz que o pai nunca tal consentirá.

CARLOS (*a Tomás Bento*) — E porquê? Não me dirá?

TOMÁS BENTO — Porque não quero!

CARLOS (*olhando para o doutor*) — Doutor!

DR. MATEUS — Diz que não quer. Eu...

CARLOS (*a Tomás Bento*) — E porque não quer o tio?

TOMÁS BENTO — Não tenho satisfações a dar.

CARLOS — Mas é esse um modo de proceder indigno de um homem de tino.

DR. MATEUS — Mas se o Sr. Tomás Bento não tem satisfações a dar...

CARLOS — Doutor! Prudência, doutor!

TOMÁS BENTO — Queres saber o motivo porque não consinto em tal casamento? Porque nunca permitirei que minha filha, que era dela que falavas, seja tua mulher

CARLOS — Obsequiava-me dizendo-o.

TOMÁS BENTO — É porque no meu modo de entender *similes similibus congregantur e contraria contrariis non congregantur*.

CARLOS — Ouvi-o?

DR. MATEUS — Sim. Diz o Sr. Tomás que *similes similibus con...*

CARLOS — E o doutor que diz?

DR. MATEUS — Eu...

CARLOS — Ora queira Deus que umas suspeitas que tenho...

(A Tomás Bento): Mas faça favor de me explicar como em vista disso...

TOMÁS BENTO — Estes dois preceitos dizem literalmente traduzidos: As coisas semelhantes juntam-se, as contrárias repelem-se, não se juntam.

CARLOS — E depois?

TOMÁS BENTO — Depois? ! Pois ainda não entendeste?

CARLOS — Confesso que... E o doutor?

DR. MATEUS — Eu...

TOMÁS BENTO — Pois vou dizer-to. Tu e Livínia formam dois perfeitos contrastes e portanto *non congregantur*.

CARLOS — Que diz àquilo, doutor?

DR. MATEUS — O senhor seu tio diz que o senhor e a menina Livínia, fazendo dois contrastes, *non congregantur*.

CARLOS — Isto cheira-me muito a homeopatia, meu caro.

DR. MATEUS — Eu...

CARLOS — Mas se, apesar de tudo isso, Livínia quiser casar comigo?

TOMÁS BENTO — Eu não quero,

CARLOS — E se ela...

TOMÁS BENTO — Eu não quero.

CARLOS — Porém se...

TOMÁS BENTO — Não quero, não quero. Está dito,

CARLOS — Mas...

TOMÁS BENTO — Não temos que ver. Não quero, não quero e não quero.

CARLOS — Ouviu, doutor?

DR. MATEUS — Ouvi muito bem. Diz o senhor seu tio que não quer, não quer e não quer.

CARLOS — E o doutor que diz?

DR. MATEUS — Eu por mim .. Sim... Eu...

CARLOS — Pois eu respondo que quero, que quero e que quero.

TOMÁS BENTO — Atrevido!

DR. MATEUS — Sr. Carlos! Olhe lá!

CARLOS — Basta! Uma vez que o tio não deseja ir por esta forma, vou tratar de empregar outros meios. Até cedo. Doutor, nós depois ajustaremos as nossas contas...

DR. MATEUS — Ó senhor! Mas eu...

CARLOS — Adeus, adeus. (*Sai pelo fundo*).

TOMÁS BENTO — Vai-te! Vai-te!

C E N A 9. "

### TOMÁS BENTO e DR. MATEUS

TOMÁS BENTO — Viu? Este rapaz tem o Diabo no corpo! E minha mulher queria casá-lo com Livinia!

DR. MATEUS — Eu receio que, desesperado como vai, ele faça alguma asneira; às vezes um rapto, a justiça, etc, etc.

TOMÁS BENTO — Não tenha medo. Eu empato-lhe as bases. (*Toca a campainha. Entra um criado*). Diz à menina que venha cá dentro. Verá o doutor como as coisas se conduzem.

DR. MATEUS — Que vai fazer?

TOMÁS BENTO — Arranjar um prosélito para a Homeopatia e uma noiva para o Dr. Mateus.

C E N A 10. '

### TOMÁS BENTO, DR. MATEUS e LIVÍNIA

LIVÍNIA (*entrando contrariada*) — O papá quer alguma coisa?

TOMÁS BENTO — Quero sim. Aproxima-te

LIVÍNIA (*aproximando-se*) — Aqui estou.

TOMÁS BENTO — Então nem me perguntas como passei, nem coisa nenhuma?

LIVÍNIA — O papá passou bem?

TOMÁS BENTO — Obrigado. Cumprimenta ali o Sr. Dr. Mateus.

LIVÍNIA — Eu já ontem o cumprimentei.

TOMÁS BENTO — Livinia!

LIVÍNIA — Senhor?

TOMÁS BENTO — Não ouve o que eu lhe digo?

LIVÍNIA — Então que quer o papá que eu faça?

TOMÁS BENTO — Que cumprimentes o doutor.

LIVÍNIA (*olhando para o lado oposto*) — O doutor como está?

DR. MATEUS — Bem, num sentido; mal, noutro. E a menina?

(*Pausa*)

TOMÁS BENTO — Então, Livinia?

LIVÍNIA — Senhor!

TOMÁS BENTO — Não respondes ao doutor?

LIVÍNIA — Pois ele que me perguntou?

TOMÁS BENTO — Livínia! Isso não é bonito; parece mal.

LIVÍNIA — Estava distraída. Não reparei.

DR. MATEUS (*aparte*) — Cuida que com aquele gelo me mortifica. Não se lembra que o dote é para mim tudo e ela nada. (*Alto*): Perguntava como a menina tinha passado.

LIVÍNIA — Ai, era isso? Passei bem.

TOMÁS BENTO — Muito obrigada, diz, anda.

LIVÍNIA (*impaciente*) — Ora! Muito obrigada.

TOMÁS BENTO — Vem cá. Senta-te aqui ao pé de mim.

LIVÍNIA — Mas eu tenho que fazer. Não posso...

TOMÁS BENTO — Senta-te. Faz o que te digo. (*Livínia senta-se à direita*). Sente-se, doutor. (*O doutor senta-se a esquerda*).

DR. MATEUS — Ora então com licença.

TOMÁS BENTO — Oiçam-me, e com especialidade tu, Livínia. (*Tosse*). A mulher é um ente essencialmente frágil. É uma luz que os tufoes da vida cedo apagam se não for deles cuidadosamente resguardada; uma flor que em breve o sol desbota, se aos seus raios ardentes e abrasadores ficar exposta; é um tenro arbusto que cairá para o chão, vergando com o seu próprio peso se lhe não oferecerem um apoio; é, etc, etc. A mulher só por si, isolada, não pode viver. Logo, precisa de se casar.

LIVÍNIA (*bocejando*) — Ah, ah, ah, ai...

TOMÁS BENTO — Concordas, Livínia?

LIVÍNIA — Concordo. Até aí concordo.

TOMÁS BENTO — Bem. Admite as premissas, que hás-de admitir a conclusão. Eu continuo. O casamento ó, pois, para a mulher uma necessidade. Mas para que do casamento surta bom efeito, para que satisfaça ao fim a que é destinado, é necessário que entre os dois cônjuges exista harmonia e de outro modo o casamento tem péssimos resultados. Concordam?

DR. MATEUS — Isso nem se pergunta.

TOMÁS BENTO — Concordas, Livínia?

LIVÍNIA — Concordo, sim, senhor.

TOMÁS BENTO — Bem. Ora que é necessário para que se dê essa harmonia? Este acordo conjugal? É que os génios condigam, que os esposos em tudo, em tudo ou na maior parte das coisas, sejam iguais. Que quando um diga sim o outro diga sim, e não quando o primeiro também disser não; que um queira isto quando o outro quiser. Finalmente é preciso, para que um casamento seja bom, óptimo, o *similes similibus*. Quando não é o diabo.

DR. MATEUS — Bravo! Exactamente!

TOMÁS BENTO — E tu que dizes, filha?

LIVÍNIA — Eu também digo que sim.

TOMÁS BENTO — Vitória, doutor, vitória! Estão as premissas admitidas! A conclusão inquestionavelmente o há-de ser. Porque minha

filha tem lógica suficiente, lógica natural que recebeu da herança paterna. Vitória! Oh que ferro não há-de ter o outro! Eu logo vi que esta rapariga tinha olhos homeopáticos.

LIVÍNIA — Deus, me livre! Não, isso...

DR. MATEUS — Sr. Tomás! Complete o seu raciocínio.

TOMÁS BENTO — Está completado por sua natureza. Não é assim, Livínia?

LIVÍNIA — O quê, papá?

TOMAS BENTO — Ora, que conclusis tu de tudo o que eu te disse?

LIVÍNIA — Que preciso de me casar.

TOMÁS BENTO — Primeira parte. Que mais?

LIVÍNIA — Que no casamento deve haver harmonia.

TOMÁS BENTO — Segunda. E depois?

LIVÍNIA — Que para isso deve o homem que escolher semelhar-se em tudo a mim o mais possível.

TOMÁS BENTO — Em vista disso, quem é esse homem?

DR. MATEUS — Lembre-se de *alguém*, que a ame, embora ainda lho não tenha ousado dizer.

TOMÁS BENTO — Responde.

DR. MATEUS — Se quer que eu me retire?...

LIVÍNIA — Para quê? O homem que a todos os respeitos pre-firo é...

TOMÁS BENTO — O dout...

DR. MATEUS — Oh! Senhora...

LIVÍNIA — É Carlos.

TOMÁS BENTO — Carlos!

DR. MATEUS — Oh! Não posso crer!

LIVÍNIA — Pois é.

TOMÁS BENTO — Fala segundo a tua consciência. Tu não sentes isso, é impossível.

LIVÍNIA — Sinto e acrescento: é inútil tentar fazer-me casar com outro; não caso.

TOMÁS BENTO — Pois hás-de casar.

LIVÍNIA — Não, isso não hei-de.

TOMÁS BENTO — E se eu te disser que sim?

LIVÍNIA — Eu respondo que não.

TOMÁS BENTO — Livínia!

DR. MATEUS — As filhas devem ser obedientes...

LIVÍNIA — E as pessoas estranhas não devem intrometer-se em negócios de família.

TOMÁS BENTO — Faz bem o doutor, porque é ele que te convém para marido.

LIVÍNIA — Ah! ah! ah! Entre todos os homens de que me poderia lembrar para escolher noivo, seria talvez o doutor o único que me não conviria.

TOMÁS BENTO — E porquê?

LIVÍNIA — Pois se lhe parece! Um noivo homeopata!

TOMÁS BENTO — Razão de mais para aceitar. É melhor o outro, cujo génio é exactamente o contrário do teu?

LIVÍNIA — Que importa?

DR. MATEUS — Oh! Isso não. *Contraria contrariis*

LIVÍNIA — E quem lhe disse que o génio de Carlos é diferente do meu?

TOMAS BENTO — Se te parece, diz agora que são semelhantes.

LIVÍNIA — E porque não? São, é verdade que são. Pois qual ó o génio de Carlos?

TOMÁS BENTO — É um desmoralizado. Um homem cheio de vícios. Ele fuma!...

LIVÍNIA — Ora! Isso que tem? Não tardará muito que o fumar se use entre senhoras. Quem me dera cá esse tempo. Hei-de ser uma das primeiras a seguir a moda. „ „ „

TOMAS BENTO — Esta rapariga está doida!

LIVÍNIA (aparte) — Veremos se fingindo ter um carácter como o de Carlos, consigo alguma coisa.

DR. MATEUS — Pois a menina era capaz de fumar?

LIVÍNIA — E parece-lhe que não? Quanto se engana! Seria isso até para mim um prazer... É qualidade de que não pode prescindir todo aquele que quiser ser meu marido.

TOMÁS BENTO — Cala-te, doida, cala-te para aí. Querer casar com Carlos! Um homem que passa a sua vida nos teatros e nos botequins.

LIVÍNIA — Exactamente como eu queria viver.

TOMÁS BENTO — Ela que diz?!

LIVÍNIA — Quando casar e for senhora minha, cuida o papá que hei-de estar metida em casa a trabalhar? Agora, está enganado. De manhã, depois das nove horas, que é quando me hei-de levantar, farei algumas visitas, irei às modistas — isto até às três. — Depois janto, talvez já então fume o meu cigarro; e saio às quatro como meu marido para tomar café e ler as folhas no botequim; jogo com ele ou com outro algumas partidas de bilhar e... assim que forem horas vou para o teatro, mas... nada de camarote, plateia, plateia. E lá aplaudirei ou patearei, conforme me agradar. Ora aqui tem!

TOMÁS BENTO — Que lindo par de noivos havia de ser esse! Ora diz-me, tu estás no teu perfeito juízo?

LIVÍNIA — Digo-lhe sinceramente o que penso. O meu carácter é este.

TOMÁS BENTO — Qual é, nem meio é. Deixa-te de asneiras. Tu queres casar com Carlos?! Não sabes o que dizes, olha que ele é um rapaz que te atraiçoaria dois ou três dias depois do casamento.

LIVÍNIA — Eu fazia outro tanto.

DR. MATEUS — Hem?!

TOMÁS BENTO — Tu que dizes?

LIVÍNIA (*aparte*) — É este o único meio a seguir. (*Alto*): Pois que pensa? Era o que faltava se durante toda a vida havíamos de ser fiéis um ao outro... Pois não! Cada um vai para o seu lado, de outro modo que monotonia! Deus nos livre!

DR. MATEUS — Irra! Que tal?!

TOMÁS BENTO — Eu nem sei se estou a sonhar se...

LIVÍNIA — Não tem que ver. É este o meu génio. Se até agora o não tinha adivinhado era porque lho não queria dar a conhecer. Sou essencialmente extravagante, inimiga declarada da vida que passam as mulheres. Acho-a indigna do século em que vivemos. Serei sempre uma acérrima propugnadora da emancipação do meu sexo e quer ela se realize quer não, dar-me-ei por emancipada. Ora aqui está.

TOMÁS BENTO — Que verbosidade! Eu desconheço-te.

LIVÍNIA — Já vê que este homem, este doutor, nunca pode vir a ser meu marido: Primeiro, porque não fuma, mas toma rapé, vício horroroso, anticivilizador; segundo, porque não me consta que vá a um botequim, nem que alguma vez jogasse o bilhar; terceiro, porque é menino que me parece nunca teve um namoro de jeito. A figura também não o ajuda. Quarto, porque é homeopata, defeito horrível aos meus olhos; quinto, porque traz suíças e não bigode. E a maior pena que me acompanha é a de que a natureza não nos mimoseou, a nós, mulheres, com bigodes, o que decerto concorreria muito para a nossa emancipação. Finalmente em vista disso tudo, Carlos é o marido que me convém.

TOMÁS BENTO — Ouviu-a, doutor? Não lhe parece que esta rapariga está doida?

DR. MATEUS — Eu...

C E N A 11.<sup>a</sup>

TOMÁS BENTO, LIVÍNIA, DR. MATEUS e CARLOS

CARLOS (*da porta*) — O meu tio dá licença?

TOMÁS BENTO — Tu, outra vez?

CARLOS (*o mesmo*) — Dá licença, meu tio?

TOMÁS BENTO — Que nova diabrura vens cá fazer?

CARLOS (*o mesmo*) — Tio! Ora dê licença, dê.

TOMÁS BENTO — Entra, mas vê como te portas, porque...

CARLOS (*entra, traz o bigode rapado*) — Ora muito bons dias.

(*Vê Livinia; aparte*): Ó diabo, que dirá Livinia?

LIVÍNIA (*reparando em Carlos*) — Que vejo! Rapou o bigode!

CARLOS (*aparte*) — A surpresa não foi nesta muito agradável; vejamos nos outros.

TOMÁS BENTO — Tu... (*Reparando*): Ah! ah! ah!

CARLOS (*aparte*) — E esta!

TOMÁS BENTO — Ah! ah! ah! Oh! oh! oh! oh! oh! Ó doutor... Oh! oh! Repa... Ah! ah! ah! Repare. Eh! eh! eh!

DR. MATEUS (*reparando*) — Que mudança! Não parece o mesmo.  
TOMÁS BENTO — Uh! uh! uh! O bonito é. Eh! eh! eh!

LIVÍNIA (*aparte*) — Que mania seria aquela?! Um bigode tão bon... (*Alto*): Para que fizeste tu isso?

CARLOS — Bem vês que um homem sério... (*Aparte*): Não há remédio senão convencê-los... (*Alto, oferecendo rapé ao tio*): O tio é servido?

TOMÁS BENTO — Do quê? (*Repara*). Ah! ah! ah! Eh! eh! eh! Esta, eh! eh! é muito boa! Oh! oh! olhe, dou... ou! ou! doutor!

LIVÍNIA — Rapé! Que horror!

CARLOS (*aparte*) — Se ela soubesse com que fim eu me finjo modificado. Mas quem não entendo é meu tio. Que diabo! Não faz senão rir-se!

DR. MATEUS — Então o Sr. Carlos toma rapé?!

CARLOS — Bem vê que a posição que ocupo... ou vou ocupar... não permitia que... (*Toma uma pitada*). Quanto me custa... pff (*Espirra*). Irra!

TOMÁS BENTO — Ah! ah! ah! Isso, isso...

CARLOS — É necessário olhar para as coisas deste mundo mais seriamente. (*Espirra*).

LIVÍNIA — Que quer isto dizer?!

CARLOS — É muito para censurar que certas pessoas (*espirra*) não contentes de terem sido durante a sua mocidade o tipo da extravagância e da desmoralização, continuem ainda mesmo depois já quando têm encetado a carreira do homem civil, a mesma vida desregrada. (*Espirra*). Alguns conheço, para quem os negócios domésticos não são nada. Engolfam-se todos no prazer, botequins e teatros são as suas habitações favoritas. Isto é muito feio, muito censurável. Cá eu...

TOMAS BENTO — Ah! ah! ah! Eu acho-lhe uma graça que o doutor não imagina. Ah! ah! ah!

DR. MATEUS — É singular!

LIVÍNIA (*aparte*) — Ele é tolo; vem estragar tudo o que eu tinha feito. Que mania! E foi rapar o bigode... Sempre fez uma!

CARLOS — Eu para bem me dirigir terei sempre em vista estas pessoas e farei exactamente o contrário do que elas fizerem. Oh! doutor! Olhe que é assim. Tenho visto pessoas e então casadas que contam entre passados e presentes, mais de quarenta namoros... mas... muito mais. E as suas esposas fazem o mesmo. Ora vejam como vai o mundo!

TOMÁS BENTO — Ah! ah! ah! Nem de propósito. Ah! ah! ah!

DR. MATEUS — Já lhe vou achando também graça. Eh! eh! eh!

CARLOS (*aparte*) — Que humor tão jovial tem hoje meu tio! Ele não comerá a peta. O sacrifício do meu bigode será infrutífero. Toquemos noutra tecla, esta espero que produza um som mais agradável. (*Alto*): Ó meu caro doutor,

DR. MATEUS (*aparte*) — Que amabilidade!

CARLOS — Há tempos a esta parte tenho padecido muito de uma intensíssima nevralgia; estava em Coimbra, havia lá muito médico, mas não confiava a minha cabeça das mãos de nenhum; eram alopatas. Porém, agora que encontro o doutor, peço-lhe que me receite, porque estou certo que em poucos momentos me há-de curar.

TOMÁS BENTO — Ah! ah! ah! Faltava mais isto! Ah! ah! Ora veja, doutor. Ah! ah!

DR. MATEUS — Mas ainda há pouco...

CARLOS — Eu não acreditava? Engana-se. Sempre acreditei, mas há pouco, por certos motivos, estava impertinente e fingi que...

TOMÁS BENTO — Ah! ah! ah! Já me não posso rir mais.

LIVÍNIA (*aparte*) — Agora é que não sei como isto há-de ser. Ele veio estragar tudo. Não tem lugar nada do que eu disse.

DR. MATEUS — Pois pode estar certo que da melhor vontade...

CARLOS — Obrigadíssimo. (*Aparte*): Agora sondemos meu tio a ver se está modificado e se o estratagema produziu efeito. (*Alto*): Ó meu tio, a respeito da nossa conversa de há pouco?

TOMÁS BENTO — Que há?

CARLOS — O tio não me concede o que lhe pedi?

TOMÁS BENTO — Que foi? Ah! ah!

CARLOS — A mão de Livínia.

TOMÁS BENTO — Não. Já te disse as 'razões por que... Escuso de tas repetir?

CARLOS — Mas...

LIVÍNIA — Mas...

TOMÁS BENTO — Mas o quê?

CARLOS — Bem vê que o meu carácter...

LIVÍNIA — O que há pouco eu...

TOMÁS BENTO (*a Carlos*) — Tu não podes ser marido de Livinia porque ela quer um noivo que fume, que vá aos botequins, aos teatros, que jogue o bilhar, que traga bigode, que não se importe com os negócios caseiros, que lhe seja infiel, etc, e tu, pelo que agora vejo, és exactamente o contrário. Ah! ah! ah!

DR. MATEUS — Ah! ah! É assim, é.

CARLOS (*a Livínia*) — Livínia, pois tu...?

LIVÍNIA — Carlos, eu...

TOMÁS BENTO (*a Livínia*) — Tu não podes ser mulher de Carlos porque não fazes tenção, casando-te, de te meteres em casa; queres frequentar os botequins e teatros, fumar, jogar a partida do bilhar com o teu marido ou com outro qualquer parceiro, queres ter liberdade para poderes ser-lhe infiel. E tens pena que a natureza te não desse um bigode. Ele odeia tudo isso. Ora está decidido. Ah! ah! ah! Veja, doutor, que contraste! *Contraria contrariis*.

DR. MATEUS — É justo. Ah! ah!

LIVÍNIA — É peta, é peta. Tudo que eu há pouco disse era fingido. O meu carácter é o inverso.

CARLOS — Também eu. Estava fingindo agora. Penso exactamente do modo oposto.

TOMÁS BENTO (*a Livínia*) — Então tu mentias há pouco?

LIVÍNIA — Mentia.

TOMÁS BENTO — Pensas de outro modo?

LIVÍNIA — Extremamente diverso.

TOMÁS BENTO (*a Carlos*) — E tu mentias também agora?

CARLOS — Mentia. O meu carácter...

TOMÁS BENTO — É diferente?

CARLOS — Absolutamente.

TOMÁS BENTO — Ah ah! ah! Ficamos na mesma. Trocaram-se as voltas. E o contraste subsiste. Não há que ver: estes não nasceram um para o outro.

CARLOS e LIVÍNIA (*aparte*) — Ai! É verdade!

TOMÁS BENTO — Estão sempre em oposição. Um é sossegado; o outro estróina; muda o primeiro para estróina; o outro passa por sossegado. Irra! Que um casamento destes seria o *contraria contrariis* em toda a sua extensão.

DR. MATEUS — Decerto.

CARLOS — Mas...

LIVÍNIA — Mas...

CARLOS e LIVÍNIA — Eu... (*Aparte*): Um de nós é que há-de falar, senão, adeus... (*Calam-se ambos*). Então falo eu... Eu... Fala tu... vá.

TOMÁS BENTO — Ah! ah! É inútil. Já vejo que não podem casar. O meu consentimento seria um crime.

CENA 12.º

DR. MATEUS, TOMÁS BENTO, CARLOS, LIVÍNIA e D. ROSA

D. ROSA — Então que se decidiu, Carlos?

CARLOS — O tio continua...

LIVÍNIA — O papá não quer...

DR. MATEUS — O Sr. Tomás diz, e com razão...

TOMÁS BENTO — O que eu digo, tenho dito e torno a dizer, é que é escusado falarem-me mais em tal assunto. E peço-te, Rosa, que mudemos de conversa.

D. ROSA — Não é objecto, este, para desprezar. Dele depende a felicidade de Livínia.

TOMÁS BENTO — Isso sei eu muito bem. E tanto o sei que já assentei no que havia de fazer. Livínia há-de casar com o Dr. Mateus.

LIVÍNIA — Isso nem que me esfolem viva.

CARLOS — Com o doutor! Mais devagar, não que eu...

DR. MATEUS — Eu prometo fazer a sua felicidade.

D. ROSA — Mas porque tomaste semelhante resolução?

TOMÁS BENTO — Quantas vezes queres que to diga? Porque *símiles similibus facillime congregantur*.

D. ROSA — Isso que quer dizer?

TOMAS BENTO — As coisas, as pessoas semelhantes juntam-se, harmonizam-se, facilmente, com facilidade. Preceito análogo ao *similia similibus curantur*.

D. ROSA — Ora! Mas que tem cá a homeopatia com este negócio?

TOMÁS BENTO — Tudo! Para mim, os preceitos em que se baseia a doutrina homeopática são universais! A tudo se aplicam.

D. ROSA — E então, em vista disso, achas que o Dr. Mateus se semelha a Livínia mais do que Carlos?

TOMÁS BENTO — E não concordas?

D. ROSA — E se eu te provar o contrário?

TOMÁS BENTO — Se fores capaz...

D. ROSA — Dás o teu consentimento?

TOMÁS BENTO — Dou.

D. ROSA — Olha lá!

TOMÁS BENTO — Palavra de honra.

DR. MATEUS — Que faz?

TOMÁS BENTO — Deixe; não tenha medo.

DR. MATEUS (*aparte*) — As mulheres são capazes de tudo.

D. ROSA — Bem. Sentem-se todos. (*Todos se sentam. D. Rosa fica no meio. O Dr. Mateus à esquerda, ao lado de Tomás Bento. Carlos e Livínia à direita.*)

D. ROSA — Princípiemos. Respondam ao que lhes eu perguntar. (*Ao doutor*): Que idade tem, doutor?

DR. MATEUS — Trinta e nove anos, minha senhora.

D. ROSA — Que idade tens, Carlos?

CARLOS — Vinte, minha tia.

D. ROSA — Livínia tem dezoito. (*A Tomás*): Quais se aproximam mais da igualdade: dezoito e vinte ou dezoito e trinta?

TOMÁS BENTO — Certamente que dezoito e vinte são mais próximos...

D. ROSA — Primeiro ponto de semelhança.

DR. MATEUS — Mas...

D. ROSA — Silêncio. O seu nome todo, doutor?

DR. MATEUS — Mateus Epifânio Vasconcelos Raimundo.

D. ROSA — O teu, Carlos?

CARLOS — Carlos Augusto de Sousa e Mendonça.

D. ROSA — A minha filha chama-se Livínia Rosa de Sousa e Mendonça. Segundo ponto de semelhança. Aonde nasceu, doutor?

DR. MATEUS — Em Portugal, minha senhora.

D. ROSA — Em que parte de Portugal?

DR. MATEUS — Na província do Minho.

D. ROSA — Em que cidade?

DR. MATEUS — Em Braga.

D. ROSA—E tu, Carlos?

CARLOS—No Porto.

D. ROSA—E tua filha, Tomás?

TOMÁS BENTO—No Porto.

D. ROSA—Terceiro ponto de semelhança. A sua profissão, doutor?

DR. MATEUS—Sou médico, minha senhora.

D. ROSA—Carlos é bacharel em Direito. E o pai de Livínia...

CARLOS—Também é bacharel em Direito.

D. ROSA—Mais outro ponto de contacto. Se o doutor estivesse doente porque método se tratava?

DR. MATEUS—Eu... pelo verdadeiro.

D. ROSA—Qual é?

DR. MATEUS—O... homeopático.

D. ROSA—E tu, Carlos?

CARLOS—Pelo allopático.

LIVÍNIA—E eu também.

D. ROSA—Mais outra semelhança. O que desejas tu mais agora, Carlos? O que querias tu ver realizado?

CARLOS—O meu casamento com Livínia.

D. ROSA—E tu, Livínia?

LIVÍNIA—O meu casamento com Carlos.

D. ROSA—E o doutor?

DR. MATEUS—O meu casamento com a Sr.<sup>a</sup> D. Livínia.

D. ROSA—De maneira que Carlos e Livínia querem uma e a mesma coisa; Livínia e o doutor querem coisas muito diversas. Novo ponto de semelhança entre os primeiros e de diferença entre os segundos.

DR. MATEUS—Porém...

D. ROSA—Oiça-me. A quanto monta a sua fortuna, doutor?

DR. MATEUS—Por enquanto a pouca coisa, mas...

D. ROSA—Mas quanto de rendimento.

DR. MATEUS—Rendimento? Rendimento, nada.

D. ROSA (a Tomás)—Quanto vêm a render a Livínia as nossas terras do Douro?

TOMÁS BENTO—Setecentos mil-réis, pouco mais ou menos.

D. ROSA—E as tuas, Carlos?

CARLOS—Hão-de andar pelo mesmo.

D. ROSA—Ainda outro ponto de contacto. O doutor há que tempo conhece Livínia?

DR. MATEUS—Há dois anos,

D. ROSA—Tem com ela algum parentesco?

DR. MATEUS—Eu não, mas...

•D. ROSA—Que tratamento lhe dá?

DR. MATEUS—O mais respeitoso, mais...

D. ROSA—Como lhe chama?

DR. MATEUS—Senhora.

D. ROSA — E ela ao doutor?

DR. MATEUS — Senhor.

D. ROSA — Há quanto tempo conheces tu Livínia, Carlos?

CARLOS — Nem me lembra. Desde pequeno.

D. ROSA — És-lhe completamente estranho?

CARLOS — Sou seu primo direito.

D. ROSA — E o tratamento que reciprocamente vos dais?

CARLOS — Tratamo-nos por tu há muito tempo.

D. ROSA (*a Tomás*) — Que mais queres tu? Ainda não estás convencido? Atende a que ambos têm o cabelo preto. A altura de Carlos aproxima-se mais da de Livínia do que a do doutor. A voz é mais semelhante entre os dois primos. A casa em que Carlos tem habitado no Porto é a de Livínia.

CARLOS — Bem vê o tio que...

LIVÍNIA — O papá há-de reparar que...

DR. MATEUS — Mas que faz isto e aquilo? A homeopatia não tem nada com os casamentos.

TOMÁS BENTO — Que diz, doutor? Essa agora! Eu sou razoável. Devo confessar que minha mulher desta vez tem razão. A não ser no procedimento, tem Livínia com Carlos imensos pontos de analogia mais do que com o doutor. E, portanto, como prometi e para ser coerente com as minhas doutrinas, dou o meu consentimento, se Carlos me promete mudar de conduta, porque então dá-se o *similes similibus* na extensão da palavra.

CARLOS — Prometo. Juro-o, meu tio.

D. ROSA — Ora graças a Deus! Que se não fosse eu não casavam estes dois; ou pelo menos não casavam em paz e com contentamento geral.

DR. MATEUS — Mas, Sr. Tomás Bento, repare que...

TOMAS BENTO — Não tem que ver, doutor. Se eu tivesse outra filha, dava-lha, assim... Deve confessar que não pode ser... É justo, é razoável este casamento. Como homeopata que é, deve confessá-lo.

DR. MATEUS (*aparte*) — Não há remédio senão tentar fortuna por outra parte. Este homem é homeopático de mais, homeopatomalaco. Nada, a doutrina da homeopatia rende dinheiro, mas não há-de ser tão generalizada.

TOMÁS BENTO — Não se aflija, doutor. Perdeu um casamento, mas é-lhe isso muito glorioso porque tal perda foi um triunfo para a homeopatia. Foram mais três pessoas que deram o primeiro passo no nosso campo. A custa de sacrifícios é que se eleva uma doutrina. Animo, avante.

DR. MATEUS — Tem razão. (*Aparte*): Noutra não caio eu.

D. ROSA (*a Livinia e Carlos*) — Aprendam comigo. Quando algum obstáculo impedir vossos intentos, não tentem destruí-lo, vencê-lo. É asneira. Lancem mão desse mesmo obstáculo para conseguir o fim. É sempre possível, ° ponto está em estudar bem a questão.

CARLOS — Não esperava que isto se realizasse com tanta facilidade.

LIVÍNIA — Mas olha que eu exijo que te emendas.

CARLOS — Pois está visto.

LIVÍNIA — E que tornes a deixar crescer o bigode.

CARLOS — Isso pudera.

DR. MATEUS (*aparte*) — Está decidido. Vou-me introduzir em casa do barão de Miranda que tem uma filha rica para casar.

TOMÁS BENTO — Bem digo eu. O *similia similibus* e o *símiles similibus*, serão de hoje em diante os meus conselheiros.

FIM DA COMÉDIA

## ACTO 1.<sup>o</sup>

*Interior de uma taberna na cidade de Évora. Portas ao fundo e aos lados. Ao levantar o pano vários homens do povo se acham sentados, conversando e bebendo, de um e de outro lado da taberna. André Girarte passeia, meditabundo, por o meio.*

### CENA 1.º

ANDRÉ GIRARTE, LOURENÇO BARBOSA, LOPO CALDEIRA, BRAS SERRÃO, GONÇALO SOARES e GIL PAIVA

LOURENÇO BARBOSA — Então que é isto, André Girarte?! Os copos estão vazios e não nos trazeis com que os encher de novo?! A vossa taberna desacredita-se, homem.

LOPO CALDEIRA — Que maus olhados te deitaram, André, que há dias te vejo tão cabisbaixo?

ANDRÉ GIRARTE (*apressando-se em encher os copos*) — Nunca se dirá que na taberna de André Girarte, a mais afamada de toda a cidade de Évora, escasseia vinho para tão honrados fregueses. Bofe! Que enquanto eu existir, tal não acontecerá! (*A Lopo Caldeira*): E que dizes tu para aí, Lopo? Que dizes tu? Achas-me cabisbaixo! Homem, boa fortuna era o poder andar sempre alegre; tal me permitisse Deus. (*Acabando de encher os copos*): Ora provai desse e dizei-me se nas melhores tabernas da cidade de Lisboa se beberá vinho que em qualidades o exceda.

BRAS SERRÃO (*depois de beber*) — Bom vinho, Girarte, bom vinho! Nem em adega de convento se encontra tão bom cordial.

LOPO CALDEIRA (*depois de beber*) — Com verdade o dizeis, me3tre Brás; bem se vê que sois bem entendido. Pena é que André Girarte não seja sempre de maré para tais larguezas, pois se uma vez por outra nos dá a provar da melhoria da sua adega, nas demais nos faz pagar por bom preço uma verdadeira zurrapa.

ANDRÉ GIRARTE — O quê?! Que é lá isso? Chamar zurrapa ao melhor vinho que se vende nestes contornos! Não lhe encontras em Évora superior, a não ser esse com que hoje vos regalo. Que desagradecido que és, Lopo Caldeira! Se continuas desse modo caluniando um vinho como melhor não aparece no tinelo dos serviços de S. A., fica certo que o caldeirão de Pêro Botelho se aprestará no Inferno para breve receber uma caldeira macha.

LOPO CALDEIRA — Olé, Girarte amigo! Ó girifalte dos diabos? Nada de chasquear do meu nome, que não é ele o de qualquer tunante. Bem conhecido é de todos como pertencendo a honrados homens; até S. A. R. o tem em bom conceito.

ANDRÉ GIRARTE (*sorrindo*) — Talvez lhe fizesses algum tabardo a seu gosto. Nomeou-te algibeteiro de sua real casa?

LOPO CALDEIRA — E estou que bem mais depressa me faç� tal mercê do que a ti fornecedor da adega real, meu taberneiro de má morte.

GIL PAIVA — Então, então! Ponde fim a essas desavenças que mal parecem entre bons amigos, e diz-nos tu cá, Lopo, que história é essa que se conta de um tal Caldeira de Lisboa, que, dizem, fizera duas mortes e a quem el-rei...

ANDRÉ GIRARTE — Mandou enforcar? Com razão o dizias, amigo Lopo; os Caldeiras são homens de boas manhas.

LOPO CALDEIRA — André! André! Não me amofines com as tuas chufas, que eu não sou homem que tas sofra. Uma graça é uma graça; agora insultar é coisa muito diferente.

ANDRÉ GIRARTE — Não te fazia tão pronto em agastar-te, amigo Lopo, nem era intento meu ofender-te no que disse. Longe de mim o imaginar que esse tal Caldeira de Lisboa, de quem fala Gil, fosse teu...

LOPO CALDEIRA (*olhando com altivez*) — Era meu primo.

ANDRÉ GIRARTE — Sim? Nesse caso então...

LOPO CALDEIRA — Então o quê? Então o quê? Não me coro de o haver por tal. O que ele praticou é um feito que muita honra traz à família; assim o disse S. A. R. e o que el-rei nosso senhor diz é sempre dito com acerto.

LOURENÇO BARBOSA — Lá isso é. Razão tendes, Lopo. Vamos lá; contai-nos o facto, que interessante deve ser; e depois beberemos à saúde de el-rei o senhor D. João II.

TODOS — Dizeis bem, Lourenço Barbosa, dizeis bem.

BRAS SERRÃO — Sim, beberemos à saúde de el-rei, do protector do povo, do inimigo dos nobres, do pai de seus obedientes vassalos, que tudo isto e ainda muito mais é D. João II.

TODOS — É verdade, é verdade. Viva D. João II! Viva!

LOPO CALDEIRA — Acalmai o vosso entusiasmo e prestai-me ouvidos atentos, se quereis que vos conte o que se passou com Fernando Caldeira, contador na cidade de Lisboa, meu primo carnal por parte

de meu pai João Caldeira, que Deus tenha em glória, a nata dos algibeiros da muito antiga e heróica cidade de Évora.

GONÇALO SOARES — Vamos ao conto! Vamos ao conto!

LOPO CALDEIRA — Chamai-lhe antes história, Gonçalo, que bastante soma de verdade tem para merecer tal nome.

LOURENÇO BARBOSA — Despachai-vos, Lopo! Bebei um copo de vinho que vos desemperre a língua!

LOPO CALDEIRA — Pois sabei que esse tal Fernando era, como já vos disse, meu primo carnal. Era e ainda é.

ANDRÉ GIRARTE — Ainda?! Estranho caso! Mal apertada ficou a gravata com que o algoz o enfeitou.

LOPO CALDEIRA — Continuas? Belzebu te ponha freio na língua, que tanto à solta anda.

LOURENÇO BARBOSA — Então, Lopo! Ficais-vos hoje no princípio da história? Falais que nem Fr. Paulo, o pregador, vos leva de vencida; mas nada que interesse tenha. Vamos! Fernando era teu primo, já sabemos. E depois?

LOPO CALDEIRA — Era e é, torno a repetir; não morreu, não sonhorei; está são e salvo como qualquer de nós, nem que pese a velhacos e maldizentes. Fernando é pois meu primo, e tinha uma irmã, que era também minha prima.

ANDRÉ GIRARTE (*sorrindo*) — Era e é, não?

LOPO CALDEIRA — Não, senhor, já não é, porque... Mas cala-te, por Santiago, ou antes por S. Jorge, como se deve dizer desde que D. João ! pôs fora do reino os Castelhanos e o seu santo e mandou buscar este outro à Inglaterra. Eu ainda me engano porque meu pai, que Deus haja, tinha mais devoção com o primeiro e por ele jurava sempre; porém, louvado Deus, nem por isso era castelhano. Mas... em que ponto ia eu?

BRÁS SERRÃO — Homem, parece que o vinho de André Girarte te desimpediu a língua mais do que era preciso sem te deixar à cabeça o poder de a guiar. Agouro mal ao teu conto; não estás hoje em maré para ser cronista.

LOPO CALDEIRA — Pois não me interrompais, que eu continuo. Fernando pois é meu primo e tinha uma irmã...

ANDRÉ GIRARTE (*sorrindo*) — Que também era...

LOPO CALDEIRA (*olhando-o de revés*) — Que já não é deste mundo. Esta irmã estava em Arronches e lá travou conhecimento com um tal Sequeira, homem de má vida, que tais traças do Diabo empregou, com tais feitiços enfeitiçou a rapariga que de honesta e de bons costumes, que ela era até ali, passou a viver vida pecaminosa, levantando murmurações gerais.

BRAS SERRÃO — E teu primo?

LOPO CALDEIRA — Muito magoado e aflito ficou logo que em Lisboa de tal soube, não só porque muito queria à irmã, para quem havia já contratado um casamento com um honrado e abastado mestei-

ral, seu amigo, mas também porque muito a peito tinha a sua honra e o nome de Caldeira, de que com razão se prezava.

LOURENÇO BARBOSA — E que fez ele?

LOPO CALDEIRA — Mal recebeu este aviso, que tão enojado o deixara, partiu imediatamente para Arronches e aí, por sua boca, ela mesma lhe confirmou o que em Lisboa lhe chegara aos ouvidos.

GIL PAIVA — Grata nova para um irmão!

LOPO CALDEIRA — Meu primo, que não é homem para padecer e calar, se foi logo dali a casa do tal Sequeira, e lá mesmo, com ásperas palavras, lhe lançou em rosto a má acção que havia praticado, dizendo-lhe que pois obrara daquele modo, reparasse o mal que fizera casando com a mulher, a quem se não tinha corrido de tão desairo-samente enganar.

GIL PAIVA — Com prudência andou teu primo, que se fora eu...

LOPO CALDEIRA — Sequeira, porém, ou se pejasse de se confessar autor do crime, ou se temesse das iras de Fernando, ou enfim por não amar, como devia, aquela que havia desonrado, negou a existência de suas criminosas relações com minha prima, afirmando mui desagastado que não conhecia a mulher de quem se lhe falava.

BRAS SERRÃO — Há milhares desses miseráveis neste mundo.

LOPO CALDEIRA — Ouvindo isto, meu primo lhe retrucou; «Bem está. Peço-vos então, muito por mercê, que pois até aqui a não conheceis, que daqui por diante a não conheçais». E assim se apartaram, ao parecer, em bom acordo e harmonia. Mas tal não era. Nem Sequeira resolvera mudar de procedimento nem Fernando perder de vista este infame desencaminhador de donzelas, e tal espia teve sempre depois disso, que soube, passados poucos dias, como ele e sua irmã, desprezando os seus avisos, de novo se achavam juntos na própria casa dela. Fernando, cego de cólera, corre ao aposento em que estavam os criminosos... e eles em breve conhecerao quão desacertadamente tinham andado, sentindo a adaga de meu primo traspassar-lhes o coração.

GIL PAIVA — Bela conduta foi essa! Outro tanto devia fazer quem de honrado se prezasse.

LOPO CALDEIRA — Depois disto, Fernando, receoso das pesquisas da justiça, passou-se para Castela e de lá para Arzila. Em breve foi de tudo feito sabedor S. A. R.; e que julgais vós que fez el-rei?

BRAS SERRÃO — Perdoou-lhe talvez. Magnânimo é ele; de sobra o tem mostrado.

LOURENÇO BARBOSA — Decerto lhe perdoou. D. João II folga com ver feitos tais.

LOPO CALDEIRA — Pois fez mais el-rei do que perdoar-lhe. Escreveu uma carta ao governador de Arzila, em que, entre muitas coisas, lhe dizia: «Fernando Caldeira é lá por fazer um feito de homem; agradecer-vos-ei muito honrarde-lo e favorecerde-lo, porque de toda a honra que lhe fizerdes eu receberei muito prazer e con-

tentamento, pois pela honra fez tal feito». <sup>1</sup> São estas as formais palavras de S. A.

LOURENÇO BARBOSA —Bom rei e feliz povo que por um tal monarca é regido. Este, sim, que é cá dos nossos. Vamos, meus amigos; o prometido é devido. À saúde de el-rei o senhor D. João II, que Deus conserve por muitos anos para a felicidade do seu povo. (*Bebé*).

BRAS SERRÃO —E para confusão da nobreza. (*Bebê*).

TODOS —Sim! A saúde de el-rei! (*Bebem*).

GONÇALO SOARES —À saúde de teu primo, Lopo, à saúde de Fernando Caldeira, que tão bem soube desafrontar sua honra. Sirva isso de lição aos sedutores de donzelas honestas. (*Bebé*).

TODOS —À saúde de Fernando Caldeira. (*Bebem*).

LOPO CALDEIRA —Agradeço por ele, meus amigos.

GIL PAIVA —Até que enfim temos um rei popular. Que nos ama e protege, e odeia nossos inimigos! Podemos já maldizer em voz alta dos nobres que nos oprimem. Quem no-lo estorvará? Boa escora é el-rei contra o poder da nobreza.

BRÁS SERRÃO —Sabeis vós o que se passou com João Alvares a quem chamam «o Gato», e que era cavaleiro da casa de el-rei? Pois ouvi e vereis quanto S. A. desestima quem os pobres despreza. João Alvares o que tem e o que vale, deve-o a ser grande pensador e consertador de cavalos e mulas, que de origens é ele filho do pobre almocreve desta cidade Álvaro Serra que haveis de conhecer. Na viagem que S. A. R. fez a Estremoz, era João Alvares da comitiva; sucedeu que, no caminho que levavam, encontrou ele seu pai, que com acatamento o cortejou, como mais cabidamente convinha ao filho fazer; porém ele, como ia muito bem montado em formoso e guapo ginete e ricamente ataviado, segundo a sua posição o pedia, fez vista grossa, passando por o pai e nem mostras deu de o conhecer. Chegou isto aos ouvidos de el-rei, que desde logo chamou João Alvares à sua presença; com palavras amargas o repreendeu ordenando-lhe terminantemente que nunca mais lhe aparecesse, pois incorrerá no seu real desagrado praticando um feito vil; porque o homem que despreza seu pai e não o socorre, podendo-o fazer, não era homem para se fiarem nele. <sup>2</sup>

ANDRÉ GIRARTE —Boa palavra foi essa! É um grande príncipe D. João D.

GIL PAIVA —Deus lhe dê anos mil de vida e o mantenha na sua divina graça.

BRÁS SERRÃO —Se Deus ouvir os votos de todo o povo, deve de ser um longo reinado o seu.

<sup>1</sup> Histórico. Vid. *Crón. de D. João II* por Garcia de Resende.

\* Histórico. Veja o mmo Garcia de Resende. *Crón. de D. João II*.

LOPO CALDEIRA — Nem de uma hora seria ele se as orações dos nobres fossem escutadas lá em cima.

BRÁS SERRÃO — É exacto o que dizes, Lopo, toda a nobreza é contra D. João, porque D. João é pelo povo, porque não nos deixa esmagar por esses ricos senhores, e corta nos seus privilégios mais rijo que a sua valente espada cortava nos Mouros em Arzila e nos Castelhanos em Toro; e mais eram espantosos golpes, aqueles!

GIL PAIVA — Oh! se o eram! Eu que o diga. Em Arzila vi a sua boa folha toda torcida da violência com que a descarregava sobre os infieis, e vermelha do sangue de tantos que feria e matava. \*

LOURENÇO BARBOSA — Pois muito se fala na má vontade que os nobres têm a D. João II e até se diz que o duque de Bragança e seus irmãos, o marquês de Montemor, o conde de Faro e D. Álvaro, com mais alguns fidalgos, se reuniam todos os dias aí no convento de Santa Maria do Espinheiro para conspirarem contra S. A. e que, sendo el-rei avisado de tudo isto por denúncia, eles se apressaram a escolher outro local.

ANDRÉ GIRARTE — Dais fé a tais rumores, Lourenço Barbosa?! Por mais assisado vos tinha. Deixai dizer, deixai dizer. São vozes do povo.

BRÁS SERRÃO — Não são tão fora da verdade como as fazeis; pois por certo me deram a notícia de que el-rei vai em breve mandar os corregedores às terras dos fidalgos para o informarem de como por lá se administra a justiça e que os nobres tencionam opor-se abertamente a tal determinação.

GIL PAIVA — Razão têm de sobejo para temer a visita, pois bem conhecem quão mal julgados andam por eles seus vassalos e quão queixosos estão de suas malfeitorias.

LOPO CALDEIRA — Muito que ver e muito que contar a el-rei têm os corregedores! Sobretudo nas terras dos senhores de Bragança.

ANDRÉ GIRARTE — Alto lá, Lopo, alto lá! Que tens tu a dizer do duque? É um honrado fidalgo, esse.

LOPO CALDEIRA — Fidalgos honrados, difícil será encontrá-los. Mesmo o teu duque de Bragança se pode meter na conta. É homem de soberbas, que não conhece Deus, nem rei, nem potência maior que a dele.<sup>2</sup> Com tudo isso, pior que o duque e pior que nenhum outro é, sem dúvida, o marquês de Montemor; esse parece fazer gala em desobedecer a el-rei, oprimir o povo, e desacatar a religião na pessoa dos seus sacerdotes, como o fez o ano passado ao arcebispo de Braga. Mau senhor e mau vassalo, não tem qualidade alguma que benquisto o torne de el-rei, que lhe há-de dar o prémio que ele merece.

<sup>1</sup> Ipsa verba de um cronista da época. (Garcia de Resende).

<sup>2</sup> Palavras do mesmo duque. (Vid. carta do seu confessor o padre Paulo, a um franciscano). '

BRÁS SERRÃO — Demais soube, e de boa fonte vem a notícia, que el-rei publicara um decreto, pelo qual despoja os fidalgos do poder de exercerem a justiça nas terras do seu domínio.

LOURENÇO BARBOSA — De forma que, se verdade é o que dizeis, e por tal o tenho, que bem informado andais nestas coisas de Estado, mestre Brás Serrão, ficará todo o povo livre do jugo dos ricos senhores e só sujeito ao domínio de el-rei?

ANDRÉ GIRARTE (*suspirando a meia voz*) — Mas sempre sujeito.

GIL PAIVA — Justo é que tenhamos cabeça que nos dirija, capitão que nos mande, rei que nos governe, ma3 que nos oprime, ninguém.

TODOS — Apoiado, apoiado.

ANDRÉ GIRARTE — Mas sempre é certo que nestas lutas entre os grandes, quem mais sofre são os pequenos.

BRÁS SERRÃO — Isso está para se ver agora.

LOPO CALDEIRA — De mau humor te encontro hoje, André Girarte. Quem te não conhecera diria, ouvindo-te, que também conspiras.

ANDRÉ GIRARTE — Que é lá? Que ó lá isso?! Conspirar! Quem fala em tal ? ! Sê mais comedido nos teus dizeres, Lopo amigo, que essas graças nem sempre são recebidas, como tais, por ouvidos inimigos. Eu sou grande admirador do nosso bom rei o senhor D. João II, rei patriótico, valoroso, sábio, justo e bem-amado como nenhum. Conspirar! Eu! Pois não! Tens ditos, Lopo, que são de recear; mas espero que ninguém te dará crédito.

LOPO CALDEIRA — Grande espanto por pouca coisa, André ! Se tal disse não foi para te fazer ofensa; era um modo de falar.

ANDRÉ GIRARTE — Pois sim, mas às vezes...

LOPO CALDEIRA — Todos quantos aqui estamos somos bons camaradas e verdadeiros amigos; portanto assossega-te.

GONÇALO SOARES (*levanfando-se*) — Deus queira que se acabem por uma vez tantas guerras e desavenças que desde o tempo do senhor rei D. Afonso V têm trazido a estes reinos perdas sobre perdas.

LOPO CALDEIRA — Não sejamos difíceis de contentar, Gonçalo. Com o rei que temos é quase um crime o queixarmo-nos. Não vês como os nobres descem? Portanto folguemos nós.

LOURENÇO BARBOSA — Acertado falais. Caldeira, não nos cumpre lamentar-nos; antes devemos sentir grande alegria e muitas esperanças em ver o andamento que as coisas tomam.

BRÁS SERRÃO — É verdade, enquanto D. João for rei, o povo não tem que murmurar.

GIL PAIVA — Deixai lá, que no infante D. Afonso havemos nós de ter um rei como seu augusto pai, quando sofrermos o dissabor de o perder.

BRÁS SERRÃO — Bom exemplo tem ante os olhos; ponto está que o queira seguir; é ainda muito moço... (*Dão nove horas*).

ANDRÉ GIRARTE — Nove horas! Vamos, meus amigos, ide-vos agora às vossas pousadas, que já o corpo me pede o descanso de que aquele sino nos fala. Desejo-vos uma feliz noite.

LOURENÇO BARBOSA — Em antes de nos retirarmos, devemos fazer uma saúde à família real.

BRÁS SERRÃO — Apoiado, apoiado. Tudo a pé e encher os copos. Ninguém falte. Ficam a meu cargo hoje as custas. (*Todos se levantam e enchem os copos*). A saúde do nosso senhor el-rei D. João II! A saúde da rainha D. Leonor, que Deus guarde! A saúde do infante D. Afonso e também da excelente senhora a infanta D. Joana!

TODOS — A saúde de toda a família real!

LOPO CALDEIRA — A saúde de todos os bons portugueses!

GIL PAIVA — Esta outra para que Deus confunda os infiéis e os Castelhanos!

BRAS SERRÃO — E os nobres!

TODOS — Sim, sim. Abaixo os infiéis, os Castelhanos e os nobres!

ANDRÉ GIRARTE — Mais baixo, fá-lai mais baixo; que perigosos brindes são esses.

LOPO CALDEIRA — De nada me receio.

ANDRÉ GIRARTE — Ide-vos em paz. (*A Lopo*): Lopo, espero que por agravado de mim te não dás; aquilo foram gracejos.

LOPO CALDEIRA — Zombais, André Girarte? Mais me dirias ainda, que por agravado me não dera. O vinho com que hoje nos mimoseaste faria calar todo o ressentimento.

BRAS SERRÃO (*dando dinheiro a André*) — Hoje despendo eu por todos. Pagai-vos, André, e até amanhã.

GONÇALO SOARES — Generoso sois, mestre Brás; bom proveito vos venha.

TODOS — Obrigado, mestre Brás, obrigado!

GONÇALO SOARES — Adeus, André.

TODOS — Adeus, André, adeus!

ANDRÉ GIRARTE — Ide com a Virgem, Nossa Mãe. (*Saem por o fundo*).

CENA 2.

ANDRÉ GIRARTE (*fecha a porta e volta para dentro; ouvem-se as vozes e cantares dos que se retiraram*) — Eles ai vão cantando e rindo, sem que lhes acudam à memória os perigos a que estão expostos nestas desavenças entre os grandes. Muita popularidade tem el-rei D. João II, muito poder sobre o povo, que todo soberbo anda com a sua amizade, mas não sei se ele lhe será suficiente contra Castela? Decerto que não. Para isso precisa dos nobres e em vez de os acariciar, opri-me-os e vexa-os por todos os lados. S. A. parece querer fazer a ceifa antes do grão amadurecido. Mal lhe agouro da empresa. Os nobres são ainda poderosos, sobejam-lhes forças para lutar com o rei, mormente se se reúnem aos de Castela a quem D. João II

causa sombra. Grandes coisas se preparam nestes reinos! Muito que ver têm estes olhos antes que a terra os cubra. Em mau caminho me vejo eu metido e já não sei como me afaste dele. Se esses que se retiram bradando contra os fidalgos, soubessem que eu... Nossa Senhora do Espinheiro me valha, que bom resultado não posso tirar deste meu proceder! Má hora aquela em que acedi aos desejos do duque; mas que fazer? Dedicado lhe devo de ser, que sempre mui bem me tratou e me protegeu. Relevantes serviços lhe devo, que se não fora ele, os credores há muito me teriam esbulhado do pouco que possuo, e eu e minha filha nos veríamos hoje miseráveis. O que seria de nós? Demais, as ameaças do marquês de Montemor eram tão terríveis, que não podia fazer senão obedecer. Mas se el-rei o suspeitava! Ele, que não perdoa aos grandes e poderosos as ofensas que lhe fazem, quanto mais a um pobre taberneiro, que o devia amar e venerar pelo muito que protege o povo contra a sanha dos nobres. Deus queira pôr cobro a tantas agitações e desvairos que vão por o reino, e permita que os fidalgos venham às boas com el-rei, como compete a leais servidores; senão desventurado de mim, que mais tarde ou mais cedo tudo se sabe e não sei se me receie das iras da nobreza, se da vingança de el-rei e da indignação do povo. Ai, André Girarte, André Girarte, encomenda-te à santa guarda da Virgem Nossa Mãe, que mal encaminhado andas, homem de Deus!

## CENA 3.

ANDRÉ GIRARTE e LUÍSA (*entra por a esquerda*)

ANDRÉ (*sem a ver*) — Dizem que D. João por toda a parte tem espias para o informarem do procedimento dos nobres. Se se vem a descobrir que é aqui o lugar das suas reuniões...

LUÍSA (*aproximando-se*) — Guarde-vos Deus, meu pai.

ANDRÉ GIRARTE (*estremecendo*) — Quem é! Ah! És tu, Luisa?

LUÍSA — Sou eu, meu pai, não vos assusteis.

ANDRÉ GIRARTE — Susto, e grande, me meteste, filha, pois não te havia pressentido entrar. Fazia-te já recolhida.

LUÍSA — Quis vir em antes dar-vos as boas noites. Porém já estou arrependida, pois parece-me ter-vos importunado.

ANDRÉ GIRARTE — Quem? Tu importunares-me? Ora, valha-te Deus. Sempre hás-de ser bem-vinda, minha filha. Se não foras tu, quem me distrairia nas minhas horas de tristeza? Que também as tenho, Luisa. Oh! Se tenho; e não poucas, por pecados meus.

LUÍSA — Bem o sei.

ANDRÉ GIRARTE — Sabes?!

LUÍSA — Ora! Ou vós não andásseis metido nestes distúrbios e dissensões que vão pelo reino. Coisas de política! Não são negócios esses de natureza a alegrar quem deles trata.

ANDRÉ GIRARTE — Ai! Não são, não, filha; porém, não fales nisso que me transes de medo. Receio até das próprias paredes.

LUÍSA — Não sei o que vos obriga a proceder desse modo. Arrojada conduta é decerto a vossa, que assim vos expõe às iras de el-rei.

ANDRÉ GIRARTE — De sobra o sei, por meu mal. Nem a pequenez da minha culpa me tranquiliza; que nestas coisas das justiças humanas os menores crimes atraem quase sempre as maiores penas. Mas que queres que eu faça?

LUÍSA — Pois acaso...

ANDRÉ GIRARTE — Sim, que queres que eu faça? Pensas talvez que não tenho meditado bem na minha situação? Que se conhecera um mais seguro caminho a trilhar, o não teria seguido? Oh! tenho dado tratos à imaginação. Tenho, tenho. Desde aquela negra noite, em que pela primeira vez os fidalgos aqui se reuniram, sempre o meu sono é agitado por sonhos terríveis, e os meus dias escurecidos por pensamentos tristes. Mau fado este que me persegue!

LUÍSA — Porém, se não é da vossa vontade que os nobres aqui se reúnam, para que acedestes aos seus desejos, e para que acedeis ainda hoje?

ANDRÉ GIRARTE — Mau foi dar o primeiro passo, agora não há recusar. Forçado me impelem as circunstâncias nesta torrente e me arrastam para a beira do abismo. Por comprovar com o duque de Bragança, a quem devo, a quem devemos tão grandes benefícios, recebi aqui os fidalgos na noite em que lhes constou que el-rei, sacerdor das suas reuniões no convento de Santa Maria do Espinheiro, contava surpreendê-los ali em flagrante. Depois, quando reconheci o perigo a que este procedimento me expunha, arrependi-me do que fizera, quis recusar-me a recebê-los aqui de novo, porém o marquês de Montemor jurou por S. Jorge e por as cruzes da espada, mandar-me açoitar por os seus criados, se me não prestasse a favorecer as reuniões ocultas da nobreza. Ora se terríveis são as ameaças do marquês, mais terríveis são as obras, que não é ele de carácter a condonar-se de um desgraçado sem protecção, como eu.

LUÍSA — Mau homem o dizem todos.

ANDRÉ GIRARTE — Terrível! Tenho, sem o querer, escutado os fidalgos nas suas discussões secretas; é sempre o marquês o que mais desabrido fala, e mais irreverentes palavras solta, a respeito de el-rei; enquanto que seus irmãos deliberam sossegadamente, com moderação e acatamento por S. A.

LUÍSA — Que irmãos de índole tão diversa! Nem parecem filhos do mesmo pai! O conde de Faro, sobretudo, mostra-se mui magoado com o procedimento do marquês, e se vem com os fidalgos a estas reuniões, é mais com o fim de os apaziguar, de que no intento de se opor aos desígnios de el-rei.

ANDRÉ GIRARTE — E quem tão ciente te fez das intenções do conde?

LUÍSA — Rui da Silva. Ele confia-lhe todos os seus segredos. Estima-o como se fora seu igual, como se um mesmo berço os embalaria. Esquece o pajem, para só ver o amigo. Rui também não lhe pode ser mais afeiçoado.

ANDRÉ GIRARTE — É-o bem mais do que cumpria à sua segurança e paz de espírito. Rui é um estouvado, intromete-se demasiado em negócios de onde bons resultados lhe não podem provir, toma a peito a causa dos nobres como se fora a sua; e se a conspiração — que entre nós e em voz baixa, assim posso chamar a estas reuniões nocturnas, ainda que tal lhes não chamem os fidalgos — se a conspiração se vem a descobrir, não será Rui o mais poupadão, bem que à nobreza não pertença.

LUÍSA — Rui da Silva tem deveres tanto ou mais imperiosos que os vossos, que o ligam à causa dos nobres. A amizade do conde de Faro o impele a isso. Havia ele de recusar-se partilhar os perigos daquele que é o primeiro a fazê-lo participar das suas felicidades?

ANDRÉ GIRARTE — Tens razão. Rui é um guapo e honrado moço, é. Se me pesa vê-lo intrometido nestes alvorocós, que principiam a agitar o reino, é porque tal proceder me faz hesitar em levar a cabo certos projectos que, há tanto, formo a seu respeito, porque temo que seja ele um obstáculo para a sua felicidade.

LUÍSA — E que projectos são esses?

ANDRÉ GIRARTE — Oral! Que projectos! Olhem, quem o pergunta!

LUÍSA — Confesso que...

ANDRÉ GIRARTE — Mau! Não confessas nada. Que hás-de tu confessar? Não dou fé a nenhuma palavra do que vais dizer. Eu tenho tido muita experiência para bem conhecer o carácter das mulheres. Nisto de amores deve-se sempre acreditar o contrário do que elas dizem.

LUÍSA — Porém, meu pai...

ANDRÉ GIRARTE — Sim, é o que te digo. Ora, cuidavas talvez que desde há muito tempo eu não sabia o que te estava no coração? Se sabia! Descobri logo o segredo. Olhos de pai, Luísa, não se enganam.

LUÍSA — Descobristes? O quê?!

ANDRÉ GIRARTE — Sim, hás-de precisar que eu te diga... O quê? O teu amor pelo Rui...

LUÍSA — O meu amor... pelo Rui!

ANDRÉ GIRARTE — Bravo! Como esta dona dissimulada se faz de novas e sabe fingir! Bravo! Minha amiga, isso é bom para os novatos, não para mim que tenho sessenta janeiros. Pois o que querem dizer suspiros abafados, passeios solitários, lágrimas sem motivos? Ora conheço bem os sinais dessa doença. E demais Rui já me confessou; foi mais franco ou não fosse ele homem.

LUÍSA — Ah! Rui confessou-vos?...

ANDRÉ GIRARTE — Confessou, sim, senhora; eu sei tudo, Pro-

meto-te que, sossegados os tempos, se vivo ainda for, farei a felicidade de ambos; e porque não?

LUÍSA (*pensativa*) — Então Rui disse-vos que...

ANDRÉ GIRARTE — Oh! Que teima! Vamos, sé mais sincera. Então que tem isso? Rui é um rapaz de mérito; quisera Deus que ele não andasse também envolvido nesta meada política que tão emaranhado já anda e tu verias como há muito tempo era meu genro. Ora bem vês que aprovo a tua escolha' que mais queres?

LUÍSA — A minha escolha! Não posso crer que Rui vos dissesse...

ANDRÉ GIRARTE — Ele também só me deu a entender, que te não era de todo indiferente e que. Histórias! Histórias! O negócio está já contratado entre vós ambos e agora fazes-te de novas.

LUÍSA (*pensativa, aparte*) — Pobre Rui! Acaso pensaria...

ANDRÉ GIRARTE — Mas vamos ao que mais importa. O nosso caro Rui ainda hoje nos não visitou, o que me faz crer que suas mercês os fidalgos nos deixarão esta noite dormir em sossego! Ai, filha! Quem me dera um só instante dele, quem me restituirá aquela paz e tranquilidade -de outros tempos. Se ela voltará! (*Abanando a cabeça em sinal de dívida*). Já por ai se murmura do ocorrido com os nobres, até o Lourenço Barbosa está ao facto de haverem eles mudado de local das suas reuniões. Permita Deus que os não excite a curiosidade a estes populares para farejarem o covil aonde agora se acoitam os lobos; quando não, pobre de mim, que facilmente lhe dão na pista, pois tal faro tem o povo que galgo nenhum o leva de vencida. E se o descobrem, Santa Virgem! O que aí não irá!

LUÍSA (*distraída, aparte*) — Ora o pobre Rui! Coitado!

ANDRÉ GIRARTE — Melindrosa posição a minha! Tremo na presença dos nobres por causa do povo, tremo junto do povo por causa dos nobres. Os clamores dos primeiros aterraram-me pela lembrança de que podem ser ouvidos por os segundos. Os gritos e exclamações destes mais aterrado me deixam. Que martírio não sofri hoje! Ao mais inocente dito, à mais pequena graça via tudo descoberto, considerava-me perdido. Até Ora vê lá, filha, até para afugentar todo o vislumbre de suspeita, para me mostrar popular e granjear as simpatias dos que há pouco se retiraram, lhes servi do melhor vinho que na loja tinha. Tudo isto são percas, filha, tudo são danos de que talvez nunca me indemnizarei.

LUÍSA — Deus fará tudo por o melhor.

ANDRÉ GIRARTE — Amém. (*Batem à porta*). Quem será?!

LUÍSA — É Rui, talvez.

ANDRÉ GIRARTE — Quem bate?

RUI DA SELVA (*dentro*) — Sou eu, é Rui da Silva. Abri, Sr. Girarte, abri.

ANDRÉ GIRARTE — Lá se me vão as esperanças em que ainda me embalava. Rui, a estas horas, vem decerto prevenir-me da vinda dos fidalgos. Seja para desconto dos meus pecados.

CENA 4.'

LUÍSA, ANDRÉ GIRARTE e RUI DA SILVA

ANDRÉ GIRARTE (*abrindo a porta*) — Ora viva o Sr. Rui da Silva, galhardo pajem de...

RUI DA SILVA (*pondendo-lhe a mão na boca*) — Psiu! Basta, não convém pronunciar em voz alta esse nome. Pode atrair suspeitas.

ANDRÉ GIRARTE — Razão tens. Então o que te traz por cá?

RUI DA SILVA — O mesmo que me trouxe ontem.

ANDRÉ GIRARTE (*suspirando*) — Sim? Então vêm?

RUI DA SILVA —Hoje à meia-noite.

ANDRÉ GIRARTE —Tão tarde!

RUI DA SILVA — Assim é mister para maior segurança. Os inimigos do duque de Bragança e de seus irmãos têm feito soar aos ouvidos do rei, não sei que histórias de revolta e destronização. Caluniadores infames! A sua felicidade é a desgraça dos outros. O duque vê-se cercado de espías.

ANDRÉ GIRARTE — Santa Virgem! Então suspeita-se que é aqui... Seria pois bem que mudassem de local quanto antes.

RUI DA SILVA (*sorrindo*) — Sossegai. Por enquanto nada se sabe a esse respeito. Este lugar é ainda seguro.

ANDRÉ GIRARTE — Que tempos estes! Que desgraçado reino!

LUÍSA — Bem desgraçado em verdade.

RUI DA SILVA (*vendo Luisa*) — Oh! Ainda a não tinha visto, Luisa. Folgo de a saber de saúde.

LUÍSA (*secamente*) — Boas noites, Rui.

RUI DA SILVA (*observando-a*) — Estranho-a hoje, sabe?

LUÍSA —A mim?! Porquê?

RUI DA SILVA — Noto-lhe um não sei quê de particular, umas maneiras que não são suas.

ANDRÉ GIRARTE (*sorrindo*) — Eu sei o que isso é.

RUI DA SILVA —Sabeis?

LUÍSA —Meu pai!

ANDRÉ GIRARTE (*a Rui*) — Não te dê cuidado. São chuveiros de Estio, é nuvem que passa. Coisa muito natural.

RUI DA SILVA —Mas sossegue-me por quem é, Luisa. Diga-me que não sou eu a causa, involuntária por certo, dos seus desgostos.

ANDRÉ GIRARTE — Isso agora é que eu não afirmo.

RUI DA SILVA —Acaso...

LUÍSA — Que dizeis, meu pai? Em que me poderia ter ofendido Rui?

ANDRÉ GIRARTE —Eu... Tu lá o sabes.

RUI DA SILVA — Mas porque a encontro tão diferente do que é? De onde provém essa frieza? Esse modo glacial com que me recebeu?

LUÍSA — Não podem provir senão da infidelidade de seus olhos, ou então da disposição do seu espírito, Rui, que o fazem ver coisas que não existem. Julgo havê-lo recebido como de costume, ainda que...

RUI DA SILVA — *Ainda que...* Bem me queria parecer que alguma coisa havia; esse *ainda que* é a prova de que me não enganei.

LUÍSA (*sorrindo*) — Mas este *ainda que* data de há muito tempo. É uma queixa que tenho de si e para o desculpar da qual necessito de ser muito indulgente.

RUI DA SILVA — O que é? Diga-me depressa o que é?

LUÍSA — Custa-me perdoar-lhe o ser quase sempre mensageiro de novas para nós pouco agradáveis. As suas visitas a esta casa, as visitas importunas desses fidalgos, que não podem sofrer a lembrança de que seus vassalos venham um dia a negar-lhes obediência, e não querem respeitar as determinações daquele que é senhor deles todos.

RUI DA SILVA — De mau humor está hoje para os fidalgos!

LUÍSA — E razão hei de sobra para isso. Melhor seria que o duque e seus nobres irmãos e amigos obedecessem a quem direito tem para os dominar; e não se comprometessem consigo tantos que, inocentemente e mau grado seu, se acham envolvidos nestas intrigas e que participam com eles, e mais do que eles, dos perigos da empresa, sem esperanças de partilharem também as vantagens. Pesa-me ver meu pai intrometido nisto, e dói-me que seja Rui o instrumento escolhido para o comprometer.

RUI DA SILVA — Mas, Luísa, não vê que eu apenas venho para anunciar?

LUÍSA — É por isso mesmo que *só vem para anunciar*, que eu lhe quero mal. Faz com que a sua presença se torne pouco desejada.

RUI DA SILVA — Se assim procedo, bem o sabe, é para comprazer com aquele a quem devo tudo. Negar-me a satisfazer o menor desejo do conde de Faro, seria da minha parte uma prova da mais negra ingratidão. Estou certo que Luísa mesmo mo lançaria em rosto. Demais, como esta comissão me aproximava de si, gostoso dela me encarregava.

LUÍSA (*aparte*) — Não há que duvidar, ama-me. E eu tão cega que o não conhecia.

RUI DA SILVA — Confesso que servindo por este modo a causa dos nobres, ignorava que lhe era tão adversa.

LUÍSA — Filha do povo, como quer que simpatize com uma causa em que se conspira contra um rei tão popular como o nosso?

RUI DA SILVA — Mas, entendamo-nos, Luísa, o duque de Bragança e mais nobres que aqui se reúnem não conspiram contra S. A. R.; são aleives que seus inimigos lhe têm levantado.

ANDRÉ GIRARTE — Dizes bem, Rui. Assim o penso eu, e, estou certo, assim o pensa também Luísa. Outra e muito outra é a causa do seu ressentimento contra ti. Deixo-vos sós. Espero que em breve hás-de conseguir saber qual ela é, e que em pouco tempo farão as pazes.

Preciso tomar descanso até à meia-noite e, portanto, retiro-me. Boas noites, Rui. Recomendo-te prudência, meu filho, que arriscado é o jogo em que andas empenhado. Luísa, assim que Rui se retirar, não te esqueças de fechar a porta. Adeus, meus filhos. (*Sai por a direita*).

## CENA 5

LUÍSA e RUI DA SILVA

LUÍSA (*sentando-se à esquerda, aparte*) — Desenganemo-lo, melhor é assim.

RUI DA SILVA (*aparte*) — Que terá ela hoje?! Desconheço-a.

LUÍSA (*aparte, suspirando*) — Deve ser bem triste um desengano destes!

RUI DA SILVA (*aparte, observando-a*) — Parece constranger-se na minha presença.

LUÍSA (*aparte*) — Como principiarei? Animo!

RUI DA SILVA (*aparte*) — Aperta-se-me o coração. Não sei que pressentimentos...

LUÍSA — Rui!

RUI DA SILVA — Luísa.

LUÍSA — Venha cá, Rui; sente-se aqui, ao meu lado, que temos que falar.

RUI DA SILVA — Diga-me o que tem, Luísa. Não confia em mim?

LUÍSA — Confio; e é por confiar em si, no seu carácter nobre, nos seus sentimentos, na sua... amizade, que lhe quero falar com franqueza.

RUI DA SILVA — Que me vai dizer? Meu Deus!

LUÍSA (*sorrindo*) — Receia ouvir-me?

RUI DA SILVA (*depois de breve pausa*) — Não, fale.

LUÍSA — Bem, escute-mo. Desejo antes de tudo pedir-lhe perdão primeiro por o modo com que há pouco o recebi; confesso-me criminosa. Era uma mesquinha vingança, que julgava tirar de uma culpa... imaginária.

RUI DA SILVA — Uma culpa de que eu era o autor?

LUÍSA — É verdade.

RUI DA SILVA — Mas...

LUÍSA — Silêncio. Estou arrependida e quero, como explicação, contar-lhe tudo o que me fez obrar assim, e revelar-lhe uma coisa... um segredo de que vai ser o primeiro e por enquanto o único possuidor.

RUI DA SILVA (*aparte*) — Santo Deus! Que segredo será este?

LUÍSA — Rui, por quem é, promete-me que me há-de perdoar, se algum tanto o fizer sofrer? É a segunda coisa para a qual imploro de novo o seu perdão.

RUI DA SILVA (*aparte*) — Cada vez os meus pressentimentos tomam maior vulto. (*Alto*): Fale, Luísa, e embora o que me vai dizer,

me despedace o coração, esteja certa que a não recriminarei... Só lhe peço que... me faça curta a agonia.

LUÍSA (*esforçando-se por sorrir*) — Esta nossa conversa está tomando um aspecto lúgubre. Ora pois! O motivo não é para isso. (*Pausa*). Rui, há perto de quinze anos que nos conhecemos; vi-o na infância ao meu lado, olhávamo-nos como irmãos um do outro, e por esse nome nos dávamos. Lembra-se?

RUI DA SILVA — Se me lembro!

LUÍSA — Ai, a infância é tão bela! Faz bem em a não esquecer, Rui. Mais tarde admitido em casa dos senhores de Bragança, como pajem do jovem conde de Faro, passou o meu companheiro de infância a ver novas terras, a viver novas lides no bulício da corte, no ardor dos combates. Eu fiquei só, e por sinal que muito chorei... muito chorámos na despedida. Recorda-se?

RUI DA SILVA — Recordo-me de tudo isso, e de mais alguma coisa...

LUÍSA — De mais?!

RUI DA SILVA — Sim. Nesse momento, com os olhos banhados em lágrimas, murmurando um adeus, entrecortado de suspiros, pronunciou uma palavra, que me fez conhecer como se podiam gozar venturas nos instantes de infelicidade. Já me não chamou irmão...

LUÍSA (*contrariada*) — Ah!... sim... efusões infantis... loucuras da idade.

RUI DA SILVA — Porém, Luísa... tinha então... quinze anos.

LUÍSA — Oiça-me, Rui, oiça-me por favor. Confesso-lhe... que já me não lembrava dessas palavras, que então lhe disse, filhas dos sentimentos... de amizade, que naquela hora me dominavam.

RUI DA SILVA — Pois eu... nunca mais as esqueci.

LUÍSA (*sorrindo*) — É por isso mesmo que o quero repreender.

RUI DA SILVA — Repreender-me! Repreender-me por ser constante! Ai, Luísa, os meus pressentimentos realizam-se.

LUÍSA — Falta à sua palavra, Rui; principiam as recriminações?

RUI DA SILVA — Perdão. (*Suspirando*): Continue.

LUÍSA — Quero repreendê-lo, sim. Pois diga-me: educados ao lado um do outro, crescendo juntos, participando das mesmas alegrias e das mesmas penas, recebendo iguais carícias; não queria que me costumasse a olhá-lo como um irmão, um irmão que muito estimava? Não deveria esperar que como irmã me olhasse também? Foi assim que sempre o considerei, e era esse o amor que de si ambicionava.

RUI DA SILVA — Mesmo naquele dia da separação em que...

LUÍSA — Então, Rui! Para que está a recordar de novo uma cena, a 'que tão pouca importância devia ligar? Que significaram essas palavras irreflectidas, soltas ao acaso, nascidas num momento de exaltação?

RUI DA SILVA — Era pois ainda só amor fraterno o que então devia esperar?

LUÍSA (*sorrindo-se*) — E tão pouco nobre o faz?

RUI DA SILVA (*suspirando*) — Nobre? Será, mas é tão frio!

LUÍSA — Rui, algum tempo decorreu depois da sua partida, em que me iludi. Quero ser sincera. Cheguei a julgar que efectivamente o amava de um amor diverso, mais ardente do que o amor de irmão. Depois uma circunstância da minha vida me desenganou; conheci então que mal ia interpretando o que a seu respeito sentia, e não pensei mais nisso. Voltou para Évora, eu não pude-descobrir nunca em si, nas suas conversas, nada que me fizesse suspeitar que diversos eram os seus sentimentos. Era tão feliz! Não faz ideia. Imaginava um futuro tão belo! Depois estas agitações políticas inquietaram-me um pouco; via envolvidos nelas aqueles que mais amava, meu pai, (*sorrindo e estendendo-lhe a mão*) meu irmão, e até... mas paciência, dizia eu, a tempestade há-de serenar e então a felicidade me espera... nos espera. Hoje, porém, meu pobre pai, sem o saber, fez-me sofrer muito; falou-me em si, nos seus sentimentos para comigo, nos projectos que a nosso respeito ele formava. Num instante conheci tudo, foi uma venda que me caiu dos olhos; Rui não era, não queria ser para mim o irmão de outrora; exigia mais, o belo e duradouro sentimento, que Deus colocou nos corações, e recomendou aos homens, não lhe bastava já; o irmão queria tornar-se esposo. Isto mortificou-me muito, Rui, muito. Para que lhe haviam de ocorrer tais pensamentos? Se me tivesse olhado sempre como irmã nunca se lembraria de fazer ver a meu pai, na possibilidade da nossa união. Era isto o que há pouco tinha contra si, perdoa-lhe o mal que me fez por conhecer que foi involuntário; porém, custa-me ter de lhe dar um desengano que, se verdade é o que diz, o deve fazer sofrer; mas sou obrigada a dizer-lhe: Rui, eu não posso ser sua esposa.

RUI DA SILVA (*escondendo a cabeça entre as mãos e suspirando*): — Ah! Eu bem o pressentia. (Pausa, no fim da qual levanta a cabeça e fita Luisa): Luisa, ama alguém?

LUÍSA (*baixando os olhos com voz sumida*) — Rui!

RUI DA SILVA — Ama?! Antes assim. Oiça-me agora também. Por muito tempo a via sem que soubesse dizer a natureza do sentimento que me inspirava; costumara-me a vê-la, a querê-la desde pequeno, que me importava o resto? Assim se decorreram os primeiros quinze anos da minha vida. Um dia, porém, uma cena, que pela triste e saudosa impressão que nos causou, me ficará sempre gravada na imaginação; uma cena, solene e amarga para nós ambos, me fez reflectir e imprimir uma nova direcção às minhas ideias. Foram os últimos instantes de sua mãe.

LUISA (*suspirando*) — Ah!

RUI DA SILVA — Lembra-se? Chamara-nos a pobre senhora para junto de si e, com as nossas mãos entre as suas, de que o frio da morte principiava a apoderar-se: «Luisa, lhe disse ela, minha filha», recordo-me tanto das suas palavras, «vou-te abandonar, vais viver sem mimos, sem os carinhos de tua mãe. Deixo-te entregue à santa protecção da Virgem. Confia nela, filha; as súplicas de uma pobre mãe que

expira, são atendidas, que Mãe, e Mãe extremosa, há também sido. A orfandade não fica sem amparo».

LUÍSA (*escondendo o rosto nas mãos*) — Oh! Minha mãe!

RUI DA SILVA — Perdoe, se a affijo; mas quero justificar a seus olhos o meu procedimento. Depois voltando-se para mim: «Rui, estás ainda muito novo, meu amigo, és também órfão, careces por ora de quem te ampare, mas cedo serás homem, serás forte; sé-lo-ás quando o pai de Luísa a deixar mais só do que ela fica hoje. Rui, confio-ta, sé então o seu amparo. Prometes-mo?»

LUÍSA (*chorando*) — Rui!

RUI DA SILVA — Eu prometi. A última palavra, que baixando à sepultura ela ouviu, foi a minha promessa, o juramento que fiz de a proteger, Luísa. Desde então pensei nos meus deveres para consigo; não sendo seu irmão, a protecção mais honrosa que lhe podia oferecer era a de esposo. Costumei-me a esta ideia e, loucuras da imaginação, pareceu-me que ela era também a sua. Tão facilmente se acredita aquilo que se deseja! Enganei-me; outro foi mais feliz. «Antes assim», disse eu, e ainda o digo. Uma vez que não quer ser minha esposa, que mais deveria eu desejar, senão que ao menos outro lhe desse a protecção, que eu imaginava vir a dar-lhe? Perdoe, pois, se a mortifiquei, Luísa; mereço perdão, porque... não lhe quero mentir, o que sofri agora resume quanto até hoje tenho sofrido. Aceito a sua amizade se ainda me concede. Seja feliz!

LUÍSA (*abraçando-o*) — Ó Rui, meu pobre Rui! Cada vez aprecio mais a nobreza do seu carácter. Que não sejam as paixões, que não seja o amor sujeitos à nossa vontade! Que não possamos dele dispor! Quisera oferecer-lho, fazer a sua felicidade se para isso dele carece. Porém... não o quero iludir, amo-o como irmão, como amigo, como protector, mais... não, que não posso. E quem sabe? Rui, quem sabe se a isso, que por mim sente, e que hoje diz amor, amanhã debaixo da influência de uma impressão mais forte, não lhe dará outro nome? Quem sabe se não está enganado!

RUI DA SILVA — Enganado! Não, Luísa, não me enganei. O amor é isto. O meu amor foi este, será o único, embora irrealizável.

LUÍSA — Não lhe disse já que, por algum tempo, confundi com o amor a amizade que lhe tinha? E que uma circunstância me desenganou? Foi um momento que me revelou tudo. Vi um homem que não conhecia; um homem que me fitou, que me sorriu e aquele olhar, aquele sorriso, aquele homem dispuseram da minha vida, decidiram do meu futuro. Quem é ele? De onde vem? O seu destino? Não sei, mas amo-o. Amando-o caminharei para a felicidade ou cavarei a minha ruína. Onde parará tudo isto? No túmulo, talvez? Não o quero saber, amo-o e conheço que hei-de amá-lo sempre, quando mesmo ele me atraíçoe. É destino a que se não foge, é amor que se não vence.

RUI DA SILVA — Basta, basta, Luísa; não vê que me enlouquece?...

LUÍSA — Perdão, Rui, porém queria que lhe mentisse? Creia que ainda não sentiu o verdadeiro amor.

RUI DA SILVA — Creio que já senti as maiores das agonias.

LUÍSA — Rui!

RUI DA SILVA — Luísa. Prometi-lhe que a não culparia do que me fizesse sofrer. A promessa era inútil. A culpa não está em si, se culpa existe. O coração humano é assim. Mas o coração humano é também egoísta, injusto e vingativo, e por isso peço-lhe por a sua felicidade e por a minha, que me não diga quem é esse homem, que mo não dê a conhecer.

LUÍSA — Meu Deus! Que diz, Rui?

RUI DA SILVA — Nada, nada. Loucuras; desculpe-me, Luísa. Adeus. Perdoe-me se a fiz sofrer. Sofrer, mas eu sofri muito também. De hoje em diante serei... seu irmão; não descobrirá em mim mais do que... amizade. Essa espero que ma aceite.

LUÍSA — Se a aceito?! Peço-lha. (*Apertando-lhe a mão*): Obrigada, Rui, muito obrigada.

RUI DA SILVA — Adeus, Luísa.

AMBOS (*dando as mãos*) — Adeus. (*Rui sai por o fundo*).

CENA 6.-

LUÍSA (*acompanhando Rui até à porta, faz-lhe um último sinal de despedida antes de o perder de vista e volta*)

(*Pensativa*): Deve de ser bem custoso! Ver desvanecer num momento um sonho de tantos anos! Sentir desaparecer, sumir-se a esperança que nos alimentava a vida! Pobre Rui! Nem eu sei como me não fugiu o ânimo para assim o desenganar. Deus do Céu! Que triste não é o amor não correspondido! Que amargo desespero e dolorosa desconsolação para o que ama! Que baldado lutar e inútil compaixão para o que estima, mas que debalde tenta amar! Que tormentos os de Rui! E que desesperação a minha! Doerem-me os seus sofrimentos, conhecer que eu só lhes poderia pôr fim e não ter império sobre o coração para lhe dizer: «ama». É cruel, mas como poderia ordenar-lhe que amasse se para isso necessário seria principiar por dizer-lhe: «esquece». Esquecer! Esquecer! Só esta lembrança me atormenta. (*Pausa*). E se dele viesse o esquecimento? Se em vez do amor que me tem jurado, só me dera a amizade, a indiferença, o olvido? Se tudo isto, todos estes sonhos, todas estas felicidades que imagino, se desfizessem, como se desfazem, com o romper do sol, os nevoeiros, que, ao alvorecer, cobrem os vales de além. Oh! Se assim acontecera, conheço que não sobreviria ao desengano. Sinto-o aqui dentro. O instante em que me visse iludida, seria o derradeiro instante da minha vida. Era um golpe por extremo forte para o meu coração. E Rui? Acaso o não fiz padecer todos estes

tormentos de que tanto me arreceio? Não lhe desvaneci ilusões talvez tão belas como as minhas esperanças? Ai, assim é, porém era inevitável. Eu não o enganei. Como poderia torná-lo feliz se o meu amor era de outro? (Pausa, fixa um retrato que contempla enlevada). Há dois dias que o não vejo, que lhe não falo, há dois dias que não vivo. Se alguma coisa lhe sucederia? Oh! A Santa Virgem o proteja! (Fica algum tempo silenciosa). Oração que tantas vezes repeti na infância, que tantas lágrimas me enxugaste, que tanta bonança me trouxeste ao coração, dá-me o ânimo que me falece, dá-me as esperanças que me fogem, restitui-me o sossego, que tantas emoções me têm tirado. (Ajoelha): Virgem Santa, flor do Céu, escudo da inocência e da desventura; Senhora, tu que sofreste comprehendes os que sofrem, tu que amaste sabes ler e entender os corações que amam. Estrela de bonança para o nauta, conforto e fortaleza do mártir, sinal de glória celeste para o justo, mãe e intercessora dos pecadores... a todos, Senhora, sobre todos se estende tua benéfica influência. Auxilia-me, Virgem Santíssima, és o meu mais seguro amparo. Cobre-me com o teu manto protector e defende dos perigos aqueles que amo, bafeja-os com a tua divina graça que os padecimentos deles são os meus, as suas penas... (Ouve-se dentro um assobio). (Levantando-se com alegria): O sinal! Ei-lo agora, não me enganei, é ele. (Segundo assobio). Graças! Graças! Virgem Santa, meus rogos foram atendidos. (Terceiro assobio). Oh! Sim, conheço que me fogem os pressentimentos, esvai-se-me a tristeza, recupero a alegria. (Corre para a porta, mas pára no meio): Alegria! É Rui? Pobre rapaz! Não lhe é dado gozar assim. Se ele se houvesse enganado, se aquilo não fosse amor... Mas ele que me espera. Vamos. (Caminha até a porta e abre-a).

CENA 7.<sup>a</sup>

LUÍSA e D. JOÃO (com chapéu de abas largas e embuçado)

LUÍSA (abraçando-o) — Deus seja louvado! Acabaram enfim todos os meus receios. Que dois longos dias me fizeste passar, João. Que sobressaltos contínuos, que tristeza de alma. Nunca mais hás-de tornar a ausentar-te por tanto tempo, não? Como tiveste ânimo para isso, cruel?

D. JOÃO (desembuçando-se) — Ora vamos, minha querida Luísa. São grandes as arguições para tão pequena culpa. Isso não é justiça. Dois dias não são dois anos.

LUÍSA — Mais me pareceram eles. Porém a ti... querem ver que nunca de mim se lembrou...

D. JOÃO — Não se me dera de ajustar em como não dizes o que pensas. Fala sincero, acreditas que nunca me lembrei de ti?

LUÍSA — Quem sabe! Vós, os homens...

D. JOÃO — Nós os homens somos mais constantes do que julgas, se é que tal julgas; no meio do lidar incessante, de que tão fértil é a

nossa vida, transluz sempre um pensamento terno, um pensamento de amor. Sem cessar nos sorri uma imagem, sem cessar com enlevo a contemplamos, ainda nos mais áridos e afanosos momentos da existência. Se isto não é amor, Luísa, se isto não é constância, não sei eu o que seja constância e o que seja amor.

LUÍSA (*sorrindo*) — E ainda desde que chegou me não dirigiu uma só palavra que o revelasse.

D. JOÃO — Vaidosa! Morre por que a lisonjeiem. Então que queres que te diga? Que és bela? Milhões de vezes não to hei dito já? Que és mais bela ainda? Tens razão. Em cada hora que passo a contemplar-te, milhares de encantos novos se me revelam. Estás satisfeita?

LUÍSA — Falemos sério, João; não me disseste as razões que, por tão largo tempo, te tiveram ausente. É o que quero saber. Não vê que tenho direitos a exigir que me informe de todos os segredos da sua vida?

D. JOÃO (*mudando de tom*) — Luísa, o que me pedes, não te posso eu fazer.

LUÍSA — Ah! Entendo. É essa a constância dos homens?

D. JOÃO — Não, não, juro-te que desde que de ti me apartei durante os dois dias em que por longe me trouxeram cuidados, nem uma só palavra de amor me saiu dos lábios. Negócios sérios, áridos e trabalhosos como os meus negócios são, me retiveram. Não os posso revelar nem interessar te deviam que não são de natureza a casar-se com o singelo e delicado carácter da minha querida Luísa. Em geral coração feminino só entende de amores e paixões suaves.

LUÍSA (*pensativa*) — Negócios áridos e trabalhosos! Árida e trabalhosa é a tua vida?

D. JOÃO — Se o é!

LUÍSA — E não me deve interessar?! O que há que te diga respeito que me não interesse? Mal me conheces ainda, João, mal avaliado tens o meu amor.

D. JOÃO — Não, Luísa, não. Sei avaliar; sei compreender o teu amor e oxalá... Mas o que me pedes, o que exigias de mim não to posso eu dizer. Andam aí envolvidos outros que não eu; empenham-se interesses alheios e bem vês...

LUÍSA — Basta. Quero acreditar nas tuas palavras, quero confiar em ti. Ai, também se me traías... em quem mais me poderia fiar?!

D. JOÃO (*inquieto*) — Luísa!

LUÍSA — Não suspeito, não. Sossega. Tenho uma crença tal nas tuas promessas...

D. JOÃO (*aparte*) — Pobre rapariga!

LUÍSA — Ouve-me. Há perto de um mês que, pela vez primeira, te encontrei. Desde então para cá poucos são os dias em que te não tenho visto e falado; pois bem, nunca te perguntei quem eras, de onde vinhas. És fidalgo ou plebeu, rico ou pobre? Não sei. Apenas me hás dito o teu nome, apenas me disseste amar-me e isso me bastou. Amei-te e amo-te. Vê se tenho confiança em ti.

D. JOÃO — Luísa, ainda te não revelei quem sou. Queres sabê-lo? E para quê? (*Como falando consigo mesmo*): Mais vale assim. É sina minha e dos meus o não conhecer os temos sentimentos, as paixões puras que amenizam e douram a curta existência do homem neste mundo, quando o nosso verdadeiro nome é conhecido. Para mim e para os meus iguais todas as taças de prazer que empunhamos no festim da vida contêm de envolta o absinto. Nascemos, abrimos os olhos e principiamos a fazer uso da razão. Não vemos ao nosso lado um único companheiro da infância com quem nos permitam os doces folguedos, as efusões da amizade e o familiar tratamento que a sanciona. É um folgar que não satisfaz completamente o coração, é uma infância subjugada e comprimida pela odiosa etiqueta. Mais tarde outros sentimentos mais ardentes se nos apossam do coração; estendemos a mão a um amigo, abrimos-lhe os braços; e ele foge-nos respeitoso, curva-se e em vez da amizade que desejáramos dá-nos a dedicação, o respeito. Poucas vezes nos é dado usar do doce nome de *pai*, assim dito singelamente; antes do amor de filho, o autor de nossos dias *deve* exigir de nós uma outra espécie de amor... de amor?... Não, de obediência; mas uma obediência árida, sem expansões, sem transportes. A ele também a etiqueta impôs deveres; a afeição que lhe inspiram seus filhos se a quiser exprimir há-de ser por modos e palavras tais que muito embora revelarão acatamento, mas que mascaram e comprimem o amor. A mãe não pode regular suas carícias senão por as convenções que outros hão criado. Crescemos, fazemo-nos homens e, em herança, recebemos de nosso pai a mais árdua e dura tarefa de que forças de homem se podem encarregar. Verga-nos a cabeça com o peso dos cuidados! Desejamos para o nosso lado um ente que nos suavize a existência: ainda são os estranhos que nos mandam calar o coração para se escutar a voz das conveniências. São eles que se encarregam de escolher a mulher que nos deve acompanhar na nossa difícil e triste peregrinação; e se às vezes ligados assim a um ente que se aborrece, fugimos do leito nupcial e anelamos um coração que nos compreenda. E o que encontramos? Conhecendo-nos, a virtude foge espavorida e só o vício nos abre os braços. Que vida! Que vida! E há quem a inveje! A nós, o amor, o ódio, a amizade e a indiferença tudo se mostra sob um mesmo aspecto, tudo nos aparece encoberto com a capa do respeito e da adulção; e que trabalho, que penetração não são necessários para poder ler através dela nos corações, e saber distinguir os sentimentos! À nossa família poucas vezes é permitido viver a sós consigo, obedecer completamente aos instintos do coração, seguir apenas a voz da natureza; olhos estranhos quase sempre a observam, e entre eles não há pais: não há filhos, não há esposa para nós, há... o que querem que haja. Se desejamos, pois, gozar como os outros gozam, devemos ocultar o nosso nome.

LUÍSA — Santo Deus! Que estranhas palavras! E que estranha família a tua!

D. JOÃO — Bem estranha, na verdade!

LUÍSA (*pensativa*) — Já vejo que para mim... a felicidade...

D. JOÃO — Luísa!

LUÍSA (*consigo mesmo*) — Faça-se a vontade de Deus! Cumpra-se o meu destino!

D. JOÃO (*aparte*) — Que lhe fui eu dizer! (*Alto*): Então, vamos, o que eu te disse não te deve afligir.

LUÍSA — João, diz-me, já agora melhor é saber tudo. Quem és tu?

D. JOÃO — Quem eu sou? Um homem a quem legaram uma grande herança.

LUÍSA (*suspirando*) — Ah!

D. JOÃO — Mas tão retalhada e dividida que para a haver tal como me pertence hei-de lutar e lutar muito. Um homem que tomou a seu cargo a execução de uma obra imensa, que tem a cumprir uma difícil missão, justa mas espinhosa, combater poderosos e proteger fracos. Sou um homem que poderei expulsar do meu património quem nele tente gozar de maior poder do que eu.

LUÍSA — Mas enfim...

D. JOÃO — Não queiras saber mais, Luísa, não procures saber mais. Peço-to.

LUÍSA — Julguei que tinha terminado os tormentos deste dia, mas já vejo...

D. JOÃO — Luísa. Sofrer é o legado do género humano. Eu também sofro. Porém sossega, o que eu te disse não te deve inquietar.

LUÍSA — Amas-me?

D. JOÃO — Amo.

LUÍSA — Jura-lo?

D. JOÃO — Precisas que te jure? Juro!

LUÍSA — Deus te pague. Ao menos o meu maior desejo se realiza assim.

D. JOÃO — A nossa conversa de hoje tem sido triste. Perdoa-me, eu é que fui o culpado, que em coisas tristes me pus a divagar. Falemos noutro assunto.

LUÍSA — Há dias talhados paia a tristeza. O de hoje é um desses; e temo, não sei que voz interior me adverte de que mais hei-de ainda padecer antes de vir a manhã.

D. JOÃO — Uma voz interior! Ora! Não se lhe dão ouvidos. Sossega. Tais receios são infundados. Em breve eu me retiro, tu te recolherás, tudo entrará em repouso; que mais te há-de suceder?

LUÍSA — Repouso! Ai, não é para mim gozá-lo há muito. O segredo que te revelei, aquele segredo que nos enche de terror, que envenena de continuados sobressaltos os dias de meu pai, aquele segredo não me deixa repousar.

D. JOÃO (*aparte*) — Ei-la chegada ao ponto. (*Alto*): Pois acaso é ainda este o sitio que os nobres...

LUÍSA — Oh! Cala-te, cala-te, não fales nisso que...

D. JOÃO — Nada temas. Teu pai não é muito culpado. Confia no carácter de D. João II que, se castigar, castigará como deve; porém, diz-me, esses fidalgos ainda aqui se reúnem?

LUÍSA — Ai de mim! É verdade, hoje mesmo.

D. JOÃO — Hoje?

LUÍSA — Quando soar meia-noite.

D. JOÃO — Virão?

LUÍSA — Vêm.

D. JOÃO — E quem são eles?

LUÍSA — Os mesmos que...

D. JOÃO — O duque... os da Casa de Bragança, vêm?

LUÍSA — O duque está em Vila Viçosa, mas...

D. JOÃO (*aparte*) — Pena é. (*Alto*): Então à meia-noite... (*Aparte*): Não devo perder hoje a ocasião, é preciso trabalhar.

LUÍSA — Porque estás tão pensativo?

D. JOÃO — Não é nada. Eu sou assim. Há momentos em que me torno de uma tão profunda melancolia! Fujo dos homens, anelo por estar só, só conversando comigo mesmo. São dez horas. A tua frágil saúde e desassossego de espírito em que pareces estar, pedem-te descanso, Luisa. Retira-te, vai sossegar. Deixa-me, porém, ficar só aqui por algum tempo. Permite-me demorar-me neste recinto para poder coordenar as minhas ideias que tão baralhadas me andam e entregar-me todo aos sentimentos que me dominam.

LUÍSA — Aqui? Ficares aqui?

D. JOÃO — Pouco tempo me demorarei, não me concedes o que te peço?

LUÍSA — Mas...

D. JOÃO — Antes da meia-noite terei saído.

LUÍSA — E queres ficar só?

D. JOÃO — Desejava-o.

LUÍSA — Condescendo, ainda que estranho tais desejos. Condescendo. Adeus, João, amanhã voltarás, sim?

D. JOÃO — Sim, amanhã e... sempre. Adeus, Luísa. (*Beija-a na fronte*).

LUÍSA (*da porta da esquerda*) — Adeus!

CENA 8.-

D. JOÃO (*ficando só, senta-se e encosta-se a uma mesa parecendo cair em profunda meditação. Passado tempo eleva a cabeça*) — Finalmente posso o fio que me há-de conduzir através deste intrincado labirinto. Uma ponta do véu se vai levantar, em breve serei senhor deles todos. Ah! Até que enfim vejo surgir a aurora da vin-

gança. Bem-vinda sejas! Bem-vinda sejas, que tanto te esperava. Realizam-se os meus mais ardentes sonhos, ultimam-se todos os mais recônditos projectos que hei meditado. Agora, tremei nobres, tremei, que D. João II vos mostrará quem é e quanto pode. Senhor duque de Bragança, temos uma antiga dívida em aberto e hei fé que ora vo-la hei-de pagar. Ah! Imagináveis que D. João II via impunemente levantar sobre si a vara dos vereadores quando uma noite entrara mascarado num dos vossos saraus para observar uma beleza que o trazia fascinado? Cuidastes que eu deixaria sem resposta as ásperas admoestações que me haveis dirigido ante a rainha, minha esposa e vossa cunhada, porque outros olhos, que não os dela, capturado me tinham e enleado me conservavam? Pensastes que esquecido já estava das exprobrações que diante dos meus e vossos homens me lançastes em rosto quando voltando glorioso dos Campos de Toro me retirava sem que pudesse ter havido notícias de meu pai? <sup>1</sup> Como vos tendes enganado! O rei de Portugal paga hoje todas as dívidas do infante e há-de-as pagar com generosidade. Protestai perante as cortes contra as medidas que eu promulgar, que eu responderei aos protestos de maneira que vos há-de ficar gravada na memória. Vociferai contra mim nesses conluios rebeldes, senhor de Bragança, que eu vo-lo pagarei de um modo digno do meu poder e da minha jerarquia. Sou descendente de D. Pedro! a quem chamaram o «Justiceiro», farei por merecer igual título, tornar-me-ei digno de ascendente tão ilustre. Por sugestão de um dos vossos, o sangue do infante D. Pedro, meu avô, tingiu os campos de Alfarrobeira; meu pai, o glorioso D. Afonso V, manchou com essa morte, de uma nódoa indelével, os primeiros anos do seu reinado, minha mãe nunca mais houve alegria. Órfão, mal nascido, não conheci os afagos maternais e a morte da rainha, que o assombrava, a D. Afonso, vosso avô, tem sido atribuída. Ora, pois; áspera e dura me fizeram a infância; áspero e duro me hão tornado, que da educação resultam as índoies. Contra vós se voltou o gume da espada com que me heis ferido. As lisonjas e pérfidos conselhos com que aduláveis meu pai, tão imbuído o traziam, que, morrendo, me deixou um reino dividido por vós e pelos vossos, ficando-me dele só apenas o nome, das terras os caminhos e da soberania o título. É tempo de me declarar rei, é tempo de desbastar esta árvore da nobreza que, de frondosa que vai, começa a assombrar o trono. Souu enfim a hora do trabalho, mãos à obra! Quero que entendam por uma vez que em Portugal o rei sou eu e mais ninguém. Pesa-me ter de, no meu caminho, causar o sofrimento daqueles que me amam. Pobre Luisa, quando souber... Paciência. Antes de ser homem devo ser rei. O trono primeiro que o coração. Assim o quer a sociedade, assim será. Eu resgatarei esta culpa fazendo a felicidade do

<sup>1</sup> A todas estas cauças se atribui o ódio de el-rei contra o duque. (Vid. carta do Confessor).

<sup>1</sup> Palavras de D. João II fdecreto publicado em Évora por ocasião das cortes).

povo, desses milhares de desgraçados que ainda hoje sofrem a opressão da odiosa nobreza. Animo! Animo! Populares, que D. João II cá está para vos ajudar a sacudir esse jugo infamante... Se escolhendo para divisa o pelicano que por seus filhos se sacrifica, é promessa que há feita de à vossa felicidade todo se dedicar. (*Ouve-se barulho*). Que oíço?... Rumor... Acaso serão eles já? É impossível, (*Dão dez horas*), Dez horas apenas!

## CENA 9.

D. JOÃO e ANTÃO DE FARIA (*embuçado entra pelo fundo*)

D. JOÃO — Não me enganei, vem gente. Um embuçado! Algum deles será? Vejamos. (*Encobre o rosto com a capa*).

ANTÃO DE FARIA — Mercê de Deus seja aqui.

D. JOÃO — Amém!

ANTÃO DE FARIA (*procurando conhecê-lo*) — Estais só... ainda?

D. JOÃO (*aparte*) — Ainda, então é nobreza por certo. (*Alto*): É verdade.

ANTÃO DE FARIA — A escuridão não me permite conhecer-vos. O vosso nome?

D. JOÃO — O vosso?

ANTÃO DE FARIA —

Cortês sois, dom cavaleiro  
Sem responder, perguntar...

Reza a trova.

D. JOÃO — Não é lugar este, nem ocasião para trovas, senhor embuçado. Toda a prudência não é de mais.

ANTÃO DE FARIA — Um de nós há-de principiar. Dizei-me o vosso nome, tereis o meu.

D. JOÃO — Um de nós há-de principiar. Justo é o dito. Principiariai vós.

ANTÃO DE FARIA — É cautela demasiada para amigos.

D. JOÃO — Amigo? Não sei se o sereis vós, meu.

ANTÃO DE FARIA (*batendo nos punhos da espada*) — Por quem, cavaleiro?

D. JOÃO (*imitando-o*) — Por quem, senhor embuçado?

ANTÃO DE FARIA — Sois mais antigo no lugar, tomai a iniciativa.

D. JOÃO — Cortesia é de quem chega o anunciar-se.

ANTÃO DE FARIA — Não nos podemos entender. Mais tarde virei. (*Vai para retirar-se*).

D. JOÃO — Alto! Não vos ireis sem que o vosso nome eu haja.

ANTÃO DE FARIA — Olé, amigo, afastar!

D. JOÃO — O vosso nome?

ANTÃO DE FARIA — O vosso,

D. JOÃO — Agora o veremos. (*Desembainhando a espada*): Por quem, por quem, senhor desconhecido?

ANTÃO DE FARIA — Pois bem, seja. (*Desembainhando também*): Por D. João II de Portugal.

D. JOÃO — Por D. João! Quem sois vós?

ANTÃO DE FARIA — Agora vo-lo pergunto eu! Por quem? Responde traidor, rebelde.

D. JOÃO — Por Deus, que me enganei. Quem sois vós?

ANTÃO DE FARIA (*desembuçando-se*) — Sou Antão de Faria, camareiro-mor de S. A. R., alcaide-mor de Palmela e anadel dos bes-teiros da Câmara.

D. JOÃO — Estranha coincidência esta! E que te trouxe aqui?

ANTÃO DE FARIA — E quem és tu?

D. JOÃO (*desembuçando-se*) — Pois ainda me não conheces?

ANTÃO DE FARIA — Vossa Alteza!

D. JOÃO — Eu, sim. Em toda a parte onde a minha presença for necessária me hão-de encontrar.

ANTÃO DE FARIA — Alguma coisa vos haviam dito?

D. JOÃO — Sei tudo. E tu sabia-lo também?

ANTÃO DE FARIA — Suspeitava apenas.

D. JOÃO — E como te vieram essas suspeitas?

ANTÃO DE FARIA — O homem a quem Vossa Alteza honra com a sua confiança, precisa de ter olhos em toda a parte.

D. JOÃO — E braços também.

ANTÃO DE FARIA — E também os tenho.

D. JOÃO — Previne Fernão Martins Mascarenhas que tenha prontos os seus bravos ginetes,<sup>1</sup> que talvez deles hajamos mister.

ANTÃO DE FARIA — Espero em Deus, que não. Mais atinados andaremos se, sem estrondo, planizarmos e nos dirigirmos.

D. JOÃO — Porém, é bom dispor tudo.

ANTÃO DE FARIA — Darei as providências.

D. JOÃO — Vai. Retira-te.

ANTÃO DE FARIA — E Vossa Alteza?

D. JOÃO — Eu fico.

ANTÃO DE FARIA — Mas como, se...

D. JOÃO — Meio hei-de descobrir de ver e ouvir sem ser visto.

ANTÃO DE FARIA (*a meia voz*) — Imprudência!

D. JOÃO — Não me mostrarei antes de tu, com os teus, chegares.

ANTÃO DE FARIA — O carácter fogoso de V. A. talvez lhe não permita...

D. JOÃO — Está bom, basta. Assim o quero, vai.

ANTÃO DE FARIA — Obedeço. Avisar-vos-ei de que preparados e perto estamos por um assobio prolongado.

D. JOÃO — Bem, está bem. Trazes contigo uma máscara?

1 Soldados de cavalaria que pelejavam com lança.

ANTÃO DE FARIA (*mostrando-lha*) — Ei-la.

D. JOÃO — Cede-ma. Preciso dela. À meia-noite é a hora. Vai. (*Antão de Fana sai*).

CENA 10.-

D. JOÃO — Agora prudência e astúcia. Tudo me promete uma feliz caçada. O sítio e abundante e diligentes os falcões. Óptimo ensejo! Bela caça e então alta, muito alta! Depois daquele glorioso dia de Arzila em que por meu pai fui armado de cavaleiro perante o cadáver do bravo conde de Marialva, é o de hoje um dos mais venturosos que tenho contado. (*Sentando-se*): Ah! agora sim, que princípio a reinar !

FIM DO PRIMEIRO ACTO

## ACTO 2.º

*A mesma cena do primeiro. O teatro acha-se quase completamente às escuras. D. João está encostado à mesa como adormecido; ao lado dele se observa a lâmpada derramando apenas uma frouxa claridade. É perto de meia-noite. André Girarte aparece da direita e caminha para o fundo, com uma luz na mão.*

CENA 1.

ANDRÉ GIRARTE e D. JOÃO

ANDRÉ GIRARTE (*saindo da direita bocejando e acabando de se benzer*) — ... De nossos inimigos. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Ai! Ai! Ai!... Ainda os sinos da Sé não soaram meia-noite e eu já a pé por esta casa! Que atribulada vida! Que penosas noitadas as minhas! Ora vamos abrir a'porta... (*Vendo-a aberta*): Que vejo?! Já aberta! Imprudente que ó Luísa! Tanto lhe recomendei... Bem podia às vezes... (*Olhando em roda com inquietação*): E o candeeiro a arder em cima da mesa! Por onde lhe andariam hoje os cuidados?! (*Dirige-se para a mesa, mas vendo D. João pára*): Santa Virgem! Se me não enganam meus olhos... um homem ali está sentado... (*Aproximando-se*): Será ilusão... agora é. (*Aproximando-se cada vez mais*): Por acaso... mas não, fidalgo não pode ser; se o fosse por certo não dormiria... talvez Rui... mas não é aquele o seu vestir... Algum espia!.., Ó Mãe do Céu! Dai-me ânimo! (*Chegando-se Junto dele*): Cavaleiro parece ele. (*Tocando-lhe no ombro*): Meu senhor!

D. JOÃO (*meio a dormir*) — Hum... hum. Que é?

ANDRÉ GIRARTE (*aparte*) — Todo eu estou de tal modo trémulo, como se maleitas me tomassem. (*Alto*): Senhor!

D. JOÃO (*mascarado fixando-o*) — Quem sois?

ANDRÉ GIRARTE (*aterrado*) — Ai, mascarado! (*Alto*): O dono desta taberna.

D. JOÃO — Ah! Boas noites!

ANDRÉ GIRARTE — Muito... muito obrigado. (*Aparte*): Quem será este homem? Como entraria aqui? E a meia-noite a cair... e os fidalgos que não tardam... (*Alto*): Senhor, as horas vão adiantadas e eu... preciso de fechar a loja...

D. JOÃO — Deixai-me.

ANDRÉ GIRARTE — Porém, é quase meia-noite e a falar a verdade não sei o que dirão se...

D. JOÃO — Já vos disse que me deixeis.

ANDRÉ GIRARTE — Mas...

D. JOÃO (*batendo com o punho na mesa*) — Calar-vos-eis ou não?

ANDRÉ GIRARTE — Está bom. Fazei como quiserdes. (*Aparte*): Santos do Céu! Que olhar! O caso é que não sei como despedi-lo; se alguém nos visse di-lo-ia dono da casa.

D. JOÃO — Que horas são?

ANDRÉ GIRARTE — Perto da meia-noite, meu senhor.

D. JOÃO — Perto da meia-noite! Mais alguns instantes e meus desejos estarão satisfeitos.

ANDRÉ GIRARTE (*aparte*) — Isto não tem jeito. Animo, estou em minha casa. (*Alto*): Senhor... desconhecido, fazeis tenção de ficar hoje aqui? Devo advertir-vos que durante o dia, de comer e beber nesta casa tereis à farta a qualquer hora que o procureis, mas que a noite é para descanso e não hei por ofício albergar ningumém.

D. JOÃO — E eu devo advertir-vos, Sr. André Girarte, que não abrais diante de mim a boca, senão quando eu vos interrogar.

ANDRÉ GIRARTE (*aparte*) — É atrevimento de mais. (*Alto*): Senhor embuçado, já que usais para comigo de tão descortês linguagem, sempre vos farei notar que aqui sou eu o senhor e vós...

D. JOÃO — Em recompensa do conselho que me dais outro vos darei não menos útil e judicioso, e é que não eleveis tanto a voz porque podereis assim chamar a atenção dos meirinhos e corregeadores de el-rei, e vede lá se essa atenção vos traria grande proveito.

ANDRÉ GIRARTE (*perturbado*) — Que quereis dizer?... não -vos entendo...

D. JOÃO — Bem, Sr. Girarte, bem. Não é caso para vos perturbardes. Justo é que procureis ganhar a vida, ainda que os meios que para isso tendes empregado não sejam dos mais lícitos e isentos de culpa.

ANDRÉ GIRARTE — Falais de um modo, excellentíssimo, que...

D. JOÃO (*sorrindo*) — Parece que os conselhos vos tornam cortês? Ora, pois, folgo de vos saber agradecido. Bem, dispensarei de boa vontade esse novo tratamento que me dais e em vez dele, já que a peito tomais recompensar-me, aceitarei... um lugar qualquer nesta vossa taberna até que todos os seus frequentadores se retirem para só voltarem amanhã.

ANDRÉ GIRARTE (*aparte*) — Trindade Santíssima! (*Alto*): Porém, bem o vedes, está tudo deserto já.

D. JOÃO — Ora! É tão afamada a vossa taberna, Sr. André Girarte, que apostaria, sem receio, em como estará cheia em poucos minutos. O excesso de modéstia vos traz cego...

ANDRÉ GIRARTE — Senhor, senhor! Compaixão! Não me boteis a perder.

D. JOÃO — E quem vos fala em tal? Afianço-vos que não correis risco algum, salvo se me não obedecerdes.

ANDRÉ GIRARTE — Mas eles?... Os outros? Por quem sois, não os denuncieis! Não os façais desgraçados!

D. JOÃO — Apre! Que sois exigente. Tratai da vossa segurança, e não vos importeis com a dos mais.

ANDRÉ GIRARTE — Concedo o que me pedis. Se me derdes a vossa palavra em que em nada concorrereis para a sua ruína...

D. JOÃO — Admiro a vossa abnegação! Estranho o empenho que tomais em salvar os outros, quando vós mesmo estais em perigo.

ANDRÉ GIRARTE — Eu?! Promessa me fizestes de...

D. JOÃO — ...Caso me obedecêsseis...

ANDRÉ GIRARTE — Mas, senhor... quem quer que sois, que mal vos fiz eu?

D. JOÃO — Nenhum. Nem eu vo-lo quero fazer.

ANDRÉ GIRARTE — Porém, não vedes que isso que me propondes é infamante. Hão-de apelidar-me traidor.

D. JOÃO — E como apelidais vossos amigos?

ANDRÉ GIRARTE — Amigos! Tal não julgueis. Deus me defenda!

D. JOÃO — Tanto empenho mostrais em os salvar...

ANDRÉ GIRARTE — Mas que interesse podeis achar em assistir a uma conversa de alguns fregueses? Decerto não tratarão assuntos que vos digam respeito.

D. JOÃO — Quem sabe? Quando, segundo dizem, nestas conversas nem sempre se fala no rei nos devidos termos, que escrúpulo poderão ter em não poupar qualquer dos seus vassalos?

ANDRÉ GIRARTE — Do rei?! (A parte): Tudo se sabe, estou perdido! (Alto): Do rei, dissesseis vós?! Acaso... poderão julgar que... do rei?! Do nosso popular rei e senhor D. João II, oh! Enganaram-vos, excelentíssimo, enganaram-vos.

D. JOÃO (*como falando consigo*) — Exactamente, popular, é esse o título que ele mais tem merecido. Se D. João II tem virtudes, a primeira e a maior é a de ser amigo do povo. Seu antecessor, o primeiro do seu nome, ainda que em parte tirado da plebe e por ela querido, não podia ter feito mais, nem tanto a seu favor, como D. João II. É uma verdade; se hoje a desconhecem, virá tempo em que ela se revelará. A história o há-de dizer. D. João! arvorou o estandarte, deu o sinal da revolta contra a nobreza, porém não se declarou francamente. Encoberto pelo majestoso vulto do chanceler João das Regras, dali descarrregava os seus golpes contra esta classe que oprimia e subjugara todo este reino com a sua autoridade. D. João! lembrava-se com saudade

do Mestre de Avis; sentia vacilar o braço a cada privilégio que tirava àqueles ao lado de quem combatera em Aljubarrota e Trancoso; entre os nobres tinha amigos; entre os nobres havia o Condestável, e o Condestável fora seu companheiro de armas. D. João O não. A guerra que ele declarou à nobreza é guerra aberta; entre os nobres poucos amigos conta; e esses... sacrificá-los-á, se disso houver mister... não quer ter súbditos quase príncipes. Ante ele não há plebeus, nem fidalgos, não há fracos nem poderosos; há vassalos. Há-de subjuguar essa hidra ainda que ouse rebeldar-se. Cem cabeças que contra ele se elevem, cem cabeças cairão. Não me admiro, pois, que a nobreza inteira odeie D. João, que conspire para o derrubar do trono, e até para lhe tirar a vida; mas que o povo, por quem ele tem feito tantos sacrifícios, por quem há desprezado aqueles mesmos que foram os mais estimados validos de seu pai; que o povo se associe aos seus mais encarniçados inimigos para o expulsar do trono, e acalente no seio a víbora que enquanto acolhida e agasalhada pelo poder real o envenenava com o seu pestilento bafo e que hoje, expulsa do paço, afaga a sua antiga vítima, para se vingar do rei, que a calca aos pés<sup>1</sup>! É disso que me admiro. É isso que estranha D. João II. Não esperava que o povo fosse ingrato; que se esquecesse do que deve ao monarca e das sujeições que sofriam e ainda sofrem da nobreza, que ora coadjuvam.

ANDRÉ GIRARTE — Injustas são as vossas palavras, perdoai-me o dizer-vos-lo, mas alcunhar o povo de ingrato para com o rei! Tal não digais.

D. JOÃO — Um exemplo da sua ingratidão vejo eu em vós, Sr. Girarte. Julgo não pertencerdes à classe dos fidalgos e não obstante aqui os recebeis e coadjuvais. E quem sabe se a vossa voz se não junta às suas, quando em coro se elevam entoando os «morras» contra aquele que respeitar deviam.

ANDRÉ GIRARTE — Longe de mim tal procedimento! Eu até ignoro o que se passa entre os fidalgos...

D. JOÃO (*sorrindo*) — Ora graças! Que estais já mais comunicativo. Vede como confessais que são fidalgos.

ANDRÉ GIRARTE — Eu... Vós o dissetes, não vos quero contrariar, mas...

D. JOÃO — Basta. S. A. pode vir a saber do vosso procedimento, que, aqui para nós, não é dos mais leais. Necessário vos é combater a má reputação, que serviços dessa qualidade vos possam ter granjeado, praticando outros que em melhor conceito sejam tidos no ânimo de el-rei.

ANDRÉ GIRARTE — Santo Deus! Acaso terão dito alguma coisa de mim a S. A.?

D. JOÃO — Não o sei, mas todos nós temos inimigos.

ANDRÉ GIRARTE — Mas enfim, que quereis que eu faça?

D. JOÃO — Que em sitio me coloqueis de onde ver e ouvir tudo possa, sem ser visto.

ANDRÉ GIRARTE — Nunca!

D. JOÃO (*enfurecido*) — Recusais?!

ANDRÉ GIRARTE — Recuso.

D. JOÃO (*reprimindo-se*) — Fraco amor tendes à cabeça.

ANDRÉ GIRARTE (*aparte*) — Anjos do Céu! (*Alto*): Faça-se a vontade de Deus.

D. JOÃO (*o mesmo*) — Preferis a vossa morte e desgraça dos vossos a...

ANDRÉ GIRARTE — A desgraça dos meus!

D. JOÃO — Pois que julgais? A filha de um traidor...

ANDRÉ GIRARTE — Minha filha?! Tereis ânimo para a fazer órfã?

Tereis coração para a lançar no infortúnio?

D. JOÃO — Essa pergunta vo-la faço eu.

ANDRÉ GIRARTE — Porém, senhor, hei-de trair homens a quem tanto devo?

D. JOÃO — Entendamo-nos, André Girarte. A vossa recusa não os salva. El-rei foi informado do procedimento dos nobres, das suas reuniões aqui, e do que nelas tratam. Podia mandar cercar esta casa quando todos juntos estivessem e daí ao castigo seria um momento. Porém, não quer. Sabe que entre esses fidalgos há inocentes e há culpados. Justo, como é, D. João II deve proceder de outra maneira. O joio há-de ser separado do bom grão. O castigo é para os maus, para os bons será o prémio. Mais serviços lhes prestais, pois, acedendo aos meus desejos, quando não, inocentes e culpados todos poderão sofrer. Não dificultais a corrente ao riacho que sereno desliza, colocando-lhe tropeços e diques na carreira, que os obstáculos irritam-no, as águas amontoam-se, as margens inundam-se e tornado em caudaloso rio destrói quanto encontra e faz milhares de vítimas.

ANDRÉ GIRARTE — E el-rei nomeou-vos...

D. JOÃO — Para fazer a selecção.

ANDRÉ GIRARTE — E vós quem sois?

D. JOÃO (*irritado*) — Um homem que não gosta de ser interrogado.

ANDRÉ GIRARTE — Mas...

D. JOÃO — Não há tempo a perder. Sim ou não? (*Ouve-se meia-noite*).

ANDRÉ GIRARTE — Meia-noite!

D. JOÃO — É a hora. Aviai-vos.

ANDRÉ GIRARTE — E se...

D. JOÃO — Nada de mais perguntas, nada de demoras. Quero uma resposta decisiva.

ANDRÉ GIRARTE — E prometeis...

D. JOÃO (*colérico*) — André Girarte! (*Ouve-se barulho*).

ANDRÉ GIRARTE — Ei-los que chegam.

D. JOÃO (*batendo o pé*) — Então?!

ANDRÉ GIRARTE (*depois de uma curta pausa*) — Vinde. (*Encaixa-se para a direita*).

D. JOÃO — Cautela convosco, André! Se do lugar onde estiver descobrir traição da vossa parte, se algum sinal fizerdes para os advertir, pôr-vos-ei os miolos fora do crânio com esta pistola (*mostra-lha*) e isso servirá de sinal para que os meus, que não estão longe, caiam sobre esta casa e então para ninguém haverá misericórdia.

ANDRÉ GIRARTE — Entrai, entrai, excelentíssimo; nada disso sucederá. (*D. João entra*).

## CENA 2.'

ANDRÉ GIRARTE — Ai, bem mo adivinhava o coração! O dia de hoje, o dia de hoje não podia acabar bem. Mas quem será este homem? Ainda tremo daquele olhar de lince e daquela voz vibrante que tanta impressão me fez. (*Batem à porta*). Ei-los. Mal sabem que para a sua ruína caminham. Felicidade é o duque de Bragança estar longe daqui. O conde de Faro, esse... certo estou, fará parte do bom grão que afastado será, e os outros... A Virgem seja com eles. (*Chegando à porta*): Quem bate?

RUI DA SILVA (*dentro*) — Amigos.

ANDRÉ GIRARTE — Ah! És tu, Rui. (*Abre*).

## CENA 3.'

ANDRÉ GIRARTE, O CONDE DE FARO e RUI DA SILVA

ANDRÉ GIRARTE (*vendo o conde*) — Deus seja com Sua Mercê, excelentíssimo. (*Aparte*): Se eu pudesse trocar com estes um olhar de inteligência com que os prevenisse... mas ele observa-me e parece-me sentir o frio do cano da pistola na fronte...

O CONDE DE FARO — Estamos sós?

ANDRÉ GIRARTE — Sós.

O CONDE DE FARO — Podemos, pois, sem perigo conversar?

ANDRÉ GIRARTE (*olhando aterradamamente para o conde e para a direita*) — Sim... ele... sim... podeis; mas às vezes... (*Ouve-se o barulho do engatilhar de uma pistola; ouvindo-o, aparte*): Ai, ai... Virgem me valha... Estou morto.

O CONDE DE FARO — Parece-me ter ouvido...

RUI DA SILVA — Ali dentro.

ANDRÉ GIRARTE — Nada, nada. Sossegai. Estão sós, muito sós.

O CONDE DE FARO — Ponde-vos de atalaia e não permitais entrada a quem senha vos não der.

ANDRÉ GIRARTE — Qual é ela?

O CONDE DE FARO — Pátria e independência.

ANDRÉ GIRARTE — Bem.

RUI DA SILVA (*aproximando-se de André Girarte*) — Senhor André Girarte, se alguma suspeita tiverdes, se alguma traição descobrirdes, avisai imediatamente. Um assobio nos advertirá.

ANDRÉ GIRARTE — Descansa. (*Aparte*): É verdade que me não lembrava. (*Reflectindo*): Pode ser muito bem... veremos. (*Sai*).

C E N A 4 .

### O CONDE DE FARO e RUI DA SILVA

O CONDE DE FARO (*sentando-se depois de uma pausa*) — Sabes tu, meu Rui, o que ora me está no pensamento?

RUI DA SILVA — Por certo que não.

O CONDE DE FARO — Adivinha o que será.

RUI DA SILVA (*sorrindo*) — Tal dom não me permitiu Deus.

O CONDE DE FARO — Porém, o que mais provável te parece?

RUI DA SILVA — Pois o que poderá mais provavelmente ocupar o pensamento de um mancebo nobre, rico de fortuna e o que mais é rico de esperanças, como vós? Amor e glória.

O CONDE DE FARO — Pois nem amor, nem glória me preocu-  
pam. Amor! Com os cuidados que me desassossegam a vida e me  
pesam no coração; mal me sobra a ocasião para em amor pensar. Gló-  
rias! Pouco asados são os tempos para sonhar com elas; são flores  
que ora dificilmente se colhem em terras portuguesas; não as favore-  
cem os ventos que reinam, pois as murcham logo que a desabrochar  
principiam.

RUI DA SILVA — Então em que pensais?

O CONDE DE FARO — Pensava em ti.

RUI DA SILVA — Em mim?

O CONDE DE FARO — Sim, e sobejam-me motivos para isso.  
Tu, sempre tão folgazão, que aborrecias tristezas e desterravas cui-  
dados. Tu, que a cantar e a rir passavas as horas da vida, ainda as  
mais sérias e tristes e a cantar e a rir convidavas os outros, que tens  
hoje? Desconheço-te. O que te pesa no coração que tão melancólico  
te faz?

RUI DA SILVA — Ai, conde. Fui alegre e folgazão, quando tinha  
um futuro, a pensar no qual me comprazia, quando alimentava uma  
esperança que só felicidades e alegrias me deixavam antevers na vida;  
hoje, porém... tudo mudou.

O CONDE DE FARO — Que esperança era essa? Que te há  
sucedido?

RUI DA SILVA — Dizei-me, conde de Faro, se a chama dos vossos  
pensamentos, se a mulher que vos aparece nos sonhos de ventura,  
vos dissera: Conde, não espereis de mim o amor que imaginastes,  
sede meu irmão e nada mais. O meu coração é de outro. O que senti-  
réis ouvindo estas palavras? Alegria ou abatimento?

O CONDE DE FARO — Maiores penas que as do amor cuidei  
serem as tuas; essas dolorosas são ao receber, mas cedo saram.

RUI DA SILVA — Não as minhas, conde.

O CONDE DE FARO —Parece-te?

RUI DA SILVA —Sinto-o.

O CONDE DE FARO —Pois se de tal natureza são, hei-de-te ver em breve restituído ao que eras.

RUI DA SILVA —Enganais-vos. Não se esquecem tão depressa dores como estas. São chagas que dificilmente cicatrizam. Agora pouco se me dá da vida. Um dos mais estreitos laços que a ela me prendiam rompeu-se hoje.

O CONDE DE FARO (*segurando-lhe no braço e sorrindo*) —Ainda cá ficou este, e espero tenha força para te reter.

RUI DA SILVA —É o único. A ele me entrego todo. De ora avante o meu sangue, o meu braço, a minha vida vos pertencem. Disponde de mim.

O CONDE DE FARO —Não careço do teu braço enquanto possuir o meu, que até hoje bem me há servido; do teu sangue, também não hei mister. Mas aceito a tua amizade, essa sim; e por ela te peço que não desanimes. (*Estende-lhe a mão*).

RUI DA SILVA (*apertando-lhe a mão*) —Oh! Conde. Agora nada mais me faz hesitar, eu vos servirei cegamente. Velarei por vós, seguir-vos-ei a toda a parte. Os perigos que correrdes, convosco os arrostarei.

O CONDE DE FARO —Que melhor me podes servir do que até hoje tens feito? Falemos noutra coisa. Muito se fazem esperar meus irmãos e os outros nobres; dar-se-á que não venham?

RUI DA SILVA —Decerto que vêm.

O CONDE DE FARO —Ai, Rui. Quanto me pesam estas cenas! Que doloroso não é sentir a discórdia dividindo e separando homens, que unidos deviam andar, unidos por um só pensamento: o bem da Pátria. Que tristeza! Que confrangimento de coração se experimenta ao ver germinar e crescer neste belo solo português a amaldiçoada árvore das dissensões civis.

RUI DA SILVA —Já agora difícil será tolher-lhe o passo. Cresceu, há-de produzir.

O CONDE DE FARO —Pobre Pátria! Os teus filhos são os primeiros a dilacerar-te; não bastava que os outros...

RUI DA SILVA —Mas que queréis, conde? D. João é bastante austero e os nobres são altivos.

O CONDE DE FARO —Queria menos altivez nos nobres para que houvesse menos austeridade no rei.

RUI DA SILVA —São duas grandes potências que se desafiaram. Difícil será que alguma delas curve a cabeça e ceda à outra.

O CONDE DE FARO —A Deus não praza que a cabeça, que por vontade se não curva, abaixada seja de maneira a nunca mais se levantar.

RUI DA SILVA —Que queréis dizer?

O CONDE DE FARO —Os violentos tufoes que açoitam as florestas, curvam ao passar as hastes dos flexíveis arbustos, que depois de

novo se elevam; mas ai dos que lhes resistem, ai dos que inabaláveis se mostram, e não tremem na sua presença, que se a violência cresce, o tronco parte-se, a árvore cai e a morte é a consequência da sua firmeza.

RUI DA SILVA — Acaso imaginais...

O CONDE DE FARO — Receio.

CENA 5.º

O CONDE DE FARO, RUI DA SILVA, O MARQUÊS DE MONTEMOR, D. ÁLVARO, D. GUTERRES COUTINHO, D. FERNANDO DE MENESSES, D. FERNÃO DA SILVEIRA e MAIS NOBRES EMBUÇADOS

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Guarde-vos Deus ! Ligeiro andaste hoje, Afonso.

O CONDE DE FARO — Ah! És tu, marquês? Em boa hora chegues.

D. ÁLVARO (*ao conde, estendendo-lhe a mão*) — Irmão.

O CONDE DE FARO (*apertando-lha*) — Álvaro. Até que enfim vos vejo aparecer. Tarde viestes... receava.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Ainda agora ouvi soar meia-noite nos sinos da Sé !

O CONDE DE FARO (*cumprimentando os outros nobres*) — D. Fernando de Meneses, folgo imenso de vos ver junto de nós ; vosso irmão, o bispo de Évora, não é por certo um mais excelsa prelado do que vós um valente e honrado cavaleiro. Se o lugar fora este que melhor se casasse com as insígnias episcopais, certo estou que connosco o teríamos também. D. Guterres Coutinho, digno sucessor de um glorioso nome, quando veremos vosso irmão D. Vasco? Tão erradio anda que não há pôr-lhe olhos em cima... Oh! D. Fernão da Silveira, o escrivão da puridade por extremo nos lisonjeia com a sua presença. (*Aos outros*): Ataídes, Albuquerques... que soma de ilustres homens aqui se acham reunidos. Cada um recorda um feito glorioso, uma página brilhante da história portuguesa. Em todos podiam os poetas escolher heróis para as suas epopeias. Pena é que por tão tristes motivos nos reunamos, e que sombrios e não alegres celebremos nossos ajuntamentos.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Estas palavras me dizem que no mesmo ânimo persistes, Afonso.

O CONDE DE FARO — Não mudo facilmente, meu irmão; em vinte e quatro horas não abandono opiniões que meditei por largo tempo.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Então são ainda palavras de paz e moderação as que vens hoje pronunciar?

O CONDE DE FARO — E serão sempre as minhas enquanto em tempo estivermos para...

O MARQUÊS DE MONTEMOR (*irritado*) — Conde, quem receia os perigos, evita-os. Se tendes medo,,,

O CONDE DE FARO — Medo! Um filho do nosso pai ter medo! Um filho do segundo duque de Bragança! Marquês de Montemor, é, por certo, a primeira vez que um dos cavaleiros da nossa nobre casa ouve um insulto como o que acabais de me dirigir sem que a sua espada se desembainhe para lavar a afronta no sangue do caluniador, mas é que também pela vez primeira o caluniador é o irmão do caluniado.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Por Deus! Conde de Faro, meu irmão; não atenteis no que disse, que me não estava na mente o que os lábios pronunciaram.

O CONDE DE FARO — Bem o sei. Se o estivera... nem a um irmão perdoaria.

D. ÁLVARO — Basta, basta. Não gasteis o tempo em inúteis disputas, tão mal cabidas entre irmãos, como impróprias deste lugar e da nossa situação. Outro empenho aqui nos junta. O duque de Bragança não pode ainda hoje assistir a esta reunião, porém de quanto se disser e resolver eu lhe darei parte.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Por São Jorge! Que poucos esforços parece fazer Fernando a prol da nossa causa. Forte prisão o traz aferrado à sua casa de Vila Viçosa, que não há tirá-lo de lá. Uma vez que o nomeámos «chefe», mais activo que nós outros devia mostrar-se.

O CONDE DE FARO — A cabeça é para deliberar e os membros para obrar e, portanto...

D. ÁLVARO — Muitos meios há de trabalhar a favor de uma causa, marquês, e nosso irmão trabalha.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Longe de mim o negá-lo.

CENA 8.'

### OS MESMOS e MAIS NOBRES

OS QUE ENTRAM — Guarde-vos Deus!

OS OUTROS — Bem-vindos.

O CONDE DE FARO — Estamos todos?

D. ÁLVARO — Todos, não.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Um dos que ainda não vejo entre nós é o duque de Viseu. Dar-se-á que hoje o não tenhamos?

RUI DA SILVA — Palavra me há dado de que viria.

CENA 7.'

### OS MESMOS, O DUQUE DE VISEU e MAIS NOBRES

O DUQUE DE VISEU — E ei-lo aqui para cumprir a palavra.

O CONDE DE FARO — Bem-vindo, duque, bem-vindo. Compete-vos como sempre o lugar que meu irmão, o duque de Bra-

gança, ocuparia, se outros deveres a que não pode faltar o não retivessem longe daqui. Senhores, decreto é o duque de Viseu o que hoje ainda escolheis para substituir meu irmão?

TODOS —Sim, sim.

O DUQUE DE VISEU — Aqui não se tornam necessários chefes. Unidos por um só interesse, instigados por uma mesma força, deliberemos como irmãos, como companheiros, como iguais; ofendidos no nosso orgulho, espezinhados nos nossos direitos, precisamos opor uma barreira à torrente que ameaça submergir a nobreza; trabalhemos em comum para a elevarmos. Defendamos de todas as maneiras nossos foros, combatamos por os nossos privilépios com a palavra, com a pena e com a espada; o não nos deixar calcar aos pés, o evitarmos humilhações e vexames ó o fim para que hoje e das mais vezes aqui nos reunimos.

MUITOS — Sim, sim... nada de humilhações.

D. GUTERRES COUTINHO — Perdão, senhores, se vos interrompo; porém, novo ainda nestes negócios, desejava que com ordem procedêssemos e evitássemos a confusão. Senhor duque de Viseu, já que vos nomeámos para nos dirigirdes em nossas discussões e serdes árbitro de nossas disputas, se as houver. Dizei-nos o estado da questão que nos preocupa e as medidas que poderemos empregar para mantermos a dignidade de cavaleiros e fidalgos.

O DUQUE DE VISEU — De boa vontade. Sentemo-nos, senhores. (*Sentam-se todos*). Estão aqui reunidos os representantes das mais nobres casas de Portugal. O sangue que nos corre nas veias por vezes se tem vertido sobre o glorioso solo da nossa Pátria e tingido o dos países estrangeiros, sempre em defesa e glória dela. Foi sobre as ossadas de nossos avós que se erigiu e formou o trono em que hoje se senta D. João II. Foram sempre as suas e as nossas espadas a mais forte trincheira que o defenderam. Todos os monarcas portugueses reconheceram o quanto nos deviam; e, de justiça, remuneravam os nossos serviços; graças e mercês nos hão feito; com honras e doações nos pagaram as vitórias e conquistas que com o nosso sangue lhes havíamos comprado. Ainda no último reinado, o do glorioso e magnânimo D. Afonso V, a nobreza era atendida, a dedicação recompensada. D. João II subiu ao trono, tudo mudou. Ódio tal jurou contra nós, que não há injúria que nos não faça, medida adversa com que nos não oprime, meios que não empregue para exaltar a plebe, espezinhando a nobreza. É vergonha para um monarca esquecer assim os serviços prestados a si e aos seus; é vergonha para um monarca o desatender e menosprezar a flor da fidalguia do seu reino; é vergonha para um monarca o afrontar por tal arte aqueles que, em esforço e jerarquia, ombreiam com ele, e que por laços de sangue e parentesco mesmo lhe estão unidos! Eia, pois! Tentam desprezar-nos? Resistamos. Querem calcar-nos aos pés? Ergamos a cabeça. Pretendem aquebrantar nossas leis e nossos foros? Oponhamo-nos com a palavra, primeiro, e se

essa não for suficiente, então... lembremo-nos que, com a espada que de nossos avós herdamos, havemos jurado defender a honra e brios de cavaleiros que somos contra todos os que ousassem atacá-los.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Apoiado, duque. É essa a medida mais segura. A inutilidade dos discursos está reconhecida. De que valeram aqueles por meio dos quais manifestámos em cortes o nosso descontentamento? De que valeram os protestos de meu irmão, o duque de Bragança, contra as medidas aviltantes para nós que D. João promulgou? Acaso depois disso fomos atendidos? Foi suprimida a fórmula vexante pela qual nos fizeram render-lhe homenagem? Não nos privou da jurisdição criminal? Não acedeu a todos quantos pedidos a vil plebe lhe fez por meio dos seus procuradores abolindo os adiantados, criando contadores de terças, de resíduos, capelas e hospitais nas diversas comarcas do reino? Acaso nos dispensou de apresentarmos cada ano nossas doações, privilégios e graças para serem examinadas e confirmadas se conforme o direito as julgassem? Não. Todas as nossas palavras foram soltas em vão, os protestos dos nobres não moveram o ânimo do rei, que respondeu com um sorriso a tão justas reclamações. Os insultos recresceram e vemo-nos hoje ameaçados com entrada dos corregedores nas nossas terras para julgarem da administração que de justiça fazemos! Por Deus que é muito! Basta de palavras, deixemos à gente de toga as lutas de língua e de pena, basta de discutir, agora é necessário obrar. Homens de espada, respondamos com a espada. E, se pretenderem penetrar nas nossas terras, façamos-lhes uma recepção digna dos emissários reais, acolhamo-los de sobre as ameias, mandando-os cumprimentar por nossas bocas de fogo.

ALGUNS NOBRES — Apoiado, apoiado...

O CONDE DE FARO — Cavaleiros. Não vos cegue a cólera; nem o ressentimento, embora justo, vos alienie o espírito. Ouvi-me. A nobreza de Portugal há sido desatendida no reinado de D. João II. El-rei tem-nos privado de muitas regalias, abolido muitos privilégios que desfrutávamos no reinado de seu glorioso pai; mas atendei, não haverá em nós alguma culpa? Não haveria igualmente alguma culpa no proceder de D. Afonso V? Quer-me parecer que sim. D. Afonso, Deus lhe perdoe se mal fez, criou-nos por tal forma, tal favor nos deu, que dano nos causou. D. João diz que é soberano só de nome e que o reino mais é nosso do que dele. Jovem ainda é, portanto, ambicioso, anela por governar e estender seus domínios; cedamos um pouco, que vergonhoso nos não é; deixemos cumprirem-se aquelas determinações que não forem atentatórias contra a nossa honra e dignidade. Contente em nos ver obedientes, D. João talvez não progredirá o que há executado. Se pelo contrário amontoarmos obstáculos e elevarmos resistências a todas as suas medidas, que sucederá? Os espíritos fortes mais se irritam com as oposições, mais a peito tomam uma empresa, se dificuldades lhe antevêem. É fortaleza de espírito ningüém

a nega ao rei de Portugal. E quem sabe os males que daí se seguirão? O facho de discórdia, depois de aceso, difícil é apagá-lo, a não se verter muito sangue e então sangue de irmãos! Lembrai-vos dos horrores das guerras civis, do mal que delas resulta para a Pátria e isso nos acontecerá.

D. GUTERRES COUTINHO — Razão tendes, conde de Faro; tentemos medidas suaves antes de recorrermos às extremas.

D. FERNÃO DA SILVEIRA — Obedeçamos mesmo...

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Nunca!

MUITOS NOBRES — Nunca!

O MARQUÊS DE MONTEMOR — D. João II não me imporá obrigações, que não sejam as que os outros reis exigiram de mim, de meu pai, de meus avós e mais ascendentes.

D. FERNANDO DE MENESSES — Nem a mim.

OUTRO NOBRE — Nem a mim.

MUITOS NOBRES — Nem a mim.

O DUQUE DE VISEU — Sossego, senhores, moderação; a medida que mais tem exasperado a nobreza destes reinos, é, por certo, esta última em que S. A. ordenou que os corregedores entrassem nas nossas terras. Todos a reputam injusta.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — É cobarde aquele que a tal vexame se sujeitar.

D. ÁLVARO — Prudência, marquês de Montemor, escutai.

O DUQUE DE VISEU — O ódio de el-rei contra nós, claramente se manifesta nesta medida. Não nos iludamos. Convém defendermos-nos de algum modo. Como? É isso que devemos decidir, senhores; resolvei.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — E podemos hesitar em responder? Foi guerra que nos declarou D. João II? Pois bem. Guerra é resposta que lhe devemos dar. Temos homens, temos armas, temos castelos. Usemos deles. E mostremos-lhe a diferença que vai de um nobre, a quem gira nas veias o mais ilustre sangue destes reinos, a esses miseráveis plebeus, que se atrevem a levantar a cabeça porque há um rei tão esquecido da sua dignidade, que lhes estende a mão, repelindo os seus.

D. FERNANDO DE MENESSES — Sim, guerra! Oposição declarada.

OUTROS NOBRES — Sim, sim. Resistência, guerra.

O CONDE DE FARO — Por Deus, senhores. Moderai-vos. Reflecti. Guerra! Quereis que vos apelidem traidores? Quereis manchar com uma tão asquerosa nódoa os brasões gloriosos que vossos avós vos legaram?

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Não chameis traição ao que o não é: D. João II...

O CONDE DE FARO — É um rei...

O MARQUÊS DE MONTEMOR — É um tirano.

O CONDE DE FARO — Devemos-lhe obediência.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Devemos revoltar-nos.

O CONDE DE FARO — Esse procedimento seria infame.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Menos que o seu.

O CONDE DE FARO — Moderai-vos, marquês. As vossas palavras, falando do rei, são bem arrojadas!

O MARQUÊS DE MONTEMOR — E por acaso competiam com a minha dignidade e com o meu sangue as que ele, entrando em Montemor, me dirigiu, por o não receber com menos dó do que ele queria pela morte de seu pai? Respeitou acaso o meu nome quando dessa mesma vila, de que sou o senhor, me expulsou por não condescender com as impertinências do arcebispo de Braga? Ah! D. João esquece-se do que eu sou e do que me deve; ele me dá o exemplo; eu o seguirei.

O CONDE DE FARO — E é para vingar vossas ofensas, que pugnais pela guerra? Quereis uma hecatombe sacrificada ao vosso egoísmo?

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Os nobres formam um só corpo. Um insulto feito a um é feito a todos. E oxalá que fora eu o único insultado.

O CONDE DE FARO — E eu quisera que, como vassalo, vos esquecessessem as afrontas do homem.

UM NOBRE (*com ironia*) — D. João II nos dá de tal proceder o exemplo. Esquecendo-se, quando rei, das promessas que fez sendo príncipe e jactando-se disso.

O CONDE DE FARO (*aparte*) — Sempre interesses particulares, sempre ofensas corporais encobertas pela capa do bem-estar comum!

O MARQUÊS DE MONTEMOR (*desembainhando a espada*) — Todos aqueles que tiverem brios de cavaleiro, que não sofrem injúrias sem as vingar, todos os verdadeiros nobres sigam o meu exemplo. Guerra a D. João II se persistir em seus intentos. Guerra ao tirano se...

MUITOS NOBRES — Guerra! (*Vão a desembainhar as espadas*).

D. ÁLVARO (*adiantando-se*) — Suspendam, senhores! Embainhai a vossa espada, marquês de Montemor. (*Todos obedecem*). Que é isto? Que clamores são estes? Que procedimento o vosso? Acaso vos esquecestes que sois vassalos? Que sois nobres? Que sois portugueses? Guerra contra D. João II! É possível que brados tais vos saíssem dos lábios?! Quem ora é no reino o criminoso? O rei ou vós? O rei que usa dos seus direitos, ou vós que perjurais o que há de mais sagrado? Que faltais às vossas promessas? É vergonhoso proceder esse, é indigno do vosso nome, é indigno da nobreza a que pertenceis! Marquês de Montemor! Nosso pai, que lá de cima nos escuta, decerto estremeceu ouvindo a voz de um dos seus filhos levantar o criminoso grito de revolta contra o monarca a que jurou obediência. Em que tempos estamos, senhores, que já a palavra dos fidalgos de Portugal não é fiança segura de suas acções? Em que nos fiaremos nós, se as promessas mais sagradas, os juramentos mais sole-

nes assim são quebrantados por cavaleiros cristãos?! El-rei oprime-nos? Despreza-nos? Tenta sujeitar-nos a medidas que revoltam o nosso orgulho e repugnam ao nosso carácter? Pois bem, não nos curvemos à vontade de el-rei. Se nos despreza é porque não precisa de nós. Façamos-lhe, pois, entrega de quanto dele e de seus havemos, deixemos de ser seus vassalos; lá está Castela, lá estão os outros reinos que nos fornecem asilo, de onde podemos depois declararmo-nos seus inimigos. Desnaturalizemo-nos e então as hostilidades; por enquanto não; que, como vassalos que somos, tal procedimento seria indigno, seria um crime. Voto, pois, que sejam estas medidas que oponhamos às determinações reais.

O CONDE DE FARO — Apoiado, D. Álvaro, esse sim, que é um proceder leal.

O DUQUE DE VISEU — Apoiado! Castela nos abrirá os braços se a ela nos acolhermos. Apoiado!

D. GUTERRES COUTINHO — Apoiado!

QUASE TODOS — Apoiado!

O CONDE DE FARO — Que ó isto, marquês de Montemor? Não aprovais?

O MARQUÊS DE MONTEMOR — São contemplações inúteis para com um rei que as não sabe compreender.

O CONDE DE FARO — Meu irmão!

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Não costumo dizer o contrário do que penso.

D. ÁLVARO — É mesquinhez levar a tal altura a vingança de uma ofensa pessoal. Se el-rei vos ofendeu, não o sirvais por mais tempo, mas não vos torneis revel, que infame comportamento é esse.

O CONDE DE FARO — Meu irmão. O teu carácter irascivo arrasta-te nestas exagerações.. Serenado o teu espírito, certo estou que acolherás com prazer as nossas últimas medidas.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Se for a decisão unânime de todos vós, a ela me submeterei. Mas D. João II há-de vir a saber que o marquês de Montemor ainda se recorda e recordará de ter sido expulso, como um vilão, das terras onde ele era senhor. D. João II conhecerá quem eu sou e como saldo as afrontas recebidas. Acaso el-rei ignorará como em Portugal se vingam os insultos e como se castigam os insolentes? (*Ouve-se um assobio prolongado. Espanto nos nobres.*)

CENA 8.-

OS MESMOS e D. JOÃO (*mascarado, saindo da direita*)

D. JOÃO — Não ignora, não, marquês de Montemor. E a tempo se recordará.

TODOS (*levantando-se e desembainhando as espadas*) — Quem é este homem?

RUI DA SILVA — Traição!

D. JOÃO — Quem eu sou? Um conviva que não esperáveis, meus senhores, mas que se dá por convidado.

O MARQUES DE MONTEMOR — Quem és?

D. ÁLVARO — O teu nome?

O DUQUE DE VISEU — Vejamos o teu rosto, miserável.

D. JOÃO — Cedo satisfarei a vossa curiosidade, meus fidalgos.

(*Segundo assobio*).

TODOS — Estamos traídos! Aquele sinal...

RUI DA SILVA (*ao conde de Faro*) — Há por certo aqui grande traição. Aqueles sons o demonstram. Convém sair enquanto é tempo. Se houver combate, que seja em campo descoberto.

O CONDE DE FARO — Mas este homem...

RUI DA SILVA — Não vos dê cuidado. Fazei o que eu vos digo. (*Afasta-se*).

O DUQUE DE VISEU — Agora são inúteis precauções. (*Caminha para D. João*). O teu nome?

TODOS — O teu nome?

D. JOÃO (*cruzando os braços*) — Ah! ah! ah! Lindo quadro! (*Trazendo o duque à boca da cena, baixo*): Não esperava encontrar-vos por tais sítios a tais horas, meu primo; como amigo vos advirto que vos recolhais. Julguei que o sangue que nas veias vos corre era avesso a traições e rebeldias.

O DUQUE DE VISEU (*reconhecendo-o*) — Ah! (*Aterrado*). Estou perdido!

D. JOÃO (*a meia voz*) — Ainda não. Tenho pena de vós, retiraí-vos. E respeitai mais de ora em diante o vosso nome e a vossa linhagem.

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Quem é esse homem, duque de Viseu?

D. JOÃO — Quem eu sou? (*Rui apaga a lanterna, fica todo o palco às escuras*).

TODOS — Ah!... Que é isto?!

D. JOÃO — E os meus que não chegam! (*Desembainha a espada e põe-se em defesa*).

RUI DA SILVA (*gritando de fora da porta*) — A mim, a mim nobres de Portugal! Acabemos com estes traidores! A mim, marquês de Montemor, a mim, duque de Viseu, a mim todos!

OS NOBRES — Que gritos são estes?

O MARQUÊS DE MONTEMOR — Quem me chama?

O DUQUE DE VISEU (*aparte*) — Santo Deus! O rei ouviu tudo! Convém sair quanto antes.

O CONDE DE FARO (*aparte*) — É Rui que nos chama. (*Alto*): Senhores, a nossa presença torna-se fora daqui necessária. Corramos! Ao ar livre, debaixo da abóbada celeste, podemos combater, se de combater for mister. Vamos!

O DUQUE DE VISEU — Vamos!  
TODOS — Vamos.

RUI DA SILVA — Ide, não pareis. Os traidores fogem. Correi.  
(Ao lado): Retirem-se enquanto é tempo; por ora nada se avista.

O CONDE DE FARO — E tu?

RUI DA SILVA — Já vos sigo.

O CONDE DE FARO — E o outro?

RUI DA SILVA — Talvez saísse já. Ide. (Os nobres retiram-se).

CENA 9. •

RUI DA SILVA e D. JOÃO

RUI DA SILVA — Estão salvos!

D. JOÃO (*vendo-os sair*) — Cobardes! Miseráveis, não me heis de escapar, eu vos alcançarei. (Encontra-se com Rui, que lhe tolhe o passo. A porta da rua aberta deixa penetrar os raios da Lua, que iluminam o palco).

RUI DA SILVA — Alto!

D. JOÃO — Quem és tu?

RUI DA SILVA — Um homem que te proíbe de saíres.

D. JOÃO — Desvia-te, quem quer que sejas, desvia-te.

RUI DA SILVA (*cruzando os braços*) — Nem um só passo me arredarei.

D. JOÃO — O teu nome? Diz-me o teu nome?

RUI DA SILVA — Que te importa sabê-lo?

D. JOÃO — Tens razão. És nobre e, portanto...

RUI DA SILVA — Enganas-te, não sou nobre.

D. JOÃO — Não és? Então porque motivo?

RUI DA SILVA — Não me interrogues, é inútil. Não estou aqui para te responder, mas sim para te não deixar passar.

D. JOÃO — Entendo. Pagaram-te para... Eu doubro o salário. Deixa-me ir.

RUI DA SILVA (*encolhendo os ombros*) — Talvez não compreendes que laços mais fortes que os do dinheiro nos possam ligar a uma causa. Lamento-te se assim é. Mas não passarás.

D. JOÃO — Ah! ah! Provocas-me?

RUI DA SILVA — Talvez.

D. JOÃO — Desgraçado! Sabes com quem falas?

RUI DA SILVA — Não, nem preciso de o saber.

D. JOÃO — Se suspeitasses quem eu era...

RUI DA SILVA — Suspeito. Um espião.

D. JOÃO (*trémulo de raiva*) — É perigoso brincar com as garras do leão. Advirto-te. Arreda, não me tolhas o passo.

RUI DA SILVA (*com um sorriso de desprezo*) — Tentas meter-me medo, e apenas me causas riso.

D. JOÃO — Ah! Basta, basta. Queres combater, combaterás. Em defesa!

RUI DA SILVA (*tirando a espada*) — Agora sim que nos entendemos.

D. JOÃO — Em defesa!

RUI DA SILVA — Pronto.

RUI DA SILVA (*aparte*) — Ó Luísa, que a tua imagem me adoce os meus últimos instantes se eu sucumbir.

D. JOÃO — Causas-me dó! Vamos, afasta-te que eu esqueço tudo.

RUI DA SILVA — Ah! ainda não? Agora sou eu que ataco. Defende-te.

D. JOÃO (*aparte*) — E o tempo a correr! Acabemos com este louco! (*Alto*): Pesa-me ter de passar por cima do teu cadáver, mas enfim assim o queres... (*Combatem*). (*Combatendo*): Bem aparado, meu bravo, óptimo.

RUI DA SILVA (*combatendo*) — Sois conhedor. Bem o vejo. D. JOÃO (*jogando-lhe um bote*) — E este?

RUI DA SILVA (*idem*) — Melhor o jogareis assim.

D. JOÃO (*combatendo*) — Tem seus contras. (*Tocando-lhe no ombro*). Ah! Feri-te? Não é de cuidado. Estás satisfeito?

RUI DA SILVA — Não, que ainda estou vivo.

D. JOÃO — Desistes do teu intento?

RUI DA SILVA — Respondo-te com obras e não com palavras. (*Prepara-se para continuar*). Em defesa!

D. JOÃO — Tenho sincera pena de te matar porque és bravo, mas não posso perder tempo. Vamos.

RUI DA SILVA (*combatendo*) — Assim, assim, quero pagar-te uma pequena dívida.

D. JOÃO (*combatendo*) — Espera que ela seja mais avultada.

RUI DA SILVA (*idem*) — Sou pronto em minhas contas.

D. JOÃO (*idem*) — Veremos. (*Rui da Silva com a ponta da espada tira a máscara a D. João, vendo-o à luz do luar, reconheceu-o. Solta um grito*).

D. JOÃO — Bem jogado.

RUI DA SILVA — Ah! (*Abaixa a espada*).

D. JOÃO — Feri-te. (*Aproxima-se dele*).

RUI DA SILVA — Não estou ferido, mas conheci o meu contendor.

D. JOÃO — Ah! Sim? Igual fortuna não me coube ainda. Quem és?

RUI DA SILVA — O pajem do conde de Faro.

D. JOÃO — Um pajem!

RUI DA SILVA — Perdoe Vossa Alteza, mas eu ignorava...

D. JOÃO — Por Cristo! Que muito folguei conhecer-te. És o mais fiel e valente pajem, que nunca hei visto.

RUI DA SILVA (*inclinando-se*) — Beijo as mãos a V. A.

D. JOÃO — O teu nome?

RUI DA SILVA — Rui da Silva.

D. JOÃO — Ah! *(Aparte)*: É conhecido de Luísa. *(Alto)*: Rui da Silva, os paços reais estão sempre abertos para tudo quanto é bravo e honrado. Espero tornar a ver-te. Agora, pressa tenho. Deixa-me passar.

RUI DA SILVA — Perdão, mas por ora ainda não.

D. JOÃO — Quê! Serás capaz?...

RUI DA SILVA — Haveis de me matar para que possais sair.

D. JOÃO — Intentas prender-me aqui?

RUI DA SILVA — Intento apenas demorar el-rei até quando for conveniente.

D. JOÃO — Cuidas salvá-los? Enganas-te. Os meus os esperam.

RUI DA SILVA — Confio que os não venceriam ainda que os encontrassem.

D. JOÃO *(aparte)* — Ainda! Enganar-me-ia eu? Aqueles sinais... *(Alto)*: Rui da Silva, destes até aqui provas de bravura, não as deis agora de rebeldia.

RUI DA SILVA — Sou criminoso, conheço; serei castigado, embora.

D. JOÃO — Não contes com a minha bondade. Como homem, sofro que me resistam e folgo de encontrar um bravo; como rei, quero que me obedeçam e castigo os revéis.

RUI DA SILVA — Castigai-me. Mas enquanto eu viver e eles não forem longe, não passareis.

D. JOÃO — Estás louco?

RUI DA SILVA — Talvez seja loucura, mas é uma resolução.

D. JOÃO — Não conheces D. João II?

RUI DA SILVA — É um valente e inexorável rei.

D. JOÃO — Nada tens ouvido dizer do seu génio irascível?

RUI DA SILVA — Sim, tenho. Irrita-se se o contradizem, exaspera-se se lhe resistem e castiga sem comiseração.

D. JOÃO — É exacto. E atreves-te?

RUI DA SILVA — Atrevo.

D. JOÃO — É a tua perdição.

RUI DA SILVA — Embora.

D. JOÃO — É a morte.

RUI DA SILVA — Melhor.

D. JOÃO — E por causa deste louco, hei-de deixar fugir a mais bela vingança que...?

RUI DA SILVA — Em breve vos cederei o passo; já não ireis a tempo.

D. JOÃO — Por Deus! Que é quase uma provocação. Retira-te!

RUI DA SILVA — Ainda não.

D. JOÃO — Pois bem, começemos. *(Apronta-se para combater)*.

RUI DA SILVA — Não combato com o rei.

D. JOÃO *(embainhando a espada, concentrado)* — Sabes a história de Lopo Vaz, o Torrão?

RUI DA SILVA — Sei.

D. JOÃO — Como morreu?

RUI DA SILVA —Assassinado.

D. JOÃO —Por quem?

RUI DA SILVA —Pelas mãos homicidas de seis facínoras.

D. JOÃO —Assalariados por mim. E sabes porque o mataram?  
RUI DA SILVA —Por ser rebelde.

D. JOÃO —A meu pai D. Afonso V. Qual será pois a sorte que te espera?

RUI DA SILVA —A mesma.

D. JOÃO —Ou pior, que a afronta é feita a mim e de mais vulto.

RUI DA SILVA —Seja como quiserdes. Conto com o algoz.

D. JOÃO —Deixa-me sair e juro-te que tudo me esquecerá.

RUI DA SILVA —Mais um instante e obedecerei.

D. JOÃO (*furioso*) —Ah! D. João II é como o leão. Generoso quando lhe obedecem ou quando lealmente o combatem, cruel quando o irritam. (*Apontando-lhe uma pistola*): Arredar-te-ás ou não?

RUI DA SILVA (*imóvel*) —Não

D. JOÃO —Não tens amor à vida?

RUI DA SILVA (*sorrindo com desprezo*) —Não.

D. JOÃO —Não tens ninguém que te ame?

RUI DA SILVA (*com um sorriso amargo*) —Não.

D. JOÃO —Não amas ninguém?

RUI DA SILVA (*depois de uma pausa, suspirando*) —Também não.

D. JOÃO —Encomenda a tua alma a Deus, que vais morrer.

RUI DA SILVA —Estou preparado.

D. JOÃO —Pela última vez, retira-te.

RUI DA SILVA —Pela última vez, não.

D. JOÃO —Então morre. (*Dispara o tiro*).

CENA 10.'

### OS MESMOS e LUÍSA

*No momento em que D. João dispara o tiro, Luísa pálida e desgrenhada coloca-se entre os dois, desvia-lhe o braço e a bala vem bater na parede fronteira.*

LUÍSA —Ah!

RUI DA SILVA e D. JOÃO —Luísa!

LUÍSA —Suspendam, suspendam! (*A D. João*): João, não o mates, não o mates, é Rui, é meu irmão. (*A Rui da Silva*): E tu... perdoa-lhe, Rui, perdoa-lhe, é o homem que eu amo.

RUI DA SILVA (*dando um grito*)—Ele (*Cobre o rosto com as mãos*).

D. JOÃO —Luísa.

LUÍSA —Oh! Deus do Céu! Que sonhos, que sobressaltos me atormentavam! E que realidade mais medonha ainda! Como foi isto?!

Quem vos armou um contra o outro? Iam-se matar! E eu... como poderia viver depois?

D. JOÃO — Luísa, retira-te.

LUÍSA — Que me retire! Que vos deixe sós! Cruéis! Não sabem que neles e meu pai se resume tudo que neste mundo amo; não, não vos deixarei.

RUI DA SILVA (*contemplando Luisa*) — Oh! Que amargo desengano o meu! Em que poderei acreditar nesta vida, se numa beleza de anjo, que eu julgava ocultar um tesouro de candura e de inocência, só havia o amor torpe e criminoso, o interesse mesquinho e grosseiro?!

LUÍSA — Que diz ele?!

D. JOÃO — Rui da Silva!

RUI DA SILVA — E eu amava-a! Adorava-a! Assim profanava o amor, consagrando-o a uma mulher em cujo seio se acalentava o vício, como em mimoso e florido ramo se oculta a áspide venenosa!

LUÍSA — Acaso enlouqueceria?!

D. JOÃO (*aparte*) — Compreendo tudo! Pobre Luísa.

RUI DA SILVA — Louco? Não estou louco. Louco estava quando te amei, quando te confessei a minha paixão, quando te falei em tua mãe. Estava louco quando contigo me ocupava de sentimentos nobres; como os podias tu compreender? Agora não. Sei tudo. Rio-me de mim mesmo, rio-me do que fui, do que pensei, do que fiz. Ah! ah! Rio-me sim, não sei se de alegria, se de desespero. Fui ridículo, não fui, Luísa? Recordar cenas da infância, chamar irmã, amiga, esposa... oferecer o meu amor, o meu sangue, a minha vida à mulher cujo coração se fechara aos sentimentos que enobrecem a alma e fazem a glória de quem os possui, à mulher que especulara com o amor, vendendo-o a quem mais caro o podia comprar, à mulher que oferecera a honra em holocausto à sua ambição, à amante do rei de Portugal!

LUÍSA — Ah! Essas palavras... querem dizer... (*olha para D. João*).

D. JOÃO (*baixando a cabeça*) — Luísa.

LUÍSA (*aterrada*) — Ah! É isso, é isso! Agora comprehendo. Castigo de Deus! (*Cai desfalecida*).

D. JOÃO — Desgraçado! Mataste-a! Ela ignorava tudo. (*Ajoelha*).

RUI DA SILVA — Ignorava! (*Curva-se*). Luísa! Luísa! — Matá-la-ia, meu Deus?!

CENA 11.

OS MESMOS e ANDRÉ GIRARTE (*entrando do fundo com uma lanterna*)

ANDRÉ GIRARTE — Pelos modos a minha estratégia produziu efeito. Assobiando quando me assegurei de que longe estavam os companheiros do meu desconhecido; os nobres assustados correram a reconhecer os perigos de que os avisava e tudo se sossegou da melhor maneira possível. Desta forma não fui traidor, não comprometi ninguém, e esquivei-me à tal fineza da bala na cabeça com que o

mascarado me queria mimosear, caso eu... Sim, pois como há-de ele saber quem foi, que... para isso me retirei logo que tal fiz... Resta saber se... (*Reparando no grupo de três*): Mas quem está ali? (*Reconhecendo Rui*): Rui ainda! —Mas o outro? (*Aproxima-se*). Ah! o desconhecido! (*D. João volta-se, a luz dá-Ihe no rosto*). Trindade Santíssima! O rei! — (*Deixa cair a lanterna, a luz apaga-se*).

D. JOÃO — Desastrado! Correi, trazei uma luz depressa.

ANDRÉ GIRARTE (*sem atender*) — O rei!

D. JOÃO — Ouvis?!

ANDRÉ GIRARTE (*querendo ajoelhar*) — Senhor! Senhor! Por piedade!

D. JOÃO — Então?! Aviai-vos. Vossa filha morre.

ANDRÉ GIRARTE — Minha filha!

D. JOÃO — Andai! Uma luz depressa!

ANDRÉ GIRARTE (*correndo*) — Minha filha! Acaso... Ó Santo Deus! Minha filha!... (*Sai por a esquerda*).

CENA 12."

RUI DA SILVA, D. JOÃO e LUÍSA

RUI DA SILVA — Ainda vive! O coração palpita-lhe.

D. JOÃO — Deus não há-de permitir a morte desta inocente.

LUÍSA (*voltando a si, mas com as ideias desordenadas*) — Ah! Era o rei! O rei!... E eu disse-lhe tudo!... Meu pai... Rui... o conde... todos estão perdidos! Lá vão para o suplício! E sou eu a causa da sua morte! Como eles me olham... apontam-me... riem-se com desprezo... vão amaldiçoar-me. Oh! Não, não, piedade! Eu não sabia, amava-o... mas não sabia nada... Oiçam-me, perdoem-me... Oh! Livrem-me, livrem-me daqueles olhares que me matam! Escondam-me. E o outro?... O outro!... Rui, não o mates, não o mates que eu ainda o amo! É rei! Amá-lo é crime, mas posso eu vencer este amor? Posso abafar este incêndio que me lavra no coração? Ai, não, não posso, morro, mas amo-o.

CENA 13.'

OS MESMOS e ANDRÉ GIRARTE (*com uma luz*)

ANDRÉ GIRARTE — Senhor, senhor! Perdão para mim; perdão para ela.

D. JOÃO — Calai-vos, homem. De perdão careço eu. Imploremo-lo a este anjo.

LUÍSA (*vendo André Girarte*) — Meu pai... Rui da Silva... Seria acaso um sonho?! Oh! se o fora... mas não foi, não... As tuas lágrimas, Rui, me dizem que não foi. A tua presença, João... perdoe-me V. A., mas... ai, que desgraçados amores estes!

ANDRÉ GIRARTE — Minha filha! Que tens tu? Santo Deus! Que palidez! Que suores frios lhe banham o rosto!

LUÍSA (*consigo mesma*) — Como as coisas são! Como o destino se cumpre!

D. JOÃO — Luísa, minha Luísa.

ANDRÉ GIRARTE — Que oíço?!

RUI DA SILVA — Pobre pai!

LUÍSA (*a D. João*) — Oh! Deus to pague... Deus pague a V. A. o prazer que me dá em me não abandonar nesta hora...

D. JOÃO — Chama-me como até hoje. Não vejas em mim o rei. Para ti quero ser sempre o mesmo.

ANDRÉ GIRARTE — Acaso... Oh Deus meu! Princípio a suspeitar.

RUI DA SILVA (*a D. João, com um sorriso amargo*) — Contemple V. A. a sua obra, reveja-se nela. Não é tão belo ver um rei fazer desta sorte a felicidade dos seus vassalos?

D. JOÃO (*melancólico*) — Rui. Isso é crueldade, mas perdoa-te.

LUÍSA (*com voz lenta e fraca*) — Está-me agora a lembrar uma cena da minha infância... E há quem não acredite em agouros?! Era na noite de São João, tinha então treze anos. Eu e minha mãe nos conserváramos a pé ouvindo os folguedos e cantares próprios daquela noite. Como de costume, lançara à fogueira a minha alcachofra para interrogar o presente a respeito do futuro. No dia seguinte a alcachofra tinha ardidô; e estava tão requeimada! E toda a noite tinha ouvido o piar triste da coruja! «Se acreditarmos em agouros, filha, me disse minha mãe, infeliz serás com os teus amores, que eles te darão a morte». Ai, e assim foi... assim há-de ser. Bem infeliz e... morta.

D. JOÃO — Não... não. Para que te entregas a tão tristes ideias?

RUI DA SILVA — Luísa! A morte na sua idade! Com a sua beleza! É impossível.

ANDRÉ GIRARTE — A morte?! A morte?! E eu, filha, hei-de ficar só?

LUÍSA — Ai, meu pobre pai! É certo, é certo; eu vou deixar-vos...

ANDRÉ GIRARTE — Deus do Céu!

LUÍSA — Foi muito intenso o golpe; o homem que eu amava, que jurava amar-me lealmente, mentia. Não podia amar... porque era... rei!

ANDRÉ GIRARTE (*cobrindo o rosto*) — Como podia suspeitar?!

D. JOÃO — Luísa, eu não menti. Amei-te e amo-te ainda.

ANDRÉ GIRARTE (*limpando as lágrimas*) — Rei de Portugal! Era culpado para convosco... mas, senhor, o castigo excedeu a culpa! Deus vos perdoe o mal que fizestes.

RUI DA SILVA — A honra dos pobres que é para um rei? Uma flor que desfolha por passatempo, um fruto que lhe produz o seu vasto reino e que ele à vontade saboreia.

D. JOÃO — Por Deus, que nos ouve, por a série gloriosa de reis, meus avós, por amor de minha esposa e a cabeça de meu filho, por estes reinos que Deus me confiou, por esta mártir, por tudo quanto

há de mais sagrado sobre a Terra ; juro que respeitei sempre em Luísa a virgem pura e inocente como pela primeira vez a vi, forte da sua fraqueza. Mal iria àquele que o contrário pensasse; como o primeiro cavaleiro do seu reino, competia-me defender uma dama ultrajada. E por Cristo! que bem a defenderia! Como havia de pagar a calúnia, quem de a caluniar se lembrasse.

ANDRÉ GIRARTE — Obrigado, senhor. Creio nas vossas palavras. Mas, não me tirando a honra, deixar-me-eis a felicidade?

LUÍSA — Perdoai-lhe, meu pai... como eu lhe perdoei. Era destino, havia de cumprir-se. Rui, que te não veja mais esse ar sombrio que me aterra, esse silêncio que me dilacera o coração. Oh! Como ha pouco as tuas palavras me fizeram sofrer! Nem sei como não morri logo! Serás inflexível? Não me perdoarás?

RUI DA SILVA — Sou eu que te peço perdão, meu anjo, eu, que sou o criminoso. Luísa, minha irmã, minha amiga... Era a ti que te havia de perdoar?

LUÍSA — E aos outros?

RUI DA SILVA (*sombrio*) — Aos outros... sim...

LUÍSA — E perdoarás?

D. JOÃO — Rui da Silva, André Girarte; D. João II, o rei de Portugal, pede-vos perdão, implora-vos-lo em nome deste anjo, em nome de tua irmã, Rui, em nome de tua filha, André.

ANDRÉ GIRARTE — Pedi perdão a Deus, senhor, que é a quem os reis têm de dar contas. Decerto o obtereis porque essa mártir o implorará.

RUI DA SILVA — Vós, senhor, haveis sido a causa de todos os meus sofrimentos, mas eu esqueço tudo, porque tendes respeitado a inocência indefesa. Só vos peço que não mais sacrificieis a interesses e vinganças a felicidade dos vossos vassalos, senão... desnaturalado rei! e desventurado povo!

D. JOÃO — Rui, Luísa, ainda podem voltar para vós dias de felicidade. Vivei e...

RUI DA SILVA — Oh! Calai-vos, calai-vos.

LUÍSA — Felicidade? Sim, há-de voltar... no Céu. Agora um pedido meu, João, e deixai-me por o pouco tempo que me resta a viver dar-te ainda este tratamento, desprezar as etiquetas, sonhar mais alguns instantes.

ANDRÉ GIRARTE (*chorando*) — Filha, minha filha!

LUÍSA — Por mim descobriste uma conspiração, revelei-te um segredo que ora vejo conduzir à ruína milhares de infelizes, lançará no infortúnio centenares de famílias, fará um sem-número de viúvas e órfãos. João, poupa-me este pesar, poupa-me este remorso; não faças da mulher que, iludida, te entregara o seu amor, uma delatora infame... Perdoa, perdoa a todos... esquece tudo o que viste hoje... Prometes-mo?

D. JOÃO (*baixando a cabeça*) — O que me pedes, Luísa?!

LUÍSA — Uma coisa que a vossa honra e o vosso coração vos hão-de aconselhar, senhor. Interrogai a consciência, sujeito-me às suas decisões. Resolvei, mas depressa, depressa... que poucos instantes me restam... (*André Cirarte dá sinais de desolação*).

D. JOÃO (*depois de curta pausa*) — Tens razão. D. João II não se lembrará de nada do que viu e ouviu aqui, a não ser...

LUÍSA — A não ser...

D. JOÃO — Das nobres palavras de alguns dos seus mais leais servidores, cuja grandeza de alma e firmeza de carácter teve hoje ocasião de apreciar. Disso se lembrará ele sempre; o mais tudo lhe esquecerá.

RUI DA SILVA (*ajoelhando*) — Agora sim, que vejo em vós um magnânimo e generoso monarca e um honrado e nobre cavaleiro, agora sim, que reconheço um rei digno destes reinos, digno de estima do povo, digno até... do amor de Luísa.

D. JOÃO (*levantando-se*) — Digno da tua amizade?

RUI DA SILVA — Do meu respeito, da minha veneração.

D. JOÃO — E da tua amizade?

LUÍSA (*desfalecendo*) — Ah! chegou a hora do passamento. Eu sinto-a. (*A André Girarte*): Vós, meu pai, não choreis, que as vossas lágrimas não me deixam morrer com serenidade de espírito. Agradecei a Deus, agradecei a Deus o haver-me tirado a vida. Depois do acontecido, que tormento ela não seria!

ANDRÉ GIRARTE — Filha, filha! Deus não há de querer privar um pai da sua única alegria. É impossível!

LUÍSA — É a verdade. Eu já o adivinhava... que se aquele amor que era todo o meu pensamento, que todo me enchia o coração... se aquele amor me faltasse... eu não resistiria. E assim foi... e eu tanto receava do dia de hoje. E digam que não há pressentimentos,

ANDRÉ GIRARTE — Oh! isto é de enlouquecer!

LUÍSA (*a Rui*) — Rui, ainda há pouco muito te fiz sofrer, quando te revelei tudo, pois não fiz? Não me guardes ressentimento, meu irmão. Estás vingado. Deus feriu-me com as mesmas armas com que te feri.

RUI DA SILVA — Luísa, minha irmã, para que vêm agora essas ideias? Sossega, sossega.

LUÍSA — És generoso, Rui. Obrigado, muito obrigado. (*A D. João*): João, amei-te tanto! Não fica mal talar assim a D. João II, pois já estou às portas da morte; amei-te e ainda te amo. Olha! eu não quero que te lembres muitas vezes de mim — os reis têm tanto em que cuidar! — mas quando às vezes uma palavra, um objecto, um sinal qualquer te recordar a pobre filha do povo, a quem despedaçaste o coração, mas que tudo te perdoou, João, pelo que mais estimas neste mundo te peço que consagres uma lágrima, um suspiro à sua memória... Se soubesses como esta lembrança me suaviza a hora final,

D. JOÃO — Luísa, D. João II lembrar-se-á sempre com amor e saudade da virgem inocente que encontrou no agro caminho da sua vida. Da pura e cândida flor, cujo viço e formosura mais que nunca lhe fez lamentar a sua condição de rei.

LUÍSA — E a tua promessa?... Ainda te não esqueceu?...

D. JOÃO — Não me esquecem as promessas que faço. De novo o juro: enquanto novas provas não houver da sua traição, os nobres não têm que recear, pois tudo quanto em meu desfavor aqui ouvi, será esquecido.

LUÍSA — Deus to pague. E evita, evitai sempre derramar sangue durante o vosso reinado... que mal vai a um rei que para se sustentar no trono precisa de sacrificar vassalos. (*Pondo a mão no coração*): Ah! Meu pai... Rui... João... reúnam-se todos aqui junto de mim.

D. JOÃO — Luísa! Santa Virgem! Está desfigurada... Depressa; depressa, não me havia ocorrido, o médico da minha casa...

LUÍSA — Não. Não... não quero... Adeus, meu pai, acabaram-se os vossos sobressaltos, agora descansai, que de descanso precisais... Adeus... Rui, meu amigo, meu companheiro de infância... João... todos vós aqui estais... os que eu... mais amo. (*Passando a mão pela testa*): Rei de Portugal... não despedaceis mais corações... que é tão doloroso! O vosso amor traz a morte ou a desonra... É como o fogo do raio... que cresta e destrói quantas flores encontra... e não como o do Sol que lhes dá vida e verdura... Reservai-o para o vosso povo e para o vosso... filho... Minha mãe... minha mãe... que dos Céus me estende os braços... Eu vejo-a... eu vejo-a... Oh! Virgem Santíssima!... Adeus... (*Expira*). (*André Cirarte cai de joelhos com a cabeça pendida no colo de Luísa, Rui da Silva, de joelhos também do outro lado, lhe leva a mão aos lábios; D. João por detrás em pé, contempla-a pensativo*). (*Instante de silêncio*).

ANDRÉ GIRARTE (*soluçando*) — Minha filha! Luísa, filha da minha alma! Como pode haver vida sem ela?!... Ó Deus meu, deixai-me segui-la.

RUI DA SILVA — Está fria! É morta! (*Pausa*). Anjo de beleza e virtude... fui eu que te revelei o fatal segredo, que assim te matou! Eu que te levei aos lábios a taça envenenada! Haverá perdão para mim?

D. JOÃO (*sombrio e triste, a meia voz*) — Nos meus cálculos políticos, nos meus projectos de vingança, atendendo a tudo, esqueceria-me contar com o coração. Tão costumado ando a não o encontrar naqueles com quem lido, que de estranhar não é que sem ele julgasse a todos. Enganei-me e que amargo foi o desengano!

ANDRÉ GIRARTE (*com desesperação*) — Morta! Morta! E esta minha vida que me não deixa para a seguir...

D. JOÃO (*comovido*) — Pobre anjo! Pobre mártir! (*Limpando as lágrimas*): Julguei que os ares do trono me tivessem secado todas as

lágrimas. Ainda me restavam estas! Ora, pois... que sejam as últimas... O mundo não quer que os reis chorem... E sê-lo-ão?

RUI DA SILVA (*erguendo-se*) — Senhor! Que vos não vejam aqui. A vossa presença ao pé deste cadáver pode concorrer a manchar a memória da mulher que haveis sacrificado.

D. JOÃO — Tens razão, amigo. Rui da Silva, pedi-te há pouco a tua amizade, estendi-te a mão e não me respondeste. Apodera-se tanto o ressentimento e o ódio do teu coração? Serás mais inexorável do que ela? (*Aponta para Luisa*).

RUI DA SILVA — Senhor, ao rei deve-se respeito e obediência.

D. JOÃO — Não será, pois, o rei que te faça esse pedido; mas sim o homem que contigo há combatido, que ora sente a mesma dor que tu, porque o mesmo amor sentia.

RUI DA SILVA — Oh! Senhor, quem não aceitará a amizade de D. João... quem não aceitará a vossa amizade? (*Apertam as mãos*).

D. JOÃO — Conto ver-te em breve no meu serviço.

RUI DA SILVA — Perdoe V. A. O conde de Faro é o homem a quem sirvo, a quem hei-de servir enquanto vivos formos. Segui-lo-ei a toda a parte... e quem sabe por onde nos arrastará a fortuna!

D. JOÃO — Por Deus! Não espero que o conde de Faro tencione sair dos meus reinos. Dir-lhe-ás da minha parte, Rui, que D. João II estima e avalia como deve os caracteres nobres, que compreendem o dever, e para os quais a honra é lei a que sempre atenderam. Dir-lhe-ás e a D. Álvaro, que nos paços reais encontrarão sempre um amigo, que lhes abrirá os braços se a eles se acolherem. O rei de Portugal não odeia os nobres, odeia só os rebeldes e criminosos. (*Voltando-se para André*): André Girarte, pai infeliz... fiz-vos padecer muito. Contraí para convosco uma dívida, que não sei como pagarvo-la; mas dizei-me o que desejais, exigi o que quiserdes, que à fé vo-lo juro que o obttereis.

ANDRÉ GIRARTE (*levantando-se*) — Senhor Rei de Portugal! Nada tenho a pedir-vos; a única ventura que podia desejar, era possuir minha filha; essa... não ma podeis vós dar... Agora nada mais me resta a esperar, de vós nada posso eu receber. A outro soberano dirigirei minhas súplicas, e hei fé que serei atendido; por pouco tempo eu serei vosso vassalo, senhor.

D. JOÃO — Que quereis dizer?! Acaso tencionais?

ANDRÉ GIRARTE — Espero que cedo abandonarei este por outro reino melhor; aonde se não padece, aonde se não receia, aonde se encontram aqueles que se amam e... aonde não há soberanos, que mal compreendendo a sua missão, semeiam a tristeza e a desolação na casa das seus vassalos, a quem deviam levar somente venturas.

D. JOÃO ("erguendo a cabeça") — André Girarte!

ANDRÉ GIRARTE — Deus vos perdoe, D. João II; é o que eu vos desejo e Lhe peço, mas quem sabe se vos estará reservada igual pena? Tendes um filho, Rei de Portugal e o herdeiro do trono, quem sabe se

nele vos castigará o Senhor? ' Oh! rogai-Lhe, rogai-Lhe para não sentirdes a dor de um pai que perde o seu único orgulho, a sua única luz, a sua única esperança neste mundo. Que isolamento, que desespero, que vazio se não encontra na vida! Deus afaste de vós esse castigo, que é horrível, Ele vos perdoe, como vos perdoou este anjo e como eu vos perdoo.

D. JOÃO (*aparte*) — O meu filho, o meu Afonso... Santo Deus! não castigueis nele as culpas do pai, eu sou o pecador. (*Alto, ajoelhando ante o cadáver de Luísa*): Luísa, ora que estás no Céu, sé o meu anjo da guarda. A tarefa de rei é tão pesada, o caminho que seguimos tão cheio de extravios e precipícios, que, sem a protecção de um anjo, difícil é caminhar seguro e direito, atingir o verdadeiro fim: «a felicidade de um povo». D. João II toma-te por sua protectora, por estrela que o orientará na difícil viagem que vai empreender, por o facho que o há-de conduzir. Com tão santa protecção espero de ora avante saber reinar, espero tornar venturoso este reino, que Deus e meu pai me confiaram.

ANDRÉ GIRARTE — O Senhor o permita!

CENA 14.<sup>1</sup>

OS MESMOS e ANTÃO DE FARIA (*entreabrindo a porta cauteloso*)

D. JOÃO (*ouvindo o barulho*) — Quem anda aí? (*Ouvindo el-rei, Antão de Faria mostra-se*). Ah! és tu, Antão de Faria? Aproxima-te, homem. Que tens feito?

ANTÃO DE FARIA (*percorrendo os outros interlocutores com a vista*) — Chegamos agora, e...

D. JOÃO — Agora!... Então os sinais que há pouco... Melhor foi assim. Ouve, Antão de Faria, manda retirar tua gente que precisa já não é. Há aqui um cadáver... há aqui uma mulher... morta, um anjo de beleza e de inocência. Quero que se lhe façam as honras fúnebres... quero...

ANDRÉ GIRARTE — Senhor, não ordeneis. As honras fúnebres de minha filha a mim compete fazê-las. — (*A meia voz*): Causaste-lhe a morte, quereis também causar-lhe a desonra?

D. JOÃO — É justo. Triste sina esta a dos reis! Luísa, pela última vez, adeus. (*Beija-lhe a mão*). (*Em voz baixa*): Pede ao Senhor por mim, que ele se amerceará de um pecador! (*A Rui*): Rui, outra vez quero apertar essa mão que é a de um leal e honrado homem. (*Aper-tando-lha*): Amigo, até cedo.

RUI DA SILVA — Quem sabe até quando?...

D. JOÃO — André Girarte, não poderei esperar de vós uma só palavra de amizade? Homem, a dor torna-vos duro e cruel.

<sup>1</sup> D. Afonso, filho de D. João II, morreu ainda infante de uma queda de um cavalo.

ANDRÉ GIRARTE — A amizade dos reis é funesta, mas já agora nada nesta vida receio. (*Aperta-lhe a mão*).

ANTÃO DE FARIA (*aparte*) — Que estranhas cenas estas! (*Alto a D. João*): V. A. que determina?

D. JOÃO — Nada.

ANTÃO DE FARIA (*a meia voz*) — Os nobres?

D. JOÃO (*idem*) — Aqui estiveram.

ANTÃO DE FARIA (*idem*) — Saíram já?! E V. A. ouviu-os?

D. JOÃO (*idem*) — Ouvi.

ANTÃO DE FARIA (*idem*) — E então... deixa-os assim?!

D. JOÃO (*trazendo-o da porta*) — Antão de Faria, pensei melhor; por enquanto não convém obrar; preciso é mesmo assegurar-lhes que os corregedores não entrarão em suas terras e...

ANTÃO DE FARIA — E porquê?!

D. JOÃO — Meu filho D. Afonso reside ainda em Moura e eu não quero que uma imprudência minha o sacrifique mais tarde...

ANTÃO DE FARIA (*mudando de tom*) — Novas importantes trago.

D. JOÃO — Quais novas?

ANTÃO DE FARIA — Venho de praticar com dois homens do duque de Bragança.

D. JOÃO (*interessado*) — Ah! E então?

ANTÃO DE FARIA — Gaspar Jusarte me havia já dito que seu irmão tratava por ordem do duque com os soberanos de Castela; hoje acresceu o testemunho e confissão do mesmo Pêro, que me entregou a própria instrução de D. Fernando, o duque, para a rainha Isabel. Ei-la. (*Dá-lhe um pergaminho*). Com eles mesmos pode V. A. praticar.

D. JOÃO — Ah! Deixa ver... (*Lê-a*).

ANTÃO DE FARIA — O misterioso personagem, que se ocultava em casa de Jerónimo Fernandes, meirinho do duque, era Tristão de Vila Real, homem muito da privança da rainha de Castela. Com ele praticaram em Vidigueira, o duque e o marquês de Montemor e do que disseram e fizeram, e muito foi em desserviço vosso; aqui vem relatado. (*Dá-lhe outro pergaminho*). Isto junto às revelações de Lopo de Figueiredo...

D. JOÃO (*lendo*) — Bem, bem... (*Examinando o resto*): Ah! Agora é evidente. Jurei que não procederia contra os nobres enquanto novas provas não tivesse que os acusassem e eis que elas já me chegam e de sobejo. É Deus que assim o quer, é o destino que os persegue. Procederei de outra maneira mais segura, menos arrojada. Por enquanto prudência e dissimulação, mas depois... Há pouco ia-me vingando como um simples cavaleiro, agora a vingança será de rei. E há-de ser tal que os amedronte e quebre os ânimos, para que não mais se atrevam a fitar as vistas tão alto. A época de D. João II será citada como a última hora de soberania da nobreza. (*Sai arrebatado. Antão de Faria segue-o*).

RUI DA SILVA (*vendo-o sair*) — Aquele carácter não se doma! Aquele coração não se esquece! É como o Oceano que num momento e bonança para em breve se tornar em borrasca tormentosa.

ANDRÉ GIRARTE — Ainda bem que não serei eu que veja as fúrias do leão embravecido. (*Ouve-se uma hora*).

FIM DO DRAMA

VII

## UM SEGREDO DE FAMÍLIA

(Comédia original) em tres actos)

*Escruta por Júlio Dinis aos 21 anos (1860)*

## PERSONAGENS

*A cena passa-se em casa de Gustavo—Época, 1850*

## ACTO 1 ,»

*Gabinete de estudo em casa de Gustavo, portas ao fundo e laterais. À direita uma estante com livros e um pequeno museu de história natural; junto uma mesa, também cheia de livros e papéis em desordem. À esquerda um sofá.*

CENA 1 .

GUSTAVO (*sentado à mesa, examinando uma planta ao microscópio*).  
ADELAIDE (*recostada no sofá, lendo*)

GUSTAVO — Decididamente é uma nova espécie de reseda que eu ainda não possuía.

ADELAIDE (*lendo*):

Os raios daquele olhar  
Que, em hora de intenso gozo  
De ti colhi, doce encanto!  
Ai, mudaram meu repouso  
Num porfiado penar!

GUSTAVO (*voltando a cabeça*) — Que dizes tu ?

ADELAIDE — Nada, Continua com a tua botânica.

GUSTAVO (*examinando a flor*) — Seis pétalas hipogínias, irregulares, recortadas; ovário quase séssil; com cinco curtos estiletes...

ADELAIDE (*lendo*):

Que mistério és tu na Terra?  
Luz, ou flor? Estrela, ou anjo?  
Es rosa cándida ou lírio.  
Que no prado...

GUSTAVO — Que dizes tu de lírio e de rosa?

ADELAIDE — Nada, já te disse. Olha, é uma declaração de amor metrificada que recebi esta manhã.

GUSTAVO (*com indiferença*) — Ah!

ADELAIDE — Queresvê-la?

GUSTAVO — Para quê?

ADELAIDE — Para me ajudares a responder-lhe.

GUSTAVO — Não me entendo com esse género de epístolas.

ADELAIDE — E eu que o sei. Quando releio as cartas que me escreveste em solteira, não posso suster o riso; parece-me estar a ler um compêndio de história natural.

GUSTAVO — Já vês, pois...

ADELAIDE (*examinando o papel*) — Mas, efectivamente, estas palavras têm o quer que é de sentidas. Aqui há verdade. Ora ouve: «Mulher...»

GUSTAVO — Oh! por quem és! Deixa-me em sossego.

ADELAIDE (*olhando-o*) — Que homem! Eu chego a duvidar que a natureza te fizesse à imitação dos maus. Ora diz-me, não sentes ciúmes?

GUSTAVO — Bem sabes que isso consome muito tempo inutilmente, e ele é tão precioso!

ADELAIDE — Mas se...

GUSTAVO — Alto! Detesto todas as orações que principiam assim; de ordinário anunciam impedimentos, dificuldades. Quem muito nelas pondera, pouco obra. (*Examinando a flor*): Cápsula angulosa, unilocular.

ADELAIDE — Bom; já vejo que nada há nesta vida que possa arrancar-te ao cruel passatempo de martirizar as pobres plantas que têm a desventura de te cair nas mãos. São os teus únicos amores.

GUSTAVO (*examinando a planta*) — Grãos numerosos presos a placentas laterais, perisperme nulo.

ADELAIDE — E esses mesmos! Amas as flores, é verdade, mas prosaicamente. Desfolha-las, murcha-las, mirra-las nos ervários e aborrece-las nos jardins; esqueces a linguagem singela e quase sempre poética pela qual o povo as designa, e baptiza-las com nomes extravagantes e bárbaros, que mal cabem a essas pobres flores, coitadas, tão pouco pretensiosas. E aí está a tua vida, os teus prazeres, as tuas emoções.

GUSTAVO — És doida! Julgavas mais interessante, mais útil, que eu ocupasse o meu tempo a ouvir ler as insulsas frioleiras que te escreve todos os dias a numerosa coorte dos teus admiradores?

ADELAIDE — Não, mas desejava que elas te dessem mais cuidado. Tens uma confiança que, ou depõe muito contra os meus atractivos, ou demasiado a favor do teu merecimento.

GUSTAVO — Minha querida, graças ao meu modo de viver retirado, o mundo é para mim um elemento nulo, que não introduzo nos cálculos da minha vida. Esses cuidados que dizes, tem-nos o homem que o receia; eu não. Tu, porém, que vives na sociedade, e, portanto, a respeitas, se a pretendes dominar, te precaverás para não ofereceres aos seus golpes nenhum lado fraco, pois, quando pode, ela não deixa de os descarregar.

ADELAIDE (*sorrindo*) — Engraçada teoria! Se todos os maridos a adoptassem, felizes as mulheres!

GUSTAVO — Felizes os maridos!

ADELAIDE — E felizes os... Mas deixemos isto; quero pedir-te um momento de atenção. (*Levantando-se*).

GUSTAVO — Pessimamente escolhido. Impossível conceder-lo.

ADELAIDE (*aproximando-se dele*) — Exijo-o.

GUSTAVO — Recuso-o.

ADELAIDE (*recostando-se*) — Ouve-me. Não se trata de nenhum gracejo. É um negócio sério.

GUSTAVO (*sorrindo*) — Oh! Eu conheço por experiência a qualidade dos teus negócios sérios!.

ADELAIDE — Juro que preciso de te falar um instante. Depois voltarás ao teu estudo.

GUSTAVO — Inverte. Deixa-me no meu estudo e falarás depois.

ADELAIDE — Gustavo!

GUSTAVO — Adelaide?

ADELAIDE — Sê por um pouco como os outros homens: atende ao que te dizem.

GUSTAVO — Deixa de ser por um pouco como todas as mulheres: não teimes.

ADELAIDE — Oh meu Deus! Mas é preciso, é absolutamente indispensável que eu te fale.

GUSTAVO — Mas esta planta, que tenho quase classificada.

ADELAIDE (*impaciente*) — Ora a planta que espere.

GUSTAVO — E porque não hás-de esperar tu?

ADELAIDE (*o mesmo*) — Porque não quero. (*Mudando de tom*): Porque não posso, ó meu Gustavo, acredita que te preciso falar. Que te custa? Lembras-te quando éramos solteiros? Pelo menos quatro horas por dia deixavas as flores para pensar em mim.

GUSTAVO — É justo que, depois de casado, compense o perdido.

ADELAIDE (*com afago*) — Perdido... Gustavo?

GUSTAVO — Vá, fala, mas sê breve. (*Fechando o livro e suspirando*); *Que pena!* Tinha quase esclarecidas todas as dúvidas; só me faltava... (*Abrindo-o outra vez*): Embrião recurvado em semicírculo...

ADELAIDE (*tirando-lho da mão*) — Então? Ouves-me?

GUSTAVO (*voltando a cadeira*) — Vá lá, que temos?

ADELAIDE (*sentando-se ao lado dele*) — Deves estar lembrado que, momentos antes de expirar, meu pai mandou-me chamar junto ao seu leito para me confiar um segredo que, disse ele, lhe pesava no coração.

GUSTAVO — Sim, parece-me que sim.

ADELAIDE — Graças ao teu profundo indiferentismo por quase todas as coisas deste mundo, nunca procuraste interrogar-me a esse respeito, o que eu deveras estimei, por me não ver obrigada a resistir aos teus desejos.

GUSTAVO —Mas, ainda hoje, não pretendo...

ADELAIDE — Está bem, escuta-me. Hoje tudo te posso, tudo te devo até revelar, porque preciso dos teus conselhos. Ainda no vigor da idade, meu pai, cedendo a uma destas violentas paixões, que sempre deixam vestígios mais ou menos indeléveis na vida, amou extremosamente uma jovem menina, pertencente a uma das mais nobres e abastadas famílias da capital. Era o seu primeiro amor depois do de minha mãe, que, havia dois anos, o deixara só no mundo na companhia de uma filha da idade em que ainda se não prescinde do abrigo de um seio materno. Meu pai sonhou então, por ele e por mim, um futuro tão feliz como o passado de que a morte o havia privado. Mentiram-lhe, porém, os sonhos; preconceitos de nobreza opuseram-se aos ardentes desejos dos dois. Ela foi arrastada para fora do reino e, longe daquele amor, que era toda a sua vida, morreu, coitada, não sei em que cidade da América.

GUSTAVO (*sorrindo*) — Morreu de amores?

ADELAIDE — Morreu.

GUSTAVO — É doença que se não encontra em nenhum quadro fisiográfico, minha amiga. Porque não hás-de dizer simplesmente que, chegando à América, foi acometida por uma febre amarela que a matou, o mais prosaicamente deste mundo?

ADELAIDE — Porque dizia uma mentira. Eu não sei que nomes vocês, os homens da ciência, costumam dar a esses padecimentos morais, mas é provável que, segundo o horrível costume de despoetizar tudo, as designem por alguma terminologia absurda. O facto, estou certa que o admites. Deixa-me, pois, a mim, leiga na vossa ciência, continuar a denominá-los a meu modo.

GUSTAVO — Adiante, adiante.

ADELAIDE — Destes infelizes amores restava, porém, um fruto; uma linda menina. A triste mãe viu-a arrancar dos seus braços, confiá-la aos cuidados de mãos desconhecidas, e, entre ela e a inocente filhinha, interporem-se centenares de léguas do extenso Oceano.

GUSTAVO (*sorrindo*) — Para não dizeres que foi para o Brasil, viagem na verdade muito prosaica e capas de matar a poesia toda às mais lindas situações.

ADELAIDE — Gustavo! Não sejas mau. Deixa-me falar, senão não acabo hoje.

GUSTAVO — Mas como te lembrou agora?...

ADELAIDE — Ouve-me. Meu pai caiu gravemente enfermo; quando se restabeleceu achou-se só comigo, sem nenhuma lembrança que lhe falasse daquele funesto amor. Tu sabes se ele, então, concentrou em mim todas as suas afeições; se daí por diante viveu para mais alguém. Três anos se haviam passado quando, 'hm dia, entrando no seu quarto, deparou com estas palavras escritas na folha branca de um álbum: «Vossa filha ainda vive; até aos 19 anos, ela virá reclamar a bênção de seu pai, esperai-a; se, passado esse tempo, podeis chorá-la porque é

morta». Não te descrevo a alegria de meu pai porque essas coisas não se descrevem; muito menos diante de um homem, como tu, sempre pronto a recebê-las com um sorriso maligno e comentários desanimadores. Por mais que tentou saber qual a mão misteriosa que traçara estas linhas, nada conseguiu. Daí em diante uma ideia fixa o preocupou: a de guardar para a sua filha, além do amor de pai que se lhe pedia, uma fortuna com que lhe assegurasse a independência do futuro, e à força de muitos trabalhos pôde consegui-lo; porém, não teve a felicidade de a ver. À hora da morte, essa pena e a saudade de me deixar, e a ti, meu Gustavo, a quem ele queria, apesar das tuas aparências um pouco frias, eram as únicas lembranças que o entristeciam. Confiou-me, então, esse segredo e pediu-me ficasse depositária da fortuna que ele pudera ainda acumular, até ao prazo marcado; e se sua filha não voltasse dispusesse dela então como julgasse conveniente.

GUSTAVO — E voltou?

ADELAIDE — Não. Debalde a esperei até hoje. Ela morreu.

GUSTAVO — Terminaste?

ADELAIDE — Quero pedir-te um conselho. Esse dinheiro que havia de entregar a minha irmã, se ela vivesse, por sua morte pertence-nos. Mas se queres que te fale a verdade, eu sinto alguma repugnância em dispor dele para mim; toda essa riqueza havia de me pesar se dela usasse; pressinto-o; por isso, se te não opusesses...

GUSTAVO — Opor-me a quê? Para que nos é necessária? O que temos não basta às nossas precisões e até às tuas superfluidades?

ADELAIDE — Bem, ouve agora o destino que me lembrou darr-lhe. A filha do nosso mordomo Pedro, já mordomo de meu pai, e que me viu nascer e trouxe ao colo, a Margarida, é uma rapariga bonita, prendada, instruída até, mas pobre. Débil e delicada, mal poderá trabalhar para viver, se seu pai lhe falta; restamos-lhe nós, é verdade, nós, que a amamos; porém, se também lhe faltássemos, qual seria o seu futuro? Diz-me, não será muito mais bem empregada esta riqueza na sua mão?

GUSTAVO — Estou certo que sim, ainda que as vezes...

ADELAIDE — Vamos, essa correcção faz-me lembrar os *mas* que dizes abominar tanto.

GUSTAVO — Tens razão. Faz o que entenderes.

ADELAIDE — E demais há outro motivo pelo qual...

UM CRIADO (*com uma bandeja com cartas*) — As cartas do correio.

ADELAIDE — Dá cá. (*Lendo os subscritos*): Duas para ti, e uma para mim. (*O criado retira-se*).

GUSTAVO — Não tenho vagar para as ler. Faz tu esse serviço.

ADELAIDE — E se descubro algum segredo?

GUSTAVO — Encarrega-te de o divulgar.

ADELAIDE (*abrindo uma*) — Esta primeira contém um esqueleto, uma múmia de não sei que planta, acompanhado de uma estirada

ladainha de nomes esdrúxulos que eu tenho medo de ler. É assinada — Bento de Miranda.

GUSTAVO — Ah! Sim? É por certo um espécime do *taxodium distichum*, que me manda, dos Estados Unidos, o meu amigo. (*Examina-a atentamente*).

ADELAIDE (*abrindo outra*) — Pois será. Esta segunda parece mais razoável. É de... vejamos, ai! É do teu sobrinho, é de Alfredo, queres ver?

GUSTAVO — Para quê? Provavelmente tem saúde.

ADELAIDE (*lendo a segunda*) — Assim o diz. Fala das suas viagens...

GUSTAVO (*lendo a primeira*) — «Por lugares pantanosos e inundados...».

ADELAIDE — Não, por Espanha. (*Lendo a segunda*): Distribui alguns pungentes epigramas pelo seu insuportável pedagogo.

GUSTAVO (*lendo a primeira*) — Um... um... justamente é o carácter da espécie.

ADELAIDE — Também tu? (*Como acima*): Manda-nos muitas saudades.

GUSTAVO (*como acima*) — «Flores pouco numerosas...».

ADELAIDE — Antes isso do que o esquecimento. (*Lendo*): Recados a Pedro e um beijo a... ainda se lembra dela! A Margarida! Pobre rapaz!

GUSTAVO (*lendo a primeira*) — «A espécie é rara».

ADELAIDE (*sorrindo*) — Tu o confessas. (*Lendo*): Mas... será possível! «Em breve me verá junto de si, escrevo de Lisboa e parto imediatamente pelo vapor». Deve, pois, estar mesmo a chegar! Ouves, Gustavo?

GUSTAVO — Oiço. (*Lendo*): «Digo-te, meu caro, que é a única da sua família que vegeta em semelhantes condições...».

ADELAIDE (*olhando para ele*) — Mas tu não me tens dado atenção, pelo que vejo!

GUSTAVO (*lendo*) — «Para outra vez te mandarei porção mais completa, o que desta não pude fazer».

ADELAIDE — Vejamos agora a minha. (*Abrindo-a*). Carolina! Uma carta de Carolina! De onde me escreverá? O que me dirá ela?! Lisboa, também! (*Lendo*): «Minha querida Adelaide. Escrevo-te à pressa duas palavras apenas. Há um negócio algum tanto misterioso para mim mesma, que me obriga a partir para essa cidade, desde já. Conto contigo para os primeiros dias da minha residência aí; porque acredito na imortalidade daquela nossa antiga afeição de colegiais. Recomenda-me a teu marido, que ainda não conheço, mas a quem estimo já. Para depois mais explicações. Espero que pouco tempo me preceda esta carta. Tua do coração, Carolina». Oh! Meu Deus! Vouvê-la depois de tantos anos de separação! Minha querida Carolina! Como deve estar bonita! Ouviste, Gustavo?

GUSTAVO — Sim. (*Falando consigo*): Já desesperava de a possuir!

ADELAIDE (*com curiosidade*): — A quem?!

GUSTAVO — A mais rara espécie de *Taxodium* que...

ADELAIDE — Ora!

C E N A 2.'

GUSTAVO, ADELAIDE e MARGARIDA

MARGARIDA — Dá licença, Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide?

ADELAIDE — Ah! És tu, Margarida? Entra, minha filha, entra.

MARGARIDA — Numa manhã como esta, não ter ainda aparecido sequer à varanda do jardim! (*Vendo Gustavo*): Ah! Bons dias, Sr. Gustavo.

GUSTAVO — Bons dias, Margarida; sempre bonita, não é assim?

MARGARIDA — Como ontem, sr. doutor; parece-me que não fiz mudança.

ADELAIDE — Como está teu pai, Margarida?

MARGARIDA — O costume, minha senhora; tiradas aquelas horas de tristeza em que eu mesma mal o posso consolar, está sempre contente e rijo, como se não tivera a idade que tem.

ADELAIDE — Ora, senta-te aqui, e diz-me a que devo a ventura de te ver logo pela manhã cedo. Sabes que é hoje um dia de bom agouro?

MARGARIDA (*sentando-se*) — Sim?

ADELAIDE — São três as novidades felizes que tenho já recebido. Uma, é a tua visita inesperada. Não costumas ser tão matutina.

MARGARIDA — O dia estava tão bonito...

ADELAIDE — Outra foi a nova da próxima chegada de uma pessoa muito da minha afeição; de Carolina, a mais íntima companheira de colégio. É uma excelente menina, verás, que há-de ser muito tua amiga.

MARGARIDA — E vem para aqui?

ADELAIDE — Dentro em pouco tempo, talvez.

MARGARIDA — Que ventura!

ADELAIDE — Enfão que dirás tu da terceira!

MARGARIDA — Da terceira?

ADELAIDE — Sim. É também uma pessoa que nos é, a nós ambas, Margarida, muito cara.

MARGARIDA — Mas enfim!

ADELAIDE — É... não adivinhas?

MARGARIDA — Não sei.

ADELAIDE — Interroga o coração.

MARGARIDA — Nada me diz.

ADELAIDE (*pondo-lhe a mão no peito*) — Mentes; este bater não é natural. Vê, como ele adivinhou.

MARGARIDA — É engano... ou... então vem?

ADELAIDE — Em breve veremos aqui...

MARGARIDA — Quem?

ADELAIDE — Sempre precisas que to diga? Al... fredo.

MARGARIDA (*baixando os olhos*) — Alfredo!

ADELAIDE — Então, não tinha adivinhado o coração?

MARGARIDA (*suspirando*) — Alfredo!

GUSTAVO (*aparte*) — Aonde estão mulheres é impossível concentrar a atenção no estudo. São intermináveis em confidências. (*Alto*): Até logo, vou visitar o meu herbário.

MARGARIDA — Até logo, Sr. Gustavo. (*Gustavo reura-se*).

CENA 3. •

ADELAIDE e MARGARIDA

ADELAIDE (*sorrindo*) — Olha como a ciência foge espavorida aos perfumes do amor.

MARGARIDA — Do amor?

ADELAIDE — Ora vamos, vê se me iludes com esse espanto fingido. Minha Margarida, os meus olhos não são os do teu pai; nele a idade já lhe não deixa ver certas lágrimas, certo enleio que eu vejo perfeitamente, e acredita que cada um desses sintomas me não passam desapercebidos; sei avaliá-los no que eles são. Estás muito doente, minha pobre Margarida, mas espero em Deus que te havemos de curar.

MARGARIDA — Ai, senhora, curar-me? Como?

ADELAIDE — Sossega. Eu sei alguma coisa de Medicina; meu marido tem-me iniciado em muitos dos seus arcanos; por exemplo, os médicos proclamam que a verdadeira arte de curar é aquela que não vai de encontro aos impulsos da natureza; que antes os coadjuva. É um belo e excelente preceito, pois não é?

MARGARIDA (*sorrindo*) — Mas nem sempre possível, infelizmente.

ADELAIDE — Concordo. Mas não é esse o teu caso; padeces, porém não de um mal desesperado. É uma doença muito comum na tua idade.

MARGARIDA — E que muitas vezes dá a morte.

ADELAIDE — Acredito, apesar de que, ainda agora, o ouvi negar a um médico. Mas que importa que se morra às vezes dela? Outras, e uma nova vida que nos dá. Margarida, tu amas muito Alfredo, não é verdade?

MARGARIDA — Eu? Não, senhora... estimo-o apenas como...

ADELAIDE (*pondendo a mão na boca*) — Silêncio! Ias a dizer como um irmão? Ora vamos; não me havia de lisonjear demasiado que meu marido tivesse muitos desses amores fraternos.

MARGARIDA — Senhora!

ADELAIDE — Não continues, pois, a disfarçar comigo os teus sentimentos; bem vês que os descubro todos.

MARGARIDA — Então se os sabe, para que me quer obrigar a uma confissão que me faz corar?

ADELAIDE — Porque sei que nesse corar há seus encantos; por conhecer quanto é perigoso comprimir no peito afectos essencialmente expansivos. Acredita-me; para bem se amar, não bastam duas pessoas; a felicidade não é completa amando apenas; é preciso também falar desse amor, do seu futuro; e é esse o gozo que eu te quero dar.

MARGARIDA — Falar de... à senhora? Não posso.

ADELAIDE — E a quem queres tu confiar os teus segredos, não sendo a mim? A teu pai? Não vês que há muito gelo naquele coração? Esses sentimentos já não penetram lá. A quem mais? Só se for a meu marido; mas previno-te que cairias no risco de ele te interromper às primeiras palavras para procurar nas Floras a que família pertencia essa planta chamada amor desconhecida no seu herbáno.

MARGARIDA — Tão insensível o faz!

ADELAIDE — Não, meu marido ama; mas ama a seu modo. Se queres que te diga a verdade, ainda neste ponto o não comprehendi bem. Mas deixemo-lo em paz. Teimas ainda no teu imperdoável silêncio?

MARGARIDA — Que quer que lhe diga que o não saiba já? Que amo e amo muito? Que esse amor me ocupa sem cessar o pensamento? Que a imagem dele me acompanha, mo segue sempre? Isso tudo lho devem ter dito os meus suspiros, pois que mos tem surpreendido. Que mais? Ah! Sim, não é tudo, tem razão; não é nada até, porque tudo isto é um sonho e os sonhos nada são.

ADELAIDE — Não penso eu assim. Apesar de quanto se diz por aí da mentira dos sonhos, eu não pude ainda de todo deixar de olhá-los, em certos casos, como revelações.

MARGARIDA — Não me queira iludir. Para isso basto eu, que, apesar de tudo, apesar de ver quase impossível o futuro que desejava, ainda assim me deixo levar por essas lembranças risonhas e imagino... Oh! De quem me iluda não preciso eu; do que necessito, e de quem me ajude a encarar um futuro que, mais tarde ou mais cedo, tem de chegar.

ADELAIDE — E são essas as lembranças a que chamas risonhas? Aqui não há ilusões nem desenganos; há realidade e ventura.

MARGARIDA — Que quer dizer?

ADELAIDE — Alfredo também te ama. Por longe, durante as viagens, que, para sua instrução, o pai lhe fez empreender, eras tu a lembrança mais grata que lhe falava da pátria. Ele mesmo é que o diz. (*Mostrando-lhe a carta*): Vê.

MARGARIDA — Uma carta dele! (*Beijando-a*): Oh! Perdão, perdão, senhora, esquecia-me...

ADELAIDE — Faltava mais essa! Estou quase a escandalizar-me com as tuas hesitações. Talvez aches que o meu coração de vinte e três anos já não pode pulsar tão forte como o teu de dezanove? Isso

é fazer-me muito velha, Margarida; e dizem que a nós, às mulheres, é essa a injúria que mais nos custa a perdoar.

MARGARIDA — Tem razão. Porque lhe não hei-de dizer que ao ver uma carta dele, ao tocá-la, ao olhar a sua letra, me sinto tão venturosa como poucas vezes o sou na minha vida? E lembra-se de mim!

ADELAIDE — Já vês que tinha razão!

MARGARIDA (*pousando a carta*) — Não, nem assim.

ADELAIDE — Nem assim?

MARGARIDA (*suspirando*) — Alfredo é muito rico.

ADELAIDE — Mas ama-te.

MARGARIDA — Seu pai...

ADELAIDE — Estremece-o.

MARGARIDA — Mas eu, sendo pobre, nunca consentiria...

ADELAIDE — E se fosses rica?

MARGARIDA — Se fosse...

ADELAIDE — Se dispusesses de uma fortuna como a sua?

MARGARIDA — Mas não disponho.

ADELAIDE — E se ta oferecessem, se te fizessem rica, se eu...

MARGARIDA — Se... a senhora?... Recusava.

ADELAIDE — Tu, recusavas?!

MARGARIDA — Meu pai ensinou-me a não receber esmolas.

ADELAIDE — Margarida!

MARGARIDA (*tomando-lhe as mãos e beijando-lhas*) — Nem mesmo das mãos da amizade.

ADELAIDE — Mas atende.

MARGARIDA — Por quem é, não falemos mais nisto, que me faz mal.

#### CENA 4.<sup>a</sup>

ADELAIDE, MARGARIDA e PEDRO

PEDRO — Minha senhora... Ah! Estavas aqui, Margarida?

ADELAIDE — Venha, venha, Pedro. Os seus setenta anos ainda não são avessos a madrugadas, já vejo.

PEDRO — Tudo vai do costume. No meu tempo os homens criavam-se à luz do Sol, levantavam-se mais cedo do que ele, trabalhavam a sua claridade e dormiam de noite; hoje...

ADELAIDE — Hoje criam-se à luz dos candeeiros, deitam-se só quando o Sol se levanta, para se levantarem quando ele se deita. Tem razão; por isso já não há a robustez de outros tempos.

PEDRO — E a rir que o diga, olhe que é verdade. Dantes aos vinte anos era-se forte, valente, tinha-se enfim vinte anos; agora eu vejo-os de dezoito e vinte com quem não trocava as minhas forças de setenta.

MARGARIDA — Não nos pinte o passado com tão lindas cores, meu pai; isso é achaque de velho; olhe que o não acreditamos.

Diga-me, quando era novo já não ouvia dizer mesmo aos velhos de então?

PEDRO — Decerto, que dúvida, se isto vai de mal em pior.

ADELAIDE — É uma opinião bem pouco lisonjeira para nós, os desta época.

PEDRO — Mas é exacta. Olhe, dizem os escritores que Adão viveu novecentos e trinta anos; Moisés...

ADELAIDE — Sabe até onde o leva isso, Pedro? A crer que há-de chegar um tempo em que os homens vivam tanto como as borboletas.

PEDRO — E que dúvida?

ADELAIDE — Já vejo que os seus humores estão hoje um pouco enervados; se o sol do meio-dia lhos não descobre é de recear que tenhamos uma noite tempestuosa.

MARGARIDA — Deixe lá! Hoje havemos de o ver ainda muito contente; tenho uma novidade para lhe dar que no-lo há-de fazer alegre.

PEDRO — Uma novidade!

MARGARIDA — Sim; em poucas horas vai ver uma pessoa a quem estima do coração.

PEDRO (*cismando*) — Uma pessoa a que... ai, mas a minha cabeça! Vêem? Com as conversas ia-me esquecendo o que me trouxe aqui. Ainda bem que mo fizeste lembrar, Margarida.

ADELAIDE — Então vamos a saber o que é?

PEDRO — Eu vinha dar a parte à senhora que a procuram lá em baixo.

ADELAIDE — Quem? Homem ou mulher?

PEDRO — Para falar a verdade... Ah! Sim, é isso, é uma mulher, uma senhora nova ainda.

ADELAIDE — Será já Carolina? Margarida, eu corro ver se é ela. Demora-te aqui, sim? Eu volto breve. (*Sai*).

C E N A 5. "

MARGARIDA e PEDRO

PEDRO — Carolina, quem é essa Carolina?

MARGARIDA — Uma amiga da senhora, que vem passar algum tempo com ela.

PEDRO — E era essa a pessoa de quem me falavas?

MARGARIDA — Não, o pai já se não importa com as visitas de meninas novas e bonitas, julgo eu...

PEDRO (*suspirando*) — Quem sabe? Se fosse possível...

MARGARIDA (*maliciosa*) — O quê?

PEDRO — Nada. Mas quem era a tal pessoa?

MARGARIDA — Diga-me, quem mais desejava ver agora?

PEDRO — Quem? Minha filha.

MARGARIDA — Sim, mas essa está a vê-la. Falo dos ausentes.

PEDRO—'Pois sim... ah! Dos ausentes; sim... dizes bem; só se deseja o que se não possui; e minha filha... tenho-a aqui ao pé de mim a amar-me muito; porque tu amas-me, não é verdade, Margarida?

MARGARIDA — Para que mo pergunta? Pode duvida-lo?

PEDRO — Não, Deus me livre!

MARGARIDA — Qual é a filha que não ama seu pai?

PEDRO — Dizes bem. As filhas amam todas seus pais. E bem perverso seria aquele que separasse uma filha de seu pai, não seria?

MARGARIDA — Quem teria ânimo para isso?

PEDRO — Os homens são tão maus!

MARGARIDA — A sua maldade não pode chegar a esse ponto.

PEDRO (*abatido*) — Margarida!

MARGARIDA — Que é? Entristece-o esta conversa; pois não falemos mais nisto. Que os homens sejam bons ou maus, que nos importa? Connosco nada poderão; que tentem separar-me de si a ver se o conseguem.

PEDRO (*alegre*) — Não podiam, pois não? Nem tu o querias nunca?

MARGARIDA — Que lembrança! Olhe, vou já dar-lhe a novidade que tenho para lhe dar, a ver se lhe tiro essas ideias tontas da cabeça.

PEDRO — Então quem é?

MARGARIDA — Alfredo está a chegar.

um PEDRO — Alfredo, o sobrinho do Sr. Gustavo? Pobre moço! Tem nobre coração! Aquele não parece destes tempos.

MARGARIDA — Pois não? Não é verdade? É generoso.

PEDRO — Como nenhum.

MARGARIDA — Afável.

PEDRO — Isso nem falemos.

MARGARIDA — Verdadeiro.

PEDRO — Ora.

MARGARIDA — Belo.

PEDRO — Belo... melhor o podes tu dizer.

MARGARIDA — Eu?

PEDRO — Bem sabes que a velhice já mal entende a beleza.

MARGARIDA — Ele é muito seu amigo. Olhe, na carta que escreveu ao Sr. Gustavo falava-lhe de si e de mim.

PEDRO — E a que vem ele?

Seu pai, como sabe, apenas o vê de anos a anos; sua verdadeira família é esta.

PEDRO — É ainda solteiro?

MARGARIDA — Pois então?

PEDRO — Admira, com a riqueza que possui é difícil escapar aos casamentos.

MARGARIDA (*suspirando*) — É assim, é...

PEDRO — E lá por essas terras não ter encontrado ainda mulher; duvido. Deixa lá. Temo-lo namorado pelo menos.

MARGARIDA — Oh! Não diga isso.

PEDRO — Porquê?

MARGARIDA — Porque não é verdade.

PEDRO — Não é verdade?

MARGARIDA — Não pode ser verdade.

PEDRO — E que encantamento o há-de livrar do que a tantos acontece?

MARGARIDA — Se ele já amasse?

PEDRO — Quem? Tu estás muito inexperiente nestas coisas. Não o vias quando estava aqui? Acaso saía de ao pé de nós? Sentava-se a ver-te trabalhar, lia-te os seus livros e não pensava noutra coisa. Se ele amasse havias de o ver menos sossegado, desaparecer de vez em quando, não parar tanto tempo connosco. Mancebo namorado não passa o seu tempo assim ao pé de um velho. Qual! O rapaz quando daqui partiu ia com o coração livre.

MARGARIDA (*sorrindo*) — Tem razão. Eu sou muito inexperiente. Não julguei que o pai sabia tanto destas coisas!

PEDRO (*lisonjeado*) — Do que não sabe um velho!

MARGARIDA — Mas... Alfredo não esperará decerto, para confiar o seu amor, encontrar uma mulher rica. O pai bem sabe como ele aprecia a fortuna.

PEDRO — Porque a tem.

MARGARIDA — Se se visse obrigado a escolher entre fortuna e a mulher que amasse julga que hesitaria?

PEDRO — Pode ser que não. Acredito que, no momento, preferiria o amor à riqueza. Não era o primeiro, mas depois... Felizmente para ele e para essa mulher tal caso não se dá.

MARGARIDA — Então julga que havia de se arrepender?

PEDRO — Que dúvida? O amor gasta-se, o trabalho cansa. E então quando ele encarasse friamente a sua vida, coitado dele... e dela!

MARGARIDA — Acaso lhe queria mal por o haver feito pobre? Acaso a desprezaria?

PEDRO (*depois de uma pausa*) — Se ele tivesse nobreza, fingia amá-la; mas se ela tivesse coração...

MARGARIDA — Mais lhe custaria o fingimento. Tem razão, meu pai; era uma desgraça para ambos. (*Suspirando*): Não falemos mais nisto, A manhã vai já adiantada e nós a perdermos tempo em conversas. Vamos, a Sr.' D. Adelaide demora-se; logo voltaremos a vê-la.

CENA 6.\*

PEDRO, MARGARIDA, ADELAIDE e CAROLINA

ADELAIDE (*entrando*) — Entra, entra, minha Carolina; quero-te apresentar a dois amigos. Prepara no teu coração um lugar para os receberes; são dignos disso.

CAROLINA — Não são precisos grandes preparativos. O coração de uma rapariga sem família não está muito cheio; cabem-lhe bem todas as tuas amizades, que de todas eu quero participar.

ADELAIDE — Este é Pedro, de quem tanto falávamos no colégio, lembras-te? Esta é a sua filha Margarida. (*A Margarida*): É Carolina.

CAROLINA (*beijando Margarida*) — Não lhe peço todas as suas afeições; vejo que, pelo menos, já em parte pertencem a duas pessoas e os seus olhos fazem-me suspeitar que não são as únicas, e até que a maior porção não é a delas, mas peço-lhe que me não exclua de todo.

MARGARIDA — Para as amigas da Sr." D. Adelaide há-de haver sempre afeições no meu coração.

CAROLINA (*sorrindo*) — Duas lisonjas a um tempo. (*A Pedro*): Sr. Pedro, talvez não acredite que, apesar de nunca nos termos visto, já o conhecia muito bem e lhe queria ainda melhor; mas são coisas desta Adelaide: sabe falar das pessoas que estima, de modo que não podemos deixar de as amar também.

PEDRO — A amizade de um velho de pouco vale à gente moça, mas este pouco ofereço-lho de boa vontade.

MARGARIDA — Perdão, minha senhora, meu pai não fala verdade. A amizade dos velhos também é apreciada por nós.

ADELAIDE — E Margarida bem o pode dizer, que pai e filha mais extremos não quero que os haja.

CAROLINA — Não precisa de mo dizer, Margarida. Tu sabes, Adelaide, como eu sempre te invejei, quando deixavas o colégio para vires passar algum tempo na companhia de teu pai. Era então que me julgava bem só no mundo!

MARGARIDA — Então já não tem pai?

CAROLINA — Ignoro.

MARGARIDA — Ignora ?!

CAROLINA — A minha vida é um mistério, Margarida, um triste mistério. As minhas recordações falam-me apenas de um velho sacerdote a quem, na inocência da infância, eu dava o nome de pai, mas que todas as vezes que um tal nome me saía dos lábios, me olhava banhado em lágrimas, e dizia, lembra-me bem: «Não sou teu pai, meu anjo, sou um pobre velho que te ama muito, de quem tu és a única alegria, mas descansa, filha, que ainda um dia o hás-de ver». Depois desaparece este velho das minhas recordações, e, em vez dele, só vejo a imagem dura e austera de duas pessoas, marido e mulher, a quem fui confiada; trataram-me sempre com deferência, mas não com carinho, que o não tinham para ninguém. Nunca me faltou nada; não sei quem me fornece este dinheiro, mas é certo que o tenho despendido às mãos largas. Porém, o que me dava ânimo no meio desta vida, tão árida para mim, não era o luxo, nem as festas, nem a alegria; tudo isso me cansava até; eram aquelas palavras que ouvira na infância ao velho padre: «Confia em Deus que

ainda hás-de ver teu pai!» Podes crê-lo, Adelaide? Esta esperança é que me tem conduzido até aqui, que me tem dado forças para viver, que tem sido a minha salvação, o meu anjo da guarda. Mas que vejo?! Tu choras?! E... Margarida também! Obrigada por essas lágrimas; elas me autorizam, Margarida, a dar-te o nome de irmã. Não mo negues; seria uma crueldade para quem tão poucas afeições possui. Não é assim, Margarida? Tu hás-de amar-me como irmã.

MARGARIDA — Eu, senhora?

CAROLINA — Chama-me Carolina, chama-me tua irmã.

MARGARIDA — Carolina... minha irmã.

CAROLINA — Oh! Obrigada, obrigada. Mas... Pedro também chorou! Também Pedro compreendeu as minhas penas!

PEDRO (*suspirando*) — Se as compreendi! Muito, por desgraça minha, de quem se vê assim só no mundo!

ADELAIDE — Tem razão, Pedro. Pobre Carolina!

PEDRO — E quantas mais infelizes! Quantas, longe de seus pais, expostas talvez ao frio, à miséria, à fome ou ainda pior...

MARGARIDA — E há pais tão cruéis, que assim abandonem seus filhos!

ADELAIDE — Não os acuses, Margarida. Muitas vezes lhes são arrebatados. E então não sei qual será maior tormento, se o do filho, que se vê no mundo sem família, se o do pai a quem, a todo o instante, uma ideia dolorosa vem amargurar as horas de maior alegria!

CAROLINA — É assim, Adelaide; e diz-me o coração que meu pai não me abandonou, que me tem chorado todos estes longos anos da minha vida.

PEDRO — É certo o que diz, Sr." D. Adelaide: não sei qual padecerá maior pena!

MARGARIDA — Parece que te amo mais depois que te sei infeliz, Carolina. A desventura tem atractivos também.

ADELAIDE (*a Carolina*) — Não te disse eu que reservasses no coração lugar para mais uma amiga? Cumpri ou não a promessa?

CAROLINA — Oh! Adelaide! Não sei que tens contigo, para junto de ti ninguém poder ser infeliz! Todas as maiores alegrias da minha vida quase só a ti as devo. No colégio eras a minha verdadeira, a minha única amiga; tu é que me pudeste fazer esquecer, por algum tempo, a minha desventura. Hoje deste-me a conhecer um outro coração como o teu, uma amizade como a de Margarida. Vês, a felicidade também faz chorar.

PEDRO — Não desperdice lágrimas na alegria, minha senhora; reserve-as para a dor, que lhe sobrará, como a todos.

ADELAIDE — Então, Pedro. Nada de ideias tristes em momentos destes.

MARGARIDA — Meu pai, lembre-se que é preciso pôr hoje de parte esses pensamentos. Que lhos não descubra... a pessoa que sabe.

PEDRO — Sim, sim, tens razão. Esta conversa fez-me mal. Preciso respirar mais a vontade. Adeus, até logo; eu volto quando... isto me passar. (*Retira-se*).

MARGARIDA — Permite-me, Carolina, que o siga; só eu o posso distrair nestes momentos de melancolia.

CAROLINA — Vai, vai, minha Margarida, e perdoa-me se te invejo a felicidade de teres um pai para consolar.

MARGARIDA — Não sei o que me diz no coração que ainda hás-de gozar dessa ventura. Adeus.

ADELAIDE — Então, Margarida, queres fazer-me ter ciúmes de Carolina? Não me dizes também adeus?

MARGARIDA (*voltando*) — Oh! Minha senhora...

ADELAIDE — Basta de senhora, porque não hei-de ser também irmã?

MARGARIDA (*sorrindo*) — Minha irmã? Seja; adeus, minha irmã. (*Sai*).

CENA 1

ADELAIDE e CAROLINA

ADELAIDE — É uma bela alma!

CAROLINA — Como te sou agradecida, por ma fazeres conhecer!

ADELAIDE — Falemos agora de ti. Como está esse coração? Quando o deixei ainda batia livre, e agora?

CAROLINA — Quase como quando o deixaste.

ADELAIDE — Mas esse quase?

CAROLINA — É bem pouca coisa. Dois encontros, alguns olhares e um sorriso.

ADELAIDE — Só??

CAROLINA — É verdade; já vês que é bem insignificante.

ADELAIDE — As vezes há olhares que valem muitas palavras.

CAROLINA — Haverá! Eu te conto. Uma tarde, cruzando o Tejo num pequeno barco e sem destino, eu deixava correr meus pensamentos à toa, nem eu sei bem por onde. Tenho muitas destas fantasias. O vento estava furioso; o rio agitadíssimo fazia vacilar o barco numa ondulação que me deleitava. De repente, uma rajada mais impetuosa soprou do norte.

ADELAIDE — Bravo! O caso está-se tornando romântico.

CAROLINA — Espera para o fim. Ao meu lado ouvi exclamações de várias vozes parecendo implorar socorro; olhei, uma outra barca caminhava na direcção da minha. Dentro dela, além dos dois remadores, vinha um rapaz ainda muito novo com os cabelos soltos, agitados pelo vento, os braços estendidos para um objecto de forma indecisa que era arrastado pelas águas.

ADELAIDE — E diz que não foi romanesca a aventura!

CAROLINA — Ouvi até ao fim. Esse objecto era impelido pela corrente na minha direcção; passou junto de mim; como era natural, debrucei-me sobre a água e estendi as mãos para o segurar; consegui-o, com algum custo, justamente quando chegava ao lado da minha a barca que nos seguia. Levantei-o, e vi... Era...

ADELAIDE — A irmã, a mãe desse belo mancebo? Ainda não me disseste que era belo, mas é de supor.

CAROLINA — Era... prepara-te para ver um final de fazer fugir toda a poesia; era... o chapéu que o vento havia precipitado nas ondas.

ADELAIDE — Oh meu Deus! E pudeste conservar ainda dessa cena uma impressão agradável?

CAROLINA — Então, que queres tu? Entreguei, sorrindo, o desventurado naufrago nas mãos do seu dono, que me olhava de um modo que eu nem te sei exprimir; a corrente e o vento afastaram os nossos barcos; em breve, perdemos de vista. Eis o nosso primeiro encontro.

ADELAIDE — E tu, a romântica exagerada de outros tempos, pudeste-te impressionar com esse episódio que, perdoa-me dizer-to, é bem pouco digno de figurar num romance sentimental ?!

CAROLINA — É verdade. Isso mesmo pensei eu. Quem dantes me viesse contar uma aventura assim, quando, no colégio, eu, nós ambas sonhávamos amores à Paulo e Virgínia, Graziela, e todos os romances que líamos juntas, far-me-ia rir de compaixão. E vês, aquele rapaz todo perturbado, recebendo o chapéu que lhe salvara das águas, sem atinar com uma só palavra de agradecimento, não me fez rir; pelo contrário, todo o dia fiquei impressionada por semelhante imagem.

ADELAIDE — Estás apaixonada\*, já vejo.

CAROLINA — Não, por ora, mas posso vir a estar. Este encontro modificou muito as minhas ideias a respeito das situações românticas.

ADELAIDE — Aposto que me vais sustentar que era essa uma situação romântica! De facto, o céu por abóbada; por campo o majestoso Tejo; ao declinar da tarde um mancebo e uma jovem donzela à mercê das ondas... mas o pior é o chapéu que, por mais formas que lhe dê, não cabe em poesia.

CAROLINA — Não zombes; a poesia está mais nas pessoas do que nas coisas. Se visses a figura, o olhar daquele rapaz, estou certa que pensarias como eu. Há gente que em todas as situações se conserva superior ao ridículo, ao qual não escapa outra, embora se rodeie dos mais poéticos acessórios.

ADELAIDE — Não o nego, mas sabes o que livra do ridículo essas pessoas?

CAROLINA — Não.

ADELAIDE — É o amor que souberam inspirar a quem as observa. Confessa que estás perdida de amores por esse mancebo, que te deve... — que pena não poder dizer a vida! — que te deve... o seu chapéu.

CAROLINA — Ora, não vamos tão longe. Já te mencionei as circunstâncias do nosso primeiro encontro.

ADELAIDE — Ai, pois houve segundo?

CAROLINA — Não te havia dito? Ontem, embarcando-me no vapor, conservei-me no convés para ver passar diante de mim a majestosa perspectiva de Lisboa. É um belo espectáculo! Havíamos deixado já atrás de nós a torre de S. Julião; em poucos momentos o vapor balançava-se no mar. A tarde estava lindíssima! Eu comprazia-me em olhar todo este magnífico horizonte; deleitava-me em estender a vista por aquele imenso panorama, colorido pelos raios de um encantador crepúsculo, quando, dirigindo os olhos para um grupo de passageiros, eu vi o mesmo mancebo do Tejo, debruçado na varanda e olhando-me com uma expressão indefinível; estava pálido, os cabelos em desordem...

ADELAIDE — Bem, desta vez está mais conforme às condições do romance.

CAROLINA (*sorrindo*) — Achas? Vendo que eu o notara, tentou dingir-se para mim; deu alguns passos, mas as forças faltaram-lhe e caiu sentado num banco.

ADELAIDE — Agora sim, essa emoção é muito bela.

CAROLINA — Correu a mão pela testa; o suor banhava-lha abundantemente; a palidez aumentara-lhe; conheci tudo então...

ADELAIDE — O pobre rapaz estava fascinado?

CAROLINA — O infeliz estava enjoado pelo movimento do vapor.

ADELAIDE — Oh? Mas isso é horrível!

CAROLINA — Fiquei comovida, não fazes ideia.

ADELAIDE — Carolina, tu não podes amar esse homem.

CAROLINA — Porquê?

ADELAIDE — Uma fatalidade pesa sobre vós. Isso são anúncios.

CAROLINA — Pois olha, depois disso ainda penso mais nele.

ADELAIDE — O enjoo! Julgo que nunca os conquistadores de profissão se lembraram dele para fascinarem as suas vítimas.

CAROLINA — Estás muito severa. Se queres que te fale com franqueza, estranho isso; esperava que alguns anos de casada te tivessem feito perder aquela tua poesia de felizes tempos.

ADELAIDE — Ainda tenho uns restos, que se revoltam contra as tuas aventuras.

CAROLINA — Pois aí tens o estado do meu coração. —,

ADELAIDE — Estado desesperado, não o negues.

CAROLINA — Não, não exageres. Ainda se pode desvanecer tudo isto, sem que restem vestígios. Mas tenho já falado muito de mim. É tempo que me informes da tua vida. Estás casada e és feliz? Não? Teu marido ama-te?

ADELAIDE — Ama, mas tenho uma rival.

CAROLINA — Oh meu Deus, quem é ela?

ADELAIDE — É a ciência.

CAROLINA (*sorrindo*) — Ainda bem! Ele é médico?

ADELAIDE — É.

CAROLINA — Uma nobre profissão!

ADELAIDE — Para os que a exercem,

CAROLINA — Então?

ADELAIDE — Gustavo é médico, mas não cura nem trata; porque muitos tratam, mas não curam.

CAROLINA — E que faz ele?

ADELAIDE — A dormir e a comer passa uma oitava parte do dia; a falar gastará apenas uma décima parte; o resto estuda. Já vês que, para marido, é um sistema abominável.

CAROLINA — Mas se não pratica a medicina, para que estuda tanto?

ADELAIDE — Não é medicina o que ele mais estuda. A vida do homem poucas vigílias lhe consome; ocupa-se mais com a vida das plantas.

CAROLINA — Das plantas? É singular!

ADELAIDE — O quê?

CAROLINA — Deves confessar que um médico ocupar-se de flores...

ADELAIDE — Ora adeus! Tu sabes muito pouco o que vai por este mundo. Hoje é moda cada qual ocupar-se daquilo para que se acha menos habilitado; ainda meu marido não está bem conforme a época. Os médicos falarem em medicina, em guerras os militares, os padres em religião, isso hoje é uma coisa de muito mau gosto. Nada; os médicos discutem política, os militares questões de teatro quando não são os padres; ou então, estes, planos de campanha.

CAROLINA — Vejo que continuas como dantes a rir à custa do mundo.

ADELAIDE — Enganas-te. Eu tenho até regulado a minha vida, segundo o uso da época. Diz-me em que julgas tu que eu passo o meu tempo?

CAROLINA — Não te faltará em quê. Toda a mulher de casa tem mil obrigações a cumprir...

ADELAIDE — Pois são exactamente essas que não me ocupam muitas horas.

CAROLINA — Como?!

ADELAIDE — As mulheres são em geral assim uma espécie de ministros do interior de suas majestades os maridos; não é isso? A gerência de todos os negócios domésticos lhes está confiada. Mas eu, como Gustavo parece ter abdicado em mim a sua soberania, não podendo encarregar-me de todos os encargos do governo, tomei por bem arvorar uma despenseira em ministro do reino e da fazenda e tomei apenas a meu cargo a pasta dos negócios estrangeiros.

CAROLINA — Que queres dizer com isso?

ADELAIDE — Ocupo-me das correspondências, menos das científicas, das vendas, contratos, dos teatros, bailes, passeios... e a respeito

dessas impertinências casei as em que se ocupam a maior parte das mulheres, sei muito pouco, e sinto por te não poder iniciar nelas, o que de certo estimarias, visto o teu próximo casamento.

CAROLINA — O meu casamento ?!

ADELAIDE — Que dúvida ? Mau é que principiem os primeiros sintomas, minha Carolina; a doença é quase inevitável. Diz-me, e o ta! rapaz é elegante ? Olhos negros ?

CAROLINA — Não, castanhos.

ADELAIDE — Apóstata! Não te lembras de me dizeres dantes que te não apaixonarias senão por uns olhos pretos ?

CAROLINA — Os gostos mudam.

ADELAIDE (*suspirando*) — Esta maldita realidade que nunca, por mais que faça, há-de igualar a imaginação! Fantasia-se, sonha-se um tipo belo, adornamo-lo de mil atractivos, criamos-lhe mil dotes fascinadores e vai aparece-nos um outro exactamente oposto, privado de todos esses dotes e encantos e... eis-nos apaixonadas!

CAROLINA — É verdade! Quando imaginei eu que um homem enjoado pelos balanços do mar, me havia de causar uma emoção tão viva!

ADELAIDE — E eu, quando diria haver de amar apaixonadamente um marido que passa a maior parte do seu tempo entre plantas murchas e flores reduzidas ao estado de múmias!

UM CRIADO (*entrando*) — Dois sujeitos procuram o sr. doutor.

ADELAIDE (*a Carolina*) — Hão-de ser amigos de meu marido. Ele só os sabe compreender. São, em geral, entes insociáveis. Que subam. Vamos nós mesmas anunciar-lhos. (*Saem*).

CENA 8 -

ALFREDO e O DR. GONÇALO (*entrando pelo fundo*)

ALFREDO — Foi aqui, meu caro preceptor, que passei o tempo mais feliz da minha vida! Foi esta casa onde colhi mais gratas recordações, que todas se me gravaram, bem fundas, no coração!

GONÇALO — Perdão, Sr. Alfredo, seu pai escolheu-me para o encaminhar na estrada das ciências, por isso eu não posso consentir que o senhor use de certas expressões pouco próprias. Rigor antes de tudo!

ALFREDO (*aparte*) — Mau! Mau! (*Alto*): Então o que foi?

GONÇALO — Recordações a gravarem-se no coração! Por amor de Deus, que diriam por aí se ouvissem um meu discípulo pronunciar tal heresia? Rigor antes de tudo. Pois não sabe que o coração é o centro do aparelho circulatório? Que recebe o sangue venoso pelas veias cavas e... ?

ALFREDO — Sei, sei, sei isso tudo, mas deixe-me por um pouco ao menos falar à vontade! Com os diabos! A ciência não deve intro-

meter-se na linguagem vulgar. O homem científico deve-o ser em lugar e tempo oportuno; quando não, degenera em pedante.

GONÇALO — Mas porque não há-de dizer recordações que se me gravaram no cérebro? Ainda que mesmo assim gravaram... a falar a verdade... Rigor...

ALFREDO — ...antes de tudo. Já sei. Para outra vez será.

GONÇALO — Para outra vez, para outra vez...

ALFREDO — O senhor parece estar ajustado para me não deixar a imaginação vaguear atrás de uma ideia agradável. As suas prelecções que, seja dito sem ofensa, são inquestionavelmente prosaicas, vêm sempre martirizar-me quando menos disposto estou para as aturar. Ainda me lembro que, na Itália, quando eu me extasiava diante das erupções do Vesúvio, espectáculo na verdade maravilhoso e para entusiasmar os mais fleumáticos, fui despertado da minha admiração muda pela sua voz que, desengraçadamente, me expunha a teoria dos vulcões e a composição química das matérias expelidas por essas enormes bocas do globo!

GONÇALO — Sempre expressões impróprias!

ALFREDO — Na América, quando percorriamoas as florestas, se acaso se parava para examinar uma árvore menos vulgar, um insecto, uma ave, a queda de uma catarata, etc, aí vinha o senhor, tomando estes objectos para tema de suas intermináveis dissertações, pôr à prova a minha paciência, enchendo-me os ouvidos com mil citações que, pronunciadas ali, eram de um efeito desastroso! Meu caro, respeito profundamente a ciência, mas abomino do coração o seu mau gosto.

GONÇALO — Em alguma coisa se há-de distinguir o homem instruído do ignorante! A precisão da linguagem é uma das qualidades. Rigor antes de tudo.

ALFREDO — Bem, não discutamos. Mas deve confessar que o senhor tem manias muito extravagantes!

GONÇALO — Eu?

ALFREDO — Pois ontem quando me viu a braços com o mais insuportável enjoo que, por uma singularidade inexplicável, me acometeu, — como na minha primeira viagem por mar, não teve a tristíssima lembrança de me aconselhar... — O senhor sempre tem coisas!... que estudasse em mim mesmo o mecanismo do vômito como o meio de melhor o gravar na memória! Com os seus conselhos e as suas reflexões sobre o assunto, agravaram-se-me os padecimentos. Cheguei a ter-lhe horror, Sr. Gonçalo! Tréguas por hoje; agora quero recordear uma por uma as cenas que, em ditos tempos, aqui passei, e cuja lembrança lá por fora me arrancava ardentes lágrimas do íntimo do peito.

GONÇALO — Oh! mas como hei-de deixá-lo, se o senhor está a cada instante pronunciando barbaridades? Pois as lágrimas... do íntimo do peito! Não sabe o que são lágrimas? Não se recorda que é um

líquido segregado pelas glândulas lacrimais alojadas no lado externo das abóbadas orbitárias?

ALFREDO — Mas isso é uma crueldade, meu caro Sr. Gonçalo. O senhor é capaz de fazer perder a poesia às mais belas coisas deste mundo. Queira Deus que, daqui por diante, quando vir, pois é dos mais belos espectáculos que eu conheço, uma mulher bonita a chorar, me não lembre a tal glândula do ângulo orbitário e... O senhor é um homem incrível!

GONÇALO — Sacerdote da ciência, não posso consentir que a profanem! Rigor antes de tudo!

ALFREDO — Pois quando eu estiver no santuário, imponha-me então todo o seu jugo. Cá fora deixe-me respirar. Ah! Estas lembranças são tão gratas, estas sensações tão doces... Mas não venha analisá-las. Isso é o mesmo que fazer cair uma a uma as folhas de uma flor, perde logo o perfume.

GONÇALO — É de mais! Folhas de flor! Porque não há-de dizer pétalas? Acaso não são as folhas partes do vegetal distintas das flores? Não são?... Rigor...

ALFREDO — ...antes de tudo. Mas o senhor dá comigo em doido!

GONÇALO — Isso digo eu. Veja o que aí vão de heresias!

ALFREDO — Essas prelecções neste sítio é que são verdadeiras heresias, Sr. Gonçalo. Peço-lhe um momento de liberdade.

GONÇALO — Chama liberdade à anarquia?

ALFREDO — Vá, mace-me, se assim o quer; descarregue sobre mim os seus furores científicos, mas previno-o de uma coisa. Ha nesta casa uma pessoa, pelo menos, que eu amo loucamente e diante dela não me responsabilizo pelo rigor científico das minhas expressões; não venha então para cá com as suas emendas, porque lhe juro que, se o faz, declaro-me em rebelião completa e sacudo para sempre o seu jugo. Vá, diga o que tem a dizer, se ainda não está satisfeita a sua mania de fazer de mim um mártir da ciência!

GONÇALO — Estou quase a desesperar de o ver seguir o bom caminho! Enquanto não puser de parte esses amores e essas poesias, olhe que não progride.

ALFREDO — Então parece-lhe?

GONÇALO — As mulheres são o Diabo!

ALFREDO (*rindo-se*) — Ó Sr. Gonçalo, esse aforismo é o resultado da sua meditação ou da experiência própria?

GONÇALO — Persuada-se de uma verdade: quem quiser ser verdadeiramente sábio deve evitá-las. Diante delas não há sábio que não diga asneiras; uma carta de amores é sempre um atentado contra os dogmas da ciência e o senhor ocupa-se demasiado nesse género de escritos.

ALFREDO — So ele tem tantos encantos! O senhor ainda não tentou amar?

GONÇALO — Eu prezo a ciência e...

ALFREDO — O rigor antes de tudo. Eu sei; eu sei; mas essas são amantes algum tanto frias. Eu também as venero; oh! pois não, mas confesso que todas as suas belezas, todos os seus mistérios, não me exaltam tanto como um simples olhar da mulher que amo. Então ferve-me o sangue.

GONÇALO — Quantas vezes lhe tenho dito, Sr. Alfredo, que esse modo de exprimir na boca de um homem de ciência é bem pouco apropriado... Ferver o sangue! Isso traz à ideia as teorias fisiológicas de Sylvins, que admitem...

ALFREDO — Mas que mal lhe fiz eu, Sr. Gonçalo? O senhor está implacável! Se vai assim a espremer as palavras, onde irá parar? Pobres poetas, se o Sr. Gonçalo se lembra um dia de os ler!

GONÇALO — Os poetas! São justamente eles que o têm estragado! Nunca vi gente que fale uma linguagem menos rigorosa!

ALFREDO — Pois já os leu?!

GONÇALO — O ano passado, em Sevilha, depois de lhe ter feito uma prelecção sobre o amanho das terras e lhe haver recomendado a leitura de um capítulo de um livro que falava do assunto, notei que o senhor passara a noite inteira a ler. Julguei que fosse o livro recomendado...

ALFREDO — Não me lembra disso, mas afianço-lhe que não era.

GONÇALO — Pela manhã, levantando-me mais cedo, aproximo-me do seu leito e reparo... O livro lá estava à cabeceira, mas era um volume de poesias!

ALFREDO — Acredito.

GONÇALO — Fiquei estupefacto! Perguntei a mim mesmo o que contêm estes livros para o interessarem a tal ponto?! O que é a poesia?!

ALFREDO — Não sei responder, mas tenho muita curiosidade em saber como o senhor a aprecia. É assunto que tem sido muito discutido!

GONÇALO — Abro um dos livros e leio...

ALFREDO — E então, gostou?

GONÇALO — O senhor! Nunca vi tantas impropriedades! Então é que eu soube a razão dos seus continuados descuidos. Esses livros estragam-no!

ALFREDO — Mas que viu? Que viu?

GONÇALO — Umas vezes eram veias a bater como se fossem artérias.

ALFREDO — Que horror! Aqui, punha-lhe dois pontos de admiração.

GONÇALO — Outras, corações cheios de mágoas e esperanças onde se recolhiam lágrimas e não sei que mais, como se o coração fosse outra coisa além de um órgão de circulação!

ALFREDO — Que blasfemos! Sr. Gonçalo, agora eram três pontos!

GONÇALO — Noutros casos, eram brisas a gemer à noite pelos bosques como se as brisas não fossem simplesmente as virações que sopram pelas manhãs à beira-mai'.

ALFREDO — Na verdade é um crime horrível! Vale quatro pontos de admiração.

GONÇALO — Há mais de trezentos anos que o sistema de Copérnico reina na ciência astronómica e cismam os senhores poetas em continuar a linguagem errónea de «caminha o Sol, cruza o Sol, sobe, desce o Sol...», como se não fosse a Terra que se movesse!

ALFREDO — E não há um raio que os fulmine?! Cinco, seis, dez grandes pontos de admiração não exprimiriam o meu furor!

GONÇALO — Finalmente era um conjunto de absurdos; e é com isto que o senhor passa noites inteiras sem dormir!

ALFREDO — Não lhe dê isso cuidado que, em compensação, durmo muitos dias ouvindo as suas estiradas dissertações.

GONÇALO — Mas seu pai recomenda-me que o instrua e eu julgo da minha obrigação costumá-lo à verdadeira linguagem dos sábios. Rigor antes de tudo.

ALFREDO — Já sei. Mas deixe-me agora, por quem é; eu tenho necessidade de concentrar-me um pouco em mim mesmo. Porque não vai passear até ao jardim? Verá que há-de gostar.

GONÇALO — Não senhor, consta-me que seu tio é um homem erudito; não o quero deixar só consigo porque o senhor com as suas palavras podia fazer-lhe nascer uma triste ideia da instrução que eu...

ALFREDO — Ai, o Sr. Gonçalo está resolvido a continuar com as suas observações na presença de minha família? Era o que faltava!

GONÇALO — Eu sou preceptor.

ALFREDO (*aparte*) — Ora que flagelo! Isto não se atura. (*Alto*): Mas o Sr. Gonçalo...

GONÇALO — Custa-lhe? Melhor, será mais acautelado.

ALFREDO (*aparte*) — Eu não me verei livre deste homem? (*Alto*): Meu caro Sr. Gonçalo, isso é uma barbaridade; o senhor não tem coração. Não vê que nestes momentos em que se tornam a ver pessoas que estimamos, tudo em nós é sentimento?

GONÇALO — Que ideias! Que ideias! Tudo sentimento!

ALFREDO — O Sr. Gonçalo é um tigre. Lembre-se que o santo do seu nome, com ser santo, não tinha essa austeridade. O amor nunca o afectou, já vejo. Todos os animais, não é só o homem, todos os animais sentem estas coisas, e as mesmas plantas...

GONÇALO — Não progrida! Não progrida! As plantas sentem! Lembre-se do que dizia Lineu: *Vegetabilia crescunt et virunt animalia*.

ALFREDO (*tapando os ouvidos*) — Oh! por amor de Deus. (*Aparte*): É preciso pôr termo a isto! (*Alto*): Sr. Gonçalo, eu não consinto...

GONÇALO — Eu é que não consinto, Sr. Alfredo!

ALFREDO — E adeus! Aí está como um homem perde a cabeça! O senhor excita-me a bílis a ponto...

GONÇALO — Bravo! Era o que faltava para coroar a obra! Ai vem o senhor desenterrar as teorias da bílis! Daqui a pouco admito-me a atrabílis, estou vendo. Não lhe tenho dito já que isso eram meras hipóteses dos antigos que...

ALFREDO — Mas, basta! Basta! Sr. Gonçalo, basta! (Aparte.)! Como me hei-de ver livre deste homem? Ah! Excelente ideia! Ela por ela! (Alto): Meu amigo, vou pedir-lhe os seus conselhos.

GONÇALO — Sobre quê?

ALFREDO (*tirando um papel do bolso*) — Ora oiça. (Lendo): «A urna suspiro».

GONÇALO — A urna quê?

ALFREDO — Suspiro.

GONÇALO — Mas que é isso agora?

ALFREDO — Escute:

Som mavioso, desprendido  
De melodiosa lira!

GONÇALO — Versos!

ALFREDO — Que tal os acha?

GONÇALO — Mas...

ALFREDO — Vá ouvindo:

Branda nota que no ar gira  
E no coração ressoa!

GONÇALO — Aí principiam as heresias.

ALFREDO — Oiça:

E no coração ressoa!  
Suspiro d'alma saldo,  
Que de encantos a povoa!

GONÇALO — Mas, senhor, isso é uma caçoaada?

ALFREDO —

Ai porque te ouvi nessa hora  
De indefinível fulgor...

GONÇALO — Senhor Alfredo, eu quero saber...

ALFREDO —

Que uma chama me devora  
O peito...

GONÇALO — Para gracejo, já basta, senhor!

ALFREDO —

...em ânsias de amor !

GONÇALO — Isso é faltar-me ao respeito.

ALFREDO —

Amo, sim, desde esse instante.

GONÇALO — Lembre-se que sou seu mestre.

ALFREDO —

Em que te ouvi, harmonia!  
Vivo agora, não vivia,

GONÇALO — Se seu pai soubesse...

ALFREDO —

Antes de te ver radiante  
De luz estrela divina!

GONÇALO — Eu retiro-me, Sr. Alfredo, olhe que eu retiro-me.

ALFREDO (*aparte*) — Já o devias ter feito.

Ao ver-te a mente imagina  
Cenas mil...

GONÇALO — Cale-se!

ALFREDO —

...tão venturoosas!

GONÇALO — Não se cala?

ALFREDO —

Risonho pais...

GONÇALO — O senhor cala-se?

ALFREDO —

...de rosas!

GONÇALO — O senhor não se cala?

ALFREDO —

Ridentes visões...

GONÇALO — Cale-se, senhor!

ALFREDO —

...de amores!

GONÇALO — Ai não se cala?

ALFREDO —

Que não há cenas mais belas

GONÇALO — Não se cala, não?

ALFREDO —

Nem mais perfumadas flores

GONÇALO — Adeus! (*Sai, batendo estrondosamente com a porta*).

## CENA 9.-

ALFREDO — Espere, Sr. Gonçalo, olhe que ainda não acabou, espere. Ah! ah! ah! Fugiul Para mais segurança. (*Fecha a porta*). Estou livre dele! Abençoada poesia! Nunca te apreciei tanto! Vingaste-me! Forte maçador me deu meu pai por mestre. Irra! Esgota-se a paciência! Bem, pensemos noutra coisa. Porque me não aparece meu tio? Há já tanto que me anunciei! Verdade é que não lhe disse quem era. Já me tarda vê-lo; e a minha excelente tia Adelaide, e o Pedro e Margarida; sim, agora conheço que a amo e muito; só pronunciar-lhe o nome me faz palpitar o coração. Que fará ao vê-la, ao falar-lhe?! Pois cheguei a duvidar. Aquela rapariga do Tejo... tinha uns olhos! Ora Margarida também os tem, que podem bem rivalizar com os dela. Mas os cabelos da outra... tinham um não sei quê... e os desta? Também; os cabelos da mulher que se ama têm sempre um não sei quê... Não sei? Sei muito bem, é o amor que realça em tudo que lhe pertence, que difunde seus perfumes por toda a parte. Mas não posso negar que a outra me impressionou também; porém, devo esquecê-la; talvez nunca mais a torne a ver, e ainda bem; que se a visse... não sei... Margarida é quem eu quero só amar... Se não fosse recear encontrar no jardim o meu Cabrião, seria para ela a minha primeira visita. Ai, Margarida, se um dia... Mas como poderei alcançar de meu pai o consentimento de uma aliança para ele absurda? Há-de ser difícil; ama-me, quer-me ver feliz; e para ele a felicidade é companheira inseparável da riqueza. Eu professo ideias muito diversas; não sei qual de nós terá razão; mas o que é certo é que ambos temos opiniões tão firmes que há-de custar a ceder a qualquer. Veremos, contudo, o efeito da minha última carta. (*Ouve-se barulho*). Mas, até que enfim, julgo que vem gente.

## CENA 10.-

ALFREDO e ADELAIDE

ADELAIDE (*dentro*) — Mas porque me não disseram há mais tempo?

ALFREDO — É a voz da minha tia.

ADELAIDE (*entrando*) — Então é esta a pressa que tens de nos ver, Alfredo?

ALFREDO (*abraçando-a*) — Sim, sim, acuse-me quando eu estou aqui devorado de impaciência!

ADELAIDE — Sim? Então principiou por te devorar as pernas, por isso não correste a procurar-nos.

ALFREDO — Queria causar-lhe uma surpresa. Arrependi-me até de lhe haver mandado dizer que vinha.

ADELAIDE — Pois fazias mal. As alegrias súbitas são sempre um pouco perigosas.

ALFREDO — Quando muito intensas.

ADELAIDE — E duvidas que o sejam as nossas, vendo-te ? As viagens fizeram-te céptico?

ALFREDO — Deus me livre de duvidar da amizade que me têm aqui.

ADELAIDE — Só da amizade ? É preciso crer em mais alguma coisa.

ALFREDO — Que diz?

ADELAIDE — Entre nós há alguém, cuja memória mais fiel do que a tua, se recorda de certas promessas.

ALFREDO — Já que me fala nisso acabe de me informar. Margarida ama-me como dantes?

ADELAIDE — Não.

ALFREDO (*perturbado*) — Não ?!

ADELAIDE — Ama-te mais.

ALFREDO — Fala verdade?

ADELAIDE — Antes de responder, devia primeiro exigir de ti uma informação igual. Amas ainda Margarida?

ALFREDO — Dou-lhe uma resposta como a que me deu.

ADELAIDE — E não mentes?

ALFREDO — Não.

ADELAIDE — Vê bem.

ALFREDO — Amo-a muito.

ADELAIDE -- Então pela França, pela Itália, tão afamada nos amores, pela Espanha, por todos esses países que percorreste, não encontraste mulher que atraísse os teus olhares?

ALFREDO — Ai, isso muitas.

ADELAIDE — Bonita fidelidade!

ALFREDO — Mas o coração ficava-me...

ADELAIDE — O coração devia-lo ter deixado aqui.

ALFREDO — E deixei-o; mas que me não oíça o meu inexorável preceptor.

ADELAIDE — Inexorável és tu para com ele; não o poupas em nenhuma carta.

ALFREDO — A tia o julgará; é um animal muito curioso.

ADELAIDE — Aonde o deixaste?

ALFREDO — Passeia no jardim; e, por quem é, deixe-o andar. Diga-me: meu tio ?

ADELAIDE — É o mesmo que conheceste; os mesmos hábitos.

ALFREDO — Escuso, pois, de perguntar o que está fazendo, que ine não aparece.

ADELAIDE — Provavelmente enganas-te nas tuas previsões. Supõe-lo a estudar, não? Há hoje uma rara exceção na sua vida. Teu tio está a ouvir tocar piano.

ALFREDO — Essa agora! E a quem?

ADELAIDE — A uma minha amiga que temos por hóspede; e o que mais admira é que não está constrangido; pelo contrário, mostra-se entusiasmado pela música.

ALFREDO — É um milagre! Desejava ver a fada que operou essa maravilha.

ADELAIDE — Vamos vê-los. Ele ignora ainda a tua chegada.

ALFREDO — Vamos. (*Oferecendo-lhe o braço*).

ADELAIDE — Verás que a tal fada é capaz de operar muitos outros milagres ainda.

ALFREDO — E o que lhe dá esse poder?

ADELAIDE — Eu sei!... Talvez uns lindos olhos.

ALFREDO — Se isso fosse capaz de produzir tal revolução em meu tio, já há muito estaria feita...

ADELAIDE — É um galanteio? Deste agora nesse modo de vida? Mas escuta! Eles aí vêm, se me não engano. É verdade, ei-los.

CENA 11.. /

ADELAIDE, ALFREDO, CAROLINA pelo braço de GUSTAVO

GUSTAVO — Como lhe dizia, minha senhora... (*Vendo Alfredo*): Alfredo!

ALFREDO — Meu tio! (*Abraçando-se*).

CAROLINA (*vendo Alfredo*) — Oh meu Deus!

ALFREDO (*vendo Carolina*) — Que vejo?!

ADELAIDE (*a Alfredo*) — Apresento-te, Alfredo, a minha íntima amiga Carolina.

ALFREDO — Folgo imenso... (*Aparte*): Nem eu sei o que lhe hei-de dizer.

ADELAIDE (*a Carolina*) — É Alfredo, o sobrinho de meu marido, que chega de viajar.

CAROLINA — Mal posso exprimir o prazer... (*Aparte*): Ele!

GUSTAVO (*a Alfredo*) — Visitaste a América?

ALFREDO — Sim... (*Aparte*): Ela! (*Alto*): A América? (*Aparte*): Ela aqui! (*Alto*): Visitei, é um belo país. (*Aparte*): Carolina, chama-se Carolina! (*Olhando-a, a meia voz*): Carolina! Como é belo!

ADELAIDE — Que dizes tu?! Carolina como...?

ALFREDO (*aparte*) — Que imprudência! (*Alto*): Falo a meu tio de Carolina, uma bela província da América.

CAROLINA (*a Adelaide*) — Adelaide, é força do acaso!

ADELAIDE — O quê?

CAROLINA — É ele!

ADELAIDE — Ele quem?... Ele! Alfredo! (*Aparte*): Uma das duas tem de ser infeliz!

## ACTO 2."

*Outra sala, em casa de Gustavo. Portas ao fundo e laterais. Móbilis elegante. Uma mesa ao centro com jornais e um álbum.*

CENA 1.º

ADELAIDE, CAROLINA fá direita, conversando). (*Do outro lado*):  
GUSTAVO (*lendo as folhas*) e o DR. GONÇALO. (*Todos tomando café, um criado servindo-os*).

ADELAIDE — Queira ver, Sr. Gonçalo; se não estiver bom de açúcar...

GONÇALO — Está delicioso, minha senhora. V. Ex.<sup>1</sup> tem uma mão para temperar café!...

ADELAIDE (a *Carolina*) — Aquilo tem suas pretensões a cumprimento.

CAROLINA — Julgo que sim. (*Alto*): Com efeito, Sr. Gonçalo, para um homem de ciência, V. S.<sup>a</sup> ainda se mostra um bom apreciador da beleza das mãos!... Adelaide deve estar penhorada.

ADELAIDE — Carolina!

GONÇALO — Perdão, V. Ex.<sup>a</sup> não atendeu ao fim da minha observação. Rigor antes de tudo! Eu referia-me ao bem proporcionado...

CAROLINA — Da mão, exactamente...

GONÇALO — Não, minha senhora, das doses de açúcar para a quantidade de café, de maneira a tornar a infusão muito agradável ao órgão do gosto.

CAROLINA — Mas...

ADELAIDE (*interrompendo-a*) — Então é partidário do café, já vejo.

GONÇALO — É a minha bebida predilecta.

CAROLINA — Dizem que causa insónia.

ADELAIDE — Tanto melhor para os amantes da ciência.

CAROLINA — E para outra espécie de amantes.

ADELAIDE — Nego; esses são de ordinário mais felizes sonhando.

CAROLINA — Mas se eles sonham mesmo acordados...

GONÇALO — O café é uma preciosa bebida! Muito grata devia ser a Europa à Arábia por semelhante importação. E em 1644, pela primeira vez...

ADELAIDE — E então não o foi?

GONÇALO — Se o foi?! Opôs-lhe obstáculos à sua introdução, declarou-lhe uma oposição encarniçada. Sorte de todas as descobertas!

CAROLINA — Felizmente que, pela boca do Sr. Gonçalo, o nosso século protesta contra tão injusta perseguição.

GONÇALO — Rigor antes de tudo! Há muito que a Europa reconheceu a sua injustiça. Hoje esta bebida tornou-se de um uso geral. As estatísticas mais recentes...

ADELAIDE — O senhor que tem viajado, já por certo visitou os países onde se cultiva o café, não?

GONÇALO — Já sim, minha senhora.

GUSTAVO (*pousando as folhas*) — O senhor esteve no Oriente?

GONÇALO — Não, senhor; porém, na América, especialmente nas ilhas, existem hoje muitas plantações. Os primeiros que introduziram...

CAROLINA — E é bonita a planta, Sr. Gonçalo?

GONÇALO — O arbusto do café, como todos os desta família, que é a das *cofeáceas*...

GUSTAVO — Que diz, *rubiáceas*?

GONÇALO — Não senhor, *cofeáceas*.

GUSTAVO — Essa é da família das *rubiáceas*, género *cofeia arábica*, segundo Jussieu.

CAROLINA (*a Adelaide*) — Que dizem eles, Adelaide?

ADELAIDE — Minha amiga, levaste-los para mau campo, em que não lhes percebo mais uma palavra.

GONÇALO (*depois de meditar*) — Parece-me que o senhor está enganado.

GUSTAVO (*sorrindo*) — Estarei, mas então também se enganam comigo os mais autorizados nomes da ciência.

GONÇALO — Mas... rigor antes de tudo! O que eu duvido é que eles pensem como o senhor. -

GUSTAVO — Dúvida? Pois eu tenho a certeza de que como o senhor é que eles não pensam.

GONÇALO — Eu li...

GUSTAVO — Perdão, se chama a questão para esse campo, obriga-me a arriar bandeiras.

GONÇALO — E porquê?

GUSTAVO — Vejo-o disposto a fazer citações em falso.

GONÇALO — Em falso?!

CAROLINA (*a Adelaide*) — O Sr. Gonçalo foi ferido no seu pundonor.

ADELAIDE — Cala-te.

GUSTAVO — Em defesa da sua opinião não pode, com verdade, recorrer a nada que tenha lido.

GONÇALO — Então quer o Sr. Gustavo dizer com isso...

GUSTAVO — Quero dizer que...

GONÇALO — Que eu minto!

CAROLINA (*a Adelaide*) — Receio das consequências; será melhor intervir.

ADELAIDE — Deixa-os lá.

GUSTAVO — Eu não digo tal; mas pode estar enganado.

GONÇALO — E porque não o há-de estar o senhor?

GUSTAVO — Ainda esta manhã dispus no meu herbário algumas outias espécies dessa mesma família. E se persiste na sua opinião, convido-o a descer comigo.

CAROLINA (*a Adelaide*) — Oh meu Deus! Um duelo!

ADELAIDE — Sossega, isso há-de-se fazer por menos.

GONÇALO — Descer aonde?

GUSTAVO — Ao meu gabinete de estudo, onde poderá ver exemplares de Jussieu.

CAROLINA — Respiro! Julguei que...

GONÇALO — Aceito!

CAROLINA (*a Adelaide*) — Aquele *aceito* era digno de uma proposta mais romântica.

GONÇALO — Estou certo que hei-de vencer.

GUSTAVO — Pois veremos. (*Encaminham-se para o fundo*). (*O criado retira-se*).

CAROLINA — Sabem, meus senhores, que antigamente no tempo dos cavaleiros andantes e dos torneios seria quase um crime o seu procedimento?

GUSTAVO (*olhando*) — E em que infringimos nós as regras de cavaleiro, minha senhora?

CAROLINA — Assim se deixam sós duas damas?

GUSTAVO — V. Ex.» é injusta. Além da galanteria para com as damas, os cavaleiros desses tempos juravam também defender a sua honra antes de tudo, e as damas eram então as primeiras a recusar-lhes os seus galanteios se a não houvessem bem mantido.

CAROLINA — Mas, no presente caso...

GUSTAVO — É um ponto de honra o de que se trata.

ADELAIDE — Não sei se algum Rolando ou Amadis desses tempos quebraria por ele uma lança no campo.

CAROLINA — Nem eu.

GUSTAVO — Estou certo que não, pois nem disputa poderia haver entre eles a tal respeito. A ciência mortificava-os pouco. Mas os tempos mudam.

GONÇALO (*aparte*) — Um homem científico gastar palavras nestas futilidades! Duvido já da sua erudição.

CAROLINA — Mas vá, vá, Sr. Gustavo; parece-me estar a ler nos olhos do seu adversário a impaciência que o chama ao combate.

GONÇALO — Na verdade... eu...

ADELAIDE — Sabe, Sr. Gonçalo, que, ao vê-lo assim inflamado pelo desejo deste encontro, qualquer acreditaria ser um verdadeiro duelo que se prepara. Esse ardor faz-me pensar na viuvez!

CAROLINA — É um duelo a seu modo. O Sr. Gonçalo foi o ofendido, compete-lhe a escolha das armas.

GUSTAVO — Então para ser em forma, requeiro padrinhos, e rogo à Sr. D. Carolina...

CAROLINA — Não aceito, não aceitamos. Tenho horror aos duelos em geral e a estes muito em particular.

ADELAIDE — Eu ainda mais que, por infelicidade minha, tenho assistido a algumas lições de esgrima das tais armas.

GUSTAVO (*a Carolina*) — Mas apelo para as recordações do tempo que V. Ex.» evocou. Quando um cavaleiro partia a combater recebia da sua dama um objecto qualquer que lhe dava ardor na luta e lhe infundia valor e ousadia.

CAROLINA — É verdade, mas confesso que, neste caso, é o Sr. Gonçalo o cavaleiro das minhas simpatias; é a ele que eu concederei, por despedida, uma lembrança que no combate lhe fale de mim. E, na falta de outra coisa, este lenço... (*Tirando um lenço*).

GONÇALO (*aparte*) — Desde que um homem se mostra indiferente, perdem-se elas. Pois está servida comigo. Se eu não fosse eu... (*Alto*): Minha senhora...

GUSTAVO — Curve o joelho, Sr. Gonçalo, é de rigor.

CAROLINA — E o rigor antes de tudo. (*Gonçalo curva-se desastradamente. Carolina cinge-lhe ao braço o seu lenço*). Ide e vencei!

GONÇALO (*aparte*) — Tem uns modos que se eu fosse outro... não sei...

GUSTAVO — Visto isso, Adelaide, recorro a ti.

ADELAIDE — Só se queres esta flor, mas não lhe vás dar nenhum nome extravagante impróprio de romances cavalheirescos.

GUSTAVO — Chamar-lhe-ei como quiseres.

ADELAIDE — Chama-lhe simplesmente uma camélia.

GUSTAVO — Uma camélia? Seja uma camélia. (*Ao retirar-se*): Conhece, Sr. Gonçalo, a família desta planta?

GONÇALO — Parece-me que é a das cameliáceas.

GUSTAVO — É a das teáceas.

GONÇALO — Perdão, mas rigor antes de tudo!

GUSTAVO — Sim, é certo que alguém... (*Saem*).

CENA 2.<sup>1</sup>

## ADELAIDE e CAROLINA

ADELAIDE — Decididamente é doença incurável!

CAROLINA — Deixa-o lá; podia ser pior se fosse o Sr. Gonçalo...

ADELAIDE — E admites a possibilidade de um homem como o Sr. Gonçalo ser meu marido?

CAROLINA — A respeito de amor e casamento admito todas as possibilidades. Não te contei já os pormenores da minha paixão?

ADELAIDE — Mas acrescentaste que a poesia estava nas pessoas e não nas coisas. E julgo que me não queres agora convencer de que o Sr. Gonçalo seja um personagem poético capaz de inspirar um amor ardente...

CAROLINA — Confesso que me havia de ser custoso.

ADELAIDE — O que te sei dizer, Carolina, é que tens um verdadeiro poder de fada.

CAROLINA — Sim?

ADELAIDE — Mal há quatro horas chegada e já soubeste conquistar o coração de todos.

CAROLINA — Deveras? Até o do Sr. Gonçalo?

ADELAIDE — Até o do Sr. Gonçalo.

CAROLINA — E acreditas que ele tenha coração?

ADELAIDE — Duvidei-o, mas acredito-o agora.

CAROLINA — E os fundamentos dessa crença?

ADELAIDE — Vi-o sorrir de um modo tal quando agora lhe deste o lenço!

CAROLINA — Ai, o Sr. Gonçalo também se sorri?! Não sabia! Há-de ser curioso

ADELAIDE — Quem sabe se o terás de ver apaixonado?!

CAROLINA — Dava alguns anos da minha vida para presenciar semelhante espetáculo. Devia ser de um sentimentalismo!...

ADELAIDE — Pobre Gonçalo! Juraste-lhe guerra de morte. Não lhe bastava Alfredo.

CAROLINA — Ai, por falares em Alfredo, sabes que estou desconfiada muito de mim mesma?

ADELAIDE — Porquê?

CAROLINA — Receio estar apaixonada.

ADELAIDE (*sorrindo*) — Decidiu-te algum novo encontro tão interessante como os dois primeiros? O teu amor nutre-se de emoções tão poéticas!...

CAROLINA — Bonito! Estás uma moralista!

ADELAIDE — Queres que te diga a verdade? Acreditas em pressentimentos?

CAROLINA — Alguma coisa; nos bons, principalmente.

ADELAIDE — São os que menos vezes se realizam.

CAROLINA — Então esses teus são maus, já sei.

ADELAIDE — Não, por enquanto; mas podem vir a sê-lo se os não atenderes.

CAROLINA — Ora vamos a ver esses pressentimentos.

ADELAIDE — É que a tua felicidade... não ta pode dar Alfredo.

CAROLINA — E mais nada?

ADELAIDE — Mais nada.

CAROLINA — É um pressentimento algum tanto lacônico. Devias, ao menos, completar o conselho: dizer-me aonde eu a havia de procurar, a tal felicidade. Quem sabe aonde a pobre se foi esconder? Talvez nos braços do Sr. Gonçalo; afinal de contas, pode estar aí um bom marido.

ADELAIDE — Não se poderá falar seriamente contigo numa coisa?

CAROLINA — Pois tu tens ideais?

ADELAIDE — Julgo que não são tão despropositados!

CAROLINA — Pois não serão, mas têm alguma coisa de desanimador e eu, presentemente, estou animada como nunca. Tenho tantas esperanças! Se soubesses!

ADELAIDE — E porque não hei-de saber? Julguei que já não tinhas segredos a ocultar-me. Olha que essas confidências incompletas ofendem-me.

CAROLINA — Ai, meu Deus, Adelaide. Quando duas amigas, como nós, se encontram depois de tantos anos de ausência, há tanta coisa a dizer, de parte a parte, que não se pode, em quatro horas...

ADELAIDE — Tens razão. Vamos lá a saber dessas esperanças.

CAROLINA — Vês tu? Eu, que por tanto tempo me conservei livre, que via todas as minhas companheiras amar, apaixonar-se, casar, e eu livre, como se fosse protegida por um poder misterioso, vi enfim aparecerem os primeiros assomos de um sentimento, que pode vir a ser paixão, justamente quando o futuro se me esclarecia e a esperança me mostrava um horizonte mais desanuviado. Não será isto de bom agouro?

ADELAIDE — E o que foi que assim te desassombrou o horizonte?

CAROLINA — O mesmo que me trouxe aqui. Não te disse na carta?

ADELAIDE — Apenas me falaste num negócio misterioso.

CAROLINA — Justamente. Eu te conto o que há.

### CENA 3.º

ADELAIDE, CAROLINA e MARGARIDA

MARGARIDA (*entrando*) (*Aparte*) — Ou hei-de fugir-lhe ou deixar-lhe ver o que sinto. É em vão que afecto indiferença; ele bem conhece que é fingida. Devo evitá-lo. Evitá-lo! Quando os meus pensamentos são todos com ele!

ADELAIDE (*vendo-a*) — Mas aí vem Margarida; ela também deve entrar nas ruas confidências.

CAROLINA — É indispensável. Vem, minha Margarida; quero compensar-te as lágrimas que esta manhã concedeste às minhas desventuras, com alguns sorrisos que espero não recusarás às minhas felicidades.

MARGARIDA (*aproximando-se*) — Vês? Só a essa palavra me sorrio já. Então tivemos boas novas?

CAROLINA — Por enquanto um pouco vagas.

ADELAIDE — Mas olha que me estás martirizando, Carolina! Não te escuto mais uma palavra que não seja de confidência.

CAROLINA — Se te ouvissem agora, Adelaide, os que acusam o nosso sexo de curioso!...

MARGARIDA — Mal nos ia se a amizade não fosse curiosa.

ADELAIDE — Nada de justificações, Margarida. Pede silêncio; obriguemo-la a principiar.

CAROLINA — Estou arrependida de ter exagerado talvez a importância do que vos tenho a dizer. Não penseis, Adelaide, que é um enredo complicado, de aproveitar para um romance em cinco volumes. É uma notícia apenas muito simples. Já vos disse que, apesar de não conhecer pai nem mãe, sei que tenho um protector. Há uma mão misteriosa, estendida sobre mim, a amparar-me. Porque se oculta? Não sei. Se é um estranho, a que devo esta protecção? A bondade dos seus sentimentos ou aos remorsos de um passado criminoso? Eis aqui um pensamento que, contra a minha vontade, me sugere cada benefício recebido. Quero mal a mim mesma. Isto é quase ser ingrata. Mas sempre esta dúvida: devo amar só e bendizer, ou tenho também... a perdoar, pelo menos?

MARGARIDA — E hoje, essa incerteza acabou?

ADELAIDE — Acaso sabes?

CAROLINA — Nada. Eu disse apenas esperanças; é justamente o que há. É bem pouco.

MARGARIDA — Pouco! Em pouco tens a esperança? Carolina, isso é um pecado!

CAROLINA — Eu aprecio-a no que ela vale. Mas não me posso considerar muito rica. Esperanças? ou mais ou menos, quem as não tem?

MARGARIDA — Quem as perdeu, quem as viu murchar ainda mal despontadas.

CAROLINA — Murcham umas, renascem outras. Têm o destino das flores.

MARGARIDA — Plantas há que só florescem uma vez.

CAROLINA (*sorrindo*) — Mas são tão raras!...

ADELAIDE (*aparte*) — Pobre Margarida! Como já se lhe conhecem os vestígios da paixão! Aonde acabará isto, meu Deus?! (*Alto*): Vamos, Carolina; acaba a tua narração.

CAROLINA — Saibam, pois, que, há dois dias, recebi uma carta do tal ser misterioso que vela por mim e nela se me ordenava que deixasse Lisboa e viesse para esta cidade, onde devia receber uma importante revelação.

ADELAIDE — E dizia-te que escolhesses esta casa ?

CAROLINA — Não; mas há muito que eu desejava uma tal viagem só para te ver; para me recordar contigo daquele meu viver dos treze anos. Este pensamento foi logo o que me acudiu: Vou ver Adelaide e talvez saber ao mesmo tempo quem sou, qual a minha família! Faz ideia como devo estar; é quase um segundo nascimento.

ADELAIDE — E ainda não recebeste outras novas depois que chegaste ?

CAROLINA — Não.

MARGARIDA — Se te dessem a escolher o futuro, Carolina; se te fosse livre desejas tu mesma a ventura, que antevês, o que desejarias ?

CAROLINA — Um pai.

ADELAIDE — Um pai!

MARGARIDA (*suspirando*) — És feliz, Carolina.

CAROLINA — Feliz?

MARGARIDA — És feliz se tens um coração que ainda se satisfaz só com o amor de pai!

CAROLINA (*ntando-a*) — Sabes, Margarida, que eu também quero conhecer os teus segredos?

MARGARIDA — Segredos?! Não os tenho.

, CAROLINA — Olha que te não perdoo a mentira !

ADELAIDE — E porque desejas um pai? Acaso não é mais terno, mais carinhoso o amor de mãe? Não tem mais consolações?

CAROLINA — Ora vão lá explicar desejos de descobrir a razão das simpatias. Mas olha, Adelaide, talvez tu sejas a causa desta minha fantasia.

ADELAIDE — Eu?

CAROLINA — Tu, sim. Quando depois de passares com a tua família as férias que tanto aprecias, voltavas ao colégio, vinhas cheia de saudades e, toda chorosa, desabafavas comigo; nunca então me falavas senão de teu pai.

ADELAIDE — Se eu não tinha mais ninguém !

CAROLINA — Pintavas-mo tão bom, tão teu amigo, tão perdido por ti, que eu não sonhava senão com um pai assim. Como seria feliz, dizia eu, se tivesse também quem me dissesse: «minha Carolina, minha querida filha», quem me recebesse com um beijo afectuoso e me banhasse de lágrimas na despedida! Esta ambição inocente não afrouxou com a idade, antes cresceu; e confessaste que se a revelação do meu nascimento me restituísse uma família onde me faltasse um pai, seria talvez mais feliz do que tenho sido até hoje; porém, não tanto como o havia imaginado.

ADELAIDE — Mas, na tua idade, há talvez afeições que consolam da orfandade. É uma lei, à qual, pela sua muita bondade, Deus sujeitou os corações.

CAROLINA — Não me podiam consolar a mim. Tu sabes, Adelaide, que não estou já de todo isenta dessas afeições que dizes; pois, não obstante, ainda a outra lhes é superior. Se fosse preciso sacrificar-lhe todos estes devaneios em que há tempos a esta parte me tenho embalado...

ADELAIDE — Sacrificavas-lhos ?

CAROLINA — Sem hesitar.

MARGARIDA — Então, não é amor ainda...

CAROLINA — Não é amor?!

ADELAIDE — Não; Margarida tem razão.

CAROLINA (*perto de Margarida*) — Pois diz-me, Margarida, tu que amas, não mo pretendes negar, só amando se fala assim; tu que amas, se esse amor exigisse de ti que abandonasses teu velho pai, que trocasses as tuas brandas carícias, os seus puros afectos por outro mais ardente talvez, mas quase sempre menos sincero...

MARGARIDA — Trocava.

CAROLINA — E amas teu pai?!

MARGARIDA — Tanto quanto um pai se pode amar.

CAROLINA — E deixáva-lo por outro?

MARGARIDA — Se me visse obrigada a deixá-lo, porque esse amor, o verdadeiro, aquele em que se confia, que se não receia de pouco sincero, Carolina, assim o exigisse, partiria com o coração despedaçado, mas partiria...

CAROLINA — Ouves isto, Adelaide? Não achas uma crueldade?

ADELAIDE — Não a acuses; se houvesse motivo para acusação, era à alma humana que a devias dirigir.

CAROLINA — Peço uma excepção em meu favor.

MARGARIDA — Espera que chegue a tua hora.

CAROLINA — Se eu te digo que ela já souu.

UM CRIADO — Minha senhora.

ADELAIDE — Que queres?

O CRIADO — O sr. doutor pede a V. Ex." o obséquio de descer ao seu gabinete.

ADELAIDE — Está bom. Meu marido chama-me. Deixo-vos por um pouco; espero reconheceres que ambas tendes razão. Carolina porque não teve infância na qual saboreasse as delícias do amor de um pai e talvez porque ainda não ama deveras; Margarida porque... mas são segredos que me não compete divulgar. Adeus, adeus. (*Sai*).

CENA 4.º

## CAROLINA e MARGARIDA

CAROLINA — Mas que compete a mim averiguar, pois me confessaste o direito de te chamar amiga.

MARGARIDA — É uma crueldade, Carolina, esse desejo.

CAROLINA — Porquê?

MARGARIDA — Se me amas, se me estimas, como dizes, deves ajudar-me a esquecer este amor e não a revivê-lo, confiando-to.

CAROLINA — E que necessidade há de esquecer? Se esse amor é assim forte que te levaria a abandonar por ele um pai que estimas tanto, para que tentas abafá-lo no coração? Eu penso que, nestas coisas, a infelicidade é apagar-se a chama que nos seduz porque as trevas depois devem ser um martírio; mas, enquanto dura, vive-se e é-se feliz.

MARGARIDA — Feliz és tu em poder falar assim!

CAROLINA — Ora vamos; sabes que todos nós temos vaidade até no padecer. Disputam-se primazias na desventura, como se disputam nas cortes os primeiros empregos. Todos têm a sua aristocracia, até os infelizes. Tantas vezes me falas na minha felicidade que chegaste a ofender-me o amor-próprio.

MARGARIDA — Tu avalias todas as paixões por esse impulso do coração que te faz desejar um pai? Julgas que amando se é feliz porque se ama; que o presente absorve tudo...

CAROLINA — Amando e sendo amada; mas eu nem admiti a necessidade de veres repelido o teu amor.

MARGARIDA — Eu amo e quase tenho a certeza de ser amada.

CAROLINA — E és infeliz?

MARGARIDA — Sou.

CAROLINA — Custa-me a conceber.

MARGARIDA — Sou-o, porque há um obstáculo entre nós; entre mim e a felicidade há o impossível.

CAROLINA — E para um amor desses também se criou o impossível?

MARGARIDA — Cria-o esse mesmo amor.

CAROLINA — Não comprehendo.

MARGARIDA (*sorrindo*) — Olha o que faz a felicidade!

CAROLINA (*fazendo-se ofendida*) — Margarida!

MARGARIDA — Quem nutre um amor assim, antepõe ao seu futuro o da pessoa que ama. Esse destino que seria o único que me podia fazer ditosa, talvez fosse, era decerto cheio de penas e remorsos para o homem que o partilhasse comigo.

CAROLINA — E ama-te esse homem?

MARGARIDA — Pelo menos tem-mo jurado.

CAROLINA — Ama-te e pode ter semelhantes receios ?!

MARGARIDA — Ele não; quando mesmo viesse a arrepender-se, quando já me não amasse, ocultar-mo-ia.

CAROLINA — Mas acho-te muito exigente... Se todos fossem a pensar nestas coisas, bem poucos veríamos casados. O arrependimento é tão frequente de parte a parte...

MARGARIDA — Não é esse arrependimento, que dizem suceder aos primeiros anos ou meses, de um casamento que eu temo. Acredito muito no seu amor para o recear tão pouco duradouro. Mas para me fazer feliz, se eu feliz pudesse ser assim, era preciso que ele incorresse no desagrado de um pai a quem estima, talvez nas suas maldições.

CAROLINA — Ainda há pouco me disseste que, amando-se devras, não era isso obstáculo.

MARGARIDA — E creio que o não seria para ele; mas é para mim. Pensar que o homem a quem amamos nos possa, um momento só, por pensamentos que seja, e mau grado seu, acusar-nos da sua infelicidade... Acreditas num suplício, Carolina?

CAROLINA — Tens uma bela alma, Margarida!

MARGARIDA — Já vês que há futuros mais desesperados do que o teu.

CAROLINA — Ai, não o nego, mas não é ainda a ti que concedo a primazia.

MARGARIDA — Pois não vês?...

CAROLINA — Vejo que tudo está dependente de um obstáculo que, de um momento para o outro, pode cessar.

MARGARIDA — Entendo o que queres dizer, mas enganas-te. Há aversões que duram mais que a vida. Tudo me faz crer que nem a morte do homem que se opõe à minha felicidade me deixaria gozá-la.

CAROLINA — Mas de onde vem uma aversão tão forte?

MARGARIDA — À diferença da fortuna a atribuem; mas eu creio que há mais alguma coisa.

CAROLINA — Então?

MARGARIDA — Não sei, mas creio-o. Entre meu pai e esse homem há um segredo. A uma antiga e sincera amizade, a uma íntima afeição que, eu sei, existiu noutro tempo entre eles, sem que a diferença das classes em que a sorte os colocara lhe diminuísse a intensidade, sucedeu hoje, da parte de meu pai, uma reserva fria, um respeito pouco do coração; da parte dele um desprezo pungente, um ódio até que não busca ocultar-se. Eu sou quem mais sofre com isso, quem tem de sofrer para sempre.

CAROLINA — E o homem que amas participa dessa aversão ? Também odeia teu pai? O bom Pedro?

MARGARIDA — Ama-o como se fora seu filho. E a estima em que o tem e o meu amor são talvez os únicos motivos de desarmonia entre ele e seu pai.

CAROLINA — E onde está esse homem?

MARGARIDA — Aqui.

CAROLINA — Aqui?!

MARGARIDA — Chegou hoje.

CAROLINA (*inquieta*) — Hoje! O seu nome? Como se chama?

ALFREDO (*dentro*) — Deixe estar, deixe estar, minha tia. Afianço-lhe que me não hão-de escapar todas assim.

MARGARIDA (*a Carolina*) — Ouve-lo?

CAROLINA — Alfredo?!

MARGARIDA — É ele!

CAROLINA — Tu... tu também o amas?!

MARGARIDA — Também! Que queres dizer?

CAROLINA — Nada. Eu dizia... Tu ama-lo?

MARGARIDA — Oh! Carolina! Nem eu te sei dizer quanto!

CAROLINA — E... diz-me... ele? Ele também te ama? Tens a certeza?

MARGARIDA — Mil vezes mo tem jurado.

CAROLINA — E hoje? Hoje... depois que chegou?

MARGARIDA — Não, porque lhe tenho fugido; mas os seus olhos...

CAROLINA — E se te não amasse?

MARGARIDA — Que dizes?

CAROLINA — Uma suposição... Se ele te esquecesse... se...

MARGARIDA — Era preciso não ter coração.

CAROLINA — Mas, enfim, se amasse outra?

MARGARIDA — Oh! Cala-tel Cala-te!

CAROLINA — Mas se fosse?

MARGARIDA — Morria.

CAROLINA — E odiavas muito essa outra, não é verdade?

MARGARIDA — Não sei; talvez. Nem me fales nisso, que me endoideces!

CAROLINA (*suspirando*) (*Aparte*) — É pois forçoso esquecê-lo?

MARGARIDA — Mas... Jesus, meu Deus! Porque me fizeste essas perguntas, Carolina?

CAROLINA (*aparte*) — Fui cruel. É preciso combater aquelas suspeitas. Ainda bem que a tempo descobri tudo. (*Alto*): Sossega; não vás agora dar importância a um simples efeito da minha curiosidade. Quis avaliar a extensão do teu amor e sabes? Depois do que me tens dito, sou da tua opinião.

MARGARIDA — Em quê?

CAROLINA — O que eu sinto... o que eu sentia, não era amor ainda.

MARGARIDA — Não morrias, se te esquecessem?

CAROLINA (*sorrindo*) — Espero que não; e até serei a primeira a tentá-lo.

MARGARIDA — Oh! que o não podias se amasses deveras. Há três anos que me esforço por o conseguir e cada vez o sinto mais intenso, este amor.

CAROLINA (*aparte*) — Deus permita que eu seja mais afortunada.

MARGARIDA — Mas, há pouco, perguntaste-me se eu também amava Alfredo. Também! Carolina, porque me fizeste assim esta pergunta? Acaso sabes se outra...

CAROLINA — Não, não sei; sossega. Mas, minha Margarida, contento-me com que ele te ame, só a ti. E não leves o ciúme a ponto de quereres privar das afeições mais alguém. Quantas o amarão? Eu mesma...

MARGARIDA — Tu?!

CAROLINA — O amo, e porque não? Como o ama Adelaide, como o ama Gustavo, teu pai, e até o Sr. Gonçalo.

MARGARIDA — Mas se...

CAROLINA — Basta. Parece-me que o temos aí. Não lhe mostres essa fronte anuviada. É uma crueldade que ele te não merece.

MARGARIDA — Eu devia fugir-lhe.

CAROLINA — Mas não foges, que nem eu te consinto. (*Aparte*): É um sonho que se desvanece, meu Deus! Se todos os meus sonhos têm de findar assim, para que me concedeis esperanças, Senhor?!

CENA 5.º

CAROLINA, MARGARIDA e ALFREDO

ALFREDO — Isto é uma injustiça que brada aos Céus! (*Vendo Margarida*): Ah! Margarida, até que enfim. (*Vendo Carolina*): Carolina também... (*Aparte*): Oh meu Deus! Ambas!

CAROLINA — Então que é, Sr. Alfredo? Que injustiça é essa de que se queixa?

ALFREDO — Da mais horrível das injustiças, minha senhora; todos evitam a minha presença, como se me receassem empestado.

CAROLINA — É justo castigo. O senhor deu-nos o motivo evadindo-se sem mais nem menos, ainda incompleto o jantar, no meio de uma acalorada questão entre seu tio e o Sr. Gonçalo.

ALFREDO — Por quem é, minha senhora, não me fale nesse homem. Em compensação da falta dos outros, deparo-o a cada passo. Eu evadi-me para dar uma repreensão merecida.

CAROLINA — Uma repreensão?

ALFREDO — Muito merecida. Ora veja, minha senhora: chego de fora da terra, depois de uma tão prolongada ausência e, quando esperava encontrar, correndo a abraçar-me, todos os amigos, que havia aqui deixado ao partir, nem Pedro, nem esta Margarida, com quem ainda não pude ralhar à vontade, me aparecem, sequer ao jantar, onde dantes nunca faltavam.

MARGARIDA — Mas... meu pai... estava incomodado, bem sabe.

ALFREDO — Pois foi esse mesmo incômodo que eu quis examinar. Sabe, Sr." D. Carolina, onde eu fui encontrá-lo? Passeando no jardim com Margarida, com a melhor saúde deste mundo.

CAROLINA — Eu julgo que Pedro padece mais do moral.

ALFREDO — Porém, dantes, logo que me via, logo que lhe eu falava, cessavam todos os padecimentos.

CAROLINA — É que se agravaram com a sua ausência. .

ALFREDO — Não o desculpe. Depois... quer saber? Passado um momento de conversação, ainda mal tinham cessado os primeiros cumprimentos, reparo... que é de Margarida? Havia-me fugido! Dantes...

MARGARIDA — Alfredo... Sr. Alfredo... espero que não repasse...

ALFREDO — Reparei e devia reparar. É uma ingratidão que eu não lhe merecia.

CAROLINA (*sorrindo*) — Não?

ALFREDO — Não, minha senhora.

CAROLINA — As vezes... quem sabe se o Sr. Alfredo estava absolutamente inocente?

ALFREDO (*aparte*) — Como ela me olha! Entendo, ciúmes já! E o mais é que ainda merecia maior castigo.

MARGARIDA — Perdoe-me por esta vez...

CAROLINA — Não te humilhes a pedir perdão, Margarida. Deixa-o, que ele mesmo, se pensar, talvez te seja ainda grato por te mostrares tão pouco severa na pena.

MARGARIDA — Porque dizes isso?

CAROLINA — Porque...

ALFREDO (*aparte*) — Mau, mau...

CAROLINA — Todos nós temos pecados a expiar.

ALFREDO (*aparte*) — É certo que não sei o que hei-de dizer na presença de ambas.

MARGARIDA — Não falemos mais nisso, Sr. Alfredo; é um assunto de conversa pouco digno de um homem que vem de viajar. Fale-nos das suas aventuras.

ALFREDO — Das minhas aventuras?

CAROLINA — Margarida tem razão. Todo o viajante traz à sua disposição um tesouro inesgotável de notícias interessantes. É esse um dos maiores prazeres que dão as viagens. O primeiro é gozar, o segundo contar o que se gozou.

ALFREDO — E o terceiro é mentir à vontade; eu, porém, não posso satisfazer aos seus pedidos, minhas senhoras. As minhas recordações de viagem são todas amarguradas. Se V. Ex.» soubesse o martírio ao qual estive sempre condenado durante este longo tempo !.,

CAROLINA — Concebo: saudades da Pátria... Mas disso há sempre e ainda assim...

ALFREDO — Oh! Essas são as mais gratas sensações que por lá se experimentam. O pior era um espectro que me perseguia constantemente; era um pesadelo que me não deixava respirar desafogado.

MARGARIDA — Um espectro?!

ALFREDO — Nem mais, nem menos. Era o Sr. Gonçalo.

CAROLINA — Não queremos agora saber desse homem. Fale-nos de assuntos mais amenos.

MARGARIDA — De amores, por exemplo...

ALFREDO (*aparte*) — Esta agora! Isto vai-se pondo bonito! (*Alto*). Amores? E pode crer, Margarida, que eu seja desses homens tão volúveis que... Eu estou talhado para amar uma vez só na vida. (*Aparte*): Resposta de diplomata; cada qual a entenda para si.

CAROLINA (*aparte*) — Aposto que ele quer-se conservar em campo neutro. Veremos.

MARGARIDA — Não sei se o poderemos acreditar.

CAROLINA — É impossível que não tenha algumas aventuras a contar. Um duelo, uma emboscada, um naufrágio; a propósito, nunca naufragou?

MARGARIDA — Oh! meu Deus, por acaso?...

ALFREDO — Não, não tive essa ventura.

MARGARIDA — Ventura?!

ALFREDO — Que dúvida! Se isso me pudesse tornar! interessante a um tão gentil auditório...

MARGARIDA — Pagava um atractivo por esse preço?

ALFREDO — Era barato para quem tão pouco possui. (*Baixo a Margarida*): Para te agradar daria a própria vida.

CAROLINA (*aparte*) — É preciso corrigi-lo; não lhe posso perdoar a leviandade. (*Alto*): Mas nem uma pequena tormenta?

ALFREDO — Nada. Os mares e os ventos foram-me propícios. Pois atravessei os mais afamados sem borrascas, a Mancha, o Mediterrâneo...

CAROLINA — Às vezes corre-se maior perigo aonde menos se espera. Marinheiros que percorreram, sem acidente, os mais remotos e tormentosos mares, naufragam e morrem por fim num pequeno rio.

ALFREDO — Tudo é assim neste mundo.

CAROLINA — Eu mesma, já assisti a um temporal no Tejo.

ALFREDO (*aparte*) — Querem ver que... Era o que me faltava! (*Alto*): Sim?

CAROLINA — Pois não se lembra?

ALFREDO (*confuso*) — Eu?

CAROLINA — Daquele dia de muito vento que houve em Lisboa, este ano?

ALFREDO — Ah! Lembro-me muito bem. (*Aparte*): Respiro!

MARGARIDA — E correste perigo?

CAROLINA — Outros mais do que eu... até por sinal...

ALFREDO (*interrompendo*) — Psiu!

CAROLINA ( *fingindo-se admirada*) — Que é?!

ALFREDO (*disfarçando*) — Nada... é que... me pareceu ouvir...

CAROLINA — Foi engano.

MARGARIDA — Até por sinal, dizias tu...

ALFREDO (*interrompendo*) — De uma vez no Mediterrâneo...

CAROLINA — Primeiro eu; já que não contou a tempo, espere agora.

ALFREDO — Ah! Queira continuar. (*Aparte*): Que ânsia!

CAROLINA — Até por sinal que, num outro barco...

ALFREDO — O Tejo é um formidável rio quando...

CAROLINA — É, e desta ocasião esteve para haver uma vítima.

MARGARIDA — Pois tu?

ALFREDO (*distraindo*) — Conta-se até que...

CAROLINA — O Sr. Alfredo está impertinente! Não me deixa concluir.

ALFREDO — Ah! Eu julguei...

CAROLINA — Que já tinha concluído? Lisonjeia-me tanta atenção.

ALFREDO — Não, queria dizer...

CAROLINA — Bem, deixemo-nos de desculpas. Esteve para haver uma vítima, mas não fui eu, porque, antes pelo contrário...

ALFREDO (*aparte*) — Estou num tormento! É capaz de fazer suspeitar tudo a Margarida. (*A meia voz a Carolina*): Minha senhora...

CAROLINA (*alto*) — Que é?

ALFREDO (*disfarçando*) — V. Ex." já leu os «Mártires» de Chateaubriand?

CAROLINA — Eu não, porquê?

ALFREDO — Ah!... Perguntava... por querer saber; curiosidade apenas.

CAROLINA (*aparte*) — Bem mártir é ele.

MARGARIDA — Mas quem era a pessoa que ia contigo?

ALFREDO (*aparte*) — Será isto vingança combinada entre ambas?

CAROLINA — Não ia comigo; pertencia a outro barco.

MARGARIDA — E quem era?

CAROLINA — Era...

ALFREDO (*mudando de conversa*) — Mas aonde está minha tia?

CAROLINA — Era um chapéu.

ALFREDO (*aparte*) — Se ficar nisto... Estou em suores! Se Margarida suspeita! ..

MARGARIDA — Um chapéu!

CAROLINA — É verdade, um chapéu que eu tive a coragem de salvar das ondas, sem que, em recompensa, merecesse a seu dono uma palavra de agradecimento.

MARGARIDA — Tal seria o susto!

CAROLINA (*rindo*) — De perder o chapéu, talvez.

ALFREDO (*baixo a Carolina*) — Ou a impressão de um olhar.

CAROLINA (*alto*) — Que lembrança! Sabes, Margarida, como o Sr. Alfredo explica a confusão daquele mancebo?

ALFREDO (*aparte*) — Oh Deus meu, estou perdido!

MARGARIDA — Como?

ALFREDO (*baixo a Carolina*) — Carolina; por quem é!

CAROLINA — Como era, Sr. Alfredo? Dizia que...

ALFREDO (*aparte*) — É inexorável! (*Alto*): Sim, eu lembrava-me... que... as vezes... talvez... ele fosse mudo.

CAROLINA — Ou então perturbado pelas oscilações do barco. Tenho razões para o acreditar; muito fácil de impressionar pelo movimento das vagas, mas não moralmente...

ALFREDO (*aparte*) — Que mulher!

MARGARIDA — E quem era ele?

ALFREDO (*aparte*) — Bom; tiram-me dumas, metem-me noutras.

CAROLINA — Um belo rapaz; não me falou, mas olhou-me de um modo...

ALFREDO (*aparte*) — Está decidida a perder-me.

MARGARIDA — Que valeu por mil agradecimentos, não?

CAROLINA — Que lhe parece, Sr. Alfredo? Haverá olhares que valham tanto?

ALFREDO — Estou que os desse desgraçado valiam mais se os visse quem lhos soubesse compreender.

CAROLINA — Tem razão; para entender dessas coisas é preciso amar ou ter amado. Se fosse Margarida...

ALFREDO (*aparte*) — Está visto; são ciúmes.

MARGARIDA — E tu, Carolina? Não me disseste ainda há pouco?...

ALFREDO — O quê? Margarida, disse-lhe o quê?

CAROLINA — Silêncio! É uma curiosidade muito mal entendida, Sr. Alfredo. Acaso eu tenho procurado descobrir os seus segredos?

ALFREDO — Perdoe, minha senhora, mas é certo que esse homem não lhe fez nenhuma impressão?

CAROLINA — Tanta como eu a ele, provavelmente.

ALFREDO (*a meia voz*) — Oh! Se fosse assim!

CAROLINA (*aparte*) — É incorrigível!

MARGARIDA — Mas quem te disse que o não impressionaste?

CAROLINA — Desconfiei-o sempre e tenho agora a certeza, apesar de ele me protestar o contrário quando depois nos vimos.

MARGARIDA — E não acreditas nos seus protestos?

CAROLINA — Protestos de amor mentem muito. Não lhe parece, Sr. Alfredo?

ALFREDO — V. Ex.<sup>a</sup> é injusta.

CAROLINA — Com os protestos ou com o meu desconhecido?

ALFREDO — Com ambos... talvez.

CAROLINA — Que dizes tu, Margarida?

MARGARIDA — Eu... creio ainda nos primeiros e não ouso desconfiar do último.

CAROLINA — É uma felicidade para ti. Pois devias desconfiar de ambos como eu. E se querem uma prova de como ele mentia...

MARGARIDA — Venha.

ALFREDO — Não, não, para quê?

CAROLINA — Ah! Receia ficar vencido? Descanse que o não direi. Ainda que seria uma lição que talvez lhe aproveitasse,

MARGARIDA — A Alfredo?!

CAROLINA — Não, ao tal desconhecido.

ALFREDO (*baixo* a *Carolina*) — Minha senhora, creia V. Ex.» que eu...

CAROLINA (*baixo*) — Silêncio! (*Alto*): Conte-nos agora a sua história.

ALFREDO — Dispensem-me por quem são. Não tenho absolutamente nenhum jeito para a narrativa.

CAROLINA — É melhor no diálogo? Parece-me que sim. Nas descrições é pouco verdadeiro, não?

ALFREDO — Conforme. Quando descrevo o que sinto...

MARGARIDA — Oiçamos, pois, o que sente.

ALFREDO — Receio que me não entendam ou não acreditem que falo verdade.

CAROLINA — Tão extraordinário é o que sente? (*Folheando um álbum*): Diga antes, e tem razão, que os segredos do coração não se devem divulgar assim, diante de um auditório estranho.

ALFREDO — Não o é o auditório presente.

CAROLINA — Margarida, não sei, mas eu devia-o ser.

ALFREDO (*baixo* a *Margarida*) — Esses segredos guardo-os só para ti. (*Alto*): V. Ex." julga-se estranha ao meu coração?

CAROLINA (*lendo no álbum*) — Ou o sou, ou o senhor é muito pronto em franqueá-lo, o que é um grave defeito. Mas que vejo?! O Sr. Alfredo também faz versos!

ALFREDO (*aparte*) — Outra nova tortura. Ela que possui uns que eu lhe dediquei...

CAROLINA — E dou-te os parabéns, Margarida; o Sr. Alfredo ó partidário da cor dos teus cabelos.

ALFREDO (*aparte*) — Estou aviado! (*Alto*): Ah! É a letra para uma música que minha tia exigiu de mim. (*A Margarida*): E que tu me inspiraste, Margarida.

CAROLINA (*lendo*):

São negros os teus cabelos,  
Nem há mais bonita cor.  
Quando em tranças se desatam,  
Em delírio me arrebatham  
Do mais puro e ardente amor!

Ainda pensa isto?

ALFREDO (*aparte*) — Que indiscreta pergunta! (*Alto*): Há três anos que eu escrevi esses versos.

CAROLINA — E torná-los-ia a escrever hoje?

ALFREDO (*aparte*) — Já que assim o quer... (*Alto*): Tornava.

CAROLINA — É de opinião contrária o meu desconhecido. Ora oiçam o que ele me escreveu hoje.

ALFREDO (*aparte*) — Por esta já eu esperava.

CAROLINA (*lendo*):

Que mais linda cor podia  
 A tuas tranças conceder  
 Deus, ao mandar-te ir ao mundo  
 P'ra d'amores me perder?  
 Áureas, como os áureos raios  
 Do Sol, ao vir a manhã,  
 O seu brilho...

Etc, etc. Os senhores discordam muito a respeito de cores, já vejo.

ALFREDO — Ambos temos razão; há cabelos formosos de todas as cores.

CAROLINA — O senhor hoje está muito conciliador. Estou vendo que é capaz de admitir que o mesmo homem podia, até sem mentir, escrever estas duas poesias?

ALFREDO — Eu conheço um meu amigo que ama perdidamente duas mulheres.

CAROLINA — Ou ele mente, ou esses dois amores juntos não fazem um verdadeiro.

ALFREDO — Pois ambos o são.

MARGARIDA — O coração não é tamanho que possam assim caber lá dois sentimentos dessa natureza.

ALFREDO — São mistérios que eu não sei explicar.

CAROLINA — Estude-os que talvez os explique. Olhe que muitas vezes enganamo-nos com nós mesmos e nestas coisas muito mais. Eu cito-me como exemplo; esta manhã, ainda há pouco, julguei-me apaixonada, e agora vejo que me tinha iludido.

ALFREDO — E o que a desenganou assim?

CAROLINA (*com intenção*) — Conversei com Margarida e vi a diferença que vai de uma simples fantasia a um amor profundo e sincero. Aquilo sim! É que é amar!

ALFREDO (*com amor*) — Margarida!

MARGARIDA — Carolina!

CAROLINA — Se o Sr. Alfredo quer, como eu, avaliar o que é uma paixão, aconselho-o a que se dirija a ela. Espero que não lhe recusará informações. Eu retiro-me; vou procurar Adelaide. (*Aparte*): Vinguei-me já a meu modo.

ALFREDO (*baixo a Carolina*) — Minha senhora, V. Ex.» não me concederá um momento de conversação?

CAROLINA — Para quê? Ou o senhor me mentiu e não lho devo conceder, embora lhe haja perdoado; ou foi sincero e e então um dever meu não o ouvir.

ALFREDO — Porquê?

CAROLINA — Porque há quem mais direito tenha a essa afeição; e creia-me, não busque a felicidade noutra parte. (*Sai*).

CENA 6.

## ALFREDO e MARGARIDA

ALFREDO (*vendo sair Carolina*) (*Aparte*) — Apesar de o querer ocultar, esta mulher ainda me ama, e eu...

MARGARIDA (*aparte*) — Depois que ouvi a Carolina aquela palavra: *também, sinto um desassossego!*...

ALFREDO (*olhando Margarida*) — Esta ao menos não finge. (*Alto*): É verdade, Margarida, o que eu acabei de ouvir?

MARGARIDA — Se é verdade? Não; Carolina exagera; apenas...

ALFREDO — Oh! Para que o pretendes negar? Acaso não conservo bem presentes na memória os juramentos que de ti recebi quando, há quatro anos, nos separámos? Cuidas que eu não sei como costumas cumprir os teus juramentos?

MARGARIDA — Sr. Alfredo: quando partiu daqui, nós ambos éramos duas crianças. O que então dissemos, embora o sentíssemos, sempre eram ditos de criança; e seria hoje malfeito se nos quiséssemos valer, um para com outro, dessas promessas.

ALFREDO — Margarida... acaso... quererás que eu te desligue da tua palavra?

MARGARIDA — Eu?! E... se quisesse?

ALFREDO — Acaba; diz tudo então. Os ausentes choram-se um pouco ao princípio; lembram depois algumas vezes, e afinal esquecem-se para sempre e no entanto vêm outros...

MARGARIDA — Alfredo!

ALFREDO — Que sabem dizer novas falas, mais ardentes, porque já não são falas de criança; e o coração conhece que um mais intenso sofrimento o invadiu, não é assim? E como dois amores não podem alojar-se num só coração, tu o dissesse, há pouco, Margarida, o primeiro, o mais puro dos dois é expelido para dar lugar ao outro.

MARGARIDA — Aprendeu lá por fora a ser cruel, Alfredo?

ALFREDO — Não é preciso sair daqui para ser excelente nessa arte. Os que vão levam sempre consigo as saudades a defender-lhes os afectos colhidos na pátria; os que ficam...

MARGARIDA — Os que ficam... não queira saber a vida dos que ficam, não lhes queira compreender os sentimentos. Se é bom como dantes, havia de afigir-se.

ALFREDO — E não vês tu que mais me aflijes com essa frieza? Porque me foges desde que me vês? Que quer dizer esse constrangimento diante de mim? O tratamento que me dás tão diferente do que me davas dantes, Margarida? Desengana-me; já me não amas?

MARGARIDA — Se o não amo! (*Aparte*): Como hei-de eu enganá-lo?

ALFREDO — Não receies fazer-me sofrer; pior do que um desengano é o tormento em que me tens, Olha, Margarida, é doloroso ter

assim de afugentar todas as lembranças daqueles nossos dias de ventura, que outros mais risonhos ainda me prometiam; mas então? Se é preciso, se tu me não podes dar o amor jurado, melhor é sabê-lo já.

MARGARIDA — Mas quem te disse que eu?... Oh! Alfredo, e podes crê-lo? Podes crer que se esqueçam afeições assim?

ALFREDO (*com alegria*) — Não as esqueceste, pois não?

MARGARIDA — Eu, que nem em mais nada pensava!

ALFREDO — Conservaste esse coração todo para mim, não é verdade?

MARGARIDA — Olha, já agora... não posso ocultar-to; se rume lês nos pensamentos! Devia ocultá-lo, mas não posso. Lembras-te que dantes te jurava que não podia haver no mundo um amor mais intenso que o meu? Que era impossível caber no peito uma paixão maior?

ALFREDO — Lembra-me, lembra-me como todas as tuas palavras.

MARGARIDA — Pois mentia-te.

ALFREDO — Mentias-me?!

MARGARIDA — Mentia-te sem o saber. Hoje vejo que me enganei; porque te amo mais do que então; e não ouso dizer-te o mesmo, repetir-te iguais protestos agora, porque receio que o futuro me desminta de novo.

ALFREDO — Receias não amar-me?

MARGARIDA — Receio vir a amar-te ainda mais do que hoje; que o meu amor tem crescido com o tempo, e cresce, e crescerá sempre.

ALFREDO — Bem me dizia o coração que te havia de encontrar como te deixei: bela, pura e minha! Nas viagens aprende-se muito; neste viver com o mundo vê-se tanta coisa, presenciam-se tantas cenas e tão variadas! Mas o que melhor se aprende é a duvidar, a arrojar para longe, esse prisma, através do qual olhamos a vida na mocidade. É verdade, Margarida, por lá perdi muitas ilusões que daqui levei ao partir, mas o que ela não pôde, a vida das brilhantes sociedades que frequentei, foi fazer-me duvidar de ti. Esta crença no teu amor era uma segunda religião que eu venerava; a mais pequena suspeita seria uma profanação. Não a tive, juro-te que não a tive.

MARGARIDA — Obrigada, nem menos esperava de ti, ainda que talvez para a tua felicidade devesse desejar o contrário.

ALFREDO — Porquê?

MARGARIDA — Porque, afinal, isto é um sonho, Alfredo; um sonho que há-de findar e, quanto mais tarde, mais custoso será.

ALFREDO — Findar! Então é deste modo que te venho encontrar, Margarida? Que é daquelas esperanças que dantes nunca te abandonavam e que eu conservo ainda?

MARGARIDA — Dantes, junto de ti, ocupava-me todo o presente; e por ele julgava o futuro. Mas depois, quando partiste, eu fiquei só com os meus pensamentos. Encarei melhor a vida, conheci que me iludia; é impossível aquela felicidade, Alfredo.

ALFREDO — E era assim que passavas os longos anos, bem longos, Margarida, da minha ausência? Vê se eu não fui mais fiel às

nossas promessas; que desesperar do futuro é quase duvidar do meu amor. Eu não, nunca pensei em tristezas; pelo contrário, fantasiei mais venturas.

MARGARIDA — Que não passaram de fantasias.

ALFREDO — Sabes que te não perdoou esse desalento?

MARGARIDA — Tens razão. Amo-te, e isso me basta; e o futuro...

ALFREDO — O futuro não merece que se duvide dele. Olha, nunca tive tantas esperanças como hoje; escrevi a meu pai. Faz ideia do que foi o que eu lhe dizia; falando do nosso amor, protestei contra o modo por que ele parece encarar a felicidade, vendo-a só aonde existe o dinheiro. Finalmente falei-lhe de modo tal que verás como ele há-de aceder; porque afinal meu pai é um homem honrado e ama-me muito.

MARGARIDA — São ilusões, Alfredo; teu pai nunca consentirá.

ALFREDO — Porquê?

MARGARIDA — Há uma força maior que o obriga a proceder assim. Crê-me.

ALFREDO — Verás, verás. Em breve lhe hás-de ir pedir a seus pés, com o perdão dessas suspeitas, o doce nome de filha.

MARGARIDA — Oh! Alfredo, se um dia... Vês como eu sou? Uma palavra tua faz-me renascer todas as esperanças que eu julgava para sempre perdidas.

ALFREDO — Pois nunca mais as hás-de tornar a perder. Prometes-mo, juras-mo... hás-de confiar sempre neste amor.

MARGARIDA — No amor? Oh! Nesse confio eu.

ALFREDO — E no futuro também.

MARGARIDA — No futuro...

ALFREDO — Sim, nele também. Exijo-o.

MARGARIDA — Junto de ti confio em tudo. É como se vivesse uma outra vida! Vês? Sentes renascerem-me as esperanças pelo bater do coração? Não te diz ele que já não posso duvidar da ventura? Que já... Tu entende-lo? Não entendes? Sabes o que é este bater ansiado?...

CENA 7.

MARGARIDA, ALFREDO e o DR. GONÇALO

GONÇALO (*que ouviu as últimas palavras*) — Sabe muito bem; são os movimentos de sístole e diástole.

MARGARIDA (*estremecendo*) — Jesus!

ALFREDO — Sr. Gonçalo!

GONÇALO — Pareceu-me que o senhor titubeava em responder à pergunta desta menina? Para quando guarda os seus conhecimentos?

ALFREDO — Isto é de mais!

GONÇALO — É muito louvável, minha senhora, esse desejo de aprender. O Sr. Alfredo, porém, é um tanto avesso às explicações da ciência. Mas eu lhe digo: o coração é um músculo oco...

ALFREDO — Oca tem o senhor a cabeça, Sr. Gonçalo! Quer-me fazer o favor de se calar, com as suas insípidas prelecções?

GONÇALO — Mas esta menina...

ALFREDO — Esta menina e eu dispensamos ouvir os seus disparates sobre o coração; que nos temos'por melhores mestres nessa matéria. Se, para o senhor, ele é apenas um músculo oco, para nós é muito mais.

GONÇALO — Então que é mais?

ALFREDO — Não estou para o aturar! Ouviu, Sr. Gonçalo ?!

MARGARIDA — Alfredo!

GONÇALO — Que exaltação! Que o senhor não queira abrir os ouvidos às sãs palavras da ciência, vá, mas, de mais a mais, impedir que os que se desejam instruir...

ALFREDO — Sr. Gonçalo, lembra-se do que lhe disse esta manhã ?

GONÇALO — Eu sei, eu sei, e desculpo que o senhor junto de... sim... desta menina... a quem... sim... bem mes entendo... se esqueça daquele rigor da ciência que deve estar antes de tudo; por isso eu vim em seu auxílio.

ALFREDO — Agradeço, mas dispenso-o. Faz favor de se retirar.

GONÇALO — Porém, eu desejava falar com o senhor.

ALFREDO — Será noutra ocasião, meu caro. Faça favor de se retirar.

MARGARIDA — Alfredo, este senhor talvez tenha coisas importantes a dizer-lhe em...

ALFREDO — Não creias; este senhor não se ocupa de coisas importantes.

GONÇALO — Essa agora!

MARGARIDA — Sempre o oiça. Até logo. (*Vai retirar-se*).

ALFREDO — Não, Margarida, não posso consentir...

MARGARIDA (*a meia voz*) — É preciso; adeus. Já levo recordações para poder estar só.

ALFREDO — E não te esquecerás dos nossos juramentos ?

MARGARIDA — E posso eu esquecer-me? (*Sai*).

CENA S.-

ALFREDO e o DR. GONÇALO

ALFREDO — É um anjo! E eu que lhe ia sendo infiel! Infiel, não; nunca deixei de a amar; a outra imagem aparecia ao lado desta, mas nunca a ofuscou. Dois amores! Será possível existir?

GONÇALO — É um problema que os filósofos...

ALFREDO — Ah! Já me esquecia que estava aí. Ouviu-me ? E quem me responde à interrogação que lhe não era dirigida? Que diz a ciência a esse respeito?

GONÇALO — Há opiniões: Aristóteles...

ALFREDO — Basta, basta; deixe Aristóteles em paz. Disse que me queria falar.

GONÇALO — Sobre um negócio importante.

ALFREDO — A estas horas, alguma anomalia que descobriu na conformação de um insecto.

GONÇALO — Nada, não, senhor.

ALFREDO — Não? Alguma planta refractária às classificações...

GONÇALO — Não, senhor; não, senhor.

ALFREDO — Então...

GONÇALO — É sobre um objecto muito diferente desses.

ALFREDO — Não posso adivinhar...

GONÇALO — Conhece esta senhora que está em casa de sua tia?

ALFREDO — Margarida??

GONÇALO — Não; a outra.

ALFREDO — Ah! conheço.

GONÇALO — Pode-me informar...

ALFREDO — Ah! Não a sabe classificar? Eu lhe digo. Pertence ao grupo dos vertebrados, classe dos mamíferos, dos bímanos, raça caucásica, sexo feminino.

GONÇALO — Não é isso.

ALFREDO — Que mais pode interessar a um homem de ciência?

GONÇALO — Não queira fazer de nós nenhuma pedras, também!

ALFREDO — Que oíço?! Acaso...

GONÇALO — Persiste em me não dar as informações que lhe peço?

ALFREDO — Mas que importa ao senhor Carolina?

GONÇALO — Justamente, Carolina. Essa senhora...

ALFREDO — O Sr. Gonçalo está apaixonado?!

GONÇALO — Não vá logo aos extremos. Apaixonado, não.

ALFREDO — Mas com princípios disso!

GONÇALO — Não digo...

ALFREDO — Ah! ah! ah!

GONÇALO — Aí principia o senhor.

ALFREDO — O senhor apaixonado! Ah! ah! ah!

GONÇALO — Então que acha? Cuida talvez que é preciso ser um estouvado como o senhor para se amar e... A ciência não mata a sensibilidade, o coração não se fecha aos afectos...

ALFREDO — O Sr. Gonçalo! Não sabe que o coração é o centro do aparelho circulatório?

GONÇALO — Deixe-se de graças.

ALFREDO — O senhor está perdido! Já se esqueceu do rigor antes de tudo? Já... Daqui a pouco é capaz de deixar de ser maçador; pois faz mal, esse defeito era o seu maior merecimento.

GONÇALO — Zombe, zombe; mas o que eu lhe digo é que não ando a suspirar debalde atras de um sorriso, de um olhar, como o senhor; se me mostro inclinado a essa menina é porque ela primeiro...

ALFREDO — Lhe declarou a sua paixão?

GONÇALO — Não, mas deu-me a entender...

ALFREDO — Que morria de amores pelo Sr. Gonçalo; pela cor dos seus olhos, ó Sr. Gonçalo?

GONÇALO — Isso, tome o caso em gracejo. O senhor que lhe andou fazendo a corte...

ALFREDO — Eu?

GONÇALO — Sim, não o negue; ao jantar eu bem reparei. O senhor que se cansou a fazer-lhe a corte, obteve alguma coisa, que lhe mostrasse que os seus galanteios eram bem acolhidos?

ALFREDO — Eu nada; e o senhor?

GONÇALO — Eu? (*tirando o lenço de Carolina*). Veja!

ALFREDO — Este lenço... (*Examinando-o*): Carolina deu-lhe este lenço?

GONÇALO (*com fúria*) — Ainda duvida?

ALFREDO — É impossível!

GONÇALO — Deu-mo e acompanhou-o de um sorriso...

ALFREDO — Os sorrisos podem exprimir tanta coisa...

GONÇALO — Diz bem, mas o que o dela exprimia...

CENA 9.º

GONÇALO, ALFREDO e ADELAIDE

ADELAIDE — Sr. Gonçalo, acaba de chegar a meu marido uma coleção de plantas raras e ele convida-o para examiná-las,

GONÇALO — Com muito prazer. (*A Alfredo, baixo*): O lenço?...

ALFREDO (*disfarçando*) — Vá, Sr. Gonçalo, vá.

GONÇALO (*baixo*) — O lenço?

ALFREDO — Então, Sr. Gonçalo?

ADELAIDE — Gustavo está no seu gabinete.

GONÇALO (*baixo*) — Mas o lenço?

ALFREDO — O Sr. Gonçalo! Na verdade é bem pouco ardor para um homem científico! Admira-me a sua indiferença!

GONÇALO (*baixo*) — E não me dá o lençol.., Ciúmes! Ciúmes! Eu logo lho obterei.

ALFREDO — Vai desesperado.

GONÇALO (*sorrindo*) — Ciúmes! Ciúmes!

CENA 10.-

ADELAIDE e ALFREDO

ADELAIDE — Agora nós, Alfredo. Temos um ajuste de contas.

ALFREDO — Então que é, minha tia?

ADELAIDE — Sabes que te fizeste mau com as viagens?

ALFREDO — Eu, porquê?

ADELAIDE — Amas, ou não amas, Margarida?

ALFREDO — Ainda me pergunta!

ADELAIDE — Então se a amas, com que fim fazes a corte a Carolina?

ALFREDO — Ai, pois sabe?

ADELAIDE — Sei sim... Isto são coisas com que se brinque?

ALFREDO — Mas se eu a amo?

ADELAIDE — A quem?

ALFREDO — A Carolina.

ADELAIDE — Não disseste ainda agora...?

ALFREDO — Que amava Margarida? E amo.

ADELAIDE — Então como entendas tu isso?

ALFREDO — Como entendo?! A tia também não admite a possibilidade de dois amores?

ADELAIDE — Estás doido?!

ALFREDO — É um preconceito. Pois um pai pode amar igualmente todos os seus filhos, um irmão, todos os seus irmãos, um filho, o pai e a mãe, e só um homem não poderá amar duas mulheres?

ADELAIDE — Tem juízo. Não prevês as consequências que daí podiam seguir-se? Se Carolina te acreditasse, se te amasse?

ALFREDO — Sossegue; não ama.

ADELAIDE — Felizmente, soube atalhar ao princípio, porque amar-te seria matar Margarida.

ALFREDO (*sorrindo*) — Carolina é muito generosa!

ADELAIDE — O modo por que dizes isso faz-me crer que pensas o contrário.

ALFREDO — Olhe, minha tia, confesso-lhe: o que eu sentia por Carolina sentia-o do coração. Na presença dela quase me esquecia de Margarida, assim como, junto de Margarida, a esquecia a ela. Há pouco, diante de ambas, era um perfeito martírio: nem sabia a qual atender. Agora mesmo não lhe posso dizer que ela me seja de todo indiferente.

ADELAIDE — Mas é preciso acabar com isso!

ALFREDO — Há uma coisa que me fazia perder todas as ilusões, desterrar completamente estas ideias e amar Margarida ainda mais do que a tenho amado. Sabe que na convalescença de uma doença vive-se melhor, goza-se mais da vida.

ADELAIDE — E o que te podia fazer esse serviço?

ALFREDO — Se por acaso fosse verdade uma extravagância que acabei de ouvir.

ADELAIDE — Uma extravagância?

ALFREDO — O Sr. Gonçalo, que daqui se retirou, afiançou-me que Carolina... Mas é um absurdo!

ADELAIDE — Acaba. Afianço-te...

ALFREDO — Que Carolina o ama.

ADELAIDE — Carolina?!

ALFREDO (*mostrando o lenço*) — E não afirmou sem provas. Este lenço é dela...

ADELAIDE — Ah! Já sei. E quando assim fosse?

ALFREDO — Conseguia o Sr. Gonçalo o que outro talvez não alcançaria facilmente.

ADELAIDE — E era?

ALFREDO — Matar-me uma ilusão, despoetizar Carolina, fazer com que eu deixasse de pensar nela, o que até agora tenho em vão tentado.

ADELAIDE (*aparte*) — Se fosse possível! Tentemos este recurso. (*Alto*): Pois então dou-te os parabéns pela cura.

ALFREDO — Que diz?!

ADELAIDE — Carolina ama o Sr. Gonçalo.

ALFREDO — É impossível!

ADELAIDE — É a verdade. Uma vez que ele foi indiscreto, não to quero ocultar. Carolina é extravagante nos seus gostos. Sabes o motivo porque tu lhe fizeste alguma impressão?

ALFREDO — Qual foi?

ADELAIDE — Não a atribuas aos teus olhares amorosos, às tuas palavras ternas e declarações em prosa e verso.

ALFREDO — E a que devo atribuir essa feliz impressão?

ADELAIDE — Aos pormenores, algum tanto prosaicos, dos vossos encontros.

ALFREDO — Mas deveras, Carolina?...

ADELAIDE — Ama o Sr. Gonçalo. É um homem sisudo. Daquela massa se fazem os melhores maridos.

ALFREDO — Basta! Entendo. Pode estar certa que Margarida não tem já rivais. Estou curado, minha tia.

ADELAIDE (*aparte*) — Deus o queira! Foi uma mentira necessária; agora vou pedir perdão a Carolina. (*Alto*): Como te vejo com saúde, deixo-te. Espero que não recaias.

ALFREDO — Esteja certa disso. As suas palavras curaram-me radicalmente.

ADELAIDE — **Ora** olha lá! Adeus! (*Sai*).

C E N A   11.-

ALFREDO (*só*) — O Sr. Gonçalo! O Sr. Gonçalo! Pode-se conceber uma coisa destas? Não há neste mundo nada mais misterioso, mais insondável, mais enigmático e extravagante do que o carácter das mulheres! Não há, não pode haver! Ainda queria que os profundíssimos conhecedores do coração humano que passam a vida a dissecar-lhe, uma por uma, as fibras, a estudar-lhe as mínimas pregas, me dissessem como pode o Sr. Gonçalo impressionar assim Carolina! É o mais absurdo amor que se pode conceber! Caprichos de mulher! Deixa estar que me hei-de vingar. Martirizou-me diante de Margarida

e amava o Sr. Gonçalo! Há-de-mas pagar; amar o Sr. Gonçalo é uma injúria feita ao amor; e eu, apesar de ela já me ser indiferente, preciso mostrar-lhe que a despezo.

C E N A 12.'

ALFREDO e PEDRO

este ALFREDO (*olhando o lenço*) — Este lenço! O Sr. Gonçalo possuir lenço!

PEDRO — Ainda bem que o encontrei.

ALFREDO (*voltando-se*) — Ah! És tu, Pedro?

PEDRO — Quando vinha para aqui entregaram-me esta carta, chegada agora do correio, para o senhor.

ALFREDO — Uma carta? Deve ser de meu pai; dá cá.

PEDRO — De seu pai?

ALFREDO — Sim; e espero que me dará felizes notícias.

PEDRO — Deus o queira. Eu sempre o estimei muito; era um íntimo amigo de meu desfunto amo, o pai da senhora. Ele e o Sr. Gustavo eram quase seus filhos; hoje, porém...

ALFREDO — Hoje meu pai é injusto contigo. Mas espera que isso há-de acabar.

PEDRO — Duvido.

ALFREDO — Então digo-te mais, esta carta talvez termine já essa infundada aversão.

PEDRO — Porque diz isso?

ALFREDO — Nós vamos ter muito que falar.

PEDRO — E em quê?

ALFREDO — Leiamos primeiro o que me diz meu pai. (*Abre*): «Meu querido filho». Isto é já de bom agouro. «Uma vez por todas, o que me pedes é impossível!» Oh meu Deus!

PEDRO — E o que era?

ALFREDO — Era a minha felicidade, Pedro; a alegria da minha vida!

PEDRO — E nega-lha? Seu pai é cruel... e eu sei-o há muito.

ALFREDO (*lendo*) — «Não quero, porém, passar aos teus olhos por tão miserável que antepoña os sordidos interesses da cobiça do ouro aos teus menores desejos. Se até agora te tenho dado a entender que era esse o único móvel das minhas acções, era porque não queria lançar á tua alma generosa, sementes de ódio que na minha há muito germinaram. Mas enfim, eu não posso sofrer que, no fundo da tua consciência, me desprezes. Perdoa-me, custa-me ensinar-te a odiar, mas é preciso...».

PEDRO — Não sei que inquietação é esta!

ALFREDO (*continuando depois de uma pausa*) — «Odeia, deves odiar Pedro... do fundo da alma».

PEDRO — «Deves... odiar...». Leia isso outra vez.

ALFREDO — «Deves odiar Pedro do fundo da alma».

PEDRO — Oh Deus meu! E isto escreve-se?! É preciso não ter coração!

ALFREDO — «Odeia-o e... aos seus».

PEDRO — Oh! Não leia essa carta; é um veneno que se lhe entraña nas veias; arroje-a para longe; é uma víbora que o morde!

ALFREDO — Oh Senhor! Tende compaixão de mim! (*Lendo*): «É uma raça de pérfidos!... Só compreendem... os mais baixos e vis sentimentos. Neles a amizade é uma especulação!»

PEDRO — Oh meu Deus ! E consentes que se digam estas coisas?!

ALFREDO (*lendo*) — «Pedro é um criminoso...».

PEDRO (*cobrindo o rosto com as mãos*) — Ah!

ALFREDO (*lendo*) — «...que pagou com a mais infame traição a amizade sincera em que sempre foi tido por essa família que é a nossa também. Ai, ainda o estimam, mas eu o desmascararei, enfim. Odeia-o e evita os seus; tu és a vítima escolhida pela sua insaciável cobiça. Não queiras saber mais. Teu pai».

PEDRO — Mente!

ALFREDO — Pedro!

PEDRO — Devo calar-me ? Hei-de calar-me ? Quando me infamam por tal modo? Quando me querem roubar uma amizade que eu tanto apreciava ? A sua !

ALFREDO — Pedro, aqui há um mistério! Meu pai não costuma mentir; mas eu não quero acreditar, desde já, no que ele me diz. Responda-me: Está inocente ? Contento-me com a sua resposta. Bem vê que ainda o estimo.

PEDRO — Seu pai está iludido.

ALFREDO — Diga-me, sente a sua consciência tranquila? De nada o acusa?

PEDRO (*abatido*) — A minha consciência...

ALFREDO — O que acabou de ouvir; a voz de meu pai; lembre-se que uma acusação, assim revelada por um pai a um filho, é solene. Diga, não lhe despertou remorsos? Não...?

PEDRO — Remorsos!

ALFREDO — Responda-me, fale !

PEDRO — É justo ! Eu sou criminoso !

ALFREDO — Pedro, veja o que diz!

• PEDRO — É o castigo de Deus! Odeie-me, Sr. Alfredo. Cumpra as ordens de seu pai; se não sou tão criminoso como ele me julga, sou-o ainda assim e muito!

ALFREDO — Pedro, por quem é... diga-me que não, diga-me que meu pai se engana que há um segredo que o leva a iludir-se, a mentir até; mas diga-o, diga-mo já.

FEDRO — Eu sou criminoso!

ALFREDO — E... Margarida...?

PEDRO — Margarida! Para que me fala em Margarida?

ALFREDO — Para quê?! Para quê?! Porque a amo! Porque se acaso o que meu pai... oh! Não, não...

PEDRO — Ama-a!

ALFREDO — Amo; e por causa deste ódio, meu pai opõe-se, opor-se-á sempre, proibir-me-á à beira da sepultura ainda este amor! Por isso eu quero saber... quero que me desengane, que me diga que está inocente; ouve? Disso depende o meu futuro...

PEDRO — E seu pai opõe-se a... Oh meu Deus! Nem ao menos me concedereis aquilo que me levou a ser criminoso? Todo o meu bem era este, Senhor! E é preciso renunciar a ele!

ALFREDO — Meu Deus! As suspeitas de meu pai! Tudo isto seriam combinações do mais vil interesse?!

PEDRO — Ter no fim de tantos tormentos, de perder toda a riqueza que ambicionei!

ALFREDO (com *fúria*) — É, pois, certo, miserável?!

PEDRO — Miserável!

ALFREDO — Fala, homem, fala... Margarida...

PEDRO — Margarida... não, nunca o revelará! Ela é minha filha. (*Vai para retirar-se*).

ALFREDO — Pedro, Pedro, ouve-me... fira-me esta dúvida que me mata.

PEDRO — Não, não... para que quer saber...? Deixe-me... não a pode amar... odeie-a... esqueça-a. Eu não direi nada. Ela é minha filha! (*Sai*).

CENA 13.

ALFREDO (*só*) — Pedro... Oh! Isto é de enlouquecer! Meu pai! Nem eu sei como lhe hei-de perdoar... esta tortura! Duvidar, duvidar do que até agora era para mim mais de fé! Duvidar de Margarida! (*Lendo a carta*): «É uma raça de pérfidos que só compreendem os mais baixos e vis sentimentos; a amizade neles é especulação». Mente oh! Perdão, meu pai, mas isto é uma crueldade, é um impossível. Margarida... não, não pode ser. Mas Pedro não a defende... confundiu-se quando lhe falei nela... e foge clamando que nada revelará porque é sua filha! Que mistério é este? Quero, preciso sabê-lo; assim não se pode viver. É preciso sabê-lo!

CENA 14.

ALFREDO e MARGARIDA

MARGARIDA — Nem eu sei como pude tanto tempo viver longe de ti; desde que te tornei a ver não posso sofrer a solidão.

ALFREDO — Margarida!

MARGARIDA — E tu? Mas que tens? Porque te vejo triste?

ALFREDO (*aparte*) — Quem sabe se tudo isto é fingimento?!

Mandada talvez pelo pai para...

MARGARIDA — Mas que é isto, Alfredo? O que te sucedeu depois que te deixei? Em tão pouco tempo...

ALFREDO — Um momento basta às vezes, Margarida, para destruir venturas que longos anos levaram a criar!

MARGARIDA — Que queres dizer? Acaso recebeste carta de teu pai?

ALFREDO (*aparte*) — Que astúcia! (*Alto*): Recebi.

MARGARIDA — Novas tristes, não?

ALFREDO — Bem tristes!

MARGARIDA — Eu já o receava; não te havia dito...?

ALFREDO (*aparte*) — Não, não pode ser! (*Alto*): Perdoa-me, Margarida.

MARGARIDA — Perdoar-te, o quê?

ALFREDO — Não se pode fingir por tanto tempo!

MARGARIDA — Fingir, que dizes?

ALFREDO — Não se pode mentir assim! O verdadeiro amor transluz através da glacial reserva; e não há expressões tão ardentes que possam simular de sincera uma paixão não sentida.

MARGARIDA — Mas... por amor de Deus, Alfredo! Não vês que essas palavras me matam?! Acaso...

ALFREDO — E daí quem sabe? Tão estudada anda a arte de mentir!

MARGARIDA — Alfredo!

ALFREDO — Margarida, se te viesses dizer que não acreditasses em mim, nas minhas palavras, que tudo quanto te tenho dito e jurado eram mentiras; que...

MARGARIDA — Oh! Mas quem poderia!...

ALFREDO — Mas se te dissessem? Acreditava-lo?

MARGARIDA — Eu...?

ALFREDO — Podias conceber que um amor assim se fingisse?

MARGARIDA — Mas porque me perguntas isso?

ALFREDO — Responde.

MARGARIDA — Alfredo, por quem és, fala-me de outro modo; se soubesses como me estás fazendo sofrer!

ALFREDO — Responde.

MARGARIDA — Não, não quero pensar nisso!

ALFREDO (*aparte*) — Tenta evadir-se...

MARGARIDA — Para que hei-de imaginar tormentos desses?

ALFREDO (*aparte*) — Perturba-se!

MARGARIDA — Ai, infelizmente não precisamos para saber como se sofre recorrer aos pensamentos; a realidade no-lo dirá.

ALFREDO (*aparte*) — É, pois, verdade?!

MARGARIDA — Antes imaginemos venturas; prometi-te esperanças no futuro; e vês? Tenho-as. Estive a pensar... e pareceu-me que não devia... (*Aparte*): Que é isto, meu Deus? (*Alto*): ...perdê-las. E não com um amor como o teu...

ALFREDO (*aparte*) — Será isto fingimento?

MARGARIDA — Com um amor como o nosso, não sei se deva recear futuros!

ALFREDO — Mas ainda me não respondeste, Margarida! Se te dissessem que o meu amor era fingido?

MARGARIDA — Jesus! Alfredo; mas que prazer encontras em me martirizar assim?

ALFREDO — Talvez não acreditasses! Não tinhas razão. Deve-se desconfiar de tudo isto nesta vida. As promessas, de aparências mais verdadeiras, os juramentos mais sagrados, isso tudo nada vale. É uma maneira de mentir melhor! (*Sai arrebatadamente, arrojando ao chão o lenço de Carolina*).

## CENA 15.

MARGARIDA (*só*) — Alfredo! É Alfredo a quem acabo de ouvir! Estas palavras tão duras, tão crueis, foi ele que mas disse? Mas que é isto, Senhor? «O amor é fingimento, não se pode fingir por tanto tempo...». Que queria ele dizer? Já me não amará? Tenho medo de saber a explicação deste mistério. Se ele me não ama, se tenho de perder aquele amor!... Oh! Antes morrer ou enlouqueço sem o saber! (*Vendo o lenço*): Mas que é isto? Um lenço? Foi ele que o deixou aqui. (*Beijando-o*): Quem sabe se será a única memória que me resta destes amores! Quem sabe as lágrimas que tu me hás-de enxugar; que só lágrimas eu tenho talvez a viver no mundo. Mas que vejo? (*Reparando para a marca*): Carolina!... Este lenço é de Carolina! E ele tinha-o! Se acaso... o que ela me disse... a admiração que lhe causou o dizer-lhe que amava Alfredo... Amá-lo-á?! E ele? Talvez. É isso, é isso; ainda agora as suas palavras... mal se pode encobrir o amor; debaixo da mais fria reserva ele transparece... E eu que o não entendo! E há pouco quando juntos... aquelas palavras... o enleio em que o vi... os sorrisos dela, a perturbação dele... Oh! Senhor! Desventura sobre desventura! Perco o seu amor e é Carolina quem me rouba! Ela, a quem eu estimava tanto! Ela, a quem... Jesus, meu Deus! Não me façais odiar! Deixaí-me ser infeliz, mas não má. Ah! Como eu o amo! Como eu sofro! Não há, não há tormento igual!

## CENA 16.-

## MARGARIDA e CAROLINA

CAROLINA — Mas onde estará Adelaide? (*Vendo Margarida*): Ainda bem que te encontro, Margarida. Viste Alfredo?

MARGARIDA (*aparte*) — É certo! (*Alto*): Alfredo...

CAROLINA — Queria perguntar-te se o viste há pouco. Acabo de o encontrar; confesso-te que o estranhei.

MARGARIDA — Sim?

CAROLINA — Caminhava agitado, quase sem tino... Viu-me, parou junto de mim e olhando-me de uma maneira singular.

MARGARIDA — Ah! Singular?!

CAROLINA — Com um sorriso, como te não sei exprimir.

MARGARIDA — Sim; essas coisas nem se exprimem...

CAROLINA — Disse-me estas palavras: «Muito pode uma mulher formosa!»

MARGARIDA — Ah! Ele disse que...

CAROLINA — Ouve; «Muito pode uma mulher formosa! Um lenço, um lenço que lhe pertence, é bastante para arrojar a seus pés os mais difíceis».

MARGARIDA — E tu respondeste-lhe...

CAROLINA — Nada, que nem me deu tempo; abandonou-me de um modo tão extraordinário...

MARGARIDA — Extraordinário? Pareceu-te?

CAROLINA — Estranhei-o na verdade.

MARGARIDA — Sim; ele costuma a ser mais meigo...

CAROLINA — Muito mais.

MARGARIDA — Ainda mais galanteador...

CAROLINA — Confesso-te que se aquilo era galanteio, foi de bem mau gosto.

MARGARIDA — A sua voz... quando te fala, costuma ter uma mais doce intonação.

CAROLINA — Nem parecia o mesmo

MARGARIDA — De outras vezes é, mostra-se ainda mais impressionado?

CAROLINA — Digo-te que nem o suporia Alfredo se... E aquela história do lenço...

MARGARIDA — Ah! Não sabes, ao que ele se referia?

CAROLINA — Eu, não.

MARGARIDA — Inocente!

CAROLINA — Que queres dizer?

MARGARIDA — É que os amantes têm fantasias! Um lenço, um simples lenço da mulher que amam, tem para eles um valor que...

CAROLINA — Não te comprehendo, Margarida! Acaso...

MARGARIDA — Ah! Esquecia-me que me não podias entender; a tua inocência...

CAROLINA — Margarida!

MARGARIDA — Carolina!

CAROLINA — Também tu! Que é isto? Porque me falam todos assim?

MARGARIDA — É porque nem todos sabem fingir!

CAROLINA — Fingir!

MARGARIDA — É porque uma pobre rapariga que tem vivido retirada, ao lado de seu velho pai, numa casa humilde e isolada, não aprendeu essa grande arte que lá por fora se ensina: de ocultar

o que se sente sob sentimentos opostos; o amor com a indiferença e a indiferença com o amor; o ódio com a amizade...

CAROLINA — Ódio?! Por quem és, explica-te. Tu que tens, Margarida?

MARGARIDA — Nós somos umas ignorantes. Sabemos amar, mas não ocultá-lo; sabemos sofrer, e as lágrimas revelam-nos o sofrimento. (Chora).

CAROLINA — Margarida, diz-me: o que te faz falar-me assim? Exijo-o! A nossa amizade...

MARGARIDA — Oh! Cala-te! Cala-te. Eu ainda não me costumei a essa tua linguagem mentida!

CAROLINA — Mentida!

MARGARIDA — Minha senhora: essa amizade de que fala eu não lha havia pedido. Acredito que fosse sincera ao princípio, mas depois quando viu que me não podia abraçar como irmã, para que continuar a fingir uma afeição impossível? Como pode abrir-me os braços para ocultar-me no seu seio, e sobre a minha cabeça atraiçoar-me no que eu tinha de mais santo, no que era a minha única esperança neste mundo?

CAROLINA — Oh meu Deus! Acaso Alfredo...

MARGARIDA — Ah! Entendeu-me? É, pois, certo? Que perfídia!

CAROLINA — E ele foi tão cruel que...

MARGARIDA — Que quer? Ainda não era tão excelente no fingimento como a senhora. Deixe que com o tempo, e uma tão sábia mestra, há-de aperfeiçoar-se.

CAROLINA — Margarida, juro-te...

MARGARIDA — Deixe-me, minha senhora; não estou costumada a ouvir assim profanar os juramentos! Meu pai teve a simplicidade de me ensinar a respeitá-los.

CAROLINA — Margarida, eu estou inocente!

MARGARIDA (*atirando-lhe o lenço*) — Ea prova aí está!

CAROLINA — Este lenço... mas... É preciso esclarecer isto. Não me odeies, Margarida; olha, eu não tenho culpa, não te fiz mal nenhum. Tu ainda hás-de ser feliz!

MARGARIDA — A felicidade que eu tenha, Deus lha dê também, minha senhora. Não lhe peço outro castigo. (*Sai*).

C E N A      17.'

CAROLINA (*só*) — Margarida, olha, espera... Isto não pode ficar assim. Alfredo teria um coração tão duro que pudesse lançar no desespero esta infeliz? É preciso vê-lo... preciso dizer-lhe que... Mas este lenço, este lenço... eu não me recordo... Que tumulto de ideias! Perco a cabeça! Quem o daria a Alfredo?...

CENA 18.<sup>1</sup>

## CAROLINA e ADELAIDE

CAROLINA — Adelaide ! Até que enfim te encontro: ajuda-me a esclarecer este mistério!

ADELAIDE — Este mistério ?!

CAROLINA — Margarida odeia-me, Alfredo não a ama, e ela sabe tudo.

ADELAIDE — Que dizes ?

CAROLINA — Acaba de sair daqui. Não fazes ideia em que desespero. Como há-de sofrer ! E eu, eu que lhe havia feito sacrifício das minhas afeições, sacrifício mais custoso do que julgas, Adelaide ! Ver-me assim odiada, malquista por ela !

ADELAIDE — Mas é impossível ! Margarida tão terna ! Tão bondosa !

CAROLINA — Ama e o ciúme mata-a. Eu perdo-o-lhe, mas Alfredo é muito cruel; despedaçou-lhe o coração e o meu.

ADELAIDE — Alfredo ! Não o posso crer; ainda agora...

CAROLINA — Digo-te que é verdade. Vamos, Adelaide, vamos; quero isto esclarecido. Diz a Alfredo... diz a Margarida... Vai, faz com que ela seja minha amiga. Se soubesses como me custa perder a estima que pude granjear ! Quem tão poucas tem !...

ADELAIDE — Sossega; aqui há um mistério que se há-de descobrir. Não chores. Quem te há-de poder odiar, minha Carolina ? É destino do amor ser regado sempre por algumas lágrimas; ou mais ou menos, é uma necessidade ! Deixa-as correr.

CAROLINA — Como ela me tratou, meu Deus !

ADELAIDE (aparte) — Ah ! Alfredo, Alfredo, enganaste-me ! Esse coração não está ainda curado !

CENA 19.<sup>1</sup>

## CAROLINA, ADELAIDE e PEDRO

PEDRO (dentro) — Sr. Gustavo ! Sr. Gustavo !

ADELAIDE — É a voz de Pedro !

PEDRO (entrando) — Onde está o Sr. Gustavo ?! Onde...

ADELAIDE — Que é, Pedro ?

PEDRO — Oh ! Depressa ! Mataram-ma ! Depressa !

CAROLINA — Quem ?

PEDRO — Bárbaros ! Não têm compaixão de mim ! Vinguem-se, mas perdoem-lhe, que ela está inocente ! Mataram-ma ! Oh ! Os cruéis !

ADELAIDE — Mas fala, Pedro ! O que foi ?

PEDRO — Margarida...

ADELAIDE e CAROLINA — Jesus ! Diga ! Acabe !

PEDRO — Agora, ao sair daqui... caiu-me nos braços...

CAROLINA — Oh, meu Deus!

PEDRO — Talvez morta!

CAROLINA — Oh, Virgem Santa!

ADELAIDE (*toca uma campainha e é um criado que aparece*) —

Depressa! Vão chamar meu marido! Depressa! (*O criado sai*). Pedro!

Vamos! Querovê-la. Tenha ânimo. É impossível.

CAROLINA — O Adelaide! E fui eu...

ADELAIDE — Carolina!

PEDRO — Oh! Os bárbaros! Os bárbaros! (*Sai*).

CAROLINA — Corramos! Vamosvê-la. Deus não há-de permitir...

ADELAIDE — Tenho fé que não, Corramos! (*Saem*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

## ACTO 3.<sup>º</sup>

*Sala em casa de Adelaide. Um piano à direita. Mesas de trabalho, sofás, poltronas, etc.*

CENA 1.

ADELAIDE, *trabalhando em costura*; CAROLINA, *bordando ao bastidor*; MARGARIDA, *ainda pálida, recostada num sofá*; ALFREDO, *ao centro, sentado, lendo em voz alta*.

ALFREDO (*lendo*) — «E contudo havia algum tempo que por baixo desta felicidade se ocultava ou transparecia um fundo de tristeza. Nós não sabíamos bem porquê, mas o destino sabia-o; esse sim. Era o pressentimento do pouco que nos restava a viver um com o outro. Quantas vezes Graziela...».

MARGARIDA (*interrompendo-o*) — Não continue, Alfredo, não continue.

CAROLINA — Aflige-te?

MARGARIDA — Cerra-se-me o coração de tristeza, porque antevêo um fim bem doloroso a esses amores.

ADELAIDE — E bem doloroso foi! Pobre Graziela! Merecia uma outra sorte, merecia.

ALFREDO — Amado como ela amava, o seu destino não foi tanto para lamentar como nos parece. Ela mesma, se pressentisse que, pela sua morte, havia de deixar no coração do homem a quem tanto queria uma recordação indelével, que outros amores, que mil outros sentimentos não puderam desvanecer, ela, que comprehendia tão bem a sublime abnegação do amor, saudaria a morte como o seu melhor, mais lisonjeiro futuro!

CAROLINA — Essas palavras na sua boca, Alfredo, depõem bem pouco a favor da constância das afeições dos homens, que precisam, para terem duração, que a morte as venha consagrar.

MARGARIDA — E Alfredo tem razão. A morte santifica os sentimentos, Felizes os que morrem sendo amados! Deixam na Terra, nos

corações que palpitaram por si, uma impressão grata e saudosa que os anos não enfraquecem, enquanto que vivendo-se, talvez...

ALFREDO — Não aceito o seu auxílio desse modo, Margarida. Eu não penso assim. Graziela foi venturosa morrendo porque amava muito um homem que compreendia a grandeza desse amor e até julgava corresponder-lhe com afecto igual, porém que, ele mesmo o confessava, se iludia pensando assim. Mas, se em vez da sombra apenas, fora um verdadeiro amor o dele, então a felicidade devia estar na vida, porque não haveria obstáculos...

MARGARIDA — Por mais sincera, por mais violenta que seja uma paixão, pode sempre haver obstáculos ainda mais fortes...

ALFREDO (*com resolução*) — Passava por cima deles.

MARGARIDA (*sorrindo tristemente*) — E mesmo quando conseguisse transpô-los, pensa que depois se não ressentiria da queda?

CAROLINA (*levantando-se*) — Bem, deixemos Graziela por um pouco. Não se pode deixar de se lhe pagar um tributo de lágrimas, mas nós agora não podemos desperdiçá-las; devem-nos restar bem poucas!

ADELAIDE — E espero que não careceremos delas tão cedo.

CAROLINA — Também eu.

MARGARIDA — Quem sabe?!

CAROLINA — Então, Margarida. E preciso deixar essa melancolia. Tudo te está a acusar por ela. Um sol tão brilhante, uma manhã tão risonha, e nós todos tão alegres!

MARGARIDA — Como és boa, Carolina! Como hei-de absolver-me a mim mesma de um momento de loucura em que...

CAROLINA — Quem te não absolve sou eu, dessa lembrança, ainda agora.

ADELAIDE — Há aqui mais alguém, cuja tristeza me custou também a perdoar.

ALFREDO — Fala de mim, minha tia? Como podia estar triste tendo sido perdoado por um anjo, da mais criminosa cegueira?

MARGARIDA — Alfredo! Outra vez essas ideias! Não lhe pedi já tanto que as esquecesse?

CAROLINA — Tu é que tens a culpa, Margarida. Dás-lhe o exemplo! Façam como eu. O que passou, passou. Mal de nós se não se pudessem esquecer tristezas! Esquecer é sempre fácil assim o não fosse para felicidades.

ALFREDO — Agora acuso-a eu da mesma culpa, de que há pouco me arguiu.

CAROLINA — Já me não lembra!

ALFREDO — Se o esquecer é tão fácil!... Sabe que estas palavras, na boca de uma mulher jovem, é uma triste desilusão para nós outros, os homens?

CAROLINA — Ah! Entendo. Mas há suas excepções. Há coisas que nunca esquecem; e pessoas que não esquecem nada.

ALFREDO — E inclui-se nesse número ?

CAROLINA — Eu?! Não lhe disse que, pelo contrário, sou fácil no esquecimento ?

MARGARIDA — Das ofensas.

CAROLINA — Não te pedia a emenda, mas aceito-a; porque a amizade é uma das coisas que nunca esquecem.

ADELAIDE (*baixo a Alfredo*) — Alfredo, receio ainda da tua saúde.

ALFREDO (*a Adelaide*) — Não vê como estou bom ?

ADELAIDE (*o mesmo*) — Falo da do espírito.

ALFREDO (*o mesmo*) — Ah! Padeço, mas não do que julga.

CAROLINA (*a Margarida*) — Margarida, que quer dizer ainda essa tristeza ?

MARGARIDA (*a Carolina*) — Alfredo não é feliz.

CAROLINA — Porquê ?

MARGARIDA — Não sei, mas leio-lhe no coração; ali há um segredo que me oculta... que me tenta ocultar. A cena de ontem...

CAROLINA — Sabes que isso também é ser cruel ? Não viste como ele se mostrou arrependido ?

MARGARIDA — Oh! Não é o ressentimento que me faz padecer. Eu nunca o pude acusar; como o havia de fazer ? Mas crê-me, a causa da cena de ontem que eu ainda ignoro fâ-lo sofrer muito !

ADELAIDE (*a Alfredo*) — Pelo menos se não tens esperanças, finge-as. Não vês que cada sombra que te anuvia o rosto, cada tristeza das tuas é uma dor naquele coração ?

ALFREDO — Tem razão, minha tia. (*Levantando-se*): Margarida, não consentimos monopólios de conversas. Aqui devemo-nos todos uns aos outros. Confidências para depois.

CAROLINA (*a Margarida*) — Vê-lo alegre ?

MARGARIDA — Finge-se !

CAROLINA (*a Alfredo*) — Tramamos uma conspiração.

ADELAIDE — Contra quem ?

CAROLINA — Contra um grande inimigo. Um tirano que nos opriime sob o mais odioso dos jugos, que jurou fazer-nos vergar a cabeça ao seu despotismo; porém eu, com o meu espirito de rebeldia...

ADELAIDE (*sorrindo*) — Fazes-me lembrar, com isso, as tuas travessuras do colégio.

CAROLINA — Oh! Agora é um negócio sério, é uma rebelião em forma.

ADELAIDE — Mas afinal quem é o inimigo ? Quem é esse tirano ?

CAROLINA — Uns restos de melancolia que, apesar dos nossos esforços, não pudemos vencer ainda.

ADELAIDE — Vamos a saber o plano da conspiração.

ALFREDO — Eu quero para mim um posto dos mais arriscados; é uma causa nobre e santa !

ficar CAROLINA — Isso é resolução de amante infeliz que lhe não pode bem.

ADELAIDE — E porque não? Alfredo é amante.

CAROLINA — E infeliz?

ADELAIDE — Margarida que responda.

MARGARIDA (*sorrindo*) — Como se entende aí a infelicidade?

CAROLINA — Como os amantes a entendem, se os seus suspiros não encontram um eco no peito, para quem são dirigidos. Que te parece? Alfredo será desses desventurados?

MARGARIDA — Conforme o peito para onde enviar os suspiros.

ALFREDO — E se fosse o seu?...

CAROLINA — Conforme... se fosse... Que hipocrisia! É abusar muito da nossa paciência. Assim nos querem iludir com ares de mal-aventurados!

ALFREDO — Vamos ao plano então.

CAROLINA — É simples. Principiarás tu, Adelaide, por te sentares ao piano...

ADELAIDE — Não continues... Declino de mim, desde já, semelhante empresa.

CAROLINA — Ah! Temos traição?!

ADELAIDE — Não, mas para surtir melhor efeito, deves ser tu que a tomes a teu cargo.

CAROLINA — Mas lembra-te...

ADELAIDE — Pois é por me lembrar. A artista que pode arrancar meu marido das garras da ciência, para a escutar embevecido, não precisará de muitos esforços para vencer uma melancolia infundada em corações que bem dispostos estão para a expelir.

CAROLINA — És má e vingativa, Adelaide. Queres fazer-me pagar um momento em que, por atenciosa condescendência, teu marido fingiu esquecer-se de te admirar para me ouvir; exponho-me assim ao perigo de te malograr, com a minha capacidade, os êxitos da empresa.

ALFREDO — Vamos, vamos; ou uma, ou outra; mãos à obra.

ADELAIDE — Em campo, Carolina!

CAROLINA — Seja, mas que sobre a tua cabeça recaiam todos Os maus resultados!

MARGARIDA — Nunca maldição alguma foi escutada com maior sangue-frio.

ADELAIDE — E tu, minha Margarida, aprovas o nosso plano?

MARGARIDA — Ou ele não fosse vosso.

CAROLINA (*sentando-se ao piano*) — Meu, a glória, quero-a para mim. Pugno pelos direitos de autora.

ALFREDO — Mas o meu papel nesta conspiração?

CAROLINA (*levantando-se*) — Ah! Esquecia-me. É muito simples. Venha cá. (*Sentando-o junto de Margarida*): "É estar aqui firme e atento! Neste sítio é que se refugiou o inimigo; ao senhor compete-lhe dar o golpe decisivo.

ALFREDO — Com que armas?

CAROLINA — Deixo isso a inspiração do momento.

ADELAIDE — E eu?

CAROLINA — Tu? Em castigo de recusares o posto que te destinava, ficarás em inacção.

ADELAIDE — Decididamente estou hoje com pouca disposição para a obediência. Não me verás inactiva; hei-de trabalhar, quando mais não seja em excitar o ardor do chefe que me parece um pouco remisso. Vá, vá, nada de demoras.

CAROLINA (*preludiando*) — É desnecessário. Bem vês que não sou como muitos chefes que conspiram em palavras e recolhem-se aos arraiais durante a acção.

ALFREDO — Por enquanto ainda não vi o inimigo, Sr.\* D. Carolina.

CAROLINA — Não??

ADELAIDE — Lembra-te da guerra de Tróia, e desconfia das aparências.

ALFREDO — Ah! Então o inimigo...

CAROLINA (*tocando*) — Em qualquer parte se oculta.

ADELAIDE — Muitas vezes convive com nós mesmos, identifica-se até...

ALFREDO — Sabem que estou suspeitando que a tal conspiração é tramada contra mim?

MARGARIDA — Diga antes a seu favor. Se a tristeza é o inimigo, quem mais folgará com a vitória?

ALFREDO — Julgas que estou triste, Margarida?

MARGARIDA — Sei-o.

ALFREDO — Porquê?

MARGARIDA — Porque o sinto.

ALFREDO — Iludes-te; se sentisses como eu, verias que, pelo contrário, tudo em mim é alegria.

MARGARIDA — Para que me mentes, Alfredo? Julgas poder fingir comigo?

ALFREDO — Se o amor faz ler no pensamento, se permite ao coração pressentir o palpitar do coração que ama, bem infeliz sou eu então, Margarida; que, se assim te enganas, é porque me não tens amor.

MARGARIDA — E tens ânimo para dizeres estas coisas?

ALFREDO — Ora diz-me, porque hei-de eu estar triste? Não me perdoaste tu um momento de delírio, que eu não sei ainda agora explicar?

MARGARIDA — Não sabes?

ALFREDO — Não... foi... um acesso de verdadeira loucura. Foi...

MARGARIDA — Porque não hás-de ser sincero? Olha, tu ocultas-me um segredo que te faz padecer... (*Gesto de Alfredo*). Oh! Não o negues que não podes; tu padeces, Alfredo, e eu... como poderei deixar de padecer contigo? Diz porque me não confias...

CAROLINA — Então, Sr. Alfredo, que novas me dá do inimigo?

ALFREDO — Favoráveis para nós. Estou certo de que já se retirou, se é que existia.

ADELAIDE (*aparte a Carolina*) — Pois eu não te invejo o talento de conspiradora, Carolina.

CAROLINA — Porquê?

ADELAIDE — Tenho-os observado. Se os deixarmos por mais tempo, vê-los-emos acabar com lágrimas. Se é que já ali as não há.

CAROLINA — Sim?! Então depressa, interrompe-os.

ADELAIDE — Como é bela essa música! Há ali uma melancolia!

CAROLINA — É do seu conhecimento, Sr. Alfredo?

ALFREDO — Suponho-a de... Bellini, não é?

CAROLINA — É, e da ópera «Os Capuletos». Uma das melhores do grande maestro, no meu entender.

ALFREDO — Sentimental como a história que celebra.

ADELAIDE — A história dos Capuletos?

ALFREDO — Ou a dos amores de Romeu e Julieta.

MARGARIDA — É uma história triste.

CAROLINA (*levantando-se*) — É; dois amantes extremos, ambos belos, ambos jovens, ambos ardentes, cujo amor, encontrado pelas paixões de suas famílias que se odiavam quase tanto como se amavam os dois, lhes deu, em vez de felicidades que prometia, só lágrimas e morte.

MARGARIDA (*suspirando*) — É o fim de quase todas as histórias de amores.

ADELAIDE — Nos romances.

MARGARIDA — Prouvera a Deus que eles não fossem nesse ponto espelho da realidade.

CAROLINA (*aparte a Adelaide*) — É certo. A minha premeditada revolução evaporou-se como tantas outras. Valha-me ao menos a consolação de ter muitos grandes homens por companheiros de infortúnio.

ALFREDO — Se eu quisesse provar o contrário do que disse, Margarida, tinha muito onde escolher.

MARGARIDA — Pois eu, recordo-me agora de muitas dessas histórias que noutro tempo me leu, e quase todas se assemelhavam a esta. É destino...

CAROLINA — É porque os poetas inspiram-se mais com a desventura do que com a felicidade. Quando os amores têm uma terminação feliz não os cantam.

ADELAIDE — E é justiça. Se no mundo das realidades os afortunados dominam, no da imaginação os direitos competem aos sem ventura.

## CENA 2.-

ADELAIDE, MARGARIDA, CAROLINA, ALFREDO e GUSTAVO

CAROLINA — Mas aqui temos o Sr. Gustavo, que pretende mostrar-se digno da profissão de médico pela brevidade das suas visitas.

GUSTAVO — E querem-me mal por isso? A presença do médico traz sempre a ideia de doença. É um dos espinhos da nossa profissão o de impressionarmos desagradavelmente, fazendo prever a presença do inimigo. Então como está a nossa doente?

MARGARIDA (*sorrindo*) — Duvidando até da doença.

CAROLINA — Porque acredita no médico.

ADELAIDE — Pois eu julgo que não lisonjeia demasiado a tua ciência.

GUSTAVO — Porquê? Temos recaída?

ADELAIDE — Não, mas uma convalescença lenta e um tanto enervada...

CAROLINA — Porém não é dos cuidados do médico que ela necessita agora, mas sim dos -da amizade; e para estes, como para os primeiros, não se prescinde do Sr. Gustavo.

GUSTAVO — Oh! Eu cedo o meu lugar às senhoras, que, em geral, são muito mais entendidas em coisas do coração.

CAROLINA — E o Sr. Gustavo é alheio a essa ciência?

GUSTAVO — Eu, a respeito do coração, sou como o Sr. Gonçalo; conheço-o anatómica e fisiologicamente apenas.

CAROLINA — É verdade, então esse senhor sempre se retirou de vez?

GUSTAVO — Retirou...

ALFREDO — O dia de ontem há-de-lhe deixar recordações indeléveis; foi uma tempestade no meio da continuada bonança da sua vida.

CAROLINA — Estou quase arrependida de o haver tratado um pouco rudemente, mas ele foi o motivo...

ALFREDO — V. Ex." pode ter orgulho em conseguir fazer vacilar aquela rocha inabalável, cair por terra a fortaleza daquele carácter. Eu vi-o frio e insensível diante dos mais belos espectáculos. Cheguei a suspeitar que o seu coração fosse de argila; o fogo que funde os astros mais o endurecia.

CAROLINA — Triste glória a minha! Conquistar um país inabitável e inculto... será conquistar, mas não é vencer.

GUSTAVO — Era um pobre homem, afinal de contas!

ALFREDO — Muito maçador.

GUSTAVO — Mas peço ainda lugar ao médico para fazer uma observação.

CAROLINA — Se vier na companhia do amigo...

GUSTAVO — Anda-lhe sempre unido indissoluvelmente,

CAROLINA — Concedes, Margarida?

MARGARIDA — Os doentes não têm vontades próprias; e uma vez que dizem que o estou...

CAROLINA — Concedido, fale.

GUSTAVO — O médico e o amigo queixam-se de ver, numa manhã como esta, que convidaria ao passeio até um exército inteiro de hipocondriacos, três pessoas de um sexo e idade, em que tão bem se aprecia tudo quanto é belo, encerradas entre quatro paredes, gastando tempo em conversas como velhas valetudinárias.

CAROLINA — Velhas não somos, é verdade; agora de doentes alguma coisa há aqui; e a prova é a submissão com que nos vamos sujeitar sem murmurar às suas ordens, sr. doutor. Em melhores condições reagiríamos, acredice.

GUSTAVO — Vamos, vamos aproveitar este sol vivificante da manhã; não são dias para desperdiçar.

CAROLINA — Confirme com o seu exemplo o conselho. Abra-nos o passo.

GUSTAVO — Eu... perdão, não posso.

ADELAIDE — Esqueces que os médicos não costumam usar para si das fórmulas que prescrevem aos mais?

ALFREDO — É uma grave arguição, meu tio, de que necessita justificar-se, desmentindo-a pelas suas obras.

GUSTAVO — Não convém para o fim que tenho em vista. É necessário deixar as senhoras sós. Tu mesmo não as acompanharás.

CAROLINA — Pois permita-me que neste ponto me tenha por melhor médico do que o senhor. Reprovo totalmente o seu tratamento.

GUSTAVO (*sorrindo*) — Sim?

CAROLINA — Comete um grave erro em excluir Alfredo da nossa companhia; parece-me que os bons resultados que quer obter seriam mais certos se ele viesse; não achas, Adelaide?

ADELAIDE — Tanto acho que, desde já, declaro desobedecer ao médico nesta medida. Não pensas como nós, Margarida?

MARGARIDA — Conforme, às vezes na contrariedade está a cura.

GUSTAVO — Reconheço a superioridade das senhoras em tantos pontos, que é justo ma concedam neste. Confiem em mim; negando-lhes Alfredo, ensaio uma cura mais segura e radical do que essa a que se querem referir. Em Medicina deve-se visar mais longe do que às necessidades do momento.

CAROLINA — Estamos hoje em maré de condescendência; fique embora Alfredo; mas desde já lhe afirmamos, sr. doutor, que será mais curto o passeio.

GUSTAVO — Tanto melhor para os que ficam, menos tempo se verão privados de uma tão amável companhia, que, bem a custo, sacrificam às reclamações da arte, às vezes bem cruel.

CAROLINA — Para o castigar pelo galanteio, devíamos de ficar. Vamos, Margarida, estes senhores têm segredos, e querem ficar sós.

MARGARIDA — É justo.

ADELAIDE — Se eu adivinhasse que falavas verdade, Carolina, não partia.

MARGARIDA — Eu, como doente, uma vez que me obrigam a sê-lo, devo dar o exemplo de obediência. Vamos.

GUSTAVO — Escuso de lhes recomendar...

CAROLINA — Nada de mais recomendações. Vai-se tornando muito exigente, sr. doutor.

GUSTAVO — Bem, bem, já me calo.

ADELAIDE — Até logo.

CAROLINA — Até já.

ALFREDO — Até breve, minhas senhoras. Adeus, Margarida...

MARGARIDA — Alfredo. Adeus, Sr. Gustavo.

GUSTAVO — Vá, vá. Colham-me saúde lá por fôra.

CAROLINA (*a Adelaide*) —! Para ser feliz agora, Adelaide, só me faltava ver realizada a promessa que me trouxe aqui. Já tarda tanto!...

ADELAIDE — E do mais estás curada?

CAROLINA — Completamente; e para não adoecer tão cedo. (*Saem*).

CENA 3.º

GUSTAVO e ALFREDO

GUSTAVO — Agora, senta-te aqui ao pé de mim, Alfredo. Temos que falar.

ALFREDO — Sobre quê, meu tio?

GUSTAVO — Sobre ti.

ALFREDO — Sobre mim?!

GUSTAVO — Admiras-te? Efectivamente eu não tenho por costume intrometer-me na vida dos outros. O meu carácter pouco expansivo e pouco curioso, fez-me já renunciar, na prática, a uma ciência que, em teoria, eu cultivava e cultivo com amor. Mas enfim o medico deve ser um homem da sociedade e eu não nasci para ela, confesso-o. Este mesmo carácter granjeou-me uma reputação geral de indiferença e de egoísmo, que eu não posso.

ALFREDO — Mas...

GUSTAVO — Oh! Não me pretendas assegurar do contrário. Eu acredito que, além de Adelaide, que me conhece, tu me fazias alguma justiça, embora incompleta. Não se trata agora, porém, disso. Hoje, forçando os meus hábitos, vou intrometer-me nos teus negócios e, o que mais é, nos teus sentimentos.

ALFREDO — Lisonjeia-me muito, meu tio, essa prova de interesse.

GUSTAVO — Oh! Não lisonjeia, não, sê franco. Crê no que te digo: é mais difícil mentir a um homem, como eu, cujos dias se passam entre

as quatro paredes do seu gabinete e uma ou outra pessoa familiar, do que aos que vivem no grande mundo e no bulício da sociedade. Oíço por aí dizer o contrário, mas a verdade é esta. A ciência do coração humano é uma difícil ciência, carece de muito e mui reflecido estudo para ser compreendida. Ora é sabido que o mais instruído não é o que folheia muitos livros sem ter tempo de se demorar em nenhum; porém sim, o que lendo menos, medita melhor. Eu sei que em vez de te lisonjejar com esta prova de interesse, como lhe chamas, te contrarias um pouco. Con quanto não seja ainda velho, eu, pelos meus hábitos, em alguma coisa me a proximo deles; e os sermões dos velhos são sempre uma grande impertinência para a tua idade.

ALFREDO — Acredite, meu tio...

GUSTAVO — Bem, bem; para introdução já basta. Entrando na matéria, teu pai escreveu-me.

ALFREDO — Meu pai?!

GUSTAVO — Sim, no mesmo dia em que a ti.

ALFREDO — Já sei do que me vai falar, meu tio; peço-lhe, por quem é...

GUSTAVO — Estou certo que adivinhaste o assunto da minha conversa, mas tenho razões para duvidar que acertasses com o que a esse respeito te vou dizer.

ALFREDO — Meu tio, não fale, não fale nisso. É uma ferida ainda recente; o menor contacto a faz sangrar.

GUSTAVO — Mui bem doloroso é o cautério, e mais é às vezes o extremo e eficaz recurso. Ouve-me. Eu fui talvez o primeiro que descobri o teu amor nascente por Margarida; ainda Adelaide com a sua vista perspicaz de mulher o não suspeitava, ainda tu mesmo não explicavas a natureza do sentimento que ela te soubera inspirar, e eu já vos havia penetrado no coração.

ALFREDO — Na verdade, meu tio, admira-me.

GUSTAVO — Não tens razão. Se quiseres ocultar os teus segredos, dou-te de conselho que desconfies sempre dos homens que menos empenhados se mostrarem em os analisar. Vi pois esse amor num tempo em que me seria fácil abafá-lo, mas não quis. Educados por nosso pai, cujos únicos cuidados eram guerras e combates, e por o de Adelaide, que só reconhecia a aristocracia da honra e do talento, eu e meus irmãos não participamos desses preconceitos, que mostram como absurdas as uniões desiguais pelo lado de fortuna ou de fidalguia. Por isso não julguei necessário opor-me a esse amor; deixei-o crescer.

ALFREDO — Porém, meu pai...

GUSTAVO — Não pensou assim, é certo. E admirou-me vê-lo aduzir razões, mais próprias na boca de um banqueiro milionário, orgulhoso da sua fortuna, que na de um homem de educação e sentimentos generosos. Partiste para viajar, mas já tarde. Esse meio não te curou; voltaste amando ainda, e talvez mais. Escreveste a teu pai falando-lhe

tão resolutamente nessa paixão que ele decidiu-se, enfim, a mostrar-se mais sincero.

ALFREDO — E apenas foi mais cruel.

GUSTAVO — Não o acuses. Meu irmão é um homem nobre, de uma nobreza de alma um pouco rude, mais própria de outras épocas, que não da nossa, em que essa, como todas as outras nobrezas, se humanizaram, se fizeram sociáveis. Revelou-te apenas parte do segredo, que ele mesmo não conhece todo; porém foi comigo menos reservado.

ALFREDO — E acaso sabe, meu tio?!... Oh! Por amor de Deus! Responda-me!

GUSTAVO — Não sejas impaciente. Teu pai opõe-se ao teu amor com Margarida porque julga Pedro e até sua filha criminosos. Para ele esse amor é uma ignobil especulação, por meio da qual eles tentam explorar na tua candura uma fortuna que os faça opulentos, que satisfaça a sua avidez.

ALFREDO — É... Se não fosse meu pai quem o dissesse chamar-lhe-ia uma calúnia!

GUSTAVO — Caluniava-lo tu. Meu irmão não acusa sem fundamento.

ALFREDO — O tio... também julga...?

GUSTAVO — Eu não. Conquanto não saiba explicar o que teu pai me revelou; tendo vivido com Pedro por mais tempo, não ouso criminá-lo ainda e juro pela inocência de Margarida, se tanto for necessário...

ALFREDO — Mas Santo Deus! Que lhe revelou meu pai?

GUSTAVO — Pouco depois do meu casamento com Adelaide, há cinco anos, Pedro havia partido daqui para passar com meu irmão algum tempo. A sua fraca saúde e amizade que ele lhe consagrava então o tinham determinado a abandonar, por um pouco, esta casa e estes sítios. No dia seguinte ao da sua partida, o pai de Adelaide, a quem um peso secreto minava, havia muito, a consciência, caiu gravemente enfermo da moléstia de que, passados três dias, veio a morrer. Informámos teu pai desta triste nova, bem triste para ele, pois o amava como filho. Negócios urgentes não o deixaram partir; porém não pôde ter mais um momento de sossego. As noites passava-as em claro, só com esta lembrança. De uma vez, me conta ele, pela volta da meia-noite, ouviu um ruído singular no quarto onde Pedro dormia. Levantou-se sobressaltado e correu a ver o que o causava. Bateu à porta que, como estivesse apenas cerrada, cedeu ao esforço. Pedro tinha caído num desses acessos de delírio, frequentes nele, desta vez porém mais intenso. Meu irmão aproximou-se, chamou-o pelo nome. Ele fitou-o com um olhar incerto e espantado, murmurando palavras sem nexo, mas onde se deixava ver a ideia de um crime cometido. As palavras: «crime, remorso, castigo, morte, roubo», que ele soltava, haviam já atraído a atenção de teu pai, quando um nome, pronunciado pelo desgraçado delirante lhe fez percorrer um suor frio por todo o corpo

é uma suspeita terrível lhe atravessou o espírito. Este nome era de Álvaro de Vasconcelos, o pai de Adelaide, que naquele momento tocava a sua última hora.

ALFREDO — Eu tremo de ouvir o resto.

GUSTAVO — Lançando por acaso os olhos por sobre a mesa, meu irmão viu uma carta aberta e como escrita de pouco. Examinou-a; era de Pedro para sua filha. Leu-a e o seu conteúdo justificava, até certo ponto, as suspeitas que uma cena tal lhe fizera nascer. Daí vem o seu ódio, ódio que ele guardou por tanto tempo só consigo, por não sei que escrúpulos de o contaminar aos seus, até que enfim...

ALFREDO — Mas essa carta?

GUSTAVO — Conservou-a meu irmão até hoje. Ei-la.

ALFREDO (*apoderando-se dela*) (*Lendo*) — «Minha filha. O senhor Álvaro morre. Esta lembrança aterra-me como nunca o pensei, porque eu sou... criminoso dessa morte!» (*Interrompendo-se*): Meu Deus! «Mas é por o muito amor que te tenho que eu cometi este crime». Outra vez esta ideia! «Vai, corre ao seu leito, abraça-o, chama-lhe pai, que ele se esqueça, ao ver-te, da filha, da outra, que ele te julgue sua filha e eu descansarei, porque no futuro tu abençoarás a minha memória por o haveres feito. Foste tu quem me levou ao crime. Ama-me, ama-me muito. Por ti, por ti só, cometi um grande pecado, e nele continuarei até à morte, pois não tenho ânimo para perder a riqueza...». O fim... O fim desta carta?

GUSTAVO — Não existe. Pelos modos, o delírio não o deixou concluir.

ALFREDO — Vou exigir de Pedro a explicação disto; vou...

GUSTAVO — Prudência, Alfredo. Lembra-te que, com essas fogosas exaltações, ias causando ontem a tua irremediável desgraça

ALFREDO — Meu Deus! Margarida!

GUSTAVO — É destas organizações impressionáveis que muitos daqueles abalos podem destruir.

ALFREDO — Mas isto é um martírio! Esta carta! Esta carta!

GUSTAVO — Dir-se-ia a condenação de Pedro, lavrada pelo seu próprio punho, e deixa ver, demais, uma certa conivência de Margarida...

ALFREDO — É impossível!

GUSTAVO — Para mim é de fé que Margarida está inocente. E assim como esse escrito injustamente a crimina, o mesmo pode ser a respeito de Pedro. E depois do que esta manhã me disse Adelaide...

ALFREDO — Sabe explicar a inocência de Pedro, não é assim? Preciso de acreditar-ló. Ver em Pedro um criminoso é envenenar de suspeitas o resto da minha vida. Oh! Pelo futuro da minha fé na honra e na nobreza do coração humano uma prova de que Pedro não é um assassino, um miserável sem consciência que atraíçoou os mais nobres sentimentos pela desprezível e miserável avidez de riqueza!

CENA 4.<sup>a</sup>

GUSTAVO, ALFREDO e PEDRO

PEDRO — Essa prova só um homem lha pode dar, Sr. Alfredo; é o próprio acusado.

ALFREDO e GUSTAVO — Pedro!

PEDRO — E acredite que a sua justificação lhe é mais custosa do que a muitos seria a sentença que os condenasse.

GUSTAVO — Pedro, ouviu-nos?

PEDRO — Ouvi. Margarida padece, vinhavê-la; foi Deus que dirigiu meus passos. Sei tudo!

ALFREDO — Ouviu a acusação de meu pai?

PEDRO — Seu pai, Sr. Alfredo, expulsou-me de sua casa e do seu coração, sem ao menos me dizer por que me condenava. Eu suspeitei que o meu delírio tivesse sido imprudente, mas nunca que sobre mim pesasse uma tão terrível e odiosa suspeita.

ALFREDO — É inocente, Pedro?

PEDRO — Do que me acusam, sou.

GUSTAVO — Mas...

PEDRO — É outro o meu crime... Os remorsos que me devoram, que me matam, não são os de assassino.

ALFREDO — Mas há um crime, há remorsos; por Deus, explique-me, Pedro...

PEDRO — É uma história triste e que não é só minha.

ALFREDO — Não vê esta ansiedade? Fale, Pedro, fale.

PEDRO — No fim de tantas lutas comigo mesmo, no fim de tanto padecer, de tanto resistir à voz da consciência, ao remorso, que me atravessa o peito, como um ferro em brasa, que me entristece os dias, que me sobressalta as noites, ter de perder, de renunciar àquilo por que tanto lutei e padeci! E posso consegui-lo? Posso, hei-de poder; é preciso, Deus me dará forças. Que é a minha felicidade a troco de tantas que de mim dependem? Que são alguns dias de tristeza, no fim de uma vida cansada, ao pé de longos anos de infortúnio, que os esperam, se eu...? Seja! Emprazou-me para que me justificasse, Sr. Alfredo, emprazou-me pela paz da sua consciência... Oiça a minha justificação.

CENA 5.-

GUSTAVO, ALFREDO, PEDRO e o PADRE AGUILAR

UM CRIADO — Um velho padre, que lá está em baixo, diz que necessita, sem demora, falar com o sr. doutor.

GUSTAVO — Que espere.

PADRE AGUILAR (*entrando*) — Perdão, Sr. Gustavo, mas o fim

que me traz aqui, autoriza-me a ser um pouco familiar e desprezar etiquetas.

GUSTAVO — Porém, senhor...

PADRE AGUILAR — É um motivo santo e justo; e pesa-me estar já em retardo.

GUSTAVO — Poderei ao menos saber com quem tenho a honra de falar?

PADRE AGUILAR — Com um homem muito obscuro. Um nome desconhecido. Sou o padre Aguilar.

GUSTAVO — Não tenho o gosto...

PEDRO (*aparte*) — Onde vi eu já este homem?

PADRE AGUILAR — Não interrogue as suas recordações, Sr. Gustavo; elas nada lhe dirão a meu respeito.

GUSTAVO — Mas se nunca nos vimos, que pode haver de comum entre nós?

PADRE AGUILAR — Quando mais não fosse o que há de comum entre todos os homens probos: a Justiça.

GUSTAVO — Mas...

PADRE AGUILAR — Atenda-me. Juro-lhe que é um fim nobre o que me fez vir aqui.

GUSTAVO — Pretende falar-me a sós?

PADRE AGUILAR — Não, senhor. Quisera até mais testemunhas. (*Olhando para Pedro*): Há aqui uma fronte encanecida, uma nobre fisionomia de ancião envelhecido no lidar de honra e de fidelidade, que é uma bela e santa lida! Esta soleniza toda a cena. (*Olhando Alfredo*): Há um peito jovem de mancebo que palpita, fértil de sentimentos generosos; quero melhor poderia sentir do que ele as íntimas alegrias do coração que eu trago aqui? (*A Gustavo*): Vejo um homem honrado que, longe do tumultuar do mundo, foge da sociedade, mas estende-lhe a mão compadecida se ela reclama o seu socorro; uma alma assim quero-a aqui também. Mas faltam-me, mas faltam ainda corações de uma mais branda témpera, que dêem lágrimas ao sentimento, porque as lágrimas são-nos precisas, elas santificam tudo!

ALFREDO (*aparte*) — Quem será este homem?

GUSTAVO (*aparte*) — A sua linguagem é estranha, mas não sei que melancolia há ali que impõe veneração. (*Alto*): Entendo-o, senhor. (*Toca a campainha*). (*A um criado*): Desce ao jardim e roga às senhoras para subirem aqui. (*O criado retira-se*). Era isto?

PADRE AGUILAR — Era.

GUSTAVO — Mas não poderá ao menos fazer-me compreender a natureza da sua missão?

PADRE AGUILAR — É uma missão solene! É a reparação de um mal passado, e, por vontade de Deus, em parte irremediável.

PEDRO — Senhor, ou... nós já nos vimos... noutros tempos... as minhas recordações...

PADRE AGUILAR — Deixe as suas recordações em paz, que cedo carecerá delas. Já nos vimos, sim, mas raras vezes.

GUSTAVO — Acaso...

C E N A 6.<sup>a</sup>

GUSTAVO, ALFREDO, PEDRO, PADRE AGUILAR, ADELAIDE, MARGARIDA e CAROLINA

ADELAIDE — És muito cruel com os teus doentes, Gustavo, agora que principiávamos a achar encantos no ar livre e puro que corria lá fora.

CAROLINA — Desta vez estive para me revoltar.

ADELAIDE — E Margarida... (*Reparando no padre Aguilar*): Ah!

MARGARIDA — Meu pai, já estou boa, vê?

CAROLINA — Deixe-a falar. A sua doença... (*Vendo o padre Aguilar*): Jesus!

MARGARIDA (*correndo a ela*) — Que tens, Carolina?

ADELAIDE — Que foi? Porque estás tão perturbada?

GUSTAVO — Minha senhora, o ar frio talvez.

CAROLINA (*afastando-os*) — Oh! Não, não, não é isso. As minhas recordações, a minha infância... aquele padre... oh! Meu Deus, será isto uma ilusão?

PADRE AGUILAR (*estendendo-lhe os braços*) — Carolina!

CAROLINA — Ah! É certo!

ADELAIDE e MARGARIDA — É certo? Que dizes?

GUSTAVO e ALFREDO — Conhecem-se!

PEDRO — Este homem, onde vi este homem?!

PADRE AGUILAR (*como acima*) — Carolina!

CAROLINA (*lançando-se-lhe nos braços*) — Meu pai!

PADRE AGUILAR (*afastando-a com meiguice*) — Não sou teu pai, meu anjo, sou um pobre velho, que te ama muito, de quem tu és a única alegria.

CAROLINA — Ouve-lo, Adelaide? Ouve-lo, Margarida? Aquelas palavras da minha infância... mas... acabe... o resto?... O resto?... Olhe, bem me lembra: «Descansa, confia em Deus que ainda um dia o hás-de ver». Chegou o dia, não é verdade? Veio para mo dizer. Oh! Obrigada! Deus lhe pague tanta alegria que me dá. Vai-me mostrar meu pai! Oh! Adelaide, que ventura! Vou ter um pai para amar! Margarida, como sou ditosa! Diga, quem é?... Mostre-mo.

PADRE AGUILAR (*com tristeza*) — Infeliz!

CAROLINA — Infeliz!... Porque me diz isso? Que querem dizer essas lágrimas? Essa tristeza? Infeliz? Porquê? Pois uma filha que vai ver, abraçar seu pai, pode ser infeliz?

PADRE AGUILAR — Perdoa-me, anjo do Senhor, se te ensinei, desde pequena, a desejar assim um bem que hoje te não posso dar... Teu pai...

CAROLINA — Cale-se... cale-se... não diga por ora... deixe-me ainda esperar um pouco... por uma ventura que... Eu ainda tenho esperanças! Por enquanto não devo... Fale... não vê que me mata?... Fale... Meu pai...

PADRE AGUILAR — Morreu.

CAROLINA (*quase ao mesmo tempo*) — Oh! Não diga... (*Ouvindo*): Ah! (*Esconde o rosto entre as mãos*).

MARGARIDA (*abraçando-a*) — Carolina, ânimo!

CAROLINA (*chorando*) — A minha mais bela esperança, Margarida!

ADELAIDE — Não desesperes assim, Carolina...

CAROLINA — Todo o meu futuro! Todo o meu futuro, Adelaide!

GUSTAVO — Pobre senhora!

ALFREDO — Carolina!

CAROLINA — Ai que orfandade a minha, Senhor!

PEDRO (*aparte*) — Como ela me comove!

PADRE AGUILAR — Inocente vítima das paixões dos homens!

CAROLINA — Fale, fale-me dele; diga-me o seu nome, quem era? Amou sua filha? Morreu abençoando o seu nome?

PADRE AGUILAR — É uma história bem triste a do teu pai... e a tua.

CAROLINA — Ai, Adelaide, Adelaide... Sem pai! Como sou infeliz!

PADRE AGUILAR — Fruto de um extremoso e desventurado amor, foste, desde o primeiro momento da existência, odiada e perseguida por os teus próprios parentes, que viam neste nascimento e na fraqueza de tua mãe uma nódoa nos seus brasões, mas que não compreendem que maior e mais indelével nódoa era a que a sua injusta perseguição, o seu cego e bárbaro ódio nela ia gravar.

GUSTAVO (*aparte*) — Que suspeita!

PADRE AGUILAR — Foste votada de pequena à orfandade, roubada a teu pai e... talvez serias sacrificada em holocausto a um falso orgulho de nobreza se eu não conseguisse iludir teus bárbaros algozes, e arrebatar-te ao seu insano e criminoso furor. Criei-te longe do mundo num canto obscuro e retirado, de todos esquecida, que todos te julgavam morta, menos tua mãe, a quem, por comiseração, eu revelara este segredo; bem pouco se gozou a triste dessa consolação; partiu do reino e cedo do mundo, legando-te, por única herança, as suas bênçãos, rociadas das mais amargas lágrimas. No entanto tu crescias e eu via-te crescer e louvava o Senhor, revia-me em ti; tuas carícias infantis pagavam-me de sobra a vida que te salvava, queria-te como filha.

CAROLINA — Oh! Meu pai!

PADRE AGUILAR — Era o nome que me davas então; eu não te podia, ouvir sem verter lágrimas. Prometi-te para o futuro o verdadeiro pai que, naquele momento, talvez suspirava por ti, pois eras o seu mais constante, mais grato pensamento.

ADELAIDE — Jânão posso reprimir-me, por mais tempo... Senhor...

GUSTAVO (*retendo-a*) — Adelaide, espera.

PADRE AGUILAR — Mas os ódios eram ainda recentes; eu temia por ti, se se descobrisse quem eras. Teu avô, um dos teus mais cruéis perseguidores, caminhava para a sua última hora. Era nos degraus do túmulo que o esperava o remorso e que remorso! De longes terras chegou até mim a voz da sua consciência, que, por misericórdia, me pedia partisse a receber o seu último suspiro. Dei graças ao Eterno por ter feito chegar o arrependimento àquele coração, e parti; a missão sagrada do sacerdote não me permitia hesitações; parti e deixei-te; atravessei os mares para procurar o arrependido. Fui encontrá-lo num leito de dor, só, abandonado dos seus, que a morte lhos levara um por um. Restava-lhe apenas uma filha, a irmã de tua mãe, a quem a piedade chamara à vida do claustro apesar dos rogos de seu pai, que só haviam podido conseguir demorar-lhe os últimos votos até à idade dos trinta anos. O desgraçado achava-se, pois, só; ao ver-me estendeu-me os braços trémulos e descarnados: «Salve-me», disse, «não vê esta imagem que me persegue?» Era a imagem da inocente que ele votara à infelicidade: a tua imagem, Carolina! Eu revelei-lhe tudo então; disse-lhe que ainda existias e lamentei-me amargamente de não te ter levado comigo para, com os beijos da tua boca inocente, imprimires ao malfadado o selo do perdão. As minhas palavras foram por ele acolhidas como a taça de água pelo sequioso febricitante. Foi um momento de consolação o seu!

PEDRO — E como se chamava esse homem?

PADRE AGUILAR — Deixe-me acabar a minha narração, Pedro. À hora da morte confiou-me documentos em que te instituía a sua universal herdeira, reconhecendo a tua legitimidade; mas fez-me jurar que não me serviria desses títulos que o aniquilariam ocultando-te o teu verdadeiro nascimento, se, por acaso, sua filha, aos trinta anos, se não decidesse a professar, como lhe aconselhara até ali a vocação. O amor de pai não lhe permitira justiça completa. Tendo feito o infotúnio de uma de suas filhas, o desgraçado, por um receio infundado, queria pouco ao futuro da outra, impossibilitando os teus de lhe disputarem um dia a herança. Eu jurara sujeitar-me às condições que ele me impusesse, se ele ao menos reparasse o mal já feito assegurando-te o futuro, que pela minha morte eu receava tenebroso; depois não pude conseguir que me desligasse da minha promessa; o futuro assegurara-o, pois nunca te faltariam os socorros que a fortuna dispensa, mas até aos dezoito anos, foi incerto o teu destino, filha; só Deus sabia se te havia de entregar a uma família que te amava, embora lhe fosses desconhecida, que te esperava; pois eu lhe havia dado esperanças; ou se ficarias condenada a uma eterna orfandade. Parti-me dali para as missões da América a fazer penitência e para que o Senhor se compadecesse do teu coração, que só anelava afeições, confiei-te a pessoas de confiança e parti. Deus ouviu-me; a tua tia é hoje religiosa, e tu, a única herdeira de uma nobre e abastada família.

CAROLINA — Que me importa essa riqueza, esses títulos, se me não dão o que eu mais ambicionava, um pai?

ADELAIDE — Mas, já não posso com esta incerteza; senhor... diga-me por amor de Deus, o nome...

CAROLINA — O nome de meu pai? Vale mais para mim que todas as riquezas... diga-mo, revele-mo.

PEDRO — O nome, o nome desse homem, do pai de...

PADRE AGUILAR — Chamava-se Álvaro de Vasconcelos. (*Assombro geral!*).

ADELAIDE — Meu pai!

ALFREDO e MARGARIDA — Que oíço?!

GUSTAVO — Eu já o suspeitava.

ADELAIDE — Oh! minha irmã. (*Abraçando-a*).

CAROLINA — Eu? Filha de... tua irmã, Adelaide? Eu?

MARGARIDA — Oh! Que felicidade, Carolina!

PEDRO (*ao padre Aguilar*) — Repita, repita outra vez esse nome... Carolina... a Sr." D. Carolina... esta menina... é... filha?... diga, de quem?

PADRE AGUILAR — É a filha do teu velho amo, Álvaro de Vasconcelos,

PEDRO — A filha de... Álvaro de Vasconcelos... ela... ela? e quem o diz? Quem o prova?

PADRE AGUILAR — Há provas de sobjeito. Eu fui previdente. Examinando esses papéis, ver-se-á que esta é a mesma criança que foi roubada à tua mulher, em casa de quem sempre a confiara, como o mais seguro asilo. Enganara-se; ai mesmo os bárbaros...

PEDRO — Ela! Oh! Jure-mo, jure-mo!

PADRE AGUILAR — Para que hei-de invocar o santo nome de Deus?

PEDRO — Para que eu possa acreditar; não há provas, não há documentos que me convençam, é impossível! Jure-mo.

PADRE AGUILAR — Pois bem, se tanto é necessário nunca juramento algum advogou uma mais santa causa. Juro-o pelo Salvador!

PEDRO — Ela! Ela! (*Caindo de joelhos*): Oh! meu Deus, meu Deus! Como és bom, Senhor! Como perdoas e concedes no fim da vida a tua compaixão ao arrependido!

GUSTAVO — Pedro, que querem dizer essas palavras?

ADELAIDE — Oh! Carolina! Tu, minha irmã, tu feliz!

CAROLINA — Feliz!

MARGARIDA — Encontras uma família, e uma família onde já eras amada.

ALFREDO — Mas que é isso? Ainda chora!

GUSTAVO — Carolina, porque é essa tristeza?

ADELAIDE — Podias sonhar uma amizade maior do que a nossa?

CAROLINA — Perdoa-me, Adelaide, perdoe-me, Gustavo; Alfredo, perdoe-me se esta revelação, se esta amizade me não faz esquecer

uma dor amarga que, já agora, me há-de acompanhar até à morte. Não conheci meu pai! Esta esperança que, até hoje, me acompanhava, desampara-me no momento em que eu a julgava realizada. Sou tua irmã, e não o era já até aqui? Serão mais fortes os laços do sangue do que os de uma afeição, como a nossa? Oh! Perdoem-me se ainda me lamento, se ainda sou infeliz.

PADRE AGUILAR — Minha filha, perdoa-me tu, eu sou o culpado dessa tristeza, que, desde pequena, te ensinei a não teres outros desejos, outras esperanças; eram essas com que eu mais contava. Depois não tive ânimo para tas desvanecer; eras tão feliz assim! Mas Deus compensar-te-á essa dor, confia nele; nobre, rica...

CAROLINA — Que me importa a riqueza? Eu sei já como consolam os seus afagos.

MARGARIDA — Carolina, enxuga essas lágrimas. Teu pai morreu amando-te. Eu, que o conheci e amei, Adelaide e nós todos te falaremos dele.

ALFREDO — E eu também, Carolina. Confie que há-de ser feliz.

CAROLINA — Era mentida a minha mais grata esperança! Senhor, como me fazes padecer, tirando-me esta ilusão! Toda essa fortuna que me dás faria felizes a tantos! E a mim mais ventura me daria, mais consolações, um ano, um dia, um momento em que pudesse alegrar o coração de um pai, com as minhas lágrimas de filha! E recusas-mo, meu Deus!

PEDRO — Deus de misericórdia! Nunca me conheci tão criminoso, como ao sentir toda a tua infinita bondade!

ALFREDO — Outra vez essa palavra, crime! Pedro, se lhe pesa na consciência um crime, expie-o pela confissão. Está aqui um ministro do Senhor para o absolver.

MARGARIDA — Um crime! Meu pai...

CAROLINA — Como te invejo esse nome. Margarida!

PEDRO — Inveja-o? Engina-se, eu não lhe podia dar a felicidade que lhe promete a fortuna. Com a riqueza que possui pode esperar...

CAROLINA — Oh! Pedro! Que mal conhece o meu coração!

PEDRO — E se por um pai pobre que só lhe desse amor por única riqueza, bênçãos, por única herança, tivesse de renunciar a fortuna, ao esplendor, ao luxo, à nobreza...

CAROLINA — Não merecia o nome de filha quem tivesse um instante de hesitação.

PEDRO — Renunciava?

CAROLINA — Oh! Quisesse Deus que fosse possível!

PEDRO (a Margarida) — Margarida, tu, que és infeliz, a quem se nega a última ventura que desejas, porque és minha filha, diz-lhe, diz-lhe que se engana... que a felicidade não a dá... não a damos nós...

MARGARIDA — Não, meu pai. Carolina diz bem. Não há riqueza que valha um amor sincero. Nunca a opulência e os gozos, que ela oferece, me fariam desejar um outro nascimento do que o que tive.

ADELAIDE — Nem o podia ter mais nobre.

PEDRO — E não!

CAROLINA — Perdoa-me, Adelaide, porém, Margarida é bem mais feliz do que eu; é também tua irmã, e tem um pai!

PEDRO — Que anjo, meu Deus, que anjo! Pois bem, a sua fortuna por um pai, aceita?

GUSTAVO — Que quer dizer isso, Pedro?

ALFREDO — Delira?

PEDRO — Um amor de pai extremoso, verdadeiro; de um pai, que chora há tantos anos! Mas tem de renunciar a essa herança.

CAROLINA — Oh! Se fosse possível a troca!

PEDRO — É. Abraça-me, minha filha!

GUSTAVO, ADELAIDE e ALFREDO — Sua filha!

MARGARIDA — Que diz, meu pai?

PADRE AGUILAR — Pedro, volte a si, veja...

CAROLINA — Outra vez, chame-me outra vez com essa voz, com essa voz que despertou no meu coração um sentimento indefinível de ventura! outra vez... por piedade... embora seja ainda uma ilusão... oh!...

PEDRO (*chorando*) — Minha filha!

CAROLINA — Oh! Creio, creio nesta voz! Não posso deixar de crer. Meu pai! (*Abraçam-se*). Que mistério é este? Não quero sabê-lo, mas é certo, eu sou sua filha; como mo não havia dito o coração? Porque me não falou como agora? Oh! meu pai, meu pai! (*Beija-o*).

PEDRO — Oh! Senhor! E havia venturas assim no mundo!

PADRE AGUILAR — Carolina, veja que esse velho está louco.

MARGARIDA — Meu pai, torne a si. Não vê que essa ilusão pode matá-la? A ela que...

ALFREDO — Repare, que é um delírio, Carolina.

ADELAIDE — Não vê que é impossível?

GUSTAVO — Não, Adelaide, este homem fala a verdade, e o mistério esclarece-se.

ADELAIDE — Mas...

CAROLINA — Não sei, não me perguntam como isto é, mas sinto que é certo. Só um pai pode assim falar-nos ao coração. Creio, creio! Oh! meu pai.

PADRE AGUILAR — Filha, não te iludas, esse velho está louco.

ALFREDO — Não sabe, Carolina, que a razão dele é enferma!

PEDRO (*a Carolina*) — Deixa-os, deixa-os falar; que me chamem louco, demente. É porque não entendem estas sensações. Chamam loucura ao amor de um pai! Oh! Como eles vão ver, minha filha. Para ti não sou um louco, pois não? Tu comprehendeste-me logo.

CAROLINA — Sim, sim. Meu pai...

MARGARIDA — Mas, Carolina, não vê que eu sou...

PEDRO — Margarida, Deus te abençoe pelas consolações que me deste e perdoa-me por me não esquecer junto de ti um momento da outra, desta... da verdadeira... da minha única filha!

MARGARIDA —Única? Então eu?...

ADELAIDE — Acaso... Margarida?...

PEDRO — É sua irmã, é a filha de seu pai, a perseguida. (*A Carolina*): E tu... tu é que és a minha filha.

ALFREDO — Que oíço! Será possível?!

MARGARIDA — Eu... eu... sua... tua irmã, Adelaide? E meu pai?

ADELAIDE — Não pode ser.

GUSTAVO — Pode, e é esse o segredo.

MARGARIDA — Meu pai, fale, diga-me...

PADRE AGUILAR — É inútil. Este homem ou está alucinado, ou tem algum motivo oculto que o faz obrar assim. É uma mentira, é um crime, Pedro!

PEDRO — Crime é tentar separar um pai de uma filha, que há tanto chorava; crime é querer roubar-ma outra vez!

PADRE AGUILAR — Mas as provas, as provas?

PEDRO — As provas! Querem-nas mais claras do que estas lágrimas? Querem-nas mais fortes do que os impulsos da natureza? Ensina-os tu, minha filha, a dispensá-las, que o coração o está revelando.

CAROLINA — Oh! Para que são as provas? Fingem-se coisas destas, finge-se um amor assim?

PADRE AGUILAR — O seu coração engana-a, Carolina. É inexperiente, mal conhece até que ponto as paixões dos homens chegam a simular os mais sagrados sentimentos.

PEDRO — Oh! Cale-se, cale-se. Os ministros do Senhor aprendem agora a caluniar um pai diante de sua filha?

GUSTAVO — Pedro, são necessárias provas. Bem o vês. Se não para ti, nem para Carolina; para nós, para a sociedade.

PEDRO — Que me importa, que nos importa a sociedade?

ADELAIDE — E Margarida? Assim a quer privar de um pai, sem ao menos lhe assegurar um futuro?!

PEDRO — Margarida, a filha do Sr. Álvaro... não; eu também te amo muito; por muito te amar, por não poder resolver-me a ficar sem ti, sem ninguém no mundo, é que até agora ocultei este segredo. Vi a dor que minou a vida de meu amo, que o arrastou à sepultura, e resisti; e não lhe dei a filha por que suspirava. Mas ele tinha uma outra que o amava; e eu não: que a minha haviam-ma roubado! Tinha tanto medo de ficar só na vida! E depois... quem sabe? Se ela, que me queria como verdadeira filha, me não desprezaria, me não amaldiçoaria per a haver tanto tempo privado de uma família...

MARGARIDA — Meu pai!

PEDRO — Oh! Perdoa-me, perdoa-me; agora sei que era injusto, perdoa-me!

MARGARIDA — Se é verdade o que diz, meu pai, se eu... não sou sua filha... Oh! Mas não, hei-de sê-lo sempre.

PEDRO — Há-de, há-de... hás-de sim, porque amaste-me e amas-me muito. Tenho duas filhas!

CAROLINA — Meu pai, que felicidade esta!

PEDRO — Eu padeci muito, filha! Os remorsos matavam-me; via sempre o Sr. Álvaro surgir da campa para me acusar de lhe ter roubado a filha, as carícias que lhe pertenciam. Oh! Se o visse morrer, não sei se resistiria; mas estava longe, estava ausente então.

ADELAIDE — Tu, tu, Margarida, és minha irmã! Irmã por quem eu esperava há tantos anos! Esperava-te e tu aqui! Todos os dias 'comigo'!

MARGARIDA — Oh! Adelaide!

ALFREDO — Minha Margarida!

PADRE AGUILAR — E as provas, Pedro, e as provas?

PEDRO — As provas do contrário lhe peço eu. (*Dando-lhe um papel*): Leiam, leiam ai os sinais que meu amo escrevera para a todo o tempo se reconhecer sua filha. Leiam. Que é da medalha com o retrato de sua mãe?

MARGARIDA (*tirando do seio uma medalha*) — Esta? É minha mãe? Oh! (*Beijando-a*).

PEDRO — Leiam, leiam. Lá diz, no braço direito tem um sinal particular. É da família.

PADRE AGUILAR — Oh! Se esse sinal existe, não me restara mais dúvidas. Conheço-o bem! Todo? os da família dos Noronhas o apresentam...

ADELAIDE (*examinando o braço de Margarida*) — Este?

PADRE AGUILAR (*vendo-o*) — É certo! É ela! Oh! Senhor, que insondáveis são os teus mistérios!

ADELAIDE — Oh! Minha irmã!

MARGARIDA — Oh! Adelaide!

GUSTAVO — Mas como foi isto?

PEDRO — A minha mulher foi confiada essa menina para criar longe dos parentes de sua mãe que a perseguiam. Descobriu-se, porém, o asilo, e decidiram roubá-la, pois tinham jurado a sua perda. Foram a minha casa uma noite, ignorando que eu tinha também uma filha, que com Margarida era amamentada; viram a minha... (*a Carolina*): a ti, meu anjo, e — bárbaros! — roubaram-ma. A pobre de tua mãe cuidou morrer, amava-te muito e sabia quanto eu te queria, eu que apenas te vira ao nascer; pois nesse tempo partira para a guerra, com seu pai, Sr. Gustavo. Quando voltei vinha tão ansioso por ver a minha filha, tão alegre, tão soberbo! Minha mulher não tivera ânimo, para me dar a triste notícia; iludi-me, como a todos, como ao mesmo Sr. Álvaro. Julgou-se que a roubada fora a outra! Eu assim o pensei por muito tempo, até que no leito de morte a tua infeliz mãe me revelou tudo! Daí em diante foi-me um tormento a vida! A lembrança de minha verdadeira filha, desamparada, pungia-me, martirizava-me. Tinha presentes os tormentos a que ela andava exposta e sentia-os como se fossem reais. Via as lágrimas de meu amo e não podia, não ousava estancá-las. Tu, Margarida, eras a minha única riqueza, o meu único bem. Eu não podia

privar-me assim de ti. Eis o segredo que eu guardei durante treze anos. Os remorsos ainda os tenho! Concorri para abreviar os dias de meu amo, de teu pai, Margarida! Mas se eu te queria tanto, tanto!...

PADRE AGUILAR — Foi uma má acção, Pedro, mas Deus mostra-se aplacado pelo seu arrependimento, pois que lhe permite a felicidade.

ALFREDO — Ó Pedro, como eu lhe quero bem, por me haver aliviado o coração da mais odiosa suspeita.

PEDRO — Era este o meu crime. Leia a carta que seu pai me surpreendeu e verá que, em vez de me acusar, antes me justifica; escrevi-a tão dominado de remorsos, que estive para declarar tudo, e se o delírio...

PADRE AGUILAR (*a Margarida*) — É, pois, à senhora que eu tenho de confiar a herança...

MARGARIDA — Oh! Por quem é... não me fale nisso; é tal o tumulto de sensações que me agitam. Nem eu sei se deva dar graças a Deus, se lamentar-me. Perdi um pai.

ADELAIDE — Mas ganhaste um marido.

PEDRO — Era forçosa a troca, filha. O pai do Sr. Alfredo odiava-me; e o seu ódio era justo!

MARGARIDA — Mas esse ódio...

ALFREDO — Há-de converter-se em estima, Margarida. Juro-te que o meu amor enxugar-te-á as lágrimas que as saudades de um pai te fizeram verter.

CAROLINA — Eu afianço-o. Alfredo é capaz até de nos roubar o coração todo de Margarida.

ADELAIDE — Pois declaro-lhe guerra! Não encontrei uma irmã para, assim, a ceder tão depressa.

GUSTAVO — Margarida tem afeições para todos. Sosseguem.

PEDRO — E eu queria... que me desses ainda o nome de pai, Margarida! É mais alguns dias apenas que me restam a viver

" CAROLINA e MARGARIDA — Meu pai.

PEDRO — Ambas! Ambas! Bendito sejas, meu Deus!

CAROLINA — E o padre Aguilar, o meu protector, a quem eu devo tanta felicidade, que deseja?

PADRE AGUILAR — Morrer junto de ti.

CAROLINA — Morrer, não... mas viver; oh! Isso exijo-o eu.

GUSTAVO — Ora eis aqui um dia feliz! Enfim a bonança depois da tempestade!

## VIII

### A EDUCANDA DE ODIVELAS

(Comédia original em um acto)

*Escrita por Júlio Dinis aos 21 anos (1860)*

### PERSONAGENS

O Infante D. João (depois D. João V)	
O marquês de Abrantes	
O conde de Viana	
Álvares	<i>Criado do infante</i>
João de Mendonça	
Leonor de Noronha	<i>Filha do conde</i>
Margarida	<i>Filha de Álvares</i>

*A cena passa-se no palácio real—Época, 1705*

## ACTO 1 ;• E ÚNICO

*Vasta sala do palácio real, contigua aos aposentos do príncipe. A direita, no primeiro plano, uma janela de onde se supõe avistar o Tejo; no segundo, uma porta que comunica com os corredores do palácio; no terceiro, outra porta que conduz à câmara do príncipe. Da esquerda, no primeiro plano, uma de onde se descobre uma parte de Lisboa; no segundo e terceiro planos, portas que dão para o interior do palácio. Ao fundo grandes janelas que deitam para os jardins. Ao meio do palco elevam-se duas colunas, que devem corresponder ao terceiro plano. Entre as portas e janelas, altos espelhos e retratos. De ambos os lados, e no primeiro plano, duas grandes cadeiras de espaldar e mesas cobertas de damasco. Na direita o necessário para escrever. Mobília da época.*

### CENA 1 .•

D. JOÃO (*sentado na cadeira da direita*). ÁLVARES (*ajeitando-lhe os anéis dos cabelos*)

D. JOÃO — Com que então é linda como o sol, dizes tu?

ÁLVARES — Como o sol no Estio, meu senhor. V. A. bem sabe que no Inverno...

D. JOÃO — Com uma diferença; é que o sol no Estio mostra-se, e tua filha... parece-me ser um astro que ainda não luziu na Corte.

ÁLVARES — Saiba V. A. que efectivamente ainda não.

D. JOÃO — E apostava que és tu mesmo a impertinente nuvem que no-la encobre.

ÁLVARES (*inclinando-se*) — Nada se pode ocultar à perspicácia de V. A.

D. JOÃO — Então é certo ? Tratante ! Sabes que isso equivale quase a ser um delapidador da Coroa ?

ÁLVARES — O Santo Padroeiro da capital nos acuda !

D. JOÃO — Não me dirá, Sr. Álvares, porque razão tem privado, por tanto tempo, a Corte dessa beleza?

ÁLVARES — Porque... porque...

D. JOÃO — Fala.

ÁLVARES — Se V. A. me ordena...

D. JOÃO — Uma vez é suficiente.

ÁLVARES — Pois bem; é porque... perdoe-me V. A., mas... estes costumes... quero dizer, estas modas... ou antes algumas, alguns... não digo bem, certas... pessoas... certos,..

D. JOÃO — Que têm os costumes, as modas e as pessoas com tua filha?

ÁLVARES — Dizia eu... sim... que a vida do paço não é lá das mais edificantes para uma rapariga de dezassete anos.

D. JOÃO (*levando as mãos à cabeça*) — Ah! Desgraçado!

ÁLVARES — Não, não; perdoe-me V. A.; eu queria dizer... o contrário do que disse. É muito edificante, exemplar até.

D. JOÃO (*sorrindo*) — Não te assustes. A língua não foi que me ofendeu, foram as mãos. Nunca te vi tão desastrado, Álvares. Repara que a minha pobre cabeça não tem culpa de que alguns anéis mais rebeldes zombem de toda a tua arte desta manhã.

ÁLVARES — Desculpe-me V. A., eu...

D. JOÃO — Está bem. Adiante. Dizias ter escrúpulos de introduzir tua filha na Corte, não era isso?

ÁLVARES — Sim, meu senhor, tive-os e por isso a deixei até hoje viver em Odivelas.

D. JOÃO — Ah! Em Odivelas?! E esses... escrúpulos findaram?

ÁLVARES — Saiba V. A. que sim e tanto que hoje mesmo fencionava pedií a V. A....

D. JOÃO — O quê?

ÁLVARES — Um favor.

D. JOÃO — Um? Só! Com mil diabos!

ÁLVARES — Se V. A. quer eu pedirei dois.

D. JOÃO — Um te peço eu; é que te lembres que tens nas tuas mãos... já não digo a cabeça do herdeiro da Coroa, mas ao menos a cabeça de um homem.

ÁLVARES — Perdoe-me V. A. (*Aparte*): De um homem! Lá chegaremos.

D. JOÃO — É o primeiro favor, vamos ao segundo.

ÁLVARES — Como V. A. é benevolente! V. A. sabe que pela morte de D. Doroteia de Castro, há um lugar vago entre as damas da câmara de S. M. a rainha, mãe de V. A.

D. JOÃO — E daí?

ÁLVARES — Se V. A. quisesse ter a bondade de lembrar minha filha a S. M., talvez que...

D. JOÃO — Mas os ares da Corte, senhor Álvares, os pestilenciais ares da Corte? Já os não receia?

ÁLVARES — Perdoe V. A., mas agora já há menos perigos.

D. JOÃO — Porquê? Passou a epidemia?

ÁLVARES — Não, meu senhor, mas é que em tal caso eu sei onde lhe encontrar um marido e então...

D. JOÃO — E então?

ÁLVARES — Já não havia que recear.

D. JOÃO — Nada?! Com que um noivo é um preservativo da tal doença que temias tanto? Eu sei, homem, Informa-te com os noivos da Corte a esse respeito. Mas, em suma, achas-te, pois, resolvido a apresentá-la enfim.

ÁLVARES — O magnânimo coração de V. A. faz-me esperar...

D. JOÃO — E tu fazes desesperar a minha magnânima cabeça. Sai daqui.

ÁLVARES — Valha-me Nossa Senhora; queira-me V. A. perdoar, foi também a última demão.

D. JOÃO (*levantando-se*) — Deus o queira. Julguei que não findava hoje. Pode-se dizer que me arrastaste pelos cabelos da minha câmara para esta sala, e estava vendo se me perseguias com o teu pente por todos os recessos do palácio. Estás velho, Álvares; já não serves para estes serviços.

ÁLVARES — Velho? Outros há...

D. JOÃO — Sim, os decrepitos por exemplo; mas, voltando ao nosso assunto, tua filha... Como se chama?

ÁLVARES — Margarida, meu senhor.

D. JOÃO (*olhando-se ao espelho*) — Margarida? Um galante nome e que promete muito. Ainda não vi uma Margarida feia; e tu, Álvares?

ÁLVARES (*encolhendo os ombros*) — As do meu tempo não se podem hoje dizer muito bonitas, meu senhor.

! D. JOÃO — Ah! Sim, acredo, mesmo nada. Pois é pena. a espécie das Margaridas devia durar pouco para não envelhecerem, como as do teu tempo. Que idade tem?

ÁLVARES — Para cima de quarenta anos.

D. JOÃO — Tua filha?

ÁLVARES — Não, meu senhor, as do meu tempo.

D. JOÃO — Ora! *Requiescat in pace.*

ÁLVARES — **Amém!**

D. JOÃO — Mas que idade tem tua filha?

ÁLVARES — A pobre pequena tem dezassete anos.

D. JOÃO (*sentando-se à esquerda*) — Dezassete anos? É uma idade encantadora! Ai, dezassete anos, dezassete anos, meu Álvares; por quantos não tenho eu morrido! Quatro vezes este número me apaixonou.

ÁLVARES — Quatro vezes dezassete fazem... fazem sessenta e oito! Pois V. A.?

D. JOÃO — Não sabes que os anos são como o ópio? As pequenas doses deleitam, em grandes incomodam e até matam? Sessenta

anos divididos em três ou quatro porções são deliciosos. De que cor tem os cabelos tua filha?

ALVARES — A dos meus...

D. JOÃO — Brancos?!

ALVARES — Quando era rapaz, meu senhor.

D. JOÃO — Ah! Mas como eu não tive a fortuna de viver nessas épocas primitivas, dir-me-ás que cor é essa.

' ALVARES — Castanhos, meu senhor, puros castanhos.

D. JOÃO — Bem. Está ainda em Odivelas?

ALVARES — Desde esta manhã reside no paço.

D. JOÃO — Ah! Temo-la já entre nós?

ALVARES — E persistirá caso obtenha o que eu desejo.

D. JOÃO — Há-de obter. A rainha vai hoje à missa a S. Vicente de Fora; falar-lhe-ei ao sair. É ocasião favorável a pedidos.

ALVARES — Beijo as mãos a V. A.

D. JOÃO — Mas em antes uma condição. Quero ver tua filha. Não desejo empenhar-me senão por uma beleza; a rainha mesmo me levaria a mal se introduzisse ao seu serviço uma fealdade e se por acaso... Mas espero que tal me não saia.

ALVARES — Pode V. A. ter a certeza...

D. JOÃO — Não afirmo sem ver. Que em Odivelas há bonitos olhos sei eu há muito; resta-me saber se os da tua filha pertencem ao número.

ALVARES (*aparte*) — Mau, mau. (*Alto*): Porém...

D. JOÃO — Vamos, Sr. Alvares, duvida de mim? Eu aprecio a beleza, mas respeito-a.

ÁLVARES — Eu sei, eu sei, meu senhor... como V. A. respeita a belezas.

D. JOÃO — Tens a arguir-me de algumas coisas nesse sentido

ALVARES — De nada, meu senhor, de nada.

D. JOÃO — Ofendi-te alguma vez?

ÁLVARES — A mim? Nada, meu senhor; porém... eu não sou

D. JOÃO — Não és?

ÁLVARES (*sorrindo*) — Isto é, eu sou...

D. JOÃO — És?

ÁLVARES — Mas não sou, não.

D. JOÃO — És e não és? Já o suspeitava há muito.

ÁLVARES — Dizia eu que já não sou uma beleza.

D. JOÃO — Já! Eis um advérbio bem significativo! *Já!*

ÁLVARES — Eh! No meu tempo minha mulher dizia que para homem...

D. JOÃO — Ah! Não duvido; mas afianço-te que belezas dessa nada têm que recear da Corte.

ÁLVARES (*aparéj*) — Não se constrange.

D. JOÃO (*levantando-se*) — Mas o dito, dito. Se não cumpres a tua palavra tens de te arrepende.

ÁLVARES (*aparte*) — Os diabos te levem!

D. JOÃO — Que é?

ÁLVARES (*inclinando-se*) — V. A. determina mais alguma coisa?

D. JOÃO — Não. Podes ir. Ah! Sim. Diz ao marquês de Abrantes que lhe quero falar. (*Álvares vai a retirar-se*). Ouve isto. Não falarei à rainha antes de ver a a filhada.

ÁLVARES (*aparte*) — Com tais padinhos mais vale não ser baptizada. (*Alto*): Há-de fazer-se a vontade de V. A.

D. JOÃO — Ora vamos. (*Álvares sai da esquerda, segundo plano*).

CENA 2.-

(D. JOÃO *só*) — Odivelas! Odivelas! Se por acaso... Mas não; a outra tem um olhar aristocrático, uma voz, umas maneiras que só se adquirem em antecâmaras de damasco e sobre tapetes da Pérsia. Perdida aquela singeleza do convento, deve ser uma perfeita mulher da Corte. A persistência em não me querer revelar o seu nome mais me faz suspeitar ainda que é filha de alguma das nossas principais famílias que... É tempo de saber quem ela é. Da sua boca perdi-lhe as esperanças. Restam-me as das madres, a quem eu não queria recorrer para não despertar suspeitas e mais alguma coisa. Por São Jorge! É a fortaleza mais bem defendida que tenho encontrado! Se o marquês das Minas deparasse com este baluarte na sua carreira, talvez se não contasse tão heróicas notícias do nosso exército em Espanha. (*Sentando-se à direita*): Mas aí vem o meu aliado.

CENA 3.

D. JOÃO e O MARQUÊS DE ABRANTES (*entrando da esquerda*)

O MARQUÊS — Corri a receber as ordens de V. A.

D. JOÃO — Fazes-te desejado, marquês.

O MARQUÊS — Julguei que V. A. ainda se não havia erguido.

D. JOÃO — Mentes. Passeavas no jardim por baixo das janelas de D. Leonor de Noronha. Devias ver que as minhas estavam abertas há muito.

O MARQUÊS — Se V. A. me viu nesse sítio, devo considerar-me suficientemente desculpado.

D. JOÃO — Nem por isso. Esse teu amor por D. Leonor tem toda a candura de uma primeira paixão. Em poucos dias te conduzirá ao matrimónio e depois... tenho um companheiro de menos e... (*bocejando*): um pedagogo de mais.

O MARQUÊS — Em mim terá V. A. sempre um fiel companheiro e, em quanto a pedagogos, a sabedoria de V. A. dispensa bem semelhante cargo.

D. JOÃO (*rindo-se*) — Ah! ah! ah! Estás hoje estúpido, meu caro

marquês, estúpido como um amante desconsolado. Parecia-me estar agora ouvindo o meu digno criado de câmara, Miguel Álvares, com as suas fastidiosas lisonjas.

O MARQUÊS — Adivinhou V. A. Estou estúpido como um amante desconsolado.

D. JOÃO — Ah! Então?

O MARQUÊS — D. Leonor soube dos nossos passeios a Odivelas e, ignorando o papel que eu aí representava, puramente passivo...

D. JOÃO — Como? Puramente passivo?!

O MARQUÊS — Espero que V. A. me faça a justiça de acreditar que se eu aí ia...

D. JOÃO — Sim; se tu aí ias era... para quê?

O MARQUÊS — Para acompanhar V. A.

D. JOÃO — Ah! Que dedicação!

O MARQUÊS — Não o crê?

D. JOÃO — Creio, creio como nos protestos de uma carta de amores.

O MARQUÊS — É quanto basta, sendo eu que a escreva.

D. JOÃO — Pois a minha crença é igual para ambas as coisas. (*Tomando-lhe o braço*): Meu caro marquês! Se D. Leonor soubesse que, nas proximidades das cercas de Odivelas, há um frondoso castanheiro...

O MARQUÊS (*sorrindo*) — Senhor!

D. JOÃO — Onde um nobre, dos principais da corte de el-rei D. Pedro II, que Deus conserve por muitos anos, pois não lhe invejo o ofício, passa algumas horas da noite..., não sei se no inocente passatempo de podar a pobre da árvore mesmo antes da estação própria...

O MARQUÊS (*o mesmo*) — E tão antes que nunca pude colher frutos dos meus esforços...

D. JOÃO — É outro ponto em que tanto creio como no carácter passivo de semelhantes empresas.

O MARQUÊS — Pois posso jurar.

D. JOÃO — Mas não deves, que juravas falso. Porém se D. Leonor soubesse...

O MARQUÊS — Fazia o que fez agora, pois de tudo isso soube.

D. JOÃO — Ah! E que fez?

O MARQUÊS — V. A. não imagina como as mulheres são escrupulosas a respeito dos bons hábitos de seus amantes.

D. JOÃO — Eu sei, eu sei. Mas então?

O MARQUÊS — Quando há pouco, ainda mal era dia, passeava, como V. A. viu, por baixo das janelas de Leonor, cumprindo esta missão de namorado, que tem, como todas, os seus espinhos...

D. JOÃO — Deixa-te de idílios. Adiante.

O MARQUÊS — Catarina, a sua criada particular, é uma engracada morena de olhos travessos...

D. JOÃO — Olhos travessos tem o teu amor, que vê de lado  
as criadas enquanto olha de frente as amas.

O MARQUÊS — E é V. A. que o diz! Acho-lhe graça!

D. JOÃO — Vamos. Que fez Catarina?

O MARQUÊS — Desce ao jardim e diz-me da parte de sua ama  
que assim como eu costumava dirigir as minhas devoções às beatas  
freiras de Odivelas, conformando-se em tudo aos meus gostos, princi-  
piava a consagrar as suas...

D. JOÃO — A quem?

O MARQUÊS — Aos religiosos frades Jerónimos.

D. JOÃO — Hem? Como se entende isso?

O MARQUÊS — V. A. deve saber que a vontade do pai de Leonor  
é casá-la com o sobrinho do prior dos Jerónimos, plebeu mas um  
dos mais ricos herdeiros do Alentejo. Escreveu-lhe neste sentido; o  
rapaz respondeu-lhe, chegando aí, e agora reside com seu tio no  
próprio convento em Belém.

D. JOÃO — Ah! E tu, desesperado...

O MARQUÊS — Vinguei-me.

D. JOÃO — Escrevendo elegias e sonetos ou desafiando o teu  
rival?

O MARQUÊS — Assentando os dois mais estrondosos beijos de  
que pude dispor nas rubicundas faces da mensageira.

D. JOÃO (*rindo-se*) — Ah! ah! Lavraste o selo da tua sentença.

O MARQUÊS — O bater violento das portadas da janela deu-me a  
entender que ela me observara.

D. JOÃO — Mas vamos a saber, quem lhe foi contar tudo isso?

O MARQUÊS — É o que eu não pude descobrir. Catarina, depois  
de eu lhe pagar os direitos de mercê pela minha carta de alforria, não  
esperou por mais nada e fugiu como uma corça.

D. JOÃO — Essa é sobre quem vai recair toda a vingança. As  
mulheres não perdoam umas às outras o atrevimento de levar um beijo.  
Mais depressa o desculparão se ele for dado em vez de recebido. Mas  
agora por Odivelas: sabes que vamos ter na corte uma educanda do  
convento?

O MARQUÊS — A de V. A.? Já?!

D. JOÃO — Não, língua maldizente. Nem a minha nem de ninguém.  
É um coração sem possuidor. Arde só no amor filial.

O MARQUÊS — Então é alguma criança?

D. JOÃO — Uns belos dezassete anos.

O MARQUÊS — E ainda há disso?

D. JOÃO — Introduzo eu um exemplar na Corte. Espero que seja  
admirado pela raridade.

O MARQUÊS — E é V. A. quem a introduz? Desconfio que o edi-  
tor nos não falsifique a obra.

D. JOÃO — Não. Eu nem a vi ainda. É a filha do Alvares. Este  
maroto, pelo que eu julgo, tem granjeado ao meu serviço e às minhas

custas, já se sabe, uma fortuna considerável. Possui muitas terras no Alentejo; educa a filha esmeradamente no convento e aspira a introduzi-la na Corte como dama de câmara da rainha,

O MARQUÊS — E consegue-o?

D. JOÃO — Depende de uma condição.

O MARQUÊS — Qual é?

D. JOÃO — Que seja bonita. É qualidade que lhes não dispenso.

O MARQUÊS — Mas talvez a mãe de V. A. exija outras.

D. JOÃO — A pedido meu, espero que ceda. Só se... Para te falar a verdade, receio que a descoberta que fez D. Leonor, a qual provavelmente também me diz respeito, me traga novas arguições da parte de minha mãe. A ideia das práticas intermináveis da rainha assusta-me.

O MARQUÊS — V. A. tem razão. Preciso ter uma entrevista com Leonor, que eu não posso deixar de amar. Preciso mostrar-lhe a minha inocência.

D. JOÃO — O que será difícil.

O MARQUÊS — Nem por isso, pois todo o meu crime consiste em procurar tornar mais breves as longas horas que V. A. passava...

D. JOÃO — Nos mais inocentes colóquios.

O MARQUÊS (*sorrindo*) — Pode ser.

D. JOÃO — É certo. A educanda não me permitiria outras.

O MARQUÊS — Isso era a educanda, mas...

D. JOÃO — Psiu! Adiante!

O MARQUÊS — Hei-de ver Leonor e, se esse sobrinho do prior dos Jerónimos...

D. JOÃO (*olhando pela primeira porta da direita*) — Silêncio! Aqui temos o pai da tua vingativa amante.

O MARQUÊS (*o mesmo*) — Ah! O conde. Pai? Não sei. Pelo menos o marido de sua mãe, é mais seguro.

D. JOÃO — Murmurador!

O MARQUÊS — Vou com a tradição. Mas quem é o outro?

D. JOÃO — Algum aparentado. Este conde é um interessante mestre de cerimónias.

CENA 4.

D. JOÃO, O MARQUÊS, O CONDE e JOÃO DE MENDONÇA

O CONDE (*adiantando-se*) — Dou graças ao Céu por encontrar aqui V. A. às horas sempre favoráveis do levantar da cama.

D. JOÃO — Todas as horas são favoráveis às visitas do conde.

O CONDE (*curvando-se*) — V. A. confunde-me. (*Ao marquês, secamente*): Bons dias, marquês.

O MARQUÊS (*curvando-se com exagero*) — Senhor conde!

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ali está aquela cortesia que não foi conforme às regras que o conde me ensinou ontem à tarde.

D. JOÃO — Mas quem nos traz hoje o conde?

O CONDE — Um provinciano no passado e um guerreiro no futuro.

D. JOÃO — E no presente?

O CONDE — Um aspirante a noivo.

JOÃO DE MENDONÇA (*adiantando-se*) — E em todos os modos e tempo gramaticais, um fiel súbdito de V. A.

O CONDE — Está doido! Devagar; é contra a etiqueta...

D. JOÃO — Deixe-o, conde.

O CONDE (*baixo a João de Mendonça*) — Repare aonde está e embre-se das minhas prelecções.

JOÃO DE MENDONÇA — Ah, sim. Corpo direito, o pé esquerdo adiante, a perna direita firme e pouco a pouco... Ora! Eu sei la disso. sr. conde! Tenho-lhe obedecido até de mais. Diante de el-rei e da rainha, sim, sujeitei-me a todas as esquisitas formalidades que V. Ex.» me impôs, porque enfim na presença de SS. MM. não me achava a vontade. Havia no seu olhar um não sei quê onde melhor se aprendia a etiqueta do que em todas as longas prelecções de V. Ex.". Mas agora é outra coisa. Quando entrei aqui, esperava encontrar o mesmo no príncipe. Era um engano. Há menos severidade nos olhos de S. A.; respira-se mais liberdade na sua presença. Por isso prescindo, sr. conde, da sua obsequiosa protecção. Aqui falo eu próprio e...

O CONDE (*irritado*) — E... e o quê, senhor?

JOÃO DE MENDONÇA — E não hei-de falar mal.

O CONDE (*o mesmo*) — Mas, senhor, repare que S. A. não está costumado a esses modos tão...

JOÃO DE MENDONÇA — S. A. desculpará os defeitos de um inexperiente rapaz da província. Lá aprendi a correr bem uma lebre e a perseguir um javali por devesas e coutados. Nisso desafio os melhores monteiros da Corte. Porém essa arte de pouco serve nas salas e antecâmaras do paço, eu sei. Aí confesso que...

D. JOÃO — Não tem dúvida. Mais aprecio eu as outras do que essas qualidades. E então agora que há falta de bons monteiros na Corte...

O CONDE — Mas S. A. não pode querer que...

JOÃO DE MENDONÇA — É também de etiqueta contradizer os príncipes, senhor conde?

O CONDE (*aparte*) — Que tal está! (*Alto*); Mas seu tio, o reverendíssimo prior, havia-me recomendado...

O MARQUÊS — Como? Pois este senhor é o sobrinho...

D. JOÃO — Do prior dos Jerónimos?

O CONDE — O mesmo. Já haviam falado nele a V. A.?

D. JOÃO — Há pouco ainda. Folgo imenso em o conhecer.

O CONDE (*a João de Mendonça*) — Agradeça a S. A. o...

JOÃO DE MENDONÇA — Mal me pode conhecer V. A. só pelo facto do meu parentesco com o digno prior; apesar de que algum tanto influiu ele sobretudo no meu carácter, pois que por vontade do

meu reverendíssimo tio estava eu destinado à vida monástica e cheguei até com esse fim a entrar num seminário onde me deram a estudar a gramática latina; porém, confesso, o verbo *laudo* foi o *non plus ultra* das minhas façanhas; aquelas impertinentes colunas de linguagens foram as minhas colunas de Hércules. Eis o motivo por que fiquei sempre um pouco para soldado, assim como os meus gostos predilectos e quotidianos exercícios me fariam um tanto aventureiro para frade, se...

O CONDE (*aparte*) — *Que* falar! É uma torrente. (*Alto*): Mas repare que está abusando da bondade de S. A.

D. JOÃO — Pelo contrário! Eu não gosto de constrangimentos  
O MARQUÊS (*aparte*) — E é este o senhor meu rival!

D. JOÃO (*a João de Mendonça*) — Vem do Alentejo, julgo eu?

JOÃO DE MENDONÇA — Justamente. Acho-me com vinte anos de idade, sou filho único, possuidor de uma grande riqueza...

O CONDE — E futuro noivo de...

O MARQUÊS (*interrompendo-o*) — O futuro é sempre incerto, sr. conde.

O CONDE (*com intenção*) — Sobretudo quando baseado em loucas esperanças, sr. marquês.

D. JOÃO (*sorrindo a João de Mendonça*) — Continue.

JOÃO DE MENDONÇA — Chamo-me João de Mendonça. Venho à Corte buscar noiva para depois ir à guerra procurar glória.

O MARQUÊS — Não sei, meu caro, se não seria melhor prescindir da noiva, visto que será difícil obtê-la com glória.

JOÃO DE MENDONÇA — Porquê?

O MARQUÊS — É que por mais caro que se pague esse género de mercadoria, a noiva, quando comprada, sofre quase sempre deterioração.

O CONDE — Marquês!

O MARQUÊS — Conde!

JOÃO DE MENDONÇA — Confesso, sr. marquês, que o não entendi.

D. JOÃO — Este marquês é um tanto enigmático, não faça caso.

JOÃO DE MENDONÇA — Como dizia a V. A....

O CONDE — Não sei que significam, sr. marquês, esses olhares com que me está fitando.

O MARQUÊS — É que eu resolvi, sr. conde, ser proprietário, e constando-me que V. Ex." tenciona vender umas belas propriedades, ou antes, uma *bela...* propriedade...

O CONDE — Sr. marquês!

JOÃO DE MENDONÇA — Aposto que adivinho qual é.

O MARQUÊS (*sorrindo*) — A ver...

O CONDE — Basta, Sr. Mendonça; isto não é com o senhor.

JOÃO DE MENDONÇA — Há-de ser aquela que herdou de sua esposa.

O MARQUÊS (*sorrindo*) — Justamente que *herdou* de sua esposa.

O CONDE (*ao marquês*) — Mas que sempre me pertenceu, sr. marquês. Eu fui sempre o seu... dono, saiba. Não me restam dúvidas na consciência a esse respeito.

JOÃO DE MENDONÇA — Perdão, mas em antes de ser de V. Ex.» era de sua esposa, pois já quando solteira...

D. JOÃO (*tossindo*) — Hum, hum, hum...

O CONDE — Senhor?

O MARQUÊS (*rindo-se*) — Ah! ah! ah! Tanto não sabia. Então já quando solteira...

D. JOÃO (*aparte*) — A questão da propriedade complica-se. (*Alto*): Pelo que vejo, o conde não era afeiçoadão à tal propriedade?

O CONDE — Eu, mas se ela é...

JOÃO DE MENDONÇA — Franqueza, sr. conde, eu sei a razão por que V. Ex.\* se pretende desfazer daqueles bens.

O CONDE — Para que está o senhor a falar, sem saber o que diz?

JOÃO DE MENDONÇA — Ora V. Ex.» já contratou com meu pai a venda dessa mesma propriedade e portanto...

O MARQUÊS — Parece-me que sim, ao que estou vendo.

JOÃO DE MENDONÇA — E nós reconhecemos-lhe o mesmo defeito que desgostara o conde.

D. JOÃO — Qual era?

JOÃO DE MENDONÇA — Era...

O CONDE — Senhor! Não se atreva a...

O MARQUÊS — Conclua.

JOÃO DE MENDONÇA — Era que a dita propriedade...

O CONDE — Não ouve, senhor? Cale-se, quando não...

O MARQUÊS (*fa João de Mendonça*) — Que tinha?

D. JOÃO — A dita propriedade?...

JOÃO DE MENDONÇA — Estava situada num lugar um tanto desvantajoso para o seu possuidor.

D. JOÃO e O MARQUÊS — Porquê?

JOÃO DE MENDONÇA — Porque não se respeitam muito por lá os direitos do proprietário.

D. JOÃO e O MARQUÊS — Ah! ah! ah!

O CONDE — É uma aleivosia infame, senhor!

JOÃO DE MENDONÇA — Perdão, mas a esposa de V. Ex.» o soube por experiência própria quando aí esteve.

D. JOÃO (*aparte*) — Oh!

O CONDE — Senhor!

O MARQUÊS — Ah! ah! ah! O Sr. Mendonça mostra-se bem informado. Ah! ah!

D. JOÃO — E aonde é esse lugar tão infesto? Queremos dar providências para segurança dos futuros... proprietários.

O MARQUES — É na...

JOÃO DE MENDONÇA — Província do Alentejo.

D. JOÃO e O MARQUÊS — Ah!

## CENA 5.-

D. JOÃO, O MARQUÊS, O CONDE, JOÃO DE MENDONÇA  
e UM CAMARISTA (*entrando pela segunda porta à esquerda*)

O CAMARISTA — S. M. el-rei manda-me pedir a V. A. para descer  
ao seu gabinete. Está reunido o conselho e...

D. JOÃO — Já?! Cedo principiaram hoje as minhas lições de rei.  
Revistamo-nos de gravidade. Vens, marquês?

O MARQUÊS — Acompanharei V. A. até ao gabinete de S. M.

D. JOÃO — Adeus, conde, não tenha pressa em se desfazer da  
propriedade. Há mercadores que lha comprarão por todo o preço.  
(*Olhando para o marquês*): De um sei eu...

O CONDE (*idem*) — E eu também, mas tão livre está ele de sei  
bispo...

O MARQUÊS — Que bem pode aspirar a patriarca.

JOÃO DE MENDONÇA — Não será fácil ser uma coisa antes  
da outra.

O MARQUÊS — Engana-se. Grandes patriarcas foram Adão e Noé  
e nunca puseram mitra.

O CONDE — Pois fie-se em Noé e espere pelos resultados.

D. JOÃO — Vamos. Adeus, meus senhores. Conto vê-los breve.

JOÃO DE MENDONÇA e O CONDE (*inclinando-se*) — Beijo as  
mãos a Vossa... (D. João, o marquês e o camarista saem pela segunda  
porta da esquerda).

## CENA 6.'

JOÃO DE MENDONÇA e O CONDE (*ambos dando meia volta*  
*e completando a cortesia voltados um para o outro*) — A V. S<sup>a</sup>

O CONDE (*fazendo uma cortesia*) — Muito obrigado, meu caro  
senhor.

JOÃO DE MENDONÇA (*idem*) — Penhoradíssimo pelos obséquios  
de V. S<sup>a</sup>, ou Ex.\*.

O CONDE (*idem*) — Continue que vai bem.

JOÃO DE MENDONÇA (*idem*) — Confunde-me a sua bondade.

O CONDE (*idem*) — É pena que não continuasse.

JOÃO DE MENDONÇA (*idem*) — Meu tio e eu devemos-lhe mui-  
tas finezas.

O CONDE (*idem*) — Que sagacidade!

JOÃO DE MENDONÇA (*idem*) — Que espírito!

AMBOS (*idem*) — Salve!...

O CONDE — Mas que quer o senhor dizer com esses modos?

JOÃO DE MENDONÇA — O que quer V. Ex.<sup>a</sup> significar com  
os seus?

O CONDE — Mas o senhor, o senhor...

JOÃO DE MENDONÇA — Mas V. Ex.<sup>1</sup>, V. Ex.\*...

O CONDE — Eu??!

JOÃO DE MENDONÇA — Sim, V. Ex.<sup>2</sup>. De que natureza é a sua protecção, não me dirá? Em vez de me animar, interrompe-me a cada passo na presença de S. A. Em vez de cumprir com as recomendações de meu tio, finge exercer sobre mim uma autoridade despótica que me revolta e que eu não reconheço.

O CONDE (*curvando os braços*) — Excelente!

JOÃO DE MENDONÇA — É uma impertinência!

O CONDE — Bonito!

JOÃO DE MENDONÇA — É desaforo!

O CONDE — Admirável!

JOÃO DE MENDONÇA — É... Que pretendia V. Ex.<sup>3</sup> com as suas intermináveis interrupções?

O CONDE — O que pretendia?

JOÃO DE MENDONÇA — Sim, o que pretendia? O que pretendia?

O CONDE — É preciso que lho digam?

JOÃO DE MENDONÇA — Bem vê que o pergunto.

O CONDE — Não acredito, não acredito; não posso acreditar.

JOÃO DE MENDONÇA — Como queira. Mas se não acredita que preciso, acredite que o desejo.

O CONDE — Pois não viu que estava malbaratando a sua honra?

JOÃO DE MENDONÇA — Eu?

O CONDE — Não percebeu as venenosas alusões daquele insolente marquês? Víbora! Hei-de arrancar-lhe a língua pelas goelas.

JOÃO DE MENDONÇA — Mas que alusões eram essas?

O CONDE — Que alusões? Aquela propriedade, aquela propriedade de que ele falava... e sobre a qual o senhor... Nem quero que me lembre, senão...

JOÃO DE MENDONÇA — Mas que tinha a propriedade?

O CONDE — Pois não sabe qual era?

JOÃO DE MENDONÇA — A de Trás-os-Montes?

O CONDE — Atrás dos montes deixou o senhor todo o seu espírito, se tal pensa.

JOÃO DE MENDONÇA — Então?

O CONDE — Era minha filha.

JOÃO DE MENDONÇA — Sua filha??

O CONDE — Sim, que o maldito ousava dizer que eu vendia... e mais outras suposições pouco lisonjeiras à minha categoria de esposo e de pai e...

JOÃO DE MENDONÇA (*rindo-se*) — Ah! ah! ah!

O CONDE — E... (*Reparando*): O senhor ri-se?

JOÃO DE MENDONÇA — Porque não?

O CONDE — Então não tem pudor? Sofre que o aviltem?

JOÃO DE MENDONÇA — A mim?! O sr. conde repare... Que tenho eu com isso?

O CONDE — Que tem? É engraçada a pergunta!

JOÃO DE MENDONÇA — E eu acho ainda mais graça à resposta.

O CONDE — Pois deveras o senhor...

JOÃO DE MENDONÇA — Deveras eu, sim, senhor.

O CONDE — Não creio.

JOÃO DE MENDONÇA — Irra! Sempre é duvidar!

O CONDE — Então acha que, insultado eu, não o fica o senhor igualmente?

JOÃO DE MENDONÇA — E... V. S.<sup>a</sup> pensa o contrário?

O CONDE — Pois o noivo de minha filha será tão cobarde ou tão vil que sofra esta afronta?

JOÃO DE MENDONÇA — Não tenho a honra de conhecer esse senhor, mas seja quem for estou pronto a dar-lhe as satisfações que me pedir, de qualquer natureza que sejam.

O CONDE — Hem!

JOÃO DE MENDONÇA — Digo que tenho por costume sujeitar-me a todas as consequências das minhas palavras e se...

O CONDE — O senhor que está aí a dizer?

JOÃO DE MENDONÇA — V. Ex." ameaçou-me com o noivo de sua filha; conquanto eu julgue não ter ofendido nem a ele, nem a sua futura esposa, nem a V. Ex.", contudo estou pronto a...

O CONDE — O Sr. João de Mendonça endoideceu ou está-me desfrutando?

JOÃO DE MENDONÇA — É preciso que V. Ex." tenha uma inteligência muito acanhada para não compreender isto.

O CONDE — É preciso que o Sr. João de Mendonça seja um doido confirmado para dizer o que tem dito.

JOÃO DE MENDONÇA — Não nos podemos entender, já vejo. O melhor é calarmo-nos. «Cum stultis non est luctandum», dizem, não sei se bem se mal, as minhas reminiscências do seminário.

O CONDE — Que quer dizer isso? Não gosto que me falem em linguagem estrangeira. É pouco patriotismo.

JOÃO DE MENDONÇA — Quer dizer que... não quer dizer nada.

O CONDE — Pois embora. Mas diga-me e acabe com as suas graças. O senhor não se ofendeu?

JOÃO DE MENDONÇA — Aí torna?

O CONDE — Torno, sim, e hei-de tornar. Pois não se ofendeu?

JOÃO DE MENDONÇA — Não me ofendi, não, senhor; não me ofendi. Ora aí tem. Gostei até. Bem viu que me ri. Estou satisfeito.

O CONDE — O noivo de minha filha!

JOÃO DE MENDONÇA — Faltava ainda esse estribilho. Já tardava.

O CONDE — Pois o senhor não sabe quem é o noivo de minha filha?

JOÃO DE MENDONÇA (*impaciente*) — Ora, eu não. Importa-me bem com o noivo de sua filha! Ora que mania!

O CONDE — Pois deveras?!

JOÃO DE MENDONÇA — Deveras, sim, deveras. É para mim a coisa mais indiferente deste mundo.

O CONDE — O senhor não recebeu no Alentejo uma carta?

JOÃO DE MENDONÇA — Recebi, sim, senhor.

O CONDE — Não lhe falava no seu casamento?

JOÃO DE MENDONÇA — Falava.

O CONDE — E não veio o senhor a Lisboa com esse fim?

JOÃO DE MENDONÇA — É verdade, mas...

O CONDE — E então ainda não comprehende?

JOÃO DE MENDONÇA — Cada vez menos.

O CONDE — Oh! Senhor! Pois quem é o noivo de minha filha, senhor?

JOÃO DE MENDONÇA (*exasperado*) — Ora! É o Diabo.

O CONDE — O Diabo! (*Momento de silêncio*). Está doido, está doido, está furioso, está tolo, está varrido! Adeus, adeus, não sei que lhe faça. (*Sai arrebatadamente pela primeira porta da esquerda*).

CENA 7.

JOÃO DE MENDONÇA — Ora, quem é o noivo de minha filha?! Forte cisma! Querer por força que adivinhe quem é o noivo de sua filha; o homem está maníaco. Eu que mal tive o gosto de ver uma vez esta senhora. Mas que quer ele dizer com a carta? No que Alvares me escreveu a respeito do meu casamento com Margarida, os meus primeiros, os meus únicos amores, nada me lembra que tenha relação com esta ridícula história. (*Exammando-a*): Nada. Educou-se em Odivelas, até aqui nada de novo; é linda, isso sei eu; vem para o paço e espera ser dama da rainha, etc, etc. Mas que tem isto com o tal noivo? Só se... querem ver que lembrança! Acaso... o conde como não tem muito juízo... e o outro é rico... Acaso Alvares... será o tal celebrado noivo? Mas não, não pode ser.

CENA 8.

JOÃO DE MENDONÇA e ALVARES (*entrando pela segunda porta da esquerda, às últimas palavras*)

ALVARES — É ele, é, bem me parecia. (*Pousando-lhe as mãos nos ombros*): Não pode ser o quê?

JOÃO DE MENDONÇA (*voltando-se*) — Oh! Álvares!

ALVARES — Meu querido filho! (*Abraçando-se*).

JOÃO DE MENDONÇA — Há que tempos não nos víamos! Então que tem feito?

ALVARES — Vivido, vivido, como vês, velho, acabado.

JOÃO DE MENDONÇA — Pelo contrário, acho-o bom, remoçado. (*Aparte*): Sondemo-lo. (*Alto*): Capaz até de casar de novo.

ÁLVARES — Achas? Maganão! Já sei, o que tu queres é que te fale do casamento. A minha carta alegrou-te, hem?

JOÃO DE MENDONÇA — Parti mal a recebi, vês? Trago-a comigo, Ainda agora a acabei de ler outra vez.

ÁLVARES — Bom, bom isso é o que se quer

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Continuemos. (*Alto*): Mas diga-me, ó Álvares, que espécie de casamentos está em moda na Corte?

ÁLVARES — Que lembrança!

JOÃO DE MENDONÇA — Desejava sabê-lo.

ÁLVARES — Há de tudo. De inclinação, poucos, são raros. De interesse imensos.

JOÃO DE MENDONÇA — Ah! De interesse, imensos?

ÁLVARES — Sim; os nobres hoje são menos escrupulosos e não duvidam reunir-se a uma família mecânica sendo ela dourada; não sei se me entendas.

JOÃO DE MENDONÇA — Perfeitamente. (*Aparte*) > A coisa parece confirmar-se. (*Alto*): Até mesmo você, hem? Sr. Álvares! Se quisesse não lhe faltariam lindas fidalguinhas que...

ÁLVARES (*rindo*) — Talvez, talvez... Eu sei... Eh! eh!...

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Hum, hum, vou entendendo. Agora vamos por outro lado. (*Alto*): É verdade, ó Álvares: conhece a filha do conde de Viana?

ÁLVARES (*aparte*) — Vejam os amantes! Como já lhe farejou que a minha Margarida esta aqui na companhia da condessinha. (*Alto*): Conheço, é uma interessante menina.

JOÃO DE MENDONÇA — Ah! Interessante!

ÁLVARES — Sim, e que tu deves estimar.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ele aí se vem chegando. (*Alto*): Eu! Porquê?

ÁLVARES (*aparte*) — Façamos a vontade ao pobre rapaz; está morto que eu lhe fale em Margarida. (*Alto*): Porque é muito afeiçoada a uma pessoa muito tua conhecida.

JOÃO DE MENDONÇA — Ah! Então é afeiçoada a uma pessoa...

ÁLVARES — Muito tua conhecida.

JOÃO DE MENDONÇA — Muito minha conhecida?

ÁLVARES — Sim, muito.

JOÃO DE MENDONÇA — Muito?! E que eu estimo até?

ÁLVARES (*sorrindo*) — Assim o espero.

JOÃO DE MENDONÇA (*apertando-lhe a mão*) — Oh! E pode crê-lo. Mas... então é certo?

ÁLVARES (*aparte*) — Ele aí está. Mas como soube que a rapariga já tinha chegado? (*Alto*): É certo o quê, seu ratão?

JOÃO DE MENDONÇA — O que eu suspeitava e que essas palavras me levam a acreditar?

ÁLVARES — Maganão! Não te posso ocultar nada.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Agora entendo bem o conde.  
Pobre Álvares! (*Alto*): Com que então...

ÁLVARES — Com que então, com que então... se sabes as coisas  
acusas de as perguntar. Mas quem te disse tudo isso?

JOÃO DE MENDONÇA — O conde há pouco deu-mo a entender.

ÁLVARES — Ah! O conde! E eu que nem me lembrava o conde!  
Pois é verdade.

JOÃO DE MENDONÇA — Pois eu nem o queria acreditar, pare-  
cia-me...

ÁLVARES — Então porquê? Que lhe achas tu de extraordinário?

JOÃO DE MENDONÇA (*sorrindo*) — Nada, isso é verdade.

ÁLVARES — Então agradece-me a surpresa e dá-me um abraço  
de parabéns pela lembrança.

JOÃO DE MENDONÇA — Dou, dou. (*Abraçando-o*): Parabéns,  
parabéns e o que eu desejo é que...

ÁLVARES — O que tu desejas é o que é para desejar a todo o  
homem casado viver em paz com sua mulher.

JOÃO DE MENDONÇA — Isso por certo, mas...

ÁLVARES — Mas o quê? Que diabo de homem!

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Está-me a pesar na consciência  
isto. Eles exploram o pobre Álvares indignamente. (*Alto*): Mas, ó  
Álvares...

ÁLVARES — Que temos?

JOÃO DE MENDONÇA — Permite-me uma reflexão.

ÁLVARES — Não gosto de reflexões de namorado, mas vá.

JOÃO DE MENDONÇA — Pensou bem no que fez?

ÁLVARES — Pensei, sim, nem era necessário pensar muito.

JOÃO DE MENDONÇA — Não julga esse passo imprudente?

ÁLVARES — Imprudente em quê?

JOÃO DE MENDONÇA — Eu sei... esta vida da Corte...

ÁLVARES — Que tem a Corte, que tem a Corte? Não é tão má  
como dizem.

JOÃO DE MENDONÇA — Uma rapariga nova...

ÁLVARES — Mas de muito juízo e demais vigiada por os olhos de  
um pai. Que mais pode querer um namorado?

JOÃO DE MENDONÇA — Assim mesmo...

ÁLVARES — Como assim mesmo?! Essa suposição ofende-me.  
E além disso está na família do conde, isso basta para assegurar  
receios. É uma família respeitável.

JOÃO DE MENDONÇA — Enfim eu não digo nada.

ÁLVARES — É melhor. Para marido é muito desconfiado, meu  
rapaz. Se Margarida o soubesse. Com os diabos! Um homem que se  
casa, não deve desconfiar da noiva.

JOÃO DE MENDONÇA — Melhor diria, que um homem que des-  
confia da noiva, não deve casar-se.

ÁLVARES — E tu desconfias da tua?

JOÃO DE MENDONÇA — De modo nenhum.

ÁLVARES — Então?

JOÃO DE MENDONÇA — Bem, bem. Cada um sabe de si. Adeus, Álvares, vou ter com meu tio que me espera para almoçar. E aconselho-o, ainda assim, que vigie o conde porque talvez descubra que o seu empenho neste negócio não é tão desinteressado como parece. Há designios ocultos.

ÁLVARES (*aparte*) — Tem ciúmes do conde a estas horas! Ah! ah! mas...

JOÃO DE MENDONÇA — Adeus, adeus... (*Aparte*): Pobre Álvares. Está de todo! (*Sai por a primeira porta da direita*).

CENA 8.-

ÁLVARES (*só*) — A modo que o rapaz vem-me um pouco cismático! Que diabo! É a primeira vez que o vejo tão desconfiado. Acaso julga que minha filha é dessas cabeças doidas que a Corte faz andar num corropio? Se a rapariga o sabe... Ela que é a sisudez em pessoa! Está bonito para marido — tal amigo. Eu cá nunca no tempo da minha defunta me deu cuidado semelhante coisa; e julgo que não tive de que me arrepender, pelo menos que eu saiba. E vivemos no Alentejo doze anos em santa paz. Mas ai vem a condessinha e a Margarida. Está uma flor a pequena e outra a amiga dela.

CENA 9. •

ÁLVARES, MARGARIDA e LEONOR

MARGARIDA — Rara vez faltavam... Mas, caluda, ai está meu pai.

LEONOR — Ah!

ÁLVARES — Servo de V. Ex.\* minha Sr.\* D. Leonor de Castro.

LEONOR — Como está o Sr. Álvares?

ÁLVARES — Sempre bem na presença de V. Ex.».

LEONOR (*a Margarida*) — Vês? Teu pai está estragado. A Corte fê-lo lisonjeiro!

ÁLVARES — A Corte... a Corte. Hoje todos a caluniam,

MARGARIDA — E o pai não é dos mais generosos para com ela e a prova é que até agora me tem deixado viver encerrada no triste convento de Odivelas, que se me afigura um daqueles castelos em que se passam todos os romances de cavalaria. Estava sempre a ver quando chegava um libertador a arrancar-me dali.

LEONOR — E pelos modos o libertador chegou, não? Um cavaleiro errante?

MARGARIDA (*sorrindo*) — Ah! Sim.

ÁLVARES — Sim, fui eu. Fui eu o libertador. Mas se soltei o pássaro da gaiola não é para o deixar voar. Hei-de-o prender num laço e espero que o não há-de achar muito duro.

MARGARIDA — Que quer dizer?

ÁLVARES — Eu cá me entendo. Já mandei vir a matéria para o fabricar. É da melhor qualidade.

MARGARIDA — Mas que está a dizer?

ÁLVARES — Tu o saberás. Agora V. Ex." há-de-me dar licença que me retire. O meu emprego junto do príncipe...

LEONOR — Vá, vá. Não se constranja.

ÁLVARES — Então com sua permissão. (*Voltando atrás*): Ah! Ia-me esquecendo. Previno-a de que já falei a S. A., que se prontificou a falar à rainha; e deves preparar-te para uma audiência do príncipe.

MARGARIDA — De príncipe? Eu?...

ÁLVARES — Sim, do príncipe. Então que tem? É um homem como os outros.

MARGARIDA — Por isso mesmo.

ÁLVARES — Eu estarei contigo. Até logo. (*Faz uma cortesia a Leonor e sai*).

C E N A 10.

### MARGARIDA e LEONOR

MARGARIDA — Que queria dizer meu pai com aquelas palavras?

LEONOR — Pois não entendeste?

MARGARIDA — Eu não.

LEONOR — É que tenciona casar-te.

MARGARIDA — Casar-me! Mas valha-me Deus, com quem?

LEONOR — Eu sei lá!

MARGARIDA (*consigo mesma*) — Ah! Há-de ser com *ele*.

LEONOR — Com ele! Com ele próprio?!

MARGARIDA — Não, com ele.

LEONOR — É provável, pois com ela não vejo possibilidade.

MARGARIDA — Mas não sabe de quem falo?

LEONOR — Como queres que o saiba?

MARGARIDA — É de um pobre rapaz da província que foi na infância meu companheiro de prazeres.

LEONOR — Então é justo que o seja agora do infortúnio, casando.

MARGARIDA — Mas o pior é que não sei se ainda...

LEONOR — Não sabes? É engraçado!

MARGARIDA — Eu amei-o, é verdade, mas depois que o outro...

LEONOR — Ah, sim, o outro... Falemos dele. Então ama-lo muito?

MARGARIDA — Se ele tem uns olhos, um cabelo, uma voz, uns sorrisos...

LEONOR — E o antigo era falso de tudo isso! Coitado! Era um monstro, então! Sem olhos, mudo e sem cabelo! Ah, minha pobre Margarida! Do que tu te livraste!

MARGARIDA — Não zombe. O antigo não era feio; mas ao pé deste...

LEONOR — Mas ainda me não contaste por miúdos como começo essa paixão. Posso chamar-lhe assim, não?

MARGARIDA — Eu nem sei.

LEONOR — Estás com uma ignorância deliciosa.

MARGARIDA — Eu lhe digo como isto foi. No convento, cada uma de nós era encarregada de um serviço particular. A mim cabia-me olhar pelo altar de uma capelinha, que fica logo à entrada; aquela onde está o túmulo de D. Dinis, sabe? la-lhe acender todas as lâmpadas às ave-marias e pela manhã renovar-lhe as flores. Muito bem. Um dia, isto é, já não era bem dia.

LEONOR — Uma noite, então.

MARGARIDA — Ainda não era bem noite, ia eu acender a minha lâmpada e mesmo por detrás do túmulo deparo com um vulto. Não pude dar passo; a voz prendeu-se-me na garganta. Julguei que era um ladrão. Mas ele, ao ver-me, adiantou-se, arrojou ao chão com sua capa e, ajoelhando diante de mim, mostrou uma figura tão bela, um ar tão jovial, que...

LEONOR — O quê?

MARGARIDA — Logo vi que não era um ladrão.

LEONOR — E voltou-te a voz?

MARGARIDA — Não; custava-me a falar, mas já não era de susto.

LEONOR — Então de que era?

MARGARIDA — Eu sei lá de que era! O caso é que só lhe pude dizer: «O senhor que faz aqui?»

LEONOR — E ele?

MARGARIDA — Respondeu-me sem hesitar: «Venho fazer as minhas devocções».

LEONOR — Ah!

MARGARIDA — «A estas horas?» — tornei eu, sorrindo.

LEONOR — Ah! Já sorrias!

MARGARIDA — Pois a lembrança...

LEONOR — E ele que respondeu?

MARGARIDA — Sem se alterar: «Disseram-me que era quando a santa se fazia mais visível e mais milagres obrava» — e pegando-me na mão, beijou-ma.

LEONOR — E tu não a retiraste?

MARGARIDA — A tempo não pude e quando o cheguei a fazer era tarde.

LEONOR — Tarde?!

MARGARIDA — Sim, porque o beijo lá ficou.

LEONOR — E depois?

MARGARIDA — Depois nem lhe posso contar o que ele me disse.  
Belas falas sabe ele.

LEONOR — E tu não lhe dizias nada?

MARGARIDA — Ai, dizia.

LEONOR — Então o quê?

MARGARIDA — Por exemplo. Estava-me ele a contar a sua vida, e dizia-me que vivia triste, que o seu peito precisava de amar, e que até então não encontrara a quem.

LEONOR — Ele disse isso?

MARGARIDA — É verdade. Que o desalento se lhe apoderara do coração... e eu...

LEONOR — Que lhe respondeste?

MARGARIDA — Eu disse-lhe: «Coitado!»

LEONOR — Bonito!

MARGARIDA — Depois falou-me das outras mulheres.

LEONOR — E que disse, que disse delas?

MARGARIDA — Que não tinham coração.

LEONOR — Ah! Que não tinham coração...

MARGARIDA — Eu então perguntei-lhe: «E poderão viver sem ele?» Ele pôs-se a rir e respondeu-me: «Que dúvida se o coração é que nos mata». Eu não entendi logo bem o que ele queria dizer; parecia-me uma tolice, mas depois...

LEONOR — Depois?

MARGARIDA — Para diante fui compreendendo melhor.

LEONOR — E quanto tempo durou essa entrevista?

MARGARIDA — Isso é que eu não sei. A mim não me pareceu muito, mas a abadessa disse que sim; mandou até uma das outras educandas a ver se me tinha dado alguma coisa. Ao ouvir ruído, ele beijou-me de novo.

LEONOR — A mão?

MARGARIDA — Sim, a mão, e disse-me: «Adeus, porque não há-de amanhã passear na cerca do convento? As noites estão tão bonitas!» «É-nos proibido», disse eu. «Ah! não sabia, veremos se isso se pode arranjar» e fugiu não sei por onde.

LEONOR — E daí em diante?

MARGARIDA — Ai, quando cheguei ao meu quarto pus-me a cismar e tive medo.

LEONOR — A bom tempo!

MARGARIDA — Um homem entrar assim na igreja quando ela se fecha ainda de dia e sair sem se ver por onde, não podia ser homem.

LEONOR — Ah! Isso é que eu não sabia; então que havia de ser?

MARGARIDA — Temi que fosse um feiticeiro.

LEONOR — Ah! Sim, um feiticeiro...

MARGARIDA — Rezei, rezei as minhas orações e adormeci. Toda a noite sonhei com ele, o que me fez crer que não era um feiticeiro; pois se eu tinha-me benzido...

LEONOR — Sim?

MARGARIDA — Pela manhã já não me lembravam esses terrores.

LEONOR — E tornaste-o a ver todos os dias?

MARGARIDA — Quase todos.

LEONOR — Mas aonde?

MARGARIDA — Em vários lugares. Umas vezes nos claustros, outras da janela, mas quase sempre da cerca do convento.

LEONOR — De dia?

MARGARIDA — As trindades e às vezes mais tarde.

LEONOR — Mas então não vos era proibido sair à cerca?

MARGARIDA — É verdade, mas não sei bem como aquilo foi; porém, o que é certo é que desde aquele dia principiámos a gozar de mais liberdade e a cada passo tínhamos permissão de passear até mais tarde no jardim.

LEONOR — Visto isso, grande influência tinha ele no convento.

MARGARIDA — Suspeito que sim. Em toda a parte ele penetrava sem se saber como e parecia andar por lá como por sua casa. Uma noite pareceu-me até... mas julgo que daquela vez foi ilusão.

LEONOR — O que foi?

MARGARIDA — Pareceu-me vê-lo passear por um dos corredores internos do convento, como buscando ocultar-se, mas digo que foi ilusão porque nem se chegou a mim, e mesmo porque o negou quando depois lhe falei nisso.

LEONOR — Seria ilusão, seria. Mas diz-me, ele ia sempre só?

MARGARIDA — Não, acompanhava-o muitas vezes outro rapaz.

LEONOR — Nunca lhes perguntaste os nomes?

MARGARIDA — Muita vez; mas de todas, me respondia com evasivas; umas vezes chamava-se o *Desditoso*, outras o *Desesperado*, e outros nomes como estes. Eu pela minha parte vingava-me da mesma maneira; nunca ele soube o meu verdadeiro nome.

LEONOR — Não há que duvidar, era ele e o outro... talvez algum escudeiro seu.

MARGARIDA — Ele, quem?

LEONOR — Diz-me: ele era o mais bonito dos dois?

MARGARIDA — Era.

LEONOR — Então era ele.

MARGARIDA — Ele!

LEONOR — Tinha uma figura elegante?

MARGARIDA — Muito elegante.

LEONOR — Era ele.

MARGARIDA — Ele, quem?

LEONOR — Não tinha um som de voz harmoniosa?

MARGARIDA — Sim, sim, muito harmoniosa.

LEONOR — Não pode haver dúvida, era ele.

MARGARIDA — Mas quem?

LEONOR — Um olhar terno?

MARGARIDA — Que não podia ser mais, mas...

LEONOR — É ele com certeza.

MARGARIDA — Ele, mas que ele?

LEONOR — Não tinha uma fronte bem modelada?

MARGARIDA — Admiravelmente!

LEONOR — Porte airoso?

MARGARIDA — Como não imagina.

LEONOR — Vestuário elegante?

MARGARIDA — Como não vi outro.

LEONOR — Então quem queres tu que seja senão ele?

MARGARIDA — Sim, é ele decerto; pelo menos assim creio.

LEONOR — Ah? Tu sabia-lo? Sabias que era ele?

MARGARIDA — Sim, que era *ele* sabia, mas o que eu ignoro  
é que...

LEONOR — O quê?

MARGARIDA — Quem *ele* é.

LEONOR — Não gracejes. Esse homem não te pode amar.

MARGARIDA — Como?

LEONOR — Pretendia enganar-te.

MARGARIDA — Enganar-me!

LEONOR — Sim; supõe que ele havia dito em antes a outra o  
mesmo que te disse?

MARGARIDA — Será possível?

LEONOR — É certo. Não é uma prova de que te não amava?

MARGARIDA — Não, ainda assim.

LEONOR — Como, pois acreditas?

MARGARIDA — Que ele esquecesse a outra por mim; porque não?

LEONOR — E se essa outra fosse... nova, bela...

MARGARIDA — E não o sou eu também?

LEONOR — Se fosse rica, nobre...

MARGARIDA — Às vezes o amor...

LEONOR — E se essa outra fosse eu?

MARGARIDA — A senhora?

LEONOR — Sim, eu, que ele amava, que ele ama, que recebi os  
seus protestos de amor; sendo eu como sou, ainda te restam dúvidas?

MARGARIDA — Mesmo assim, quem sabe?

LEONOR (com orgulho) — Quem sabe?

MARGARIDA — Se ele amando-a me dizia aquilo, é que o amor  
não era muito.

LEONOR — Julgas tu que podes ser minha rival?

MARGARIDA (ofendida) — E porque não?

LEONOR — Louca! (Levando-a diante de um espelho): Olha! Com-  
para! Duvidas ainda que ele te enganava?

MARGARIDA — Duvido, ou antes, creio que...

LEONOR — O quê?

MARGARIDA — Que falava verdade.

LEONOR — Insensata. Olha os meus cabelos tão louros. Ele sempre me disse que eram os que preferia.

MARGARIDA — Perdão, mas a mim disse-me o contrário, os castanhos é que...

LEONOR — Enganas-te, e mais os meus olhos são maiores do que os teus; vê, ele detesta os olhos pequenos (*reparando para os olhos de Margarida*) e pretos.

MARGARIDA — Pelo contrário, disse-me odiar os olhos grandes (*reparando para os olhos de Leonor*) e azuis.

LEONOR — Olha, vê; compara a minha cor com a tua. Ele é perdido pelas mulheres brancas.

MARGARIDA — Engana-se, jurou-me que era apaixonado pelas trigueiras.

LEONOR — Numa palavra, ele disse-me que me achava a mais branca das mulheres.

MARGARIDA — E a mim a mais bela.

LEONOR — Mas basta, presunçosa! Podes imaginar que o marquês de Marialva ousaria preferir-te a mim?

MARGARIDA — O marquês de Marialva! Ai, pois é um marquês, meu Deus ?!

LEONOR — É verdade. É o marquês, o homem que eu amava, que eu amo, que...

MARGARIDA — Sabe com certeza...

LEONOR — Sei. Ontem informaram-me dos passeios do marquês a Odivelas; uma parente minha, indo visitar uma freira sua amiga, viu-o e soube das suas frequentes digressões por aqueles sítios. É uma extravagância, eu sei. Ele ama-me ainda assim, mas não importa; é preciso que ele seja castigado. De outro modo podem repetir-se demasiado essas extravagâncias, o que me não convém. Eu sei o modo por que o hei-de fazer. Os absurdos projectos que meu pai tem de me casar com um tal provinciano, que não conheço, fornecem-me uma arma excelente. Hei-de fazê-lo ter ciúmes, pedir-me perdão, tudo e...

MARGARIDA — É possível? Um marquês!

LEONOR — É exacto. O melhor que podes fazer é esquecê-lo.

MARGARIDA — Não em antes de... (*Dão nove horas*),

LEONOR — Nove horas! A rainha espera-me. Adeus e consola-te. (*Sai*).

CENA 11.<sup>a</sup>

MARGARIDA — Um marquês! Então de certo me mentia. Mas quem sabe? Esta condessa é muito orgulhosa e os marqueses afinal de contas são homens; quem sabe se ele me ama e a esquece a ela?! Preciso de saber isto, hei-de sabê-lo. Não posso acreditar que ele seja tão mau que... mas será... será; isto de homens! E eu que fui esquecer por ele o pobre João Mendonça que a estas horas, coi-

tado, lá está no Alentejo pensando em mim ou caçando perdizes. Aquele amava-me deveras; as perdizes eram as minhas únicas rivais. Mas paciência! O coração é caprichoso. Não se trata agora dele. É necessário indagar se o outro me ama ou não. Aqui está o preciso para escrever-lhe; é o meio mais pronto e mais seguro. (*Senta-se na poltrona da esquerda*). Escrevamos-lhe: (*Escrevendo*)- «Senhor marquês de Marialva». — Como deve ficar admirado de eu lhe saber o nome, isto é, o título, os homens na Corte não têm nome.—«Será certo o que eu soube ao chegar aqui? Há na Corte uma mulher a quem jurou amor e é tão duro do coração ou tão cego que ignore a força da paixão que me inspirou e o perigo de me escarnecer? Talvez seja. Deus lhe perdoe o mal que me pode causar. A educanda do Convento de Odivelas — Margarida Álvares». (*Fechando-a*): Para falar a verdade eu não sei bem até que ponto isto é verdade, mas enfim deixar ir e demais é certo que não havia de estimar se... Se houvesse agora quem se encarregasse desta carta. (*Olhando em roda*): Mas não vejo. (*Olhando para fora*): Oh! meu Deus! Ele aí vem! Já não sei o que tinha para lhe dizer; estou a tremer. A carta? — Escondamo-la. (*Pousa um papel por cima da carta e volta as costas à porta*).

### MARGARIDA e D. JOÃO

D. JOÃO (*falando para dentro*)—É escusado. Podem-se retirar. (*Entrando*): Que insuportável conselho! A questão árida de Diogo de Mendonça mais árida do que ele! Venho... (*Vendo Margarida*): Ah! Que é isto... uma mulher aqui?! E parece formosa. (*Tossindo*): Hum, hum, hum... É impossível que não ouvisse; não olha é porque já sabia que eu estava. É força, pois, dirigir-me a ela. (*Tossindo*): Hum, hum, hum.

MARGARIDA (*aparte*) — Bem te oiço, bem,..

D. JOÃO — Ah! Ele é isso? Dou-me por feliz em encontrar... (*Margarida volta-lhe as costas*). Interessante! (*Vai do outro lado*). Em encontrar... (*O mesmo jogo*). Tem graça! (*Do outro lado*). Dou-me por feliz... (*O mesmo*). Que tal está! (*O mesmo*). Em encontrar... (*Margarida passa para o outro lado. D. João segue-a e vê a sua imagem diante do espelho*). Em... ah!

MARGARIDA (*voltando-se*) — Ah! ah! ah!

D. JOÃO — A educanda de Odivelas!

MARGARIDA — Margarida Álvares, às ordens de V. S.<sup>a</sup>.

D. JOÃO (*aparte*) — E era a filha do Álvares! Oh! Minhas ilusões!

MARGARIDA — Não me esperava aqui, talvez.

D. JOÃO — Confesso que... (*Aparte*): Ainda assim é muito interessante! Há-de ser dama da rainha.

MARGARIDA — Confessa? Oh! Tem muito de que se confessar.

D. JOÃO — Acha?

MARGARIDA — Com que então o nosso desconhecido de Odivelas era nem mais nem menos do que uma alta dignidade da Corte?

D. JOÃO — E quer-lhe mal por isso?

MARGARIDA — Quero, sim, quero; quem o mandou sair da sua esfera e andar inquietando raparigas pelos conventos com ares de simples estudante, ou que sei eu? Sabe o que merecia?

D. JOÃO — Um beijo de castigo. (*Aproximando-se*).

MARGARIDA — Merecia, merecia, que eu o acusasse a toda a Corte; ao rei, à rainha e ao príncipe.

D. JOÃO — Ai, ao príncipe também?

MARGARIDA — Sim, senhor, ao príncipe. Cuida talvez que ele veria com bons olhos que os fidalgos da sua Corte andem por aí a profanar os mosteiros do que há-de vir a ser seu reino?

D. JOÃO — Dizem que o príncipe não repara nessas pequenas coisas.

MARGARIDA — Pequenas! Chama pequenas coisas. É quase um crime. Sê-lo-ia se...

D. JOÃO — Um crime, ora um crime. É crime ter um coração?

MARGARIDA — Acha que não? Pois vá; mas ter dois?

D. JOÃO — Dois?! É esquisito; nunca vi nem sei.

MARGARIDA — Pois se o amor reside no coração, havendo dois amores deve haver dois corações.

D. JOÃO — Ou um mais largo.

MARGARIDA — Ah! Graceja?

D. JOÃO — De modo nenhum. Mas quem é o desgraçado que tem um par de corações?

MARGARIDA — Inocente! Eu sei tudo.

D. JOÃO — E eu nada.

MARGARIDA — Não o negue. Ou foi muito cruel para com ela esquecendo-a, ou muito mau para comigo fazendo-se amar.

D. JOÃO — Resta-me saber quem é essa desditsa que se queixa de mim.

MARGARIDA — Uma mulher que o ama e que se fosse verdade tudo o que vossemecê, seu ingrato, me disse no convento, poderia morrer de dor.

D. JOÃO — Deveras? Uma mulher que morre de dor por mim, oh! Mas isso vale a pena de se averiguar.

MARGARIDA — Ah! Já se interessa?

D. JOÃO — Interesso-me por sua causa; quero saber a qualidade das vítimas que sacrifico no seu altar.

MARGARIDA (*segurando-lhe numa orelha*) — Para que mente, para que mente?

D. JOÃO (*aparte*) — A cena torna-se interessante. Quem suporá ela que eu sou? O pior é se vem alguém. (*Alto*): Está bom, perdoe-me.

MARGARIDA — Confessa então que me enganou, que me não ama?

D. JOÃO — Não, isso não confesso eu.

MARGARIDA (*o mesma*) — O quê?

D. JOÃO — Quer obrigar-me a mentir?

MARGARIDA — A mentir?

D. JOÃO — Pois se eu a amo; se eu te amo, Margarida.

MARGARIDA — Alto lá. Ainda o não autorizei a dar-me esse tratamento.

D. JOÃO — Pois que outro te hei-de dar?

MARGARIDA — Não ouviu? Não quero que me trate desse modo.

D. JOÃO — Não te obedeço.

MARGARIDA — Não? (*Encaminha-se para a porta*).

D. JOÃO — Onde vai?

MARGARIDA (*da porta*) — Envergonhar um nobre na presença da Corte. Rir-me à sua custa.

D. JOÃO (*aparte*) — Eu sei lá do que ela é capaz! (*Alto*): Venha Cá, olhe. Eu obedeço, bem vê.

MARGARIDA (*voltando*) — Ora vamos. Então dizia?

D. JOÃO — Que te... que lhe tenho muito amor.

MARGARIDA — Isso é sério?

D. JOÃO — E duvida-o?

MARGARIDA — E a condessa?

D. JOÃO — A condessa?

MARGARIDA — Sim, a condessa. Então faz-se de novas?

D. JOÃO — Mas... espere... entendamo-nos... de que condessa fala?

MARGARIDA — Coitado, pobre rapaz, que não sabe de quem eu falo!

D. JOÃO — Juro-lhe.

MARGARIDA — Ah! Se todos os seus juramentos são tão verdadeiros como esse que ia fazer.

D. JOÃO — Mas acrede...

MARGARIDA — Vamos, nada de disfarces. Ela mesma me confessou tudo.

D. JOÃO — A tal condessa?'

MARGARIDA — Sim, a tal condessa.

D. JOÃO — Então que lhe confessou ela?

MARGARIDA — Que o amava.

D. JOÃO — A mim?!

MARGARIDA — Pois a quem? Que nutria por si uma paixão antiga... e vossemecê...

D. JOÃO — Mas por favor, quem é essa condessa?

MARGARIDA — Tantas são elas?

D. JOÃO — E não são poucas. Só na Corte...

MARGARIDA — E todas o amam?

D. JOÃO — Deus nos defenda! Algumas são octogenárias.

MARGARIDA — Esta é uma condessinha nova.

D. JOÃO — Ah! Sim'

MARGARIDA — Bonita.

D. JOÃO — Deveras?

MARGARIDA — Elegante.

D. JOÃO — Fala sério?

MARGARIDA — E apaixonada; isso então!

D. JOÃO — Por quem é, diga-me o nome dessa interessante, quero dizer, dessa impertinente condessa que me persegue com o seu amor.

MARGARIDA — Julga talvez que não estou bem informada? Pois saiba que é a condessa de Vilares.

D. JOÃO — À condessa de Vilares ama-me?!

MARGARIDA — Sim, a condessa de Vilares...

D. JOÃO — Não pode ser.

MARGARIDA — É-lhe tão grata a notícia que até lhe parece um sonho.

D. JOÃO — Não é por isso... mas... a condessal

MARGARIDA — Mas... francamente, a qual de nós ama?

D. JOÃO — Amo as duas.

MARGARIDA — É o mesmo que dizer: a nenhuma.

D. JOÃO — Não, nisso não concordo eu, é muito diferente, contrário até.

MARGARIDA — Só uma de nós deve ser amada.

D. JOÃO — Eu amo-a muito, Margarida, mas por isso hei-de querer mal à pobre condessita? (*Aparte*): Mas será verdade?

MARGARIDA — Não tente salvar-se. Uma coisa é querer bem e outra é não querer mal.

D. JOÃO — Não comprehendo bem essa distinção.

MARGARIDA — Numa palavra, a condessa ama-o.

D. JOÃO — Dá-me a sua palavra?

MARGARIDA — Dou. Ainda agora mo confessou.

D. JOÃO — E eu que nunca o suspeitei.

MARGARIDA — Não minta.

D. JOÃO — Acredite.

MARGARIDA (*ameaçando-o*) — Silêncio!

D. JOÃO (*mais baixo*) — Está bom.

MARGARIDA — Eu não aceito o seu amor se ele pertencer a outra.

D. JOÃO — Mas...

MARGARIDA — Ainda ama a condessa?

D. JOÃO — Ainda! Se perguntasse já...

MARGARIDA — O que é?

D. JOÃO — Quero dizer; essa pergunta devia-me ser feita de outro modo. «Ainda não ama a condessa» e eu responderia, «não», visto que...

MARGARIDA — Então quer dizer que a não ama?

D. JOÃO — E ainda precisa que eu lho diga?

MARGARIDA — Pois bem, uma prova.

D. JOÃO — Trinta, se quiser.

MARGARIDA — Peça uma entrevista à condessa.

D. JOÃO — Ai sim, senhor; isso é que eu desejo.

MARGARIDA — E diga-lhe...

D. JOÃO — O que lhe hei-de dizer sei eu.

MARGARIDA — Então o que é?

D. JOÃO — Que o meu coração... Ah! Mas... sim, o que hei-de dizer... sim... é verdade. Então que há-de ser?

MARGARIDA — Mau, mau... Então disse que sabia.

D. JOÃO — É que me esqueceu.

MARGARIDA — Tem esquecimentos! Diga-lhe que já a não ama.

D. JOÃO — Já!

MARGARIDA — Já, sim, então?

D. JOÃO — Está bom, seja já... Eu por mim...

MARGARIDA — Que desde que me viu...

D. JOÃO — Que desde que a vi...

MARGARIDA — Então? Não sabe completar?

D. JOÃO — A fiquei conhecendo.

MARGARIDA — Ah! Sim? Admira...

D. JOÃO (*aparte*) — Eu estou a pensar na condessa que nem sei o que digo. (*Alto*): Não me deixou acabar: a fiquei conhecendo como a mais bela das mulheres.

MARGARIDA — Isso tem mais jeito, mas não basta.

D. JOÃO — Julgava desnecessário acrescentar «e dos homens».

MARGARIDA — Não é isso; quero que lhe diga que me ama, que depois que me viu a esqueceu, que a minha imagem... Coisas assim.

D. JOÃO — Sim, eu hei-de arranjar-me; veja se faz com que ela me fale a sós e deixe o mais por minha conta.

MARGARIDA — Estou ansiosa por presenciar essa cena.

D. JOÃO — Ai, pois quer?

MARGARIDA — Não se perdem cenas dessas. O orgulho da condessa há-de sofrer com o desengano...

D. JOÃO — Mas então sempre tenciona estar presente?

MARGARIDA — Mas sem que ela saiba.

D. JOÃO — Isso é falta de generosidade.

MARGARIDA — Ora deixemo-nos de generosidades.

D. JOÃO — Mas não me convinha que...

MARGARIDA — Porque lhe não convinha?

D. JOÃO — É que se estivesse só... arranjava-me melhor.

MARGARIDA — Então porquê? Princípio a desconfiar.

D. JOÃO — Ora porquê? Pois junto da pessoa que se ama, tem-se lá sangue-frio para fingir?

MARGARIDA — Ah! Então estarei um pouco longe... Ela não me perdoa este pequeno triunfo. Se a visse há pouco ofendida por me saber sua rival...

D. JOÃO — Ah! Pois disse-lho?

MARGARIDA — Disse antes de saber que ela o amava também.  
 D. JOÃO — E isso mortificou-a?

MARGARIDA — Parecia-me uma víbora irritada.

D. JOÃO — Então ama-me muito?

MARGARIDA — Diz ela que o adora.

D. JOÃO — Pobre pequena!

MARGARIDA — Hem! Com quem se entende isso?

D. JOÃO — Consigo, Margarida, que assim esteve exposta ao terrível ciúme de uma rival.

MARGARIDA — E posso acreditar que não é a preferida?

D. JOÃO (*beijando-lhe a mão*) — Como na realidade deste beijo.

MARGARIDA — Pois bem, se assim é, está disposto a fazer todos os sacrifícios por minha causa?

D. JOÃO — Milhares que sejam.

MARGARIDA — Um lhe peço apenas, que nem tal se chamaria, se o seu amor fosse verdadeiro.

D. JOÃO — Qual é?

MARGARIDA — Pedir-me a meu pai para esposa.

D. JOÃO — Ah!

MARGARIDA — Eu sei que é nobre e nós não, mas meu pai tem riqueza para compensar a sua fidalguia. E se de todo o exigisse, quem sabe... talvez se arranjasse...

D. JOÃO — Como?

MARGARIDA — Os reis podem fazer fidalgos à sua vontade, julgo eu; pois bem, meu pai é muito querido do príncipe real; eu mesmo tenho uma audiência com S. A.

D. JOÃO — Ah! Sim?

MARGARIDA — Ou antes S. A. tem uma audiência minha, pois foi ele e não eu que a solicitou.

D. JOÃO — É justo... E depois?

MARGARIDA — Depois? Dizem que o príncipe gosta de franqueza; eu conto-lhe o nosso caso, digo-lhe que as diferenças das classes nos podem fazer infelizes e quem sabe...

D. JOÃO — Quem sabe...

MARGARIDA — Talvez o príncipe compadecido faça um milagre igualando-nos.

D. JOÃO — Pode ser. O pior é se o príncipe fica apaixonado também.

MARGARIDA — Melhor. Mais depressa acudiria ao meu pedido.

D. JOÃO — Mas podia pôr certas condições.

MARGARIDA — Aceitavam-se até certo ponto. E o senhor seria o melhor juiz da conveniência ou desconveniência delas.

D. JOÃO — Ai, eu por mim autorizava-a a que aceitasse todas as condições que o príncipe lhe vai propor.

MARGARIDA — Sempre seria muito aceitar. Mas depois trataremos mais devagar isto. Vou agora preparar a entrevista com a condessa.

D. JOÃO — Sim, sim. Tratemos pois de aviar essa.

MARGARIDA — Adeus.

D. JOÃO — Adeus, e... um rasgo de generosidade; não queira presenciar a derrota da sua rival.

MARGARIDA — Nem mais uma palavra nesse sentido. (*Estendendo-lhe a mão*): A despedida do costume.

D. JOÃO (*segurando-lha*) — Nem hoje ao menos me é permitido mais alguma coisa?

MARGARIDA (*tentando retirar-se*) — Quem muito quer...

D. JOÃO — Está bem, está bem. À falta de outra coisa... (*Beija-a. Ela sai*),

CENA 13. -

D. JOÃO — É interessante esta rapariga, não há dúvida, mas o que acabo de saber mais me interessa ainda. A condessa de Vilares ama-me. E eu que o ignorava, eu que nunca me lembrei de que a podia amar! Ah! Meu pobre marquês! Tenho pena de ti; mas bem vês que estou inocente. Não dei um passo para conquistar aquele coração, mas por tua causa não o hei-de enjeitar. Seria uma barbaridade. Coitada da condessa! O que não terá sofrido com a minha indiferença! A minha amizade sincera ao marquês fazia-me ter escrúpulos. Ah, mas agora compensarei o perdido. Ah! ah! ah! Pobre rapaz, quando souber... Ele efectivamente é custoso. Ter desperdiçado com uma mulher os nossos melhores desejos, os mais ternos, mais expressivos olhares e afinal vermo-nos esquecidos por um outro que nem um minuto com ela sonhava! É duro, é, mas paciência. Não me compete lamentar-te, meu amigo. Cedo à força das circunstâncias. Uma mulher como a condessa não se perde assim; são raras. Mas será isto verdade? Eu ainda duvido. Não se enganaria Margarida? Ou, quem sabe, talvez medite alguma vingança e... Sempre me devo acautelar. A entrevista me esclarecerá. O pior é a outra querer presenciá-la. Não importa. Eu farei de maneira que a condessa perceba e com ela não deve ser-me difícil. Oh, mas aí a temos com o pai. Se eu pudesse da conversa coligir alguma coisa!... Onde me poderei esconder!... Já não tenho tempo para ir para longe. Aqui mesmo é arriscado... mas ânimo. (*Oculta-se por trás da poltrona da esquerda*).

CENA 14. -

D. JOÃO (*oculto*), O CONDE e LEONOR

O CONDE (*entrando*) — Só as propriedades que ele possui no Alentejo...

LEONOR — Mas que tenho eu com as propriedades que ele Possui no Alentejo?

D. JOÃO (*oculto*) — Fala-se no tal casamento. Isto pode elucidar-me. Escutemos.

O CONDE — O que tens? Tens muita coisa. Minha rica, a vida da Corte é muito bonita, mas para a poder sustentar não basta o nome dos nossos avós. Afinal, aqui para nós, isso é uma palavra e palavras não enchem.

LEONOR — Então quer o senhor com uma aliança indigna do nosso nome, reparar a fortuna deteriorada de sua família? O pai não sabe que a pobreza do nobre é mais honrosa do que a riqueza do plebeu?

D. JOÃO (*idem*) — Que interessante aristocratazinha!

O CONDE — Filha, o tempo dessas coisas vai passando e acredita que a fidalguia está perdendo a moda, ou, por outra, procura-se no esplendor dos vestidos e não na pureza do sangue e bem vê... mas demais tens muito empenho em que teu marido seja nobre? Ele chama-se Mendonça; é um belo nome; a nobiliarquia dá-lhe um brasão e aí o tens um fidalgo e, o que é mais, um fidalgo rico.

D. JOÃO (*aparte*) — O processo de Margarida para pescar fidalgos não era pior.

LEONOR — Nunca esse homem será meu marido.

O CONDE — Nunca?!

LEONOR — Nunca, porque eu não o amo.

O CONDE — Histórias! Quem te pergunta por isso?

LEONOR — Nunca, porque eu amo outro.

D. JOÃO (*idem*) — Ah! Até havia de dizer que olhava para aqui.

O CONDE — Amas outro? E quem te manda amar sem o meu consentimento?

LEONOR — Interessante pergunta.

D. JOÃO (*aparte*) — E até inocente.

O CONDE — Foste muito apressada. Sujeita-te às consequências. Demais o homem que amas é indigno de ti. Se o ouvisses hoje! As calúnias que diante de mim e de S. A. o príncipe D. João levantou contra mim, contra a nossa família e contra ti!...

LEONOR — Contra mim e diante do príncipe?

D. JOÃO — Não gostou da notícia. Bom.

O CONDE — É um malvado.

LEONOR — Pois bem, meu pai, veremos. Por enquanto não decido nada. É provável que eu me venha a resolver. Porém mais tarde, sim?

O CONDE — Sim, mesmo para ver se o rapaz ganha juízo. Esta vida da corte parece que lhe volveu o juízo, pois não diz coisa com coisa. Há pouco, depois de eu lhe falar na carta que lhe escrevi em que lhe repetia os meus projectos a seu e a teu respeito, disse-me que a leu, que veio a Lisboa com o fim de os cumprir e afinal podes crê-lo, não me soube dizer o nome do noivo que eu te destinava.

LEONOR — Então é idiota. Não é má qualidade para um marido.

D. JOÃO — É óptima.

O CONDE — Mas aquilo passa-lhe. Vou ver se o encontro e envio-to.

LEONOR — Para quê? Dispenso-o. É um espectáculo horrível! Um marido que se manda vir do Alentejo...

O CONDE — Tolices. Espera que eu volto. (*Sai*).

D. JOÃO — Vai, vai... e não venhas cedo.

## CENA 15.-

D. JOÃO (*oculto*) e LEONOR

LEONOR — Está servido o tal noivo.

D. JOÃO (*espreitando*) — Já está só.

LEONOR (*sentando-se à direita*) — Não importa. Veio a propósito para os meus fins. Oh! Eu não acredito ainda que o marquês me esquecesse. Aquilo é uma leviandade; quando julgar que eu amo outro, o seu amor há-de despertar.

D. JOÃO (*idem*) — É um belo tipo, não há dúvida, e eu que mal reparava... Ah! marquês, muito me deves.

LEONOR — Decididamente vou principiar com o meu plano: Ciúme, arrependimento e perdão, eis a divisa. É necessário que ele saiba...

D. JOÃO — Pensa talvez em mim! Se eu lhe aparecesse... Esperemos em sossego.

LEONOR — É verdade... é o melhor meio. Uma carta suposta dirigida ao tal João de Mendonça. Uma carta amorosa...

D. JOÃO — Que belos olhos!

LEONOR — É imprudentemente deixá-la chegar às mãos do marquês...

D. JOÃO — Será ocasião oportuna para aparecer.

LEONOR — Deve ter um efeito decisivo.

D. JOÃO — Ânimo! Surjamos como caído das nuvens.

LEONOR — Isso mesmo. Vou escrevê-la. (*Levanta-se e dirige-se para a mesa da esquerda*).

D. JOÃO — Ah! Ela aproxima-se, então esperemos. (*Esconde-se*).

LEONOR (*sentando-se na poltrona da esquerda*) — É impossível que resista a esta prova.

D. JOÃO — Estas palavras parecem dirigidas a mim, que efectivamente não sei se posso resistir. (*Espreitando por cima do espaldar*); Que cabeça!

LEONOR — Agora um grande esforço de vontade para levar a cabo esta empresa. (*Encosta-se*).

D. JOÃO — Agora um grande esforço de vontade para não fazer desde já, por um beijo, a minha aparição. Que braço!

LEONOR (*pegando em papel*) — Vamos. À obra!

D. JOÃO — Ah! Vai escrever.

LEONOR — Não sei se atinarei com palavras convenientes.

D. JOÃO — A quem escreverá ela? Se eu visse daqui.

LEONOR (*escrevendo*) — «Meu querido João».

D. JOÃO — Meu querido... será possível?! É pois certo! Ah! pobre condessa... estou mesmo doido de amores.

LEONOR — «Para que hei-de por mais tempo ocultar esta paixão?»

D. JOÃO — Sim, para quê? Também digo.

LEONOR — «Amo-te, não o posso negar».

D. JOÃO — Interessante rapariga! E eu que o não suspeitava. É paixão que pode matá-la!

LEONOR — «O homem que eu até aqui amava é para mim hoje uma sombra...».

D. JOÃO — O marquês, uma sombra. É duro, a falar a verdade.

LEONOR — «Um nome sem significação desde que te conheci».

D. JOÃO — Resigna-te, meu amigo...

LEONOR — «Tu, sim, tu fascinaste-me».

D. JOÃO — E fiquei fascinado. Já nem penso em Margarida.

LEONOR — «Se este passo é arrojado...».

D. JOÃO — Qual é!

LEONOR — «Perdoa-me».

D. JOÃO — De todo o coração.

LEONOR — «Só um amor muito intenso, só um amor como os que sabes inspirar...».

D. JOÃO — É encantadora! O marquês tinha razão em amá-la...

LEONOR — «É que me pode levar a este extremo».

D. JOÃO — Feliz extremo!

LEONOR — «Ama-me».

D. JOÃO — Como um louco.

LEONOR — «Corresponde a esta paixão e serei feliz».

D. JOÃO — Hás-de-o ser.

LEONOR — «A condessa de Vilares, D. Leonor de Noronha».

D. JOÃO — É um anjo!

LEONOR — Agora a quem compete. Mas como farei para que esta carta lhe chegue às mãos? (*Fica pensativa, com os olhos no tecto e o braço estendido sobre a mesa*).

D. JOÃO — A coisa é fácil. Assim como eu faço para que este beijo chegue às suas, dando-o. (*Estende a cabeça e dá-lhe um beijo na mão*). Ah! (*Volta-se e dá com os olhos no marquês, que vem entrando*).

C E N A 16.'

D. JOÃO (*espreitando*), A CONDESSA e O MARQUÊS

LEONOR — Ah! Era o senhor!

D. JOÃO — O marquês! Que contratempo! (*Oculta-se*).

O MARQUÊS — Sou eu, sim, Leonor, já lhe pesam as minhas visitas?

LEONOR — Só estranho o modo de se anunciar.

D. JOÃO — Ah! O marquês usurpa-me a paternidade do beijo. Apodero-me da carta ao menos. (*Guarda-a*).

O MARQUÊS — Então já é preciso que me anuncie para ser recebido por si, Leonor?

LEONOR — Deve confessar que foi bem pouco conveniente a maneira por que o fez.

D. JOÃO — A inocência do marquês compunge-me. Ah! ah!

O MARQUÊS — Leonor!

LEONOR — Senhor marquês!

D. JOÃO — Bonito! Aqui estou obrigado a assistir a uma cena interessante e numa posição arriscada. Se descobrem aqui o príncipe de Portugal e herdeiro da Coroa!...

O MARQUÊS — Que mal lhe fiz eu, Leonor, para assim me tratar tão cruelmente?

LEONOR — Mal nenhum; pelo contrário, fez-me algum bem.

O MARQUÊS — Que felicidade! E em que pude ser tão venturoso?

LEONOR — Fazendo-me rir com vontade ainda há bem pouco, ao ouvir certas histórias em que o marquês representava o papel principal. Não acha prazer no rir, meu caro marquês?

D. JOÃO — É diabólica!

O MARQUÊS — Riu-se de mim? Embora. Se eu lhe causei prazer, dou-me por feliz. Fosse à custa da minha vida...

LEONOR — Ah! Deu agora em fazer madrigais? Não é mau para passar o tempo. De Lisboa a Odivelas vai longe... e... para se entreter...

D. JOÃO — Aí temos a história de Odivelas. As mulheres, tendo um pretexto...

O MARQUÊS — Odivelas? Já sei, caluniaram-me. Uma visita de cerimónia ao convento...

LEONOR — Ah! De cerimónia!

O MARQUÊS — Sim, uma minha afectuosa e estimável parenta. Amizade pura e respeitosa,

LEONOR — Amizade pura e respeitosa, bem sei. Foi o que eu disse logo. Uma parenta do marquês; amizade pura e respeitosa, não é? Mas as entrevistas tinham um carácter suspeito, acrescentaram-me: eram de noite. Ora, isso que tem, dizia eu; são as melhores para as conversas íntimas com parentas estimáveis e... afectuosas, pois não é? Mas continuaram os maldizentes, inimigos da boa harmonia: mas da maneira por que se revela a tal amizade... pura e respeitosa... julgo que é a palavra? É de natureza a fazer suspeitar... Ora, disse eu, costumes do marquês; pois não cumprimenta ele com beijos as minhas criadas? Tudo amizades puras e respeitosas... e não sei que mais. Ah! ah!

D. JOÃO — Novo pretexto. Mau é que elas queiram; os pretextos nascem-lhes debaixo da mão.

O MARQUÊS — E é por isso? Por um movimento de despeito?  
Por um movimento inconsiderado? É por isso que me quer mal?

LEONOR — Mal! Pois eu quero-lhe mal e desculpava-o? Ai, marquês, marquês, que injusto não é! (*Apoiando-se no braço dele*): Olhe, deseja uma prova de que lhe não quero mal?

O MARQUÊS — Oh ventura! É a minha tábua no pélago em que me julgava perdido.

LEONOR — Não poetize, marquês. Receio muito pelo fogo da sua imaginação. Os poetas às vezes...

O MARQUES — Mas a prova? A prova?

D. JOÃO — Qual será a tal prova?

LEONOR (*idem*) — Vou-lhe dizer uma coisa que me faz feliz; e por isso espero que a estime também.

D. JOAO — Onde irá aquilo parar?

O MARQUÊS — Juro-lhe que se essa notícia a faz venturosa, a minha felicidade está em ouvi-la.

LEONOR — Promete?

O MARQUÊS — Pode conceber o contrário?

LEONOR — Eu sei? Quem pode penetrar nos mistérios do coração do homem?

D. JOÃO — No da mulher é que eu quisera saber ler; e estou certo que me entreteria.

O MARQUÊS — Creia-o.

LEONOR — Pois bem; quero acreditar-lhe. Dou-lhe parte...

O MARQUÊS — De quê?

LEONOR — Ai, meu caro amigo! Nem eu sei como lho hei-de dizer.

D. JOÃO — Que será?

O MARQUÊS — Mas acabe.

LEONOR — Há coisas para dizer as quais não basta o vocabulário de uma língua.

D. JOÃO — Onde quererá ela chegar?

LEONOR — Dou-lhe parte de que estou...

D. JOÃO e O MARQUÊS — De que está...

LEONOR — Apaixonada. Ah! ah!

D. JOÃO — Ah desgraçado amigo!

O MARQUÊS — Apaixonada! E poderei saber, Leonor, quem é o objecto dessa paixão tão...

LEONOR — Tão ardente, tão impetuosa. Diga, diga, é um perfeito vulcão.

O MARQUÊS — E quem lha inspirou, Leonor? Quem?

LEONOR — Que modos! Então é assim que se regozija?

O MARQUÊS — Quero saber o nome desse homem que ousou...

LEONOR — Fazer-se amar? Na verdade, é um crime imperdoável. Ah! ah!

O MARQUÊS — É perigoso, Leonor, zombar de um homem desesperado!

LEONOR — Eu sei, eu sei. Sempre tive muito medo dos doidos. Ah! ah!

O MARQUES — Ah! É assim que me trata? Pois bem! Há-de arrepender-se. O homem que ousou chamar-se meu rival... tem um negro destino.

LEONOR — Diga brilhante. É já uma glória ser rival do marquês de Marialva. A modéstia sempre foi o seu maior defeito.

D. JOÃO — É uma mulher de génio! Cada vez me interessa mais!

O MARQUÊS — Zombe, zombe. Em que lhe mereci eu essa zombaria e o esquecimento dos nossos protestos?

LEONOR — Que quer, marquês? O coração humano... uma nova paixão, violenta, acredite. Nem sei onde ela me levará. A algum extremo, creia.

D. JOÃO — Se o marquês soubesse que sou eu o objecto daquela paixão!...

O MARQUÊS — Uma confissão completa, Leonor. Seja franca até ao fim.

LEONOR — Poupe-me, meu amigo, uma explicação que deve prever não se pode dizer sem hesitar. E se quiser saber mais... Ali, naquela mesa, achará melhores informações.

D. JOÃO — Talvez não ache. Mas não importa; eu lha darei.

O MARQUÊS — Que quer dizer?

LEONOR — Adeus, meu amável marquês. Recomende-me nas suas orações, sim? Acredite que foi com júbilo que soube que o meu amigo trilhava o caminho da salvação pela estrada de Odivelas. Ah! ah! ah!... Adeus, marquês, adeus e não desespere muito, não? Ah! ah! (Aparte): Estou vingada. Dentro em pouco vejo-o a meus pés.

CENA 17."

D. JOÃO (*oculto*) e O MARQUÊS

D. JOÃO — O marquês ficou fulminado!

O MARQUÊS — Mulher implacável!

D. JOÃO — Principiam as imprecações.

O MARQUÊS — E julga que hei-de viver sempre debaixo do seu jugo. Talvez se engane.

D. JOÃO — Talvez, ainda? Então não se engana.

O MARQUÊS — Levará ela a vingança a ponto de...

D. JOÃO — E chama-lhe vingança! Como se vive iludido!

O MARQUÊS — Mas enfim. As mulheres são numerosas, o coração inconstante, o amor um hábito, o remédio é fácil.

D. JOÃO — Bela receita para os desesperados, mas julgo que não aproveita ao inventor.

O MARQUÊS — Ela disse que sobre a mesa... que poderá haver sobre a mesa?

D. JOÃO — Ele aí vem. Procura a carta. Deixemo-lo procurar por um pouco.

O MARQUÊS — Alguma evasiva para se esquivar a uma explicação embaraçosa... Nada há que... (*Vendo a carta de Margarida*): Ah! Uma carta, será isto?

D. JOÃO — Uma carta! Que carta será aquela; alguma correspondência diplomática ali esquecida? Na situação em que ela se acha deve ser desse efeito... Vejamos.

O MARQUÊS (*sentando-se à direita*) — É letra de mulher. Mas não a sua. (*Lendo*): «Senhor marquês de Marialva». Deve ser isto. «Será certo o que soube ao chegar? Há na Corte uma mulher a quem jurou amar? E é tão duro do coração ou tão cego que ignore a força de paixão que me inspirou? Ou a escarnece? Talvez assim seja. Deus lhe perdoe o mal que me pode causar». Assinada: «À educanda de Odivelas, Margarida Alvares». Margarida! A filha de Alvares! A educanda, a amante do príncipe ama-me! Será possível?!

D. JOÃO — Pelo que vejo interessa-lhe a leitura; que poderá ser?

O MARQUÊS — Agora percebo tudo! Leonor tem ciúmes. E a outra, a pobre rapariga, amando-me sem eu o saber; ela que é tão interessante! Oh! esta descoberta consola-me de todos os meus desgostos; seria crueldade não corresponder a esta paixão tão ardente e de um sentimento sincero, coitada! Até já me escrevia! E o príncipe? Neste mundo todos vivem de ilusões. Ah! ah! ah!

D. JOÃO — Ri-se? É esquisito; de que se rirá ele assim?

O MARQUÊS — Enquanto se cansava em conquistar aquele coração, eu que mal a olhava, inspirava-lhe uma paixão tão... Ah! ah! ah! Quando me lembro...

D. JOÃO (*oculto*) — Se eu pudesse perceber...

O MARQUÊS — Felizmente soube-o em boa ocasião. Ela está aqui. É a mesma que o infante esperava. Quem sabe? Talvez a mandasse vir por sua causa e mal sabe como favoreceu a minha. Ah! ah! ah! O príncipe... Ah! ah! ah!

D. JOÃO — Olá, que diz ele, a coisa diz-me respeito?

O MARQUÊS — Como não ficará quando souber... Ah! ah! ah! Pobre D. João, coitado!

D. JOÃO — Bonito! Ele ri-se de mim; quando eu é que devia...

O MARQUÊS — Ah! ah! ah! Não posso deixar de me rir com vontade. Ah! ah! ah! Pobre infante!

D. JOÃO — Ah! sim, espera. (*Alto*): Ah! ah! ah! Pobre marquês!

O MARQUÊS — Ah! V. A. estava ai? Perdão, mas é que... (*Virase*).

D. JOÃO — Estás desculpado, meu pobre... Ah! ah! Meu infeliz amigo, estás desculpado.

O MARQUÊS — Se V. A. soubesse... Ah! ah!

D. JOÃO — Se eu te dissesse, marquês... Ah! ah!

O MARQUÊS — As mulheres, meu senhor, as mulheres... Ah! ah!

D. JOÃO—São caprichosas, meu caro, horrorosamente caprichosas. Ah! ah!

O MARQUÊS — Às vezes, quanto mais se desprezam... Ah! ah!

D. JOÃO — Justamente, é quando mais se rendem. Ah! ah!

O MARQUÊS — É verdade; enquanto que pretendidas...

D. JOÃO — Mais difíceis se mostram. Ah! ah!

O MARQUÊS — Ah! ah! E V. A. ri-se?

D. JOÃO — E tu, marquês, como estás contente. Ah! ah!

O MARQUÊS — Um pouco do que disse tenho eu aqui. (*Mostra a carta*).

D. JOÃO — E eu outra interessantíssima. Ah! ah!

O MARQUÊS (*desdobrando a carta*) — Quer V. A. ouvir? Ah! ah! (*Lendo*): «Senhor marquês de Marialva». Ah! ah!

D. JOÃO (*o mesmo*) — Ouve lá, marquês. (*Idem*): «Meu querido João». Ah! ah!

O MARQUÊS (*idem*) — «Será certo o que soube ao chegar aqui?» Ah! ah!

D. JOÃO (*idem*)' — «Para que hei-de por mais tempo ocultar esta 'paixão?» Ah! ah!

O MARQUÊS (*idem*) — «Há na Corte uma mulher a quem jurou amar?» Ah! ah!

D. JOÃO (*idem*) — «Amo-te...». Ah! ah!... «não o posso negar...». Ah! ah!

O MARQUÊS (*o mesmo*) — «É tão duro do coração ou tão cego...». Repare V. A.: «tão duro do coração ou tão cego...». Ah! ah!

D. JOÃO (*o mesmo*) — «O homem que eu até aqui amava é hoje para mim uma sombra...». Uma sombra! O marquês, uma sombra. Ah! ah!

O MARQUÊS (*o mesmo*) — «Que ignore a força de paixão que me inspirou? Ou a escarnece?» Que amor! Ah! ah!

D. JOÃO — «Um nome sem significação», vai vendo, «desde que te conheci. Tu sim, tu fascinaste-me». Ah! ah!

O MARQUÊS — «Talvez assim seja! Deus lhe perdoe...». Ah! ah!...

D. JOÃO — «Se este passo é arrojado, perdoa-me. Só um amor muito intenso, só um amor como os que sabes inspirar...». Ah! ah!

O MARQUÊS — «O mal que me podes causar». E agora? Ah! ah!

D. JOÃO — «É que me pode levar a este extremo. Ama-me, corresponde a esta paixão, e serei feliz».

AMBOS — Ah! ah!

AMBOS — Assinada... Ah! ah!

D. JOÃO e O MARQUÊS (*ao mesmo tempo*) — A ver se adivinhas. A ver se adivinha.

D. JOÃO (*lendo*) — «A condessa de Vilares, Leonor de Noronha».

O MARQUÊS (*o mesmo*) — «A educanda de Odivelas... Margarida Álvares».

AMBOS — Hem??!

AMBOS — Que nome é esse? (*Trociam as cartas*).

D. JOÃO (*lendo*) — A educanda de Odivelas...

O MARQUÊS (*o mesmo*) — A condessa de Vilares!

D. JOÃO — Margarida Álvares!

O MARQUÊS — Leonor de Noronha!

AMBOS — Será possível?! (*Lêem, cada um do seu lado, em voz alta e apressadamente as duas cartas*).

AMBOS — Pois de facto... (*Momentos de silêncio em que se contemplam*).

AMBOS (*rindo-se*) — Ah! ah! ah!

D. JOÃO (*trocando de novo as cartas*) — Fomos traídos e vin-gados mutuamente, meu caro amigo.

O MARQUÊS — Com que V. A....

D. JOÃO — E tu, tu em quem eu confiava!

O MARQUÊS — Leonor, que eu julgava a fidelidade em pessoa!

D. JOÃO — E eu que acreditava na candura de Margarida!

AMBOS — Ah! ah! ah!

D. JOÃO — Lamentemo-nos e congratulemo-nos mutuamente.

O MARQUÊS — A Providência foi justa, compensando igualmente nossos desgostos.

D. JOÃO — Com alguma parcialidade a meu favor, confessa.

O MARQUÊS — Pelo contrário, eu julgo que o mais favorecido dos dois fui eu.

D. JOÃO — Eu prefiro a condessa a Margarida.

O MARQUÊS — Pois eu julgo Margarida muito superior à condessa.

D. JOÃO — Como? Mas ainda há pouco dizias o contrário.

O MARQUÊS — E V. A. também não pensava absolutamente o que pensa agora.

D. JOÃO — Sim, mas reparando melhor, vejo que me enganei.

O MARQUÊS — É o que me sucede.

D. JOÃO — Os olhos da condessa são de uma vivacidade!

O MARQUÊS — Pois os de Margarida! V. A. não está certo nos olhos de Margarida. Despedem faíscas.

D. JOÃO — Ora! Olhos pequenos.

O MARQUÊS — Mais neles se concentra o amor. Os da condessa são grandes, mas sem expressão.

D. JOÃO — A condessa tem uns modos senhoris!

O MARQUÊS — A educanda tem uma soberania natural!

D. JOÃO — Não me iludes, marquês. Tu estás furioso.

O MARQUÊS — Eu?! V. A. é que parece.

D. JOÃO — Eu?! O amor já me não desespera.

O MARQUÊS — Muito menos a mim. Sobretudo quando há tão agradáveis consolações. (*Mostrando a carta de Margarida*): Ah! ah! ah!

D. JOÃO (*o mesmo*) — É verdade. Tão agradáveis consolações. Ah! ah! ah! Ó marquês, mal sabias tu, quando passávamos por baixo

das janelas de Leonor, que os seus olhares se desviavam um pouco para a tua direita e... Ah! ah! ah!

O MARQUÊS — Confesse V. A. que nunca lhe passou pela ideia que o palpitarde coração da bela educanda de Odivelas não batia pelas falas e olhares de amor que V. A. lhe dirigia. Ah! ah!

D. JOÃO — O que é este mundo, marquês!

O MARQUÊS — É verdade, o que é este mundo!

D. JOÃO — Ainda esta manhã... Ah! ah!

O MARQUÊS — É certo. V. A. ainda há pouco... Ah! ah!

D. JOÃO — Diz-me: tens muitos ciúmes do sobrinho do prior?

O MARQUÊS — Margarida sempre obterá o lugar de dama da rainha?

D. JOÃO — Mas... eu não acredito ainda que Margarida te ame.

O MARQUÊS — Então duvidarei também que Leonor...

D. JOÃO (*mostrando a carta*) — Duvidas, marquês?

O MARQUÊS (*idem*) — V. A. duvida?

D. JOÃO — Margarida ainda há instantes teve uma entrevista comigo.

O MARQUÊS — A condessa ainda agora daqui saiu.

D. JOÃO (*sorrindo*) — E disse-te coisas muito ternas?

O MARQUÊS — Bastante.

D. JOÃO — Mostrou-se muito apaixonada?

O MARQUÊS — Apaixonadíssima.

D. JOÃO — Perdida de amores, talvez.

O MARQUÊS — Completamente perdida.

D. JOÃO — Feliz mortal!

O MARQUÊS — Há outros mais infelizes.

D. JOÃO — Amante afortunado. Ah! ah!

O MARQUÊS — V. A. ri-se!

D. JOÃO — Invejo-te. Se eu tivesse uma amante que também me desse parte de que estava apaixonada por outro!... Ah! ah! ah! Que feliz seria!

O MARQUÊS — Ah! V. A. ouviu-nos? Tal vantagem não tive eu para julgar do grau de felicidade de que V. A. se gaba.

D. JOÃO — Só te digo que fui autorizado a pedi-la em casamento.

O MARQUÊS — Ah! Então, sim. Ah! ah! ah!

D. JOÃO — A rapariga não sabe quem eu sou. Julga-me apenas um fidalgo.

O MARQUÊS — Mas como explica V. A. esta carta?

D. JOÃO — Caprichos de mulher.

O MARQUÊS — Talvez; mas são caprichos deliciosos.

D. JOÃO — Resigna-te, marquês.

O MARQUÊS — Tomarei V. A. por modelo.

D. JOÃO — Devo ter uma entrevista com a tua Leonor de outros tempos. Ali! ah!

O MARQUÊS — Eu procurarei uma com a Margarida de V. A. no passado. Ah! ah!

D. JOÃO — E então terei a última prova da tua infelicidade.

O MARQUÊS — Eu a convicção da desventura de V. A.

D. JOAO — Veremos.

O MARQUÊS — Veremos.

D. JOÃO — E mesmo que seja verdade...

O MARQUÊS — Há-de ser.

D. JOÃO — Não me dou por desditoso.

O MARQUÊS — Eu menos.

D. JOÃO — Vou escrever a Leonor.

O MARQUÊS — Vou procurar Margarida.

D. JOÃO — A batalha!

O MARQUÊS — A batalha! (*Saem. D. João pela segunda da direita; o marquês pela segunda da esquerda.*)

CENA 18.-

### O CONDE e ÁLVARES

O CONDE — Preciso uma explicação. Quero saber...

ÁLVARES — Afirmo a V. S.<sup>a</sup> que sou completamente alheio ao que me está dizendo.

O CONDE — São inúteis desculpas.

ÁLVARES — Mas...

O CONDE — Quero saber, já disse. Quero saber o que se passou entre você e aquele estouvado.

ÁLVARES — Mas eu não sei de quem V. S.<sup>a</sup> fala.

O CONDE — Do noivo de minha filha.

ÁLVARES — Do?... Não conheço.

O CONDE — Ah! Não conhece, não conhece... Eu o farei conhecer. Insolente!

ÁLVARES — Mas por quem é, sr. conde. Queira V. S.<sup>a</sup> explicar-se.

O CONDE — Com que, seu tratante, já se atreve a chacotear da minha família?

ÁLVARES — Hem?

O CONDE — Já minha filha é objecto das suas zombarias?

ÁLVARES — Sua filha, sr. conde! Quem pode...

O CONDE — Leva o insulto a ponto de fazer imaginar a um pobre rapaz, que tem tanto de tolo como de rico, que era você o homem que eu escolhera para marido da minha Leonor!

ÁLVARES — O quê? Eu o homem que... V. S.<sup>a</sup> diz que... Mas quem pode, quem diria, quem ousou dizer, quem...?

O CONDE — O próprio noivo de minha filha.

ÁLVARES — Mas quem é ele? Quem é esse homem?

O CONDE — E como o rapaz me veio seriamente pedir desculpa! Quando me lembro que ele me disse; — «Sr. conde, comprehendo agora. É certo que alguma coisa me devia ofender com o que contou o marquês, visto que é Álvares...». Que era você, seu velhaco, que era você.

ÁLVARES — Que era eu, o quê?

O CONDE — Isso lhe perguntei eu. «Álvares, o quê?» «O homem que as devia sentir mais amargamente», continuou ele; «Álvares, a quem eu estimo como um pai...».

ÁLVARES — E quem é esse meu caro filho? Esse maroto?

O CONDE — Eu fiquei espantado. Então julguei o rapaz decididamente tolo. «Álvares, o quê?», repeti-lhe com mais força.

ÁLVARES — Sim, Álvares o quê? Também pergunto.

O CONDE — «Que é o noivo de sua filha», disse ele enfim.

ÁLVARES — Eu?!

O CONDE — Ao ouvir isto, agarrei as mãos à cabeça e deitei a fugir para não enviar ao Diabo aquele pateta, como tenho agora tentações de o mandar a você, seu tratante!

ÁLVARES — Mas, sr. conde, eu estou inocente. Esse homem era algum doido.

O CONDE — Parece-o, mas não é. De você foi que ele me disse ter recebido essas caluniosas notícias.

ÁLVARES — Ele? De mim? Mas quem é, quem é esse infame, esse...?

O CONDE — Não lhe disse já que foi o próprio João de Mendonça?

ÁLVARES — O noivo da minha filha.

O CONDE — Sim, da minha filha.

ÁLVARES — João de Mendonça, o noivo da minha filha, ousou...

O CONDE — O noivo da minha filha, sim, o noivo...

ÁLVARES — Como? Da... da minha, digo eu.

O CONDE — Da minha filha, sim. O próprio noivo foi quem...

ÁLVARES — Da de V. S.? Da minha.

O CONDE — Hem? Da tua? Da minha.

ÁLVARES — Da minha, senhor.

O CONDE — Da minha, bruto.

ÁLVARES — Da de V. S.? Ora!

O CONDE — Da tua? Estás doido?

ÁLVARES — Da minha, sim, e filha legítima.

O CONDE — Da minha, animal, que também é le... Sim, digam o que quiserem... que também é legítima.

ÁLVARES — Como se entende isso?

O CONDE — E você que queria dizer?

ÁLVARES — Pois João de Mendonça...

O CONDE — O sobrinho do prior...

ÁLVARES — O morgado alentejano...

O CONDE — E chamas-lhe o noivo da tua filha! Ora na verdade!

ÁLVARES — Diz V. S.<sup>a</sup> que é o noivo da sr.<sup>a</sup> condessa? Ora, sr. conde!

O CONDE — O noivo da tua filha!

ÁLVARES — Noivo da Sr.<sup>a</sup> D. Leonor!

O CONDE — Temos outra graça?

ÁLVARES — V. S<sup>a</sup> está zombando.

O CONDE — Ou por acaso passar-te-ia pela lembrança?...

ÁLVARES — Pois o senhor conde efectivamente imaginou?...

O CONDE — Endoidecerias, pateta?

ÁLVARES — Só se V. S<sup>a</sup> estivesse louco.

O CONDE — Pois o rico herdeiro do Alentejo...

ÁLVARES — O rapaz que eu criei nos braços...

O CONDE — O sobrinho do prior dos Jerónimos...

ÁLVARES — O filho daquele honrado lavrador...

O CONDE — Havia de ser o marido da filha... de um criado de câmara! Ah! ah! ah!

ÁLVARES — Aspiraria a casar com a filha de um conde ! Ora ! Ora !

O CONDE — Tinha graça! Ah! ah! ah!

ÁLVARES — Era interessante.

O CONDE — Basta. Deixa-te de loucuras.

ÁLVARES — Não zombe V. S<sup>a</sup> comigo.

O CONDE — Não gosto desses gracejos a respeito de um homem que há-de vir a ser meu genro.

ÁLVARES — Genro de V. S<sup>a</sup>! Mas como se lembrou o sr. conde dessa extravagante ideia?

O CONDE — Extravagante ? E porquê extravagante ?

ÁLVARES — Pois se ele está empenhado com minha filha!

O CONDE — Continuas? Mais respeito. Basta de zombarias.

ÁLVARES — Veio de propósito do Alentejo.

O CONDE — Para quê?

ÁLVARES — Para casar.

O CONDE — Isso sei eu.

ÁLVARES — Com minha filha.

O CONDE — Com a minha.

ÁLVARES — Se eu próprio o mandei chamar!

O CONDE — Fui eu que lhe ordenei que viesse.

ÁLVARES — Se eu lhe escrevi...

O CONDE — Quem lhe escreveu fui eu.

ÁLVARES — Ele possui ainda a minha carta.

O CONDE — Ainda se não desfaz da minha.

ÁLVARES — Ama Margarida.

O CONDE — Há-de adorar Leonor.

ÁLVARES — V. S<sup>a</sup> fala sério?

O CONDE — Ainda agora falámos nisso.

ÁLVARES — Eu há poucos instantes tratei com ele esse negócio.

O CONDE — Tu mentes.

ÁLVARES — Juro a V. S.<sup>a</sup>.

O CONDE — Pois eu empenho a minha palavra em como é verdade o que digo.

ÁLVARES — Então engana ele V. S.<sup>a</sup>

O CONDE — A mim? Zomba mas é de ti, pateta.

ÁLVARES — Tenho provas do contrário. Ele abusa da bondade da sr.<sup>.\*</sup> condessa.

O CONDE — És doido se tal pensas. Não vês que ele abusa mas é da credulidade de tua filha?

ÁLVARES — Ele deve ser ambicioso; por isso lisonjeia V. S.<sup>a</sup>.

O CONDE — O rapaz é novo. Tua filha é nova. É desculpável na sua idade; e solteiro...

ÁLVARES — Senhor!

O CONDE — Que é?

ÁLVARES — V. S.<sup>a</sup> faz de minha filha um conceito...

O CONDE — E tu concebes a louca ideia de que ela possa rivalizar com a minha?

ÁLVARES — EV. S.<sup>a</sup> imagina que ele possa ser esposo da sua?

O CONDE — Um rico herdeiro esposo de uma criada grave! Ah! ah! ah!

ÁLVARES — O filho de um lavrador marido de uma condessa!

O CONDE — Havia de ter graça!

ÁLVARES — Que belo espectáculo! Ah! ah! ah!

O CONDE — Cala-te!

ÁLVARES — A razão está da minha parte. Não me calo.

O CONDE — Insolente!

ÁLVARES — Por dizer a verdade?

O CONDE — Miserável.

ÁLVARES — João de Mendonça há-de ser meu genro.

O CONDE — Continuas? Olha que eu posso fazer-te arrepender dessa graça!

CENA 18.'

O CONDE, ÁLVARES e JOÁO DE MENDONÇA

JOÁO DE MENDONÇA (*acabando de ler uma carta que traz na mão*) — «E assim reunidas nossas famílias ganharão em esplendor. Vosso, etc, etc, conde de Vilares». Ah! Agora entendo tudo. Esta carta chegou depois de eu ter partido e o conde julgava... Mas então como se explica...?

ÁLVARES — Mas ele aí vem.

O CONDE — Justamente. Ei-lo aqui.

ÁLVARES (*agarrando-lhe no braço direito*) — Digo e afirmo que este é o noivo de minha filha.

O CONDE (*o mesmo, do lado esquierdo*) — Proclamo em vós que é o noivo da minha.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ah! Os meus dois sogros! Bonito!

ÁLVARES — É o meu futuro genro.

O CONDE — É o genro que me está destinado.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Aqui estou eu numa bela posição! Só um novo juízo de Salomão poderá decidir a contenda.

ÁLVARES — Quem afirmar o contrário mente.

O CONDE — O que ousar contradizer-me é um caluniador.

ÁLVARES — Este homem jurou-me...

O CONDE — Este homem prometeu-me...

ÁLVARES — Basta, sr. conde. Isso é indigno de V. S.».

O CONDE — Sai daqui, miserável. Não te dou o direito de disputar comigo.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Pelos modos sou eu o único que não tenho voto na matéria. Pois parecia que...

ÁLVARES (*puxando por ele*) — Vem, meu filho. Deixa esse senhor que se diverte à tua custa.

O CONDE (*idem*) — Senhor! Venha! Esse miserável compromete a sua reputação.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Que terrível conjunção! Dois sogros! É coisa de respeito.

ÁLVARES — Vens? O que te detém?

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Boa pergunta!

O CONDE — Porque se demora ainda, senhor?

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Também não é má.

ÁLVARES — Fazes-me acreditar que efectivamente alguma coisa te prende ao conde.

JOÃO DE MENDONÇA — Ai, pois ainda duvida? Eu infelizmente não posso deixar de crer... Ai!

O CONDE — Senhor! A sua hesitação está-me fazendo suspeitar que alguma força oculta possui esse homem para o reter aqui.

JOÃO DE MENDONÇA — Oculta? Manifesta e bem manifesta, pois não vê? Estou-a sentindo bem. Ai!

ÁLVARES — Não te iludas com as maneiras doces desse homem. Ele explora a tua fortuna.

JOÃO DE MENDONÇA — E chama a isto maneiras doces, o senhor?

O CONDE — Não dês ouvidos à lisonja servil desse miserável, que o especula.

JOÃO DE MENDONÇA — É muito lisonjeiro, é, não há dúvida. Oh! Senhor, deixe-me.

ÁLVARES — Deixe-o, senhor conde.

O CONDE — Larga-o, tratante.

JOÃO DE MENDONÇA — Soltem-me, senhores.

ÁLVARES — Este homem pertence-me.

O CONDE — Eu tenho direitos sobre ele.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Só eu é que não tenho direitos nenhuns, pelo que vejo. Não pertenço a mim mesmo.

ÁLVARES — Foge dessa rede que o conde te arma.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Por sinal que tem os laços bem apertados.

O CONDE — Veja que o impelem para um abismo.

JOÃO DE MENDONÇA — Assim sustentado, desafio todos os abismos do mundo.

ÁLVARES — Vem, foge.

O CONDE — Deixe-o, venha.

JOÃO DE MENDONÇA — Mas...

ÁLVARES — Lembra-te do teu amor.

O CONDE — Lembre-se da sua palavra.

JOÃO DE MENDONÇA — Lembrem-se de mim.

ÁLVARES — Margarida espera-te.

O CONDE — Leonor está esperando-o.

JOÃO DE MENDONÇA — Parece-me que têm que esperar.

ÁLVARES — Aonde?

O CONDE — Saia daqui.

JOÃO DE MENDONÇA — Isto é de mais. Olhem que...

ÁLVARES — Depressa, vem.

O CONDE — Avie-se.

JOÃO DE MENDONÇA — Ai!

ÁLVARO e O CONDE — Vamos.

JOÃO DE MENDONÇA — Larguem-me!

ÁLVARES e O CONDE — Então? (*Puxam por ele para cada lado*).

JOÃO DE MENDONÇA — Socorro, socorro!...

#### CENA 20.'

O CONDE, JOÃO DE MENDONÇA, ÁLVARES e O MARQUÊS

O MARQUÊS — Que é isto aqui, senhores? Na antecâmara de S. A.!

JOÃO DE MENDONÇA — Foi o meu libertador, senhor marquês.

Livre-me destes furiosos.

O MARQUÊS — Que significa isto?

JOÃO DE MENDONÇA — São dois a disputar um gênero. Espectáculo horroroso!

O CONDE — Foi aquele atrevido que ousou...

ÁLVARES — É o senhor conde que pretende...

AMBOS — É que... É que...

O MARQUÊS — Por quem são, senhores, lembrem-se do lugar em que estamos. Isso é um escândalo.

JOÃO DE MENDONÇA — É uma barbaridade, não é um escândalo. Uma tortura assim não é conhecida no Santo Ofício.

O CONDE (*largando-o*) — Pois bem, eu tirarei a desforra desta afronta. Vou queixar-me à rainha.

ALVARES — Vou pedir justiça ao infante.

JOÃO DE MENDONÇA — Respiro!

O CONDE — Quero saber se um miserável criado pode assim insultar um nobre impunemente.

ALVARES — Vou perguntar a S. A. se um fidalgo está autorizado a esmagar um homem que o não ofendeu.

O CONDE — Colocar-se no meu caminho!

ALVARES — Usurpar-me um genro!

O CONDE — A rainha... a rainha há-de... (*Sai*).

ALVARES — O príncipe... o príncipe... (*Sai*).

CENA 21

O MARQUÊS e JOÃO DE MENDONÇA

O MARQUÊS — Ainda não pude entender bem a significação de tudo isto.

JOÃO DE MENDONÇA — Na verdade não é fácil. Era uma questão suscitada a meu respeito, que eu só poderia decidir e sobre a qual não fui consultado.

O MARQUÊS — Mas como se explica isto afinal?

JOÃO DE MENDONÇA — Eram dois sogros, animais furiosos, que disputavam entre suas garras, a inocente vítima de um genro.

O MARQUÊS — Como? Dois sogros? Um genro... Ah! Sim. O senhor é que se propunha para marido de Leonor?

JOÃO DE MENDONÇA — Era outro projecto que me dizia respeito em que dispensavam o meu parecer. Não me propunha, era proposto.

O MARQUÊS — E por pouca fortuna...

JOÃO DE MENDONÇA — Não, pela muita fortuna é que eles me queriam, julgo eu.

O MARQUÊS — Não falava nesse sentido. Mas se esses eram os desígnios do conde, saiba que a filha não os partilhava.

JOÃO DE MENDONÇA — Ah! Então?

O MARQUÊS — Ama outro e bem vê... •

JOÃO DE MENDONÇA — Sim, agora me lembro e julgo que é V. S.<sup>a</sup>.

O MARQUÊS — Julga mal. Mas em quanto ao outro sogro... acaso...

JOÃO DE MENDONÇA — O outro é mais real do que o primeiro.

O MARQUÊS — Como, Álvares...

JOÃO DE MENDONÇA — Tem uma filha.

O MARQUÊS — Eu conheço-a.

JOÃO DE MENDONÇA — Pois conhece então a minha futura esposa?

O MARQUÊS — A sua...? Ah! é célebre! (*Aparte*): O nome deste homem vem sempre entremeter-se nos meus negócios amorosos.

JOÃO DE MENDONÇA — Célebre? Não sei em quê. É um projecto antigo.

O MARQUÊS — Ah! Antigo, mau é! Estragam-se com uma rapidez os projectos... Eu já não creio em projectos de mais de oito dias e ainda é crer... Ah! ah! ah!

JOÃO DE MENDONÇA — Que quer dizer?

O MARQUÊS — Que não está em maré de felicidades.

JOÃO DE MENDONÇA — Então acha? Porquê?

O MARQUÊS — Há quanto tempo não vê Margarida?

JOÃO DE MENDONÇA — Há dois anos.

O MARQUÊS — Então...

JOÃO DE MENDONÇA — Então?

O MARQUÊS — Acredita que ela ainda o ama?

JOÃO DE MENDONÇA — Que dúvida, um amor de infância...

O MARQUÊS — Pior. E ainda há alguns dessa espécie rara?

JOÃO DE MENDONÇA — Se não tem tido outra ocasião de o observar, tem em mim um exemplo.

O MARQUÊS — Está convencido de que o ama?

JOÃO DE MENDONÇA — Tanto que venho para casar com ela.

O MARQUÊS — Ah! Era com ela. Mas isso não é razão; porém quero admitir-lhe esse amor pouco vulgar, mas nela...

JOÃO DE MENDONÇA — Admita também.

O MARQUÊS — Serão muitas concessões.

JOÃO DE MENDONÇA — Pois não vê que nos casamos?

O MARQUÊS — E o senhor a dar-lhe. Isso que prova?

JOÃO DE MENDONÇA — Que o amor é mútuo.

O MARQUÊS — Graciosa conclusão. O senhor é um homem feliz.

JOÃO DE MENDONÇA — Não tenho de que me queixar por ora.

O MARQUÊS — É de umas ilusões... Ah! ah!

JOÃO DE MENDONÇA — E isso causa-lhe riso?

O MARQUÊS — Não. Foi uma lembrança que tive.

JOÃO DE MENDONÇA — Tenho notado que na Corte são frequentes estas lembranças.

O MARQUÊS — O senhor é cioso?

JOÃO DE MENDONÇA — Julgo que não.

O MARQUÊS — Ah! Julga...

JOÃO DE MENDONÇA — Nunca pensei nisso; é a razão por que me não conheço em tal matéria.

O MARQUÊS — Pois pense, pense. É bom estar prevenido.

JOÃO DE MENDONÇA — Não vejo necessidade.

O MARQUÊS — Suponha que Margarida...

JOÃO DE MENDONÇA — Sim, adiante.

O MARQUÊS — Na Corte, no meio dos esplendores, do bulício, da variedade das cenas... entende-me?

JOÃO DE MENDONÇA — Até aí julgo que sim.

O MARQUÊS — Suponha, o que é muito natural, que se esquecia um pouco, já não digo de todo, do Alentejo...

JOÃO DE MENDONÇA — Era bom sinal!

O MARQUÊS — Ah! Bom sinal, acha?

JOÃO DE MENDONÇA — Dava-me esperanças de que no Alentejo, no meio do sossego, da paz e até da monotonia das cenas do campo se esquecesse igualmente da Corte.

O MARQUÊS — Mas se o esquecimento da província fosse a ponto de esquecer também aqueles que...

JOÃO DE MENDONÇA — Aqueles que...

O MARQUÊS — Que estimar por lá, por exemplo, um objecto dos seus primeiros amores... Ah! ah! Entende-me?

JOÃO DE MENDONÇA — Parece-me que sim.

O MARQUÊS — E nesse caso?

JOÃO DE MENDONÇA — Faria por lho lembrar.

O MARQUÊS — Mas se, aproveitando-se desse momento de variedade, deixe-me chamar-lhe assim, um outro lhe tivesse ido ocupar o coração. Então?

JOÃO DE MENDONÇA — Trataria de o expulsar de lá.

O MARQUÊS — De que maneira?

JOÃO DE MENDONÇA — Da primeira que me ocorresse.

O MARQUÊS — E não o conseguindo?

JOÃO DE MENDONÇA — Voltaria para o Alentejo.

O MARQUÊS — Desesperado?

JOÃO DE MENDONÇA — Resignado.

O MARQUÊS — Gosto dessa resolução filosófica.

JOÃO DE MENDONÇA — Agora a minha vez de perguntar. Suponha o sr. marquês, o que é natural, que na Corte, no meio deste bulício, destas cenas de todo o género, etc, etc...

O MARQUÊS — Sim, que mais?

JOÃO DE MENDONÇA — Já me esquecia um pouco, já não digo de todo, da minha habitual pacatez a ponto de...

O MARQUÊS — A ponto de...?

JOÃO DE MENDONÇA — A ponto de cumprimentar de uma maneira particular aqueles que pretendem divertir-se à minha custa?

O MARQUÊS — Ah! A quem se quer referir?

JOÃO DE MENDONÇA — Falo na generalidade. E nesse caso?

O MARQUÊS — Espero que esses talhe retribuiriam o cumprimento.

JOÃO DE MENDONÇA — Sim? É o que eu mais estimaria.

O MARQUÊS — Mas poderá dizer-nos o sentido dessas palavras?

JOÃO DE MENDONÇA — Pois não entende? Permite-me duvidar. Isso é excesso de modéstia. Ah! ah! ah!

O MARQUÊS — O senhor ri-se?

JOÃO DE MENDONÇA — Foi uma das tais lembranças que me costumam ocorrer, sr. marquês.

O MARQUÊS — Advirto-lhe, meu caro senhor, que eu sei de um meio para acabar com essas lembranças pouco oportunas.

JOÃO DE MENDONÇA — Diga-o, sr. marquês, que imediatamente farei aplicação dele a V. S.<sup>a</sup>

O MARQUÊS — Prudência!

JOÃO DE MENDONÇA — Cuidado!

O MARQUÊS — E lembre-se, que o coração das mulheres é inconstante e que os seus sentimentos mudam a cada passo.

JOÃO DE MENDONÇA — Tenha presente na ideia que o coração do homem o é menos. E que as suas resoluções persistem.

O MARQUÊS — Na Corte aprende-se a conquistar corações com uma habilidade...

JOÃO DE MENDONÇA — Na província a corrigir impertinências com uma eficácia...

O MARQUÊS — E depois...

JOÃO DE MENDONÇA — E depois...

O MARQUÊS — Depois o quê, senhor?

JOÃO DE MENDONÇA — Era justamente o que eu lhe ia perguntar. Depois o quê?

O MARQUÊS — Depois resta curar na solidão as feridas da alma. Ah! ah!

JOÃO DE MENDONÇA — E tratar as do corpo...

O MARQUÊS — Isso quer dizer...

JOÃO DE MENDONÇA — V. S<sup>a</sup> está hoje pouco fornecido de inteligência.

O MARQUÊS — Se não fossem os meus deveres no paço, eu iria perguntar-lhe noutro lugar o sentido das suas palavras, meu caro senhor.

JOÃO DE MENDONÇA — Tenho sincera pena de que não venha. Eu gosto de ensinar os que necessitam de ser ensinados; mas quando tenha ocasião e me quiser procurar estou às ordens para lhe dar a «lição» de que precisa. Sr. marquês, desejo-lhe mil venturas,

O MARQUÊS — Nos amores? ah! ah!...

JOÃO DE MENDONÇA — Não, pois seria fazê-lo infeliz em toda a espécie de «jogo». Lembre-se do ditado...

CENA 22.

O MARQUÊS — O homem é um ferrabrés. Pobre diabo, que santas ilusões aquelas! Andar trinta e tantas léguas atrás de uma afeição de infância depois de uma ausência de dois anos! Mal sabe ele o

que durante este tempo se tem passado pelo coração de sua esposa. A província envia-nos notabilidades de todo o género. Margarida é uma beleza completa. Mas onde estará ela? Por mais que tenha procurado uma entrevista... não a pude conseguir. Será bom escrever-lhe? (*Sentando-se*): Talvez seja o melhor meio,

## CENA 23.-

## O MARQUÊS e MARGARIDA

MARGARIDA (*entrando*)—João de Mendonça em Lisboa e eu que o não sabia! Quando o vi tive remorsos. Pobre rapaz!

O MARQUÊS (*aparte*)—Escrever-lhe? Mas que hei-de... hei-de dizer? Marcar-lhe uma entrevista?

MARGARIDA (*aparte*)—Afinal estou a suspeitar que é ele quem me ama deveras, o outro...

O MARQUÊS (*aparte*)—Sim, não vejo outro modo mais.

MARGARIDA (*aparte*)—O outro, sempre é um marquês e amigo do príncipe e dizem que o seu companheiro inseparável. As informações que me deram inquietaram-me.

O MARQUÊS (*aparte*)—De que maneira cativar a sua benevolência? Que expressões apropriadas?

MARGARIDA (*aparte*)—Desconfio até, tenho quase a certeza, que o outro que o acompanhava a Odivelas era o príncipe... ao que me têm dito. E então não há que duvidar, é preciso esquecê-lo... e pensar em João de Mendonça.

O MARQUÊS (*aparte*)—Minha querida... Querida quê? O que lhe agradará mais?

MARGARIDA (*aparte*)—Vou procurá-lo. Ah! É ele... o marquês... (*Alto*): sr. marquês de...

O MARQUÊS—Quem me chama? Ah! Margarida.

MARGARIDA—Ai, meu Deus, é o outro! O príncipe talvez. Perdão, eu enganei-me.

O MARQUÊS—Perdão? E quer retirar-se? Pede perdão e castiga?

MARGARIDA—Mas, senhor... (*Aparte*): Nem sei se lhe chame S. A., mas finjamos não o conhecer.

O MARQUÊS—Margarida, uma palavra, um instante de entretenimento.

MARGARIDA—Não sei se deva...

O MARQUÊS—Deve não ser cruel.

MARGARIDA—Cruel?

O MARQUÊS—Sim. Eu quero falar-lhe de um desgraçado e pedir-lhe a sua compaixão para ele.

MARGARIDA—De um desgraçado?! A minha compaixão?! Eu não entendo V. A.... Senhoria...

O MARQUÊS — É de um meu amigo, um amigo inseparável que lhe quero falar.

MARGARIDA (*aparte*) — É do marquês, então. Que me irá dizer? Eu nem sei o que se diz aos príncipes. O melhor é continuar fingindo não o conhecer.

O MARQUÊS — É de um homem, Margarida, que desde o momento em que a viu pela primeira vez sentiu que uma revolução completa se operava na sua vida como no seu coração. Há talvez seis meses, lembra-se?

MARGARIDA (*aparte*) — Fala do marquês, não há dúvida. (*Alto*): Lembra... Foi...

O MARQUÊS — Em Odivelas. Contar-lhe um por um todos os sentimentos que lhe agitaram o coração desde esse instante não o posso eu, Margarida.

MARGARIDA (*aparte*) — Só ele o poderia, decerto.

O MARQUÊS — Mas imagine. Foi a luz depois das trevas, a vida depois da cegueira. Esse homem amou-a, Margarida, amou-a com toda a força de uma paixão ardente, impetuosa.

MARGARIDA — Mas, senhor... eu sei...

O MARQUÊS — Se ele se não manifestava em toda a sua violência era porque lutava para vencê-la. Mas hoje, uma carta sua, Margarida...

MARGARIDA — Uma carta minha?!

O MARQUÊS — Sim, deixada aqui sobre esta mesa.

MARGARIDA — Ah! Tinha-me esquecido.

O MARQUÊS — Elevou ao auge aquele fogo que o devorava há tanto.

MARGARIDA — E então que fez o seu amigo?

O MARQUÊS — Aquela carta envolvia uma arguição e uma inocente confissão de amor, nascida do íntimo do peito. É para o justificar da primeira e tributar-lhe graças pela segunda que eu procurei falar-lhe, Margarida.

MARGARIDA — O senhor?!

O MARQUÊS — Eu, sim. O meu amigo está inocente. Essa mulher que lhe disseram ter o seu amor nunca o possuiu, nunca o possuirá.

MARGARIDA — É certo?

O MARQUÊS — Não o duvide. Ela ama outro, e mesmo quando o amasse a ele, que vale o amor das outras mulheres ao pé do seu, Margarida?

MARGARIDA (*aparte*) — A modo que o príncipe vai tomado a peito a causa do seu companheiro.

O MARQUÊS — Margarida, agora não renegue as suas palavras; repita o que naquela carta dizia. Ama-o?

MARGARIDA — E ainda é preciso que o diga?

O MARQUÊS — É certo? Oh, eu nem creio em tanta felicidade! A minha ventura...

MARGARIDA — A sua ou a do seu amigo?

O MARQUÊS — Sendo a do meu amigo, não é também a minha?

MARGARIDA — E o nome desse amigo é...

O MARQUÊS — Pode ignorá-lo?

MARGARIDA — É o marquês de Marialva?

O MARQUÊS — Sim, é o marquês de Marialva, esse homem apaixonado que não vive senão para si, cujas únicas alegrias, cujas únicas penas vêm de si, Margarida.

MARGARIDA — De mim? E em que lhe posso eu causar penas?

O MARQUÊS — Não sabe que o ciúme é uma dor pungente que nos persegue mesmo nas delícias do mais intenso amor?

MARGARIDA — Ciúmes? O marquês de Marialva tem ciúmes?

O MARQUÊS — Que o não deixam um instante.

MARGARIDA — De quem?

O MARQUÊS — De todos e de tudo.

MARGARIDA — De todos e de tudo? É singular!

O MARQUÊS — Sim, ele desejaria que o mundo fosse um espaço vazio, onde só existisse ele para a amar e Margarida para lhe retribuir essa paixão.

MARGARIDA — São projectos pouco agradáveis para uma noiva. A posição não havia de ser muito cómoda. Ah! ah! ah!

O MARQUÊS — Tem ciúmes do ar que respira, Margarida, das flores que colhe, dos vestidos que a enfeitam, do colar que lhe cinge o pescoço, do pai que a idolatra, dos amigos que...

MARGARIDA — E só de S. A. o príncipe não há-de ter ciúme?

O MARQUÊS — Oh! Desse mais que de ningum.

MARGARIDA — Que era o seu companheiro em Odivelas, não?

O MARQUÊS — O mesmo. Conheceu-o?

MARGARIDA — Conheço-o agora. E tem ciúmes dele?

O MARQUÊS — Horríveis.

MARGARIDA — Fracos ciúmes os seus, que consentiam tão longa entrevista entre mim e ele.

O MARQUÊS — Então que quer, Margarida? Há coisas que se sofrem por necessidade.

MARGARIDA — Necessidade? E onde está aí a necessidade?

O MARQUÊS — O marquês de Marialva temia falar-lhe do seu amor.

MARGARIDA — Ah, como o marquês é tímido! Em Odivelas não o conheci assim.

O MARQUÊS (*aparte*) — Esta também me fala em Odivelas. Maldito passatempo! (*Alto*): As aparências condenam-no muitas vezes, mas creia que lhe falo sinceramente agora.

MARGARIDA — Quando me diz que o marquês é tímido? Admiro uma timidez tão repentina. Foi qualidade que nunca lhe descobri.

O MARQUÊS — É porque nunca procurou ler-lhe no coração.

MARGARIDA — Se não procurei... Nem outra coisa fazia.

O MARQUÊS — Deveras?

MARGARIDA — Era natural.

O MARQUÊS — E então que leu?

MARGARIDA — Que o marquês era um tanto dissimulado.

O MARQUÊS — E leu bem. Dissimulava o amor sob o manto de uma apatia indiferente.

MARGARIDA — Chama apatia àquilo?

LEONOR (*dentro*) — Logo, logo, meu pai. Os maridos devem costumar-se a ter paciência. Ele que espere.

O MARQUÊS — A voz de Leonor!

MARGARIDA — Dirige-se para aqui.

O MARQUÊS — Não convém que ela nos veja juntos.

MARGARIDA — Que importa?

O MARQUÊS — Adeus. Eu retiro-me.

MARGARIDA — Já o não pode sem que ela o veja. Mais vale ficar; de outro modo, pode dar lugar a suspeitas.

O MARQUÊS — Pois bem, fico, mas... (*Vendo a cadeira*): Aqui. (*Esconde-se*).

MARGARIDA — Que faz?!

O MARQUÊS — Silêncio. Compromete-me e compromete-se falando. Faça antes por a afastar.

MARGARIDA — Jesus, que posição! O príncipe atrás de uma cadeira e eu... bem, bom. É preciso fazer retirar Leonor. (*Senta-se na cadeira*).

O MARQUÊS — Ânimo! Deixe-se estar aqui ao pé para fazer o que eu lhe disser.

MARGARIDA — Eu estou a tremer.

CENA 24.-

O MARQUÊS (*oculto*), MARGARIDA e LEONOR

LEONOR (*lendo uma carta*) — Mas que me quererá o infante? Enfim, esperemo-lo. É aqui o ponto marcado para a entrevista.

MARGARIDA — Se ela descobre!...

O MARQUÊS — Não a deixe aproximar daqui. (*Aparte*): Interessante posição a minha!

LEONOR — Desconfio que anda aqui pedido do marquês. Pois não consegue o perdão enquanto se servir de embaixador.

MARGARIDA — Ela aí vem.

LEONOR — Mas... (*Alto, vendo Margarida*): Margarida aqui?! Que contratempo! (*Alto*): Ah! Estavas aí? Não te via.

O MARQUÊS — Diga-lhe que também a não vira.

MARGARIDA — Eu de igual sorte. Não tinha reparado.

LEONOR — Que fazias aqui só?

MARGARIDA — Eu...

O MARQUÊS — Pensava.

MARGARIDA — Eu pensava.

LEONOR — E em que pensavas tu tão profundamente?

MARGARIDA — Pensava... pensava...

O MARQUÊS — Em várias coisas.

MARGARIDA — Pensava em várias coisas.

LEONOR — Em amores, talvez?

O MARQUÊS (*aparte*) — Uma experiência... Se eu pudesse favorecer a minha causa com Leonor ao mesmo tempo que... Era uma vingança do príncipe.

LEONOR — Era em amores?

O MARQUÊS — Pensava em mim.

MARGARIDA — Hem?

O MARQUÊS — Diga, diga que pensava em mim. É o meio de se salvar.

MARGARIDA — Pensava no príncipe.

LEONOR — No príncipe?!

O MARQUÊS — Em mim, em mim!

MARGARIDA — Sim, no príncipe.

O MARQUÊS (*aparte*) — A rapariga é mona. (*A Margarida*): É em mim!

LEONOR — Então que pensavas tu do príncipe?

MARGARIDA — Ah! O que pensava!

O MARQUÊS (*aparte*) — Já agora vamos por este lado. (*A Margarida*): Que é um péssimo carácter.

MARGARIDA — Não.

O MARQUÊS — Ande! Não importa. Convém que o diga.

LEONOR — Não respondes?

MARGARIDA — Pensava que... (*Aparte*): Enfim, é ele mesmo que manda. (*Alto*): Pensava que é um péssimo carácter.

LEONOR — Um péssimo carácter?! Essa agora! Porquê?

MARGARIDA — Porque... porque...

O MARQUÊS — Porque... é muito volúvel.

MARGARIDA — Tem graça. Porque é muito volúvel.

LEONOR — E como sabes tu?

MARGARIDA — Eu sei-o...

O MARQUÊS — Porque lho disseram.

MARGARIDA — Sei-o porque mo disseram.

LEONOR — Mentiram-te. S. A. tem um carácter até muito maduro para a sua idade. Dizem-no todos.

O MARQUÊS (*aparte*) — É certo: ama-o. (*Alto*): Diga-lhe que ele ama todas as mulheres. E isso prova a sua volubilidade.

MARGARIDA — Não digo, não.

LEONOR — Não dizes que provas tens do contrário?

O MARQUÊS — Diga, agora que já não tem remédio.

MARGARIDA — Ele ama todas as mulheres. Isso prova...

LEONOR — Então também te ama?

O MARQUÊS — Também.

MARGARIDA — O quê?

LEONOR — Se também te ama?

O MARQUÊS — Também.

MARGARIDA — Mau! Já não gosto disto. Mudemos de plano.

O MARQUÊS — Então?

MARGARIDA (*indo para a direita*) — Ora deixemos o príncipe em paz. (*Aparte*): Era o que eu desejava. (*Alto*): Já viu, senhora D. Leonor, como está bonito aquele bosque de roseiras acolá? Quem me dera ali passear.

LEONOR (*aparte*) — Boa lembrança. Queira Deus que não mude de ideia. (*Alto*): Porque não vais? Tens liberdade completa ainda.

O MARQUÊS (*aparte*) — A pequena fugiu-me. Se me atraíço, estou servido.

MARGARIDA (*aparte*) — Se eu a pudesse levar daqui! (*Alto*): E vem comigo?

LEONOR — Eu? Não posso.

MARGARIDA — Porquê?

LEONOR — Porque... porque... não posso. Mas vai tu, vai. Ainda não viste os jardins do Paço. São lindíssimos. Há bosques, fontes... Vai, vai ver.

MARGARIDA — Ainda não sei andar só por estes corredores. São um labirinto. Que confusão!... Venha ensinar-me.

LEONOR (*aparte*) — E o infante, que pode vir! (*Alto*): Olha: eu te explico. Vai por este ponto. (*Encaminha-se para a esquerda*).

O MARQUÊS — Mau, mau.

MARGARIDA (*retirando-se*) — Não; não é preciso. Eu sei, eu sei.

LEONOR — Mas dizias-me...

MARGARIDA — Estava esquecida, mas já me lembro.

LEONOR — Então vai.

MARGARIDA — Logo. Então já não tem que fazer no quarto da rainha?

LEONOR — Estou livre por uma hora. A rainha está vestida. Vai a S. Vicente e eu fico.

MARGARIDA (*aparte*) — E fica, fica. É o que eu estou vendo!

O MARQUÊS — Quando poderei eu sair daqui?

MARGARIDA (*aparte*) — O remédio é ficar também. Posso evitar ao menos que ele seja descoberto. (*Alto*): Far-lhe-ei companhia.

LEONOR — Não, não; é desnecessário. Não te constranjas por minha causa.

MARGARIDA — Pelo contrário; antes me deleita a sua sociedade. (*Senta-se*).

LEONOR (*aparte*) — Bom, bom. (*Alto*): Mas tu deves querer divertir-te, rir... e eu... estou triste.

MARGARIDA — Também eu. Consolar-nos-emos.

O MARQUÊS — Diabo! A coisa está má.

LEONOR — Mas atende, Margarida: talvez seu pai precise... sim, talvez te queira ver... A amizade de um pai... Sim, às vezes...

MARGARIDA — Meu pai está ocupado no serviço do príncipe. Não pode por agora dar tempo a... Agora o sr. conde é que...

LEONOR — Meu pai tem tido muitas ocasiões de matar saudades.

MARGARIDA — Nesse caso...

LEONOR — Vais só?

MARGARIDA — Fico!

O MARQUÊS — Que incômoda situação!

LEONOR (*aparte*) — Paciência. O infante que volte em ocasião oportuna.

MARGARIDA (*aparte*) — Pobre príncipe! Não sei como o hei-de tirar daqui.

O MARQUÊS — Chame-lhe a atenção para qualquer parte.

MARGARIDA (*levantando-se e indo ao fundo*) — De quem será este retrato de guerreiro?

CENA .25

O MARQUÊS, LEONOR, MARGARIDA e D. JOÃO

D. JOÃO — Deve já estar aqui. Ei-la. Ah! Margarida também! Mau! (*Esconde-se por detrás da cadeira da direita, sem ser visto*).

LEONOR — Esse retrato é de...

D. JOÃO (*baixo*) — Já aqui estou!

LEONOR (*voltando-se*) — V. A. aí?!

D. JOÃO — Não me convém ser visto. Depois lhe direi porquê.

MARGARIDA — Mas olhe! Venha ver! Que bela fisionomia, não é?

D. JOÃO — Trate de a afastar. (*Aparte*): É a segunda vez que me encontro nesta posição.

LEONOR — Está bonito. (*Levantando-se*): Não sei bem de quem é esse retrato, mas, se queres, vamos à galeria, onde poderás encontrar muitos outros.

MARGARIDA (*aparte*) — Graças a Deus. (*Alto*): Da melhor vontade. Vamos.

LEONOR (*encaminhando-se para a esquerda*) (*Aparte*) — E no entanto o príncipe que fuja. (*Alto*): Por aqui.

MARGARIDA — Ai, por aí?

LEONOR — Sim; é o caminho mais curto.

MARGARIDA — Então não vamos.

LEONOR — Porquê?

MARGARIDA — Não sei bem porquê, mas não gosto de passar por aquele corredor. Vamos antes por ali. (*Encaminha-se para a direita*).

LEONOR — Não, não; por aí não.

MARGARIDA — Porque não?

LEONOR — É porque... Eu também tenho certas antipatias e não gosto de passar por este lado para a galeria.

MARGARIDA — Então visto isso não vamos à galeria.

LEONOR — Pois não vamos. O tempo está tão bonito! Daquela janela vê-se o Tejo. É um belo espectáculo por um dia assim. Queres ver?

MARGARIDA — Não, não. A vista do rio não é a que mais me agrada. Da janela daquele lado goza-se uma vista da cidade majestosa. E senão compare.

LEONOR — Não, não. A vista da cidade! Ora! Um monte de casas irregulares! Que beleza!

MARGARIDA (*aparte*) — Já não sei que mais tentar.

LEONOR (*aparte*) — Estão esgotados os meus recursos,

O MARQUÊS — Tenha piedade de mim!

D. JOÃO — Leonor! Veja? e a afasta!

MARGARIDA (*sentando-se*) — Pois auxilie-me.

LEONOR (*sentando-se*) — Lembre-me algum meio.

O MARQUES — Faça-a aborrecer. Ela não resiste a isso.

D. JOÃO — Faça-lhe um discurso sobre moral. É impossível que o queira ouvir.

MARGARIDA — Mas o que hei-de dizer?

LEONOR — Dite-mo V. A.

O MARQUÊS — Conte-lhe alguma história.

MARGARIDA — Se isso pode ter efeito!... Ó sr.ª condessa! Para matarmos o tempo, vou contar-lhe uma história. Era de uma vez...

D. JOÃO — Vá! Um trecho de moral!

LEONOR — Lembre-se, Margarida, que o tempo... sim, que os nossos deveres... Todo o homem...

D. JOÃO — A condessa não é forte em moral.

O MARQUÊS — Adiante com a história.

MARGARIDA — Era de uma vez um príncipe...;

D. JOÃO — Hem?

LEONOR — E depois?

O MARQUÊS — Isso não, que a interessa.

MARGARIDA — Não, não era um príncipe: era uma raposa.

D. JOÃO — Lisonjeira semelhança!

LEONOR — Mas a que vem agora isso?

O MARQUÊS — Adiante e ânimo.

MARGARIDA — Vai esta raposa um dia...

D. JOÃO — Interrompa-a e fale-lhe de notícias da guerra.

LEONOR — Ai, é verdade. Sabe que houve lugar em Montemor um combate decisivo? Os nossos portaram-se com um denodo!

MARGARIDA — Sim? E vai a raposa...

D. JOÃO — Leve o diabo a raposa!

O MARQUÊS — Vá, vá!

MARGARIDA — A raposa encontrou um lobo.

LEONOR — Mas que me importa a mim a raposa e mais o lobo!

MARGARIDA — É uma história muito interessante.

LEONOR — Que não me interessa absolutamente nada.

O MARQUÊS — Que tormento!

LEONOR — Margarida, queres-me acompanhar até junto de meu pai?

MARGARIDA — Com todo o gosto.

LEONOR — Vamos. (*Por a direita*).

MARGARIDA — Por aqui não. Por ali antes. (*Por a esquerda*).

LEONOR — Por aqui não quero.

MARGARIDA — Então não vou.

LEONOR — Pois bem, para te falar com franqueza, eu desejava estar só.

MARGARIDA — E eu também.

LEONOR — Pois bem; retira-te e eu fico.

MARGARIDA — Não. Eu fico antes.

D. JOÃO — Pelo que estou vendo, tenho de me conservar eternamente aqui.

O MARQUÊS (*aparte*) — Má hora em que me ocultei aqui.

LEONOR — Mas... eu desejava...

MARGARIDA — Eu também queria...

LEONOR — Parta, Margarida.

MARGARIDA — Deixe-me aqui ficar e acredite que...

LEONOR — Pois bem! Pois bem! Parta, que eu parto também.

MARGARIDA — Ou isso. Aceito.

O MARQUÊS (*aparte*) — Graças a Deus!

D. JOÃO (*aparte*) — Alimento enfim esperanças.

LEONOR (*aparte*) — Porque não quereria ela que eu ficasse?

MARGARIDA (*aparte*) — Porque será aquela persistência em que eu parta?

LEONOR — Então concordas?

MARGARIDA — Concordo.

LEONOR — Mas tu por aí.

MARGARIDA — E a senhora por aí.

LEONOR — E então já não tens repugnância a esse lado?

MARGARIDA — Hei-de vencê-la. E a senhora a esse?

LEONOR — Farei por me costumar.

MARGARIDA — Então vamos.

LEONOR — Vamos. (*Retiram-se cada uma de seu lado*).

D. JOÃO (*aparte*) — Poderei sair?

O MARQUÊS (*aparte*) — Estou livre enfim?

MARGARIDA e LEONOR (*aparte*) — Já sairia?

D. JOÃO e O MARQUÊS (*aparte*) — Ah! Ainda.

LEONOR — Então voltas?

MARGARIDA — E a senhora?

LEONOR — Eu vim buscar um leque que me esqueceu.

MARGARIDA — Eu um lenço.

LEONOR — Então agora vamos.

MARGARIDA — Agora vamos. (*Nova retirada*),

D. JOÃO (*aparte*) — Enfim!

O MARQUÊS (*aparte*) — Até que afinal!

LEONOR (*aparte*) — Graças a Deus!

MARGARIDA (*aparte*) — Posso já...

D. JOÃO e O MARQUÊS — Oh!...

MARGARIDA — Outra vez.

LEONOR — Tu ainda aqui?

MARGARIDA — Eu vinha...

LEONOR — Espreitar-me?

MARGARIDA — A senhora é que parece que me espia.

LEONOR — Eu venho ver se me esqueceu alguma coisa, parece-me.

MARGARIDA — Exactamente o meu fim.

LEONOR — Já vejo que não. Adeus.

MARGARIDA — Adeus. Nada me falta. (*Retira-se*).

D. JOÃO — E agora?

O MARQUÊS — Ainda não?

LEONOR (*voltando*) — Agora espero.

MARGARIDA — Creio que desta vez.

LEONOR — Margarida!

MARGARIDA — A sr.<sup>a</sup> condessa!

D. JOÃO — Isto é interminável.

O MARQUÊS — Estou condenado a passar aqui o dia.

LEONOR — Que faz aqui ainda, Margarida?

MARGARIDA — O mesmo que a senhora provavelmente.

LEONOR — Eu vinha de propósito observar se continuavas...

MARGARIDA — Exactamente, eu também vinha...

LEONOR — É singular a sua persistência em ficar nesta sala; faz-me ter suspeitas.

MARGARIDA — Eu também estive fazendo suposições.

LEONOR (a D. João) — É preciso retirar-me por um pouco. De outro modo ela não se ausenta. Se suspeita...

D. JOÃO — Sim, sim. Para logo a entrevista.

MARGARIDA (*ao marquês*) — Bem vê. Preciso de retirar-me. De outra maneira ela ficará aqui; isto vai tornando-se suspeitoso.

O MARQUÊS — Retire-se então e até breve.

LEONOR — Pois bem. Pode ver que eu me retiro, deixo-lhe a porta bem aberta.

MARGARIDA — É o mesmo que eu faço.

LEONOR — Adeus.

MARGARIDA — Adeus.

## CENA 26. •

## D. JOÃO e O MARQUÊS

- D. JOÃO — Esperemos um pouco a ver...
- O MARQUÊS — Ainda não creio que se retirassem deveras.
- D. JOÃO — Não torno a aventurar-me nesta situação.
- O MARQUÊS — Safa! Fiquei escarmentado.
- D. JOÃO — De facto julgo que se retirou.
- O MARQUÊS — Desta vez sempre é certo.
- D. JOÃO — Eu não oiço barulho.
- O MARQUÊS — Está tudo em silêncio.
- D. JOÃO — Espreitemos em antes, às vezes...
- O MARQUÊS — Asseguremo-nos primeiro; quem sabe...
- D. JOÃO (*espreitando pelo lado*) — Nada.
- O MARQUÊS (*idem*) — Não vejo.
- D. JOÃO (*espreitando pelo espaldar*) — Com certeza...
- O MARQUÊS (*idem*) — Desta vez...
- AMBOS (*vendo-se*) — Ah!
- D. JOÃO — Está alguém por trás daquela cadeira?
- O MARQUÊS — Eu vi uma cabeça atrás da cadeira do outro lado.
- D. JOÃO — Seria descoberto?
- O MARQUÊS — Estou servido!
- D. JOÃO — Mas quem seria?
- O MARQUÊS — Quem diabo se foi encaixar ali?
- D. JOÃO — Se na Corte se sabe que eu...
- O MARQUÊS — Pobre de mim se na Corte se espalha...
- D. JOÃO — Ah! É talvez Margarida que suspeita...
- O MARQUÊS — Querem ver que é Leonor que...
- D. JOÃO — Certifiquemo-nos.
- O MARQUÊS — Há-de ser. Afirmemo-nos.
- D. JOÃO (*espreitando*) — Lá está a cabeça, mas não parece dela!
- O MARQUÊS —! Aqueles cabelos não são da condessa.
- D. JOÃO — Eu estou descoberto. Já agora é preciso um estragema.
- O MARQUÊS — Capitulemos. Não vejo outro meio.
- D. JOÃO (*disfarçando a voz*) — Está aí alguém?
- O MARQUÊS — Está, sim, senhor. E aí?
- D. JOÃO — Está também um homem pouco à sua vontade.
- O MARQUÊS — Do mesmo me queixo eu, vizinho.
- D. JOÃO — E quem o pôs nessa posição interessante?
- O MARQUÊS — Forças de circunstâncias. E a si, vizinho?
- D. JOÃO — O mesmo.
- O MARQUÊS — Pois, vizinho, esta situação não pode conservar-se muito tempo.

D. JOÃO — Eu também penso...

O MARQUÊS — É preciso sairmos daqui.

D. JOÃO — E depressa; mas eu, vizinho, não desejo ser conhecido.

O MARQUÊS — Iguais desejos tenho eu, meu amigo,

D. JOÃO — Como há-de ser?

O MARQUÊS — Aí está uma dificuldade.

D. JOÃO — Se o vizinho quisesse... mas não...

O MARQUÊS — Diga, vizinho.

D. JOÃO — • O vizinho ia fechar as janelas e depois saímos às escuras.

O MARQUÊS — Obrigado, vizinho, mas não gosto...

D. JOÃO — Enquanto o vizinho saía, eu fechava os olhos.

O MARQUÊS — Então saia o vizinho que eu fecho os meus.

D. JOÃO — Não, isso não.

O MARQUÊS — Então outro meio. O vizinho não tem aí uma capa?

D. JOÃO — Em Junho e pela manhã? Para que havia eu de ter uma capa?

O MARQUÊS — Pois olhe que nos servia para esta dificuldade.

D. JOÃO — Lá isso servia.

O MARQUÊS — Ora veja o vizinho. Às vezes as coisas mais inúteis são de um bom proveito.

D. JOÃO — É verdade, vizinho.

O MARQUÊS — Sabe o vizinho que estou simpatizando consigo?

D. JOÃO — Eu de igual forma.

O MARQUÊS — Acredite, ainda que soubesse quem o vizinho era, não dizia a ninguém.

D. JOÃO — Nem eu; pode estar certo que...

O MARQUÊS — Por isso, vizinho, quando quiser pode sair, eu prometo-lhe...

D. JOÃO — Agradecido, vizinho, eu estou bem. O vizinho é que talvez esteja incomodado e nesse caso... eu dou-lhe a minha palavra...

O MARQUÊS — Não, vizinho, pelo contrário, estou aqui optimamente.

D. JOÃO — Ah fl Sim ? Então esteja, esteja, vizinho.

O MARQUÊS — Ó vizinho ?

D. JOÃO — Hem!

O MARQUÊS — Que notícias há do nosso exército?

D. JOÃO — Óptimas, vizinho.

O MARQUÊS — O marquês das Minas tem feito proezas, hem?

D. JOÃO — Extraordinárias.

O MARQUÊS — O vizinho está há muito na Corte ?

D. JOÃO — Há muito. E o vizinho?

O MARQUÊS — Oh, eu também.

D. JOÃO — Talvez nos conheçamos.

C MARQUÊS — É provável, vizinho.

D. JOÃO — Então porque se não mostra, vizinho? De que receia?

O MARQUÊS — E o vizinho?

D. JOÃO — Eu é porque... Uma ideia?

O MARQUÊS — Vamos a ver...

D. JOÃO — Fechamos ambos os olhos e saímos.

O MARQUÊS — Eu saio, **vizinho**.

D. JOÃO — Palavra que os não abro.

O MARQUÊS — Eu pela minha parte prometo não os abrir, mas...

D. JOÃO — Eu também. Bem vê que é o único meio e nós não podemos ficar aqui.

O MARQUÊS — Sim, o vizinho tem razão!

D. JOÃO — Então, decidido.

O MARQUÊS — Decidido, mas...

D. JOÃO — Que dúvida mais?

O MARQUÊS — Atinaremos com a porta?

D. JOÃO — É proceder com método. O vizinho sai por a direita e eu pela esquerda.

O MARQUÊS — Sim, e depois?

D. JOÃO — Primeiro tempo, fechem-se os olhos; segundo tempo, levantemo-nos; terceiro tempo, caminhamos em direcção à porta.

O MARQUÊS — Apoiado, mas veja se falta à palavra...

D. JOÃO — Prometo; o vizinho é que não sei...

O MARQUÊS — Pode ter a certeza.

D. JOÃO — Então vá, fechar os olhos.

O MARQUÊS — Pronto.

D. JOÃO — Fechou?

O MARQUÊS — Fechei.

D. JOÃO — Não vê mesmo nada?

O MARQUÊS — Absolutamente nada.

D. JOÃO — Nem eu. Agora levantar.

O MARQUÊS — Cá estou.

D. JOÃO — E eu. Em caminho.

O MARQUÊS — Em caminho. (*Caminham para a porta*).

D. JOÃO (*aparte*) — Eu não resisto ao desejo de saber quem é.

O MARQUÊS — Eu sempre quero conhecer o meu vizinho. (*Junta da porta voltam-se ambos e dão de cara um com o outro*).

D. JOÃO — O marquês!

O MARQUÊS — V. A.!

AMBOS — Ah! ah! ah!

D. JOÃO — E assim cumprias a tua palavra...

O MARQUÊS — E V. A. assim desempenhava a sua...

D. JOÃO — Eu era para ver se tu eras fiel.

O MARQUÊS — O mesmo motivo me levou.

D. JOÃO — Que fazias tu acolá?

O MARQUÊS — E V. A. que fazia **ali**?

D. JOÃO — Aposto que protegias Margarida.

O MARQUÊS — Justamente. E V. A. Leonor.

D. JOÃO — Adivinhaste.

O MARQUÊS — Então é certo. Ela ama-o.

D. JOÃO — E dentro em pouco voltará aqui.

O MARQUÊS — Ah! Sim? Aqui espero também Margarida, com quem já tive uma longa conversa. Isso talvez V. A. presenciasse.

D. JOÃO — Eu não.

O MARQUÊS — Pois tenho pena. Havia de se desenganar.

D. JOÃO — Volta ao teu posto e em breve te desenganarás de que Leonor me ama.

O MARQUÊS — Isso convido eu a V. A. a fazer. Margarida deve voltar aqui.

D. JOÃO — Aceitaria se não receasse ver-me em novos apertos.

O MARQUÊS — Nós nos livraremos mutuamente sendo necessário. Eu por mim sujeito-me. Quero ter uma prova da infidelidade de Leonor.

D. JOÃO — Pois eu não ficarei atrás, Quero saber se efectivamente Margarida te ama.

O MARQUÊS — Não ouve barulho?

D. JOÃO — Deve ser alguma delas. Aos nossos postos e aparece a que deve aparecer.

O MARQUÊS — Ora V. A. atrás das cadeiras. Ah! ah!

D. JOÃO — E tu, marquês, há tanto tempo aí oculto. Ah! ah!

O MARQUÊS — Depressa, depressa. (*Escondem-se*).

#### CENA 27."

O MARQUÊS e D. JOÃO (*ocultos*); O CONDE e ALVARES

O CONDE — Não importa: a rainha há-de passar por aqui.

ALVARES — O príncipe não deve estar longe.

D. JOÃO — Ó diabo, não são elas! E agora?

O MARQUÊS — Eis-me outra vez em cheque. Não são elas.

O CONDE — Pode ficar certo, meu caro, que isto não pode ficar assim.

ALVARES — Eu hei-de ter quem fique por mim, não duvide.

O CONDE (*sentando-se à esquerda*) — Aqui estarei até vir a rainha.

ÁLVARES (*sentando-se à direita*) — Aqui esperarei pelo infante.

O CONDE — Insolente!

ÁLVARES — Soberbo!

O CONDE — Verá os resultados.

O MARQUÊS — Este demónio agora não abandona o posto.

ÁLVARES — Talvez não seja o que V. S.<sup>a</sup> pensa.

D. JOÃO — Aqui estou preso por o meu criado da câmara. Bom, bom, quem me mandou meter aqui de novo?

O CONDE — Nem sei como me tenho contido.

ÁLVARES — Em respeito à sua dignidade, senhor conde.

O MARQUÊS (*aparte*) — Se eu me pudesse safar!... Mas como, sem me comprometer?

D. JOÃO (*aparte*) — Não haverá um meio de me evadir?

O CONDE — Um genro! João de Mendonça... genro de...

O MARQUÊS — Que lembrança! Se eu me pudesse afastar daqui, tirava uma vingançazinha do príncipe e de Leonor, que me traíram.

ÁLVARES — O homem que eu criei para meu filho havia agora de... Oh! nem pensemos em tal.

D. JOÃO (*aparte*) — Ocorre-me uma ideia. Se eu a puder levar a cabo, vingo-me do marquês e da tal condessinha, que zombaram de mim.

O MARQUÊS (*aparte*) — Tentemos. (*Bate levemente no ombro do conde*).

O CONDE (*voltando-se*) — Que é?!

ÁLVARES — Nada, senhor.

O MARQUÊS — Silêncio. Estou aqui há alguns instantes a descobrir um segredo.

D. JOÃO (*o mesmo a Álvares*) — Experimentemos sempre.

ÁLVARES — Que é isto?

O CONDE — Cale-se, não falei consigo.

D. JOÃO — Sou eu, Álvares, o infante.

ÁLVARES — Vossa...

D. JOÃO — Psiu! Não te mexas, nem dês sinal de me veres e discute.

O CONDE — Mas dizia, senhor...

O MARQUÊS — Que descobri um segredo.

O CONDE — E quem é o senhor?

O MARQUÊS — Não se volte para não atrair suspeitas: sou o marquês de Marialva.

O CONDE — O marquês!...

O MARQUÊS — Cale-se... e oiça-me.

ÁLVARES — Mas que faz ai V. A., meu Deus?

D. JOÃO — Um serviço a ti.

ÁLVARES — A mim, meu senhor?

D. JOÃO — Sim.

O CONDE — Mas que segredo é esse?

O MARQUÊS — Um segredo que lhe diz respeito.

O CONDE — A mim?!

O MARQUÊS — É verdade.

ÁLVARES — Mas então?

D. JOÃO — Tua filha Margarida...

ÁLVARES — V. A. conhece-a?

D. JOÃO — Já a vi.

ÁLVARES — Mas...

D. JOÃO — Ouve.

O CONDE —Então que é?

O MARQUÊS — Sua filha, a sr.<sup>a</sup> condessa...

O CONDE — Temos mistérios.

O MARQUÊS — Escute, juro-lhe que falo sério.

O CONDE —Então que é?

ÁLVARES — Então que temos, meu senhor?

D. JOÃO — É preciso que vigies por tua filha.

ÁLVARES — Porquê, meu senhor?

D. JOÃO — Há alguém que pretende enganá-la.

ÁLVARES — Santo Deus!

O MARQUÊS — O conde não deve perder de vista a Sr.<sup>a</sup> D. Leonor.

O CONDE —Pois que há?

O MARQUÊS —Um grande perigo pesa sobre ela.

O CONDE —Um perigo?! De que qualidade?

O MARQUÊS —De terrível qualidade.

D. JOÃO —Eu estava aqui para impedir que um mal-intencionado a pudesse iludir com promessas.

ÁLVARES —É impossível; minha filha...

D. JOÃO — É certo. E ela alguma coisa está inclinada por ele.

O MARQUÊS — Há um homem que a persegue com o seu amor e a quem ela se mostra afeiçoada.

O CONDE — E esse homem é o senhor, eu sei.

O MARQUÊS — Não, esse homem não a pode amar. Saiba...

ÁLVARES —Pois minha filha...

D. JOÃO — Melhor do que eu o poderia fazer, vigiá-la-ão os olhos de um pai. Por isso deves tomar o meu lugar.

ÁLVARES —Mas...

D. JOÃO —Faz o que eu te digo; em pouco tempo verás tudo. E dar-te-ás por feliz em velar por ti.

O CONDE —Mas como soube o senhor?...

O MARQUÊS — Descobri-o. Este é o sítio marcado para a entrevista. Eu velava por ela,

O CONDE —Para quê?

O MARQUÊS — Restos de uma antiga paixão, sr. conde.

ÁLVARES —Mil vezes agradecido; é bondade de V. A.

D. JOÃO—Então vens?

ÁLVARES — Vou, vou; meu senhor, mas o outro que ali está...

D. JOÃO — Procura-lhe um momento de distração e oculta-te.

O CONDE — E esse homem quem é?

O MARQUÊS — V. S.<sup>a</sup> verá, se quiser tomar o meu lugar, e melhor do que eu poderá então intervir com a sua protecção, se for preciso. (*Enquanto o conde está voltado para o marquês, Álvares vai pouco a pouco para o lugar de D. João e este sai agachado pela porta da direita.*)

D. JOÃO — Bem, estou livre, e em pouco vingado. Que surpresa para o marquês quando julgar que sou eu que assisto ao seu triunfo! Ah! ah! ah! Agora procuremos Leonor. (*Sai*).

O CONDE — Mas para eu ir para aí...

O MARQUÊS — Não esperará muito tempo e afianço-lhe que se dará por compensado do incômodo que experimentar.

ÁLVARES (*aparte*) — Aqui estou eu. Se ao menos o conde se retirasse... Não queria que ele me visse aqui. Escondamo-nos bem.

O CONDE — Mas aquele velhaco pode ver-me. Que é dele? Fugiu o tratante. Bem, meu caro...

O MARQUÊS — Vá, mas com prudência, que ninguém o veja.

O CONDE — Não está ninguém na sala. »

O MARQUÊS — Ainda assim pode-se espreitar.

O CONDE — Se o senhor me engana...

O MARQUÊS — Dou-lhe a minha palavra!

ÁLVARES (*aparte*) — O que sairá daqui? Pois minha filha...

O CONDE — Vá, saia, então.

O MARQUÊS — Venha, e espere que não há-de tardar. (*O conde esconde-se*).

O MARQUÊS (*saindo igualmente*) — Agora o príncipe que triunfe. Ah! ah! Que surpresa! E Leonor há-de arrepender-se de me haver desprezado.

CENA 28.'

### O CONDE e ÁLVARES

O CONDE (*aparte*) — Será isto uma mistificação do marquês?

ÁLVARES (*aparte*) — Que verei eu daqui?

O CONDE (*aparte*) — Mas não. O homem deu a sua palavra. O que se vai passar nesta sala?!

ÁLVARES (*aparte*) — Quem será o tratante que abusou da ingenuidade de Margarida?

O CONDE (*aparte*) — Tomara eu ver quem se atreve a requestar Leonor com fins malévolos.

ÁLVARES (*aparte*) — Por ora julgo que não se vê nada.

O CONDE (*aparte*) — Por enquanto está a sala deserta.

ÁLVARES (*espreitando*) — Ninguém.

O CONDE (*o mesmo*) — Nada.

ÁLVARES (*divisando uma cabeça*) — Ah! (*Esconde-se*).

O CONDE (*o mesmo*) — Oh! (*O mesmo*).

ÁLVARES (*aparte*) — Ali está gente.

O CONDE (*aparte*) — Temos o inimigo nas fronteiras.

ÁLVARES (*aparte*) — Há-de ser o tal tratante.

O CONDE (*aparte*) — Deve ser o meu amigo.

ÁLVARES (*aparte*) — Que fará ele ali atrás?

O CONDE (*aparte*) — Medita uma cilada; é certo.

ÁLVARES (*aparte*) — Não sei por que estou a tremer.

O CONDE (*aparte*) — Fiz mal em não vir armado.

ÁLVARES (*aparte*) — Se o homem me descobre, estou perdido.

O CONDE (*aparte*) — Se ele sabe que eu estou aqui! Tremo pela minha segurança.

ÁLVARES (*aparte*) — Já estou arrependido. Esta parte do palácio é tão só!

O CONDE (*aparte*) — E depois esta gente está metida não sei para onde.

ÁLVARES (*aparte*) — Estou a suar.

O CONDE (*aparte*) — O que me vale é ser valente, senão tinha medo.

ÁLVARES (*aparte*) — Se não fosse por minha filha correr risco, safava-me.

O CONDE (*aparte*) — Se se não tratasse de Leonor, não queria saber deste negócio.

ÁLVARES (*aparte*) — Estou capaz de chamar socorro.

O CONDE (*aparte*) — E se eu chamassem alguém?

ÁLVARES (*aparte*) — Mas falta-me a voz.

O CONDE (*aparte*) — Tentemos.

AMBOS (*com voz fraca*) — Oh!

ÁLVARES (*aparte*) — Ai!

O CONDE (*aparte*) — Mau!

ÁLVARES (*aparte*) — Traí -me e...

O CONDE (*aparte*) — Estou descoberto e...

ÁLVARES (*aparte*) — Já agora chamemos.

O CONDE (*aparte*) — Agora não há remédio.

AMBOS — Oh!

ÁLVARES (*aparte*) — Ele responde.

O CONDE (*aparte*) — Quem quer que ó também falou.

ÁLVARES (*aparte*) — Já não estou contente.

O CONDE (*aparte*) — A coisa é séria.

CENA 29."

o CONDE, ÁLVARES, LEONOR e MARGARIDA

LEONOR — O príncipe decerto aproveitou a ausência. Porém deve voltar...

MARGARIDA — O príncipe já aqui não deve estar; mas como ele ficou de voltar...

AMBAS (*vendo-se*) — Ah!

LEONOR — Margarida!

MARGARIDA — Leonor!

O CONDE e ÁLVARES (*aparte*) — Minha, filha? Vigiemos.

MARGARIDA — Tem estado sempre aqui?

LEONOR — Chego agora mesmo. E tu?

MARGARIDA — Como vê. Acabo agora mesmo de entrar nesta sala.

LEONOR — Que vens aqui fazer?

MARGARIDA — Nada; passear como a senhora, julgo eu.  
 LEONOR — Sim, eu também passeio.

ALVARES (*aparte*) — Ai Margarida, Margarida, eu suspeito...  
 O CONDE (*aparte*) — Sempre é certo. Ah! Leonor!

MARGARIDA — Não posso deixar de estranhar esta coincidência de gostos.

LEONOR — É verdade. É estranho!

MARGARIDA (*sentando-se à esquerda*) — Aposto que ainda desejava estar só.

LEONOR (*sentando-se à direita*) — Adivinhaste.

MARGARIDA — Não é difícil. São os meus desejos.

LEONOR — O meio é fácil; parte.

MARGARIDA — Porém desejava ficar aqui!

LEONOR — Ah! Também eu.

ALVARES (*aparte*) — Ah filha, filha!

LEONOR (*aparte*) — Pareceu-me ouvir. (*Alto*): Está aí ainda?

ALVARES (*aparte*) — Ai ela sabe. (*Alto*): Estou, sim, senhora.

LEONOR — Oh, coitado! Isto não tem jeito! Margarida! Eu preciso absolutamente estar aqui só um pouco de tempo.

MARGARIDA — E eu também.

O CONDE — Ai Leonor, Leonor!

MARGARIDA (*aparte*) — Oh! Pareceu-me... Querem ver? (*Alto*): Ainda aí está?

O CONDE (*aparte*) — Quem lho diria? (*Alto*): Ainda.

MARGARIDA (*aparte*) — Oh, meu Deus! Porque não sairia? Foi escusado tudo quanto fiz. E agora?

LEONOR — Então, Margarida?

MARGARIDA — Então, sr.\* condessa?

LEONOR — Sabes que desconfio de ti?

MARGARIDA — E eu da senhora.

LEONOR — Que tens tu para fazer nesta sala para quereres ficar nela a sós?

MARGARIDA — E a sr.<sup>a</sup> condessa que tão fortes razões tem para teimar em não a abandonar?

LEONOR — É a minha vontade.

MARGARIDA — E a minha.

LEONOR (*baixo a Álvares*) — Ela suspeitará que está aí?

ALVARES — Julgo que não.

LEONOR — Mas a sua pertinácia...

ÁLVARES — Eu sempre a conheci assim. É muito teimosa.

LEONOR — Sempre? Que quer dizer isto? Pois acaso o príncipe conhecia-a?

MARGARIDA (*ao conde*) — Acaso a condessa desconfia da sua presença aí?

O CONDE — De modo nenhum.

MARGARIDA — Mas então porque hesita em deixar esta sala?

O CONDE — Porque espera alguém.

ÁLVARES — Em que parará isto? (*Espreitando*): E ela foi-se sentar acolá. É ele, o tal, que está escondido. Estou em ânsias.

LEONOR — Silêncio. Afinal não sei o que o infante me queria.

O CONDE — Onde está Leonor?

MARGARIDA — Sentada ali defronte.

O CONDE — Ah! E o tal meu amigo também lá está. Eu...

MARGARIDA — Um momento. Vou fazer um último esforço.

O CONDE e ÁLVARES — Ah! Esperemos.

[CENA 30.]

ÁLVARES, O CONDE, MARGARIDA, LEONOR e JOÁO DE MENDONÇA

JOÃO DE MENDONÇA — Maldita carta e maldita vida! Desde que cheguei, nem um momento de sossego. Arriscado a ser despedaçado por dois sogros e a um duelo com um impertinente. Irra! É de faltar! Ai Alentejo, Alentejo!

MARGARIDA — João de Mendonça!

LEONOR — O meu noivo!

O CONDE (*aparte*) — Ah! É a voz do sobrinho do priori

ÁLVARES (*aparte*) — Aquele é o meu genro, não há dúvida.

JOÁO DE MENDONÇA — Margarida aqui? Ah! E a sr." condessa também?

MARGARIDA — É a segunda vez que nos vemos depois da sua chegada.

LEONOR — É a primeira que me procura, Sr. João de Mendonça.

O CONDE (*aparte*) — Seria este o tal de quem o marquês falava? Isso grande coisa era.

ÁLVARES (*aparte*) — Querem ver que é ele de quem S. A. receava? Muito me ria se era.

JOÁO DE MENDONÇA — Espero que nem uma nem outra me criminem por uma coisa que, por certo, ambas estimavam.

MARGARIDA — Eu?

LEONOR — E porque havia de estimar?

JOÁO DE MENDONÇA — Porque as visitas do importuno...

O CONDE (*aparte*) — Pois de facto é ele o tal. Mas então quem será o da cadeira?

MARGARIDA — Julga que eu o considero assim?

JOÁO DE MENDONÇA — Nem eu sei o que deva pensar.

ÁLVARES (*aparte*) — É ele o nosso herói, o que esperávamos. Mas o melro ali defronte que estará a lazer?

LEONOR (*aparte*) — Ah, Margarida conhece-o. Vou-me servir dele para livrar o príncipe.

MARGARIDA (*aparte*) — Só ele me pode valer nesta situação; uma vez que é conhecido da condessa.

LEONOR — Sr. João de Mendonça.

O CONDE (*aparte*) — Oh! A rapariga já gosta dele!

JOÃO DE MENDONÇA — Minha senhora!

LEONOR — Uma palavra.

ÁLVARES (*aparte*) — Mau, mau.

JOÃO DE MENDONÇA — Pois não, minha senhora...

LEONOR (*apoioando-se no braço dele*) — Gosta de Lisboa?

JOÃO DE MENDONÇA — É um paraíso.

LEONOR (*baixo*) — Faça por afastar daqui Margarida.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ah! Ela quer...

MARGARIDA (*aparte*) — Que lhe diria ela? (*Alto*): Sr. João de Mendonça.

JOÃO DE MENDONÇA (*largando o braço de Leonor*) — Margarida chamou-me?

ÁLVARES (*aparte*) — Assim, minha filha, assim.

O CONDE (*aparte*) — Não gosto da história.

MARGARIDA — Um momento de atenção.

JOÃO DE MENDONÇA — Mil que sejam.

MARGARIDA — Tem saudades do Alentejo?

JOÃO DE MENDONÇA — Bastantes, mas agora...

MARGARIDA — Faça por afastar daqui a condessa.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ah! Também? É interessante. Portanto afastemo-las ambas. (*Vai a Leonor e oferece-lhe o braço*). Minha senhora!

O CONDE (*aparte*) — Assim, assim. O rapaz tem juízo.

ÁLVARES (*aparte*) — Pelos modos, o rapaz deixa Margarida. Mau!

LEONOR (*baixo*) — Não, eu fico.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Ah, fica? Então... (*Vai a Margarida e o mesmo*). Margarida!

ÁLVARES (*aparte*) — Emendou-se. Ainda bem.

O CONDE (*aparte*) — Volta à outra. Ai, que eu...

MARGARIDA (*baixo*) — Não, eu fico.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Aqui estou eu em sérias dificuldades.

MARGARIDA — Como ficou o reitor quando partiu?

JOÃO DE MENDONÇA — O reitor? Ah! Optimamente!

MARGARIDA — Insista com a condessa.

JOÃO DE MENDONÇA — Vamos lá insistir. (*Vai para Leonor*): Minha senhora! Faz-me V. Ex." o obséquio de aceitar o meu braço?

O CONDE (*aparte*) — Bom, bom.

ÁLVARES (*aparte*) — Mau, mau.

LEONOR (*baixo*) — Já lhe disse que não. (*Alto*): Já viu alguma corrida de toiros em Lisboa?

JOÃO DE MENDONÇA — Ainda não tive esse prazer.

LEONOR — Insista com Margarida. Ande!

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Bom. Vamos lá a ver... (*A Margarida*): Margarida! Então não me dá o gosto de aceitar...?

O CONDE — Mau, mau.

ALVARES — Bom, bom.

MARGARIDA — Então isso que quer dizer? Já lhe disse que não. Ela é que...

JOÃO DE MENDONÇA — Ela também não quer.

MARGARIDA — Já destruíram aquele souto da vizinhança da minha casa?

JOÃO DE MENDONÇA — Está mais belo que nunca.

MARGARIDA — Outra tentativa.

JOÃO DE MENDONÇA — Mas...

MARGARIDA — Já aprendeu a dizer «mas» aos meus pedidos? Está adiantado.

JOÃO DE MENDONÇA — A isto não se resiste. (*Vai a Leonor*): Minha senhora! Peço-lhe por quem é que aceite o meu braço.

O CONDE — Bom, bom.

ALVARES — Mau, mau.

LEONOR — Senhor! Já lhe disse que... A Margarida é que deve...

JOÃO DE MENDONÇA — Mas se ela não quer!

LEONOR — Lamento que não tenhamos agora torneios. Havia de gostar.

\* JOÃO DE MENDONÇA — Estou certo que sim.

LEONOR — Um último esforço.

JOÃO DE MENDONÇA — É inútil.

LEONOR — Então assim cumpre o primeiro desejo que lhe manifesto?

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Por honra da minha província, é preciso levar ao fim esta empresa. (*Vai a Margarida*): Margarida!

ALVARES (*aparte*) — Bom, bom.

O CONDE (*aparte*) — Mau, mau.

JOÃO DE MENDONÇA — Dê o exemplo e pode ser que ela o siga.

MARGARIDA — Tem razão. Mas depois de mim é ela. Vá; aceito, Sr. João de Mendonça.

ALVARES (*aparte*) — óptimo.

O CONDE (*aparte*) — Cada vez pior.

LEONOR — Até que enfim!

MARGARIDA — Agora a ela.

JOÃO DE MENDONÇA (*a Leonor*) — Recusar-me-á o favor que esta senhora já me concedeu?

ALVARES (*aparte*) — Não sei para que é agora aquilo.

O CONDE (*aparte*) — Vá lá. Mas podia andar melhor.

LEONOR — Não há remédio. De outra sorte... Com todo o gosto.

JOÃO DE MENDONÇA — Ora aqui estou eu bem acompanhado.

MARGARIDA — Agora para a direita.

LEONOR — Vamos por a esquerda.

JOÃO DE MENDONÇA — Mau! Torna a coisa a complicar-se.

LEONOR — Por a esquerda.

por JOÃO DE MENDONÇA (*dirigindo-se para a esquerda*) — Vamos lá  
a esquerda.

MARGARIDA (*impedindo-o*) — Por a direita.

JOÃO DE MENDONÇA — Vamos lá por a direita.

LEONOR — Por a esquerda.

JOÃO DE MENDONÇA — Minhas senhoras! Façam por se harmonizar de alguma maneira. Eu estou perplexo. Ah! Uma lembrança. V. Ex." pela direita e a senhora pela esquerda.

LEONOR — Não e não.

MARGARIDA — De modo nenhum.

JOÃO DE MENDONÇA — Visto isso, minhas senhoras, o melhor é ficarmos aqui.

MARGARIDA — Leve-a a ela.

LEONOR — Conduza Margarida só.

JOÃO DE MENDONÇA — É absolutamente impossível.

MARGARIDA (*largando o braço*) — Ora! (*Senta-se à esquerda; aparte*): E fica hoje o príncipe aqui!

LEONOR (*o mesmo*) — Adeus! (*O mesmo à direita; aparte*): Bem; não sai o príncipe da sua posição!

JOÃO DE MENDONÇA — Então deixam-me agora ambas! Interessante!

O CONDE (a Margarida) — Será tempo de aparecer?

MARGARIDA — De modo nenhum agora. Compromete-me a mim também.

O CONDE — Lá isso é verdade. (*Aparte*): Mas quem será o da cadeira?

ALVARES (a Leonor) — Que diz? Que apareça?

LEONOR — Livre-se disso. Não, que era um escândalo.

ALVARES — Está bom. (*Aparte*): Mas que faço eu aqui? E o da cadeira?

JOÃO DE MENDONÇA — Bem; sentemo-nos também. (*Pega numa cadeira e vai para o pé de Margarida*).

MARGARIDA — Para aqui, não; para aqui, não.

ALVARES (*aparte*) — Ela está doida!

JOÃO DE MENDONÇA — Nesse caso... (*Vai para junto de Leonor*).

LEONOR — Ai, não; para este lado, não.

JOÃO DE MENDONÇA — Bom. Então para o meio. (*Senta-se no meio do palco*).

MARGARIDA (*levantando-se*) — São bonitos estes laços que traz no gibão.

JOÃO DE MENDONÇA — Acha?

MARGARIDA — Faça por distrair a atenção da condessa, para aquele lado. (*Vai sentar-se*).

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*). — Se eu entendo uma palavra disto tudo... (*Alto*): Ó sr.\* condessa! Vê aquele edifício muito elevado? Acolá? (*Aponta para a janela*).

LEONOR (*levantando-se*) — Talvez daqui se veja melhor.

JOÃO DE MENDONÇA — Acolá!

LEONOR — Dírija a atenção de Margarida para o lado oposto. Não vejo. (*Vai sentar-se*).

JOÃO DE MENDONÇA — Estou-lhes achando graça! Margarida, vê acolá ao longe aquele barco que desce o Tejo?

MARGARIDA — Eu, não. (*Faz-lhe sinal de que se dirija a Leonor*).

JOÃO DE MENDONÇA — Bom. Sr.<sup>a</sup> condessa! (*Aparte*): Faltava mais esta! Que se arranjam como puderem. Não dou mais uma palavra. Maldita carta! Estou cansado, como depois de uma jornada de vinte léguas. (*Cruza os braços e curva a cabeça*).

LEONOR — Então, Sr. João de Mendonça?

MARGARIDA — Sr. João de Mendonça?

LEONOR — Então?

MARGARIDA — Não ouve?

LEONOR — Aquilo que eu lhe disse?

MARGARIDA — Não se lembra?

ÁLVARES (*aparte*) — Que diabo tem o rapaz que não fala?

O CONDE (*aparte*) — O pateta ensurdeceu.

LEONOR — Oh! Isto não se sofre.

MARGARIDA — É de mais! (*Vão-se a levantar, mas, vendo o movimento uma da outra, sentam-se*).

LEONOR — E vai-se o dia nisto. Pobre príncipe!

MARGARIDA — E o príncipe aqui. Quando me lembro...

JOÃO DE MENDONÇA (*roncando*).

LEONOR — Ele dorme.

MARGARIDA — É o que eu estou vendo.

ÁLVARES (*aparte*) — Dorme! Aquela tem graça!

O CONDE (*aparte*) — O bruto dorme!

LEONOR — Que belo marido! Ah! ah!

O CONDE (*aparte*) — Eu logo vi que ela havia de reparar.

MARGARIDA — Na verdade, é esquisito.

ALVARES (*aparte*) — Que lhe importa, à presumida, que ele durma?

JOÃO DE MENDONÇA (*sonhando*) — Dois sogros,,, e um marquês... duelos... duas mulheres... Que horror!

MARGARIDA — Ele que diz?

LEONOR — Sonha. Respeitai-lhe o sono.

JOÃO DE MENDONÇA — Cada qual impelindo-me para o seu lado... Ai...

## CENA 31 .

o CONDE, ALVARES, MARGARIDA, LEONOR, JOAO DE MENDONÇA,  
O MARQUÊS e D. JOÃO

D. JOÃO (*entrando pelo último plano da direita sem ser visto*) —  
Que se terá passado?

O MARQUÊS (*o mesmo da esquerda*) — Vejamos o efeito da  
minha obra.

D. JOÃO — Alvares lá está. Oh! Mas os outros! A sociedade é  
numerosa. Leonor também! (*Esconde-se atrás da coluna da direita*).

O MARQUÊS — Margarida estava aqui mais os outros? A tragé-  
dia ainda não teve lugar. Ah! ah! (*Oculta-se à esquerda*).

LEONOR — Margarida! Teu pai já te não viu há muito?

MARGARIDA — Há tanto como o da senhora.

ALVARES (*aparte*) — A que vem aquilo agora?

O CONDE (*aparte*) — Onde querem elas chegar?

LEONOR — Porque o não vais ver?

MARGARIDA — E a sr.ª condessa?

JOÃO DE MENDONÇA — O juízo de Salomão só pode decidir.

LEONOR — E não poder acabar com isto!

MARGARIDA — Ficarei aqui eternamente?

LEONOR (*descobrindo o marquês atrás da coluna; aparte*) — Ah!  
O marquês! Ali! Observa-me. Ainda me ama.

MARGARIDA (*vendo D. João; aparte*) — O marquês ali oculto!  
E como ele me olha! Ah! Ama-me ainda. Vê-se.

LEONOR — Ele é amigo do príncipe. Há-de querer livrá-lo. Se eu  
lhe falasse... ?

MARGARIDA — Se eu dissesse ao marquês que o príncipe está ali,  
talvez pudesse fornecer-lhe meios de sair de lá.

LEONOR — Vou falar-lhe.

MARGARIDA — Experimentemos. (*Levantam-se e dirigem-se para  
lados opostos. Cruzam-se a meio do palco*).

AMBAS — Ah!

LEONOR — Ainda?

MARGARIDA — Outra vez?

LEONOR — Aonde vais?

MARGARIDA — E a senhora?

LEONOR — Aquela coluna.

MARGARIDA — E eu àquela.

LEONOR — Fazer o quê?

MARGARIDA — E a senhora?

LEONOR — Examiná-la. Eu aprecio a arquitectura.

MARGARIDA — É como eu. O mesmo fim me conduz.

LEONOR — Mau, mau.

D. JOÃO (*aparte*) — Margarida viu-me. Quer-me falar. Que o outro me não veja.

O MARQUÊS (*aparte*) — A condessa dirigia-se para mim. Ocultemo-nos de Margarida.

LEONOR — Prometes não passar da coluna? (*Aparte*): Dali não o pode ver.

MARGARIDA — Que tem que passe?

LEONOR — Depois tu direi.

MARGARIDA — Prometo se me fizer igual promessa.

LEONOR — Ah! Também? Mas que motivos...

MARGARIDA — Ficarão também para depois se dizerem.

LEONOR — Empenho a minha palavra.

MARGARIDA — E eu a minha, (*Dão as mãos*).

JOÃO DE MENDONÇA — Não me entendo com duas noivas.

D. JOÃO (*aparte*) — Ei-la comigo.

O MARQUÊS (*aparte*) — Enfim, procura-me.

MARGARIDA (*ocultando-se por detrás da coluna*) — Então que faz aqui?

D. JOÃO — Contemplava-a, ingrata!

LEONOR (*o mesmo*) — Aqui tão escondido, marquês!

O MARQUÊS — Se me não quer ver, Leonor...

MARGARIDA — Ama-me ainda?

D. JOÃO — E pergunta-o!

MARGARIDA — Vai prová-lo.

D. JOÃO — Estou pronto.

LEONOR — Marquês? Oferece-se uma ocasião de se mostrar digno de que o amem.

O MARQUÊS — Venha ela. Ainda que...

MARGARIDA — Promete guardar segredo?

D. JOÃO — Prometo.

MARGARIDA — Bem. O príncipe está acolá escondido. É preciso que o livre dali sem o comprometer.

D. JOÃO (*aparte*) — O príncipe! Chama príncipe ao marquês? Então...

LEONOR — É amigo do príncipe. Não deve querer que ele seja o alvo de zombaria.

O MARQUÊS (*aparte*) — Já sei onde ela quer chegar. (*Alto*): Não, por certo!

LEONOR — Nesse caso, livre-o. Está ali escondido.

D. JOÃO — Mas então o príncipe está ali?

MARGARIDA — Atrás daquela cadeira.

D. JOÃO — Quem o pôs lá?

MARGARIDA — Escondeu-se porque estava falando com a sr." condessa.

O MARQUÊS — E ainda me diz isso, Leonor?

LEONOR — E porque não?

O MARQUÊS — Que faz ali o príncipe?

LEONOR — Foi uma veleidade. Tinha-me marcado uma entrevista.

O MARQUÊS — Com que fim?

LEONOR — Ignoro-o.

O MARQUÊS — Ignora-o?

LEONOR — Eu lhe digo o que sei.

D. JOÃO — E como me chamo eu, então?

MARGARIDA — A que vem agora essa pergunta?

D. JOÃO — Mas diga.

MARGARIDA — O marquês de Marialva. Julga que lhe não sei o nome.

D. JOÃO — Ah! Eu sou... sim... é verdade. Visto isso, aquela carta... desta manhã... Lembra-se?

MARGARIDA — Lembro. Esqueci-a na mesa. Era inútil depois da conversa.

D. JOÃO — Ah! E o marquês a julgar... Agora é que eu me rio.

MARGARIDA — Mas livre o príncipe.

D. JOÃO — Espere; oiça.

O MARQUÊS — Receio, que me minta.

LEONOR — Então que dúvida é essa?

O CONDE (*aparte*) — Para onde foram eles?

ALVARES (*aparte*) — Que diabo farão as raparigas?

O CONDE (*aparte*) — Oh! Lá está a tal cabeça.

ALVARES (*aparte*) — O homem da cadeira, ainda.

O MARQUÊS — E a carta desta manhã?

LEONOR — Que carta?

O MARQUÊS — Meu querido João.

LEONOR — Ah! Leu-a? Ah! ah!

O MARQUÊS — E ri-se!

LEONOR — Causou-lhe ciúmes?

O MARQUÊS — E pergunta-o!

LEONOR — Conseguí o meu intento.

O MARQUÊS — Ah! Então...

LEONOR — Pois pode conceber que se ame aquele homem?

O MARQUÊS — Ah! Pois o tal João...

LEONOR — É aquilo.

O MARQUÊS — E o infante a julgar... Ah! ah! ah!

LEONOR — Agora livre o príncipe-

D. JOÃO — Ora vamos libertar o nosso prisioneiro.

MARGARIDA — Mas sem que se veja.

D. JOÃO — Temos muito que libertar.

MARGARIDA — Que fará ali a condessa? Desconfiada!

O MARQUÊS — Corro em auxílio do infante.

LEONOR — Mas às ocultas.

O MARQUÊS — Hei-de livrá-lo e a mais alguém.

LEONOR — E Margarida ainda ali! Que tem ela? Espia-me!

ÁLVARES (*aparte*) — Eu já não posso mais. Estou cansado.

O CONDE (*aparte*) — Eu nem me tenho em pé.

JOÃO DE MENDONÇA (*aparte*) — Diabos levem a Corte!

D. JOÃO (*descendo o palco com Margarida*) — Mãoz à obra!

O MARQUÊS (*o mesmo com Leonor*) — Vamos. (*Encontram-se no meio. Espanto.*)

D. JOÃO — O marquês?!

O MARQUÊS — O príncipe?!

LEONOR e MARGARIDA — O príncipe?!

LEONOR — Mas então quem está ali?

MARGARIDA — Quem estava ali então? Meu Deus!

D. JOÃO — Ali sei eu, mas ali...

O MARQUÊS — Acolá faço ideia; porém ali... (*Vao cada um para lados opostos.*)

D. JOÃO — O conde de Vilares, aqui?!

O CONDE (*aparte*) — Que contratempo!

O MARQUÊS — Alvares?!

ÁLVARES (*aparte*) — Estou arranjado!

MARGARIDA e LEONOR — Meu pai!

D. JOÃO e O MARQUÊS — Ah! ah! ah!

D. JOÃO — Compreendo, marquês.

O MARQUÊS — Compreendo também a V. A.

MARGARIDA — A V. A.? Pois aquele é...? (*Fica espantada.*)

O CONDE (*detrás da cadeira*) — Ah! Era você que estava aí, seu tratante?

ÁLVARES (*o mesmo*) — O sr. conde é que se tinha colocado aí? Sempre me há-de aparecer.

LEONOR — Mas que significa isto?

O CONDE (*a Álvares*) — É uma infâmia daquele homem.

D. JOÃO — Está bom. Façam as pazes.

ÁLVARES — E o que V. A. viu e...

D. JOÃO — Psiu! Isso que fique entre nós ambos.

MARGARIDA — V. A.? É o príncipe?!

O CONDE — Sr. marquês! Pode explicar...

O MARQUÊS — Quando for seu genro, eu esclarecerei tudo.

D. JOÃO (*apontando Margarida*) — Genro?! E a carta?

O MARQUÊS (*apontando para João de Mendonça*) — Eis quem se devia regozijar com ela se fosse verdadeira.

D. JOÃO — Ah! Pois...

O MARQUÊS — Leonor explicou-me tudo. Era uma vingança.

D. JOÃO — Sim?

O MARQUÊS — V. A. estava infeliz.

D. JOÃO — Não muito. O marquês da tua carta era eu.

O MARQUÊS — Como?

D. JOÃO — E tu o príncipe, meu caro. Um equívoco da educanda.

O MARQUÊS — Pode ser, mas...

D. JOÃO — Casei-te, pois, com a condessa. Espero, sr. conde, que faça feliz sua filha tornando-a marquesa de Marialva.

O CONDE — A falar a verdade, este outro não teve juízo.

D. JOÃO — E eu adiantarei a fortuna do marquês.

O CONDE — Ah, sim? O marquês é meu genro.

ÁLVARES — Estou livre daquele.

D. JOÃO — Margarida vai falar à rainha para o lugar de...

MARGARIDA — Perdão, mas peço a V. A., ao príncipe herdeiro da coroa...

D. JOÃO (*aparte*) — Represálias. Ela tem razão.

MARGARIDA — Que, em vez desse lugar, me dê a permissão de me retirar à minha província.

ÁLVARES — O quê?

MARGARIDA — Casando-me com este meu verdadeiro amigo.

ÁLVARES — Mas à província para quê?

D. JOÃO — Então quer-nos deixar?

MARGARIDA — E V. A. não aprova?

D. JOÃO — Seja. Talvez tenha razão. Mas julgo que não vai com muitas saudades.

MARGARIDA — Felizmente, não, que se lhe atalhou a tempo.

D. JOÃO — E em quanto ao noivo... Não sei se as suas ambições de glória o deixarão acompanhá-la ao Alentejo.

ÁLVARES — Talvez, e eu vou também. João, meu filho, acorda para casar com minha filha.

JOÃO DE MENDONÇA — Hem? Que é?

LEONOR — O sono é mais forte que o amor.

O MARQUÊS — É um excêntrico.

ÁLVARES — Acorda para casar.

JOÃO DE MENDONÇA — Com qual das duas me querem casar?

MARGARIDA — E podia escolher?

JOÃO DE MENDONÇA — Não, Margarida! Só a ti é que eu amo, mas não caso.

D. JOÃO — Não casa?

JOÃO DE MENDONÇA — Ah! V. A. está aqui? Melhor. Não caso senão com a condição de irmos já, já viver para o Alentejo.

D. JOÃO — Ah! Também quer?

MARGARIDA — Bem vê V. A.

D. JOÃO — Vão, vão e sejam felizes.

ÁLVARES — De quem era o genro, sr. conde?

O CONDE — Ora! De quem havia de ser? Um plebeu!

ÁLVARES — O mais rico herdeiro do Alentejo.

LEONOR e MARGARIDA — E o amor do convento?

MARGARIDA — Uma criancice. Mas, sossegue, que não era o marquês.

LEONOR (*olhando para o príncipe*) — Ah! Então...

MARGARIDA — Bem vê que era criancice.

O MARQUÊS — Quem venceu, afinal, meu príncipe ?

D. JOÃO — Eu, que fiquei solteiro.

JOÃO DE MENDONÇA — Leve o Diabo a Corte e vamos para o Alentejo.

FIM DA COMÉDIA

FIM

## ÍNDICE DO VOLUME II

	Pág.
SERÓES DA PROVÍNCIA .....	5
ADVERTÊNCIA .....	7
Justiça de Sua Majestade .....	9
I — Fervet opus ! .....	9
II — Em que travam conhecimento algumas personagens desta história .....	15
III — Confidências recíprocas .....	24
IV — Fogos de mocidade .....	33
V — A heroína deste romance na casa de campo de José Urbano .....	42
VI — A heroína do romance — A açorda do major .....	48
VII — A visita inesperada .....	53
VIII — O encontro inesperado .....	85
IX — Explicações — Não há justiça como a justiça de sua majestade .....	74
As apreensões de uma mãe .....	83
O espólio do senhor Cipriano .....	135
Os novelos da tia Filomela .....	153
Uma Hor de entre o gelo .....	201
POESIAS .....	235

### PRIMEIRA PARTE

A meu irmão .....	241
A morte do Poeta .....	246
Uma recordação .....	250
És bela .....	252
• * .....	253
Saudade e esperança .....	255
Visão .....	258
Morena .....	259
Momento decisivo .....	261
Culto secreto .....	262
Enfim .....	264
Metamorfose .....	268
* * .....	269
A cabreira .....	271
Nuvens .....	274
Lava oculta .....	276

	Págs.
Presságio.....	280
Junto a uma campa.....	283
A esperança.....	286
Iludamo-nos.	289
O anjo da guarda da infância.....	290
Hino da amizade.....	294
Voz de simpatia.....	299
O destino da lira.....	302
* * * * .....	303
Nova Vénus.....	305
* * * * * .....	306
Desesperança.....	307
Símilia similibus.....	311
História de uns beijos.....	312

## SEGUNDA PARTE

A J. **.....	317
A noiva.....	319
O despertar da virgem.....	324
Quinze anos.....	326
O bom reitor.....	328
Iniciação.....	331
A jovem mãe.....	333
A vida.....	336
Trigueira.....	337
A intercessão da Virgem.....	339
Meteoro.....	343
A despedida da ama.....	344
No altar da pátria.....	346
Hino ao tabaco.....	351
Teresa.....	354
Num álbum.....	357
Sonho.....	358
A noviça.....	359
O castigo de Deus.....	361
No baile.....	366
Terça-feira.....	368
A inglesa.....	379
Amel e Pennor.....	384
O carvalho da floresta.....	386
Os pais da noiva.....	390
A esmola do pobre.....	393
A tecedeira.....	395
Ao deixar a aldeia.....	398
A folha solta do olmeiro.....	401
No teatro.....	404
Devaneio peninsular.....	409
Em horas tristes.....	412
A andorinha ferida.....	414
O juiz eleito.....	417
Fim de um sonho.....	421
No trânsito de uma noiva.....	423
C. * * .....	426
As andorinhas.....	427
O palhaço velho.....	430

## Págs.

Aquela velha.....	434
Remorsos.....	436
Na Madeira.....	439
No rio.....	441
Dispersas.....	443

## TERCEIRA PARTE

Uma explicação prévia.....	449
Sonho ou realidade ?.....	451
Não te amo.....	454
Penso em ti!.....	456
Cismando.....	458
Evocação à tempestade.....	459
A romeira.....	461
Cantares.....	463
Prece do coração.....	464
Melancolia.....	466
Não posso.....	469
Aurora de arrependimento.....	471
As mulheres.....	478
Exaltação.....	488
Uma consulta.....	490
Profissão de fé.....	493
Um parecer.....	495
Aparências.....	497
Desalento.....	499
Desespero.....	501
O destino das flores.....	504
Falsos amigos.....	505
Oração do reitor.....	506
Excertos.....	511
INÉDITOS E ESPARSOS.....	521
Carta do Visconde de Castilho.....	523
Notas.....	527
Cartas de Faustino Xavier de Novais.....	537
Ideias que me ocorrem.....	541

## Escritos incompletos:

Bolo quente.....	557
O romance de um guarda-barreira.....	567
O ramo das maias.....	570
Pecados literários.....	575
Um retábulo de aldeia.....	577
A excelente senhora (?).....	579
Esboço de programa para «A vida nas terras pequenas».....	597
A vida nas terras pequenas.....	601
O canto da sereia.....	615

## Trechos:

I —D. Doroteia.....	643
II—As duas manas.....	648
III—A chegada.....	656
IV—Valentim.....	660

	Págs.
V — O pequeno Angelo.....	666
VI — Apresentação.....	668
Crias literárias:	
Coisas verdadeiras.....	675
Coisas inocentes.....	686
A ciência a dar razão aos poetas.....	691
Acerca de várias coisas.....	706
Impressões do campo.....	716
Uma das minhas madrugadas.....	739
Amas, mestras e maridos.....	752
Para minha família.....	760
A ilha da Madeira.....	768
Cartas particulares:	
A seu pai quando teve notícias da sua nomeação de demonstrador da Escola Médica do Porto.....	777
A seu pai, de fins de Março de 1868, depois da representação das «Pupilas» em Lisboa.....	779
A sua sobrinha Anitas.....	781
A seu primo José Joaquim Pinto Coelho.....	792
A sua madrinha D. Rita de Cássia Pinto Coelho.....	800
A Alexandre Herculano.....	812
Ao Visconde de Castilho (Júlio).....	814
A José Pedro da Costa Basto.....	820
A João Pedro Basto.....	828
A Eugénio Luso.....	839
A Custódio Passos.....	841
Teatro:	
I — o Casamento da Condessa de Amieira.....	909
II — o último baile do Sr. José da Cunha.....	949
III — Os anéis ou inconvenientes de amar à escurias.....	977
IV — As duas cartas.....	1009
V — Similia similibus.....	1065
VI — Um rei popular.....	1101
VII — Um segredo de família.....	1161
VIII — A educanda de Odivelas.....	1251

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Aeronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)

[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)

[Baixar livros de Literatura Infantil](#)

[Baixar livros de Matemática](#)

[Baixar livros de Medicina](#)

[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)

[Baixar livros de Meio Ambiente](#)

[Baixar livros de Meteorologia](#)

[Baixar Monografias e TCC](#)

[Baixar livros Multidisciplinar](#)

[Baixar livros de Música](#)

[Baixar livros de Psicologia](#)

[Baixar livros de Química](#)

[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)

[Baixar livros de Servico Social](#)

[Baixar livros de Sociologia](#)

[Baixar livros de Teologia](#)

[Baixar livros de Trabalho](#)

[Baixar livros de Turismo](#)